
3 1761 04412 2521

MENDES DOS REMEDIOS

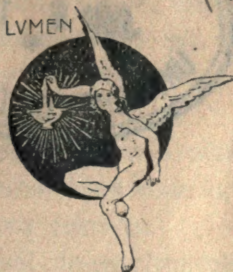
HISTÓRIA

DA

LITERATURA PORTUGUÊSA

DESDE AS ORIGENS ATÉ Á ACTUALIDADE

QUARTA EDIÇÃO REFUNDIDA



COÍMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

1914

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Ao ter de escrever para esta segunda edição da minha *Historia da Literatura Portuguesa* algumas palavras explicativas do método e plano que adoptei, o que propositadamente na primeira edição não fiz, logo me ocorreu o que Brunetière, o grande mestre da história da literatura de França, ha bem poucos anos ainda, e em trabalho de idêntica espécie, escrevia: « *Um livro desta natureza só se torna tudo o que pode ser á força de muito tempo e só, principalmente, com a indulgência e colaboração do público* » [1].

O meu livro quase duplicou o número de páginas, não obstante eu querer manter-me invariavelmente na mais estrita e rigorosa concisão.

Mas um tal ou qual desenvolvimento, dentro dêsses limites, era-me, por assim dizer, impôsto pelo conselho ilustrado daquêles que ou professam oficialmente o ensino da literatura pátria, ou a ela, por amor, consagram as suas canseiras intelectuaes. Na Escola Normal de S. Paulo dos Estados-Unidos do Brasil encontrou

---

[1] *Manuel de l'Histoire de la Litt. française,* Paris, 1899, 1 vol, pag. VIII.

também este livro acolhida amistosa e benévola, sendo adoptado como canon das prelecções.

Para lá como para as escolas da metrópole, onde foi ou compêndio de aula ou sómente guia didascálico, de conveniencia era que ele saísse para fóra dos limites avaros da primeira edição. Foi o que fiz, alongando o texto e dando consideravel desenvolvimento aos « *Documentos* » que o ilustram e esclarecem. Esses documentos constituem uma *Antologia* de prosa e poesia portuguesa, seleccionada no rico escrínio da nossa lingoa. Indicações biográficas e bibliográficas indispensaveis a todos os que trabalham no campo sáfaro das letras, da história ou da critica, escolha apropriada das individualidades que perpetuaram a sua memória por algum trabalho literário, importante, forcejei por não omitir, esquecer ou deturpar. E assim, se este meu livro não é ainda tudo o que eu quisera que ele fôsse, é já alguma cousa do que era preciso que houvesse entre nós — uma síntese, tanto quanto possivel exacta, do movimento evolutivo literário de Portugal, metodicamente exposto desde as suas origens até nossos dias. O estudo da história da literatura sofre, desde poucos anos, uma larga e profunda transformação em virtude das tentativas feitas para o sujeitar ao método evolucionista, de tam fecunda e vitoriosa aplicação em diferentes ramos das sciencias. A hipótese de Darwin e Haeckel vai, também nesta provincia de estudos, ganhando adeptos convictos. « Se é sempre bom, escreve o já citado Brunetière, desconfiar um pouco das novidades e esperar, sobretudo para as fazer entrar no ensino, que elas tenham, consoante a palavra incisiva de Malebranche, barba no queixo, podemos estar certos de que, agora, passados vinte e cinco ou trinta anos, a doutrina da evolução deve ter tido em si o que quer que seja que

justifique a sua fortuna. Concedo que amanhã, talvêz, ela seja desapossada da sua popularidade de um momento por outra doutrina ou hipótese — posto que, no fundo, o esteja longe de acreditar. Entretanto, desde que ela reina não encontro vantagem em que se queira fingir que se ignora a sua existencia e, pois que já sabemos o que a história natural geral, a história e a filosofia com ela aproveitaram, quisera examinar se a história literária e a crítica não poderiam também por sua vez utilizá-la ».

Nos seus trabalhos: *L'évolution des genres* [1]; *L'évolution de la poésie lyrique en France au XIXe siècle* [2]; *Études critiques sur l'histoire de la litterature française* [3], tratou Brunetière de fazer a aplicação da sua teoria, que na Alemanha Adolphe Bartels acaba de seguir na sua *Geschichte der deutschen Litteratur* [4]. O mesmo processo vai pouco a pouco ganhando terreno na Rússia, na Inglaterra, na Itália e nos Estados-Unidos da América do Norte. Assim se vai extendendo á Literatura o processo que já se começou a adoptar para a História geral e para a Geografia, donde fôram desterradas as ladaínhas de nomes, as definições empíricas, e se afastou tudo o que era arbitrário e artificial. Mas é certo que o método tem aínda uma aplicação restrita, sendo por isso que o sr. Th. de Wizewa, o crítico que mais tem vulgarizado em França o conhecimento das literaturas estranjeiras, se lamentava ainda ha pouco por a Alemanha não possuir uma história da literatura, que obedecesse á orientação de assinalar as épocas sucessivas da evolução dos diversos

[1] 1 vol., Paris, 1898.
[2] 2 voll., Paris, 1901.
[3] 6 voll., Paris, 1896.
[4] 2 voll., Leipzig. 1903.

géneros, tomando ao mesmo tempo conta do caracter próprio de cada um dêsses géneros e da influência recíproca dos géneros entre si. Assim encarada a tarefa a realizar, se ela é dificil para países como a França ou como a Alemanha, a Itália ou a Inglaterra, onde os estudos e as monografias particularizadas já abundam ha muito, que diremos do nosso onde tam vasto é ainda o campo de exploração, que o viajante que por ele se aventura tantas vezes se encontra só ou quase desajudado?

* * *

Efectivamente para nós, portugueses, um dos maiores obstáculos para o estudo das obras literárias daqueles que souberam crear-se e crear-nos nome imorredouro deriva da dificuldade, e ás vezes até, da impossibilidade de haver á mão essas obras. Para vergonha nossa não possuimos ainda hoje uma *Biblioteca Portuguesa*, vasto colectório que abrangesse todas as belas obras escritas na nossa lingoa, desde os seus inicios até a atualidade. As queixas já formuladas no século XVII por D. Francisco Manoel de Melo poderam com rigorosa verdade ser repetidas ha sessenta e seis anos por Antonio Feliciano de Castilho, e hoje ainda as podemos perfilhar. A própria Espanha, que muitos portugueses tam erradamente avaliam, mas que tam superiormente se nos avantaja até no esforço para se salvar dos desalentos gravissimos, de que tem sido vítima, como ainda ha mêses apenas na reforma do seu ensino superior, tem ha muito a sua *Biblioteca de Auctores Españoles desde la formacion del lenguaje hasta nuestros dias* [1], reproduzindo aí, precedidos de estudos, muitos de importante e esmerado labor, as

[1] Madrid, Rivadeneyra, 1864-1898, 67 voll.

melhores obras que desde a origem engrandeceram no campo das letras, honrando-o, o nome da pátria espanhola. Uma vez realizada uma emprêsa como esta de Rivadeneyra, o estudioso encontra nela, desde princípio, o ponto de partida e a base das suas próprias investigações. Um vasto campo fica depois a explorar e a percorrer — na autenticidade e rigor dos textos, no valor e alcance das suas afirmações, em mil pontos de minúcia, ás vezes importantes, como o logar da impressão ou a data do seu aparecimento — outros tantos problemas de que se ocupará o bibliógrafo, o crítico ou o historiador. Mas nada se poderá fazer sem a leitura dos próprios livros daqueles que marcaram época ou fizeram sentir a influência da sua obra nas gerações que se lhe seguiram. E têmo-las, a essas obras, não direi vulgarizadas, como seria para desejar, mas dispostas ou acomodadas sequer a uma consulta facil e expedita? E' vergonha confessá-lo, mas é vergonha maior que tal confissão seja exacta. Onde estão os nossos *cronicões?* Que fizemos ou tentámos fazer até hoje para os tornar manuseados? Que é feito da riqueza dos nossos Cancioneiros? Temos acaso uma edição metódica, geral e scientifica? Os nossos clássicos, um Vieira, um Barros, Goes, D. Francisco Manoel de Melo, e tantos outros estão acaso editorados de fórma a poderem ser lidos e compulsados? [1]

---

[1] Quando teremos nós uma *Biblioteca Portuguesa?* Dizia já no século XVII D. Francisco Manuel de Melo: « ... *procurei por mim mesmo e depois persuadi a algumas pessoas doutas publicassemos uma Bibliotheca Lusitana de auctores modernos: novamente estimulado da falta que padecemos nesta parte...* » (*Cartas*, 328). E Ferdinand Denis: « ... *M. de Sismondi s'est plaint avec juste raison de la rareté des divers ouvrages portugais* » (*Resumé*, etc., XXIII). Por quanto tempo continuaremos nesta situação vergonhosa?

E não fôsse a colaboração dalguns beneméritos estranjeiros e mais pungente seria ainda a vergonha!... E' vêr.

Garcia de Resende esperou tresentos e trinta anos para ter uma edição legivel, na *Bibliothek des Literarischen Vereins in Stuttgart.*

Deve-se ao italiano Mónaci a edição rigorosamente diplomática do *Cancioneiro da Vaticana* (1 vol., Halle, 1875).

Foi o Dr. Lang quem nos deu a melhor edição das poesias de D. Denis no *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal.*

E' a Priebsch que devemos o prazer de lêr Pedro de Andrade Caminha numa belissima edição da Casa Max Niemayer, de Halle.

E' á sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *essa fada benefica que a Alemanha enviou a Portugal para ilustrar gloriosamente as letras peninsulares*, como dela escreveu Menéndez y Pelayo, que nós devemos esses estudos duma tam vibrante erudição — *Sá de Miranda* (1 vol., Halle, 1885), *D. Maria de Portugal* (1 vol., Porto, 1901), *Pedro de Andrade Caminha* (1 vol., Paris, 1901), a *Historia da literatura portuguesa* no « *Grundriss de Gröber* », etc., etc.

* * *

Eis aqui uma emprêsa verdadeiramente patriótica pela grandeza e pelo alcance a que visa, muito acima das alicantinas da política em que vam sossobrando tantas vontades — a publicação duma Biblioteca Lusitana, dure ela vinte ou trinta anos, haja ela de durar um século. E' nessas numerosas obras imorredouras, que está a nossa grandeza descrita e exaltada. Lá se encontram os

nossos pergaminhos de nação autónoma e civilizada, lá as melhores pérolas do nosso erário. Tudo se desfez já nas ressacas do tempo — a nossa supremacia de conquistadores e de viajantes esvaiu-se como ténue neblina ao dardejar do sol; a nossa alma de marinheiros intrépidos dessorou-se, alanceada nas agruras da pobreza; a fama de reis da grandeza máscula dum João 2.º, da felicidade um pouco aventurosa dum D. Manuel 1.º, ou até mesmo da riqueza deslumbrante dum João 5.º, é hoje, o quê? apenas um éco a repercutir-se entre saudades e recordações. Volver os olhos para o passado, não como contemplativos estéreis, mas como quem nêsse relancear fôsse descobrir a *vis mystica* duma nova alma, tal o imperioso e mais nobre dever que se impõe aos dirigentes do nosso país.

Não falo já numa emprêsa complementar desta — a de missões scientíficas que nas bibliotecas de Londres, Paris, Roma, Berlim, Rio de Janeiro, etc., inventariassem tudo quanto lá houvesse de importante relativamente á história política, religiosa e literária de Portugal, para depois ser dada á luz da publicidade. Abriu-se a Biblioteca do Vaticano para tantos países da Europa, e só Portugal, que tam grandes e intimas relações manteve com a Santa Sé em todos os tempos, pareceu desconhecer ou ignorar até hoje a existencia dessa generosa e tolerante medida ditada pelo espírito lucidíssimo de Leão XIII! Mas, enfim, que desprezemos os importantes manuscritos que no British Museum, na Biblioteca Vaticana ou noutra parte possam existir, dificilmente se compreende, quando se pensa que o Estado não póde impôr-se a missão do analfabeto ou de impenitente prevaricador em matéria de instrução, mas o que é inteiramente incompreensivel é que se não pense em

reabilitar a memória dos que foram e nos ajudaram a ser grandes, e nos crearam um nome honroso na esfera da mentalidade humana. O governo ou o menistro que compreender esta missão, a mais alta e a mais proficua que possa imaginar-se, prestará um serviço relevantíssimo á Patria.

* * *

O desconhecimento, senão o desprezo das obras dos que nos precederam entra na sua cota parte na decadência literária, que ao presente atravessamos. Ignorando a riqueza que de portas a dentro possuimos, voltamo-nos para a miséria lantejoulada de fóra. Tudo se abastardou numa galolatria pavorosamente ridícula — o jornal, a revista, o livro, as modas, a educação... Muito mais do que no tempo do galhofeiro Cruz e Silva pode-se atualmente dizer:

Ao pé de cada canto, hoje sem pejo
Se tratam de Monsieurs *os Portugueses.*

Vai tambem filiar-se em parte num desconhecimento do passado a importação última que fizemos em literatura, pretendendo em vão aclimatar uma escola esótica, sem ideal próprio, que deslumbrou talvêz pelas logomaquias de verdadeiros convulsionários lecsicográficos — a escola simbolista ou decadente. Essa escola teve entre nós a mais efémera das durações. O seu primeiro e mais ilustre representante reconheceu bem depressa que o esoterismo poético, de que se fizera arauto, conduzindo necessariamente a uma obra *artificial*, só podia ser perigosa á glória dos que o adoptassem. Paul Verlaine, que os simbolistas tanto gostam de invocar como mestre, não encontrou o seu título incontestavel de grande burilador

do verso moderno francês no que se diz que ele pode ter de semelhante ou aproximado dessa escola. Quer isto dizer que em França, onde o simbolismo surgiu, mercê de influências diversas — desde a acção da obra do torturado Beaudelaire até ao deslumbramento produzido pela obra musical de Wagner e aos quadros dos prerafaelitas — e em Portugal, que tam depressa procurou fazer a sua adaptação, não tenha essa doutrina sectários realmente notáveis e de vigorosa personalidade [1]? De modo algum; mas o que tambêm se pode e deve dizer é que a glória de taes poétas não se estriba nos trabalhos que, quando alistados sob essa bandeira, eles publicaram por entre o pasmo do pùblico inconsciente. Como essa escola, pelo menos entre nós, não procurou o seu fundamento na natureza da arte poética, como demais não correspondia a uma necessidade, consoante aconteceu com a tendência naturalista, que foi pouco a pouco desterrando o romantismo, a arte dos decadentes desapareceu arrastando na sua queda a reviviscencia do gongorismo, donde derivou grande parte da sua fortuna, direi melhor, do escândalo que á volta de si produziu. Esses poétas voltaram á sua inspiração natural e própria e por ela se deixaram conduzir.

[1] Para o estudo dos poétas simbolistas será preciso consultar, àlêm das suas revistas, como o *Mercure de France, Ermitage, Revue Blanche,* etc., Jules Tellier, *Nos poètes,* Paris, 1888 (Dupret); Charles Morice, *La literature de tout à l'heure,* Paris, 1889, (Perrin), Van Bever et Paul Leautaud, *Anthologie de poètes récents* (ed. do *Mercure de France,* 1900); a *15ième leçon* de F. Brunetière na *Evolution de la poésie lyrique en France au dix-neuvième siècle,* II, pag. 231 e seg.; um artigo muito interessante de Camille Mauclair em *La Révue,* n.º 13 de 1 julho de 1902, pg. 69; Gustave Kahn, *Symbolistes et Décadents,* Paris, 1902 (Vanier).

Reconheceram que quando se quer sujeitar inflexivelmente uma obra de imaginação ás regras duma escola se faz obra artificial, e por isso mesmo falsa. Só pelo estudo consciencioso das nossas riquezas tradicionaes e escritas, pela fecundidade da própria inspiração, pelo génio e pela fantasia individuaes, é que o verdadeiro poéta poderá elevar-se acima da craveira dos simples versejadores impertinentes, e nunca, seguramente, pela importação de qualquer escola, mais ou menos em moda, mas de efêmera e pouca gloriosa duração em regra geral.

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Este livro tam cheio de biografias tem também a sua, e não das menos instrutivas, nem das menos edificantes como lição a aproveitar e a meditar. Mas não será nesta hora de desalento moral, que eu hei-de deixar aqui traçada, na asa negra do meu pessimismo, essa desalentadora biografia. Eu direi aqui tam sómente desta terceira edição, e dos propósitos com que nela trabalhei assiduamente durante mêses. Tanasinha a anterior acabava de saír dos prelos, logo os reparos próprios e de pessoas amigas acudiam pressurosamente, fazendo notar aquilo que a minha insuficiencia não podera suprir, ou o que a natureza do trabalho, e o fim que eu me propusera de si próprios apresentavam.

Aos que percorrerem o meu livro com alguma atenção deparar-se-lhes ha em breve quanto eu fui docil aos conselhos que me deram e quanto ganhei com o estudo, a meditação, a leitura e a crítica das obras daqueles de quem tinha de falar mais ou menos longamente.

Quase não ha página em que, quer a consciência da exactidão e da verdade histórica, quer a clareza e o método dum livro que é, e eu quero que seja e se conserve, fundamentalmente didáctico, me não obrigassem a modificações, ás vezes bem fundas e extensas.

Foi necessário tomar conta até mesmo de pontos de minúcia [1] e sobretudo dos novos trabalhos publicados, uns dentro do país, outros lá fóra, no estrangeiro, alguns dos quaes sam basilares na história literária portuguêsa.

Seja-me permittido notar entre todos essa obra simplesmente admiravel de erudição, saber, clareza e documentação bio-bibliográfica, publicada pela Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos com o titulo — *O Cancioneiro da Ajuda*, tantas vezes citado no primeiro capítulo do meu livro.

E' sempre uma tortura querer condensar em algumas poucas páginas materia que de si pede mais e sempre justificadas ensanchas.

Desta pouquidão de espaço me vingo eu apelando para os trabalhos complementares desta síntese, a alguns dos quaes tenho aposto estudos que ainda assim não desdizem da sobriedade que sempre estimei. Refiro-me á colecção *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, de que ha já publicados os seguintes volumes:

I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manoel de Melo (Exgotado).

II. — Poesias inéditas de D. Tomás de Noronha, poéta satírico do século XVII.

III. — Lusiadas (2.ª ed. anotada, para as escolas).

---

[1] Veja-se a pg. 125, [142 da atual] nota 2 dêste meu livro. E' agora preciso acrescentar que a opinião do sr. Gonçalo da Gama foi solidamente combatida pelo sr. Jordão de Freitas em artigos publicados no *Portugal* no n.º de 2 de junho de 1907 e no de 8 de setembro tambem de 1907, transcritos em *O Oriente Portuguès* no tomo do mesmo ano.

IV. — Foguetario (poema heroi-comico), de Pedro de Azevedo Tojal.

V. — Vida do Grande D. Quixote de La Mancha e do gordo Sancho Pança (opera jocosa), de Antonio José da Silva.

VI. — Guerras do Alecrim e Mangerona (opera joco-seria), de Antonio José da Silva.

VII. — Sentenças de D. Francisco de Portugal, 1.° Conde de Vimioso, seguidas das suas poesias, publicadas no « Cancioneiro de Garcia de Rezende ».

VIII, IX e X. — Consolaçam ás Tribulaçoens de Israel, por Samuel Usque.

XI. — Obras de Gil Vicente (Tomo primeiro).

Conhecem estes livros os professores de literatura dos nossos liceus, os dos seminários e institutos de ensino livre e sabem, bem como os que livremente se consagram aos estudos da história literária, o cuidado e esmero com que procedi nessas reproduções.

Pobre e querida colecção!

Quando eu publiquei essa sentida obra de Samuel Usque, que, com bem raras excepções, era inteiramente desconhecida em Portugal, e na qual um sopro de justiça, ora de profeta, ora de réprobo, perpassa, como um avatar, como quer que o volume fosse parar á redacção dum jornal português, duas linhas tam sómente assinalaram o aparecimento do livro e como?

Nem eu quero dizê-lo!

* * *

Alguns professores que no estranjeiro tēem, a propósito de lingoas e literaturas românicas, cujos cursos dirigem, de se ocupar da nossa própria lingoa e litera-

tura, exprimiram-me a sua satisfação por verem num Manual compendiado o que de essencial lhes competiria saber, servindo-lhes o meu livro de *Test-Book* ou *Leitfaden* seguro e cauteloso. Quantos que desejariam mais vasta e grada mésse de trechos de autores portuguêses! Não pude satisfazer a todos. Persisti no propósito da anterior edição, de não dar trecho algum dos *Lusíadas*. Acumularia páginas dum livro que anda e deve andar nas mãos de todos os portugueses. Esse livro é uma biblia de patriotismo. Em cada página, quase em cada verso, ha uma lição de civismo. O espaço que podesse dedicar-lhes ocupei-o com trechos de autôres, que estranjeiros e nacionaes, mesmo, facilmente não encontrariam ao seu dispôr, para um juizo ou para uma lição a dar, de momento. Se o sr. Paul Lafleur, professor da Universidade de MGill, em Montréal (Canada), ou o sr. Olmsted, da de Ithaca, Cornell University, ou o sr. Sarolea, da de Edinburgo, de novo manusearem o meu livro atendam ás razões que aqui mesmo na Biblioteca da Universidade, onde tive o prazer e a honra de os conhecer e tratar, verbalmente lhes expùs. Como poderia satisfazer aos desejos do sr. Sarolea, que preferiria ver os documentos da *Antologia* impressos num tipo que lhe poupasse um pouco mais a sua vista faminta e fatigada? Alguns lembravam o desdobramento do livro em dous volumes. Com efeito, isso permitiria dar uma mais larga representação a autôres que ou de todo se não memoram, ou têem, por ventura, palavras simples de mais a fixar-lhes a lembrança. Permitiria outrosim extractos mais vastos, mais copiosos, mais abundantes.

E eis que quisera fazer-lhes verdadeira a lembrança amigavel, mas eu não posso dizer-lhes toda a alicantina

da minha terra nem toda a carniçaria com que aqui sam estimados o trabalho e o valor individuaes.

Util me pareceu então sucrestar o mel das belas e formosas páginas, que aí brilham no nosso vasto campo literário, ainda e um pouco mais extensamente do que já o havia feito na anterior edição, o que, concordo, é pouco, e ainda parece mais pouco comparado com as opimas colmeias, que possuimos.

E nem foi preciso andar ás rebatinhas; o que foi preciso foi não perder as proporções do verdadeiro equilíbrio. Desde que avaramente exposição e crítica históricas eram cerceadas, como alargar as proporções da selecção? Fique o livro o que é, com os seus defeitos, que os tem, com as suas virtudes, se as tem. Eu direi como o bom velho Amador Arraez:

« *Todavia procurei eleger materias graves, dar seu logar ás cousas, & poer concerto nas palavras, pera que soando bem aos ouvidos, nam sómente dissessem com clareza o que se trata, mas tambem com harmonia, & modo de dizer fizessem atento ao Leytor; & satisfizessem não só ao gosto dos simples bõs de contentar, mas alapar ao dos Letrados curiosos em o examinar.* » (Do *Prologo* da 2.ª ed. dos *Dialogos*).

* * *

Com o pensamento nos professores que no estrangeiro precisam dum guia util, seguro e de informação, alarguei, quanto o achei conveniente, as indicações bio-bibliográficas. E quis para nosso próprio uso pôr mais meticuloso cuidado nas nótulas resumidissimas das literaturas estranjeiras. Quanto seria facil e simultanea-

mente agradavel escrever sobre e a propósito dalgumas dessas belas figuras, que enchem o mundo com a sua fama, e a fama com a sua glória!

Quem quisesse empreender esse estudo não estacaria aos primeiros passos á falta de ensinamentos, como entre nós sucede desgraçadamente. Já mesmo aqui os nossos vezinhos de ao pè da porta, não contentes com a sua valiosa colecção Rivadeneyra, vam na vanguarda do movimento empreendendo outra, maior e melhormente ensaiada, sobre a direcção do incansavel Menéndez y Pelayo, a *Nueva Biblioteca de Autores Españoles*, que desde 1905 se publica em Madrid e compreende já sete volumes.

A *Gesellschaft für romanische Literatur*, estabelecida em Dresden desde 1903, fornece-nos igualmente textos duma erudição completa, facilitando o confronto filologico-literário das literaturas congéneres e tornando-o também mais ameno e util.

Estimavel é também a colecção de mais modestas proporções que em Strasburgo se iniciou ha pouco com o titulo de *Bibliotheca Romanica*. Para que falar das *Meyer's Klassiker Ausgabe?* das edições das casas editoriaes inglesas, italianas e francesas?

Ótimos estudos escritos sempre por verdadeiros profissionaes, como os que colaboram na grande colecção de Gröber, ou os que na casa Colin, de Paris, vam redigindo a história das Literaturas dos diversos paises, encaminham-nos com segurança nos nossos tentames de critica, apontando ora as belezas, ora os defeitos, obrigando-nos, em presença dos textos, a ver com mais inteligencia e com mais apurado critério.

Como aproveitamos nós esse fecundissimo trabalho, honra e glória dos nossos tempos de critica e de análise?

Pouco mais que mediocremente.

Falta-nos por completo o ensino, quer oficial, quer livre e individual. Nos nossos liceus pouco mais póde dar-se aos estudantes do que o rebate do gosto literário. Acordar-lhes a alma para as belezas dos grandes escritores, aguçar-lhes o apetite das obras-primas, fruto do génio e do talento, já é alguma cousa. Mas depois? Onde o estudo viril da euritmia literária? onde o exame reflectido, minucioso, scientificamente conduzido, das grandes obras, nossas ou dos povos alheios?

Ai de nós! A nossa decadência atual é de encher de pavor. Instrução deficientíssima, educação nula. Ensaiam-se métodos, estudam-se projectos, experimentam-se tentativas, avançam-se hipóteses, tudo redunda em pura perda. Desoladoramente o confesso. Ao cabo de sete anos o aluno dos nossos liceus não traduz com inteligencia uma fábula de Phedro, não compreende a beleza duma poesia de Hugo, não se comove com uma estância de Byron ou de Goethe. A sua educação clássica é mesquinha, mas a sua educação moderna corre parelhas com ela. Parece que ha um vício inibitório, que esteriliza todos os exforços. E' que em Portugal não se estuda por gôsto, não se aprende com amor. O nosso ensino é formalista, insípido, inestético. As nossas aulas não tẽem conforto. As nossas escolas põem medo. A escola podia ser uma prisão. Foi um convento quase sempre. As paredes sam nuas. Quaes sam os liceus que tẽem uma Biblioteca? O ambiente é frio. O estudante treme. O que ele quer é saír dali, é fugir dali. E é em semelhante *meio* que se pretende fazer a cultura intelectual?

* * *

Nos cursos Superiores não se estuda a Literatura, a não ser no Curso Superior de Letras, que é pela sua organização atual, uma escola de habilitação ao magisterio.

Acreditar-se ha? nós não temos na Universidade uma Faculdade de Letras. A unica Universidade do país tem o seu quadro de estudos truncado e por mais que a alguns espíritos ousados a idéa da creação dessa Faculdade pareça sorrir, breve, deante do sceticismo, da indiferença, da resistencia passiva, mas tenaz e persistente do maior número, essa idéa entra no domínio das quimeras, dos fantasmas.

O que sucede é que o cultivo das belas-letras, das sciencias históricas, das filosóficas, é apanágio de autodidactas, bem poucos para as necessidades que esses ramos da sciencia em Portugal estão exigindo, muitos, bastantes mesmo, para o galardão que os seus contemporâneos lhes conferem.

Assim, aí estão os nossos arquivos. Sam esfinges. Vivem no pó e no mistério. Quando homens como Theophilo Braga, Sousa Viterbo, Braancamp Freire, Brito Rebello, Joaquim de Vasconcellos, José Caldas, e outros vēem á luz da publicidade com o fruto de pacientes investigações, logo nos ufanamos da riqueza dos nossos arquivos, lamentando que eles não tenham mais e dedicados cabouqueiros.

Entretanto, o arquivo da Torre do Tombo, o da Universidade de Coimbra, o da Colegiada de Braga — nem visto sequer por Herculano — e tantos mais, uns

em Lisboa, outros nas províncias, uns oficiaes e públicos, outros particulares, todos aí continuam escondendo á nossa avara curiosidade muitos dos seus tesouros. E' natural. Não se estima senão o que se conhece. E o nossso grande, o nosso terrivel vicio, é a ignorancia, filha da preguiça.

Ninguem quer trabalhar. A suprema aspiração do português é... não fazer nada, para o que consome cabedaes, exforços de talento e de trabalho e até a própria vida, se fôr preciso. Como corolário — o país que assim pensa e assim é educado deita ao despreso os que trabalham por o engrandecer, esquece aqueles por quem vive e lhe dam jus a viver no banquente das nações civilizadas.

Já mesmo o precário ensino da lingoa e literatura portuguesa foi nos liceus reduzido. Aqueles dos alunos que prefiram o curso de sciencias, apenas na 4.ª e na 5.ª classes ouvirão uma ou outra vez falar dos nossos grandes escritores. E como? Eu tenho-os visto, os pobres estudantes! E' na 4.ª classe que começam os seus rudimentos de latim, é na mesma 4.ª classe que encetam a leitura da nossa Epopêa nacional. Imagine-se! A nossa epopêa do Renascimento é uma obra admiravel encerrando uma lição imensa de factos e de idéas. Mas vam lá apontar-se as belezas dum retrato de Sargent ou dum torso de Rodin a um pastor dos Herminios! Faça-se um estudo adequado, proporcional ás edades e ás capacidades — direis. Sim, mas vá lutar-se contra os programas, os livros, as rotinas, e as sanções dadas pelos diplomas que é o que é preciso obter, custe o que custar. Daí o ensino futil, inconsistente, descosido e falso, que nos enche de comiseração e de tristeza pelo Portugal de amanhã.

Talvêz que este estado de cousas se modifique pelo exforço conjugado de homens de boa vontade, mas por enquanto só num horizonte muito longinquo é que assoma essa alvorada...

* * *

Mais duma vez tenho sido interrogado sobre se tal ou tal obra de autôr estranjeiro tem tradução portuguêsa. Procurei satisfazer nesta edição essa curiosidade, indicando as traduções que, no meu entender o mereciam ser, faltando algumas que ou eu desconhecia, ou no momento não me occorreram. Mas não o fiz para todos os livros indistintamente. Não devia fazê-lo. Muitas das traduções que tẽem curso em Portugal sam obra de anónimos, produto de especulação comercial. Os nossos homens de letras traduzem pouco, ou porque se absorvem em obras originaes, ou porque não resistiriam á avalancha dos aventureiros, que invadiram as letras como uma manada de búfalos, avassaladoramente. Muitas das obras primas dos escritores contemporâneos chegam-nos em traduções de traduções, que já de si não primam pelo gôsto, nem pela correção.

A lingoa portuguesa, tam bela, tam sonora, tam correcta, tam engalanada para os triumfos das alegrias, como maviosa para os trenos da piedade e da tristeza, cheia de harmonias variadíssimas, tendo côres para toda a escala de sentimentos, voz rítmica para todas as idéas, expressão para todos os simbolos, essa lingoa cheia de sol, de policromia e de beleza, que vive ainda hoje nas formosas páginas de Fialho de Almeida por exemplo, ou nos versos trabalhados como um vaso do Renascimento, de Eugénio de Castro, aparece-nos em taes livros desfigu-

rada, maltratada, sangrenta, digna do desprezo mais aviltante.

Castilho pôde merecer censuras pela falta de exactidão com que trasladou o *Fausto* de Goethe. Mas em matéria de boa e lídima lingoagem portuguesa ninguem lhe atirou jámais uma pedra, nem com justiça o poderia fazer. Seria para desejar que ao menos se procurasse zelar os interesses da lingoa portuguesa, que não sam incompativeis com os do comércio, parece-nos...

MENDES DOS REMEDIOS.

PREFÁCIO DA QUARTA EDIÇÃO

De bem poucas palavras quero acompanhar a presente edição. Já disse o bastante sobre os intuitos e natureza dêste trabalho nos prefácios das anteriores edições, que por isso vam reproduzidos tais quais saíram em seu logar e tempo.

Os Profs. dos diversos institutos de ensino que dentro ou fóra do país têem este livro como seu guia didascálico, bem como aqueles que, sem obrigação oficial, a ele recorrem para informação ou elucidação dum ou doutro ponto histórico-literário, poderão avaliar do cuidado que pús em bem os servir na fórma concisa, mas clara, a que sempre me obriguei, dado o intuito fundamental dêste livro.

Alguns amigos não voltarão mais a amparar-me com seus sábios conselhos, tais o bom e benemérito e saudoso Anibal Fernandes Tomás, memorado sentidamente nêste livro, no logar que de direito lhe pertence, o malogrado Prof. Carlos de Melo, que em longas cartas me dava mostras da sua grande, embora confusa erudição, e outros...

Muitos, de longe, como o sr. Waldemar Reitz, de Saint-Petersburgo, folheiando, aqui ou acolá, uma página de preferencia, ham de ver que atendi no que pude e quanto pude aos seus desejos.

Muito lucrei com as apreciaçõis benevolamente sensatas e repletas de utilidade que ao meu trabalho quiseram dedicar competencias tam ilustradas como o sr. Prof. J. J. Nunes nos *Romanischen Iahresberichtes,* de K. Vollmöller.

Mercê do apoio de todos o livro irá satisfazendo mais e melhor a missão para que foi destinado — espalhar e difundir com amor e entusiasmo a lingoa e a literatura, que sam o melhor, mais brilhante e mais eloquente timbre de nossa autonomia nacional.

MENDES DOS REMEDIOS.

BIBLIOGRAFIA [1]

Academia — *Catálogo dos auctores...*, que antecede o seu *Dicc.*, 1.º e unico tomo, Lisboa, 1793.

Azevedo (Alvaro Rodrigues) — *Esboço Critico-Litterario*, Funchal, 1866, 1 vol. E' uma critica muito erudita ao livro de Borges de Figueiredo, cit. abaixo).

Balbi — *Essai Statistique sur le royaume de Portugal... suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts parmi les Portugais...* Paris, 1822 ; 2 voll.

Bellermann (Dr. Christ. Fr.) — *Die alten Liederbücher der Portugiesen*, Berlin, 1840.

Bouterwek (Frederick) *History of Spanish and Portuguese Literature*, tr. by Th. Ross. 2 voll. 1823.

Braga (Dr. Theophilo) — Todos os trabalhos do erudito professor sobre a nossa Historia Litteraria.

Carvalho (Francisco Freire) — *Primeiro Ensaio sobre a Historia Litteraria de Portugal*, etc. 1 vol., Lisboa, 1845.

Castilho (Antonio e J. Feliciano) — *Livraria classica Portuguêsa*, dirigida por... 1845-47.

Castro (João Baptista de) — *Mappa de Portugal*, parte IV, (—... *origem das lettras e universidades deste reino e os escriptores mais famosos que tem havido nelle em todo o genero de Literatura).*

Denis (Ferdinand) *Résumé de l'Histoire Litteraire du Portugal et du Brésil*, 1 vol., 1826, Paris.

Figueiredo (A. Cardoso Borges) — *Bosquejo historico da Litteratura classica, grega, latina e portuguesa.* (Sobre este livro vid. o artigo de Innocencio, *Dicc. bibliogr.*, I, pg. 391 ; Azevedo, *Esboço critico*, cit.).

---

[1] Indico aqui simplesmente as obras sobre generalidades da História da nossa Literatura. As outras, incluíndo, é claro, as dos autores citados, vam nomeadas nos logares respectivos.

Ferreira (José Maria Andrade) — *Curso de Litteratura Portuguésa*, 2 voll. 1875. O 2.º vol. é de Camillo Castello Branco.
——— *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*, 1 vol., 1871.
Garrett (Almeida) — *Bosquejo da historia da Poesia e lingua portuguésa* publicado juntamente com o *Retrato de Venus*.
Gomes (Francisco Dias) — *Obras Poeticas*, ed. da Academia, Lisboa, 1799. (As notas ás suas poësias sam eruditissimas e da maior utilidade para o estudioso).
Lang (Henry R.) — *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, Halle, 1894; 1 vol.
Loiseau (A.) — *Histoire de la Litterature Portugaise*, Paris, 1886; 1 vol.
Machado (Diogo Barbosa) *Bibliotheca Lusitana*, Lisboa, 1741-1759; 4 voll.
Mattos (Ricardo Pinto de) — *Manual bibliographico portuguez de livros raros, classicos e curiosos coordenados por..., rev. e prefaciado por Camillo Castello-Branco*, Porto, 1878; 1 vol.
Memorias *de Litteratura Portuguesa* publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, 8 voll., 1792-1814; entre outras:
I — Sobre o *theatro portugués* (de Aragão Morato).
II — Sobre a *Arcadia* (pelo mesmo).
III — Sobre as *origens e progressos da poesia portuguésa* (por A. Ribeiro dos Santos).
IV — Sobre as *origens da typographia* (Id.).
V — Sobre a *historia da mesma* (Id.).
Etc., Etc.
Mendonça (A. P. Lopes) — *Memorias de Litteratura Contemporanea*, 1 vol., 1855.
——— *Annaes das Sciencias e Lettras* (artigos sobre a *Litteratura portuguesa nos sec. XVI e XVII; D. Francisco Alexandre Lobo; Damião de Goes e a Inquisição; J. Agostinho e a sua epoca)*.
Oliveira (Cavalheiro de) — *Mémoires Historiques, Politiques, et Littéraires concernant le Portugal*, etc., 2 voll., Haya, 1743.
Ortiz (D. Antonio Romero) — *La Litteratura Portuguesa en el siglo XIX*, Madrid, 1869
Panorama, diferentes volumes.
Pinheiro (J. C. Fernandes) — *Resumo de Historia Litteraria*, 2 voll., 1873 (o 2.º é o que respeita á Lit. portuguésa).
——— *Curso Elementar de Litt. Nacional*, 1 vol., 1862.
Reis (Francisco Sotero dos) — *Curso de Litteratura Portuguésa e Brazileira* professado por... no Instituto de Humanidades da provincia do Maranhão, 5 voll., Maranhão, 1866-1873,
Revista *Contemporanea de Portugal e Brazil* (5 voll., 1861-65).

Ribeiro (**Silvestre**) — *Primeiros Traços duma Resenha da Litteratura Portuguésa,* Lisboa, 1853, 1 vol.

Romero (**Sylvio**) *Hist. da Litt. brazileira (1500 1877),* Rio de Janeiro, 1888, 2 vols.

Serra (**Corrêa da**) — *Coup d'oeil sur l'état des sciences et des lettres parmi les Portugais,* publicado no *Primeiro Ensaio,* de Freire de Carvalho.

Silva (**Costa e**) — *Ensaio biographico-critico,* 10 voll.

Silva (**Innocencio F. da**) — *Diccionario Bibliographico.*

Sismondi (**Simonde de**) *De la litterature du midi de l'Europe,* 2 voll., 1829. (E' o 2.º vol. que trata da Lit. portug.).

Varnhagen (**Francisco Adolpho de**) — *Da litteratura dos livros de Cavallaria,* Vienna, 1872, 1 vol.

Vasconcellos (**D. Carolina Michaëlis**) — *Geschichte der Portugiesischen Litteratur in- Grundriss der Rom. Philologie,* von G. Gróber. Strasburg, Trübner, 1893-94.

——— *A Infanta D. Maria de Portugal e as suas Damas* (Porto, 1 vol. 1901).

——— *Cancioneiro da Ajuda..., vol. I. Texto...; vol. II. Investigações bibliographicas, biographicas e historico-literarias.* Halle, 1904; 2 vols.

Viterbo (**Sousa**) — Varias monografias do laborioso investigador sobre *Sá de Miranda, Manoel de Sousa Coutinho, Damião de Goes,* etc.

HISTÓRIA

DA

LITERATURA PORTUGUÊSA

INTRODUÇÃO

Sumário: 1. História da literatura; seu âmbito: situação geográfica, raça e tradição. — 2. Sentido em que aqui se emprega. — 3. Antologia portuguêsa. — 4. Divisão da história da literatura portuguêsa. 5. Critério desta divisão. — 6. Esquema geral.

1. — História da literatura; seu âmbito. Estudar a história da literatura dum país é estudar os documentos em prosa ou em verso apreciáveis pelo seu *valôr intrinseco* ou pela sua *fórma;* é conhecer a vida dos homens que os escrevêram, especialmente na parte em que ela ajuda a entendê-los e interpretá-los. Neste sentido não é, no fundo, senão uma face e uma parte da história geral, mas é talvez aquela que melhor e mais completamente traduz o génio e os costumes duma nação, o espirito, o caracter e as tendencias duma sociedade [1]. As literaturas, como as lingoas, que lhes servem de instrumento, sam verdadeiros organismos sujeitos a fases de origem, desenvolvimento e decadência. Como manifestação da vida dum povo acompanham este na sua actividade histórica. A formação embrionária dum país, a sua situação geográfica, o clima, a raça ou raças que entraram na sua constituição, bem como as suas lutas e conquistas, o progresso ou retrocesso na marcha geral da sua existencia, as glórias que o corôam, as amarguras que o contristam, numa palavra o palpitar de toda a sua vida, vam reflectir-se na obra dos seus filhos mais ilustres. Assim, estudando a *situação geográfica* do nosso país, a sua extensa costa

---

[1] Petit de Julleville, *Hist. de la lit. franç.*, ch. I.

marítima povoada de portos e em admiravel posição para ser um entreposto universal, as suas múltiplas variedades de relevo e de terrenos, a sua rica fauna e flora, tudo isto dispondo-nos e encaminhando-nos para a vida marítima e colonial, tornando-nos ao mesmo tempo aptos, pela variedade de recursos, para o desenvolvimento duma bela civilização [1]; atendendo por outro lado ao nosso *fundo étnico*, que é um misto do « cruzamento complicadissimo de selvagens da época quaternária com ibéros, ligures, fenicios, celtas, cartagineses, romanos, suevos, godos e árabes predominando, ao que parece, os velhos troncos ibéros modificados pelos elementos arianos » [2]; tomando ainda em linha de conta a *tradição* que nos fornece uma grande quantidade de idéas e inspira muitos dos nossos costumes impondo-se-nos ás vezes despoticamente, embora quasi sem nós darmos por isso [3], melhor compreenderemos as grandes fases literárias do nosso país e as suas figuras mais representativas.

2. — Sentido em que aqui se emprega. Considerada sob o ponto de vista de que acabamos de falar a literatura é rigorosamente o que lhe chamou De Bonald — *a expressão da sociedade.* Mas não é sob este aspecto *amplo e lato* que nós aqui a estudamos; equivaleria isso a termos de mencionar todas as manifestações do espírito, todos os conhecimentos humanos expressos pela palavra escrita.

O termo literatura, aqui, toma-se num sentido mais *restrito*, como sinónimo, quasi, de humanidades ou belas-letras, compreendendo sobretudo o estudo da *poesia*, da *eloquencia* e da *história*. Uma história da literatura portuguêsa deve, pois, registar, embora de fórma sucinta, todas aquelas individualidades que se tornaram notaveis

---

[1] Léon Poinsard, *Le Portugal Inconnu*, Paris, 1910, pg. 9.

[2] Sylvio Romero e J. Ribeiro, *Compendio de historia da Lit. Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909, pg. XXXVI.

[3] L. Poinsard, *Ob. cit.*, pg. 16.

pelos seus escritos, em prosa ou verso, sobre qualquer daquelas espécies ou nas suas congéneres — a critica, a filologia, a arqueologia, o romance, etc., etc. Não compete a um trabalho desta ordem mencionar tudo quanto em lingoa portuguêsa foi escrito desde as origens até nossos dias. Essa função pertence antes ás *Histórias literarias* e aos *Dicionários bibliográficos*. E' preciso conhecer aqueles que deixaram nome imorredouro na cultura literária de Portugal e que sob este aspecto são considerados seus filhos mais gloriosos, porque por eles se creou eterno e grande o nome da patria querida. A história da literatura portuguêsa apresentar-nos ha os nomes dêsses beneméritos, os factos principaes da sua vida e as suas obras mais importantes e mais dignas de serem conhecidas e imitadas. É um campo vastissimo dos mais curiosos e instrutivos.

3. — Antologia portuguêsa. Mas nós não podemos limitar-nos ao estudo bio-bibliográfico dos escritores portuguêses. Ao lado dêsse conhecimento, que é indispensavel, a lição colhida da propria leitura das obras que imortalizaram seus autores é, antes de tudo, necessária e util. Por isso damos no nosso trabalho larga parte aos documentos que constituem uma verdadeira *Antologia* de prosa e poesia desde as origens até á atualidade, e que sam tanto mais importantes quanto a raridade de muitos dos livros portuguêses, bem como a sua reprodução cuidadosa e esmerada, torna ainda mais dificultosa a lição e aproveitamento que deles pode e deve de tirar-se [1].

---

[1] Em todas as reproduções seguimos fielmente a ortografia dos respectivos autores. Não foi possivel tornar mais extensas essas reproduções que, ainda assim, impressas áparte, dariam um grosso volume. Não damos nesta edição, como já o fizemos na anterior, extractos dos *Lusiadas*. Essa epopeia anda, felizmente, nas mãos dos nossos estudantes liceais desde a 4.ª classe. A parte lirica de Camões

4. — Divisão da história da literatura portuguêsa. A história da nossa literatura póde considerar-se dividida em tres grandes épocas, marcando tres grandes correntes de idéas dominantes:

I — **Medieval** abrangendo os séculos XII a XV;

II — **Clássica** compreendendo os séculos XVI a XIX;

III — **Romântica**, que principia em 1825.

Nestas tres épocas fica abrangida a vida literária do nosso país:

a) primeiro, uma fase de *infância ou de iniciação*; é o período das origens em que a lingoa sai pouco a pouco, através de fórmas múltiplas, do latim popular, do qual, como em outro logar vimos, ela com as suas congéneres novi-latinas deriva [1]. A literatura ensaia tambem os seus primeiros vôos; os documentos literarios que possuimos dêste periodo, a princípio irregulares e até mesmo, por vezes, ininteligiveis, gradual e sucessivamente se acentuam e caracterizam. Até 1245, reinado de D. Sancho II, ha o que pode chamar-se o período proto-histórico da literatura, em que se faz uso duma lingoa ainda na sua infância; com D. Afonso III abre-se uma éra de progresso, a lingoa começa a fixar-se, os pensamentos que ela é chamada a traduzir sam ingénuos, graciosos, cheios de vivacidade, embora a prosa seja ainda hesitante e a versificação muitas vezes dura e pouco regular. Neste período, que denominamos medieval, predominam os trovadores, já influenciados pela corrente que provinha da Provença, já dominados pelo ascendente de Espanha.

é porêm enorme. Procuramos sempre de cada autor o que era típico e melhor o caracterizava, embora, por vezes, se tratasse de trechos conhecidos. A linda écloga *Chrisfal* é reproduzida na integra.

[1] Cfr. a nossa *Introdução á Historia da Literatura Portuguêsa*, 3.ª ed., Coimbra, 1911, 1 vol.

b) Inicia-se em seguida o període a princípio de *esplendor e virilidade* e em que as obras clássicas dos gregos e latinos, impostas pelo renascimento, sam o modelo e o guia de todos os espíritos cultos. A lingoa entra abertamente numa fase histórica, definida e regular; toma fórmas amplas e opulentas nas obras dos que chamamos os nossos clássicos dos séculos XVI e XVII, auxiliados ou secundados na fixação dessas fórmas pelos gramáticos, como João de Barros e Fernão de Oliveira.

Uma tríplice corrente — italiana no século XVI, espanhola no século XVII e francêsa no século XVIII, atravessa sucessivamente esta época, á qual com propriedade compete a designação de *clássica* por durante ela se fazer sempre sentir o predomínio das literaturas grega e latina. A energia e vigor de estilo que assinalam as obras de muitos dos escritores desta primeira fase, que bem pode chamar-se áurea, a louçania e pintoresco que tradužem na sua lingoagem, vẽem a decair na afectação e agudeza dos conceitos e no artifício dos *sentimentos* postos em jogo pelos escritores conceitistas e gongóristas do século XVII. Mas opera-se uma reação no século imediato. É a França que nos dá os cânones por onde se guiam os autores portugueses, entre os quaes alguns como Bocage, Filinto Elísio e Tolentino sam os verdadeiros precursores da época imediata.

c) Por último temos a terceira época — a romântica — em que se estabelece a fusão dos antigos elementos medievaes com os populares e tradicionaes. Assim, resumindo, temos:

1 — Época *medieval* abrangendo os séculos XII a XV e compreendendo as duas escolas — *provençal* desde 1200 a 1385, e *espanhola* desde 1385 até 1521.

2 — Época *clássica* desde o século XVI ao XVIII e compreendendo a escola *italiana* ou dos *quinhentistas* no século XVI, a *gongórica, culteranista* ou dos *seiscentistas* no século XVII, e a *francêsa* ou dos *académicos* e *árcades* no século XVIII.

3 — Época *romântica*, que principia em 1825 e se prolonga até nossos dias mais ou menos alterada e modificada.

5. — Critério desta divisão. A divisão que acabamos de fazer não é isenta de defeitos, parecendo antes — e nem sempre com rigor — mais adequada a uma divisão de história da poesia portuguesa do que a uma divisão da história geral da literatura. Por outro lado como que amezquinha a originalidade da nossa literatura pondo em relevo as correntes estranjeiras a que ela se subordinou ou pelas quais se deixou guiar.

Mas além de que nenhuma classificação, em princípio, é isenta de defeitos, deve ponderar-se que a que damos oferece vantagens didáticas — destinguindo e acentuando com nitidez as fases predominantes da evolução literária, delimitando épocas, cuja distinção é efectiva e real, e prestando-se, por isso, a uma melhor fixação da parte de quem a estuda. Por outro lado, quando nós falamos em *correntes estranjeiras* não queremos dizer que elas sejam o elemento principal e fundamental da nossa literatura. Em todos os países houve sempre na sua vida de espirito uma ou outra corrente de imitação. É um factor secundario, contingente, prestes a desaparecer deante doutro mais intenso. O que fica sempre, o que é primordial e basilar é o que deriva da própria natureza, do próprio organismo social. Estabelecido assim o critério da nossa divisão não ha inconveniente em aceitá-la. De mais, nós fazemos tanto quanto possivel uma exposição cronológica mantendo dentro dela a seriação dos géneros caracteristicos, de fórma a resaltar de tudo um quadro geral, uma síntese harmónica e perfeitamente bem estabelecida da nossa evolução literária.

6. — Esquema geral. No quadro seguinte contêem-se e harmonizam-se entre si as classificações mais adoptadas pelos autores.

QUADRO DA HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUÊSA

I — Época medieval. (XII-XV)	I Escola provençal (1200-1385)	D. Afonso Henriques (1128-1185) D. Sancho I D. Afonso II D. Sancho II D. Afonso III D. Denis D. Afonso IV D. Pedro I D. Fernando I (1367-1383)
	II Escola espanhola (1385-1521)	D. João I (1385-1433) D. Duarte D. Afonso V D. João II D. Manoel (1495-1521)
II — Época clássica. . (XVI-XVIII)	III Escola italiana ou quinhentista (XVI)	D. João III (1521-1557) D. Sebastião D. Henrique (1578-1580)
	IV Escola gongórica ou seiscentista (XVII)	Filipe I (1580-1598) » II » III D. João IV D. Afonso VI D. Pedro II D. João V (1706-1750)
	V Escola francêsa ou arcádica (XVIII)	D. José I (1750-1773) D. Maria I D. João VI (1816-1826)
III — Época romântica (XIX)	VI Escola romântica	D. Pedro IV (1826-1834) D. Maria II D. Pedro V D. Luís I D. Carlos I D. Manoel II (1908-1910)

I

EPOCA MEDIEVAL

(XII-XV)

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente á Escola Provençal

I

Monarcas portuguêses

D. Afonso Henriques	1128-1185
D. Sancho I	1185-1212
D. Afonso II	1212-1223
D. Sancho II	1223-1248
D. Afonso III	1248-1279
D. Denís	1279-1325
D. Afonso IV	1325-1357
D. Pedro I	1357-1367
D. Fernando	1367-1383

II

Sincronismo político e social

1095 — Resolve-se a 1.ª expedição das *Cruzadas* no Concílio de Clermont, a instâncias de Pedro o Eremita.

1099 — Tomada de Jerusalêm pelos cristãos sob o comando de Godofredo de Bulhões.

1187 — Tomada de Jerusalem aos cristãos por Saladino.

1205 — Francêses e venezianos tomam Constantinopla e fundam o chamado *império latino do Oriente*, que acaba em 1261.

1300 — Descoberta da bússola por Flávio Gioio, de Amalfi.

1312 — Abolição da Ordem dos Templários.

1321 — Invenção da pólvora.

1328 — Primeiras invasões dos turcos na Europa.

1336 — Nascimento do Tamerlan.

1362 — Os turcos criam a milícia dos janízaros.

III

Sincronismo literário

Espanha

Estabelece-se o ciclo dos *Poemas do Cid*, creando-se em volta de Rodrigo Díaz Bivar (1040-1099), o *Cid* invulneravel, o afamado *Campeador*, personagem semi-lendária, toda a efervescencia literária, que a França teve para *Carlos Magno*. Merecem citar-se :

D. Afonso o Sábio (1220-1284) autor das *Cantigas de Santa Maria* publicadas, depois de seis séculos, pela R. Acad. Española sob a direcção do Marquês de Valmar [Madrid, 1889, 2 vols.]. São 420 composições escritas em honra da Virgem e constituem uma fonte riquíssima para o estudo da poesia trovadoresca, sendo sob este aspecto como para o estudo da lingoa um subsídio importante a pôr ao lado dos cancioneiros portugueses, como eles escrito em galego e reflectindo as tendências da época.

Pedro López de Ayala (1332-1407), autor do celebrado poema *Rimado de Palacio* e

Juan Ruiz († 1351), mais conhecido pelo nome de *Arcipreste de Hita*, cujas obras misturam orações á Virgem com sátiras á côrte pontifícia, dissertações dogmaticas, batalhas alegóricas e graciosas fábulas que se podem ler no tomo LVII da *Biblioteca de Rivadeneyra*.

Não esqueçamos memorar a tragi-comédia de *Calisto e Melibea*, mais conhecida pelo nome de *Celestina*, em 21 actos, que teve grande influência na eclosão do drama espanhol e em outros ramos literários.

França

A França tem neste período a primasia literária, creando a *poesia provençal*, que irradiou para toda a Europa. Estabelece-se a luta entre a lingoa de *oïl* e a lingoa de *oc* (segundo a maneira por que se exprimia a afirmação — *oïl* no norte, *oc* no sul), com predomínio final daquela. Os *poemas* sam históricos ou cavalheirescos e a arte dramática inicia-se com os *mistérios*, o mais notavel dos quaes é o de João Michel.

Itália

Os ensaios e tentativas da lingoa italiana que nos aparecem em documentos interessantes como em *I fioretti di sancto Franciescho* são eclipsados pela obra prodigiosa de Dante Alighieri (1265-1321) de Florença, n. 3 annos depois do nosso D. Denis. Suas obras principaes : *De monarchia* (1311) acompanhada da *Vita nuova*, do *Cancionero* e

do *Convito.* Mas o seu trabalho capital é a *Divina Comedia* formada de tres partes: *Inferno* (34 cantos), *Purgatório* (33 c.) e *Paraiso* (33 c.) — 100 cantos, em tercetos endecasilabos, cuja inspiração inicial, pelo menos, se deve á sua paixão por Beatriz. [Em português: A. J. Viale — *Inferno* c. I-II in — *Mem. da Acad.*, I, p. 2.ª; c. III in — *Inst.*, IX, p. 297-309; c. V in — *Annaes das Sc. e Letras*, cl. 2.ª, t. 1.º, p. 185 e seg., traduções depois reunidas na *Misc. helenico-literaria* (1868) e, definitivamente, nas *Tentativas dantescas* (1884); Domingues Ennes, *O Inferno... ilustrado com as celebres grav. de G. Doré... acompanhado do texto italiano*, Lisboa, 1887, um vol.; J. Pinto de Campos, Lisboa, 1886 — *A Divina Comedia...* Versão portug. commentada e annotada].

Dante teve, sobretudo, dous sucessores ilustres:

Petrarcha (1304-1374) que escreveu odes, sonetos e canções revestindo-as das mais ricas fórmas de dição e estilo. As suas *Rime* e os *Trionfi* inspirados em Laura, elevam o sentimento e a paixão erótica ao seu mais alto gráo.

Boccacio (1313-1375) colecionador do *Decamerone*, novelas licenciosas tanto ao gosto da época. O título é um helenismo composto « dez dias ». O autor imagina dez pessoas retiradas numa casa solitária para fugir da peste de Florença as quaes, para passar o tempo, narram contos, um por dia, e por pessoa, enlaçando-se todos no entrecho e no enredo.

Inglaterra

Chaucer (1328-1400) considerado como o pai da poesia inglêsa compôs varios poemas, o melhor dos quaes, embora incompleto, é *Canterbury Tales*, contendo vinte e tres contos muito apreciaveis pela riqueza e colorido do estilo.

Alemanha

Este país sofre a influência da poesia provençal, sendo os seus cantores designados pelo nome de *Minnesingers* (cantores de amor) e *Meistersingers* (mestres cantores), poetas liricos dos seculos XII e XIII que nos seus *lieds* cantavam principalmente o amor elevado a um verdadeiro culto.

Os *Niebelungen*, obra anónima, cheia de maravilhoso, são uma fonte inexgotavel de inspiração. Constituem as grandes epopéas populares, ao lado dos cantos liricos, da poesia amorosa dos Minnesingers.

CAPITULO I

Escola Provençal

(1200-1385)

Sumário: 7. Idade proto-histórica da lingoa portuguêsa. — 8. Origem da literatura portuguêsa. — 9. Situação politica da Provença. 10. Difusão da poesia provençal. Causas geraes. — 11. Causas da difusão em Portugal. — 12. Caracter da poesia provençal. 13. Arte poética provençal. — 14. Trovadores, segreis e jograes. 15. Antiguidade dos trovadores em Portugal. — 16. D. Denis. 17. D. Pedro. — 18. D. Afonso Sanches. — 19. Outros trovadores e suas obras. — 20. Origem dos Cancioneiros. — 21. Cancioneiro da Ajuda. — 22. Cancioneiro da Vaticana. — 23. Cancioneiro Colocci-Brancuti. — 24. Importancia dos cancioneiros. — 25. Primeiros ensaios históricos. — 26. Livro de Linhagens. — 27. Novelas de Cavalaria. — 28. Ciclo Carolingio. — 29. Ciclo Bretão. — 30. Ciclo Greco-Latino. — 31. Ciclo dos Amadises. — 32. Fábulas e lendas. 33. Documentos apócrifos.

POESIA

7. — Idade proto-histórica da lingoa portuguêsa. Os primeiros documentos escritos em lingoa caracteristicamente portuguêsa sam dos principios do século XIII. Anteriormente a esta data o que se nos depara nos documentos é uma mistura de fórmas latinas e portuguêsas. Considerando áparte certos termos, que mais tarde vieram a entrar no vocabulário da nossa lingoa, pode dizer-se que alguns encontramos já a contar do século IX em deante, como podemos vêr nos *Portugaliae Monumenta Historica* publicados pela Academia Real das

Sciencias de Lisboa, no *Elucidario* de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, nas *Dissertações chronologicas e criticas* de João Pedro Ribeiro e em outros livros adstrictos á especie [1]. Quanto mais nos afastamos do século XII, mais as fórmas portuguêsas se tornam numerosas, próprias e definidas. Mas não é de taes documentos, que interessam em primeira linha ao gramático e ao filólogo, que aqui temos de ocupar-nos. O que nos importa conhecer sam os trabalhos literários, embora eles envolvam simultaneamente um problema lingoistico, e é deles, sob esse aspecto considerados, que passamos já a tratar.

8. — **Orígem da literatura portuguêsa.** Pode dizer-se que a literatura portuguêsa nasceu na Provença. E' lá que é preciso ir procurar a origem dos nossos primeiros documentos literarios, documentos em verso, como o sam, em geral, os da infância de todos os povos. De lá nos veiu com o caracter e feição especial dessa poesia, que tam notavel influência exerceu na nossa vida literária, a fórma e o ritmo, que sam a essência da nossa arte poética. Transplantada da provincia meridional da França para o nosso país, essa poesia amorosa, cheia de sentimento e de vida, recebeu em Portugal a centelha do entusiasmo, tornou-se querida de todos e por isso mesmo popular.

9. — **Situação política da Provença.** Mas o que era a Provença e como se tornou ela o fóco da poesia a que indelevelmente ligou o seu nome?

---

[1] Dr. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, thèse pour le doctorat de l'Université de Paris*, Aillaud, 1901, 1 vol., pg. 10 e seg.; Id. — *Textos archaicos para uso da aula de philologia portuguêsa...*, Porto, 1905, 1 folh.; J. J. Nunes *Chrestomathia archaica, excerptos da literatura portuguêsa desde o que de mais antigo se conhece até ao seculo XVI...*, Lisboa, 1906.

A Provença depois da desmembração do império de Carlos Magno foi elevada a reino (879), passando posteriormente (943) a ter o simples título de condado. Sob o govêrno de Raimundo Beranguer e dos seus sucessores uma série feliz de circunstâncias políticas e sociaes trouxe um notavel progresso material e moral á antiga província. As liberdades políticas e municipaes, o gôsto da cavalaria, das artes e das letras, a apropriação da ciência dos árabes, tornáram-na esse fóco de luz, que irradiou sobre toda a Europa inundações de poesia e de amor.

O casamento de Raimundo Beranguer III, o Grande, conde de Barcelona, com D. Dulce, filha e herdeira de Gilberto, conde de Provença, causou a união, sob o mesmo cetro das duas províncias (1113) e preparou de longe a irradiação, que acontecimentos posteriores largamente tornaram conhecida [1].

10. — Difusão da poesia provençal. Causas geraes. Como é que essa poesia transpôs as Astúrias e o reino de Lião e veiu engrandecer-se em Portugal? « Foi dos paises cis-pirenaicos da lingoa d'oc, sob a égide de soberanos ilustrados que governaram simultaneamente a Provença e o condado de Barcelona e cingiram posteriormente a coroa de Aragão que, na opinião dos romanistas, proveio o gôsto e o interesse pela poesia palaciana, que se comunicaram primeiro a Navarra e Castela, depois a Lião, para finalmente atingirem á última hora a nova monarquia portuguêsa, desagregada do reino galego-lionês nos últimos anos do século XI » [2]. E assim é

---

[1] Andrade Ferreira, *Curso de lit. portug.*, t. 1.º, pg. 89 e seg.

[2] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda*, cit. na *Bibliog.*, II, 689. *Gaia-sciencia* foi o nome posto á poesia dos trovadores pela célebre Academia de Tolosa. Os trovadores designavam-na pelos nomes de *art de trobar* ou *saber de trobar*.

que observamos que nos primeiros reinados da monarquia já nós trovávamos á provençal e aí está a carta do Marquês de Santillana para fazer fé de que primeiro e melhor que ninguem o fizemos em todas as Espanhas e de que na mesma côrte de Castela o português era a lingoa da poesia culta [1].

A Itália e a Alemanha, a Inglaterra e a França, a Espanha e Portugal, todas aceitaram essa corrente poética iniciada pelos trovadores e por eles tornada conhecida e estimada. Para essa difusão concorreram:

a) os guerreiros que nos séculos XI a XIII partiram para as cruzadas;

b) os trovadores e jograes que visitavam as côrtes estranjeiras ou os solares dos ricos-homens e assistiam ás romarias célebres;

c) os casamentos dos príncipes, que levavam consigo o séquito dos seus menestreis;

d) a escolha de prelados francos, gauleses, anglo-normandos e flamengos para as catedraes das cidades reconquistadas aos Mouros;

e) a vinda de colonos para repovoação de terrenos devastados. Etc.

11. — **Causas da difusão em Portugal.** Em Portugal, àlêm destas, outras causas actuaram no estabelecimento e difusão da poesia provençal.

---

[1] O célebre testemunho de Santillana (1398-1458) é o seguinte:

« E despues fallaron esta arte que mayor se llama, e el arte comun, creo, en los reynos de Gallicia e Portugal, donde non es de dubdar que el exercicio destas sciencias mas que en ningunas otras regiones ni provincias de España se acostumbró; en tanto grado que non ha mucho que qualesquier decidores o trovadores destas partes (agora fuesen Castellanos, Andaluces o de la Estremadura) todos sus obras componian en lengua gallega (o portuguesa). E aun destos es cierto rescebimos los nombres del arte, asy como: maestria mayor e menor, encadenados, lexapren e mansobre ».

Sam conhecidas as circunstâncias políticas, que deram em resultado a constituição de Portugal como reino independente (1114). As lutas empenhadas nessa emprêsa e as regalias oferecidas aos que nela colaboravam atraíam os cantores guerreiros, que encontravam campo onde exercitar o seu génio poético e os seus instintos belicosos. Por outro lado armadas de cruzados, dirigindo-se á Terra-Santa, aportáram algumas vezes a Lisboa e muitos dos trovadores, que nelas vinham, ficaram residindo no nosso país. O asilo que nas côrtes dos reis e nos paços dos nobres encontravam esses trovadores não poderia também ser estranho a Portugal [1].

D. Afonso Henriques em 1150 casou com D. Mafalda, filha de Amadeu II, conde de Saboia. Ora a côrte de Saboia era vassala e vezinha da da Provença e por isso é de presumir que a princesa, que esposava o monarca português, trouxesse consigo para a sua nova residência o gôsto da poesia cavalheiresca dos trovadores.

Foi na mesma côrte da Provença que D. Sancho I procurou aquela que esposou em 1178, D. Dulce, filha de Raimundo Beranguer IV, conde da Provença e rei de Aragão. A datar desta aliança, escreve Baret, as relações entre as côrtes de Portugal e Aragão foram cada dia mais estreitas. A necessidade de conter em respeito os reis de Castela não era talvez estranha a estes sentimentos, mas também é certo que isso vinha a redundar em favor da influência em Portugal da poesia trovadoresca [2].

Pacificadas as lutas tendentes a consolidar a nova monarquia autónoma, com D. Afonso III a poesia provençal adquire então o seu maior desenvolvimento. A idade-áurea dessa poesia deve fixar-se entre 1245 a 1280.

---

[1] Sr. Th. Braga, *Canc. Portug. da Vaticana,* introd.

[2] *Les Troubadours et leur influence sur la literature du midi de l'Europe,* etc. Paris, 1867, pag. 193; Milá y Fontanals, *Obras Completas,* II, *De los trovadores en España,* Barcelona, 1889.

Segundo a Sr.ª D. Carolina M. de Vasconcelos o quadro representativo da arte trovadoresca pode estabelecer-se assim:

alvorejar	— até 1188:	periodo pre-historico
madrugada	— até 1245:	periodo proto-historico
meio dia	— até 1280:	*idade áurea, afonsina*
tarde	— até 1300:	periodo dionisíaco
crepúsculo	— até 1350:	tempo dos epígonos
noite	— de 1350	em deante: interregno poético ou tempo de transição para a época segunda.

Desta fórma, segundo a ilustre romanista, a idade mais fertil e mais brilhante da poesia trovadoresca é a afonsina e não a dionisíaca. « Embora D. Denis seja de facto, individualmente, o mais fecundo entre todos os trovadores de amor... a pleiada de fidalgos que o circunda, incluindo os jograes que afluem á sua côrte, é muito menos numerosa e nem de longe possue o brilho, a originalidade, o viço e fervor da que poetou em volta de Afonso III, e principalmente junto ao sábio de Castela » [1].

D. Afonso III vivêra durante treze anos (1235-1248) em França e de lá com os numerosos fidalgos, que o acompanharam, trouxe o gôsto de trovar, que durante mais de trinta anos de governo desenvolveu e fomentou.

Por essa época começava a Universidade de Paris a tornar-se conhecida e admirada. Dela saia a luz que deslumbrava e atraía todos os países do sul da Europa.

O seu contacto, mantido durante tam longo tempo, não podia ser infructífero para D. Afonso III.

Tambêm é lá que ele vai procurar o mestre e educador de seu filho e herdeiro — D. Denis que, como veremos, teve uma educação esmerada, tornando-se ele próprio um cultor apaixonado da poesia.

---

[1] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda*, II, 600.

A estas circunstâncias que concorreram para o desenvolvimento da poesia provençal ha a juntar a nossa vezinhança com a Galiza, solar das antigas musas espanholas e estreitamente relacionada com a gente portuguêsa.

Nessa região não se cultivava com menos entusiasmo a poesia provençal.

A esta proximidade geográfica junte-se tambêm a afinidade da lingoa, que se tornou tipica dos trovadores, a lingoa poética por excelência, aquela que era, na opinião de todos, a mais apta para exprimir as idéas galantes e cavalheirescas do tempo [1].

Não era o provençal, nem o castelhano; era outra considerada então de superiores condições musicaes e por isso mesmo preferida para todas as poesias sagradas ou profanas que se destinavam ao canto.

Esta lingoa amoldou-se de tal sorte á imitação dos provençaes, que adoptou grande parte do seu vocabulário, como a sua variedade e riqueza métricas [2].

Poetas, fossem provençaes, galegos ou portuguêses empregavam muitos termos comuns, como: *sol* (sómente), *puñar* (pugnar), *mesura, afan, coyta* (queixa, pesar), *osmar* (conjecturar), *adubado* (disposto, decidido), *aquel, aqueste,* as fórmas *lh* (ill) e *nh* (gn), etc. [3].

Esta lingoa que, como diz Raynouard, precedeu e preparou a formação das lingoas particulares a cada uma das nações da Europa meridional, não podia deixar de ser um laço poderoso ligando entre si todos os trovadores desta escola galaico-portuguêsa, tendo então, como tem hoje, tam íntimas relações, e uma e outra tendo a mesma

---

[1] Amedée Pagès, *Auzias March et ses predecesseurs. Essai sur la poésie amoureuse et philosophique en Catalogne aux XIVe et XVe siècles.* París, 1912, pg. 123.

[2] Menendez y Pelayo, *Antologia de Poetas líricos castelhanos,* etc., Madrid, 1890, I, pg. LXXXIV.

[3] Baret, *Les troubadours,* etc., já cit., pg. 190.

comum origem como uma simples leitura comparativa o evidencia [1].

12. — **Caracter da poesia provençal.** Mas o que era essa poesia provençal, que foi a primeira inspiradora dos cantos portuguêses? Era, segundo a expressão apropriada de Villemain, a liberdade de imprensa dos tempos feudaes [2]. Os apóstolos dessa liberdade fôram os trovadores. Eles se encarregaram de levar a toda a parte as idéas de egualdade e fraternidade, que os uniam. Reis, príncipes, grandes senhores, ou simples filhos do povo, desde que composessem trovas, todos eram admitidos na mesma confraternidade. O gôsto de trovar era um sinal de distinção, que todo o bom cavaleiro timbrava de possuir. Trovar era cumprir uma missão civilizadora. De país em país, de castelo em castelo, o trovador era o pioneiro audaz, que, com o pensamento na sua dama, espalhava muitas idéas, que dulcificavam os costumes. A glória, a independência e o amor brotavam naturalmente dos seus cantos. A dignidade da molher foi por eles elevada a uma espécie de culto.

13. — **Arte poética provençal.** Os trovadores tiveram uma arte poética variadissima. A designação de verso *(palavra)* era aplicada a quaesquer composições metrificadas, que depois vieram a ter nomes próprios. Eis as principaes:

---

[1] A. Jeanroy, *Les origines de la poésie lyrique en France*, Paris, 1904, 1 vol. Além dos textos originais já publicados de muitos trovadores, ha excelentes selectas para o estudo da lingoa provençal, como a de K. Bartsch, *Chrestomatie provençale*, 6.ª ed. em 1904, 1 vol.; C. Appel, *Provenzalische Chrestomatie*, 1907, 1 vol.; e outras que podem vêr-se em Joseph Anglade, *Les troubadours, leurs vies, leurs oeuvres, leur influence*, Paris, 1908, 1 vol.

[2] V. Balaguer, *Los trovadores*, I, pg. 71, Madrid, 1882.

a) Canção (chansó), que era o mais nobre dos géneros, o próprio dos cavaleiros, por oposição a todas as espécies de composição em verso. Admitia versos e rimas variadas e terminava por uma estrofe ou *tornada;* quando facil e curta denominava-se cançoneta *(chansoneta);* havia aínda a meia canção *(mieg chansó).*

b) Sirvente, sirventes, sirventesca, era uma composição crítica e satírica, que derivou o seu nome ou do fim a que èra destinada — engrandecer e louvar os senhores feudaes (Diez, Bartsch), ou da origem — canto de servente ou soldado mercenário e aventureiro (Meyer). Como para a canção, havia a *mieg-sirvente* e a *chansó sirvente* ou *chans mesclatz.* Era considerada em segundo plano pelos trovadores, mas tem para nós grande interesse por nos dar idéa dos costumes e cousas daquele tempo, ajudando a compreender muitas circunstâncias históricas.

c) Descort, descordo, desacôrdo ou por ser ordinariamente escrito em diversas lingoas, ou por causa da irregularidade da medida dos versos, era uma poesia amorosa em que o poeta lamentava alguma paixão não correspondida. O trovador Raimbaut de Vaquières escreveu um *descort* em cinco lingoas ou dialectos, uma por estrofe; a última é composta de dez versos, dous em cada lingoa [1].

d) Tensão, tense, contense, género muito usado pelos provençaes, consistia num diálogo ou controvérsia entre dois trovadores em que cada qual defendia e sustentava um tema e que costumava sujeitar-se á decisão dum árbitro. As rimas do que propunha a questão deviam ser conservadas pelo rival. Tomava o nome de *jocx-partitz* quando dois trovadores devidiam o assunto; se entravam mais de dois dizia-se *torneyamens*, e se o assunto era amoroso *jocx-enamorats.* Eis alguns assuntos destas discussões poeticas: 1) quem se conduz melhor — o que não pode

[1] Joseph Anglade, *Les troubadours, leurs vies, leurs oeuvres, leur influence* já cit., pag. 71.

resistir á necessidade de falar na sua dama, ou o que, sem falar, pensa muito nela? 2) como se prova mais o amor duma dama? Confessando-o e publicando-o por todas as partes como timbre de glória, ou guardando-o no fundo da alma, como se oculta um tesouro? 3) ha dois maridos ciumentos. Um possue uma molher bela e cheia de mérito, o outro uma feia e grosseira: velam sobre elas com igual solicitude. Qual dos dois é menos censuravel [1]?

e) Géneros mais simples, mais ligeiros, mas nem por isso despidos de menos graça e sentimento eram o *planh, plang,* espécie de lamentação ou elegia amorosa; *alba* e *serena,* cantos da manhã e da tarde; *pastorela,* idilio ou écloga entre o poéta e uma pastora ou guardadora de gado; *bailada* ou *bailia* se se ocupava de bailes, *barcarolas* se tratava de assuntos marítimos, e cantigas de *romaria,* cujo nome indica claramente o objecto. Ligeiras, faceis, graciosas, estas composições mostram quasi invariavelmente o amante dirigindo-se á *mia senhor, fremosa mia senhor* — *cantigas de amor,* ou a namorada dirigindo-se em ternos queixumes ao seu *amigo* — *cantigas de amigo.* Ás vezes tomam feição levemente satirica — *cantigas de escárneo e mal-dizer.* Mas as duas primeiras espécies são indubitavelmente as mais mais formosas de quantas composições nos legou a lirica provençal. Estas qualidades notam-se sobretudo nas canções chamadas simplesmente *paralelisticas,* ou tambem *bailadas paralelisticas* ou *bailadas encadeadas,* em que a mesma idéa obedecendo a uma contextura ritmica de feição ingenuamente popular se repete já pelas mesmas palavras; já por termos sinónimos, mas de sons diferentes; já por palavras diversas mas adrede dispostas a dar maior variedade e graça á composição. Nascidas entre o povo as paralelisticas foram usadas pelos nossos melhores trovadores, e vêmo-las representadas na obra do nosso grande

[1] Vid. Balaguer, *Los Trovadores,* I, 3.

Gil Vicente [1] para se manterem através os séculos na poesia popular.

Encontramos exemplos de todos êstes géneros nos nossos cancioneiros medievais, como veremos acêrca dos principaes nos documentos, que serão citados nos respectivos logares da *Antologia*.

14. — **Trovadores, segreis e jograis.** Tres classes de poétas. « *Trovador* era o que cultivava a poesia e a música creando ou inventando obras novas, como *dilletante*, isto é, com inteira independência, por gôsto, sem idéa alguma de lucro. *Ségrel* era o que fazia da arte de trovar uma profissão aceitando paga pelas suas composições. *Jogral* era aquele cujo ofício consistia em tanger vários instrumentos de música e em cantar versos alheios, tendo-lhe este mister servido de ponto de partida para também inventar sons novos e lavrar cantigas novas. O trovador era homem de côrte, filho d'algo. O jogral vilão de nascimento; o segrel ou jogral da côrte era, na maioria dos casos, um dos nobres desqualificados. Como *trovar* era o único termo técnico e simples, que caracterizava o trabalho mental do poeta e compositor, e *trova* o nome genérico da criação poética, o título *trovador* competia em boa lógica, e por isso aplicava-se comummente a todos quantos, de facto trovavam, aceitassem ou não o prémio do seu saber, fossem de que nascimento fossem » [2].

E assim é que vemos reis, príncipes, nobres e senhores ricos e orgulhosos, nivelarem-se com indivíduos saídos da humilde classe do povo. Guilherme, VII Conde de Poitou e IX duque de Aquitânia [3], o primeiro entre todos, e outros poderosos figuram ao lado de Bernard de Ventadour, filho

[1] Cfr. J. J. Nunes, *Chrestomathia*, já cit., pg. CLVII. Id., *As cantigas paralelisticas em Gil Vicente*, Lisboa, 1910.

[2] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda*, cit., II, 629.

[3] A. Jeanroy publicou as *Poésies de Guillaume IX*, Paris-Toulouse, 1905.

dum forneiro do castelo [1]. Clérigos, monges fugidos do claustro, engrossam esta falange de cantores, que tam poderosamente influiu na civilização moderna [2].

15. — Antiguidade dos trovadores em Portugal. Os documentos que *actualmente* possuimos levam-nos a admitir que os primeiros poétas portugueses remontam aos principios do século XIII. Se são exactas as conjecturas da sr.ª D. C. M. de Vasconcelos a poesia mais antiga que possuímos alcança o ano de 1189 e é obra do trovador Pai Soárez, de Taveiroos. Tambem é possivel que o nosso D. Sancho I seja o autor duma linda cantiga feita sob a inspiração da célebre D. Maria Paes Ribeiro, a « Ribeirinha » como na nossa história é conhecida [3].

Noticias de haver jograes na côrte encontrâmo-las nós remontando a D. Sancho I, que em 1193 fazia doações de umas terras a dois deles — um tal *Bonamis* e um *Acompaniado*, prometendo eles em *robora* ou como emolumento *unũ arremedillũ,* o que significa um entremês e a que se pode chamar a primeira peça teatral da nossa literatura dramática [4]. Á volta de 1250 D. Afonso III mandava admitir na côrte sómente tres jograes, segundo lemos no

[1] J. Anglade, *Les Troubadours,* ob. cit. pg. 34. Este autor diz estar em preparação por C. Appel uma ed. de Ventadour, ob. cit., pg. 304.

[2] O tipo do Trovador é descrito nesta passagem célebre de Baena : ome que aia cursado cortes de Reyes e con grandes señores, y noble fidalgo, e gracioso, e cortés, e polido, e donoso, e que tenga miel, e azucar, e sal, e aire e donaire en su razonar, e outrosi que sea amador, e que siempre se precie e se finga de ser enamorado ; porque es opinion de muchos sabios que todo ome que sea enamorado, conviene a saber, que ame a quien debe, e como debe e donde deba, affirman e dicen que el tal de todas buenas doctrinas es dotado.

[3] Veja-se Sr. Conde de Sabugosa, *Donas de tempos idos,* Lisboa, 1912. O ilustre escritor dedicou o 1.º cap. do seu livro a D. Maria Paes, traçando-nos um retrato da encantadora feiticeira verdadeiramente magistral.

[4] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda,* II, 758 ; Sr. Conde de Sabugosa, ob. cit., pg. 32.

Regimento da Casa Real: « El-Rei aia tres jograres em sa casa, e nom mais; e o jogral que veer de cavalo doutra terra (ou segrel) de-lhe El-Rei ataa cem... (maravedis) ao que chus der, e non mais, se lho dar quiser » [1]. E o que é indubitável é que, como já ponderamos atrás (n.º 11), as poesias contidas no Canc. da Ajuda sam, na maioria, senão na totalidade, obra de trovadores afonsinos e pre-afonsinos. O nosso maior trovador é, porém, D. Denís destacando admiravelmente dessa pleiada, cujas biografias, tam laboriosamente organizadas, podem lêr-se na ed. monumental da sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, (II, 291-584).

16. — **D. DENÍS** (1279-1325) merece ser citado em primeiro logar. Ele recebeu dos seus dois mestres — Ayméric d'Ebrard (✝ 1295) e D. Domingos Jardo, ambos ilustres, uma educação literária tam completa, que se pode contar como o mais sábio monarca do seu tempo. Ayméric era filho dum gentilhomem francês, natural de Cahors, na Aquitânia, chamado Guilherme d'Ebrard, senhor de S. Sulpício, em Quercy, vezinho, por conseguinte, do célebre Guiraut de Bornelh, de quem conhecia os versos e cuja lingoa decerto falava [2]. O monarca português fê-lo bispo de Coimbra logo no primeiro ano do seu reinado. D. Domingos Jardo, bispo de Evora e mais tarde de Lisboa desde 1291, estudara na celebérrima universidade de París. Taes foram os homens a quem D. Denís deveu a cultura e o desenvolvimento dos seus dotes naturaes. Dessa cultura dão pleno testemunho muitos factos do seu reinado, como o mandar traduzir para português as leis das *Sete Partidas*, a *Crónica geral* ou *História de Espanha*, de Afonso o Sábio, e até do árabe a *História e Geografia da Península* do mouro Razis de Córdova, tradução que foi

[1] *Port. Mon. Hist. Leges*, pg. 199.
[2] E. Baret, *Les troubadours*, já cit.

feita pelo seu capelão Gil Pires [1]. Prova evidente dessa cultura é tambem a fundação dos *Estudos geraes* ou Universidade promulgada por um diploma solene de 1 de março de 1290 [2].

A sua côrte tornou-se o fóco duma intensa vida literária, vindo jograes e trovadores de Galiza, Lião e Castela, acolher-se á sua sombra. A sua morte foi um rude golpe dado á poesia trovadoresca como o deixa perceber o *planh*, que o jogral Joham (de Leon) compôs a esse propósito:

Os namorados que trobam d'amor
todos deviam gram doo fazer,
et nom tomar em si nenhum prazer
porque perderon tam boo senhor
Com'é el-rey D. Denis de Portugal.
....
....
Os trobadores que pois ficaron
eno seu reino e no de Leon,
no de Castella, e no de Aragon,
nunca pois de sa morte trobaron [3]!

Sam de dois géneros as canções que D. Denis compôs: *a*) umas, de caracter profano eram trovas próprias para se cantarem á teorba e de que em 1894 foi feita edição completa pelo sr. Henry Lang professor da Harward-University de New-Haven, com o título — *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal* [4]; *b*) outras de caracter religioso formavam o cancioneiro « *de louvores da Virgem N. S.* » [5].

---

[1] O original árabe é desconhecido; a tradução andava na Livraria do Conde de Vimieiro. Cfr. Nic. Antonio, *Bibl. Hisp. Vetus*, I, l. VI, CXII, n.º 80 e *Collecção dos Docs. e Memorias da R. Acad. de Hist.*, 1724, n.º XVII, pg. 9 e n.º XIX, pg. 6.

[2] Dr. A. de Vasconcelos, *Um documento precioso*, in-*Rev. da Univ. de Coimbra*, I, 1912, pg. 373.

[3] *Canc. portug. da Vaticana, ob cit.*, n.º 708.

[4] Em Halle, na casa editora de Max Niemeyer, 1894.

[5] A existência dêste cancioneiro é atestada por uma afirmação positiva e categórica de Duarte Nunes de Lião na *Cronica dos Reis*

As composições de D. Denís (76) estão escritas em verso endecassílabo, em redondilha maior e menor e sam na sua maior parte *cantares de amigo* e *cantigas de amor*, algumas *baladas* e *pastorelas*. Imitando os provençaes, como ele próprio diz,

Quer'eu em maneira de proençal
fazer agora um cantar d'amor [1]

o régio trovador cantou principalmente os sentimentos e tristezas do coração, não se encontrando na colecção das suas rimas, nem sirventes, nem cantos guerreiros, como muitos dos contemporâneos nos deixaram, o que bem se explica pelo seu génio ilustrado e pacífico.

Leiam-se as cantigas de amor, a pastorela e as baladas transcritas na nossa *Antologia*, e ver-se ha ao lado da simplicidade da lingoagem, a graça dessas composições, que tornaram consagrado o nome do rei trovador, de quem Ferreira escreveu: *honrou as musas, poetou e leo*. Ao lado de D. Denís figuraram os seus dois filhos bastardos, D. Pedro e D. Afonso Sanches.

17. — **D. PEDRO**, Conde de Barcelos, (1289-1354), a quem foi atribuido como se só poesias dele contivesse o chamado *Livro das Cantigas*, que em testamento outorgado em Lalim a 30 de março de 1350 legou a Afonso XI de Castela, livro que era dele, sim, mas pelo facto da colecionação e da propriedade [2]. Este

---

de Portugal, parte I, tomo II, pg. 77: « Grande trovador, diz ele referindo-se a D. Denís, e quasi o primeiro que na lingoa portuguesa screveo versos, segundo vimos por hum Cancioneiro seu que em Roma se achou em tempo del Rei D. João III *et per outro que stá na Torre do Tombo de louvores da Virgem N. S.* ».

[1] Lang, cit., pg. 41.

[2] Não está provado que esse *livro de cantigas* só contivesse produções de D. Pedro. No testamento o conde diz: « *mando o* meu *livro das cantigas a el Rey de Castella* » e não o livro das minhas cantigas ou o livro que eu fiz.

cancioneiro devia conter as poesias galaico-portuguesas recolhidas desde 1330 a 1350, em Portugal, Aragão, Lião, Galiza e Castela e deveria ser decerto uma colecção riquíssima. Infelizmente perdeu-se, e tudo quanto possa dizer-se sobre o valor das poesias que encerrava, seus autores, época e região em que viveram, bem como sobre as relações dele com os outros cancioneiros, não passa de meras conjecturas, mais ou menos verosímeis. Podemos fazer idéa do talento poético de D. Pedro pelas onze canções, aliás medíocres, quatro de amor e sete de escárneo, hoje recolhidas no *Canc. da Vatic.* (210-213 e 1037-1042). A sua glória é outra como prosador. O *Livro de Linhagens* ou *Nobiliário* que lhe tem sido atribuido, mas que dele não conserva senão uma parte deminuta, como adeante veremos, vincula, apesar de tudo, indelevelmente o seu nome.

18. — D. AFONSO SANCHES (1286-1329), irmão mais velho do antecedente, primogénito entre os nove bastardos de D. Denís, foi também trovador como se pode ver pelas canções, quer amorosas, quer satíricas, que existem compiladas no *Canc. da Vatic.* (17-27 e 365-368).

19. — Outros Trovadores. A par do rei e dos príncipes, muitos nobres, que formavam a côrte e pertenciam á sua casa militar ou eram funcionários e administravam a fazenda, como Pai Soárez, de Taveiroos, Afonso López Baian, Nuno Fernández Torneol, Airas Corpancho, e muitos outros — *ricos-homens, privados, escudeiros, cavaleiros,* etc. cultivavam também a poesia, concorrendo para avolumar esse número consideravel de trovas que enchem os cancioneiros, que ainda hoje possuimos, e que de certo formavam outros muitos que se perderam. A maioria e melhoria dessas canções sam, como já dissemos, de caracter amoroso — *Cantigas de amor,* muitas de confidências a amigos — *Cantigas de*

amigo, e muitas de feição satírica — *Cantigas de escárneo e maldizer*.

Se todas as poesias dos nossos trovadores existissem, elas, juntas ás que possuimos, formariam organizadas e dispostas um grande *Cancioneiro geral galaico-português*, que se podia tripartir em:

I — *Cancioneiro de Amor*.
II — *Livro de cantares de amigo* ou *Livro das Donas*.
III — *Cancioneiro de Burlas*.

20. — Origem dos Cancioneiros. As composições trovadorescas foram a princípio recolhidas em grandes folhas de pergaminho e acompanhadas da respectiva notação musical, aproveitando-se as maiúsculas para lindas e delicadas miniaturas. Com o tempo essas folhas reunidas formaram cadernos; daí as coleções que modernamente se designaram por *Cancioneiros* abrangendo poesias de diferentes autores e várias épocas. Pena é que muitos deles se perdessem sabendo nós da sua existência, hoje, apenas por uma ou outra informação dada de passagem nos autores e por conjecturas mais ou menos fundamentadas.

Atualmente os cancioneiros galaico-portugueses que possuimos sam: o da *Ajuda*, o da *Vaticana* e o de *Colocci-Brancuti* [1].

[1] Sobre o assunto merecem lêr-se: a *introd.* e *notas* de Varnhagen ás *Trovas e cantares*, adeante cit., e os alemães: Bellermann, *Die alten Liederbucher der Portugiesen oder Beiträge zur Gesch. der portugiesiesischen Poesie vom 13 bis zum Anfang des 16 Iahrhunderts, nebst Proben aus Handschrifften und alten Drucken*, Berlim. 1840, monografia que é, diz Kaussler (*Canc. Geral*, ed. de Stuttgard, *Vorwort*, I, VII) fruto de investigações de muitos anos feitas em Portugal mesmo; F. Wolf, *Zur Geschichte der portugiesischen Litteratur im Mittelalter* nos *Studien zur Gesch. der spanischen und portug. Nationalliteratur*, Berlim, 1859, estudo a que deu ocasião o trabalho cit. de Bellermann; F. Diez *Ueber die erste portug. Kunst-und Hofpoesie*, Bonn, 1863. A todos esses trabalhos sobreleva, porém, a ed. monumental da

21. — Cancioneiro da Ajuda. E' assim denominado por se conservar na biblioteca da Ajuda, sendo tambêm conhecido por « *do Colégio dos Nobres* » porque era na antiga livraria dêste colégio, que se guardava, e aínda por « *Livro das Cantigas do Conde de Barcelos* » porque se julgou que todas as canções que continha eram de D. Pedro, um dos filhos bastardos de D. Denis e ele proprio trovador, como dissemos (n.º 17).

Foi publicado pela primeira vez pelo menistro inglês Carlos Stuart Rothesay, em 1823, numa edição de 25 exemplares rigorosamente diplomática. Francisco Adolfo de Varnhagen, o erudito brasileiro, fez em Madrid, em 1849, uma nova edição com o título — *Trovas e cantares de um codice do XIV seculo ou antes, mui provavelmente, o livro das cantigas do Conde de Barcellos* (1 vol. 370 pg.), julgando-o assim erroneamente do Conde D. Pedro por o encontrar encadernado num mesmo volume com o *Nobiliário* atribuido a esse autor. Mas nem as canções dessa colecção formam o cancioneiro do Conde de Barcelos, nem deve confundir-se o *Cancioneiro da Ajuda* com o *Livro das Cantigas*. Contém ele 286 canções completas e 27 fragmentos doutras, todas escritas em galego. 56 cantares estão repetidos no Cancioneiro da Vaticana.

E' o mais antigo dos nossos cancioneiros, ignorando-se inteiramente a sua história antes de ter sido descoberto no depósito do Colegio dos Nobres, mas devendo remontar aos fins do século XIII, á roda de 1275 a 1280. Está escrito em pergaminho. A letra inicial de cada canção é maiúscula e colorida; mas não traz as notas musicaes nos primeiros versos de cada canção, o que é, em verdade,

sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, tantas vezes citada. No vol. II, 286-268 desta obra encontra o leitor luminosas conjecturas sobre a origem e inter-dependência dos cancioneiros portugueses.

uma falta lamentavel [1]. A sr.ª D. Carolina Michaëlis supõe o códice actual truncado. Na sua opinião é um fragmento do *Canc. de Amor*, isto é, da parte primeira do *Canc. geral galaico-português.* Contém canções de amor de trovadores afonsinos e pre-afonsinos, quer dizer, dos poétas mais antigos conhecidos.

Os trabalhos da ilustre Senhora a propósito dêste Cancioneiro abrangem tres volumes: o 1.º) contém [a]) o *texto*, [b]) a *fórma* ou análise métrica da canção, [c]) um *resumo*, em alemão, das idéas expendidas pelos trovadores e [d]) *notas* escritas nos sec. XV-XVI por leitores diversos nas margens do códice e traslado dalgumas traduções de Diez e de Storck [2]; o vol. 2.º) compreende as investigações bibliográficas, biográficas e histórico-literárias relativas ao Cancioneiro; o vol. 3.º) (em elaboração) fornecerá notas relativas ás trovas e um glossário completo, bem como elucidações sobre o conteúdo e fórma, metrificação e lingoagem das diversas poesias. Tal é o vasto estudo da destintíssima escritora, o mais luminoso, erudito e sólido que sobre lírica provençal até hoje apareceu entre nós.

22. — Cancioneiro da Vaticana. Foi o alemão Fernando Wolf o primeiro que chamou a atenção dos bibliófilos para este Cancioneiro achado no reinado de D. João III em Roma, na biblioteca Vaticana, onde estava registado sob o n.º 4903 [3], e para onde foi, talvez

---

[1] *Fragm. d'um Canc. inedito, que se acha na livraria do real colegio dos Nobres de Lisboa.* Impresso á custa de Carlos Stuart, Paris, 1823. A tiragem foi de 25 exemplares, distribuidos por dádiva do autor. A outra ed.: *Trovas e cantares de um codice do XIV seculo, ou antes, muito provavelmente o livro das cantigas do Conde de Barcelos*, por F. A. Varnhagem, Madrid, 1849 (1 vol. 370 pag.).

[2] *Canc. da Ajuda*, I, pag. XI-XII.

[3] Na sua obra já cit., *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationallitteratur*, Berlim, 1859, 1 vol.

oferecido por algum dos nossos monarcas ao papa, no tempo em que a poesia dos trovadores era tida em alta estima. O visconde da Carreira, nosso embaixador em Roma, fez extrair do precioso códice uma cópia e em 1847 o brasileiro Caetano Lopes de Moura deu-o á estampa com o titulo — *Cancioneiro d'el-rei D. Dinis, pela primeira vez impresso sobre o manuscripto Vaticano, com algumas notas illustrativas e uma prefação historico-literaria*, Paris, 1847. (1 vol. 196 pag.).

Era tam sómente uma parte das muitas canções contidas na vastíssima colecção. Em 1857, dez annos depois da edição de Moura, Francisco Adolfo de Varnhagen descobriu em Madrid numa biblioteca particular um exemplar do Cancioneiro da Vaticana, do qual fez uma cópia, que depois, com o intuito de publicar, confrontou com o existente em Roma. Circunstâncias diversas fizeram com que só em 1872, e tambem só em parte, o dedicado bibliófilo realizasse os seus desejos publicando em Viena de Austria uma colecção escolhida dos cantares do grande Cancioneiro de Roma á qual pôs o titulo — *Cancioneirinho de trovas antigas*.

Foi em 1865 que a empresa da publicação foi levada a cabo por um estrangeiro — o sr. Max Niemeyer, um benemérito a quem a literatura portuguêsa muito deve. Saiu o manuscrito publicado com este título: — *Il canzoniere portoghese della Biblioteca Vaticana, messo a stampa da Ernesto Mónaci con una prefazione, con fac-simili e con altre illustrazioni*. Halle, 1875.

Pelo estudo de Mónaci ficou-se sabendo a história externa do códice, que era uma cópia remontando aos fins do século XV ou princípios do XVI feita por indústria do filólogo italiano Angelo Colocci († 1549). Tem 210 folhas, faltando-lhe 42 que se conjectura que tambem faltassem no original. Aparecem nele 56 cantigas communs ao Cancioneiro da Ajuda. Como esta edição era rigorosamente diplomática, o sr. Dr. Th. Braga empreen-

deu em 1878 uma nova edição que saiu em Lisboa com o título — *Cancioneiro portuguez da Vaticana* [1].

Das canções de D. Denis, incluídas no Cancioneiro da Vaticana, depois da canção 79, foi que o Dr. Lang fez na casa editora de Halle uma edição especial, que é um modelo de semelhantes trabalhos e que já atrás referimos.

23. — **Cancioneiro Colocci-Brancuti.** Este cancioneiro é um códice que nos princípios do sec. XVI mandou copiar de outro mais antigo o sábio filólogo italiano Angelo Colocci. Contém todas as poesias do Cancioneiro da Vaticana e mais 442. 190 encontraram-se no Cancioneiro da Ajuda. Foi o professor Corvisieri quem, trabalhando em Cagli na livraria do Conde Brancuti, o descobrio e comunicou a Enrico Molteni, discípulo de Mónaci. Vem do primitivo possuidor Colocci e do actual Brancuti o nome por que hoje é conhecido. Mónaci publicou-o em 1880, mas só na parte que falta no Cancioneiro da Vaticana, do qual é seu natural complemento: *Il canzionere Portoghese Colocci-Brancuti pubblicato nelle parti che completano il codice vaticano 4083 da E. Molteni con un facsimili in eliotipia; Halle, Max-Niemeyer, 1880.*

24. — **Importância dos Cancioneiros.** E' enorme o valor dos Cancioneiros não só como documentos da lingoa, mas ainda como documentos literários e históricos. As idéas e os sentimentos duma época, para nós tam interessante, descobrem-se atravez das fantasias dos poétas. As tradições, as lendas, os costumes, o viver e as preocupações da sociedade têem neles grande parte. Quer

---

[1] Deve ler-se sobre esta ed. a critica do sr. Epiphanio da Silva Dias na *Zeitschrift für romanische Philologie, herausg. von Gröber,* XI, pag. 42-55. Lang no *Das Liederbuch des Königs Denis* tambem aprecia severamente esta ed. « que revela a maior arbitrariedade tanto em relação á lingoa, como á medida e sentido ».

dizer, os cancioneiros encerram uma fonte preciosa de indicações linguisticas, históricas, e sociaes, ainda mal adivinhadas, descobrindo-se também por entre a aridez e monotonia, que enchem muitas das suas páginas, a verdadeira e legítima poesia. Assim sucede, diz um ilustre escritor do país vezinho, com o que podemos chamar *barcarolas, canções de amigo* e outras delicadas e suavíssimas inspirações, primeira manifestação genuína do lirismo peninsular [1].

PROSA

HISTÓRIA

25. — **Primeiros ensaios históricos** A história de Portugal aparece e funda-se com os trabalhos daquele que por esse facto chamamos — o pai da história portuguesa — Fernão Lopes, que é do período imediato.

Ha, no entanto, alguns autores, como D. Nicolau de Santa Maria, que sustentaram que o ofício de cronista foi muito anterior a Fernão Lopes, sendo o primeiro cronista o prior de Santa Cruz, João Camelo, capelão de D. Afonso Henriques e por ele nomeado para aquele cargo [2]. João Camelo escreveu o *Summário das Famílias e primeiros conquistadores d'estes reinos* [3], que foi continuado pelo seu sucessor no mesmo cargo de cronista, Pedro Alparde ou Alfarde, seguindo-se a este os outros priores *claustraes* de Santa Cruz. Estas afirmações por falta de base sam hoje unanimemente contestadas [4]. O que nestes tempos antigos nos aparece numa ordem de

---

[1] Menendez y Pelayo, *Ob. cit.*, pag. LXXXV.

[2] *Chron. da Ord. dos Con. Reg.*, l. IX, c. IX.

[3] Brandão, *Mon. Lusit.*, part. V, l. XVII, c. V.

[4] Fr. Manoel de Figueiredo, *Diss. hist. e crit... para apurar o catalogo dos chron. móres do reino e ultramar*, Lisboa, 1789.

trabalhos que se liga com a história é, àlêm de vários documentos legislativos [1] e dalgumas narrações escritas em latim [2] e que estão fóra do nosso quadro, o que se encontra publicado nos *Portugaliae Monumenta Historica*, no volume denominado *Scriptores* (I). Eis a sua enumeração:

1. — *Crónica breve do Arquivo Nacional*, memória dalguma centena de linhas, que chega sómente ao reinado de D. Denís e parece ser o mais antigo fragmento de história, que possuimos (*Log. cit.*, pg. 22-23).

2. — *Crónicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz*, que foram talvez compiladas pelos fins do sec. XV, (*Ibid.*, pg. 23-32).

3. — *Os Livros de Linhagens*, a que abaixo particularmente nos referimos (*Ibid.*, pg. 143-389).

4. — *Crónica da fundação do mosteiro de S. Vicente de Lisboa* ou simplesmente *Crónica dos Vicentes* (*Ibid.*, pg. 407-414, interessante e curiosa narrativa, que foi modernamente reimpressa [3].

5. — *Crónica da Conquista do Algarve* já publicada nas *Mem. de Lit. da Acad.* I, 74-98 e agora no *Port. Mon. Hist.*, pg. 415-420.

Acrescentemos ainda a

6. — *Vida de S. Isabel* impressa por Brandão na *Mon. Lus.*, VI, pg. 495-534; e uma

7. — *Crónica General* ou *Estoria de Espanha* [4] escrita por Afonso o Sábio e mandada traduzir por D. Denís, continuada no reinado de D. Afonso V até 1455, e come-

---

[1] *Port. Mon. Hist.: Diplomatae et Chartae. — Inquisitiones. Leges et Consuetudines.*

[2] *Port. Mon. Hist.*, no vol. I — *Scriptores.*

[3] No Porto, 1873.

[4] Recentemente editada na *Nueva Biblioteca de Autores Españoles* publicada por D. Ramon Menéndez Pidal, Madrid, 1906, 1 vol.

çada a publicar em Coimbra em 1863 pelo dr. Antonio Nunes de Carvalho [1].

26. — Livros de Linhagens. Dentre todas estas crónicas ou narrações merecem com justiça destacar-se os chamados *Livros de Linhagens*. Estes livros, que desde o século XVII começaram a ser conhecidos por *Nobiliários* [2], sam registos aristocráticos das famílias nobres de Portugal e constituem um repositório interessantissimo dos feitos e das lendas que entretinham a imaginação popular, sendo tambem um documento precioso para o estudo da lingoa nos seus primeiros desenvolvimentos.

Supunha-se antigamente que D. Pedro, conde de Barcelos, era seu único e exclusivo autor, mas A. Herculano demonstrou que « o livro das linhagens, chamado do conde D. Pedro, é o livro não dum homem, mas sim de um povo, de uma época; é uma espécie de registo aristocrático, cuja origem se vae perder nas trevas que cercam o berço da monarquia... e talvez que, no estado em que hoje o vemos, seja aquele a quem se atribue o que nele tenha mais deminuto quinhão ». Houve pois, primitivamente um registo aristocrático que com o tempo se foi transformando e aumentando, devido isso já ao desenvolvimento e multiplicação das gerações, já á influência de indevíduos e de famílias poderosas que buscariam, com razão ou sem ela, alterar as tradições da própria origem, quando isso servisse a interesses materiaes ou a emulações nobiliárias.

---

[1] Fr. Fortunato de S. Boaventura publicou em 1829 tres tomos com o título — *Collecção de ineditos portuguezes nos seculos XIV e XV que ou forão compostos originalmente, ou traduzidos de varias linguas, por monges cistercienses deste Reino, ordenada e copiada fielmente dos manuscritos do mosteiro de Alcobaça.* Coimbra, 1829.

[2] Foi João Baptista Lavanha quem em 1640 lhes pôs pela primeira vez este nome.

Possuímos hoje dos *Livros de Linhagens*, anteriores ao século XVI, quatro redações que sam:

1.ª — O mais antigo chamado *Livro Velho*, publicado no tomo 1.º das *Provas da Hist. Genealogica*, pg. 145;

2.ª — O fragmento, proximamente da época do antecedente, que se acha impresso depois daquele no mesmo volume das *Provas* e que o acompanha na mesma denominação de *Livro Velho*.

3.ª — Um fragmento de nobiliário ainda inédito, que anda desde o sec. XVI encadernado junto ao manuscrito do *Cancioneiro da Ajuda*.

4.ª — Aquele que foi atribuido ao Conde D. Pedro, chamado por isso « Nobiliário do Conde D. Pedro », e que se conserva manuscrito no Arquivo Nacional da Torre do Tombo [1].

Além das edições de Lavanha [2] e de Faria e Sousa [3] possuimos a do *Port. Mon. Hist.* que é cópia exata e completa do apógrafo existente no arquivo da Torre do Tombo e que se julga ser do século XV [4].

Estes documentos tēem sido fonte de trabalhos de grande valor, como o *Canc. da Ajuda* da Sr.ª D. Carolina M. de Vasconcelos, os *Brazões da Sala de Cintra* do Sr. Braacamp Freire e deram o fundo dalgumas narrativas de A. Herculano, do *Odio velho não cansa* de Rebelo da Silva, das *Telas antigas* do Sr. Alberto Pimentel, de *O que morreu de amor* do Sr. Julio Dantas. Basta isto para tornar benemérita a memória de D. Pedro como

---

[1] *Mem. sobre os livros de linhagens* nas *Mem. da Acad. das sc.*, I, nova série, classe 2.ª, pag. 35-47 e *Port. Mon. Hist.*, I, *Scriptores*, pag. 133;

[2] *Nobiliario de D. Pedro, conde de Barcellos* (sic) higo delrey D. Dionis de Portugal, etc., Roma, 1650.

[3] *Nobiliario de D. Pedro, conde de Barcellos*, etc., *tr. y illustr.* por M. de Faria e Sousa, Madrid, 1646.

[4] Vol. I, *Scriptores*, 230-390.

autor dessa iniciativa a que ficará indelevelmente ligado o seu nome.

NOVELAS

27. — Novelas de Cavalaria. Na efervescencia da vida literária, que esboçamos a largos traços, as novelas brevemente tomaram o seu logar. O espirito geral do maravilhoso domina ainda certas composições tam curiosas, tam cheias de graciosas lendas que se denominam *novelas* ou *romances de Cavalaria.* O assunto destas novelas gira no tríplice ciclo já indicado por Jean Bodel, poéta do século XIII, nos dois versos

« Ne sont que trois materes a nul home entendant,
« De France, de Bretagne et de Rome la grant. »

Podemos, pois, destinguir tres matérias ou ciclos, isto é, tres grupos de poémas ligados entre si pelo seu objecto e natureza — *ciclo francês, ciclo bretão* e *ciclo antigo* ou *clássico.*

28. — Ciclo Carolíngio. A *matéria de França* fórma o ciclo *carolíngio* ou de Carlos Magno e seus companheiros de armas, e canta as proezas por eles operadas nas lutas em Espanha e Itália contra os Saxões. Foi sobretudo a estes poémas que se deu o nome de *Canções de gestas,* as quaes se filiam historicamente nas cantilenas dos germanos com que eles, nesses pequenos poémas inspirados, celebravam a coragem e a bravura dos seus chefes. Logo desde o século X se começou a formar a lenda em volta de Carlos Magno e dos seus paladinos. Dessa poésia anónima surgiram as primeiras *gestas* que circularam na Europa e que foram a *Chanson de Roland,* e a de *Gérard de Roussillon,* a de *Ogier,* a de *Raoul de Cambrai* e a de *Aliscamps,* sendo a mais célebre de todas a de Rolando, sobre a derrota dos francêses nas gargantas dos Pirineus (778). Houve até quem a comparasse

á *Iliada* mas, embora monumento de imaginação vigorosa é, todavia, da arte insuficiente [1].

O caracter deste ciclo é o entusiasmo guerreiro e a bravura militar. O heroísmo é a principal virtude que se celebra. Rolando, morrendo em Roncesvales, farto de pelejar, exangue e desfalecido, vivo ele só no campo de batalha coberto dos cadáveres de vinte mil francêses, derrotados pelos quatrocentos mil sarracenos, é o protótipo da valentia, o tipo inexcedivel do cavaleiro medieval, a encarnação da pátria, da honra e do dever [2].

A influência dêste ciclo na literatura do nosso país foi grande, encontrando-se numerosas alusões aos seus heróis e aos feitos lendários que praticaram. O verso alexandrino francês aparece em alguns romances populares portuguêses; a sanfonha, instrumento músico, a que eram acompanhadas as gestas, ainda se encontra entre o povo. Nomes próprios como *Alda* derivado de Aude, a amante de Roland (Roldão), *Valdevinos* ou *Baldovinos*, de Baudouin ou Baldouin, que até se tornou nome apelativo como sinónimo de *vadio, vagabundo, Roldão* que teve a mesma sorte — homem *valentão, destemido*, e os de *Ferrabrás, Oliveiros, Turpin, Gaiferos, Montesinos*, acham-se em documentos antigos e vulgarizados em cantares populares, alguns dos quais ainda hoje subsistem. É na *Chanson de Roland* que foram inspirados os cantares populares relativos à derrota de Roncesvales, à perda do almirante Guarinos, ao desaparecimento de D. Beltrão, à morte de D. Alda, de que subsistem vestigios, dêste

---

[1] Conhecida tambem pelo nome de *Roman de Ronceval* e *Roman de Roland et Olivier*. É anónima. O mais antigo texto remonta á segunda metade do século XI. Foi descoberto em Oxford e pela primeira vez publicado em 1837. Cfr. a ed. de Petit de Julleville, Paris. Lemerre, 1878.

[2] Vid. Gaston Paris, *Esquisse historique de la litterature française au moyen âge*, Paris, 1907, pg. 71.

último até numa comédia de Gil Vicente [1], entrando outros na literatura de *cordel*, como o de Valdevinos, em folheto de que é autor o cego Baltasar Dias — *Tragedia do Marquez de Mantua e do Imperador Carloto (sic) Magno, a qual trata como o Marquez de Mántua, andando perdido em caçada, achou a Valdevinos, ferido de morte; e da justiça que por sua morte foi feita a D. Carloto, filho do Imperador*. Um dos romances populares mais conhecidos e mais cantados em Portugal é o doutra personagem do ciclo carolingio — o do Conde Claros de Montalban e dos seus amores com a Infanta Claraniña, filha do Imperador.

Enfim, a imaginação popular até criou uma singular personagem — Durandarte — personificação da espada de Roldão, o invencivel [2]!

A influência do ciclo *carolíngio* em Portugal evidencia-se ainda pela popularidade que entre nós teve a *História de Carlos Magno e dos doze Pares de França*, conhecida desde os principios do século XVI em ediçõis castelhanas, e em traduções portuguêsas desde 1728, ano em que o médico Jerónimo Moreira de Carvalho publicou a primeira que apareceu [3].

29. — **Ciclo Bretão.** A *matéria de Bretanha* fórma o ciclo dos poémas que têem por assunto as façanhas épicas de Artus ou Artur, último rei dos Bretões. Este heroi das guerras contra os anglo-saxões, viveu, segundo a lenda, no século VI. Fôra um conquistador invencível,

---

[1] Na *Rubena*. Cfr. a minha ed. das *Obras de Gil Vicente*, Coimbra, 1912, vol. II, pg. 33.

[2] Vid. Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos — *Estudos sobre o romanceiro peninsular, romances velhos em Portugal*, Madrid, 1909, 1 vol.

[3] *Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, trad. de Castelhano em Portuguez com mais elegancia para a nossa lingoa*, etc. É o título da ed. de 1750, que conheço.

tendo expulsado os saxões de Inglaterra e levado as suas vitórias até Roma. Depois de inumeráveis conquistas, chamado pela revolta de seu sobrinho Mordred, dá a este usurpador e traidor uma terrivel batalha, em que o mata e ele fica ferido. As fadas levam-no então numa barca misteriosa para a ilha Avalon, « país de eterna mocidade », donde voltará para libertar os Bretões. Como no ciclo anterior um pequeno número de factos reaes desaparece sob a poésia das lendas, que os transfiguram. Estas lendas, fruto de pura fantasia, sam:

a) a da *Távola Redonda*, assembléa de doze pares, todos entre si eguaes, que se assentavam sem distinção em volta duma mesa redonda, isto contra o uso geral da idade-média, que só admitia as mesas rectangulares, em que os logares eram ocupados segundo a hierarquia dos convivas. Fôra Artus quem estabelecera esta ordem da Távola Redonda na sua cidade de Caërleon. Da sua côrte partem vários cavaleiros, como Perceval, Lancelot du Lac, Gouvain e outros em procura do *Santo Graal*, operando em toda a parte prodígios, atravessando florestas em que a fada Viviana conserva prisioneiro o encantador Merlin, o que origina um grande número de lendas e de romances. Estes romances tiveram em Portugal grande voga. D. Denis cita no seu *Cancioneiro* os poémas de *Tristão* e *Yseult* e os de *Flores* e *Brancaflor*; seu filho D. Pedro admite no *Nobiliário* o *Roman* de Brut; no tempo de D. João I traduz-se a *História dos cavaleiros da Mesa Redonda e da demanda do Santo Graal*. Fernão Lopes cita as personagens da Távola Redonda — Lançarote, Dom Quea, Galaaz. D. Duarte tem na sua livraria os principaes poémas deste ciclo, como *Merlin* e *Tristão*. D. Nuno Álvares Pereira imita a virgindade de Galaaz. Os cavaleiros portuguêses equipáram-se aos herois do ciclo adoptando os nomes de *Yseult, Artus, Lançarote, Tristão, Percival, Lisuarte*, etc. Mas todos

estes livros se perderam. Nem um só dos que formavam a biblioteca de D. Duarte chegou até nós.

b) A lenda do *Santo Graal*. O *graal* era a taça misteriosa por onde Jesus Cristo bebêra na última ceia e na qual José de Arimatia recolhêra o sangue derramado na cruz. Dizia a lenda que este vaso fôra guardado numa floresta de Nortumberland para escapar ás profanações dos saxões, esperando o momento em que cavaleiros eleitos de Deos o descobrissem, depois de terem obrado grandes feitos de armas. O primeiro e principal romance do Santo Graal é o do poéta Chrestien de Troyes (1140) [1].

Tudo quanto nos resta cifra-se: 1) num *Livro de Joseph ab Arimatia*, ms. n.° 643 da Torre do Tombo e cuja composição parece remontar ao ano 1314 [2]; 2) numa *História de Vespasiano* impressa em 1496 [3] e 3) na *História do Santo-Graal*, de que se conserva o manuscrito na Biblioteca palatina de Viena de Austria e de que se acham publicados alguns fragmentos [4].

---

[1] São dignos de menção, em verso, os romances: *Perceval le Gallois*, *Chevalier au lion*, *Lancelot en la charrette*, *Érec et Enide*, e *Cligès*; e em prosa: o *Santo Graal*, *Merlin*, *Lancelot* e sobretudo *Tristan et Iseult*, todos de Chrestien de Troyes.

[2] Vid. *Rev. Lusit.*, VI, 332.

[3] Apesar de impressa nos fins do século XV é talvez cópia dum texto mais antigo segundo a conjectura de F. M. Esteves Pereira que fez do rarissimo livrinho nova e esmerada ed., Lisboa, 1905.

[4] Apontado aos bibliógrafos desde 1838 foi por Varnhagem descrito no *Cancioneirinho de trovas antigas*, pg. 165 e 168 (Vid. também do mesmo autor *Livros de cavalarias*, pg. 19 e seg.).

A publicação, compreendendo as primeiras 75 fls. do ms., deve-se ao benemérito estranjeiro Carl von Reinhardstoettner († 1909) e dela se encontra na nossa Antologia um pequeno excerpto; vid. *A Historia dos Cavaleiros da Mesa redonda e da demanda do Santo Graal; Handschrift n.° 2594 der K. K. Hofbibliothek zu Wien, zum ersten male veröffentlicht von Karl von Reinhardstoettner*; 1.° vol., Berlim, 1887. (Deste lusitanófilo pode ver-se o retrato e noticia bibliográfica em J. Leite de Vasconcelos — *O Dr. Storck e a lit. portuguesa*, Lisboa,

Caracteriza-se o ciclo bretão pela doçura e graça das composições. É mais lírico, mais sentimental e subjectivo que o anterior. O ciclo francês é mais violento, este mais delicado. Predomina aqui um duplo misticismo, o cavaleiresco e o religioso. O ciclo francês deriva do espírito dos germanos, o bretão do dos celtas. Foram cantores ambulantes que pela Bretanha executavam na harpa « *lais* », isto é, curtos trechos de música acompanhados de cantos, que não podemos dizer hoje com rigor se seriam puramente líricos ou já narrativos, nem mesmo se eram em bretão, ou já em francês. Os *lais* referiam-se a aventuras de amor ou a contos feéricos, cujos herois pertenciam á tradição clássica; os que os executavam juntavam-lhe um comentário oral em que a aventura era contada [1]. Eram geralmente em versos de oito sílabas. Do celta foram traduzidos para francês e daí se espalharam para diversos países.

30. — Ciclo Greco-Latino. *Roma a grande* fórma o ciclo greco-latino, que versa sobre as personagens e factos da história antiga, revestidos dos costumes, crenças, e opiniões da idade-média. Troia era um *castelo*, os filhos de Príamo *boons cavaleiros*, Helena uma *fremosa dona*, Eneas um *ricomem* [2]. Os demais herois da história clássica Alexándre, Cesar, Heitor, revivem assim completamente transfigurados.

Nas coplas do menestrel da idade-média, escreve Garrett, os donairosos sonhos da mitologia, assim como os

---

1910, pg. 331). O Dr. O. Klobb. publicou na *Rev. Lusit.*, VI, 332, *Dois episódios inéditos* do Santo Graal.

Tanto o Dr. O. Klobb, como o Dr. Wechssler, copiaram, com o intuito de a publicar, a obra inteira, mas até hoje, que eu saiba, nada saíu àlêm do que fica apontado.

[1] Gaston Paris, *Esquisse historique de la littérature française au moyen age*, já cit., pg. 76.

[2] Sr. Th. Braga, *Curso*, pg. 111.

severos sonhos da crença, tomavam sempre os hábitos sociaes do seu tempo. Júpiter era Dom Júpiter, rei de corôa na cabeça e barbas até á cinta, rodeado de condes e de pagens, servido por nobres donzelas de espartilho e toucas altas: San Miguel e o próprio Lúcifer dois cavaleiros de lança em punho e escudo embraçado, justando em mui leal batalha nessas nuvens, com Legiões e Potestades por mantenedores do campo; o Olimpo era um castelo feudal e o Ceo uma roca-forte. Em suma, sem princesas e cavaleiros não havia poesia para eles, nem a podia haver, porque essa era a vida que eles conheciam, o belo e sublime da vida que concebiam. Foi o *Roman de Troie* a fonte das peninsulares *Histórias de Troia,* a mais velha das quaes talvez se elaborasse no tempo do Sábio antes de 1253 [1]. Mas o melhor romance dêste ciclo é o *Roman d'Alexandre* escrito no século XII em versos de doze silabas por Lambert de Tours e Alexandre de Bernay ou de Paris, de quem veio o nome de *alexandrinos* dado a esta espécie de versos.

Vê-se bem a influência dêste ciclo em Portugal nas lendas ligadas á nossa história, por exemplo, na da fundação de Lisboa por Ulisses [2].

Na poesia popular tambem deixou vestigios, embora não tam numerosos como o ciclo carolingio. O conto *Hero e Leandro,* o cerco de *Troia,* as crueldades de *Nero* foram mais ou menos longamente memorados, havendo tambem alusões a Dido e Eneas, Aquiles e Polixena, Páris e Helena, Orfeo e Euridice [3].

---

[1] A. Garrett, *Romanceiro e Cancioneiro Geral,* t. 1.º, pg. 144, na ed. de Lisboa, 1843.

[2] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda,* II, 718. Romances principaes dêste ciclo sam: o *Roman de Troie,* de Benoit de Sainte-More, do século XII, composto de 30:000 versos. A este poéta se atribuem ainda o *Roman d'Enéas* e o de *Thèbes.*

[3] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Estudos sobre o Romanceiro,* já cit., pg. 154.

31. — Ciclo dos Amadises. Além dêstes ciclos devemos enumerar o dos *Amadises*, que, originário das gestas francêsas, foi o que maior vulgarização teve nas literaturas novi-latinas [1]. Quem foi o creador dêste novo tipo de seres lendários, que tam grande simpatia adquiriu na Europa culta de então? qual a sua pátria? Em que língoa foi escrito o primeiro Amadis? em portugues? em castelhano? em francês? Difícil e discutidíssimo problema até hoje sem solução cabal. Os textos não nos autorizam a uma afirmativa categórica, escreve Menéndez y Pelayo, mas a tradição portuguêsa é antiga e tem em seu abono poderosas razões. Todas estas efectivamente militam em favor do trovador português Vasco de Lobeira, contemporâneo del-rei D. Afonso IV.

O facto de se ter perdido o original português de que, desgraçadamente, nem uma só cópia se conhece, deu origem a tantas discussões como as que a este propósito se levantáram [2], sustentando vários autores, desde Gayangos [3], que já no princípio da segunda metade do século XIV, por 1359, se liam e estavam vulgarizados em Castela os tres primeiros livros do Amadis, e que portanto a redacção primitiva foi castelhana, sendo devida

---

[1] A série dêstes romances principia nos do nome de *Amadises*, e continúa nos de *Sergas de Esplandian* (1510), *Florismarte de Hircania*, *Galaaz*, *Florestam*, o *Palmeirim de Oliva*, e o primeiro entre os de toda a série — o *Palmeirim de Inglaterra* de que adeante nos ocupamos, etc. Vid. A. Herculano, *Panorama*, t. IV, pg. 7-8.

[2] Vid. Sr. Th. Braga, *Ob. cit.*, pg. 103 e seg.; Innocencio da Silva, *Dicc.º Bibliogr.*, t. VII, verb. « Vasco de Lobeira ». Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, art. « Vasco Lobeira » diz que o original se conservava na livraria dos duques de Aveiro.

[3] Cf. *Discurso preliminar* nos *Libros de Caballeria* (1857), in *Bibl. Rivadeneyra*, vol. 40. Recentemente defendeu a mesma opinião o Dr. Gottfried Baist, prof. em Freiburg, cujas opiniões e sua refutação podem lêr-se na Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Canc. da Ajuda*, II, 514 e seg.

a Garcia Ordóñez de Montalvo. Sem podermos opor a estas pretensões um argumento decisivo como seria o do texto português, todavia poderosas conjecturas induzem a crer que a redacção primitiva dêste romance foi obra do referido trovador português Vasco de Lobeira, cabendo-nos por isso a glória da prioridade da redacção em prosa do primeiro tipo da família dos Amadises [1]. Basta para o confirmar a análise do próprio romance, no qual se diz que um infante D. Afonso de Portugal indicou ao autor que modificasse o rigor com que tratava a heroína Briolanja. Este infante não podia ser outro senão o que depois foi rei D. Afonso IV, após o falecimento de D. Denís seu pae, em 1325. Esta atribuição do Amadis a Vasco de Lobeira é tambem feita em 1454 por Gomes Eanes de Zurara na sua *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes* [2], que escreve: « ... *livro* (no singular, note-se) *do Amadis feito a prazer de um homem que se chamava Vasco Lobeira, em tempo d'el-rei D. Fernando, sendo toda-las cousas do dito livro fingidas do Autor* ». O mesmo se confirma pelo testemunho do filho do poéta dr. Antonio Ferreira, em 1598, quando se refere a dois sonetos, o primeiro dos quaes principia:

> Bom Vasco de Lobeira, de gran sen,
> De pran que vós havedes bem contado
> O feito d'Amadys, o namorado
> ....

que ele, embora erradamente, atribuia a seu pae, mas onde diz: « estes dois sonetos fez meu pae na lingoagem que se costumava neste Reyno em tempo del Rey D. Denis que he a mesma em que foi composta a *historia de Amadis*

---

[1] Vid. essas razões metodicamente expostas pela sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Geschichte der portug. Lit.* cit., pg. 216-225.
[2] Liv. I, cap. 63, pg. 422.

de Gaula, por Vasco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa de Aveiro ».

Pouco importa a incerteza que reina àcêrca da vida do trovador português. Efectivamente Duarte Nunes de Lião [1], Barbosa [2] e A. Herculano [3] supõem-no contemporâneo de D. João I, e Gomes Eanes de Zurara [4] de D. Fernando. Faria e Sousa, tendo-o indicado primeiro como desta época [5], escreve depois ser opinião dalguns ser ele do tempo de D. Afonso IV, embora se ache o seu nome em tempo de D. João I, mas, acrescenta judiciosamente: « ... é verdade que podiam ser dois dêste nome [6] ».

Aceitando como incontestável a data proposta por Gayangos — 1359 — Lobeira é evidentemente contemporâneo de D. Afonso IV.

O romance *Amadis* exerceu uma influência extraordinária sobre toda a literatura da Europa, sendo traduzido para espanhol, francês, italiano, alemão, holandês e inglês. Ao fim de meio século contavam-se já, pelo menos, doze *Amadises* [7].

---

[1] *Chronica del-Rey D. João I*, pag. 195 (ed. 1642).

[2] *Bibliotheca Lusitana*, art. cit.

[3] Estudo sobre *Novellas de cavallaria portug.* no *Panorama* de 1838, pag. 123, 139 e no de 1840, pg. 6.

[4] *Chronica do conde D. Pedro*, t. I, cap. 63, pag. 422.

[5] *Europa*, III, part. IV, cap. VIII, pag 360.

[6] *Id.*, *ibid.*, pag. 372 « *El primer libro de cavallerias que se escrivió en Europa fué el Amadis ; e su autor Vasco de Lobeira, que algunos dizen fue en tiempo del Rey D. Afonso IV si bien este autor se halla en tiempo del Rey D. Juan I que es mucho despues. Pere pudieron ser dos deste nombre* ».

[7] Eugène Baret, *De l'Amadis de Gaule et de son influence sur les moeurs et la literature au XVI et au XVII siècle* (1873); a curiosa monografia de Varnhagem — *Da Literatura dos livros de Cavalarias*, Viena, 1872; Sr. Th. Braga, *Hist. das Novelas portug. de Cavalleria*, Porto, 1873. O assunto é largamente estudado no ponto de vista geral das novelas de cavalaria por Menéndez y Pelayo no seu livro *Origenes*

O assunto dêste ciclo versa sobre os amores de Amadis, cavaleiro bretão, com Oriana, filha de Lisuarte, rei da Gran-Bretanha. Ha ali prodigios incriveis, combates com gigantes e monstros, intervenções milagrosas, que constituem o tecido dos episódios, até que a fidelidade é recompensada e Amadis é feliz. O barbeiro de Cervantes, ao classificar a obra como « *el mejor de todos los libros que de este género se han compuesto* », livrou-o do fogo e a posteridade confirmou a sua sentença: Amadis é a única novela cavaleiresca que convêm ler [1].

FABULAS E LENDAS

Á série de documentos até aqui citados prende-se *O Livro do Esopo publicado conforme um ms. do sec. XV existente na Bibl. palatina de Viena de Austria pelo Dr. Leite de Vasconcelos* (Lisboa, 1906). A lingoagem do Fabulário ou *O Livro do Esopo,* escreve o sr. Dr. Vasconcelos, é sensivelmente semelhante, embora talvez um pouco posterior, á dos textos contidos no Cod. Alcobacense n.° 266, publicados pelo sr. J. Cornu [2], Vasconcelos Abreu [3], Otto Klob [4] e J. J. Nunes [5]. Todos eles são do

de la Novela, I, Madrid, 1905. O sr. Tomás Pires, distinto folk-lorista, descubrio documentos que autenticam as individualidades de João Lobeira e Vasco de Lobeira, seu filho, e que publicou no opúsculo *Estudos Elvenses — Vasco de Lobeira,* Elvas, 1906. Sobre a importância literária dêstes docs. publicou o Sr. Th. Braga um artigo na *Rev. lit. do Seculo* de 27 de março de 1905, n.° 134.

[1] Fitzmaurice-Kelly, *Hist. de la Lit. española,* 716.

[2] *Anciens textes portugais,* Paris, 1882 (Extr. do t. XI da *Romania).*

[3] *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate,* Lisboa, 1898. O respectivo ms. é dos fins do sec. XIV ou começo do XV, mas a lingoa é certamente do sec. XIV. A. Hincker aprecia muito desfavoravelmente esta ed. no seu estudo critico da lenda de Santo Eloy.

[4] *A vida de sancto Amarc,* Paris, 1901 (Extr. do t. XXX da *Romania).*

[5] *Historia do cavalleiro Tungulo* in *Rev. Lusit.* VIII, 249 e seg. Outra redacção dêste trecho contida no *Cod. Alcob.* n.° 244 foi publicada por F. M. Esteves Pereira na mesma *Rev.,* III, 101 e seg.

sec. XIV. O Fabulário preenche uma lacuna na nossa literatura dos sec. XIV-XV e relaciona neste sentido Portugal com as literaturas medievaes, visto que estas possuiam Isopetes e na portuguêsa não se sabia da existencia de nenhum [1].

Curiosa pela sua fórma é tambem a *Lenda de Santo Eloy*, do sec. XIV, ano de 1491, pela primeira vez impressa em 1900 por Afonso Hincker, e de que damos na *Antologia* dous trechos [2].

DOCUMENTOS APOCRIFOS

32. — **As chamadas relíquias da poésia portuguêsa.** Incluimos debaixo da designação de *apócrifos* as chamadas *reliquias da poésia portuguêsa*, a que se assinalou grande antiguidade, mas arbitrariamente. O exame crítico delas conduz-nos a rejeitar essa suposta antiguidade e a marcar-lhes o princípio do século XVII como a data da sua redacção [3]. J. Pedro Ribeiro (✝ 1839) condenou em globo a genuinidade dêstes documentos fundando-se nas seguintes razões: 1) falta de provas da sua antiguidade, sendo umas produzidas por Leitão no meio duma novela [4] em que até põe na boca das suas fabulosas personagens um soneto de Camões; outros sam referidos por Brito [5] cuja fé é nenhuma; 2) porque as palavras que neles se empregam, todas de diversas idades da nossa lingoa, formando um todo afeitado, parecem ser mais obra de um artifício estudado; 3) porque as cartas de Egas Moniz Coelho, e a

---

[1] Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.*, pg. 120 e 160. Além do texto o erudito escritor apresenta um vocabulário, considerações lingoìsticas, anotações e um estudo literário das fábulas.

[2] *Instituto*, XLVII, 118, onde o texto começou a ser publicado.

[3] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Geschichte der portug. Litt.*, cit., pg. 161.

[4] *Miscelanea*.

[5] *Monarch. Lusit.*, part. I.

canção de Gonçalo Hermiguez, tão vizinhos em tempo a outros documentos vulgares verdadeiros, contudo se distinguem tanto em barbaridade que até nisso mostram a sua afectação [1]. São os seguintes esses documentos: I) *Canção de Gonçalo Hermiguez, o Traga-Mouros;* II) *Poéma da Cava* ou da *perda* ou *destruição da Espanha;* III) e IV) duas *Cartas de Egas Moniz Coelho a sua dama (Violante);* V) *Trovas dos Figueiredos.*

I. — Canção de Gonçalo Hermíguez, o Traga-Mouros. Consta de tres estâncias de cinco versos cada uma aludindo ao rapto que Gonçalo Hermíguez fez de sua molher Ouroana aos mouros de Alcácer, caso narrado por Fr. Bernardo de Brito, (1569-1617) que nos dá esta canção, obra dum versejador de má fé, « por se ver, diz ele, os mais antigos termos da lingoa portuguesa » [2], e que ainda encontrou o sr. Th. Braga para lhe defender a autenticidade e a traduzir *sem introduzir palavras novas, e simplesmente submettendo os versos ás exigencias da rima* [3].

II. — Poéma da Cava, tambem conhecido por da Perda da Espanha. Tal como se deixa ver pelo fragmento que resta, tratava da invasão sarracena e destruição da Espanha pelos árabes em 714. Faria e Sousa [4], seguido por Boutterwerk e Sismondi, fazia remontar este poéma aos principios do século IX. Ribeiro dos Santos fá-lo dos começos do sé-

---

[1] *Dissertações chronologicas*, t. I, pg. 181.

[2] Vai transcrita na nossa *Antologia* da *Chronica de Cister*, part. I, liv. VI, cap. I.

[3] Pode vêr-se a lição de A. Ribeiro dos Santos no *Jornal dos Amigos das Lettras*, pg. 74-75. Garrett servindo-se da tr. alemã do Dr. Bellerman no *Die alten Liederbücher*, etc., pg. 5, fez a versão que se lê na *Rev. Univ. Lisbon.*, v, 1843, pg. 417; Dr. Th. Braga, *Canc. Pop.* 197.

[4] *Europa*, III, liv. IV, c. 9.

culo XIII [1], o sr. Th. Braga julga-o dos fins do século XV. Mas a mais simples análise filológica demonstra que qualquer opinião de alta antiguidade é de todo o ponto insubsistente, sendo ainda J. Pedro Ribeiro quem tem razão em considerar um *artificio* este poéma, que Leitão de Andrada [2] dezia ter tirado dum velho códice que nunca, afinal, ninguem logrou ver e examinar.

III e IV. — **Cartas de Egas Moniz Coelho.** Atribuem-se estas duas cartas a Egas Moniz Coelho, primo daquele Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, de quem o nosso épico disse que

> a troco da palavra mal cumprida
> determina de dar a doce vida

uma delas escrita quando o poeta deixou a côrte e vae para Coimbra, e a outra ao voltar e saber que havia sido perjura aquela que lhe prometera fidelidade eterna.

Podem vêr-se em Miguel Leitão de Andrada [3], Faria e Sousa [4] e Almeida Garrett [5], que as suposeram do tempo de D. Afonso Henriques, dando este último uma linda versão delas, por certo muito mais bela que o original.

V. — **Trovas dos Figueiredos ou Canção do Figueiral.** Refere-se ao tributo das cem donzelas, que os cristãos eram obrigados a pagar aos mouros de Espanha. Foi Fr. Bernardo de Brito quem primeiro a publicou [6], atri-

---

[1] *Mem. sobre as orig. da poesia portug.* no t. VIII, das *Memorias de Litt. da Acad.* O texto vem no *Jornal dos Amigos das Lettras*, cit., pg. 136-137.

[2] *Miscelanea*, Lisboa, 1629.

[3] *Miscelanea*, diálogo XVI.

[4] *Europa, loc. cit.*

[5] *Rev. Univ. Lisbon.*, vol. VI, série V. pg. 100. Veja-se tambem Ribeiro dos Santos no *Jornal dos Amigos das Lettras*, cit., pg. 98-99.

[6] *Monarch. Lusit.*, II, pg. 296.

buindo-a a um tal Guesto Ansur, que nunca existiu. Miguel Leitão de Andrada diz tê-la ouvido cantar « muito sentida a huma velha de muita idade, natural do Algarve » [1]. Ribeiro dos Santos [2] marca-lhe a época dos fins do século XII ou princípios do XIII, opinião inteiramente gratuita e que nada tem em que se estribe. Quando muito poderia considerar-se do século XV, falando em seu favor o sentimento e o ritmo dum cunho acentuadamente popular. A dúvida sobre a autenticidade dêsse documento não pode, porém, estender-se aos outros denominados apócrifos em que a fraude é logo denunciada pelo estudo comparativo com os de caracter absolutamente incontroverso [3].

---

[1] *Miscelanea*, diál. I, pg. 25-26.

[2] *Ob.* e *loc. cit.*

[3] Sr.ª D. Carolina Michaëlis, *Gesch. des portug. litter.* pg. 162. O sr. Dr. J. Ribeiro diz que desta canção « se encontram alusões até no *folk-lore* do Brasil ». Cfr. a sua interessante *Selecta Classica*, Rio de Janeiro, 1905, pg. XXIV, nota.

ANTOLOGIA

SÉCULOS XII A XV

POESIA

Cantigas de amigo e de amor

I

Ai eu, coitada, como vivo
en gran cuidado por meu amigo
que ei alongado! muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ai eu, coitada, como vivo
en gran desejo por meu amigo
que tarda e non vejo! muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

El-rei D. Sancho I, *Canc. B.*, n.º 348.

II

Como morreu quen nunca ben
ouve da ren que mais amou,
e quen viu quanto receou
d'ela, e foi morto por en:
    Ay mia senhor, assi moir'eu!

Como morreu quen foi amar
quen lhe nunca quis ben fazer,
e de quen lhe fez Deus veer
de que foi morto con pesar:
    Ay mia senhor, assi moir'eu!

Com 'ome que ensandeceu,
senhor, con gran pesar que viu,
e non foi ledo nen dormiu
depois, mia senhor, e morreu:
    Ay mia senhor, assi moir'eu!

Como morreu quen amou tal
dona que lhe nunca fez ben,
e quen a viu levar a quen
a non valia, nen a val:
    Ay mia senhor, assi moir'eu!

Paay Soárez de Taveiroos, *Canc. A.*, n.º 35.

III

O meu amigo que me dizia
que nunca mais migo viveria,
    par Deos, donas, aqui é já!

Que muito m'el avia jurado
que me non visse, mais, a Deos grado,
    par Deos, donas, aqui é já!

O que jurava que non visse,
por non seer todo quant'el disse,
    par Deos, donas, aqui é já!

Melhor o fezo ca o non disse;
par Deos, donas, aqui é já!

Pai Soárez de Taveiroos, *Canc. Vatic.*, n.º 239.

IV

Disseron-mi ũas novas de que m' é mui gran ben,
cá chegou meu amigu', e, se el ali ven,
    a Santa Maria das Leiras
  irei, velida, se i ven meu amigo.

Disseron-mi ũas novas de que ei gran sabor,
cá chegou meu amigu', e, se el ali fôr,
    a Santa Maria das Leiras
  irei, velida, se i ven meu amigo.

Disseron-mi ũas novas de que ei gran prazer,
cá chegou meu amigo, mais eu, polo veer,
    a Santa Maria das Leiras
  irei, velida, se i ven meu amigo.

Nunca con taes novas tan leda foi molher,
com' eu sõo con estas, e se el i vẽer,
    a Santa Maria das Leiras
  irei, velida, se i ven meu amigo.

D. Affonso López de Baian, *Canc. Vatic.*, n.º 342.

V

Ay Deus! que coita de soffrer
por ver gran ben a querer
a quen non ousarei dizer
da mui gran coita 'n que me ten!
    Non lh'ouso dizer nulha ren
    da mui gran coita 'n que me ten!

Ja sempr' en coita viverei.
Amo qual dona vus direi:
a quen dizer non ousarei
da mui gran coita 'n que me ten:
    Non lh'ouso dizer nulha ren
    da mui gran coita 'n que me ten!

Se lhe d'al quiser' ementar,
sol non lh'én crecerá pesar.
Pero non lh'ousarei falar
da mui grán coita 'n que me ten:
    Non lh'ouso dizer nulha ren
    da mui gran coita 'n que me ten!

Airas Corpancho, *Canc. A.*, n.º 66.

VI

Am'eu tan muito mia senhor,
que sol non me sei conselhar!
E ela non se quer nembrar
de min... e moiro-me d'amor!
    E assi morrerei por quen
    nen quer meu mal, nen quer meu ben!

E quando lh'eu quero dizer
O muito mal que mi-amor faz,
sol non lhe pesa, nen lhe praz,
nen quer en min mentes meter.
    E assi morrerei por quen
    nem quer meu mal, nen quer meu ben!

Que ventura que me Deus deu,
que me fez amar tal molher
que meu serviço non me quer!
E moir', e non me ten por seu!
    E assi morrerei por quen
    nem quer meu mal, nem quer meu ben!

E veede que cuita tal,
que eu ja sempr' ei a servir
molher que mi-o non quer gracir,
nem mi-o ten por ben, nen por mal!
    E assi morrerei por quen
    nemquer meu mal, nem quer meu ben!

Nuno Fernandes Torneol, *Canc. A.*, .º 71.

VII

Quer' eu a Deus rogar de coraçon,
com'ome que é cuitado d'amor,
que el me leixe veer mia senhor
mui ced'; e se m'el non quiser' oïr,
logo lh'eu querrei outra ren pedir:
    que me non leixe mais eno mundo viver!

E se m'el á de fazer algun ben,
oïr-mi-á 'questo que lh'eu rogarei,
e mostrar-mi-á quanto ben no mundo' ei.
E se mi-o el non quiser 'amostrar,
logo lh'eu outra ren querrei rogar:
    que me non leixe mais eno mundo viver!

E se m'el amostrar' a mia senhor,
que am' eu mais ca o meu coraçon,
vedes, o que lhe rogarei enton:
que me dê seu ben, que m' é mui mester;
e rogá-lh'-ei que, se o non fezer',
    que me non leixe mais eno mundo viver!

E rogá'-lh'-ei, se me ben á fazer,
que el me leixe viver en logar
u a veja e lhe possa falar,
por quanta coita me por ela deu;
se non, vedes que lhe rogarei eu:
    que me non leixe mais eno mundo viver

Nuno Fernandes Torneol, *Canc. A.*, n.º 75.

VIII

Oi oj' eu cantar d'amor
em um fremoso virgeu,
unha fremosa pastor
que ao parecer seu
jamais nunca lhi par vi;
e porem dixi-lh' assi:
« Senhor, por vosso vou eu ».

Tornou sanhuda entom,
quando m' est' oiu dizer
e diss': « Ide-vos, varom!
quem vos foi aqui trajer
para m'irdes destorvar
d' u dig' aqueste cantar,
que fez quem sei bem querer? »

« Pois que me mandades ir »,
dixi-lh' eu, « Senhor, ir-m' ei;
mais ja vos ei-de servir
sempr' e por voss' andarei;
ca voss' amor me forçou
assi que por vosso vou,
cujo sempr' eu ja serei. »

Diz'ela: « Nom vos tem prol
esso que dizedes, nem
mi praz de o oir sol;
ant' ei noj' e pesar em,
ca meu coraçom nom é,
nem será, per bõa fe,
se nom do que quero bem. »

« Nem o meu », dixi-lh' eu ja,
« senhor, nom se partirá
de vós, por cujo s'el tem. »
« O meu », diss' ela, « será
u foi sempr' e u está,
e de vós nom curo rem. »

D. Denis, apud H. Lang, *Das Liederbuch*, já cit., pg. 60.

IX

Preguntar-vos quero por Deus,
senhor fremosa, que vos fez
mesurada e de bom prez,
que pecados forom os meus
que nunca tevestes por bem
de nunca mi fazerdes bem.

Pero sempre vos soub' amar
des aquel dia que vos vi,
mais que os meus olhos em mi,
e assi o quis Deus guisar
que nunca tevestes por bem
de nunca mi fazerdes bem.

Des que vos vi, sempr' o maior
bem que vos podia querer,
vos quiji a todo meu poder;
e pero quis nostro senhor
que nunca tevestes por bem
de nunca mi fazerdes bem.

Mais, senhor, a vida com bem
se cobraria bem por bem.

D. Denís, apud Lang, *ibd.*, pg. 44.

X

Unha pastor se queixava
muit' estando noutro dia,
e sigo mêdes falava,
e chorava e dizia,
com amor que a forçava:
par Deus, vi t'em grave dia,
ai amor!

Ela s'estava queixando
come molher com gram coita,
e que a pesar, des quando
nacera, nom fôra doita;
porem dizia chorando:
tu nom es se nom mia coita,
ai amor!

Coitas lhe davam amores
que nom lh'eram se nom morte;
e deitou-s' antr' ũas flores
e disse com coita forte:
mal ti venha per u fôres,
ca nom es se nom mia morte,
ai amor!

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 28.

XI

Unha pastor bem talhada
cuidava em seu amigo,
e estava, bem vos digo,
per quant, eu vi, mui coitada;
e diss': oi mais nom é nada
de fiar per namorado,
nunca molher namorada,
pois que mi-o meu a errado.

Ela tragia na mão
um papagai mui fremoso,
cantando mui saboroso,
ca entrava o verão:
e diss': « Amigo loução
que faria per amores,
pois m'errastes tam em vão? »
E caeu antr'unhas flores.

Unha gram peça do dia
jouv'ali, que nom falava,
e a vezes acordava
e a vezes esmorecia;
e diss': « Ai Santa Maria!
que será de mim agora? »
E o papagai dizia:
« Bem, por quant'eu sei, senhora ».

« Se me queres dar guarida »
diss' a pastor, « di verdade,
papagai, por caridade,
ca morte m' é esta vida ».
Diss' el: Senhora comprida
de bem, e nom vos queixedes,
ca o que vos a servida
erged' olho e vee-lo-edes.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 51-52.

XII

Levantou-s' a velida,
levantou-s' alva,
e vai lavar camisas
e-no alto.
Vai-las lavar alva.

Levantou-s' a louçana,
levantou-s' alva,
e vai lavar delgadas
e-no alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar camisas,
levantou-s' alva;
o vento lh' as desvia
e-no alto.
Vai-las lavar alva.

E vai lavar delgadas,
levantou-s' alva;
o vento lh'as levava
e-no alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lh' as desvia,
levantou-s' alva;
meteu-se alva em ira
e-no alto.
Vai-las lavar alva.

O vento lh' as levava,
levantou-s' alva;
meteu-s' alva em sanha,
e-no alto.
Vai-las lavar alva.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 76.

XIII

Nom chegou, madr', o meu amigo,
e oj' est o prazo saido,
Ai madre, moiro d'amor!

Nom chegou, madr', o meu amado,
e oj est o prazo passado.
Ai madre, moiro d'amor!

E oj' est o prazo saido,
por que mentio o desmentido.
Ai madre, moiro d'amor!

E oj' est o prazo passado,
por que mentio o perjurado.
Ai madre, moiro d'amor!

Por que mentio o desmentido
pesa-mi, pois per si é falido.
Ai madre, moiro d'amor!

Por que mentio o perjurado,
pesa-mi, pois mentio a seu grado.
Ai madre, moiro d'amor!

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, 74.

XIV

Ai flores, ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pos commigo!
Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mh á jurado!
Ai Deus, e u é?

Vós preguntades polo voss' amigo?
E eu bem vos digo que é san' e vivo.
Ai Deus, e u é?

Vós preguntades polo voss' amado?
E eu bem vos digo que é viv' e sano.
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é san' e vivo,
E será vosc' ante' o prazo saido.
Ai Deus, e u é?

E eu bem vos digo que é viv' e sano,
e será vosc' ant' o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 75-76.

XV

Senhor, pois me nom queredes
fazer bem, nem o teedes
por guisado,
Deus seja porem loado;

Mas pois vós mui bem sabedes
O torto que mi fazedes,
gram pecado
avedes de mi, coitado.

E pois que vos nom doedes
de mim, e sol nom avedes
em cuidado,
em grave dia fui nado;

Mais por Deus, senhor, seeredes
de mim pecador, ca vedes
mui doado
moir', e de vós nom ei grado.

E pois mentes nom metedes
no meu mal, nem corregedes
o estado
a que m'avedes chegado,

De me matardes faredes
meu bem, pois m'assi tragedes
estranhado
do bem que ei desejado.

E senhor, sol nom pensedes
que, pero mi morte dedes,
aguardo
ond' eu seja mais pagado.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 46.

XVI

Amad' e meu amigo,
valha Deus!
Vede-la frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu' e meu amado,
valha Deus!
Vede-la frol do ramo
e guisade d'andar.

Vede-la frol do pinho,
Valha Deus!
Selad' o baiosinho
e guisade d'andar.

Vede-la frol do ramo,
Valha Deus!
Selad' o bel cavalo,
e guisade d'andar.

Selad' o baiosinho,
Valha Deus!
Treide-vos, ai amigo
e guisade d'andar.

Selad' o bel cavalo,
Valha Deus!
Treide-vos, ai amado,
e guisade d'andar.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, 77.

XVII

Nom me poss'eu de morte defender
poys vejo d'amor que me quer matar,
por hũa senhor; mays poys m'eu guardar
nom posso já de por dona moirer
catarey já das donas a melhor.

D. Pedro, *Canc. Vatic.*, pg. 197.

XVIII

Dizia la fremosinha:
ay deus, val!
Com' estou d'amor ferida,
ay deus, val!

Dizia la bem talhada:
ay deus, val!
com' estou d'amor coytada,
ay deus, val!

Com' estou d'amor ferida
ay deus, val!
non ven o bem que queria,
ay deus, val!

Com' estou d'amor coytada
ay deus, val!
non ven o que muit' amava
ay deus, val!

D. Affonso Sanches, *Canc. Vatic.*, n.º 368.

XIX

Quando, amiga, meu amigo veer
em quanto lh'eu preguntar hu tardou
faláde vós nas donçelas entom;
e no sembrant', amiga, que fezer
veremos bem se tem no coraçom
a donzela por que sempre trobou.

D. Affonso Sanches, *ibid.*, n.º 357.

XX

Cantigas de escarneo e de maldizer

Tant' é Melion pecador,
e tant' é fazedor de mal,
e tant' é ome infernal
que eu sõo ben sabedor,
quanto o mais posso seer,
que nunca poderá veer
a face de Nostro Senhor.

Tantos som os pecados seus,
e tam muit' é de mal talan,
que eu sõo certo, de pran,
quant' aquest'é, amigos meus,
que, por quanto mal en el á,
que já mais nunca veerá
em nenhum temp' a faz de Deos.

El fez sempre mal e cuidou,
e jamais nunca fezo ben;
e eu sõo certo por én
d'el, que sempre en mal andou.
que nunca ja, pois assi e,
pode veer, per bõa fe,
a face do que nus comprou.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 101.

XXI

Deus, com' ora perdeu Joam Simhom!
Tres bestas nom vi de maior cajom,
nem perdudas nunca tam sem razom;
ca teendo-as sãas e vivas
e bem sangradas com sazom,
moirerom-lhi todas com olivas.

Des aquel dia em que naci
nunca bestas assi perdudas vi,
ca as fez ant'el sangrar ante si;
e ante que saissem d'aquel mes,
per com' eu a Joam Simhom oi,
com olivas moirerom todas tres.

Bem as cuidára de morte guardar,
Todas tres, quando as fez sangrar;
mais avia-lh'as o dem' a levar,
pois que se par tal cajom perderom.
E Joam Simhom quer-s' ora matar
porque lhi com olivas moirerom.

D. Denís, apud Lang, *ibid.*, pg. 106-107.

XXII

Alvar Roiz, monteyro mayor,
sabe quem qu'a-lhi el-rey desamor,
porque lhe dizem que he mal feytor;
na ssa terra est'é cousa certa,
ca diz que se quer byr, et per hu for
levará cabeça descuberta.

El entende que faz al rey pesar
se lh'y na terr' aqui mais morar,
por en quer hir sa guarida buscar,
com gram despeit' em terra deserta :
et diz que pode per hu for levar
sempr' a cabeça bem descuberta.

D. Pedro, *Canc. Vatic.*, pg. 197.

PROSA

XXIII

Lenda do rei Leir

Quamdo foi morto rrey Balduc o voador rreynou seu filho que ouve nome Leyr. E este rrey Leyr nom ouve filho, mas ouve tres filhas muy fermosas e amavaas muito. E huum dia ouve sas rrazões com ellas e disselhes que lhe dissessem verdade quall dellas o amaua mais. Disse a mayor que nom auia cousa no mundo que tanto amasse como elle, e disse a outra que o amaua tanto como ssy meesma, e disse a terçeyra, que era a meor, que o amava tanto como deve d'amar filha a padre. E elle quislhe mall porem, e por esto nom lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Tostia, e nom curou da meor. Mas ella por sa vemtuira casousse melhor que nenhuma das outras, ca se pagou della elrrey de França e filhoua por molher. E depois seu padre della em sa velhiçe filharomlhe seus gemrros a terra e foy malladamte, e ouue a tornar aa merçee delrrey de Framça e de sa filha a meor a que nom quis dar parte do rreyno. E elles reçeberomno muy bem e deromlhe todas as cousas que lhe forom mester e homrraromno mentre foy vivo, e morreo em seu poder. E depois se combateo elrrey de Framça com ambos os cunhados de sua molher, e tolheolhes a terra. Morreo elrrey de Framça e nom leixou filho vivo. E os outros dous a que tolhera a terra ouverom senhos filhos e apoderarromsse da terra toda, e premderam aa tya, molher que fora delrrey de Framça, e meteromna em huum carçer, e alli a fezerom morrer.

De « Os livros de linhagens », *Portug. Mon. Hist.*, *Scriptores*, I, pg. 238.

XXIV

Lenda da Dama Pé-de-Cabra

... Dom Diego Lopez era mui boo monteyro, e estando huum dia em sa armada e atemdemdo quamdo verria o porco, ouuyo cantar muyta alta voz huuma molher em çyma de huuma pena : e el foy pera

lá e vioa seer muy fermosa e muy bem vistida, e namorousse logo della muy fortemente e preguntoulhe quem era : e ella lhe disse que era huuma molher de muito alto linhagem, e ell lhe disse que pois era molher d'alto linhagem que casaria com ella se ella quisesse, ca elle era senhor daquella terra toda : e ella lhe disse que o faria se lhe prometesse que numca sse santificasse, e elle lho outorgou, e ella foisse logo com elle. E esta dona era muy fermosa e muy bem feita em todo seu corpo saluando que auia huum pee forcado como pee de cabra. E viuerom gram tempo e ouuerom dous filhos, e huum ouue nome Enheguez Guerra, e a outra foy molher e ouue nome dona...

E quando comiam de suum dom Diego Lopez e saa molher asseemtaua ell apar de ssy o filho, e ella asseemtaua apar de ssy a filha da outra parte. E huum dia foi elle a seu monte e matou hum porco muy gramde e trouxeo pera sa casa, e poseo ante sy hu sia comemdo com ssa molher e com seus filhos : e lançarom huum osso da mesa e veerom a pellejar huum alaão e huuma podemga sobrelle em tall maneyra que a podemga trauou ao alaão em a garganta e matouo. E dom Diego Lopez quamdo este vyo teueo por millagre e synousse e disse « samta Maria vall, quem vio numca tall cousa ! » E ssa molher quamdo o vyo assy sinar lamçou maão na filha e no filho, e dom Diego Lopez trauou do filho e nom lho quis leixar filhar ; e ella rrecudio com a filha por huuma freesta do paaço e foysse pera as montanhas. em guisa que a nom virom mais nem a filha.

De « Os livros de linhagens », *Portug. Mon. Hist. Scriptores*, I, pg. 258-259.

XXV

Uma aventura de D. Ramiro ou Lenda de Gaia

Este he o linhagem dos mui nobres e muy honrados ricos-homens, e filhos-dalgo da Maya, em como elles vem direitamente do muito alto e muy nobre rey D. Ramiro ; e este rey D. Ramiro se vê casado com huma rainha, e fege nella rey D. Ordonho ; e pois lha filhou rey Abencadão que era mouro, e foilha filhar em Salvaterra no logo que chamão Myer ; entom era rey Ramiro nas Asturias ; e quando Abencadão tornou adusea para Gaya, que era seu castello, e quando veo rey Ramiro não achou a sa molher e pesou-lhe ende muito, e enviou por seu filho D. Ordonho e por seus vassallos, e fretou saas naves, e meteuce em ellas, e veyo aportar a Sanhoane da Furada ; e pois que a nave entrou pela foz cobrioa de panos verdes, em tal guiza que cuidassem que eram ramos, cá entonce Douro era cuberto de huma parte e da outra darvores ; e esse rey Ramiro vestiose em panos do veleto, e levou consigo sa espada, e seu corno, e falou com seu filho e com os seus vassalos que quando ouvissem o seu corno que todos lhe acorressem, e que todos jovecem pela ribeira per antre as arvores, fóra poucos que ficassem na nave para mantela, e el foice estar a huma fonte que estava perto do castello ; e Abencadão era fóra do castello, e fora correr seu monte contra Alfão ; e huma donzella que servia a rainha levantouce pela menhã que lhe fosse pela agoa para as mãos ; e aquella donzella havia nome Ortiga ; e ella na fonte achou

iazendo rey Ramiro, e nom o conheceo, e el pedio-lhe dagoa pela aravia, e ella deulha por hum autre, e el meteo hum camafeo na boca, o qual camafeo havia partido com sa molher a rainha pela meadade; el deuse a beber, e deitou o anel no autre, e a donzella foice, e deo agoa á rainha, e cahio-lhe o anel na mão, e conheceoo ella logo: a rainha perguntou quem achara na fonte; ella respondeu que não era hi ninguem: ella dice que mentia, e que lhe non negace, ca lhe faria por ende bem, e mercê; e a donzela lhe disse entom que achara hum mouro doente e lazarado, e que lhe pedira d'agoa que bebece, e ella que lha dera; e entonce lhe disse a rainha que lhe fosse por el, e se hi o achasse que lho adusese.

A donzela foi por el, e dicelhe ca lhe mandava dizer a rainha que fosse a ella; e entonces rey Ramiro foise com ella; e el entrando pela porta do paço conheceo-o a rainha, e dice-lhe

— « Rey Ramiro quem te aduse aqui? »

E el lhe respondeu

— « ca o teu amor »

e ella lhe dice que vinha a morrer, e elle lhe respondeu, ca pequena maravilha, e ella dice á donzella que o metese na camara, e que lhe não desse que comese nem que bebece; e a donzela pensou del sem mandado da rainha; e el jazendo na camara chegou Abencadão e deraolhe que jantace, e despois de jantar foise para a rainha; e desque fizerão seu plazer, disse a rainha

— « se tu aqui tivesses rey Ramiro, que lhe farias? »

O mouro então respondeo — « o que el a mi faria: matalo. »

Então a rainha chamou Ortiga que o adusese da camara, e ella assim o fez, e adoseo ante o mouro, e o mouro lhe disse

— « es tu rey Ramiro? », e elle respondeo

— « eu sou », e o mouro lhe perguntou

— « a que vieste aqui? » elrey Ramiro lhe disse entom

— « vim ver minha molher que me filhastes a torto; ca tu havias comigo tregoas, e nom me catava de ti: » e o mouro lhe disse

— « vieste a morrer; mas querote perguntar; se me tiveces em Mier que morte me darias? »

Elrey Ramiro era muito faminto e respondeolhe assim

— « eu te daria um capão assado e huma regueifa, e fariate tudo comer, e dartehia em cima em sa çapa cheia de vinho que bebesses: em cima abrira portas do meu curral, e faria chamar todas as minhas gentes, que viessem ver como morrias, e fariate sobir a um padrão, e fariate tanger o corno, até que te hi sahice o folego. »

Então respondeo Abencadão

— « essa morte te quero eu dar. »

E fez abrir os curraes, e fezeo sobir em hum padrão que hi entom estava; e começou rey Ramiro entom seu corno tanger, e começou chamar sua gente pelo corno que lhe acorressem, cá agora havia tempo; e o filho como ouvio, acorreolhe com seus vassallos, e meterãose pela porta do castello, e el deceuse do padrom adonde estava, e veyo contra elles, e tirou sa espada da bainha, e descabeçando atá o menor mouro que havia em toda Gaya, andarão todos á espada, e nom ficou em essa villa de Gaya pedra sobre pedra, que tudo não fosse em terra; e filhou rey Ramiro sa molher com sas donzellas, e quanto haver ahi achou, e meteu na nave, e quando forão a foz d'Ancora amarrarão as barcas, e comerão hi e folgarão, e D. Ramyro deitouce a dormir no regaço da rainha, e a rainha filhouce a chorar,

e as lagrimas d'ella caerão a D. Ramiro pelo rostro, e el espertouce, e diselhe, porque chorava, e ella dise-lhe

— « choro por o mui bom mouro que mataste ».

e então o filho que andava hi na nave ouvio aquella palavra que sa madre dissera, e disse ao padre

— « padre não levemos comnosco mais o demo. »

Entom rey Ramiro filhou uma mó que trazia na nave, e ligoulha na garganta, e anchorouha no mar, e dês aquella hora chamarão hi Foz d'Ancora. Este Ramiro foice a Meyer e fez sa corte, e contoulhe tudo como lhe acaecera, e entom baptisou Ortiga, e casou com ella, e louvoulho toda sa corte muito, e poslhe nome D. Aldara, e fege nella hum filho e quando nasceo poslhe o padre o nome Albozar, e disse entom o padre, que lhe punha este nome porque seria padre e senhor de muito boa fidalguia; e morreo rey D. Ramiro. Deus lhe aya saude a alma, requiescat in pace.

De « Os livros de linhagens », *Ibid.*, pg. 180-181.

XXVI

Demanda do Santo Graal

Vespera de pinticoste foy grande gente assunada em Camaalot, asi que podera homem hi ueer muy gram gente, mujtos caualeyros. E mujtas donas muj bem guisadas. El rey, que era ende muj ledo, honrrou os mujto e ffezeos mui bem seruir. E toda rem, que entendeo, por que aquella corte seeria mais uiçosa e mais leda, todo o fez fazer. Aquel dia que uos eu digo, direitamente quando querriam poer as messas, esto era ora de noa, Aueeo que hũa donzela chegou hi, mui fremosa e muy bem uestida; e entrou no paço a pee como mandadeira. Ella começou a catar de hũa parte e da outra pello paaço; e perguntauamna, que demandaua.

— « Eu demando, disse ella, por dom lançarot do lago; he aqui ? »

— Si domzella, disse hũu caualleyro. Veede llo; sta aaquella freesta fallando com dom gualuam »; ella foe logo para el e salouo.

Elle tanto que a uio, recebeoa muy bem e abraçoua; ca aquella era hũa das donzellas, que morauam na jnsoa da lediça, que a filha amida del rei pelles amaua mais que donzella da sua companha.

Como a donza disse a lançelot que fosse com ella

— « Ay donzella », disse lançelot, que uentura uos adusse aqui, que bem sey que sem razom nom ueestes uos ?

— Senhor, verdade he, mais rogo uos, se vos aprouguer, que uaades comigo aaquella foresta de camaalot; e sabede, que manhãa ora de comer seeredes aqui.

— Certas, donzella, dise el, muito me praz; ca theudo soom de uos fazer seruiço em todalas cousas que eu poder.

Entam pedio suas armas. E quando el rei uio, que se fazia armar, a tam gram coita foi a el co a raynha e dise lhe: como leixarnos queredes aatal festa, hu caualeyros de todo o mundo ueem aa corte, e

muj mais ajnda por uos ueerem ca por al — delles por uos ueerem e delles por auerem uosa conpanha.

Senhor, dise el, nom uou senam a esta foresta com esta donzella, que me rrogou; mais tras ora de terça seerei aqui.

Hist. dos Cavaleiros da Mesa redonda..., ed. de Karl von Reinhardstoettner.

XXVII

Fabulas

O gallo e a pedra preciosa

Comta-se que hũa vez hũu guallo, amdamdo em hũa caualariça escaruando por achar algũa cousa pera comer, achou hũa muy fremosa pedra preçiosa; e maravilhou-se e disse:

— O' gema preçiosa e nobilisima, a quall jazes em aqueste vill luguar; tu nom fazes a mym nhũu proueyto; mais se te a ty achasse outra perssoa que conhoçesse o teu nobre esplamdor, tu serias posta em algũu luguar arteficioso e nobre. Certo tu nom es compridoyra a mim, nem eu a ty. Eu seria mays ledo se achasse hũa pouca de hisca pera comer, que achar ty.

—

Per aquesta hestoria reprehende este auctor os samdeus e homẽes de pouco emtender, os quaes nom curam nem querem curar por a sciençia quamdo podem; e quamdo achan algũa cousa que lhe seria proueytosa, ha despreçam e nom curam d'ella, e ao depois se repemdem: assi que pello gualo se entende o sandeu, e pela pedra preciosa se emtende a graça da sapiemçia, a qual nom he conhoçida dos samdeos, mas he conhoçida dos sabedores.

XXVIII

O cão e a posta de carne

Comta-se que hũa vez hũu cam furtou hũa posta de carne; e fugindo con ela passaua per hũa pomte, e memtres que passaua, guardou na augua, e vio a soombra da carne que leuaua na boca, a qual soombra pareçia a elle que era duas tamta carne que aquella que elle leuaua na boca. E veemdo a soombra, deytou-se na augua, cuydamdo tomar a outra carne, e abrio a boca; e abrindo a boca pera tomar a soombra que lhe semelhaua carne, cayo-lhe a carne que leuaua na boca: e assy perdeo hũa e a outra.

—

Em aquesta hestoria ho douctor reprehemde ha aquelles que leixam as cousas çertas pelas jmçertas, e querem leixar as suas cousas por cobijça de cobrar as alheos, assy com fez este cam, que leixou perder a carne que leuaua na boca, por cobrar a soombra que lhe pareçia mayor.

XXIX

O leão velho, o asno, o touro e o porco

Comta-se que hũu leom era tam velho que se nom podia mouer; e emcomtrou com hũu asno e com hũu touro e com hũu porco. Veemdo estes que o leom per velhiçe nom se podia mouer, diserom amtre sy:

— Ora he tempo que filhemos vimguamça deste treedor, que matou nossos parentes e fez a muytos mal.

E ho asno lhe deu dous couçes, e o porco com os deimtes e o touro com os cornos. E o leom choraua e bradaua, dizemdo:

— Tempo fuy que eu vemçia todas as alimalias! E ora todalas animalias vemçem a mym! E eu perdoey a muytos, e estes nom perdoam a mym!

Per esta guisa o leom ficou choramdo.

—

Em aquesta hestoria o doctor diz que nas nossas bem auemturanças deuemos fazer muyto pera avermos amiguos e nom ymijgos, ca os boos amiguos ajudam os homẽes nas suas pressas, e os emiigos fazem todo polo contrayro. Ajmda diz que o homem nom deue fazer a outrem aquello que nom queria que fosse fecto a elle.

De «*O Livro do Esopo*».

XXX

Um milagre de Santo Eloy

Em estes dias o piadoso e nobre ʀey Lotario penssou em seu coraçom como mandase fazer hũa seeda ou cadeira real e honrradoira e bem pareçente, a qual fosse toda d'ouro fino e de pedras preciosas da qual se servise e usase honrrosamente ẽ algũas principaaes festas e ajunctamentos de seus povoos por magnifiçencia de deus e honrra e excellençia de seu estado. E fallãdo seu conçepto e desejo cõ algũas pessoas, nõ se achava nẽ huũ ofiçial que se atrevesse a ffazer a dicta obra segundo que elʀey desejava. E seendo pera esta obra ʀequirido o meestre ou ourivez moor delrrey, ẽ cuja casa pousava Elligio, nõ se estrevẽdo o dicto meestre fazer semelhante obra assy sotil e nobre qual se requiria, disse a elrrey: «Senhor, em minha casa he huũ mançebo chamado Elligio, de muy maravilhoso engenho e subtileza e muyto comprido da arte do nosso officio e mester, o qual peenso que fara esta obra segundo vosso desejo e vontade.» E logo Ellisio foy chamado, e veo perante elʀey o qual, vendo sua perssoa e ouvĩdo suas palavras as quaaes erã simplizes e humildes cõ hũa graciosa e prazivel compisiçom foy elle muy paguado e prazente del. Porem lhe disse: «Ellisio, farmeas tu hũa tal obra?». E o virtuoso mançebo ʀespondeo: «Senhor, eu me confiio ẽ deus que m'ẽsignara em isso fazer todo vosso conçepto e desejo.» E seendo elrrey muy allegre e prazente da sua resposta, logo lhe mãdou dar grande quãtidade douro segundo a obra que el quiria e elle pedisse, ho qual ʀequereo que lhe

fosse dado per peso e toque. Finalmente Elligio começou aquella obra em nome de deus. A qual acabou em muy breve tempo; e pesou a cadeira, e esguardou no ouro que sobejava, e consirou que joya faria a elrrey cõ que elle fosse mais prazēte e penssou ē lhe fazer hũa sella real. Empero parecialhe que no abondaria aquel ouro que sobejara da cadeira pera a sella que elle quiria fazer. Empero cõ a ajuda de deus a começou e acabou em sua perfeiçõ. E ffez cadeira e sella ambas de ygual peso d'ouro. Assi que cada hũa pesava tanto como el recebera pera a cadeira. A qual cousa sem duvida quis o senhor deus assy fazer por tal que se conheçese o sseu servo segundo a sua virtude.

De *A Lenda de Santo Eloy*, in *Instituto*, vol. 47.

XXXI

Retrato moral e físico de Santo Eloy

E veendo o piadoso e nobre rey tãta virtude ē o sancto barom, cõ prazer lhe dava muy avõdosa e larguamente de seus thespuros, conheçendo que elle era fiel dispenseiro e muy sages e caridoso esmoller. Oo se *vir* [*i*] *as* o sancto homē muytas vezes sahir de sua casa, o qual assy aguardavam aa sua porta, e outrosy os luguares per hu sabiam que ell avia d'ir, como fazem os mininos aos que fazem alguũs jogos ou dam pam por deus a todos: assy o sancto barom, vendoos assy, se allegrava como sooe a fazer aquel que se alegra quando acha a cousa que muyto ama e avia perdida. E dessy dava a cada huũ sua esmolla hordenadamente, assy como se sooe a dar bollos e fruyta ou outras viandas ē os vodos hu se nõ negua o que he ordenado a todos. Muytas vezes eram tãtos que nõ os podiam abastar os dinheirros que o sancto de deus Eligio trazia ē seu bolso hordenadamēte, e nõ em pouca quantidade, e por tal que nem huũ se partise del sem esmola e caridade, elle dava todas outras cousas de seu uso atee çinta. E assi virias o sancto de deus hir esbulhado sem saya e sem çinta çingido cõ huũ pedaço de baraço ou de jũcos. E assy se hiia ao paaço, nõ esguardando como hiia; ca nē por isso ho riiam nē escarneçiam os que o viam como se sooe a fazer aos que assy voom apparelhados como bragantes e tafuis; antes eram todos provocados e amoestados por esto aa compaixom dos pobres e louvavam a deus em o sseu servo, conhecēdo a ssua grande virtude. E muytas vezes o rey e alguũs outros Senhores cõ gram prazer lhe davã logo suas vestiduras e dinheirros que destribuise cõ os pobres.

E tanto crecia a ffama do sancto homē que em muitas partes assy preto como longe fallavam da sua sanctidade. E porquanto a cãdea, segundo diz o senhor, se nõ pode scõder que nõ alomee os que som em a casa, porē começou o sancto de deus Elligio resplandeçer per millagres, querendo o senhor deus em elle mostrar a sua virtude. E por se conheçer quejando era na alma, pos deus em elle tanta fremosura e composiçom de fora que quē o visse, poderia julgar quē era. E esta era sua forma: d'estatura era comprido, a face fremosentada de hũa temperada ruyveza ou collor, os cabellos fremosos, as maãos hunestas e os dedos compridos, ho vulto angellico e a vista

simplez e honesta ; ho uso das suas vestiduras acustumadas era sempre tal que nẽ era de preço, nẽ muy desprazivel, mas de huũ bõo modo tẽperado e honesto assy que a todos os que o viiam, era precioso exemplo de honestidade e temperança.

Tanto era prazente e gracioso que assy os grandes como os meaãos e pequenos ho amavam muyto. E o piadoso Rey sobre todos se dileitava e allegrava cõ el em tal guisa que muitas vezes, leyxando a companha dos grandes homẽs e dos prelados e grandes saybhos, apartavase soo cõ elle e fallava do bẽ e consollaçom da alma.

De *A Lenda de Santo Eloy*, ibid.

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente á escola Espanhola

I

Monarcas portuguêses

D. João I	1385-1433
D. Duarte	1433-1438
D. Afonso V	1438-1481
D. João II	1481-1495
D. Manoel	1495-1521

II

Sincronismo politico e social

1400 — Origem da casa dos Medicis em Florença.

1414-1418 — Concílio de Constança aberto por João XXIII e encerrado por Martinho V, no qual João Huss e Jerónimo de Praga foram condemnados e entregues ao braço secular, que os mandou queimar (1414).

1428-1431 — Aparecimento, façanhas e suplício de Joana d'Arc.

1436 — Invenção da imprensa.

1453 — Tomada de Constantinopla pelos Turcos.

1487 — Estabelecimento da Inquisição em Castela.

1492 — Tomada de Granada pelos reis católicos Fernando e Isabel e expulsão definitiva dos árabes de Espanha. Descobrimento do Novo-Mundo por Cristovão Colombo.

1513 — Princípio do pontificado de Lião X.

1516 — Subida de Carlos V ao trono de Espanha.

1517 — Primeiras prégações de Lutero.

1519 — Fernão de Magalhães, o imortal navegante realiza a 1.ª viagem de circumnavegação em volta do globo. [Vid. Simões Baião — *Arch. Hist. Portug.*, II, 321].

III

Sincronismo literário

Espanha

Íñigo López de Mendonza, Marquês de Santillana (1398-1458); das suas obras interessa-nos conhecer sobretudo a carta intitulada *Proémio*, que versa sobre a poésia provençal e é dirigida a D. Pedro, Condestavel de Portugal e filho do infante D. Pedro, Duque de Coimbra.

Juan de Mena (1411-1456) autor do poéma alegórico *Labirinto*, que pela exuberância da sua imaginação, beleza dos seus versos de arte maior e ardente patriotismo exerceu grande influência, entre outros, sobre o Condestavel D. Pedro, nas *Coplas*.

Jorge Manrique (1440-1478) que escreveu poésias á maneira provençal merecendo aqui citar-se as quarenta e tres estrofes que intitulou: *Coplas de Jorge Manrique por la muerte de su padre*, que bastariam a ganhar-lhe a imortalidade.

Garcia Ordónez de Montalvo, que em 1452 traduziu, adaptando-o, o *Amadis de Gaula* do nosso Vasco de Lobeira. (Vid. n.º 31).

Como pertencente a esta época, que corresponde a D. João II (1419-1454), devemos ainda citar o *Cancionero de Baena*, que compreende versos duns sessenta poétas do tempo daquele monarca espanhol. A este grupo pertence o lendário *Macias, El enamorado*, morto ás mãos dum marido ciumento na ocasião em que cantava a sua platónica paixão. Macias é repetidas vezes lembrado na literatura peninsular.

França

Villon (1431-1484) poéta satírico, que deixou no *Petit Testament* e no *Grand Testament* um retrato fiel da época em que viveu.

Froissart (1337-1410) funda o género histórico, já tentado por Villehardouin († 1213) e Joinville († 1317). Nas suas *Crónicas de França, Inglaterra, Escócia, Espanha, Bretanha, Gasconha, Flandres e outros logares* faz, sobretudo, menção das guerras entre a França e a Inglaterra. Froissart muitas vezes se compara com o nosso Fernão Lopes.

Itália

Lourenço de Medicis (1448-1492) o *Magnifico*, célebre ditador de Florença, a quem se deve uma parte importantíssima no despertar da poésia nacional, poéta lírico muito notavel, imitador distinto de Petrarca, autor da *Selve d'Amore*, dos *Poemeti* e dos *Canti Carnavaleschi* e *Beoni*.

Angelo Policiano (1454-1494) preceptor dos filhos de Lourenço de Médicis e um dos espiritos mais brilhantes da sua côrte, humanista muito citado, autor do drama *Orpheu*, de *Epigramas* e *Epistolas*, escritas em grego, e da *Conjuração dos Pazzi*, em latim. Foi admirador do nosso monarca D. João II, a quem dirigiu algumas cartas. [Foram trad. pelo ilustre filólogo Sr. Epiphanio da Silva Dias e publicadas pelo Sr. Th Braga, no vol. *Poetas Palacianos*, Porto, 1871, pg. 299 e seg.].

Inglaterra

É dominada pelo ciclo de Artus, comunicado a Portugal pelo casamento de D. Felipa de Lencastre com D. João I.

Alemanha

Continuam os *Meistersingers* a cultivar a poésia popular, sendo o maior poéta desta época Brant ou Brandt (1458-1521), autor do poema *Barca dos Loucos*.

CAPITULO II

Escola Espanhola

(1383-1521)

Sumário : 33. Caracteres geraes dêste período. — 34. Invenção da imprensa ; seu início em Portugal. — 35. Estudo da poésia. — 36. Garcia de Resende. — 37. Cancioneiro geral. — 38. Influência espanhola. — 39. Condestavel D. Pedro. — 40. D. Duarte. — 41. D. Pedro, Duque de Coimbra. — 42. Aparecimento da história. 43. Fernão Lopes. — 44. Gomes Eanes de Zurara. — 45. Rui de Pina. — 46. Autores de biografias.

33. — Caracteres geraes dêste período. O empenho de consolidar a monarquia e de alargar os seus domínios, absorvendo a atenção dos primeiros monarcas portugueses, mal podia permitir que eles se entregassem ao cultivo da vida literária. Esta veio com a pacificação geral do país e quem a inaugurou foi o justamente cognominado *Rei trovador*.

O impulso dado ás letras por D. Denís derivou não só dos seus trabalhos pessoaes, mas ainda da fundação da Universidade. A data de 1290, ano dessa fundação, é memoravel na história portuguêsa. É o início duma instituição gloriosa que tantos filhos ilustres veio a dar á pátria. Até áquele tempo os estudos, muito restritos, limitavam-se ás escolas creadas pelos bispos junto dos mosteiros. Sabe-se que durante a idade média foram estes institutos a única salvaguarda da sciência. Em Portugal sucedeu o mesmo que no resto da Europa. A primeira escola que houve em Coimbra foi instituida

logo no reinado do Conde D. Henrique, pai do nosso primeiro monarca, pelo primeiro bispo daquela cidade D. Paterno [1]. Foram tambem os prelados, abades e reitores de vários mosteiros e igrejas que se encarregaram de dotar com os rendimentos e bens, que lhes pertenciam, o *Estudo Geral*, que D. Denis resolvera fundar em Lisboa pelo diploma régio de 1 de março de 1290, *guarnecendo-o com abundância de doutores em todas as artes e vigorizando-o com muitos previlegios* [2], e logo nele se começou a ensinar o direito canónico, a medicina, a dialéctica e a gramática [3]. Este impulso não se perdeu. O último quartel do século XIV e o século XV representam um período de grande importância política para Portugal e simultaneamente de grande desenvolvimento intelectual.

Basta atentar na série dos monarcas deste período: — D. João I, cujo reinado marca talvez a época mais brilhante da história de Portugal, sem exceptuar a do próprio D. Manoel, e ele mesmo cultor das letras tendo escrito, segundo o testemunho de F. Lopes [4] e de seu filho D. Duarte [5], alguns livros de *piedade* e o *Livro da Montaria... tomado e ajuntado com acordo de muitos bõos*

---

1 Vid. Francisco Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio sobre a historia literaria de Portugal*, pg. 35 e seg.

2 Sr. Dr. Antonio de Vasconcelos, *Um documento precioso* in-*Rev. da Univ. de Coimbra*, I, 363.

3 Sobre a história da Universidade de Coimbra consulte-se: Francisco Leitão Ferreira, *Noticias chron. da Universidade de Coimbra*; o *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra*, 1772; Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a hist. do Gov. e da legisl. de Portug.*; Francisco Freire de Carvalho, *Primeiro ensaio sobre a historia literaria de Portugal*; Sr. Th. Braga, *Hist. da Univ. de Coimbra*, I, 1289-1555; II, 1556-1699; III, 1700-1800; IV, 1801-1872; Lisboa, 1892-1902, 4 vols.

4 *Chronica de D. João II*, pg. 41.

5 *Leal Conselheiro*, c. 27, pg. 94.

monteyros, ainda inédito [1]. D. Afonso V, que tam felizmente ampliou as conquistas dos portugueses e ao tempo de quem remonta o nosso mais antigo código administrativo, civil e penal — as *Ordenações Afonsinas* (1446) [2], foi um dos nossos monarcas mais afeiçoados ás letras sendo, conforme escreve Rui de Pina, « *o primeiro Rey destes Reynos que ajuntou boõs livros e fez livraria em seus paços* » [3]. D. João II foi justamente cognominado o *Príncipe Perfeito.* D. Manoel mandou uma frota em demanda das terras do Oriente em momento tam feliz, que Vasco da Gama descobriu o novo caminho marítimo para a India (1497-9) [4]. Que mais era preciso para uma efervescencia literária despontar em pujantes promessas?

---

[1] Vid. Sr. Gama Barros, *Historia da Administração Publica em Portugal,* I, pg. 424 e 425, n. 8, onde faz a descrição do ms. único desta obra, hoje existente na Biblioteca Nacional de Lisboa.

[2] Foram concluidas e publicadas em 1446 em nome de D. Afonso V sendo regente o Infante D. Pedro. Cfr. Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação em Portugal,* Coimbra, 1887, pg. 118.

[3] Barbosa Machado na *Bibl. Lusit.* s. v. atribue-lhe um *Tratado da melicia conforme o costume de batalhar dos antigos portuguéses,* e um *Discurso em que se mostra que a constellação chamada leão celeste constava de vinte e nove estrellas e a menor de duas,* que estão inteiramente perdidos.

[4] Foi D. João II quem em 1486 confiou a Bartolomeu Dias a empresa de colher informaçõis do misterioso *Preste João.* Uma tempestade arrojou-o para àlêm do *Cabo Tormentoso.* Vasco da Gama saio de Lisboa a 8 de julho de 1497 do sítio do Restelo, em Belem, comandando as tres náos — *S. Gabriel, S. Rafael* e *Bérrio,* àlêm doutra com mantimentos. Transposto o Cabo e depois de tocar em Moçambique e Melinde viajou para o Oriente avistando a desejada terra a 17 de maio de 1498. Dias depois aportava a Calecut, na costa do Malabar.

Em 1838 foi publicado o *Roteiro da viagem, que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez D. Vasco da Gama em 1497. Segundo um ms. coetaneo existente na Bibl. Publica Portuense.* Ed. dirigida por Diogo Kopke († 1844) e da qual em 1861 A. Herculano e Antonio da Costa Paiva (Barão do Castello de Paiva) fizeram 2.ª ed.

O mestre de Aviz subindo ao trono pela fôrça do povo firmou a independência da nação e preparou os portuguêses para o cometimento de empresas épicas e gloriosas. O seu casamento com D. Felipa de Lencastre deu ao país uma geração de herois — D. Henrique o Navegador, D. Duarte o Sábio, que lhe sucedeu, D. Fernando o Santo, que a morte surpreendeu no cativeiro de Fez, e D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do reino. O seu glorioso reinado preparou a vinda de escritores como Fernão Lopes, Zurara, Pina, etc.

Desta inclita geração D. Duarte foi um letrado insigne, e D. Henrique pelo seu espírito empreendedor deu alento ás conquistas e descobertas que tanto engrandeceram Portugal. A Universidade encontrou neste último um zeloso amigo e protector [1]. Ele lhe doou edifício próprio onde os estudos se fôram realizando até o reinado de D. Manoel, bem como dotou com pensão certa a cadeira de prima de Teologia.

Pode, pois, dizer-se que os quatro monarcas desta época são beneméritos da pátria e da civilização.

---

melhorada. Tambem ha poucos anos o Sr. Brito Rebello publicou o *Livro de Marinharia*... de João de Lisboa (Lisboa, 1903). Este João de Lisboa foi, talvez, um dos companheiros do Gama na sua primeira viajem. *O Roteiro da viagem que fizeram os portuguezes em 1541 de Goa a Suez por D. João de Castro* foi publicado em Paris em 1833 por António Nunes de Carvalho com uma curiosa introdução e notas. Outro livro ainda referente a viajens dos portugueses é o *Esmeraldo De situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira publicado em ed. crítica pelo Sr. Epiphanio Dias (Lisboa, 1905).

[1] Num alv. de 29 de abril de 1441 chama-se lhe *governador* da Univ.; na Prov. de 27 de fev. de 1479 dá-se lhe o titulo de *protector*, que aparece tambem no *Livro dos Privilégios*. Cfr. o estudo do sr. Dr. J. M. Rodrigues, *O Infante D. Henrique e a Univ.* no *Instituto*, XLI, 485 e seg. De D. Henrique (1394-1460) ha dous escritos — uma *Carta* ao país sobre o casamento do sucessor do trono escrita em 1428 (impressa em Soares da Silva, *Memorias*, I, 92, pg. 410 e Sousa, *Provas*, I, 515) e uma noticia a que Barbosa Machado, *Bibl.*, II, 436, chama *Conselho sobre a guerra de Africa*.

34. — **Invenção da Imprensa. Seu inicio em Portugal.** Quem foi o inventor da imprensa? Esse título caberá àquele que primeiramente se serviu de caracteres móveis e imaginou operar a tiragem do texto assim composto por meio duma prensa. Poderemos nós dizer quem foi? é impossivel, hoje, responder com absoluta segurança. A discussão está circunscrita a João Gutemberg e a Lourenço Coster. A obra impressa mais antiga parece ser o *Speculum humanae salvationis*, anterior a 1450, devida a Coster, ao passo que ha quem afirme que essa primasia compete á chamada *Biblia Mazarine* de Gutemberg, que é porém de 1456. Mas mesmo que se conceda á Holanda, propriamente á cidade de Harlem, onde teria aparecido o *Speculum* a honra de ter visto nascer o inventor dos caracteres móveis, convém reivindicar para Gutemberg a de ter descoberto a prensa e aperfeiçoado para o resto os processos anteriores, de modo que se ele não é o primeiro, é, porëm, o *verdadeiro* inventor [1]. Seja como fôr, certo é que passados poucos anos esse poderoso propulsor da civilização entrava em Portugal, devido á iniciativa dos judeus. Até então a raridade dos livros era enorme, o seu custo fabuloso. As livrarias possuidas unicamente pelos principes e reis representavam verdadeiros tesouros, como a do nosso D. Duarte, que a sorte dos tempos destruiu. Mas a arte da imprensa entrou em Portugal muito cedo e muito cedo também se propagou e desenvolveu. É ainda do sec. xv, — e a primeira que saiu da tipografia portuguêsa em Lisboa [2] — a famosa e rarissima tradução do *Livro de Uita Christi*. Esta tradução da obra de Ludolfo da Saxónia foi mandada fazer pela rainha D. Isabel, molher de

[1] *Grand Encycl. du XIX siècle*, na palavra *Imprimerie*, t. xx, pg. 618 e seg.

[2] Antes de 1491 não ha livro algum impresso em Portugal e em lingoa portuguesa, apesar da tipografia já ter entrado no país e nos ter dado obras em hebraico e latim.

D. Afonso V, ao monge cisterciense Fr. Bernardo de Alcobaça e saiu dos prelos em 1495 [1].

No ano imediato imprimio-se também em Lisboa a *Estoria de muy nobre Vespesiano emperador de roma*, documento preciosíssimo não só por ser o segundo livro impresso em lingoagem portuguêsa, mas também de inestimavel valor pelas numerosas estampas que ilustram as suas páginas, que revelam o adeantamento que a arte tipográfica e as do desenho e gravura tinham atingido em Portugal nos fins do sec. xv [2].

Primeiro que Roma, Veneza, Sabioneta, Mântua, Cremona, Verona, Bríxia, Ferrara e outras cidades de Itália, primeiro que Constantinopla e Tessalónica, muito antes da França, Inglaterra, Castela, Polónia, Holanda e a própria Alemanha, podemos orgulhar-nos de termos nós tipografia [3]. D. Afonso V, D. Manoel, D. Sebastião concederam diversos privilégios aos livreiros, como o da isenção de pagamento dos direitos de sisa pelos livros que importassem e vendessem em Portugal. Por isso vemos que já no século xvi eram numerosas as tendas dos livreiros em Lisboa [4]. Pode dizer-se, pois, que a introdução da imprensa em Portugal e os acontecimentos políticos em que sobresáem as navegações arrojadas sam um início feliz dessa edade que já se presentia — o *Renascimento*.

---

[1] Descrição desenvolvida nas *Mem. de Lit. Portug.*, viii, 55 e seg. e no *Catalogo do bibliofilo J. M. Nepomuceno*, Lisboa, 1892, pg. 138-142; reprodução da grav. que parece ter sido o germen do afamado quadro da misericórdia do Porto, o *Fons Vitae*, em A. Carvalho — *Os incunábulos da Bibl. Publ. do Porto*. Porto, mcmiv, 73. Damos dous pequenos trechos na *Antologia*.

[2] F. M. Esteves Pereira, *Hist. de Vespasiano*, já cit. No mesmo ano de 1496 imprimio-se em Leiria o *Almanach perpetuum motuum astronomi Zacuti*.

[3] *Os Judeus em Portugal*, c. v, pag. 257 e seg.

[4] Sousa Viterbo, *A livraria Real especialmente no reinado de D. Manoel*, Lisboa, 1901, pag. 5.

POESIA

35. — Estudo da poesia. Os documentos por onde melhor podemos avaliar o estado das letras em Portugal no período que se denomina *Escola Espanhola*, têem como fonte principal o *Cancioneiro* organizado por Garcia de Resende, o qual fecha o ciclo dos cancioneiros medievais e que na história da nossa literatura é conhecido pelo nome de *Cancioneiro Geral.*

36. — GARCIA DE RESENDE. (por 1470-1536). É indíspensavel começar por traçar, embora de fórma muito rápida, a biografia de Garcia de Resende [1], para se compreender a fórma como foi organizado o seu Cancioneiro Geral. Resende era natural de Évora e foi Moço da escrevaninha ou secretário particular del-rei D. João II, cargo em que se houve de tal modo, que ganhou a estima e afeição do monarca, que depois D. Manoel também lhe consagrou. De quanto o estimava, folgava D. João II de dar testemunho sempre que se oferecia ocasião ou para isso aparecia pretexto. Assim « ao Moço da Escrevaninha competia ter sempre na mão, emquanto D. João II escrevia, uma penna molhada e pronta para substituír aquella de que ele se estava servindo; sucedia por tanto ver Resende tudo quanto seu amo assentava no papel. Um dia, estando El-rei a escrever a Fernando o Católico, percebeu Resende ser coisa de muita importancia e discretamente virou o rosto para o lado; D. João II deu por isso e disse-lhe: vira-te para cá, que, se não me fiasse de ti, não te mandaria estar aí; e porêm isto não te dê presunção, senão vontade para melhor servir e ser melhor ensinado » [2].

---

[1] Com a mestria habitual o sr. Braacamp Freire ocupou-se de Resende no vol. *Critica e Historia*, Lisboa, 1910, pg. 28-95.

[2] Sr. Braacamp Freire, *Critica e Historia*, pag. 35.

E foi, decerto, a afeição que o monarca lhe consagrou, os incitamentos com que aplaudiu o seu gôsto de trovar, que concorreram em muito para que ele podesse colecionar as numerosas trovas que fórmam o seu Cancioneiro. Àlêm de poéta, Resende distinguiu-se também pela *boa manha,* como então se dizia, de debuxador e músico. Referindo-se a estas aptidões várias escrevia Gil Vicente:

E Garcia de Resende,
Feito peixe tamboril
E inda que tudo intende,
Irá dizendo por ende,
Quem me dera um arrabil.

E um outro contemporâneo, o poéta D. Francisco de Biveiro:

O redondo do Resende [1]
Bem m'intende
Tange e canta muito bem ;
E debuxará alguem
Se com isto não se offende.

D. Manoel também o estimou muito, nomeando-o secretário da magnífica embaixada que mandou a Roma por Tristão da Cunha, em 1514, quando era pontífice Leão X [2].

Como historiador temos de Resende a *Vida e feitos de D. João II* [3] que Herculano [4] avaliava como mezquinha colecção de historietas, onde apenas avultam algumas páginas como o suplício dum nobre [5], o assassínio dou-

[1] Alusão á descomunal gordura do poéta que deu tema a tantos apodos dos seus contemporâneos.

[2] Vid. Salvatore de Ciutiis, *Une ambassade portugaise à Rome au XVIe siècle,* Naples, 1899.

[3] A 1.ª ed., hoje rarissima, é de 1545. Ha uma ed. da Imp. da Univ. de Coimbra de 1798 com o titulo *Chr. dos valerosos e insignes feitos d'el-rei D. João II,* bastante errada, especialmente na *Miscelanea.*

[4] *Opusculos,* v, 27.

[5] D. Fernando, 3.º duque de Bragança, que subio ao cadafalso em Evora, em 1483.

tro [1] e o mistério dum rei que morre, ao que parece envenenado [2].

Neste trabalho Resende copiou na maior parte a crónica do mesmo rei, de Rui de Pina, usando servilmente das mesmas concepções, idéas e pensamentos, e até das próprias palavras acrescentando, apenas, aqui e àlêm alguns factos próprios [3]. Deve porêm dizer-se, que a crónica está escrita com singelesa e oferece leitura a que não é estranho certo gôsto e encanto, dando-nos notícia de « usos, costumes, trajos, cerimonias, trechos de conversações, noticias de relações sociaes e muitas outras informações interessantes, incluindo as anedotas, que nos revelam em parte o modo de viver da gente portuguesa daqueles tempos » [4]. É tambêm interessante a *Miscelanea e variedade de historias* [5], espécie de crónica rimada dos factos mais notáveis da sua época. De maneira que não sendo insigne, diz a Sr.ª D. Carolina Michaëlis, em nenhuma especialidade, a critica moderna fez justiça aos serviços importantes que prestou à patria e ao seu espirito enciclopédico de musico, desenhador, poeta e historiador [6]. Mas o principal merecimento de Resende resulta de ter sido o colecionador do

37. — Cancioneiro Geral. Foi este cancioneiro publicado pela primeira vez em 1516 com o seguinte título: *Cancioneiro geerall... ordenado e emendado por Garcia de Resende... Começouse em Almeyrim e acabouse na muito nobre e sempre leall cidade*, etc. *Lisboa... 1516.*

---

[1] D. Diogo, duque de Viseu, que foi assassinado pelo próprio rei D. João II.

[2] D. João II.

[3] Vid. *Garcia de Resende, excerptos seguidos duma noticia sobre sua vida e obras.* É o vol. III da *Livraria Classica* dos Castilhos.

[4] Sr. Braacamp Freire, *Critica e Historia*, pag. 30.

[5] Anda anexa á *Chronica de D. João II.*

[6] *Estudos sobre o romanceiro peninsular*, pag. 260.

Passaram-se mais de tres séculos sem que o Cancioneiro Geral obtivesse nova edição, tornando-se por isso a única que havia de 1516 verdadeira raridade bibliográfica [1]. Em 1846 a « Sociedade Literária de Stuttgard » deu em tres volumes uma edição rigorosamente diplomática, que também já hoje é rara no mercado [2], e que foi feita sobre um exemplar emprestado por el-rei D. Fernando. Em 1904 fez-se na América, a expensas de sir Archer M. Huntington, uma edição de 200 exemplares em *fac-simile*, monumento de amor literário pela mão generosa dum estranjeiro a apontar-nos o caminho que deviamos seguir.

Na Imprensa da Universidade de Coimbra trabalha-se numa edição cuidadosa e esmerada [3].

É incontestável que o Cancioneiro de Resende é dum valor incalculável não tanto pelas poesias em si, como principalmente pela fonte abundante de conhecimentos que fornece sobre a sociedade portuguesa do século xv. Figuram na colecção de Resende trovas de perto de tresentos poétas, muitos dos quaes escreveram em espanhol. Resende reuniu essas trovas sem sistema nem plano determinado. Tudo o que ia adquirindo, fôsse de poétas já falecidos, fôsse dos que viviam na côrte, escrito em espanhol ou em português, tudo ia colecionando com a idéa de enriquecer tanto quanto podesse o seu album formado, escreve ele no prólogo dirigido a D. Manoel, para *desenfadamento* do rei. A situação previligiada que

---

1 A Biblioteca da Universidade de Coimbra possue um exemplar desta raríssima edição, ao qual faltam àlêm da 1.ª e última as fls. 56, 61 e 183.

2 *Cancioneiro Geral. Altportuguiesische Liedersammlung des Edeln Garcia de Resende. Neu herausgegeben von Dr. E. H. v. Kaussler*, etc.; 1.° vol. 1846, 2.° 1848 e 3.° 1853. Esta ed. é excelente e até mais correcta do que a original, emendando muitos erros de Resende cuja lição é indicada em nota. Merecem registar-se pelos largos extratos que fazem do Cancioneiro os t. VIII inteiramente (182 pag.), e parte do IX (50 pag.) da *Livraria Classica Portuguesa* dos Castilhos.

3 Estão publicados tres vols.

ocupava no paço, o seu génio folgazão e zombeteiro, facilitavam-lhe essa missão de colecionador. Mas que frivolidade na maior parte dos assuntos! que secura em quasi todas aquelas páginas!

Abre o *Cancioneiro Geral* por uma tensão, o celebrado processo do *cuidar contra o suspirar*, que gira em volta duma dama, D. Leonor da Silva, que por 1483 vivia na côrte de D. João II e era galantemente cortejada por poétas portugueses e castelhanos. Tomam uns o partido do fidalgo-poéta Nuno da Silva, o do *cuidar*, defendem outros o *suspirar* com Jorge da Silveira à frente. Os dois poétas encontram-se num caminho, indo um abstrato e sonhador, o outro dando profundos suspiros:

Vós, Senhor Nuno Pereira,
Por quem hys assy cuydando?
— Por quem vós hys sospirando,
Senhor Jorge da Silveira?

Principia o debate e nele tomam parte, usando já do espanhol, já do português, numerosos poétas, cujo ídolo troca, por fim, as fantasias dos seus admiradores na maior parte, de resto, casados, pela realidade do casamento com um provinciano beirão. Acabado este debate palaciano que enche catorze folhas do Cancioneiro seguem-se poesias amorosas, satíricas, epigramáticas, roçando algumas por uma vivacidade de imagens atrevidas e até grosseiras, o que explica que a inquisição no seu índice expurgatório de 1624 as trancasse em muitos logares.

« O que mais chama a atenção deste Cancioneiro, escreve Menendez y Pelayo, não é a diferença de lingoas, que é meramente acidental e não afecta o conteúdo poético, é sim a penúria de inspiração histórica, o divórcio em que estes trovadores cortesãos parecem viver de toda a grandiosa vida do seu povo, e em que alguns deles tomaram parte muito honrosa e distinta.

Nem as empresas de África, nem as portentosas navegações do Oriente têem eco nesta retórica convencional e enfadonha. » E o grande Mestre Castilho: « substância poética... pouca se espreme do corpulento volume do *Cancioneiro,* quasi nenhuma fôra expressão mais exacta. » Assim é. As excepções sam insignificantes. Áparte Alvaro de Brito e D. João Manoel que escreveram *planhs* á morte prematura do principe D. Afonso, filho de D. João II falecido em 1491, poucos dias depois do seu casamento, composições ainda assim frias e sem vislumbre de sentimento, só o próprio colecionador protestou contra a frivolidade dos temas, cantando a morte de D. Inês de Castro em versos cheios de movimento e de bela elevação e que inspiraram depois as inimitáveis estrofes do nosso supremo cantor [1]. Ha ainda, aqui e àlêm, algumas trovas que compensam bem a aridez do grande número, taes o *Fingimento de amores* « clara revelação de subido engenho e apurado gosto », obra de Diogo Brandão [2], algumas cantigas, e outras composições que damos na *Antologia.*

A contextura das estrófes que aparecem no *Cancioneiro* é muito variada: ha nele amostras muito dignas de adopção, por seu geito e graça peculiar. Para tal o apontamos, escrevia uma autoridade competente, aos pouquíssimos engenhos excelentes que se têem empenhado em regenerar a nossa lírica, enriquecendo-a com a máxima variedade de períodos, com a máxima abundância e novidade de rimas; mas a metrificação é muito irregular e muito descuidada a rima, jogando por exemplo *serras* e *quiseras, palavras* e *desejavas,* etc. [3].

---

[1] Seriam estas *Trovas de D. Inês* inspiradas nalgum verso tradicional? Assim o pensou Menendez y Pelayo. Cfr. *Antologia,* já cit., vol. IX, pg. 284-288.

[2] Traçou-lhe o perfil o sr. Braacamp Freire no *Arc. Hist. Port.,* VI, 298 e segg.

[3] Castilhos, *Liv. Classica Portug.,* ob. cit., vol. X, pg. 131.

Olhado por outro lado o *Canc. Geral* é inestimavel. « Ha aí minúcias interessantes, que em balde se buscariam nas chancelarias e nas cronicas, de usanças velhas, de trajos, de alfaias caseiras, de relações familiares do rei com a sua côrte, de amizades e inimizades dos cortesãos entre si, do papel que as senhoras representavam na sociedade alta, das liberdades, hoje inadmissiveis, então moeda corrente, do pendor epigramático e faceto do espírito nacional, da bonhomia do viver antigo, das tendências eruditas de alguns versejadores, filhos da Renascença, para o culto dos clássicos romanos, das microscópicas maledicências em que se entretinham os cavaleiros, quando descansavam em Évora ou Almeirim das frágoas de Arzila ou Azamor ; e ha tambem embuçadas referências genealógicas e históricas que, observadas com critério, dão luz á historia geral [1].

38. — **Influência espanhola.** O *Cancioneiro Geral* traduz a imitação da poesia espanhola, que caracteriza esta época. Entre portugueses e castelhanos ha relações amistosas, que não impedem o cobrirem-se de vez em quando de injúrias. Sem originalidade, portanto, as, pouco mais ou menos, mil poesias, que encerra o valioso trabalho de Resende, sam de caracter *palaciano* — fruto de artifício por vezes laborioso, inferior como documento poético, mas indispensavel como subsídio histórico para o estudo do século XV.

Entre ele e os cancioneiros, que o precedêram, e que não sam provavelmente senão cópias dum original que se perdeu, ha uma notavel diferença.

Uma lingoa irregular servindo ou traduzindo rudes mas enérgicos pensamentos, certa naturalidade, graça e viveza

[1] Do *Prefácio* ao Índice do *Canc. de Resende* e das *Obras de Gil Vicente*, Lisboa, 1900. Anónimo. [Autores srs. Júlio de Castilho e Braacamp Freire].

nas mais antigas poesias, e já nas do reinado de D. Denis grande afectação e artifício, taes as qualidades das manifestações poéticas características dos trovadores portugueses, que nos deixáram perto de mil canções escritas, segundo Wolf, no periodo decorrido entre 1245 e 1357.

39. — CONDESTAVEL D. PEDRO (1429-1466). Dentre os poétas do *Cancioneiro* [1] devemos destacar o Condestavel D. Pedro, filho do infante D. Pedro, Duque de Coimbra, embora quasi tudo o que dele possuamos esteja escrito em espanhol e por isso o seu nome seja contado entre os que ilustram a literatura do país vezinho, onde viveu durante sete anos. E' de D. Pedro a obra que intitulou *Satyra de felice e infelice vida* dedicada a sua irmã D. Isabel casada com D. Afonso V, cheia de copiosas notas marginaes que muito abonam a sua erudição, algumas das quaes sam de excepcional valor, como aquela que se refere à Rainha Santa de Portugal, a relativa ao enamorado Macias, etc. A *Satyra*, espécie de novela alegórica de género sentimental, foi escrita em português no meiado de 1448 e novamente redigida em castelhano depois de 1449, antes dos dezoito anos [2]. O falecimento (1455) de sua irmã D. Isabel inspirou-lhe outra obra, em prosa e verso, com o título: *Tragedia de la insigne Reiña Doña Isabel* [3]. Mas a obra que dá a D. Pedro maior

[1] *Canc. de Res.*, I, 67-69.

[2] Publicada por D. Antonio Paz y Mélia no vol. XXIX dos *Bibliofilos Españoles*, Madrid, 1892, e por Menéndez y Pelayo na *Antologia dos Poetas lyricos castellanos*, II, 263.

[3] Foi publicada com eruditos esclarecimentos no livro *Homenaje a Menéndez y Pelayo en el año vigesimo de su profesorado*, Madrid, 1899, I, pag. 687, pela Sr.ª D. C. M. de Vasconcellos, graças a um códice coetaneo da Livraria Fernando Palha. O texto ocupa na separata as pag. 53-96. De 1-52 vem uma introdução bibliogr. e hist. que dá alguns subsidios importantes para a biografia tanto do *Condestavel* como de seu Pae e corrigindo varias asserções de O. Martins emitidas nos *Filhos de D. João I*.

renome e que um erro de Garcia de Resende atribuiu não a ele, mas a seu pae, erro em que cairam escritores contemporâneos como Innocencio da Silva e O. Martins, é a conhecida pelo nome de *Coplas del comtempto del mundo*, ou *Poema del menosprezo del mundo*, a melhor obra que no século XV foi escrita em espanhol por um trovador português [1].

Ao condestavel D. Pedro é que o Marquês de Santillana dirigiu entre 1445 e 1458 o seu *Proemio*, de tão alto valor para o estudo das origens da poesia peninsular.

PROSA

40. — **D. DUARTE** (n. 1391, gov. 1433-1438) tem um logar honroso entre os escritores deste período. O seu amor pelas letras levou-o a mandar fazer grande número de traduções [2], que com as muitas obras que adquiriu no estranjeiro por intermédio das Feitorias portuguesas constituiam a sua preciosa livraria [3], infelizmente perdida [4]. As obras mais notaveis que dele possuimos e

---

[1] *Coplas hechas por el muy illustre Señor Infante Don Pedro de Portugal en las quales ay mil versos com sus glosas, contenientes del menosprecio e contempto de las cosas fermosas del mundo, demonstrando la sua vana e feble beldad.* Vid. alguns extractos em Menéndez y Pelayo, *Antologia*, etc., II, 263. Escreve a Sr.ª D. C. M. de Vasconcellos: « as datas 1464 ou 1465 não merecem discussão. A de 1478 estabelecida... por O. Martins provém de uma nota manuscrita lançada á margem do *Prólogo*. O tipo gótico, o papel grosso e a falta de todas as datas tornam provavel a hipótese dele pertencer ao sec. XV ».

[2] « Na sua livraria prevaleciam os livros em *lingoagem*, por *castellão*, por *portugués*, por *aragões* ». Sr. Th. Braga, *Hist. da Univ.*, I, 196.

[3] O catalogo apareceu nas *Provas da Hist. Geneal*, I, 544-546, e está comentado pelo Sr. Th. Braga, *Hist., da Univ.*, I, 209 e seg.

[4] « Dos livros que ajuntou D. Duarte apenas sabemos da existencia do intitulado *Côrte Imperial* e do fragmento do *Reg. de Principes*. Tudo

que o assinalam àlêm de estilista como um cultor de sã filosofia moral fôram publicadas pela primeira vez em 1842 sam: *Leal Conselheiro* e *Livro de Ensinança de bem cavalgar* [1]. A lingoagem de D. Duarte é muito polida e sofre, por vezes, confronto lisongeiro com a do nosso primeiro cronista, F. Lopes.

41. — **O INFANTE D. PEDRO**, Duque de Coimbra, (1392-1449), é outro príncipe que merece menção especial. Tendo-se ilustrado em numerosas viajens que fizeram entrar o seu nome na lenda e tradição popular [2] foi

---

o mais quasi com certeza se poderia dizer que ou o tempo consumiu, ou jaz sepultado por bibliothecas estranjeiras como succede ás obras do mesmo monarcha ». *Panorama*, IV, 7. O *Regimento de Principes* de Gilles de Roma, escrito para a educação de Felipe o Belo, é obra de rara cultura. (Villemain, *Cours de Litt. française*, Bruxeles, 1840, pg. 123). A *Côrte Imperial* essa foi recentemente publicada na *Collecção de manuscriptos ineditos* da Bibl. do Porto. E' o vol. I e saiu em 1910.

[1] *Leal Conselheiro seguido da arte de bem cavalgar. Dado pela primeira vez á luz sobre o ms. original da bibliotheca real de Paris, com notas philologicas e um glossario das palavras antigas,* por J. I. Roquette, Paris, 1842. Outra ed. — *Leal Conselheiro e livro de ensinança de bem cavalgar toda sella,* etc. Lisboa, 1843. Vid. O. Martins, *Os Filhos de D. João I*, cap. VI; na nota de pg. 162 vêem enumeradas outras obras de D. Duarte.

[2] A lenda apossou-se com efeito do Infante fazendo-o percorrer as *sete partidas do mundo* com doze companheiros quando, naturalmente, ele nem chegou a sair da Europa. Deve-se a Gomes de Santo Estevão, que seria um desses companheiros, a narrativa da viajem primitivamente escrita em espanhol e que foi publicada depois dos meiados do século XVI, traduzida a seguir para português, entrando mais tarde na chamada *literatura de cordel* e contando dezenas de edições. Sobre o Infante vid. a *Tragedia*... ed. da Sr.ª D. C. M. de Vasconcellos cit. na nota (3) da pagina 90; Sousa Viterbo, *O Infante D. Pedro, o das sete partidas*, Lisboa, 1902; o *Boletim de la R. S. Geográfica*, de Madrid, XIV, 3.º trimestre, 1903, artigo de D. C. Fernández Duro, que reproduz o texto, em espanhol e português, duma versão das viajens, e as *Cartas Bibliographicas* por F(ernandes) T(homás), Coimbra, 1876, pgs. 33 a 43.

Regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Afonso V, desde 1438 até 1448. Daí a pouco deu-se o lamentavel desastre de Alfarrobeira em que pareceu (1449). A sua obra capital é o livro intitulado *Da Virtuosa Bemfeitoria,* em seis livros, sobre filosofia moral em que procurou seguir e imitar a Seneca [1] e que foi recentemente publicado [2]. Temos em poesia breves estâncias dirigidas a João de Mena, o poéta mais celebrado da côrte de Castela, as quaes sairam no *Cancioneiro Geral* de Resende [3]. O infante D. Pedro traduziu tambêm para a nossa lingoa o tratado de Cícero *De officiis,* que se conserva manuscrito na Bibl. Nac. de Madrid [4].

HISTORIA

42. — **Aparecimento da história.** A história digna dêste nome e elevada a um género independente e próprio só aparece entre nós com Fernão Lopes. « Os agiológios imaginados pelo fervor religioso e abraçados pela crença popular, as narrativas legendárias e as vidas dos santos, investigadas pela piedade dos monges, os livros dos foraes e constituições dos bispados coligidos e ordenados pelo andamento das necessidades da organização civil, tudo isto dispõe os primeiros passos, e ao mesmo tempo os primeiros elementos da nossa história » [5]. O título de

---

[1] Sobre L. Anneu Seneca veja-se a nossa *Introd. á hist. da lit. portug.*, Coimbra, 1911, pg. 187.

[2] E' o vol. II da *Collecção de Manuscriptos ineditos* publicada a expensas da Camara Municipal do Porto. Com este titulo: *O livro da Virtuosa Bemfeitoria do Infante Dom Pedro.* Porto, 1910, 1 vol.

[3] Folhas 62-79 v. e J. Soares da Silva, *Mem. para a história de Portugal,* etc., IV, 463-506.

[4] A resenha dos titulos dos capitulos desta obra e a dedicatoria ao infante, depois rei, D. Duarte, sam publicadas na introdução de J. Pereira de Sampaio (Bruno) que precede a ed. cit. na nota anterior.

[5] Ferreira, *Curso, ob. cit.*, pg. 286.

fundador da história cabe, pois, com justa razão a Fernão Lopes. Ele abre a série dos cronistas oficiaes estipendiados pelos reis para desempenharem a missão de escreverem a história nacional. Esta circunstância suscita no nosso espirito certas dúvidas sobre a absoluta sinceridade com que eles poderiam ter escrito. Autores de histórias oficiaes e subsidiadas poderiam ter o desassombro dos que escrevessem sem essa pressão? A respeito de Fernão Lopes escreve um historiador contemporâneo nosso: devemos sempre desconfiar um pouco do velho cronista porque ele é visivelmente parcial a favor de D. João I e dos que o ajudaram a subir ao trono [2].

Rui de Pina recebeu várias tenças de D. Manoel. E' certo que, não obstante isto, nós vemos este cronista não ocultar na *Cr. de D. João II* as suspeitas de envenenamento, que iam atingir precisamente D. Manoel, o seu amigo e protetor, e vemos tambem Castanheda no liv. x da *Hist. da India* censurar asperamente os fidalgos que se desonraram no segundo cêrco de Dio. Mas tambêm vemos que quando e onde apareceu a independência e o desassombro logo surgio a influência cortesã ou impedindo que a obra se imprimisse, ou obstando á sua divulgação, ou procurando suprimir ou acrescentar nela o que era consoante os seus interesses — como sucedeu com Damião de Goes, com Gaspar Corrêa e Castanheda. O que isto significa, pois, é que os cronistas devem ser lidos com certas precauções, procurando-se sempre que fôr possivel contraprovar os seus dizêres com outros testemunhos [3], ou, o que é o ideal, recorrer aos próprios documentos originais emanados dos seus autores sem preocupações de passarem à posteridade.

---

[1] Pinheiro Chagas, *Hist. de Port.*, II, § 611, pg. 63.

[2] Sr. José Caldas, *História dum Fogo-morto*... Porto, 1903, pg. XXIV e seg.; id., *Benigna verba*, Coimbra, 1907; Sr. Braacamp Freire, *Amarrado ao pelourinho*, Lisboa, 1907.

43. — FERNÃO LOPES (1380?-1450?). Foi por D João I nomeado guarda do Real Arquivo[1] depois Torre do Tombo, cargo que exerceu durante trinta e seis anos, sendo substituido, quando já fraco e velho, por Zurara. Quando D. Duarte subiu em 1434 ao trono encarregou-o de « *poer em caronyca as estorias dos reis, que antygamente em Portugal forom; e esso meesmo os grandes feytos e altos do muy vertuoso, e de grandes vertudes, El rei seu senhor e padre* » (D. João I). Em obediencia a esse mandato escreveu: 1.º) a *Chronica d'El-rei D. João I de boa memória*[2], que contém àlêm das duas partes, obra de F. Lopes, uma terceira sobre a tomada de Seuta, escrita por Zurara; 2.º) a *Chronica do senhor rei D. Pedro I;* 3.º) e a *Chronica do senhor rei D. Fernando*[3]. Estas obras, únicas que restam com o seu nome, sendo plausivel que outras escrevesse que servissem de base ás depois elaboradas por Zurara e Pina, sam notaveis pela fidelidade e clareza da exposição. « Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só história, escreveu A. Herculano; ha poesia e drama; ha a idade-média com sua fé, seu enthusiasmo, seu amor de gloria[4] ». Póde dizer-se que as obras do grande historiador sam o que a idade-média nos legou de mais perfeito. Nada lhe falta — colorido, vida e entu-

---

[1] Sobre a história do R. Arquivo vid. José Pedro de Miranda Rebello, *Extracto do R. A. da Torre do Tombo,* Lisboa, 1904, 1 folh.; Srs. P. A. de Azevedo e Antonio Baião, *O Archivo da Torre do Tombo,* Lisboa, 1905.

[2] Lisboa, 1644. 2.ª ed., 1897-98. O Sr. Braacamp Freire reproduzio no *Archivo Hist.* esta Cronica segundo um Ms. da Torre do Tombo, cópia mandada fazer por D. Manoel. « É portanto a mais autentica existente, diz o erudito escritor, e na falta do original a merecedora de maior confiança. Por ella se verá quanto erradas andam as ed. impressas, tanto a de 1644 como a de 1897-98... ».

[3] As duas últimas crónicas fôram pela primeira vez publicadas na *Collecção de livros ineditos da Historia Portuguésa,* IV, 1-20 e 121-525.

[4] *Opusculos,* V, 1881.

siasmo. Uma geração inteira com as suas ambições e as suas lutas surge nas páginas das suas crónicas. Se lhe fôsse possivel conhecer a revolução científica que depois dele se operou não teríamos que invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores [1]. A descrição do cêrco de Lisboa, a da batalha de Aljubarrota, na Cr. de D. João I, o retrato de D. Pedro I, na Cr. deste monarca, traçado a côres inolvidaveis como quando por suas mãos aplica justiça ao Bispo do Porto ou a manda executar sobre os assassinos de Inês de Castro, ainda na Cr. de D. Fernando o que ele escreve sobre a intrigante figura de Leonor Teles e seus amores com o rei, etc., sam quadros, que só o pincel dum grande artista poderia ter desenhado.

Ferdinand Denis, que foi um cultor tam justo e tam conhecedor da nossa literatura, considerava Fernão Lopes como historiador superior ao seu século e aprovava a opinião de Dias Gomes quando este critico escrevia que fôra ele o primeiro que mais dignamente escrevera a história na Europa [2]. Nisto vai o seu melhor elogio.

44. — **GOMES EANNES DE ZURARA** (✝ 1474) sucedeu a Fernão Lopes nos cargos de cronista-mór do reino e no de guarda da Torre do Tombo. Escreveu: a) *Chronica delrei D. João I* [3] (terceira parte, em que se contém a tomada de Seuta); b) *Chr. do conde D. Pedro de Menezes* [4]; c) *Chr. dos feitos de D. Duarte de Menezes* [5]; d) *Chr. do descobrimento e conquista da Guiné* [6].

---

[1] Herculano, *ibid.*

[2] *Résumé de l'hist. lit. du Portugal*, ch. v, pg. 30.

[3] Lisboa, 1644.

[4] Impressa na *Coll. de liv. ined. da Hist. Portug.*, II, precedida dum estudo do abade Correa da Serra.

[5] Imp. na mesma *Coll.*, t. III.

[6] Ed. feita em Paris na of. tip. de Fain & Thunot só em 1841! Foi Ferdinand Denis quem primeiro descobriu o original desta crónica

Zurara foi acusado por Damião de Goes de palavroso e inchado. Mas ninguem lhe contestou a sua fidelidade como historiador. O amor da verdade levou-o a empreender uma viagem a Africa a fim de estudar os logares e as circunstâncias dos factos, que tinha de referir. Na intumescência retórica tam afastada da lhaneza de dizer do seu antecessor, salva-o a sinceridade com que escreve.

Lendo as diversas obras de Zurara, escreve um erudito contemporâneo, àlêm das afirmativas terminantes e reiteradas de que só procura interpretar a verdade, ha trechos que nos denunciam, apar dum espirito recto e esclarecido, superior aos preconceitos do seu tempo, uma alma bondosa e internecida, que se compadece com o sofrimento dos outros. E' sem dúvida lisongeiro e curva-se reverente e adulador deante da pessoa de D. Afonso V, mas também seria ingratidão se não se mostrasse reconhecido aos beneficios que a cornucópia real despejava de contínuo sobre a sua cabeça [1].

45. — **RUI DE PINA** (1440?-1521?) Foi o sucessor imediato, não de Zurara, mas de *Vasco Fernandes de Lucena*, cujo nome não registamos àparte por dele não restar uma só página *original* em história. Todo entregue

---

na Bibl. de Paris. A ed. foi feita por diligência do visconde da Carreira e nela colaborâram o visconde de Santarem e J. I. Roquette. O Sr. Edgar Prestage verteu-a para inglês para a colecção *Hakluyt Society*. Nesta versão de pgs. XIII a LXVII da Introdução ao t. 1.° vem um estudo do Sr. Prestage sobre a vida e escritos do Cronista. Sobre Zurara, vid. : — *Ined. da Hist. Portug.*, já cit. ; Sr. Gama Barros, *Hist. da Administração*, etc., II, nota XIV; Ernesto do Canto, *Boletim de Bibl. Port.* ; Sousa Viterbo, *Rev. Portug. Colonial e Maritima*, n.° de 20 de outubro de 1898 (n.° 18 do 2.° ano). Traz algumas cousas inéditas, fixa a data da morte do cronista, etc. Veja-se também deste último autor o artigo *A cultura intelectual de D. Afonso V* no *Arch. Hist.*, II (1904), 254 e seg.

[1] Sousa Viterbo, *Rev. Portug. Colonial e Maritima, cit.* na nota antecedente.

á vida politica no estranjeiro não pôde ocupar-se dos estudos históricos necessarios para poder desempenhar as obrigações do seu cargo, de que desistiu a favor de Rui de Pina, em 1479 [1]. Este cronista tambêm envolvido em cargos diplomáticos, pois como secretário acompanhou a Castela D. João da Silveira, barão de Alvito, em 1482, no mesmo cargo foi a Roma felicitar o Papa Inocencio VIII e esteve de novo em Castela e Barcelona em várias missões, consagrou-se, por fim, aos trabalhos oficiaes de historiador. Como tal é, decerto, superior a Zurara, mas de merecimento inferior ao antecessor dos dois. Gozou da estima de D. João II, que o nomeou cronista mór e guarda da Torre do Tombo, recebendo, tanto deste rei, como de D. Manoel, muitas mercês e honrarias. Viveu ainda alguns anos no tempo de D. João III e parece ter deixado apontamentos para uma crónica de D. Manoel, que Damião de Goes aproveitou. E' grande o número das crónicas, que lhe sam atribuidas: — de D. Sancho I [2], D. Afonso II [3], D. Sancho II [4], D. Afonso III [5], D. Denis [6], D. Afonso IV [7], D. Duarte [8], D. Afonso V [9], e D. João II [10], mas a substância dalguma delas deve pertencer a Fernão Lopes, cujos apontamentos ele utilizou não se podendo calcular em que medida, visto se terem completamente perdido, supondo A. Herculano que o culpado da desaparição foi o proprio Pina, « pobre corvo de

[1] Herculano, *Opusculos*, v, 17.
[2] Ed. por Miguel Lopes Ferreira, Lisboa, of. Ferreiriana, 1727.
[3] Ed. do mesmo e na mesma of., 1727.
[4] Id., *Ibid.*, 1728.
[5] Id., *Ibid.*, 1728.
[6] Id., *Ibid.*, 1729.
[7] Ed. de Paulo Craesbeeck, na of. do mesmo, Lisboa, 1653.
[8] Inserta na *Coll. de liv. ined. da Hist. Portug.*, I, Lisboa, of. da Acad. real das sc., 1790.
[9] Id., *Ibid.*
[10] Id., *Ibid.*

João 2.º que se quís adornar com as pennas de pavão do Homero de João 1.º ». A sua alta situação na côrte tornava-o temido, procurando até homens eminentes, como Afonso de Albuquerque, mendigar-lhe elogios a trôco « de aneis de diamantes e rubis e de muitas e preciosas joias » de maneira que « não se esquecesse dele quando escrevesse das coisas da India » [1].

« Aquele cujo nome devêra encher o mundo não teve a consciencia de que era o maior capitão do século e creu que a sua imortalidade dependia dum cronista obscuro! Triste documento de que os génios mais portentosos estam, como os homens ordinários, sujeitos ás mais ridículas fraquezas! ».

46. — AUTORES DE BIOGRAFIAS. Merecem citar-se neste logar duas obras que, não obstante a sua designação individual, interessam á história geral do país na época a que dizem respeito — a *Chronica do Condestabre de Portugal D. Nuno Alvares Pereira,* e a *Chronica do Infante Santo D. Fernando,* que são evidentemente do século XV, embora as edições que hoje consideramos primeiras tragam as datas respectivamente de 1526 e 1527. E' indubitavel que a *Chr. do Condestabre* foi compulsada por Fernão Lopes, que ás vezes a copia quase literalmente, segundo afirma O. Martins. Esta Crónica é anónima, a do *Infante Santo* é devida ao seu capelão e companheiro de exílio Fr. João Alvares. Ambas são modelos de naturalidade e desafectação da lingoagem, de

---

[1] O caso tornou-se conhecido por Barros (*Asia,* l. VII, c. I, fl. 98 v. da 1.ª ed., 1553) que o leu em cartas particulares enviadas pelo grande Albuquerque ao cronista. Vid. Sousa Viterbo, *As dadivas de Affonso d'Albuquerque* no *Arch. Hist.*, II, 4-7. O *Compendio e summario das grandezas e cousas notaveis que ha entre Douro e Minho, e sua comarca, vistas pelo muito douto Ruy de Pina* é opúsculo raro, impresso em 1608, de 16 pg. sómente.

clareza e simplicidade, merecendo contar-se entre os mais formosos escritos da nossa literatura antiga [1].

Pelo pitoresco das notícias e subsídio que fornecem á crítica dos costumes da época merecem ainda conhecer-se as quatro *Cartas* que *Lopo de Almeida* escreveu em 1451 da Itália a D. Afonso V sobre a jornada, recepção e festas realizadas por ocasião do casamento de D. Leonor, irmã do rei, com Frederico III, imperador da Alemanha [2].

---

[1] Ambas de duas foram reeditadas na minha colecção *SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DA HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA*. Vol. XIII — *Chronica do Infante Santo D. Fernando, ed. critica da obra de D. Fr. João Álvarez segundo um codice Ms. do sec. XV*, Coimbra, 1911, 1 vol. de XXIV + 183 pg.; vol. XIV — *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Álvarez Pereira, com revisão, prefacio e notas* de M R., Coimbra, 1911, 1 vol. de XLVI + 234 pgs.

[2] Podem lêr-se em António Caetano de Sousa, *Provas da Hist. Geneal.* I, 633.

ANTOLOGIA

SÉCULO XV

POESIA

I

Trouas q̃ Garçia de Resende fez á morte de Dõa Ynes de Castro, que elrrei Dõ Afonso o quarto, de Portugal, matou ẽ Coimbra, por o principe Dom Pedro, seu filho, a ter como mulher, e, pelo bem q̃ lhe queria, nam queria casar.

ENDEREÇADAS HAS DAMAS

Senhoras, salgum senhor
Vos quiser bem ou servir,
Quem tomar tal servidor,
Eu lhe quero descobrir
O gualardam do amor.
Por sua mercê saber
O que deve de fazer,
Vejo que fez ésta dama
Que dessy vos daraa fama,
Sestas trovas quereis ler.

Fala dona Ynes.

Qual seraa o coraçam
Tam cru e sem piadade,
Que lhe nam cause paixam
Hũa tam gram crueldade,
E morte tam sem rrezão!
Triste de mym, ynocente,
Que por ter muito fervente
Lealdade, fee, amor,
Ho principe, meo senhor,
Me mataram cruamente.

A mynha desaventura,
Nam contente dacabar-me,
Por me dar mayor tristura,
Me foy pôr em tantaltura
Para dalto derribar-me.
Que se me matára alguem,
Antes de ter tanto bem,
Em tays chamas nam ardêra:
Pay, filhos nam conhecêra,
Nem me chorára ninguem.

Eu era moça, menina,
Per nome dóna Ignês
De Crasto; e de tal doutrina
E vertudes, quera dina
De meo mal ser ho rreves.
Vivia sem me lembrar,
Que paixam podia dar,
Nem dala ninguem a mym.
Foymo princepe olhar,
Por seo nojo e mynha fym.

Começou-ma desejar;
Trabalhou por me servir;
Fortuna foy ordenar
Dous corações conformar
A hũa vontade vyr.
Conheceo-me! conhecio-o!
Quys-me bem! e eu a elle!
Perdeo-me! tambem perdi-o!
Nunca tee morte foy frio
O bem que, triste, pus nele.

Dey-lhe minha liberdade;
Nam senty perda de fama;
Pus nele minha verdade;
Quys fazer sua vontade,
Sendo muy fremosa dama;
Por méstas obras paguar,
Nunca jámais quys casar;
Polo qual aconselhado
Foy elrey, quera forçado,
Polo seu de me matar.

Estava muy acatada;
Como princesa servida;
Em meos paços muy honrada:
De tudo mui abastada;
De meo senhor muy querida.
Estando muy devaguar,
Bem fóra de tal cuidar,
Em Coymbra de seseguo
Polos campos do Mondeguo
Cavaleyros vy somar.

Como as cousas, quã de ser,
Loguo dam no coraçam
Comecey entrestecer
E comiguo soo dizer:
¡ Estes omeẽs d'onde yrãm!
E tanto que preguntey,
Soube loguo queera elrei.
Quando o vy tam apressado,
Meo coraçam trespassado
Foi, que nunca mays faley.

E quando vy que decia,
Sahy ha porta da sala,
Devinhando o que queria,
Com gram chôro e cortesya
Lhe fiz hũa triste fala.
Meos filhos pus derredor
De mym, cõ gram omildade,
Muy cortada de temor
Lhe disse: « avey senhor,
« Desta triste piadade! »

Não possa mais a paixam
Que o que deveys fazer!
Metey nisso bem a mam
Que é de fraco coraçam
Sem porque matar molher,
Quanto mays a mym, q̃ dam
Culpa, nam sendo rrezam
Por ser mãy dos ynocentes,
Quante vós estam presentes,
Os quaes vossos netos sam.

E tem tam pouca ydade,
Que senam forem criados
De mym soo com saudade,
E sua gram orphindade,
Morreram desemparados.
Olhe bem quanta crueza
Faraa nisto vossaltessa;
E tambem, senhor, olhay,
Pois do princepe sois pay
Nam lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grande amor,
Que me vosso filho tem,
E que sentiraa gram dôr
Morrer-lhe tal servidor,
Por lhe querer grande bem;
Que salgũ êrro fizera
Fôra bem que padecêra,
E questes filhos ficaram
Orfaãos tristes, e buscaram
Quẽ deles paixam ouvera.

Mas poys eu nunca errey,
E sempre merecy mais,
Deveys, poderoso rrey,
Nam quebrantar vossa ley,
Que, se moyro, quebrantays.
Usay mais de piadade
Que de rrigor nem vontade!
Avey doo senhor, de mim,
Nam me deis tam triste fim,
Pois q̃ nunca fiz maldade.

Elrrei, vendo como estava,
Ouve de mym compaixam
E vyo, o que nam olhava,
Que eu a ele nam errava,
Nem fizera traiçam.
E, vendo quam de verdade
Tive amor e lealdade
Hoo princepe, cuja sam
Pôde mais a piadade
Que a determinaçam.

Que semelle defendêra,
E a seu filho não amasse,
E lhe eu nam obedecêra,
Entam com rrezam podéra
Dar-má moorte, que ordenasse.
Mas, vendo que nenhũ ora
Des que nacy atégora,
Nunca nisso me falou,
Quando se disto lembrou
Foi-se pola porta fóra,

Com seu rosto lagrimoso,
Co proposito mudado,
Muyto triste, muy cuidoso,
Como rrey muy piadoso,
Muy cristam e esforçado.
Hũ daqueles que trazia
Comsigo na companhya,
Cavaleiro desalmado,
Detras dele, muy yrado,
Estas palavras dezia :

« Senhor vosa piadade
« He dina de rreprender,
« Pois que, sem necessidade,
« Mudaram vossa vontade
« Lagrymas dũa molher.
« E quereys cabarreguado,
« Com filhos, como casado,
« Esté, senhor, vosso filho ?
« De vós mais me-maravilho,
« Que dele quee namorado.

« Se a loguo nam matais,
« Nam sereis nunca temido,
« Nem faram o que mandays,
« Poys tam cêdo vos-mudays
« Do conselho que era avido.
« Olhay quam justa querela
« Tendes pois por amor dela !
« Vosso filho quer estar
« Sem casar e nos quer dar
« Muita guerra com Castela.

« Com sua morte escusareis
« Muytas mortes, muytos danos ;
« Vós, senhor, descanssarêis,
« E a vós e a nós dareis
« Paz para duzentos annos.
« O princepe casaraa
« Filhos de bençam teraa
« Seraa fóra de pecado ;
« Caguora seja anojado
« Amanhã lhe esqueceraa. »

E ouvyndo seu dizer
Elrrey ficou muy torvado,
Por se em taes estremos ver,
E que avya de fazer
Ou hũ ou outro... forçado.
Desejava dar-me a vida
Por lhe nam ter merecida
A morte nem nenhũ mal ;
Sentya pena mortal
Por ter feyto tal partida

E vendo que se lhe dava
A ele toda ésta culpa,
E que tanto o apertava,
Disse aaquelle que bradava :
— « Minha tençam me desculpa :
« Se o vós quereis fazer,
« Fazey-o sem mo dizer,
« Queu nisso nam mando nada,
« Nem vejo he essa coytada
« Porque deva de morrer. »

Dous cavaleyros yrosos,
Que taes palavras lhouvirã
Muy crus e nam piadosos,
Perversos, desamorosos,
Contra mym rijo se-vyram !
Com as espadas na mam
Matravessam o coraçam !
A confissam me-tolheram !
Este he o gualardam
Que meos amores me deram.

G. de Resende, *Canc. Geral,* fl. 221-222.

II

Fingimento de amores.

Eram da sombra da terra
As nossas terras cubertas,
Quando parecem desertas
As abitações sem guerra.

Ao tempo que rrepousam
Os corações descanssados,
E os malfeytores ousam
Cometer mores pecados.

Os nove meses do ano
Eram já casy passados
Quando eram meos cuydados,
Crecydos por mais meo dano:
E assy com mall tâm forte
Mays crecendo mynha fee
Vy passar além do pee
As guardas do nosso norte.

Se dormia não sey certo,
Se velava muyto menos:
Com meos males não pequenos
Nem durmo nem sam desperto!
Nam mestrevo de torvado
Dizelo, nom sey se cale,...
Daly me senty levado,
E pôsto nũ fundo vale.

Ó divina sapiencia!
De todos tam desejada,
E de mym pouco gostada
Por nom ter sufficiencia.
Fazeme tam sabedor
Que possa dizer aquy,
Com favor de teu favor
As grandes cousas que vy.

Por este val corria
Hũa tam funda rribeyra,
Que estando juncto da beira
Escassamente se via!
Tanta tormenta soava
Naquele lugar eterno
Que se me rrepresentava
Quando dizem do ynfferno!

De muy escura neblyna
Era o ar todo cuberto;
Devia ser daly perto
O luguar de Proserpina.
O fogo sem sapagar;
O mall sem comparaçam
Podiam bem demonstrar
O dominyo de Plutam.

Nõ vy camaras pintadas
Com rricos patyns de fundo,
Dos rricos daqueste mundo
Por demasia buscadas.
Nem vy ssuaves cantores
Com vozes muy acordadas,
Mas muy discordes clamores
Das almas atormentadas.

Nõ vy aves muy suydosas,
Que cantassem docemente;
Mas bradavam fortemente
Serpentes muy espantosas.
Aly prazer nom senty,
Antes descontentamento;
Toda cousa, qualy vy,
Era para dar tormento!

Daly quisera salvarme,
Do que via temeroso,
E das armas do medroso
Junctamente proveytarme;
Mas achar não pude vya
Pera me podêr salvar;
Em tam mostrey valentia
Para mays me condenar,

E sem fazer a vontade
Nem esperar por saude,
Quys aly fazer vertude
Da mynha necessidade:
E tambem por ser sem falha
Esta verdade, que digo,
Cos que fojem na batalha
Passam sempre mór perygo.

E como faz quem peleja,
Vendo-se desesperado,
Por honrra tomar forçado
A morte que já deseja;
Assy me fuy juntamente
Donde o fogo mais ardia,
Por viver honrradamente,
Ou morrer como devia.

Assy de todo mudado
Aly junto me cheguey
E neste modo faley
Assaz bem temorizado,
O jentes atribuladas!
Porque rrazão de vós dê,
Dizey a causa porquê
Soês assy atormentadas.

Logo de todo cessaram
Daqueles grandes tomultos;
E com muy disformes vultos
Para my todos olharam!
E logo salevantou
Dantre todas hũa delas,
E sem culpar as estrelas
Desta maneira falou;

Este pranto tão durido,
De tantas tribulações,
Sam os justos galardões
Dos ssecaçes de Cupido :
Que por lhe sermos leaẽs
Tantas mortes nos perrseguem.
Que nossas dores mortaẽs
Som muy mays das q̃ se seguẽ.

Penamos pelas folguãças
Que vivendo procuramos ;
Que é ympossivel q̃ ajamos
Duas bemaventuranças.
Que seria gram destórea,
E juizo muy profundo,
Levar lá prazer no mundo,
E nestoutro tam bem grorea !

Somos passados de fryo
Em grandissima quentura ;
A vida nam tem segura.
Quem bebe daqueste rryo.
Que neste fogo penados
Sejamos sem esperança.
Mata-nos mays a lembrança
Dos prazeres já passados !

Polo qual, se tu quiseres
Ser livre de nosso mall,
Trabalha quanto podéres
Por fugir caminho tall.
Sempre te guie rrazam,
Governe como cabeça ;
A vontade lh'obedeça,
Sem outra contradiçam.

E se quereys saber mays
Porque des conta de my,
Sam huũ dos que decendy
Nos abysmos ynfernaẽs.
E fuy lá com tall ventura
Que quanto quys acabey,
Mas depoys me condeney
Por nom guardar a postura.

E por mays certos signaẽs
Dem Rudice foy marido,
Por ela mesma perdido
Nestas penas ymmortaes.
Eu fuy aquelle couviste
Que na música soube tanto,
Que fyz com meu doce canto
Nom penar as almas tristes.

Aquessas outras cõpãhas
Que penam nestas cavernas
Antiguas, tãbem modernas,
Son de mil terras estranhas.
Que jámays se passa dia
Quaqui nam sejam trazidos...
He muy espaçosa via
A que seguem nos perdidos.

Ynda bem nom acabou
De dizer éstas rrazões,
Quando com lamentações
Longe de mym sapartou.
Quisera ser enformado
Daquela jente que vyra,
Mas daly fuy rrelatado
E posto donde partíra.

A manhaã escrarecya
Quando com cantos suaves
Nossas domesticas aves
Dam sinaes de craro dia.
Polas causas qualy vy,
De q̃ nada fuy contente,
O meo cuydado presente
De deyxalo pormety.

Mas fuy tal daly passando
Como omem q̃ prometera
Muy grandes mastros decêra,
Em fortuna navegando.
Que vendosse daquela fora,
Tornado jaa em bonança,
Do q̃ passou naquelora
Non lhe fyca mays lembrãça.

E como faz o doente,
A morte vendo diante
Q̃ promete dy ávante
Viver muito contynente ;
Mas o medo já passado,
He do q̃ vyo esquecydo
Assy me vejo perdido,
Mays agora e namorado.

E bem como tem o norte
Fyrmeza, sem se-mover,
Espero fyrme de sèr
Na vida, tam bem na morte.
Assy como cay dyreyto
O dado quando se lança,
Assy minha mal andança
Nam me muda doutro jeyto.

E bem comagoa do mar
Nam muda já mays a cor,
Nem perde nunca sabor
Por quantas nele vam dar;
Assy eu, triste, nam posso,
Com myl males destes taes,
Deyxar nũca de ser vosso,
Em que sejam muytos mays,

E pois, com tanta verdade
Vos syrvo cõ fe, senhora,
Avey por Deos, algũ ora
De meos males piadade;
Q̃ se deste mal profundo,
Eu nam sam rremedeado,
Sam perdydo neste mũdo
E no q̃ vi condenado.

Diogo Brandão, *Canc. Geral*, 96.

III

Cantigas.

Que de meus olhos partays
Em qualquer parte questeis,
Em meu coraçam fycays,
E nele vos converteys.

Este é o vosso luguar,
Em que mays certa vos vejo,
Porque nam quer meu desejo
Que vos dy possays mudar!

E por ysso que partays,
Em qualquer parte questeys,
Em meu coraçam fycays
Poys nelle vos converteys.

Rui Gonçalves de Castello-Branco, *Canc. Geral*, 108.

IV

Comiguo me desavym:
Vejo mem grande periguo!
Nam posso vyver comyguo
Nem posso fogir de mym!

Antes queste mal tevesse
Da outra gente fugya:
Aguora já fugyrya
De mym, se de mym podésse!

Que cabo espero, ou q̃ fym
Deste cuydado, que syguo
Pois traguo a mym comiguo
Tamanho imiguo de mym!

Francisco de Sá [de Miranda] *Canc. Geral*, 109 v.

V

Coytado quem me-daraa
Novas de mym, hondestou;
Pois dizeys que nam som laa
E caa comigo nam vou!

Todeste tempo, senhora,
Sempre por vós preguntei;
Mas que farey, que já aguora
De vós, nem de mym nam ssey?

Olhe vossa merçê laa
Se me tem; se me-matou;
Porqueu vos juro que caa
Morto, nem vyvo, nam vou!

Francisco de Sá [de Miranda] *Canc. Geral*, 109 v.

VI

Porq̃ meu mal sy dobrase
vos fez Deos fremosa tanto,
que nam sey santo tam santo,
que pecar nam desejasse.

Polo qual sey, que me vejo
de todo ponto perder,
por nam ser em meu poder
partir-me deste desejo.

Mas quem meste malfadasse,
e me traga dano tanto,
praz-me; poys nã sey tam santo
que pecar nam desejasse.

Anónima, *Canc. Geral*, 24.

VII

Poys minha triste vẽtura
nẽ meu mal nã faz mudança,
quem me vir ter esperança,
cuyde que é de mais tristura.

E poys vejo que em morrer
levays groria nom pequena,
antes nam quero vyuer,
que vyuedes vos em pena.

quero triste sepultura;
quero fym sem mais tardãça,
poys nunca tyue esperança,
que nam fosse de tristura.

D. João de Meneses, *Canc. Geral*, 16 v.

VIII

Folguo muyto de vos ver,
pesa-me quando vos vejo.
Como pod'aquisto ssèr,
que ver-vos he meu desejo?

Isto nam sey que o faz,
nem donde tall mall me vem;
sey bem que vos quero bem,
com quanto dano me traz.
Mas ystee para descrer
ter senhora tam gram pejo,
morrer muyto por vos ver,
pesa-me quando vos vejo.

De Tristam Teyxeyra, Capitão de Machyco, *Canc. Geral*, LXIV, v.

IX

Senhora, partem tãtristes
meus olhos por vós, meu bẽ,
que nũca tam tristes vistes
Outros nenhũs por ninguem!

tam tristes, tam saudosos,
tam doentes da partyda,
tam canssados, tã chorosos;
da morte mays desejosos
cem myl vezes que da vida!

partem tam tristes os tristes,
tam fóra desperar bem,
que nũca tam trystes vistes
outros nenhũs por ninguem!

João Rodrigues de Castello-Branco, *Canc. Geral*, 107 v.

X

Trovas contra as molheres.

Esforça meo coraçam
nõ te mates, se quiseres
lembrete que sam molheres!

Lembrete que é por naçer
nenhũa que nam errasse:
lembrete que seu prazer,
por bondade e merecer,
nam vy quẽ dele gostasse.
poys nam te des a payxão
toma prazer, se podéres!
lembrete que sam molheres!

Descanssa, triste, descanssa,
que seus males sam vingãças;
tuas lagrymas amanssa;
leyxas suas esperanças.
ca poys naçem sem rrzã,
nunca por ella lhesperes,
lembrete que são molheres!

Tuas muy grãdes firmezas,
tuas grandes perdições,
suas desleays nações
causaram tuas tristezas.
pois nã te mates em vão;
que quanto mays as quiseres,
verás que sam as molheres!

Que te presta padeçer?
que taproveyta chorar?
poys nuncoutras amde ser,
nem sam nunca de mudar.
deyxas com sua naçam;
seu bem nunca lho esperes;
lembrete que sam molheres!

Não te mates cruamente
Por quẽ fez tã grande errada,
que quẽ de sy se nam sente
Por ty nam lhe daraa nada.
viue lançando preguam,
por hu fôres e vieres,
que sam molheres, molheres!

Espanha foy já perdida
por Lataba hũa vez [1];
e a troya destroyda
por males que lena fez.
desabafa coraçam!
viue, nam te desesperes!
caa que fez pecar adam,
foy amaãy destas molheres.

Jorge d'Aguiar, *Canc. Geral*, 64 v.

[1] O original diz *letabla*. A emenda para *Lataba* foi proposta por D. Ramon Menendez Pidal. Cfr. *Leyendas del ultimo Rei Godo*. Madrid, 1906, pg. 122 e segs.

PROSA

XI

Retrato de Jesus Cristo

Lee-se nos livros ãnuaes que ham os romaãos que Jesu Cristo que he chamado dos gentios Propheta da verdade foy de statura do corpo grande nom descompassada, mas meaã e vistosa e honrrosa e reverente. E a cara teve digna de honrra a qual poderiam amar e temer os que o vissem. Os seus cabellos erã de avellaã madura e chegavã aas orelhas yguaes e chaãos e dally ao fundo quanto quer crispos e louros e cobriã e avanavã sobre os ombros. E no meo da cabeça tijnha hũa spartadura segundo costume dos nazareos. A testa chãa e muy clara e a façe sem emverrugadura nem magoa : a qual afremosentava a vermelhidom temperada. Do nariz e da boca nom avia tacha nẽ reprehendimento alguũ. A barba era grossa ou farta de cabellos nom longa, mas na fim forçada. E sem esguardamento era simprez e sesudo ; os olhos de collores e claros ; em seu reprehender muy spãtoso ; em amoestar blãdo e amavioso ; alegre cõ pesso. Algũas vezes chorou mas nũca rijo. Em a feitura do corpo bem fundado e direito. As maãos e braços muy bem pareçẽtes ; em a falla pessado e de autoridade e bem arazoado de poucas pallavras e certas. E porem com razom diz o Psalmista : fremoso he em sua feitura sobre todos os filhos dos homẽs.

De *A primeira parte do livro da Vita Christi*, cit. no texto ; *Prohemio*, fol. VI v., 2.ª col.

XII

Jesus Cristo e a Samaritana

Começa-se o livro segũdo intitullado de vida de Cristo em lingoagem portugues...

E foy-se outra vez Jesus a Gallilea... a çerca de Sichem çidade de Samaria onde stava a fonte que Jacob abrira.. e veyo huũa molher do regno de Samaria.. a tirar agua e demãdando-lhe o Senhor augoa por o trabalho e fadiga do caminho. E conhocẽdo-o a molher em as faldras do mantom por judeu porque assy como os judeus erã devisos delles em louvor e serviço de Deus em a circũçisom, assi tijnhã defferẽça nos vestidos. Disse-lhe a molher :

— Os Judeos nõ husam nẽ conversã cõ os Samaritanos... Eu vejo q̃ Propheta es tu.

E Jesu respõdẽdo disse :

— Que tẽpo vijnria em q̃ o evangelho seria publicado. E entõ os homẽs nõ adorariã ẽ Jherusalẽ nẽ em aquelle mõte.. mas os verdadeiros adoradores adorarã o padre em spiritu e verdade.

Nẽguẽ pero daquelles lhes disse q̃ demãdas ou q̃ fallas cõ ella? porq̃ sabiã q̃ sua falla nom seria sem proveito segũdo se mostrou pela obra seguinte, porq̃ tanta devoçom conçebeo e ouve ella da pallavra de Cristo que leixou a agua neçessaria aa vida corporal por tal que sem detença fosse denũciar a Cristo.

De *A segunda parte... ibid.*, fol. II.

XIII

Virtuosa bemfeitoria

CAPITULO SEGUNDO

Da principall cousa de mouedor de sse compoer esta obra

A culpa maleciosa en que a nossa natureza primeyramente cayo ffoy aazo de nós encorrermos a inorancia. e malleza por que as nossas obras carecem per uezes das uirtuozas perffeiçoões de que deuiam seer aconpanhadas: Este fallicimento consyrarom antigamente os sabedores: E portanto se trabalharom de dar enssinanças aos homeẽs con que lhes podessem acorrer. E antre os outros o grande philopho moral seneca sguardou os errores que em os auctos dos beneficios erom acostumados, dos quaaes muitos usando, como nom deuem nom sabem fazer merçees, nem recebellas, nem as agradecer, do que muytas filham e dam occasyom de seerem as benffeyturias uiciosamente apouquentadas. E com grande deseio de poer alguũ corregimento per guisa que tam nobre aucto, e tam perffeyto como é o bem fazer nom perecesse: Compos em latim sete pequenos liuros, dando enssinança aos homeẽs que desto rrazoadamente quisessem usar; Dos quaaes a sentença e ordenança porq̃ he curta e muito scura, e do fallar que agora usamos desacostumada. Trabalhey-me de a ensirir toda com outras cousas que a esto eram compridoyras, fazendo noua conpilaçom proueytosa a mỹ e a todollos outros que som obrigados de praticar o poder que teem para fazerem boas obras. E por quanto mais asinha he conhecido o ffallicimento das nouidades, que louuado o seu douidoso proueyto rrogo a todos que soportem minha rudeza, onde algũas minguas forem achadas. E os que menos letrados forem do que eu som nom se anoiem dalgũas palauras latinadas, e termhos scuros que em taaes obras se nom podem scusar, mayormente que he cousa compridoyra de a persunçom, e a perguiça seer tirada ao entendimento, ao quall assi como aas uezes stramos o campo perque ande a seu prazer; assi conuem que outra hora lhe presentemos cousas scuras e fragosas, per as quaaes aynda que andar nom possa, rregesse, e faça com grande cuidado suas peegadas por sentir despois da trabalhosa aspereza a doçura do fruyto com mayor sabor. E os que desta scuzaçom contentes nom forem, maginem que minha tençom he de ffazer esta obra soómente pera mỹ, e pera quaaesquer outros principes e senhores que teemos meyo stado antre os puramentos auctivos, de cuia conuersaçom nos alongamos. E os sotiis speculatiuos, dos quaaes por per participaçom aprendemos muitas cousas que segundo diz o sabedor aos decimo oitauo Capitullos dos prouerbios: As palauras delles som auga profunda que por sua claridade mostra as cousas scondidas e rryo que engrossa a terra do coraçom humanal

pera fazer fruyto, e fonte que tira a sede de nosso entendimento com augas de suas enssinanças. Nem persuma alguũ que eu som assaz ensinado, pois que uso sem empacho per palaura daquesta doutrina, e que porem tomo encarrego de correger os outros; Que eu a estes rrespondo o que diz seneca em hũa carta que enuyaua a Lucilio screpuendo per estas palauras = Podes-me dizer Lucillo, tu que os outros castigas, ia ati meesmo castigaste: E por esto ás uagar de os outros correger: Eu nom soo tam neyçio que seendo doente cure dos outros, e nom de mỹ; mais porque conheço que iaço em aquella door que os outros sentem, ffallo comtigo do mall cumuũ, E os rremedios delle te screpuo: E tu assy me ouue como se eu fallasse comigo meesmo; poendo-te no seo do meu consselho por testemunha dos meus segredos = E eu assy componho aquestra obra nom como meestre, e enssinador, mas como discipullo que screue o que ouuyo por nom escorregar de sua memoria o que a muytos pode aproueytar. E porem continuando aquesta douctrina fallarey geeralmente entendendo os outros comigo quando as perssoas forem nomeadas.

Infante D. Pedro, *O livro da virtuosa bemfeitoria*, ed. de 1910, pg. 7.

XIV

Da maneira que fui doente do humor menenconico e del guareci.

Por quanto sey que muytos foram, som, e ao diante seram tocados deste pecado de tristeza, que procede da voontade desconcertada, que ao presente chamam em os mais dos casos doença de humor manencorico, do qual dizem os fisicos que vem de muytas maneiras per fundamentos e sentidos desvairados; mais de tres anos continuados fuy del muyto sentido, e per special mercee de Nosso Senhor Deos ouve perfeita saude; com a teençom que primeiro screvi dalguũs desta breve e symprez leitura filharem proveitosa ensynança e avisamento, prepus de vos screver o começo, perseguimento e cura que del ouve, por tal que mynha speriencia a outros seja exemplo; ca nom he pequeno conforto e remedio aos que som desto tocados saberem como os outros sentirom o que elles padecem, e ouverom comprida saude, porque huũ dos seus principaes sentymentos he pensarem que outrem jamais nunca tal sentio que fosse tornado a seu boo stado em que antes era.

E porem esta desesperança he hũa grande parte do seu sentimento, da qual por o que screvo razoadamente se devem tirar, e tambem filhar grande conforto, pensando que outros de grande stado, e que som theudos em razoada estima, forom desto sentidos, porque nom se desprezam tanto assy medes por receberem tal pensamento com tanto padecimento de tristeza, quando pensam que taaes pessoas ja tal passarom, porque este desprezo que cada huũ de sy ha he huũ grande aazo de sua tristeza, o qual tirado, e havida qualquer parte de boa sperança, logo começa de aver saude, e se faz muyto desposto pera receber per a graça do Senhor Deos perfeita cura. Quando eu era de xxij annos, ElRei meu senhor e padre, comprido de muytas virtudes, cuja alma Deos aja, despoendosse pera filhar a cidade de Cepta,

mandoume que tevesse carrego do conselho, justiça e da fazenda, que em sua corte se trautava... e desi por grande voontade que avia de se proceder per o dito feito, recebi sem outro reguardo todollos dictos carregos, aos quaaes me pus assy, fora de boa desclíçom, que na primeira quareesma, que logo veeo fazia tal vyda. Os mais dos dias bem cedo era levantado, e, missas ouvidas, era na rollaçom ataa meo dia ou acerça, e vinha comer. E sobre mesa dava odiencias per boo spaço, e retraya-me aa camera, e logo aas duas oras pos meo dia os do conselho e veedores da fazenda erom com mygo, e aturava com elles ataa IX oras da noite, e desque partiom, com os oficiaaes de minha casa estava ataa XI oras. Monte, caça, muy pouco husava; e o paaço do dicto senhor vesitava poucas vezes, e aquellas por veer o que el fazia, e de mym lhe dar conta.

D. Duarte, *Leal Conselh.*, ed. cit., cap. XIX, pg. 114.

XV

Em nome de Nosso Senhor Jhũ Xp̃o, com sua graça, e de Virgem Maria sua muy sancta Madre Nossa Senhora, Começasse o livro da ensynança de bem cavalgar toda sella, que fez ElRey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve, Senhor de Cepta, o qual começou seendo Iffante.

Aos que dizem que esta manha [de bem cavalgar toda sella] sem livro se deprende, digo que he verdade; mas entendo que a moor parte de todos acharam grande vantagem em leerem bem todo esto que screvo. E porque nom sey outro que sobrello geeralmente screvesse, me praz de poer esta sciencya primeiro em scripto, e antremety algũas cousas que perteecem a nossos costumes, ainda que tam a proposito nam venham, por fazer a alguũs proveito, posto que a outros pareça sobejo. E conhecendo que o saber dos senhores, segundo razom, em hũa soo manha, nom pode seer muyto avantajado, por certo he que a virtude espalhada he mais fraca que se for ajuntada; mas por averem conversassom com muytas pessoas destados e saberes desvairados de mais cousas que outros, avendo entender natural, razoadamente devem saber. Porem a vontade me requere que algũas ouvy, e per mym entendo que screva por se dellas a meu juyzo poderem filhar boos avysamentos sem nenhũa perda.

E os que esto quiserem bem aprender, leamno de começo, pouco, passo, e bem apontado, tornando algũas vezes ao que ja leerom pera o saberem melhor; ca se o leerem ryjo, e muyto juntamente, como livro destorias, logo desprazera, e se enfadarom del, por o nom poderem tambem entender nem renembrar, porque regra geeral he, que desta guisa se devem leer todollos livros dalgũa sciencia ou ensynança.

D. Duarte, *Ibid.*, pg. 497.

XVI

De como dõ Nuno Alurez foy criado em casa de seu padre: e como em hydade de treze ãnos per seu padre foy dado a elrey dom Fernando por morador em sua casa.

Sendo dom Nunalurez criado a grã viço em casa de seu padre. E chegãdo a hydade de treze ãnos: e auendo elrey dom Fernãdo de Portugal guerra com elrey dõ Anrriq̃ de Castella. Este rey dom Anrrique de Castella se trabalhou de vijr: e de feyto veo com seu poderio a çidade de Lixbõa. E a esta sazom estaua elrey dom Fernãdo em Santarem, e com elle o prioll dom Aluaro Gõçaluez Pereyra com çertos caualleyros da sua ordem e doutros. E outrosy estauam com elle algũs dos seus filhos antre os quaes era dõ Nunalurez, moço de treze annos q̃ aynda nũca tomara armas. E porque as gentes delrey de Castella passauam per açerca de Santarem pera Lixboa honde seu senhor estaua. O priol por ensayr dom Nunalurez seu filho. Pero assy fosse moço lhe mandou que caualgasse. E esso mesmo mandou a outro seu filho que chamauã Diegalurez, que foy huũ boõ caualleyro da ordem: que tãbem caualgasse. E mandou com elles outros caualleyros e escudeyros de sua cassa que fossem fora a descobrir terra pera verem as gentes delrey de Castella que passauam pera Lisboa que gentes eram: e a maneyra que leuauã. E logo Diegalurez e esso meesmo dom Nunalurez porque fosse moço. E os outros que com elles mandarom fezeram o q̃ lhes o prioll mandou e se foram fora da villa contra aquella parte per honde deziam que as gẽtes delrey de Castella passauam: e porque nõ acharom; nẽ poderã veer nenhũa cousa tornaramse pera a villa: e chegando asy aa villa ajunto com o castello honde por entom elrey dom Fernando e a raynha dona Lianor pousauam: os quaes a essa ora sijã comendo. Souberom como dom Nunalurez: e Diegalurez seu jrmão: e outros asy vinham de fora e mãdarom nos chamar honde asy sijã comendo: e dom Nunalurez e seu jrmão se deçeram logo das bestas e se foram honde elrey e a raynha estauam: e elles o receberom bem: e lhes fezeram pregunta donde vinham e pollo que foram: e que era o que lla acharom y vijram. E dõ Nuno Alurez Pereyra respondeo q̃ lhe parecia muyta gente mal acaudellada: e que pouca gente cõ boõ capitam bem acaudellada os poderia desbaratar. E em fallãdo estas pallauras a raynha como molher que era muyto paçaã e de boõa palaura: fallou contra elrey em sabor dizendo, que ella queria tomar Nuno Alurez por seu escudeyro: e elrey lhe respondeo que era bem feito: e que elle queria tomar por seu caualleyro Diegalurez seu jrmaão. E ditas estas palauras per elrey e per a raynha: logo a raynha disse contra dõ Nuno Alurez que ella o queria armar de sua maão como seu escudeyro: e nõ queria que doutras maãos tomasse armas e dom Nuno Alurez assy como era moço: era muy vergonhosso e missurado. E quãdo ouuio o q̃ a raynha dezia respõdeo q̃ lho tinha em grãde merçee: e q̃ prazeria a Deos q̃ ajnda lho seruiria: e beijoulhe por ello a mão. E auendo a raynha em võtade de poer em obra o que disera. Logo se trabalhou de mandar buscar arnes cõuinhauel pera dom Nunalurez: qual lhe compria. E porque elle era pequeno de

hydade de treze annos como ja ençima faz mençam : nam lhe podiam achar arnes tam pequeno. E entom disseram a rrainha de como o Mestre dAuis, que entom era jrmaão delrey dom Fernando, tinha huũ arnes q̃ ouuera em seendo assy moço pequeno. E fezerõlhe entender que seria boõ e bem conçertado pera o dom Nunalurez. E ella ho mandou logo pidir ao Mestre: e tanto que o Mestre sobre ello vyo recado da rraynha: logo lhe enuiou o arnes com boõa võtade: e a rraynha o deu logo a dom Nunalurez segundo lho auia prometido. E assy tomou dom Nunalurez as primeyras armas que forom do Mestre dAuis: e per maãos da rraynha dona Lyanor. E de hy em diante a rraynha o ouue sempre por seu escudeyro. E desta vez fallou o prioll padre de dom Nunalurez a elrey dom Fernãdo e lhe pedio por merçe, que tomasse dom Nunalurez seu filho por morador em sua casa. E elrey prezaua muyto e amaua o prioll: e por elle amaua muyto seus filhos: e toda sua linhagem: e foy muy ledo de lho tomar por morador. E per esta guisa ficou dom Nunalurez por morador em casa delrey com huũ ayo que chamauam Martim Gonçalues do Carualhal que era huũ boõ escudeyro: e era jrmaão da madre de Nunalurez: que depois foy huũ muy honrado caualleyro. E com boõa casa assy de homẽs e bestas como das outras cousas q̃ lhe erã mester, como compria a honra de seu padre e delle dõ Nunalurez sendo prezado e amado delrey e da rainha e assy de todos os de sua casa.

Da *Chronica do Contestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, ed. 1911, pg. 3-6.

XVII

De como as Mouras doestavão o Infante com cantares deshonestos; e como adoeceu o Infante, de dia em dia mais chegando sua morte, e da grande crueldade dos Mouros contra elle.

Asy aconteçia que muy a meude as molheres do alcaçer uijnnham ataas portas, donde o Ifante jazia, e aly cantauom quaaesquer cousas e nouas, que lhes prazia, para as ele ouujr, ca o nom podiom veer; e posto que o Ifante nom soubese falar arauja, entendia mujtas cousas, e recebya em esto mujta pena, ca mujtas uezes asacauom mujtas mentiras e vjnham-lhas dizer aly.

Hũua ora cantauom e tangiom dizendo: — « Ja agora os nosos mouros tomarom Cepta! »

Outra uez diziom: — « Agora matarom o Conde e trazem bem mil cristãos catiuos! »

Neste tenpo veeo hy recado de como se finara o Ifante dom Joham, e logo aquellas mouras o ujerom dizer aquella porta; mas o Ifante cujdou que o asacauam, como faziom outras muytas mentiras, moormente que diziom que era aquelle o Rey que vjera a Tanjer. E porque por uezes os mouros falando diziom: — « que em Portugal nom aujam mayor, nem mais forte homẽ, que aquele Rey, que a Tanjer vjera », cuidou o Ifante que, por lhe quererem mal, lhe asacauom que era morto. E os seus senpre lho encobrirom de tal gujsa, que nunca soube da morte do Ifante dom Joham. E asy como se chegou o mes de julho de iiij centos quarenta ij chegou-se

a fim deste Senhor, quando seos padeçimentos eram mayores e mais graues de soportar. E sabado primeiro dia do mes veeo o Ifante aadoeçer de fruxo de ventre com fastio, que nom pode comer nenhũua cousa, e noutro dia creçeo mais a doença, e ja mujto mais aa segunda feira, e ele enfraqueçia mais cada uez. Quando o souberom os seus, tres deles se trabalharom de hir ao alcaçer mostrando, que tijnham la que fazer; e como chegarom a porta donde o Ifante jazia, ouujrom os gimjdos, que daua, como homẽ muyto desposado; e quando forom em direyto da porta falaron-lhe dizendo-lhe:

— « Senhor! Deus uos de bõoa saude; dizee-nos como uos uay?

E ele preguntou — quem erom?

— E como?!, diseron eles, tanto he o uoso mal, que ja nos nom conheçees?! ataaquy nos conheçies nos soom dos ferros, agora por nosa desauentura, nem nos ferros, nem na fala, ja nos nom conheçees!

E entom os rogou que lhe perdoasem, porque sua doença era tamanha, que o tiraua fora de sy, mas dise-lhes — que falasem a el Rey e a Rainha, que falasem por ele a Lazeraque, que o mandase tirar daquela escuridom, e que o posesem em lugar onde o eles podesem curar, e ajuda-lo, porque com gran pena se leuantaua ja a fazer suas neçesidades.

E forom se entom tam tristes, como quem tijnha posta sua vida em tal risco de a perder. Falaron a el Rey e aa Rainha, e a irmãa del Rey, que era a mayor molher de Lazeraque, de que nom ouuerom outra reposta, saluo: — « dizeelhe que se esforçe a sy o melhor que poder, ca nos nom podemos em isso nenhũua cousa fazer, nem requerer. »

A quantos alcaides e homẽs honrados vijnham ao alcaçer, eles faziom queyxume de tanta crueza, pedindo-lhes mjsericordia para aquele atribulado Senhor, que tanto auja mester; e com mujtas lagremas se leuantauom anteles em terra beijjando-lhes os pees e as mãaos; e de todos nom aujom outra ajuda, senon que hũus diziom: — « quem cujdaaes que se atreua a falar nijsto ao Senhor? »

Outros diziom: — « Deus sabe que mal nos pareçe o que lhes fazẽ, e nos pesa delo mujto, mas nom he em nosa mãao de outra cousa fazermos. »

Outros se rijom fazendo deles escarnho, e diziam: « — daae nos Çepta, e logo uoso Rey auera mais fauorança. » E em esto chegaarom ao alcaide Laaçem, que era o mayor priuado de Lazeraque, e poserom suas prezes ante ele, recontando sua neçesidade. E des que os ouujo começou de se asanhar contra eles, dizendo-lhes: — « Cãaes, peros, sem ley e sem bem, pareçe que nos homẽs he de darem saude ao uoso Rey?! hy-uos dhy asinha, ca se Deus qujser ele o matara, ou dara sãao! »

Com esta louca sentença os lançou dante sy muy desconsolados. E entom ouuerom com o alcayde da Çaqujfa, que deles tijnha a guarda, que notificase a seu Senhor o perijgo da morte, em que o Ifante estaua; o quall nom tanto por socoro do Ifante, como por sua guarda, lho foy dizer. Nom enbargando que outro remedio nom lhe posesem, nem lhe adesem alghũua cousa a ele da regra acostumada; que auja soomente que o fisico esteuese com ele, e alghũus outros cristãos que ouuesem mester. Des a terça feira ataa quarta segujnte estancou a corença de todo.

Da *Chronica do Infante Santo D. Fernando*, ed. 1911, pg. 99-102.

XVIII

Morte do Conde de Andeiro.

... baterom aa porta, e o Porteiro como emtrou o Meestre, quis çarrar a porta por nom emtrar nehuũ dos seus, e disse que o pregumtaria aa Rainha, nom por delles aver nehuũa sospeita, mas porque a Rainha estava com doo, e nom era costume de nẽhuũ emtrar, salvo esses sennores, sem lho primeiro fazer saber. E o Meestre rrespomdeo ao Porteiro: *Que as tu assi de dizer?* E em esto emtrou de guisa, que emtrarõ os seus todos com elle; e ell moveo passamente comtra homde estava a Rainha; e ella se levamtou, e todollos outros que eram presemtes.

E depois que o Meestre fez rreveremça aa Rainha e mesura a todos, e elles a ell rreçebimento, disse a Rainha que sse asemtassem, e fallou ao Meestre dizemdo: *E pois, irmaão, que [he] isto a que tornastes de vosso caminho?*

Tornei, Senhora, disse elle, *porque me pareçeo que nom hia desembargado como compria. Vos me hordenastes que tevesse carrego da comarca dAmtre Tejo e Odiana, se per vemtuira elRey de Castella quisesse viinr ao rregno e quebrar os trautos damtre vos e elle; e porque aquella fromtaria he grossa de gentes e gramdes senhores, assi como do Meestre de Samtiago, e do Meestre dAlcãtara e doutros e boõs fidallgos; e aquelles que vos assinastes pera a guardarem comigo, me pareçem poucos; por emde tornei pera me dardes mais vassallos, pera vos eu poder servir, segumdo compre a minha homrra e vosso serviço.*

A Rainha disse que era mui bem, e mamdou logo chamar Joham Gomçallvez seu Escprivam da Poridade, que visse o livro dos vassallos daquella comarca, e que lhe desse quamtos e quaaes o Meestre rrequeresse, e que fosse logo desembargado de todo. Joham Gomçallvez foi chamado a pressa e foisse assemtar com seus escprivaães a proveer os livros pera desembargar o Meestre.

Em esto começarom de o comvidar os Comdes cada huũ per ssi; e isso meesmo o Comde Joham Fernamdez se aficava mais que comesse com elle que os outros. O Meestre nom quis tomar comvite de nehuũ, escusamdosse per suas pallavras, dizemdo que ja tinha prestes de comer que mandara fazer ao seu Veedor; porem dizem que disse mui escusamente ao Comde de Barçellos que o nom semtio nehuũ: *Conde, hiivos daqui, ca eu quero matar o Comde Joham Fernandez.* E que ell rrespondeo que sse nom hiria, mas estaria hi com elle pera o ajudar.

Nom sejaaes, disse o Meestre, *mas rrogovos todavia que vos vaades daqui, e me aguardees pera o jamtar; ca eu Deos queremdo tamto que isto for feito, logo hirei comer com vosco.*

A vemtuira por melhor aazar a morte do Comde Joham Fernandez, começou de lhe fazer rreçear a viimda do Meestre; per tal guisa que lhe pos em voomtade, que mamdasse a todollos seus que sse fossem armar e se vehessem pera elle; e de quallquer geito que foi, partiromsse os seus todos do Paaço, assi fidallgos que o acõpanhavom como os outros, e foromsse armar pera sse viimrem per eelle; e esta foi a rrazom por que ell ficou soo de todos elles, e nenhuũ estava hi quamdo morreo.

A Rainha isso meesmo pos fememça nos do Meestre; e veemdoos assi todos armados, nõ lhe prouge em seu coraçom, e disse fallamdo comtra todos:

Samta Maria vall! como os Ingresses ham mui boom costume, que quamdo som no tempo da paz, nom tragem armas, nem curam damdar armados, mas boas rroupas e luvas nas maãos como domzellas; e quamdo ssom na guerra, emtom costumam as armas e husom dellas como todo o mundo sabe.

Senhora, disse o Meestre, *he mui gram verdade. Mas isso fazem elles porque ham mui a meude guerras, e poucas vezes paz, e podemno mui bem fazer; mas a nos he pollo comtrairo, ca avemos mui a meude paz e poucas vezes guerra; e sse no tempo da paz nom husarmos as armas, quamdo vehesse a guerra nom as poderiamos soportar.* E fallamdo em isto e em outras cousas, chegavomsse as horas do comer, e espediosse o Comde de Barçellos, e desi os outros, ca os mais delles dava a voomtade aquello que sso depois fez.

Ficamdo assi o Comde Joham Fernandez, gastavasse lhe o coraçom, e tornou a dizer ao Meestre: *Senhor, vos todavia comerees comigo.*

Nom comerei, disse o Meestre, *ca tenho feito de comer.*

Si comerees, disse elle, *e em quamto vos fallaaes, hirei eu mandar fazer prestes.*

Nõ vaades, disse o Meestre, *ca vos ei de fallar huũa cousa amte que me vaa, e logo que me quero ir, ca ja he horas de comer.*

Emtom se espedio da Rainha, e tomou o Comde pella maão e sahirom ambos da camara a huũa gramde casa que era adeante, e os do Meestre todos com elle, e Rui Pereira e Lourenço Martĩiz mais açerca. E chegamdose o Meestre com o Comde açerca dhuũa freesta, semtirom os seus que o Meestre lhe começava de fallar passo, e esteverom todos quedos. E as pallavras forom amtrelles tam poucas e tam baixo ditas, que nehuũ por estomçe emtemdeo quegemdas eram; porem afirmam que forom desta guisa.

Comde, eu me maravilho muito de vos seerdes homem a que eu bem queria, e trabalhardesvos de minha desomrra e morte.

Eu, senhor! disse elle, *quem vos tall cousa disse, memtivos mui gramde memtira.*

O Meestre que mais voomtade tiinha de o matar que destar com elle em rrazoões, tirou logo huũ cuitello comprido, e emvioulhe huũ gollpe aa cabeça; porem nom foi a ferida tamanha que della morrera, se mais nom ouvera. Os outros que estavom darredor, quamdo virom esto, lamçarom logo as espadas fora pera lhe dar, e ell movemdo pera sse colher aa camara da Rainha com aquella ferida, e Rui Pereira que era mais açerca, meteo huũ estoque darmas per elle de que logo cahiu em terra morto.

Os outros quiseromlhe dar mais feridas, e o Meestre disse que estevessem quedos, e nehuũ foi ousado de lhe mais dar; e mandou logo FernamdAlvarez e Louremço Martĩiz que fossem çarrar as portas que nom entrasse nehuũ, e dissessem ao seu Page que fosse a pressa pella villa braadamdo que matavom o Meestre, e elles fezeromno assi.

E era o Meestre quamdo matou ho Comde, em hidade de viimte e çimquo anos e amdava em viimte e seis; e foi morto seis dias de dezembro, era ja esprita de quatro çemtos e viimte e huũ.

F. Lopes, *Cr. de D. João I*, ed. do *Arch. Hist.*, cit., pg. 17.

XIX

O conde D. Pedro faz talar os campos de Seuta.

Como disse aquelle grande Istorial Romano, a que chamáraõ Tito Livio: « Que muitas mais vezes dam as cousas conselho aos homens, do que os homens dam conselho ás cousas. » E porem o trabalho daquella sahida naõ soomente fez honra ao conde, e aaquelles, que o seguiraõ, mas ainda proveito; porque aprendeo pera ao diante se avisar melhor dos enganos de seus imigos, especialmente das cilladas; e porque sentio, que sua hida sempre seria perigosa em quanto aquelles vallados, e arvoredos alli estevessem, ouve conselho com aquelles Fidalgos, e acháraõ, que era necessario tallarem as arvores, e derribarem os vallados; e estando sobre esta determinação começarom de vir cavallos de Castella porque os Fidalgos mandaraõ, em tanto que eraõ na Cidade até quatorze; e assy com elles, como com toda a outra gente sahio o conde da Cidade, e pôs suas guardas, que sostevessem algum perigo se sobreviesse d'Aljazira, ou d'outra parte, e a gente de pee mandou, que cortassem naquellas arvores, em quanto lhes o dia durasse, e des y pedreiros, e homens, que sabiam daquelle mester, que derribassem as cerraduras e paredes das Ortas, e Pumares, e assy os vallados, de guisa que em breve foi todo achãado, nom sem grande trabalho daquelles, que o fazião. O' quem nom averia piadade de vêr a destruição de tanta nobreza; porque alli cahião Torres forradas d'oliveis pintados, e crastas ladrilhadas de marmores, e ladrilhos vidrados, em que havia diversos lavores; tantas arvores frutiferas, e odorosas, que áquelles mesmos, que as cortavaõ vinha piadade; ora que fariam os Mouros, que estavaõ nos muros, e Torres d'Aljazira, os quaes chorando per suas barbas, gemiaõ aquella perda.

Zurara, *Chr. do Conde D. Pedro de Meneses*, ed. da Acad., cit., II, cap. XVI, pg. 260.

XX

Assassinato do Duque de Viseu.

E seendo ElRey em Alcacer do Sal, sabendo o Duque, e os da conjuraçam, que avia de tornar per mar; detriminaram esperallo na praya, e ali ao sair dos batees ho matarem. Do qual perygo ordenado, ElRey foy per Dom Vasco logo avisado; pello qual mudou por isso a vynda do mar, e fez o caminho da Landeira per terra, bem acompanhado de boa gente de sua guarda, que por isso, e sem algũ alvoroço, fingindo outro achaque, a mandou perceber; porque despois da morte do Duque de Bragança, sempre ElRey trouxe guarda da Camara, e dos Ginetes, de que era Capitã Fernam Martyns Mazcarenhas, que nestes fectos, em que a vida, e saude d'ElRey e do Regno pendiam, sempre servio bem, continoada, e muy lealmente, e de quem ElRey entam mais confiava. Chegou ElRey a Setuvel sesta feira vinte e sete dias

d'Agosto de mil quatrocentos oytenta e quatro; e ao outro dia sabado mandou vyr ho Duque de Viseu de Palmella onde pousava, e em se çarrando a nocte ho chamou a sua guardarroupa, que era nas casas que foram de Nuno da Cunha, em que entam ElRei pousava; onde ho Duque entrou da todo desacompanhado, e sem muitas palavras que precedessem, ElRei ho matou per sy as punheladas...

R. de Pina, *Chr. de D. João II*, ed. da Acad., cit., II, cap. XVIII, pg. 59.

XXI

Justiça que el-rei D. João II mandou fazer na estatua do marquês de Monte-Mór.

Estãdo elRei em Abrãtes, por ser certificado que o marq̃s de Monte-Mór estãdo em Castela não deixava de seguir sua má vontade cõtra elle, com os do seu cõselho, e leterados, ordenou, e quis em sua ausẽcia mandar fazer justiça e justiçar sua estatua nesta maneira. Na praça da dita villa se fez hũ cadafalso de madeira, grande e alto, todo cuberto de panos de dó, e nelle assentos pera corregedores, desembargadores e juizes; e ahi em pé meirinhos, alcaides e officiaes da justiça. E pubricamente foi alli trazida hũa estatua do marq̃s, natural como viva, que se parecia cõ elle, e vinha armado de todas armas, e ẽ cima dellas sua cota darmas, e na mão dereita hũa espada alta, e na esquerda hũa bandeira quadrada de suas armas; e ali polos juizes lhe forã lidas em alta voz suas culpas, e logo per todolos juizes e desembargadores senteneeado, que morresse per justiça morte natural, e pubricamente fosse degolado. E acabada de ler a sentença, veo hũ Rei darmas, e em voz alta dizia: — Porquanto vós, cõdestable, por vosso tão grande oficio ereis obrigado a ter muita lealdade ao vosso rei, e servillo e ajudar a defender seus reinos, e vós não no fizestes, antes trabalhastes e procuraste por lhe offender, e lhe fostes desleal, não mereceis ter tal espada. — E logo lhe foi tirada da mão, e tornou logo a dizer: — Porquanto vós· marquês, por vossa grande dignidade vos foi dada bandeira quadrada como a principe e por esta honra e dignidade que recebestes ereis obrigado guardar a honra e estado d'elRei vosso senhor e servillo e acatalo como natural e verdadeiro rei e senhor e vós tudo isto fizestes ao contrayro tal bandeira não deveis ter porque a não mereceis: — e lh'a tomaram logo da mão e pola mesma maneira e ceremonia lhe tiraram a cota d'armas e armadura da cabeça e todas as outras peças d'armas até ficar desarmado em calças e em gibão. E então veo hu pregoeiro e hum algoz e com pregão de justiça em que declarava suas culpas lhe cortaram a cabeça de que sahiu sangue artificial que parecia de homem vivo. E acabada esta grande ceremonia de justiça que durou muito se desceram todos do cadafalso e logo foi posto fogo nelle e estatua e o cadafalso todo assi como estava foi queimado cousa que pareceo espantosa. E o marques sendo d'isto sabedor foi mui enojado e triste e d'ahi a pouco tempo se finou em Castella onde elle estava.

G. de Resende, *Chr. de João II*, cap. XLVIII.

XXII

Do que el-rei disse a hũ homẽ, que bebia vinho mais do necessario.

Um homẽ honrado, que se não nomea, folgava de beber vinho; e porq̃ o el-rei não bebia, havia-se por tacha, e todas em geral trabalhavã por seguir as obras e condição delrei. E este homẽ ás vezes lhe fazia o vinho dãno, de que elrei tinha desprazer. E hũ dia o mãdou chamar, e elle, por não cheirar a vinho, comeo folhas de loureiro, a q̃ muito cheirava; e el-rei lhe disse:

Foão, debaixo desse louro, a como val a canada? De q̃ o homẽ ficou envergonhado e trabalhou de se ẽmendar.

G. de Resende, *ibid.*, cap. CLII.

XXIII

Do que el-rei disse ao Conde de Borba em um conselho.

O Cõde de Borba dõ Vasco Coutinho de sua condição falava sempre muito alto, e ás vezes, quando se queria frautar, falava muito baixo. E hũ dia, estãdo elRei em hum conselho, quando veiu o Cõde a dizer seu parecer, falava tão baixo, q̃ se não ouvia; e elRei lhe disse:

Cõde! os vossos baixos são tão baixos, que vos não ouve ninguem; e os altos são tão altos, que se não ouve ninguem comvosco.

G. de Resende, *ibid.*, cap. CXCV.

XXIV

Morte de D. João II

Mandou saber em que ponto estava a maré, e dando-lhe a reposta disse: Daqui duas horas me finarey; e assi foy. E estãdo assi cõ muita pena tirando cõ grandes e mortaes saluços, q̃ lhe acudiã de quando em quando disse: Tenho tamanho amargor na boca, que se não pode sofrer. Disse lhe o Bispo de Coimbra: Senhor, lẽbre-uos o vinagre e azedo, que derão a beber a Nosso Senhor IESV Christo estando na Cruz, e não vos amargará a boca. E el Rey lhe respondeo: O' Bispo, quãto vos agradeço isso, porq̃ esse passo soo me esquecia da paixã. E estando assi veyo lhe hu muito grande accidente antes de lhe sayr a alma, que o trespassou; e cuidando todos, que era finado, o Bispo de Tangere lhe fechou os olhos e a boca; e elle o sentio e tornou a si, e disse: Bispo, ainda naõ vẽ a hora. E falando sempre palauras santas, e encomendando a todos, q̃ não chorassem entaõ por

lhe não fazerẽ toruação, beijando muitas vezes o vulto de Nosso Senhor e a Cruz, cõ os olhos postos nelle, e a cãdea na mão, cõ todo seu perfeito saber e os sentidos mui espertos, e a vista toda inteira sem fazer geito nenhum, rezando sempre cõ os Bispos verso por verso, e na derradeira cõ o nome de IESU na boca com grandissima deuação dizendo : *Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere mei*, lhe sahio a alma da carne domingo em se querẽdo pôr o sol, vinte e cinco dias Doutubro do anno de Nosso Senhor IESV Christo de mil e quatrocẽtos e nouẽta e cinco, em idade de corẽta annos e seis meses, dos quaes foy casado cõ a Raynha dona Lianor sua molher vinte e cinco e reynou quatorze annos e dous meses.

G. Resende, *ibid.*, cap. CCXI.

II

EPOCA CLASSICA

(XVI-XVIII)

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondênte à escola Italiana

I

Monarcas portugueses

D. João III 1521-1557
D. Sebastião 1557-1578
D. Henrique 1578-1580

II

Sincronismo politico e social

1531 — Estrondoso terramoto em todo o reino, que destroe povoaçóis inteiras.

1535 — Introdução do calvinismo em França.

1536 — Estabelece-se em Portugal o sanguisedento tribunal da Inquisição.

1545 — Paulo III abre o Concílio de Trento.

1547 — Morte de Francisco I de França e de Henrique VIII de Inglaterra.

1552 — Naufrágio de Sepúlveda.

1556 — Abdicação de Cárlos V.

1564-1569 — Aceitação indistinta do cânones do Concílio de Trento, em Portugal.

1571 — Batalha naval no golfo de Lepanto ganha por D. João de Austria aos Otomanos.

1572 — Matança de S. Bartolomeu em que morreram milhares de Huguenotes.

1578 — A 4 de agosto dá-se o terrivel desastre de Alcacer-Qebir.

III

Siñcronismo literário

Espanha

Iñigo López de Mendonza, marquês de Santillana, um dos homens mais notáveis do seu tempo, e Jorge Manrique, autor das celebradas *Coplas* já nomeadas anteriormente fazem como que a transição para a edade aurea da literatura espanhola, que se abre neste periodo dominada pela influência de Itália. O caudilho deste renascimento é Boscan (1490-1542) que naturalizou o soneto, o terceto, a canção, a oitava rima, tomando como modelos, sobretudo, Petrarcha e Sannazzaro. Sobresaíram:

Garcilaso de la Vega (1503-1536), autor de trinta e oito sonetos, ao gosto de Petrarcha, cinco canções, duas elegias, uma epistola em verso solto e tres éclogas, obra pequena [morreu aos 33 anos] em quantidade, mas que não tem igual em valor na literatura castelhana, conforme o juízo de Fitzmaurice-Kelly.

Diego Hurtado de Mendonza (1504-1575), poéta, historiador e romancista, autor da *História da guerra contra os Mouros de Granada*. A conhecida novela *Lazarillo de Tormes* foi-lhe por muito tempo atribuida, mas sem razão, como o demonstrou o hispanófilo Morel-Fatio. Não se pode determinar nem o autor, nem o ano, nem o logar da publicação. As tres ed. mais antigas conhecidas saíram em 1554.

Fernando de Herrera (1534-1597), cognominado o « divino » pela elevação das suas produções, entre as quaes ha uma elgia a propósito do desastre de Alcacer-Qebir.

Santa Teresa de Jesus (1515-1582), a célebre mística, denominada « Vidente de Avila », milagre de génio, a maior molher, talvez, de quantas até hoje manejaram a pena, a única do seu sexo que pode ombrear com os mais insignes mestres do mundo. [Fitzmaurice-Kelly, *ob. cit.*, 266].

Juan de Mariana (1537-1624), o Tito-Livio espanhol, autor da *História Geral de Espanha*, que vai até á morte de Fernando o Católico.

Jorge de Montemór ou Montemaior (1523-1561) um dos poétas portugueses que maior renome alcançou na literatura peninsular. A sua *Diana* divulgou-se rapidamente, sendo trad. em inglês, alemão, holandês e francês, onde conta, pelo menos, 12 ed. Ele seria o iniciador do género pastoril se Sanazarro antes dele não tivesse publicado a sua *Arcádia*. Mas introdutor dêsse genero na literatura peninsular cabe-lhe a glória de ter creado vários discipulos — Fernão

Álvares do Oriente com a sua *Lusitânia transformada,* F. Rodrigues Lobo com o *Pastor peregrino* e João Nunes Freire com os *Campos Elisios,* àlém de outros. Pena é que Montemór escrevesse tam pouco em português, que apenas se possa contar dele na nossa lingoa um trecho em prosa e algumas quadras da sua *Diana* [Vid. S. Viterbo, no *Arch. de Hist.*, I, 249].

Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616), o imortal autor do *D. Quixote de la Mancha,* da novela pastoril *Galatea,* da tragédia *Numáncia,* do poéma alegórico *Viaje al Parnaso* (revista dos poétas do seu tempo) e de várias outras obras. Entre todas avulta o *D. Quixote,* que creou ao seu autor fama universal.

[Em português : *D. Quixote*... tr. de Ricardo Augusto P. Guimarães, (Visconde de Benalcanfor) efectuada de colaboração com D. Luís Bréton y Vedra, Lisboa, 1877, 2 vols. ; outra tr. do Visconde de Castilho (continuada pelo Visconde de Azevedo e concluida por Manuel Pinheiro Chagas), 2 vols., com as ilustrações de G. Doré. Ha tambem uma tr. saída na Tip. Rollandiana, 1794, 6 vols., in-8.º, outra de 1853. Em 1906 saiu uma, em Lisboa, 3 vols. De Cervantes traduziu Bocage *Galatea,* tr. elaborada sobre a interpretação francesa de Florian, e José Pedro Francisco de Paula Campos *El zeloso estremeño* com o titulo : *O velho e a menina ou o casamento desigual*... Lisboa, 1818, 80 pg.].

Patrocinados pelo cardeal Ximenes († 1517) os estudos de filologia desenvolvem-se e António de Nebrija (1444-1552), o maior dos humanistas espanhoes, publica os primeiros trabalhos sobre a lingoa espanhola.

França

Em França, onde tambem se acentua a influência de Itália, merecem citar-se :

Rabellais (1495-1553), autor dos dois romances satíricos *Gargântua* e *Pantagruel.*

Marot (1497-1544), que aperfeiçoou a fórma da poésia ligeira nos epigramas e nos *fabliaux;* sobresaíu num género de que é o creador, o *Epistolar.*

Ronsard (1524-1585), chefe da *Pleiada,* a célebre escola poética fundada para elevar o nivel da lingoa e da literatura francesa, da qual em 1549 Du Bellay redigira o programa.

Montaigne (1533-1692), notavel moralista, autor dos *Ensaios.*

Itália

Entre os homens que ilustraram a Itália neste período contam-se :

Sannazzaro (1459-1530), cuja *Arcádia,* publicada em 1504, fundou a novela pastoril que em Portugal encontrou um exímio cultor em

Bernardim Ribeiro, passando depois a Espanha com Jorge de Montemór.

TRISSINO (1478-1550), autor da tragédia *Sophonisbe* (1515) escrita á imitação do teatro clássico, e do poéma *Itália Libertada.*

ARIOSTO (1474-1533), o maior poéta italiano do sec. XVI de quem, além de poésias liricas, ha o *Orlando furioso*, poéma em oitava rima. [Em português: José Manoel d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda, *Orlando Furioso, tr. em versos portugueses...*, Lisboa, 1850 (só saiu o vol. 1.º]; Xavier da Cunha, *Orlando furioso...*, Lisboa, s. a., com gravs. de G. Doré; J. M. da Costa e Silva, *O delirio de Orlando*, c. XXII in-*Ramalhete*, n.º 111 de 20 de março de 1840, pg. 81; o escritor brasil. Luis da Silva Alves de Azambuja tr. em prosa o *Orlando*, 4 vols., Rio de Janeiro, 1833].

TORCATO TASSO (1544-1595), que escreveu o drama pastoril *Aminta*, que foi muito imitado, e o poéma *Jerusalem libertada*, que o consagrou entre os grandes génios da humanidade. [Em português: Pedro de Azevedo Tojal, *Godofredo ou Jerusalem libertada*, Lisboa, 1633, 1 vol.; André Rodrigues de Matos, *Godofredo ou Hierusalem libertada, poema heroico...*, Lisboa, 1682, XXXII-659 pg., outra ed., Coimbra, 1859; João Felix Pereira, *A Jerusalem libertada*, ibid., 1877, 496 pg.; J. Ramos Coelho, *Jerusalem libertada*, Lisboa, 1864; nova ed., ibid., 1905].

Como eruditos merecem citar-se os nomes de MACHIAVELLI (1469-1527), GUICCIARDINI (1842-1540), dos cardeaes BEMBO (1470-1547) e SADOLETO (1477-1548) do filólogo POMPONIO (1425-1497) e dos dois SCALIGEROS, o JULIO (1484-1558) e seu filho JOSÉ (1540-1609).

Inglaterra

A literatura inglesa tem neste periodo o seu escritor mais notavel:

WILLIAM SHAKSPEARE (1564-1616), cujas tragédias principaes sam o *Romeo e Julieta, Othello, Hamlet, Macbeth* e *Rei Lear.* As melhores comédias: *Mercador de Veneza, Sonho d'uma noute de S. João, Muito ruido para nada, As alegres esposas ds Windsor*; dramas históricos: — *Julio Cesar, Antonio e Cleópatra, Ricardo II, Ricardo III*, etc. W. SHAKSPEARE é um profundo pensador tendo traduzido todos os caracteres e exprimido os maiores sentimentos da natureza humana. [Em português: Castilho, *Sonho d'uma noute de S. João*, Porto, 1874, D. Luis I, *Hamlet*, Lisboa, 1887 (sobre esta tr. Silva Pinto, *Combates e Criticas*, 2.ª ed., Lisboa, 1907), *O Mercador de Veneza*, ibid., 1879, *Ricardo III*, ibid., 1880, *Othello, o mouro de Veneza*, ibid., só esta tr. é que traz o nome do tradutor; Luis A. Rebello da Silva, *Othello*, ibid., 1856; Bulhão Pato, *Hamlet*, ibid., 1879; *Mercador de Veneza*, ibid., 1881; José Antonio de Freitas, *Othello*, ibid., 1882; sr. Julio

Dantas, *Rei Lear, adaptação da trag. de Shakespeare,* Lisboa, 1905, 1 vol.; sr. dr. Domingos Ramos, *Rei Lear,* Porto, 1905, *Hamlet, Othelo, Romeu e Julieta,* todos no Porto e de 1911, e *Mercador de Veneza, ibid.,* 1912].

Como figuras secundárias ao grande trágico ha nesta época:

John Lyly (1554-1603) autor do *Euphues* que pôs em moda o estilo afectado dos gongoristas de Espanha e Portugal; e os liricos

Wyatt (1503-1541) e

Henry Howard (1515-1547).

Alemanha

Erasmo (1467-1536), humanista célebre, do qual é mais conhecida a sátira intitulada *Elogio da loucura.*

Luthero (1483-1546), o extraordinário agitador politico e religioso do sec. xvi, figura complexa, cuja acção se fez sentir profundamente no seu e nos séculos imediatos. A sua tradução da *Biblia* ficou clássica na lingoa alemã; os seus *Cantos de Igreja* dão-lhe logar entre os primeiros poétas inspirados pela fé.

Hans Sachs (1494-1576), um dos *Meistersingers* mais distintos da Alemanha, ainda hoje muito lido e admirado. Foi cordoeiro em Nuremberg, sua terra natal. Partidário da Reforma dedicou uma poésia a Luthero que ele intitulou o *Rouxinol de Witemberg.* Publicou 16 vols. de versos. Goethe consagrou-o numa poésia célebre e Wagner nos *Mestres-Cantores.*

CAPITULO III

Escola Italiana ou Quinhentista

(Século XVI)

Sumário: 47. O Renascimento; sua difusão. — 48. O Renascimento em Portugal. — 49. Os promotores do Renascimento em Portugal. 50. Senhoras portuguêsas ilustres. — 51. POESIA ÉPICA. — Luís de Camões. — 52. Sua biografia. — 53. Camões escritor. — 54. Jerónimo Corte-Real. — 55. Luís Pereira Brandão. — 56. Francisco de Andrade. — 57. POÉSIA LIRICA. — Bernardim Ribeiro. 58. Cristovão Falcão. — 59. Francisco de Sá de Miranda. — 60. António Ferreira. — 61. Pedro de Andrade Caminha. — 62. Diogo Bernardes. — 63. Fr. Agostinho da Cruz. — 64. POÉSIA DRAMÁTICA. Origem do teatro. — 65. Gil Vicente. — 66. Escola de Gil Vicente. 67. Afonso Álvares. — 68. António Ribeiro Chiado. — 69. Baltasar Dias. — 70. António Prestes. — 71. Simão Machado. — 72. Escola clássica. — 73. A HISTÓRIA NO SÉCULO XVI; suas características. — 74. D. Jerónimo Osorio. — 75. João de Barros. — 76. Diogo do Couto. — 77. Damião de Goes. — 78. Fernão Lopes de Castanheda. — 79. António Galvão. — 80. Outros historiadores deste século. — 81. Samuel Usque. — 82. Narrativas de viajens; seus autores. — 83. Fernão Mendes Pinto. — 84. A história tragico-maritima. — 85. ELOQUENCIA SAGRADA. — 86. D. Frei Bartolomeu dos Mártires. — 87. Fr. Luís de Granada. — 88. Fr. Miguel dos Santos. — 89. Diogo de Paiva de Andrade. — 90. Dr. Francisco Fernandes Galvão. — 91. MORALISTAS. 92. — ROMANCES DESTE PERÍODO. — 93. Fernão Alvares do Oriente. — 94. OBRAS POÉTICAS ESCRITAS EM LATIM. — 95. TRABALHOS FILOLÓGICOS. — 96. OBRAS DE ERUDIÇÃO.

47. — O Renascimento; sua difusão. E' um erro, escreve um autor contemporâneo, acreditar que o amor das artes e das letras antigas se extinguiu totalmente no decurso da idade-média.

Com um pouco de atenção vê-se em todas as épocas esta chama imortal fazer-se luz aqui e àlêm, atravéz das ruinas dos séculos. A prosperidade crescente dos povos, a liberdade de que gozavam as grandes cidades acabaram, enfim, por crear, ao lado da cultura eclesiástica, uma cultura secular [1]. Factos múltiplos preparam o movimento característico dessa época memoravel chamada *Renascimento*. Constantinopla tomada pelos turcos viu brilhar no alto dos seus minaretes o crescente muçulmano (1453), e isso obrigou os sábios, ali residentes, a refugiar-se em Itália onde abriram os tesouros da sua erudição. A *imprensa,* a nova faculdade, na frase de Lamartine, começava de produzir os seus fecundos resultados. Descobrira-se a *pólvora,* que mudou a política das nações, a *bússola* de marear, que abrio um caminho atravéz dos mares *tenebrosos*. Vasco da Gama descobrindo o caminho marítimo para a India e Cristovam Colombo a América revelaram ao velho mundo mundos novos.

A era moderna foi aberta na Itália por Dante, Petrarcha e Boccacio, entrando primeiramente em Florença onde teve a poderosa proteção dos Médicis, ganhando depois Roma, onde depressa triunfou graças aos auxílios do Papa Leão X, que era daquela familia. Da Itália o movimento humanista comunicou-se á Alemanha e aí encontrou uma falange entusiasta de adeptos, dentre os quaes sobresae Erasmo, o sábio mais querido da Europa inteira nos principios do século XVI. O movimento generalizou-se depois a todas as nações da Europa.

48. — O Renascimento em Portugal. A literatura portuguêsa tem neste século a sua idade de ouro. Foi este período de curta duração, é certo, mas durante ele viveu a pléiada de escritores mais numerosa e mais brilhante, que temos tido. Portugal acompanhava a febre de

[1] Fr.-X. Krauss, *Hist. de l'Eglise,* III, ch. I.

progresso, que aquecia toda a Europa culta. Embora por pouco tempo gozou duma felicidade material e moral, que os demais países invejavam.

Abundava o dinheiro. Por vezes sucedeu na casa da contratação da India, em Lisboa, quererem os mercadores pagar em certo dia e não o poderem fazer por não haver tempo de contar o dinheiro [1]. Do Oriente chegavam-nos a cada momento náos carregadas de pedras preciosas e de objectos de valor.

D. Manoel, no reinado de quem estes factos sucederam, não soube ou não quís aproveitar as circunstâncias felizes que o haviam elevado ao trono. Mas esta riqueza que se perdeu e nos ajudou até a levar á ruína, foi compensada por outra riqueza maior, e essa imperecivel, constituida pelas obras dos que ilustraram o reinado daquele monarca e dos seus sucessores. Bastaria só que contássemos entre os nossos escritores um épico como Camões, um dramaturgo como Gil Vicente, um historiador como Goes para dessa época restar com que nos lisongearmos.

49. — Os promotores do Renascimento em Portugal. Foram muitas as causas que trouxeram a Portugal a corrente humanista. A Espanha era para nós uma instigação e um exemplo. O Cardeal Francisco Ximenes, o gramático António de Nebrija e outros caminhavam na vanguarda do movimento que em breve se comunicou ao nosso país.

Com a Itália mantinhamos nós relações literárias desde muito cêdo. D. Afonso V, de quem fôra mestre Mateus de Pisano [2], chegou a mandar vir de Itália frei Justo Bal-

---

[1] Damião de Goes, *Chron. de D. Manoel.*

[2] De Pisano apenas resta o *Livro da guerra de Seuta,* em latim, publicada, depois de séculos, em 1790 pela Acad. R. das Sc. de Lisboa no vol. I dos *Inéditos da Hist. Portuguesa.* Zurara *(Chr. de D. Pedro de Meneses,* pag. 215 do vol. II destes *Inéditos)* chama-lhe « poeta laureado », filósofo e orador, mas nada, àlêm da apontada narração latina, resta dele.

dino, sábio dominicano e doutor em ambos os direitos, para escrever em latim as histórias do reino [1]. Em Roma o bispo de Évora D. Garcia de Meneses [2] causava pela sua eloquência e erudição latina a admiração dos espiritos mais cultos como Júlio Pompónio e o cardeal Sadoleto.

Da Itália nos veio tambem o afamado latinista **CATALDO AQUILA SÍCULO**, poéta e orador, mestre de D. Jorge, filho natural de D. João II, cujas obras foram publicadas em Lisboa em 1500 [3].

No reinado de D. João 2.º, Portugal assombrava o mundo inteiro com as suas descobertas e conquistas. Angelo Policiano escrevia-lhe, feliz por se dirigir a tam grande rei [4]. Demais no curto mas brilhante período do nosso renascimento tivemos espiritos superiores que compreenderam muito bem essa renovação e concorreram inteligentemente para a introduzir ou estabelecer em Portugal, taes foram: — Clenardo, Vaseu, André de Resende, Jerónimo Cardoso, Francisco de Holanda, Gil Vicente, Damião de Goes, Sá de Miranda e outros. **NICOLAU CLENARDO** ou **CLEYNARTS** (1495-1542), que veio para Portugal na qualidade de mestre do Cardeal infante D. Henrique, foi um apaixonado cultor do latim,

---

[1] A mesma tarefa fôra incumbida a Pisano mas nada existe destes trabalhos. Baldino morreu em 1463 de peste em Seuta.

[2] Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio*, já cit., pg. 59 e nota 37.

[3] As obras latinas entre as quaes avulta o poéma *Arcitinga* foram reimpressas em Sousa, *Provas da Hist. Gen.*, vol. VI. A ed. *princeps* é rarissima. A Bibl. da Univ. de Coimbra possue um ex. que foi de Ferdinand Denis, a quem o comprou o insigne bibliófilo A. F. Tomás. Alguns dados sobre a biogr. de Clenardo em S. Viterbo, *A cultura intelectual de D. Afonso V*, no *Arch. Hist.*, II, 260, e A. Carvalho, *Os incunabulos da Bibl. P. do Porto*, Porto, 1904, 34.

[4] *Angeli Politiani operum tomus primus: epistolarum lib. XII*, etc., vid. (ed. 1528) uma carta de A. Policiano a D. João II, na pg. 584; uma carta deste a A. P. a pg. 290 e ainda uma carta de A. P. a João Teixeira a pg. 291. Policiano foi um dos espiritos mais brilhantes da côrte de Lourenço de Médicis, como dissemos no cap. anterior.

grego e árabe, e pode considerar-se como o « grande reorganizador das lingoas mortas em Portugal ». Ensinou o latim em Braga, Évora e por ventura tambêm em Coimbra. As suas *Cartas*, escritas em latim, são altamente interessantes para o estudo da sociedade portuguêsa no século XVI [1]. **VASEU** (✝ 1562), insigne latinista, flamengo, natural de Bruges, veio com o anterior para Portugal onde residiu doze anos e dirigio em Braga uma escola de latim [2]. **ANDRÉ DE RESENDE** [3] (c. 1500) o

---

[1] *Nic. Clenardi epist. libri duo, Antuerpiae,* 1561. Vid. Sr. Joaquim de Vasconcelos, *As Cartas Latinas de Damião de Goes,* no *Instituto,* XLVIII, 58 ; Lopes de Mendonça, *Annaes das Sciencias e Letras,* I (1857), 121 e seg. O sr. Joaquim de Vasconcelos tem estudos criticos sobre a vida de Clenardo e as suas cartas feitos de ha muito, sendo bastante para sentir que não estejam publicados. Sobre Clenardo póde ver-se especialmente : Chauvin et Roersch, *Étude sur la vie et les travaux de Nicolas Clénard,* Bruxelles, 1900, 1 vol.

[2] « ... Saí de Braga deixando lançados os fundamentos duma escola, que ficou dirigindo o meu companheiro de viajem, Vaseu... » Carta 4.ª, pg. 25, ed. *infra.* E em outro logar « ... Vaseu, que foi companheiro da minha primeira viajem, voltou depois dalguns meses com toda a família para Braga, e lá está dirigindo a nova escola, com o ordenado anual de cem mil dinheiros ou sejam 300 ducados. Não se póde dizer que eu o tenha feito infeliz nas Espanhas... » *Nic. Clenardi epist., ob. cit.,* pg. 59. (É a carta 13.ª). Vaseu publicou em Salamanca em 1552 uma *Chr. de Espanha. Arch. Hist. Portug ,* VIII, 342, nota (91).

[3] Os estudiosos encontrarão subsídios importantes para a biogr. deste famoso antiquário no *Arch. Hist.,* III (1905) art. do sr. A. F. Barata, *André de Resende e não Lucio André de Resende* (pg. 43) e Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Lucio Andreas Resendius Lusitanus (ibid.,* 161), e aínda o mesmo sr. Barata, *Ultima verba, André de Resende Lucio? Resposta e additamento a um artigo da sr.ª D. C. M. de Vasconcellos.* Evora, 1905. *Revista Litteraria,* III (Porto, 1839), 340 e seg. e IV, 495. No *Arch. Hist. Port.,* VII e VIII foram publicadas duas recensõis da *Vida de A. de Resende* escritas por Francisco Leitão Ferreira (1735) com eruditas anotaçõis do sr. Braacamp Freire. Veja-se tambem sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Notas Vicentinas* na *Rev. da Univ. de Coimbra,* I (1912), pg. 243 e segs.

erudito antiquário que foi o mensageiro enviado a Salamanca para trazer consigo Clenardo, autor da *De Antiquitatibus Lusitaniae* [1], da *História da antiguidade da cidade de Evora* [2] e da *Vida do Infante D. Duarte* [3], foi um espirito duma alta cultura, merecendo ser escolhido para fazer o elogio da Universidade em 1551. **JERÓNIMO CARDOSO** (✝ 1569), como os precedentes também insigne humanista, autor dum *Dicionário Latino Lusitânico* e de várias obras, todas escritas na famosa lingoa do Lácio [4]. **FRANCISCO DE HOLANDA** (1518-1584) iluminador, pintor, arquiteto e escritor, até ha pouco conhecido das pessoas doutas pelo extrato, aliás infiel, que de parte da sua obra deu em tradução o conde Raczinski no seu livro *Les Arts en Portugal* (pg. 5-73) e agora, felizmente, posto ao alcance de todos pela edição das suas obras [5]. Francisco de Holanda era filho de António de Holanda, iluminador, « o primeiro que fez e achou em Portugal o fazer suave de preto em branco, muito melhor que em outra parte do mundo » e a quem se atribue o trabalho do livro de *Horas* da rainha D. Leonor, molher de D. João II, maravilha de gôsto e de delicada execução artistica, hoje existente na Biblioteca Nacional [6]. Francisco de Holanda recebeu de seu pae o talento artístico. Como escritor, diz o crítico que melhor até hoje o tem estudado,

---

[1] 1.ª ed., fol., de 1593, reimpressa na *Collecção das obras de Auctores Classicos*, da imp. da Univ. de Coimbra, 1790, 2 voll.

[2] 1.ª ed., 1576; depois reimpressa na *Collecção das Antiguidades de Evora*, de Bento José de Sousa Farinha.

[3] Mandada publicar pela Acad. R. das Sc. de Lisboa, 1789.

[4] O sr. Joaquim de Vasconcelos prepara uma ed. das cartas latinas de Cardoso, segundo se lê no art. cit. do *Instituto*.

[5] Devida ao sr. J. de Vasconcelos que em 1879 publicou: *Da fabrica que fallece á cidade de Lisboa* e *Da sciencia do desenho*; e em 1896 o tratado *Quatro Dialogos da Pintura antiga*.

[6] Vid. *Arte Portuguesa, revista illustrada de Archeologia e Arte moderna*, n.º 1, art. do sr. José Pessanha — *As « Horas » da rainha D. Leonor.*

« acha a expressão do seu pensamento ás vezes com dificuldade, mas mesmo nos casos em que o dizer não é genuinamente português devemos admirar o exforço e louvar a originalidade da fórma, a dição expontânea. Fala por imagens, como se talhasse ideias plasticamente, e apesar de poéta e artista, conscio do seu valor e vaidoso, por vezes, parece-nos sincero e verídico no que diz de si e dos outros » [1].

50. — Senhoras portuguêsas ilustres. No movimento do renascimento português do século XVI desempenha um papel brilhante o grupo de senhoras duma fina distinção intelectual, que tinha como centro e mentora a infanta D. Maria, filha do rei D. Manoel e de sua terceira molher, D. Leonor, irmã do imperador Carlos V. Faziam parte dêsse grupo, entre outras, as duas irmãs Luisa Sigêa e Angela Sigêa, Joana Vaz, e Paula Vicente, e, embora não fôsse desta roda de cortesãs, adquiriu como elas renome e glórias imortais — Públia Hortênsia de Castro [2]. O conhecimento das língoas, e em especial da latina, o estudo da teologia e da filosofia, o amor da poesia constituiam a erudição do século em que essas damas viveram e esse é o dominio em que se imortalizaram. A INFANTA D. MARIA [3] escrevia a sua mãi em

[1] Sr. J. de Vasconcelos, *Quatro Dialogos, ob. cit.*, pg. x.

[2] Públia Hortênsia de Castro foi moça da câmara da Infanta D. Maria, de quem recebia 6.000 reaes anuaes, sendo contemplada com egual quantia no testamento. Cfr. *Arch. Hist.*, v, 118, art. do sr. Gomes de Brito — *As tenças testamentarias da Infanta D. Maria.*

[3] Sobre a Infanta D. Maria e a sua *Côrte* veja-se o formoso livro da Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas Damas*, Porto, 1902; sr. Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra, desenhos de S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia, apontamentos hist. e arch. do...*, Lisboa, 1903, pg. 106; Sr. Joaquim de Araujo, *A Infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel I de Portugal. Genova, 1909.*

latim; em latim, grego, hebraico, siríaco e árabe se dirigia **LUISA SIGÊA** (✝ 1560) ao Pontifice Paulo III e em latim escrevia o seu poemeto *Syntra* [1]; **JOANA VAZ** era egualmente conhecedora emérita da lingoa latina e mereceu os encómios do célebre Clenardo que a chama « distintamente ilustrada » [2].

PAULA VICENTE, a filha de Gil Vicente ajudou seu pae na composição e representação das peças teatraes [3] e figura como *tangedora* no livro das moradias da casa da rainha D. Catarina [4]; **PUBLIA HORTÊNSIA DE CASTRO** cursou humanidades, filosofia e teologia, defendendo teses em Evora, em 1565, quando apenas contava dezasete anos.

Constituiam estas e outras senhoras o que ás vezes se chama impropriamente *Academia feminina portuguêsa.*

Do que não resta dúvida é de que essas damas de espírito culto e erudito que abrilhantavam os serões da casa

---

[1] José Silvestre Ribeiro, *Luisa Sigéa, breves apontamentos historico-literários,* memória apresentada à Acad. R. das Sc. de Lisboa, 1880. Não obstante o seu título, a interessante monografia dá notícia das outras damas ilustres contemporâneas de Sigéa. Ai encontra tambem o leitor a bibliografia do assunto, que aqui julgo escusado repetir. O poema *Syntra* vem publicado na íntegra no *Apêndice,* e também, com a tradução ao lado, no livro *O Paço de Cintra* do sr. Conde de Sabugosa, cit., pg. 255.

[2] O testemunho de Clenardo vem numa carta a Joaquim Polites e diz o seguinte: « ... *etiam apud puellas me in hac furia* [vem falando do seu entusiasmo pelas composições em verso] *venditavi, ut uterque Clenardum sexus nihili putet esse Poëtam. ... Est hic inter aulicas asseclas virgo eleganter literis culta, adeo mihi nota, ut vix nomen tenuerim, nisi subvenisset Resendius: eam quoque ad exequias Erasmicas mire venusto carmine cohortatus sum. ... Est enim virgini nomen Joannae Vasiae cujus abhinc bienniũ epistolam vidi, cujus nec te puderet...* » (*Nic. Clenardi epistolarum libri duo...* Antuerpiae, 1561, pg. 79).

[3] Ensaio sobre a vida e escritos de Gil Vicente no tomo I das *Obras de Gil Vicente* da ed. de Hamburgo, 1834.

[4] *Obras de Luis de Camões,* I, ed. de Juromenha.

de D. Maria sam uma prova do explendor que em Portugal teve a eclosão e desenvolvimento das letras.

Vejamos, agora, quaes foram os escritores mais notáveis que Portugal teve neste período. Já dissemos que foi brilhante, embora fugaz, a época do nosso Renascimento. De facto ela só começa depois da Refórma, que se iniciou com as primeiras prégações de Lutero em 1517; ora já em 1539 estava estabelecida a Inquisição em Portugal, e em 1545 os Jesuitas dominavam como soberanos. Os sintomas da decadência moral eram já apontados em 1534 em várias passagens das célebres *Cartas* de Nicolau Clenardo [1], como nas obras de muitos escritores da época.

Não obstante isso, porêm, a galeria dos nossos escritores é vastíssima, como passamos a vêr.

POESIA EPICA

51. — LUÍS DE CAMÕES. Camões vale por si só uma literatura inteira, escreveu Schlegel [2]. A frase do notavel crítico alemão é perfeitamente exacta. Irmão, pelo génio, de Homero e de Vergílio, Camões simboliza as aspirações, a glória e o valor do país, que o viu nascer. A literatura portuguêsa gira em volta do seu nome. Mas ha mais: o Renascimento encontrou nele o poéta, que melhor o soube traduzir e cantar em versos imortaes.

---

[1] « ... soube que meu irmão não gostava nada de Portugal, o que me não contrista, não sómente porque ele é uma creança que teria de lidar com uma mocidade inteiramente perdida — que assim vive a mocidade de Espanha, ou melhor, a multidão de mancebos que do nosso país para aqui veio, sobretudo em Lisboa, onde tinha de viver e onde ha uma sociedade de verdadeira libertinagem, mas tambêm por causa do nome de que usa, que o meu próprio é, o que me valeria, decerto, algumas vezes, a aguentar os desvarios fraternos... » (*Carta* 1.ª, pg. 5, ed. cit.). Veja-se tambêm a carta 2.ª, tr. de Lopes de Mendonça, *loc. cit.*

[2] *Hist. da Lit. antiga e moderna*, II, 15.

Dá o nome a um povo. Diz-se a pátria de Camões, como se diz a pátria de Homero. Dá o nome a uma época. Diz-se — o Renascimento produziu Camões. Isto explica que comecemos por ele o estudo deste período.

52. — **Biografia de Luís de Camões** (1524-1580), oriundo duma família galiciana, nascido em Lisboa [1], fez os seus primeiros estudos em Coimbra e começou muito cedo a frequentar a côrte de D. João III, onde se inicía a sua vida aventurosa e cortada de desgostos, que não mais cessáram de o perseguir. Diz-se que foram os amores com a dama do paço D. Catarina de Ataíde, que o poéta imortalizou sob o anagrama de *Natércia*, o pretexto para o afastar da côrte, pretexto facilmente justificado pelo seu génio altivo e independente. Em 1547 tendo-se espalhado a notícia do cêrco de Mazagão, embarcou para Africa alistado como soldado, e lá durante dois anos, deu asas ao seu temperamento belicoso, perdendo numa refrega com os árabes o olho direito. Tendo voltado a Lisboa e cumprido a pena de um ano de prisão no Tronco da cidade, embarcou para a India. Era em 1553. Esta viajem é decisiva na vida de Camões, cujo cérebro alimentava já a idéa de cantar

« o peito illustre lusitano
« a quem Neptuno e Marte obedeceram ».

---

[1] E' a opinião do Bispo de Viseu D. F. Alexandre Lobo, o qual escreve porêm : « ... que as tres rivaes — Lisboa, Coimbra, Santarem, continuem embora a disputar entre si o berço do grande poeta : a quarta — Alenquer —, não tem decerto direito nem fundamento algum para entrar na liça ». Vid. *Memoria hist. e critica acêrca de L. de Camões*, nas *Obras*, I. As dúvidas aumentáram depois dos doc. produzidos pelo benemérito Sr. Brito Aranha, no *Dicc. bibl. Portug.*, XIV, 15 e seg., mas o Sr. Dr. Th. Braga, *Camões, Epoca e Vida*, Porto, 1907, 166 e seg. demonstra cabalmente ser Lisboa a terra natal do glorioso Epico.

E' pouco crivel a tradição que diz que ele durante a sua estada na prisão lêra a *1.ª Década* de Barros, que aparecera em março de 1552 e que, sugestionado por esse poéma em prosa da nossa história da India, lá compusera nada menos que os primeiros seis cantos dos *Lusiadas*. Qualquer que fôsse a idéa geratriz do poéma, é certo que ele não podia ser composto dum jacto, ininterruptamente. Durante vinte e cinco anos, de 1544 ou 1545 a 1570 trabalhou o Poéta na sua obra prima. « Principiada com impeto juvenil, quando tudo parecia sorrir ao apaixonado e genial fidalgo-cavaleiro e quando o sol da pátria estava perto do seu apogeo, a epopea foi adiantada de vagar, após graves estudos e duras experiencias e só saiu á luz quando a velhice batia á porta e as provas de decadencia do país se haviam multiplicado [1]. A viajem á India tinha ainda a vantagem de lhe mostrar os logares, que queria descrever. Que melhor resolução poderia pois tomar? Em 1553 chegava a Gôa, tendo então mais ocasiões de empunhar a espada do que a pena. Foi aqui que ele suportou o martirio dum pesado cruzeiro

« junto de um seco, duro, esteril monte
« inutil e despido, calvo e informe »
. . . .
(Canção x)

Em 1558 partiu para Macau a exercer o cargo de *Provedor mór de defuntos e ausentes*, a quem competia arrecadar as heranças. Enquanto desempenhava este cargo compôs, segundo refere a tradição, [2] na gruta ainda hoje conhe-

[1] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Bibl. Romanica*, vol. x, « *Os Lusiadas* ».

[2] Numa das suas notáveis *Cartas de Londres* Gonçalo da Gama, pseudónimo dum distinto português que viveu sempre no estrangeiro [João Frick. 1839-1909] combateu a velha tradição procurando demonstrar que Camões nunca esteve em Macau, que nem mesmo Macau, ao tempo, ainda existia, não passando então dum covil de

cida pelo seu nome, a maior parte dos *Lusiadas*, chegando ao canto VII. Chamado a Gôa, o navio, em que embarcára, naufragou na costa de Cambodja, na foz do rio Mecon, e a custo ele se salvou e á obra, que tam preciosa era. De Gôa saiu para Moçambique em 1567 e daí é que partiu para o reino na companhia de Diogo do Couto, que o encontrara (1568) *tam pobre que comia de amigos*. (*Dec*. VII, c. 28). Depois de dezaseis anos de desterro entrava o poéta na capital do seu país, agora devastada pela peste. Morrêra a molher que fôra a inspiradora dos seus versos, a sua Natércia. Restava-lhe sua mãi, a quem jubilosamente, decerto, mostraria a obra que era seu orgulho e seu enlevo. Os *Lusiadas* foram concluidos depois da sua chegada a Lisboa, a 7 de abril de 1570, sendo o alvará do previlégio para a impressão datado de 23 de setembro de 1571. Por este tempo foi-lhe roubada uma colecção de poesias, que ele intitulara *Parnaso*. Os *Lusiadas* foram dedicados a D. Sebastião, que galardoou o seu autor com a parca pensão anual de quinze mil réis [1]. Camões viveu ainda oito anos após o aparecimento

---

piratas. O mesmo autor aventou a hipótese do poéta ter ido morrer « com a espada na mão, ao lado do seu rei nos campos de Alcacer-Qebir ». Esta carta tem o título *Tradição não é história* e foi publicada no *Portugal*, n.º 2, de 1907 e transcrita no *Oriente Portuguez* (Nova Goa) n.º de abril de 1907. Mas um escritor tam ponderado como o Bispo Lobo (*ob. cit.*, I, 59) exara: « ... a demora do Poéta em Macau não pode pôr-se em duvida sem contrariar, e com pouco ou nenhum fundamento, a tradição... ». Quanto era judicioso este assêrto demonstrou-o o Sr. Jordão de Freitas, *Camões em Macau*, Lisboa, 1911. Que Camões aí viveu durante algum tempo « di-lo a tradição constante, repetem-no os mais antigos biográphos camoneanos e confirma-o um antigo titulo dos bens de raiz do collegio de Macau... » pag. 7.

[1] Poderia corresponder a noventa mil réis da nossa moeda atual e foi-lhe paga pontualmente segundo prova o Visconde de Juromenha, mas é bom não esquecer que outros indivíduos de menos méritos recebiam mais avultadas somas, sendo por isso para desejar que se

da sua obra e teve por isso ocasião de assistir ás lutas e ás intrigas mesquinhas, levantadas pelos seus amigos. Mas alguma cousa o abalou mais que essas lutas que o seu enorme talento despertava. O desastre de Alcacer-Qebir acabava de dar-se, e a dominação de Castela batia ás portas de Portugal. Ao seu amigo D. Francisco de Almeida, que em Lamego preparava meios de resistência contra o invasor, Camões escrevia: *enfim, acabarei a vida e verão todos que fui tam afeiçoado á minha patria, que não me contentei de morrer nela, mas com ela.* A 10 de junho de 1580 expirava o maior cantor das glórias pátrias. [1]

53. — Camões escritor. Falemos agora do escritor. Tres géneros de poésia, cultivou Camões — o épico, em que foi inimitavel, o lirico, em que póde dizer-se que é o primeiro do seu tempo e o dramático, em que sobresaiu notavelmente. Vejamos por esta ordem as suas obras:

a) Os *Lusiadas* sam a nossa epopêa nacional, uma das quatro ou cinco grandes epopêas do mundo. O assunto indica-o o poéta dizendo que canta as armas e os barões assinalados, ou o *peito ilustre lusitano.* A *descoberta do caminho para a India pelos portuguêses* deu-lhe motivo de expôr a história nacional, os feitos heroicos dos portuguêses. Não é, pois, essa descoberta o objecto do seu poéma; não é Vasco da Gama o seu herói. O que ele vê na sua frente é um povo glorioso, heroico, audaz e uma série extraordinária de factos operados por ele, tanto por terra como por mar. Daí a idéa da sua obra, a que pôs justissimamente o nome de *Lusiadas* aproveitando a palavra

« usasse com ele liberalidade mais generosa do que a que inculca a tença anual de quinze mil reis », como escreve o Bispo Lobo. [*Obras*, cit., I, 92].

[1] Ou 1579, como sustenta o Sr. Jordão de Freitas? Vid. *Diario de Noticias* de 10 de junho de 1913.

inventada pelo antiquário Resende [1]. Vasco da Gama encarna a alma dum povo; a sua navegação, que o Poeta encontrava descrita no *Roteiro de Vasco da Gama*, na *Asia* de Barros e no *Descobrimento e Conquista da India* de Castanheda, forma o nó do excurso histórico do Poéma, que está dividido em 10 cantos e cada canto em estâncias de 8 versos. Contêm ao todo 1.102 oitavas ou 8.816 endecassilabos. A narração, sempre interessante, é cortada de descrições e de episódios magistraes, entre os quaes avultam o do *Adamastor* (v, 37-59), o de *Inês de Castro* (III, 109-135) o do *aparecimento do Indo e Ganges* a D. Manoel (IV, 68-74), o dos *doze de Inglaterra* (VI, 43-67), o da *ilha dos Amores* (IX, 54-79) etc. etc.

Porque muito viu e observou nas suas longas viajens, o nosso épico sobresai na pintura dos costumes e dos factos. O mar encontrou nele um pintor inimitavel, como se póde ver na descrição da *tromba marítima* (v, 18-22), e na da *tempestade* (VI, 70-80). O seu pincel não é menos fiel ao descrever os lances duma guerra; veja-se, por exemplo, o formosíssimo quadro da *batalha de Aljubarrota* (IV, 28-44), o da de *Ourique* (III, 44-54). Que viveza, e que colorido não resumbram da pintura dos *costumes da India* no canto VII! Que acentos apaixonados ao referir o caso de Sepúlveda nas tres oitavas (46-48) do canto v!

---

[1] O Sr. Dr. J. Maria Rodrigues nos seus notáveis estudos sobre as *Fontes dos Lus.* (*Instituto*, LI, 754) supôs que fôra Jorge Coelho, rival e amigo de Resende, quem primeiro empregara a palavra *Lusiadas* em obra impressa, embora este a tivesse já usado no *Vincentius Levita et Martyr* II, v. 195, então inédito. A sr.ª D. Carolina Michaëlis mostrou que a passagem de Resende se achava reproduzida na *Oratio pro rostris*, pronunciada na Univ. de Lisboa em 1 de outubro de 1534, o que matava a questão. Mas a descoberta recente dum exemplar do rarissimo opúsculo de Resende *Carmen eruditum et elegans*... impresso em 1531 reforça singularmente a opinião da preclara romanista pois evidencia que o vocábulo *Lusiadas* já desde 1531 corria mundo, segundo a frase do sr. A. Braacamp na comunicação à *Acad. das Sc. de Lisboa* de 14 de março do corrente ano de 1913.

Que formosissimos retratos, ás vezes limitados a pequenas pinceladas, os de Viriato (III, 22 e VIII, 6), Sertório, (VIII, 6 e seg.), D. Fuas Roupinho (VIII, 16 e seg.), Mem Moniz (VIII, 20), Egas Moniz (III, 37 e seg., e VIII, 13), Geraldo sem Pavor (VIII, 21), Magriço (VI, 53 e seg.), o de D. Maria solicitando de seu pai auxílio para seu marido D. Afonso de Castela (III, 102 e seg.), o do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira (IV, 14 e seg., e VIII, 28 e seg.), o de Veloso, no encantador episódio dos Cafres na Angra de Santa Helena (V, 30 e seg.)! E' esta galaria famosa de valentes e de heróis que numerosas vezes lhe detêm a pena para romper em hinos patrióticos. E' sempre com enternecimento que ele fala do *amor da patria, não movido de premio vil* (I, 10), do seu *ninho paterno (Ibid.)*, da *patria amada* (III, 21 e 24), da *patria chara* (IX, 17), da *amada terra* (V, 3), da *nossa terra* (VI, 42), da *ditosa patria* (VIII, 32), enfim, da *pequena casa lusitana* (VII, 14).

Algumas censuras foram feitas aos *Lusiadas*, como, e é a principal, a mistura do maravilhoso pagão com o do cristianismo, mas essa censura só deriva do desconhecimento do século em que Camões viveu. Tasso e Milton e os outros artistas do Renascimento não procederam diferentemente. Essa fusão, olhadas as circunstâncias, póde apontar-se até como uma superioridade.

A ela deveu Camões o interesse e a vida que dão verdadeiro encanto á leitura da sua obra decorridos mais de tres séculos. O concílio dos deuses no Olimpo (I, 20-41), o episódio das Nereidas encostando o peito ás náos para evitar que os Portugueses entrem em Mombaça, onde seriam aniquilados (II, 18-14), a descrição de Venus a caminho do Olimpo a suplicar favor para os Portugueses (II, 33-41), a descrição do palácio de Neptuno e a do Concilio dos deuses equóreos (VI, 16-34), a descrição da Ilha dos Amôres (IX, 54-63) enfim, o banquete dado por Tétis a Vasco da Gama em que uma ninfa canta os

louvores dos Portugueses (x, 1-73) e tantos outros, são uma fonte inexaurivel de graça, de variedade, de brilho e de encanto [1].

b) Camões distinguiu-se também no género lírico, escrevendo sonetos, elegias, cançõis, eglogas, odes, etc. [2]. O seu lirismo é repassado de grande naturalidade. O coração humano, em toda a complexa gama de sentimentos, — a ternura, o entusiasmo, o desespero, — toda a paixão, toda a vida, sam ás vezes retratados por Camões num simples verso. Foram-lhe escola a amarga experiencia e a

« .... vida
« mais desgraçada que jamais se viu. »

(Soneto).

Nesta obra lírica devemos colocar em primeiro logar os sonetos. Conquanto, escreve um crítico eminente, não cheguem a trinta os que entre todos se avezinham da perfeição [3] e que ainda nesses ache em que topar o

[1] A ed. *princeps* dos *Lusiadas* é de 1572 com este título : *Os Lusiadas de Luis de Camões. Com privilegio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição, & do Ordinario. Em casa de Antonio Gôçalvez impressor 1572*, 4.º Sobre esta ed. devemos notar o seguinte : 1.º) Ha duas impressõis do mesmo ano de 1572, aparentemente iguais, mas vê-se que numa o pelicano, que vem gravado no frontespicio, tem o bico voltado para a direita do leitor, e na outra tem-no voltado para a esquerda. Parece ser aquela, de facto, a 1.ª, reimpressa, entre outras, na ed. do Morgado de Mateus ; 2.º) Ao contrário do que se tem afirmado a censura nesta 1.ª ed. foi tolerante e benévola, não sacrificando em nada a integridade do texto, como aconteceu na ed. de 1584, por exemplo.

[2] A ed. *princeps* das líricas foi publicada com este título : *Rythmas de Lvis de Camoens divididas em cinco partes... Anno de MDLXXXXV, Á custa de Estevão Lopes, mercador de livros.*

[3] Quinze do género erótico — 14, 24, 30, 34, 35, 40, 41, 53, 70, 78, 81, 84, 147, 185, 186 ; doze de géneros diversos — 6, 59, 88, 96, 100, 108, 173, 228, 237, 238, 239, 254.

reparo de um juiz escrupuloso é certo que nenhum dos mais merece inteiro desprezo, mas antes em quase todos, seja nos pensamentos, seja nos afectos, seja na expressão e na melodia, só encontra motivo de louvor e aparece o grande talento de Camões [1].

Que poderemos afirmar àcêrca da interpretação da lirica camoneana modernamente estabelecida e que a filia na sua paixão pela Infanta D. Maria? Teremos de abandonar a tradição que dizia ter sido Catarína de Ataíde a dama que mais lhe prendeu o coração, e que ele cantou sob o anagrama de *Natércia?* Terá esta de passar para um segundo plano, uma das várias damas cantadas pelo *namorador incorrigivel,* que foi Camões, para se dar o logar que ela até hoje ocupava á Infanta D. Maria, a formosissima filha de D. Manoel, a ilustrada e altiva figura intelectual e moral mais distinta do seu tempo? É inquestionavel que muitas das circunstâncias da vida do Poéta e da Infanta se harmonizam perfeitamente com as líricas camoneanas, que estas parecem ser vistas a nova luz quando se supõem traduzir esse sentimento apaixonado do Poéta, ao qual, é certo, a Infanta não correspondeu, não o tendo talvêz mesmo sequer presentido. Mas estas aproximaçóis feitas por um juizo cauteloso e erudito, como o possue o autor desta interpretação, podem parecer meras coincidencias, opiniõis subjectivas, ainda dependentes de factores ignorados de novos e mais decisivas investigaçóis [2].

c) Para o teatro escreveu Camões tres autos — *Amfitriões,* moldado pela comédia do mesmo nome de Plauto [3], versando um assunto mitológico — Amfitrião,

---

[1] D. Fr. Alex. Lobo, *Mem... acerca de Camões,* já cit., 118.

[2] Sr. Dr. J. Maria Rodrigues, *Camões e a Infanta D. Maria,* Coimbra, 1910, 1 vol.

[3] Sobre Plauto vid. a nossa *Introd. á Hist. da Lit. portug.,* 3.ª ed., 1911, 154.

casado com Alcmena, parte para a guerra. Júpiter disfarça-se e consegue passar junto da esposa como seu verdadeiro marido. Mas este regressa e a scena complica-se perante os dois *Amfitriões*, até que Júpiter declara quem é e explica que o seu intuito foi honrar a descendência de Amfitrião fazendo com que de Alcmena nascesse o invencivel Hércules. Esta comédia foi escrita, parte em castelhano, parte em português, diz-se, quando ainda frequentava a Universidade e representada pelos estudantes, conforme o costume do tempo. *El-rei Seleuco* sobre um facto muito tratado na antiga história de Roma, — Antíoco, filho do rei Seleuco apaixona-se por Estratónica, sua madrasta. Impossibilitado de confessar a sua paixão adoece e definha dia a dia. Mas o médico chamado para o tratar descobre o motivo da doença e leva o rei a ceder-lhe por esposa a bela Estratónica — intriga em que se quis ver uma alusão aos amores de D. João III, ainda príncipe, com sua madrasta a raínha D. Leonor [1]; a terceira e última — *Filodemo* escrita para as festas da investidura no cargo de governador de Gôa de Francisco Barreto. Dos amores dum fidalgo português nascem duas crianças — Filodemo e Florimena que, ficando orfãos de pai e mãe, sam recolhidos e creados por um pastor. Com o tempo Filodemo vem a entrar ao serviço de D. Lisudardo, seu tio, que tem um filho e uma filha. Ninguem suspeita do parentesco. Os primos namoram-se e acabam por casar desvendando-se então o mistério desse parentesco. Não deslustram estas obras o alto conceito que possamos formar do maior dos nossos poétas [2]. Nelas,

---

[1] Sr. Th. Braga, *Eschola de Gil Vicente*, Porto, 1898, pg. 204 e seg.

[2] Os autos *Filodemo* e *Amfitriões* sairam pela primeira vez, em 1587, publicados juntos aos de Antonio Prestes : *Primeira parte dos Autos e Comedias portuguesas*, por Antonio Prestes e por Luís de Camões, etc., por André Lobato, impressor de livros, 1587, 4.º de 179 pg. Vid. a ed. popular — *Comedias de L. de Camões*, Lisboa, 1880.

afastando-se bastante da inspiração clássica, ligou-se Camões antes á escola popular de Gil Vicente, de quem adeante falaremos [1].

54. — **JERÓNIMO CORTE-REAL** (1533-15 nov. 1588) [2] figura com destinção entre os que, depois de Camões, cultiváram o género épico. Da sua vida, muito pouco conhecida, apura-se que fôra muito novo militar na Índia e em Africa, tendo-se encontrado no posto de capitão a pelejar em Tanger no dia em que foi morto o famoso fronteiro D. Pedro de Meneses em 18 de maio de 1553. Conta Faria e Sousa que ele se oferecera a D. Sebastião para o acompanhar á jornada de Africa, mas que o monarca o dispensara, como a outros, por a sua avançada idade não lhe permitir sofrer os rigores inevitáveis da guerra. A sua velhice deveria tê-la passado em *Vale de Palma,* junto a Évora, consagrada, talvêz inteiramente, á composição das obras poéticas que nos legou e sam:

a) *Segundo Cêrco de Diu,* poéma em 21 cantos, em endecassílabos soltos [3], muito elogiado por Francisco

---

[1] Para a biografia de Camões vid.: Sr. Th. Braga, *Hist. de Camões,* 3 voll.; O. Martins, *Camões, os Lusiadas e a Renascença,* 1 vol., 1891, e sobretudo, Wilhelm Storck, *Vida e Obras de Luis de Camões,* I, Lisboa, 1898, tr. da Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos; Bispo de Viseu, *Memoria* já cit., etc. Para a bibliogr. vid.: Sr. Th. Braga, *Bibliogr. Camoniana,* Lisboa, 1880; Sr. Joaquim de Vasconcelos, *Bibliogr. Camoniana,* Porto, 1880; Sr. Brito Aranha, *ob. cit.,* etc. O Sr. Xavier da Cunha publicou ha pouco *Uma carta inédita de Camões, Apographo existente na Bibl. Nac. de Lisboa,* Coimbra, 1904. O Sr. Dr. J. Maria Rodrigues anda publicando no *Instituto* interessantissimos artigos sobre as *Fontes dos Lusiadas.*

[2] Datas conjecturais fixadas por A. F. Barata no estudo *Subsidios para a biogr. do poeta J. Corte-Real,* etc., folh. de 25 pg. impresso em Evora, 1899; id., *Evora e seus arredores,* 1 vol., Evora, s. a. [1904]; S. Viterbo, *Trabalhos Nauticos,* II, 182, fixa a data do falecimento em 1588.

[3] 1.ª ed. de Lisboa, Ant. Gonçalves, 1574; outra ed. de 1783.

de Andrade, Andrade Caminha, António Ferreira e Diogo Bernardes.

b) *Naufrágio de Sepúlveda,* em 17 cantos, verso solto, sobre o mesmo assunto das tres estâncias dos *Lusíadas* acima mencionadas [1], publicado quatro anos depois da sua morte por um dos herdeiros [2].

c) *Austriada,* sobre a batalha de Lepanto ganha por D. João de Austria, oferecido a Filipe II de Castela, escrito em espanhol, em endecassílabos soltos, com 15 cantos [3], também muito elogiado por Caminha e Bernardes.

d) *Auto dos quatro novíssimos do homem,* poemeto em versos soltos, de 23 pg. apenas, só publicado em 1768.

Muitos dos seus admiradores chegáram a colocá-lo acima de Camões referindo-se também, com hiperbólicos exageros, ao seu talento como pintor. Parece que ele ilustrou as suas próprias obras e dele serão, talvêz, dous quadros, um das *Almas,* e outro da *Mocidade e Velhice,* aquele ainda hoje existente na igreja de Santo Antão de Évora, e este de que se sabe a existência por uma poesia sua, inédita, a que se refere Rackzinski [4].

A todos estes elogios deu a crítica imparcial o respectivo desconto. Como poéta Corte-Real tem nas suas obras alguns episódios de muito merecimento e descriçõis traduzidas com grande vigor e colorido. Como pintor o seu valor é medíocre [5].

O que se deduz do pouco que os documentos nos deixam adevinhar é que Corte-Real, fidalgo, soldado, poéta e pintor, passou uma existência adulada e satisfeita,

---

[1] 1.ª ed. de Simão Lopes, 1594; outras ed. de 1783 e 1840.

[2] A descrição pormenorizada deste naufrágio póde lêr-se em Inácio da Costa Quintela, *Anaes da Marinha Portuguêsa,* pg. 452 e seg. do 1.º vol.

[3] 1.ª ed. de Lisboa, Ant. Ribeiro, 1578.

[4] *Les arts en Portugal,* 218.

[5] Cfr. C. Rackzinski, *Dict. hist. et art. du Portugal,* 56.

rodeado da consideração dos seus contemporâneos, sem as amarguras que trituravam a alma do imortal épico, que os invejosos colocavam em plano inferior.

55. — **LUÍS PEREIRA BRANDÃO** (1540?-?), do Porto, é autor do poéma *Elegiada* [1] sobre o desastre de Alcacer a que assistiu, tendo acompanhado D. Sebastião á África. Ficou prisioneiro em Alcacer, conseguindo só tarde o resgate. Foi sobre essa pavorosa catástrofe que escreveu o seu poéma, em 18 cantos e oitava rima. Francisco Dias Gomes, o erudito e consciencioso crítico julgava a *Elegiada* como a obra mais infeliz que apareceu em Portugal no século de quinhentos, a qual mais desonra a nação do que a acredita. Seu autor, continua ele, fez no estilo muitas e indiscretas inovaçõis, que o inundam dos mais enormes vícios de locução [2]. Garrett não foi tão rigoroso na apreciação da obra de Luís Pereira Brandão. Tem, escreveu, excelentes oitavas, algumas descriçõis felizes, grandissima riqueza de lingoagem, mas pouco mais [3].

56. — **FRANCISCO DE ANDRADE** (1540?-1614), de Lisboa, é mais historiador que poéta. Como historiador escreveu a *Chrónica de D. João III*, mais notavel pela lingoagem, que pelo critério com que foi redigida [4]. Como poeta, àlêm da tradução dum pequeno poemeto lírico — *Philomena de S. Boaventura*, [5] deixou-nos o *Primeiro cêrco*

---

[1] 1.ª ed. de Lisboa, por Manuel de Lyra, 1588, 8.º de IV-286 folhas. reimpresso por Bento José de Sousa Farinha em 1785.

[2] *Obras de F. Dias*, 41.

[3] *Parnaso Lusitano*, I, XXVII.

[4] Lisboa, João Rodrigues, 1613. Outra da Imp. da Univ. de Coimbra, 1796.

[5] Reimprimi-o segundo cópia manuscrita, tendo-se perdido o único exemplar impresso conhecido, no *Archivo Bibl. da Bibl. da Univ. de Coimbra*, n.ºs 5-7 de 1907, de que se fez *separata*. Francisco de

de Diu, poema em 20 cantos e oitava rima [1] escrito na lingoagem castigada dos autores do seu século, bem versificado, mas sem interesse artistico, pondo em relevo a figura heroica de D. João de Castro.

POESIA LÍRICA

57. — BERNARDIM RIBEIRO (1482-1552), da vila do Torrão, no Alentejo, era filho de Damião Ribeiro e de Joana Dias Zagalo. Implicado na conspiração contra D. João II, Damião Ribeiro fugiu para Castela não conseguindo ainda assim evitar a cólera do monarca, por ordem do qual foi assassinado. Bernardim Ribeiro, então de dois anos, juntamente com sua mãi e uma irmã refugiou-se em Sintra em casa de seus primos Zagalos, que habitavam a Quinta dos Lobos [2], a protecção dos quaes o amparou até se bacharelar em leis (1511) na Universidade, que então estava em Lisboa. Contava a este tempo 32 anos. D. Manoel e mais tarde D. João III nomeáram-no escrivão da câmara. A paixão por sua prima D. Joana Tavares Zagalo foi funesta para ele e para esta, que se viu forçada por interesses de familia a casar com um tal Pero Gato. D. Joana morreu, provavelmente doida, no convento de Santa Clara de Estremoz.

Andrade ainda fez mais duas trad. que são: — *Chronica do valeroso e invencivel capitão Jorge Castrioto... escrita em latim por Marco Balercio Scutarino...* Lisboa, 1567; e *Instituição de El-rei, escripta em latim por Diogo de Teive* ou *Epodos que contem sentenças uteis... trad. em verso solto*, Lisboa, 1786. Outra ed., 1803.

[1] Coimbra, 1589, 4.º; 2.ª ed. 1852.

[2] A topografia desta Quinta foi estudada cou muito cuidado pelo professor Sr. A. Maria de Freitas (Nicolau Florentino). « Fica no concelho de Sintra, cêrca de um kilometro a leste da estrada de Mafra, com a qual está ligada por meio dum ramal ». Vid. a carta do referido escritor em Th. Braga, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, Porto, 1897, pg. 23, nota.

Bernardim Ribeiro morreu tambêm doido no Hospital de Todos os Santos, em Lisboa, em 1552. Em escritor nenhum talvêz é tam necessário o conhecimento dos dados biográficos. Eles é que nos ajudam a compreender as suas obras e constituem o seu melhor comentário. O entrêcho da *Menina e Moça* [1] notavel pela simplicidade, pela candura e pela saudade, « cujo poéta foi e cujos suaves tormentos tam longo padeceu e tam bem pintou » [2] tinha ficado inexplicavel até ha poucos anos, porque por muito tempo se supôs que a famosa novela descrevia a paixão que o autor ousara ter pela infanta D. Beatriz, filha de D. Manoel, depois casada com Carlos III, duque de Saboia [3].

Confiando-se nessa tradição avigorada pela prohibição inquisitorial da novela — posta no Index em 1581 só de lá foi retirada em 1640 — dizia-se que o poéta quando a infanta partira para Itália a desposar o duque Carlos, se fôra até lá em trajo de mendigo, tendo de voltar á pátria desiludido e pobre [4]. Este lado romântico da

[1] A primeira ed. é de Ferrara, 1554, saindo com este título, *Hystoria de Menina e Moça... agora de novo estampada e con suma deligencia emendada e assi algũas eglogas suas...* A mais antiga ed. que se conhece é de 1557 : *Primeira e segunda parte do livro chamado « As saudades de Bernardim Ribeiro » com todas as obras. Trasladado do seu proprio original. Novamente impresso 1557.* No fim : « imprimiose estas obras... na muito nobre e sempre leal cidade de Evora em casa de André de Burgos ». Em 1891 apareceu uma ed. da *Menina e Moça,* prefaciada e revista pelo Sr. D. José de Pessanha e em 1905 outra dirigida pelo Sr. Delphim Guimarães. Sobre B. Ribeiro, vid. : Costa e Silva, *Ensaio* cit., I, 102 e seg. : D. C. M. de Vasconcellos, *Poesias de Sá de Miranda,* 767, id., *Geschichte* cit., 291 ; Sr. Th. Braga, *B. Ribeiro ;* acima cit. ; Menéndez y Pelayo, *Origenes de la Novela,* Madrid, 1905.

[2] Garrett, *Parnaso Lusitano,* já cit.

[3] Vid. S. Viterbo, *O dote de D. Beatriz de Portugal Duqueza de Saboya,* Lisboa, 1908.

[4] Faria e Sousa, *Europa Portuguesa,* II, Lisboa (1679), p. IV, c. 1.º, 549. Garrett idealizou sobre a vida romântica de B. Ribeiro

vida de Bernardim Ribeiro desapareceu á luz de investigaçõis modernas. Foi o Visconde de Sanches de Baëna [1] quem lançou inteira luz sobre a vida do poéta, e como consequência, sobre a *Menina e Moça.* Abre a novela pelo monólogo duma donzela, a *Menina e Moça,* seguido de um diálogo com certa dama; vem depois a história de Lamentor e Bimnarder, novela de cavalaria, com alguns versos, contada pela mencionada dama, terminando por várias églogas e poesias, alheias no fundo á novela, embora com tal ou qual relação, ao parecer, com os amores nela comemorados [2]. Para se compreender é ainda preciso tomar conta em que as personagens sam designadas por meio de anagramas. O romance passa-se em Sintra. *Bimnarder* (B. Ribeiro) apaixona-se por *Aonia* (D. Joana Tavares), que tem uma irmã chamada *Belisa* (D. Isabel), filhas uma e outra de *Enis* (D. Inês Álvares Zagalo). Aonia casa forçadamente e depois de breve resistência com *Fileno* (Pero Gato). Ao ver passar o cortejo Bimnarder « foi-se e não no viram mais » [3].

---

o seu formoso drama *Um auto de Gil Vicente,* que embelezou com muitos pontos da sua fantasia, como a entrega do anel á nova duquêsa de Saboia durante a representação das *Córtes de Jupiter* [Auto de G. Vicente que dá, afinal, sem grande motivo, o título ao drama de Garrett] á qual, disfarçado de moura encantada B. Ribeiro consegue assistir, e o final do 3.º acto a bordo do galeão S. Catarina. Prestes a ser surpreendido por D. Manoel o poéta arroja-se ao mar entre as sombras da noute. Cfr. Menéndez y Pelayo, *Origenes de la Novela,* Madrid, 1906, pg. CDXLIII.

[1] *Bernardim Ribeiro,* Lisboa, 1895.

[2] Varnhagem, *Da Literatura dos livros de cavalaria, ob. cit.,* pg. 113.

[3] Recentemente foi apresentada nova interpretação das figuras da novela pelo Sr. Patrocinio Ribeiro, de Beja, em comunicação à *Acad. das Sc. de Portugal,* sessão de 31 de Julho de 1912 e num art. publicado no *Diario de Noticias,* n.º de 6 de agosto do mesmo ano, segundo a qual a bem-amada de Bernardim seria uma obscura poétisa, D. Leonor Mascarenhas (1503-1584).

Tal a história que é narrada em XXXI capítulos e a que B. Ribeiro não deveria, decerto, ter posto o nome de *Menina e Moça*, pois não é a história da *Menina* a que se conta no livro; ela é que conta histórias alheias. Trinta e um capitulos tem o livro na 1.ª ed. de Ferrara (1554), raríssima. Todas as demais ed. trazem uma continuação que a maioria dos críticos tem como não escrita por B. Ribeiro, embora alguns trechos possam, de facto, ser dele. Esta *Segunda parte... a qual é declaração da primeira* vem já na ed. de Évora de 1557, que serviu de tipo ás posteriores... A diferença de carácter, imaginação e estilo entre as duas partes é evidente. A primeira é uma novela subjectiva, uma análise de paixão; a segunda uma novela inteiramente externa e de aventuras, que não sai do tipo geral das da sua classe. As personagens são novas em grande parte. Bimnarder e Aonia passam a segundo plano e só em metade da obra se fala deles. O heroi é Avalor (Alvaro) enamorado de Arima (Maria). Talvêz o continuador aproveitasse alguns fragmentos que deixasse B. Ribeiro para os primeiros capítulos, que são melhores que os restantes. Na história de Arima e Avalor ha cousas, o cap. XI, por exemplo, que têem toques delicados podendo bem ser de B. Ribeiro [1].

Como obras poéticas temos de Bernardim Ribeiro, àlêm doutras poësias menores, cinco eglogas notaveis pela naturalidade e que constituem tambem um comentário precioso á sua vida acidentada [2]. São estas obras poéticas que lhe dão direito a que o consideremos como o *fundador da poesia bucólica* em Portugal, género em que foi seguido por Camões, Falcão, Bernardes e tantos

[1] Menendez y Pelayo, *ob. cit.*

[2] Egloga I: *Persio e Fauno*; II: *Jano e Franco*; III: *Silvestre e Amador*; IV: *Jano*; V: *Ribeiro e Agrestes.* Para a interpretação destas eglogas vid. *Bernardim Ribeiro*, do Sr. Th. Braga, cit., pg. 70 e seg.

outros que produziram verdadeiras obras de mérito, sem todavia o excederem.

Pelo sentimento e suavidade dos afectos, doçura do estilo, vernaculidade da lingoagem, sempre portuguesa, não tendo escrito, como Ferreira, uma só linha em espanhol, B. Ribeiro constitue um alto modêlo a citar. Ensaiando as suas extraordinárias faculdades em poesias miudas [1] é com as églogas de beleza incomparavel, e com a prosa igualmente artistica e bela das *Saudades*, onde se lêem as três lindas poesias *Romance de Avalor*, *Ao longo de uma ribeira*, e *Pensando-vos estou, filho*, [2] todas impregnadas do mesmo mistério, do mesmo sonho, da mesma profunda tristeza, que B. Ribeiro cria o género bocólico em Portugal ocupando o alto logar indisputado, que deixamos dito.

58. — **CRISTOVÃO DE SOUSA FALCÃO** (1510?-1553) foi natural, como o antecedente, seu contemporâneo e amigo, do Alentejo, de Portalegre, onde nasceu por 1510 [3], sendo seus pais João Vaz de Almeida Falcão, capitão da Mina, e D. Beatriz Pereira. Não se conhecem, com precisão, as datas do seu nascimento e morte, mas pode dizer-se, dum modo geral, que a sua vida coincidiu quase com o reinado de D. João III (1521-1557). Este monarca consagrou-lhe muita estima, como o prova o facto de o mandar numa

---

[1] *Canc. geral*, ed. de Stuttgard, vol. III, 389 e 539-544.

[2] O *romance de Avalor* vem intercalado no Livro II e já saiu impresso na ed. de Ferrara; *Ao longo de uma ribeira* foi incluido por Garrett no seu *Romanceiro*, III, 155-182; o *Pensando-vos*... encontra-se no cap. 21 da Parte I.

Vid. Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Estudos sôbre o romanceiro peninsular*, já cit., pag. 262-264.

[3] Ha grande flutuação nas datas relativas a este poéta, dada a escassês de indicações biográficas. As que damos são da Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, nos *Estudos*, cit.

espinhosa missão diplomática a Roma, em 1542. A inspiradora dos seus versos foi D. Maria Brandão por causa de quem, a instigação dos parentes desta, esteve preso durante cinco anos e com quem havia contraído casamento clandestino, mas que os pais encerraram no mosteiro cisterciense de Lorvão para não sancionarem uma união que, sob o ponto de vista dos interesses materiais, estava longe de ser vantajosa. A isto alude o Poéta quando escreve:

> Enquerirão o que teria
> e do amor não cuidarão
> ....
> Então descontentes d'isto
> levárão-na a longes terras
> esconderão-na entre serras
> onde o sol não era visto.

Passados anos D. Maria abandonava a clausura mas para esposar um tal Luís da Silva, que foi capitão de Tanger. Dizia-se até há pouco que o Poéta ralado de desgostos, se fôra até à India, a combater. Afinal apurou-se recentemente que ele preferiu a aventuras problemáticas o remanso conjugal, matrimoniando-se por sua vez com uma tal D. Isabel Caldeira, senhora de Alter do Chão, que faleceu em 1553. O Poéta sobreviveu-lhe, vindo talvêz a morrer em 1558 e deixando um filho natural de nome Cristovão Falcão de Sousa [1]. O prosaísmo dos factos sucedendo à romântica lenda em nada afecta a maravilhosa beleza da pequenina obra prima, que é o *Crisfal*, onde ele conta a história dos seus amores, forne-

---

[1] Cfr. « Cristovão Falcão, ainda alguns subsidios para a sua biografia » por Antonio Sardinha na *Rev. lit. sc. e artist. do Seculo, n.º de 11 de dez. de 1905.*

cendo para isso varios dados autobiográficos e que anda precedida duma *Carta*, que principia

> Os presos contão os dias
> mil anos por cada dia;

escrita sob a mesma sentida impressão passional. Mas é a egloga *Crisfal* (assim chamada das primeiras sílabas do nome do autor), (900 versos) [1] já muito admirada no seu tempo e que muito se destingue por aquela suavidade e harmonia de sentimento, que se notam nas obras de Bernardim Ribeiro, que lhe marca logar imorredouro na história das letras portuguesas.

Procurou-se recentemente dar a autoria desta égloga ao mavioso Poéta das *Saudades* [2]. O criptónimo *Crisfal* não está a indicar o nome de Cris(tóvão) Fal(cão), mas formou-se de *cris(ma) fal(so)*, nada tendo, portanto, com o nome daquele indivíduo, que não passaria dum simples fidalgo, por sinal, de apoucados recursos intelectuais, como o deixa ver uma sua carta repleta de erros ortográficos. Todavia nenhum argumento concreto, nenhum testemunho positivo, nenhuma informação directa e objectiva conseguiram firmar a nova hipótese e abalar a

[1] Vid. *Obras de Chr. Falcão*, ed. do Sr. Th. Braga, Porto, 1871, e sobretudo a ed. do Sr. Epiphanio da Silva Dias, *Obras de Chr. Falcão, ed. critica anotada*, Porto, 1893; o Sr. Delfim Guimarães fez tambem uma ed. sob o titulo *Trovas de Crisfal*, Lisboa, 1908, atribuíndo-as segundo a sua convicção, a Bernardim Ribeiro.

[2] Esta opinião foi sustentada com raro brilho pelo ilustre publicista Sr. Delfim Guimarães no vol. *Bernardim Ribeiro (O Poeta Crisfal) — subsidios para a história da literatura portuguesa*, Lisboa, 1908; Id. — *Theophilo Braga e a lenda do Crisfal*, Lisboa, 1909. Perfilhou-a um escritor brasileiro de talento — Silvio d'Almeida, *A mascara do Poeta*, Lisboa, 1913. Mas a doutrina clássica encontrou um defensor de raras aptidõis que desfez com clareza as miragens — Raul Soares, *O Poeta Crisfal, subsidios para o estudo de um problema histórico-literário*, Campina, 1909.

tradição antiga, que se funda em testemunhos indestrutíveis como os das ediçõis de Ferrara — **1554**, Colónia — **1559**, de Diogo do Couto (**1542-1576**) e Faria e Sousa (**1590-1649**), para não citar todos os outros já mais tardios. Se Bernardim é positivamente o autôr das *Saudades* porque não será Cristovão Falcão o autôr do *Crisfal?* Porque na sua carta não ha gramática nem ortografia? Mas diremos que Camões não escreveu os *Lusíadas* porque igualmente numa carta sua, certamente autentica, ha, como escreveu o editor dela, « incorrecções não sómente numerosas, mas até mesmo escandalosas? » [1] Deve, portanto, subsistir a longa tradição indisputada, até prova em contrário [2].

59. — **SÁ DE MIRANDA** (por 1485-1558), [3] de Coimbra, filho de Gonçalo Mendes de Sá, fez os seus estudos na Universidade começando a usar o título de *Doutor* (em leis) desde 1516. Vivendo na côrte de D. Manoel desde tenros anos, o poéta não se deixou absorver pela insânia dos prazeres, geral no tempo daquele monarca. O seu espírito reflexivo e meditabundo, o seu amor ao estudo e á solidão não se casavam com a vida buliçosa da côrte do rei venturoso. Devia ser, pois, sem custo e até com prazer que ele em 1520 abandonava o seu país, dirigindo-se a Itália, cuja literatura brilhava então com os nomes de Ariosto (1474-1533) e Sannazzaro (1458-1530). Póde supor-se o que o ânimo perspicaz e investigador de Sá de Miranda não faria num meio tam diferente

---

[1] Compare-se a *Carta* de Falcão em Delfim Guimarães, *Bernardim Ribeiro,* ob. cit., pag. 158 com a de Camões no *Bol. das Bibl. e Arch. Nac.* Coimbra, 1904, pag. 28.

[2] « Por ora não-convertida continuarei a diferençá-los » diz a Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos nos *Estudos sobre o Romanceiro,* pag. 292, nota (3).

[3] Datas fornecidas por Sousa Viterbo, *Estudos sôbre Sa de Miranda,* Coimbra, 18.

daquele que, cheio de tédio, abandonava. Cinco ou seis anos o poéta esteve por lá visitando Turim, Roma, Florença, Veneza, Nápoles, pondo-se em contato com os espíritos mais eminentes, que então ilustravam a Itália. Ao voltar á pátria em 1526, começou a renovação literária, que imortaliza o seu nome — reavivando os antigos metros nacionais, com os *vilancetes, cantigas, esparsas, glosas, sátiras*, etc., introduzindo a inovação do endecassilabo italiano, ensinando a estrutura do soneto [1] e da canção como usava Petrarcha, os tercetos á maneira de Dante, ou enlaçados em elegias e capitulos á maneira de Bembo, a oitava rima de Policiano, Boccacio, e Ariosto, e as eglogas de Sannazzaro com os seus versos encadeados, abrindo assim uma nova era que havia de atingir em 1572 o ponto culminante com a publicação dos *Lusíadas* [2]. Compete-lhe, pois, bem o titulo de reformador não só da fórma, mas tambem e sobretudo de novos ideais e mais vastas inspiraçõis. Ao lado do renascimento clássico bebido em Vergilio, Horácio, Plauto e Terêncio vinham os modernos, os principes da poesia — Dante, Petrarcha, Ariosto, etc. A celeuma que levantou a sua empresa, junta aos desgostos que a vida da côrte, em que novamente se achára envolvido, lhe provocáram, fizeram certamente com que de todo se afastasse para o remanso da solidão, declarando então que

Homem d'um só parecer,
D'um só rosto e dũa fe,
D'antes quebrar que torcer,
Outra cousa póde ser,
Mas de côrte homem não é.

---

[1] Sobre a origem desta forma poética veja-se René Doumic — *Une histoire de Sonnet* na *Rev. de Deux-Mondes*, 1904, II, 444. Em Portugal, Sr. Dr. J. Jeite de Vasconcelos. *O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa*, Lisboa, 1910, pag. 71 e 154 nota.

[2] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Poesias de Fr. de S. de Miranda*, ed. cit. na nota seguinte.

O seu retiro voluntário foi a *Quinta da Tapada*, no Minho, e data de 1536, ano em que se realizou tambêm o seu casamento com D. Briolanja de Azevedo, a fiel e boa companheira que, pelo seu falecimento em 1555, fez com que o poéta *começasse a morrer logo tambem para todas as cousas do seu gosto*. A sua morte deu-se a 15 de março de 1558.

As obras de Sá de Miranda compreendendo cartas, elegias, canções, sonetos, etc., e duas comédias, em prosa, *Estranjeiros e Vilhalpandos*, sairam á luz pela primeira vez em 1595 em edição feita á vista dum apógrafo tirado directamente dum vol. de mão e letra do próprio Miranda.

Recentemente duas novidades literárias alargaram o âmbito dos nossos conhecimentos ácerca de Miranda e permitiram uma análise mais profunda e mais intima da sua individualidade. Foi uma delas o aparecimento dum caderno com *poesias autógrafas* que nos mostram o autôr no acto psicológico da sua elaboração, na sua maneira de escrever e de corrigir e emendar o que escrevia. Por uma nota aposta a uma das poesias incluidas nesse caderno ficamos sabendo tambem que Miranda escreveu uma tragédia, ao gosto clássico, hoje inteiramente desconhecida, e a que déra o título de *Cleópatra* e que seria importantissima para determinar o logar que nesse género conviria dar ao seu autôr [1].

A outra novidade de assunto mirandino foi a publicação do poemeto *Vida de Santa Maria Egipciaca*, escrito em redondilhas, dado a lume só recentemente pelos cuidados do Sr. T. Braga, o qual o supõe redigido nos últimos dois anos da vida de Sá de Miranda [2].

---

[1] Vid. Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Novos estudos sobre Sá de Miranda*, Lisboa, 1911, 1 vol.

[2] Cfr. *A Egipciaca Santa-Maria pela primeira vez publicado por Th. Braga*, Porto, 1913. O assunto foi tratado tambem por Leonel da Costa, *A conversão miraculosa de felice Egipcia penitente Santa Maria, sua vida e morte*, Lisboa, 1627.

Entretanto o principal título de glória de Sá de Miranda consiste nas cartas cheias duma sã filosofia e escritas com admiravel simplicidade, o que fez dizer a Garrett que Sá de Miranda *filosofou com as musas e poëtizou com a filosofia* [1].

60. — ANTONIO FERREIRA (1527-1569), de Lisboa, preparou-se com uma forte erudição na Universidade, que, tinha ele nove anos, fôra definitivamente transferida para Coimbra. Nela cursou os estudos e se doutorou em Direito Canónico, dizendo-se que aí ficara lécionando. É, porêm, certo que dois anos depois já se achava em Lisboa, sendo possivel que voltasse, continuando a sua convivência com propugnadores do renascimento como Sá de Miranda, Diogo de Teive, Manoel de Sampaio, António de Castilho e Jorge Buchanan e aprendendo a conhecer a fundo os autores clássicos, em que depois tam superiormente se inspirou. Em 14 de outubro de 1567 foi despachado desembargador da Casa do Civel, vindo a falecer na robustez da vida e do talento, em novembro de 1569, quando a peste naquele ano invadiu Lisboa. Amigo de Sá de Miranda é, como ele, um campeão do classicismo. A sua obra imortal é a *Castro*, escrita ao gôsto clássico entre 1553 e 1567, segundo se crê, e pela primeira vez representada em Coimbra. Tratando um assunto tam profundamente nacional — e na lingoa nacional — note-se —, Ferreira avantaja-se ao seu predecessor Trissino (1478-1550), que embora usasse a lingoa literária da Italia

[1] As poesias de Sá de Miranda fôram reunidas numa ed. monumental pela Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos: — *Poesias de Fr. de S. de Miranda, ed. feita sobre cinco mss. ined. e todas as ed. impr.*, etc., Halle, Max. Niemeyer, 1885. Das comédias temos as ed. dos *Vilhalpandos*, Coimbra, 1560, 12.º, e dos *Estranjeiros*, Coimbra, 1569, 8.º. Encontram-se aínda nas ed. das restantes obras do poéta e impressas com as do Dr. Antonio Ferreira. O Sr. Delfim Guimarães no intuito louvavel de vulgarizar a obra do Poéta publicou uma cuidadosa ed. sob o titulo *Versos Portugueses*, Lisboa, 1909, 1 vol.

escolheu, porêm, um assunto da antiguidade para a sua *Sophonisba*. A obra do nosso poéta pela originalidade, pela escolha do assunto tam sublime e patético como outro não oferecia a história nacional, pelo entrecho e disposição das scenas, pelo movimento e jogo dos córos, que Garrett reputava superiores a todos os exemplares da antiguidade, pela lingoagem castiça e portuguesa de lei, sempre acomodada á grandeza do objecto, ocupa logar primacial na nossa literatura. Também a sua influência foi notavel. O dominicano espanhol frei Jerónimo Bermúdez em 1577 publicava, *dez* anos antes que fôsse publicada em português, mas *oito* anos depois da morte de Ferreira, a *Nise Lacrimosa* seguida pouco depois da *Nise Laureada,* imitando Ferreira tam servilmente na disposição das scenas, no entrecho, no estilo, no movimento dos diálogos, na formação dos córos, que a sua obra é um plágio completo da do nosso autôr [1]. O escritor francês Lamothe-Houdard imitou também Antonio Ferreira [2]. Àlêm da *Castro* temos, escritas para o teatro, as duas comédias — *Bristo* e *Cioso,* imitaçõis ou talvêz traduçõis do italiano [3], esta superior áquela, mas ambas muito inferiores em mérito á *Castro*. No género lírico deixou-nos Ferreira grande número de *sonetos* inspirados em Maria Pimentel, que depois foi sua molher; de *odes* e *epistolas,* que lhe merecêram o cognome de Horácio português; de *églogas,* onde se encontram algumas belezas; e de várias poesias meudas, todas publicadas sob o título de *Poémas Lusitanos* [4].

---

[1] Sobre a questão tam debatida, e para alguns ainda não de todo julgada, da prioridade da *Castro*, vid. Inocencio, *Dicc. Bibl.*, I, 140-141 e VIII, 143. O que se afirma no texto resolve, paréce-nos, a questão. Vid. também *Theatralia,* n.º 1 (fev.º-1913) artigo do Sr. A. Coelho.

[2] Loiseau, *Hist. de la litt. port.*, Paris, 1886, pg. 153.

[3] Sr. Th. Braga, *Hist. do theatro port. nos sec. XVI e XII,* t. III, c. IV.

[4] Bibl.: *Obras completas. Quarta ed. annot. e precedida dum estudo, sobre a vida e obras do poeta,* pelo cónego dr. J. C. Fernandes Pinheiro

Antonio Ferreira não escreveu um só verso em lingoa espanhola [1], excepção notavel no seu tempo, muito para admirar e louvar e que fez dizer dele ao seu discipulo e amigo Diogo Bernardes:

— Que dando á Patria tantos versos seus
Um só nunca lhe deu em lingoa alheia.

61. — PERO DE ANDRADE CAMINHA (1520-1589), do Porto, inimigo de Camões, contra quem escreveu vários epigramas [2], e de Damião de Goes, cuja situação agravou com o depoïmento que contra ele fez no tribunal da inquisição em 20 de abril de 1571 [3], deve o melhor

---

Paris, Ad. Lainé e J. Havard, 1865; *Livraria Classica,* voll. XI-XIII; Sr. Th. Braga, *Hist. dos Quinh.*, pg. 180-214.

No *Archivo Historico Portugues,* (I, n.º 5, maio 1903) foram publicadas duas cartas autógrafas, uma do Dr. Antonio Ferreira, e outra de Diogo Bernardes, com vários comentários do ilustre investigador sr. Brito Rebelo.

[1] As suas obras foram publicadas vinte e oito anos depois da sua morte por diligência de seu filho Miguel Leite Ferreira. Durante este prazo de tempo foram copiadas muitas obras do poéta, que se encontram em cancioneiros contemporâneos e posteriores, como o que publicou em 1903 A. F. Barata, onde aparece a *Carta* dirigida a D. Sebastião, que ali vem anónima, mas que desde 1598 anda impressa em todas as ed. das obras de Ferreira, facto aliás desconhecido pelo Sr. Th. Braga que no prefácio a este cancioneiro a atribue a Camões!

[2] Este por exemplo: aludindo ao verso:

« dae-me huma *furia* grande e sonorosa »

(*Lus.*, I, est. 5)

Caminha escreve:

« Dizes que o bom Poeta á de ter *furia*;
Se non á de ter mais és bom Poeta.
Mas se o Poeta á de ter mais que *furia*
Tu non tem mais que *furia* de Poeta! »

(*Epigr.*, CXLV)

[3] Cfr. este depoimento no processo, hoje publicado na íntegra pelo sr. Guilherme J. C. Henriques, *Ineditos Goesianos,* vol. 2.º, pg. 44-45.

do seu nome ao empenho que foi toda a preocupação da sua vida literária — imitar António Ferreira. Num tempo em que Camões morria de fome, diz um escritor, gozava Caminha de todas as delícias duma invejavel posição. Privado do infante D. Duarte († 1540), rico, adulado, benquisto, a amizade de homens como Ferreira, Sá de Miranda, Bernardes e outros cobria-lhe um pouco a mediocridade. As suas poesias, inéditas durante mais de duzentos anos, fôram publicadas nos fins do século XVIII pela Academia Real das Sciencias de Lisboa com o seguinte titulo: *Poesias de Pero de Andrade Caminha, mandadas publicar pela Acad. real das sc. de Lisboa* [1] e compreendem numerosos epigramas, muitas epístolas, elegias e odes, epitáfios, églogas, sonetos, cançóis, etc.

Em 1898 o Dr. Josef Priebsch fez em Halle na casa editora Max Niemeyer uma edição em que apareciam quatrocentos e cincoenta e duas composiçóis inéditas, cento e trinta e duas das quaes em espanhol, o que demonstra a predilecção do poéta por esta lingoa [2]. Isso lhe valeu acre censura do Dr. António Ferreira [3], que escreve:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A portuguesa lingua, e já onde fôr
Senhora vá de si soberba e altiva.

Um ano antes, isto é, em 3 de julho de 1570 tinha o mesmo Poéta subido as escadas dos Estáos, onde estava estabelecida a inquisição, para denunciar um pobre emigrado de Portugal por motivos religiosos. O facto era inédito e desconhecido até á data da comunicação feita á Acad. das Sc. de Lisboa em 14 de março de 1913 pelo sr. A. Baião.

[1] Lisboa, 1791, de XI-427 pg.

[2] *Poesias ineditas* de P. Andrade Caminha, Halle, 1 vol., de XLIV-572 pg., da casa ed. Max Niemeyer. A propósito desta ed. publicou a Sr.ª D. Carolina Michaelis valiosos esclarecimentos sobre a vida e as obras do Poéta na *Rév. Hispanique,* t. VIII; em separata, Paris, 1901, 1 vol. de 117 pg.

[3] *Epist. III.*

62. — DIOGO BERNARDES (1520-1605) natural de Ponte da Barca [1], discipulo, como o anterior, de Sá de Miranda e Ferreira, fez parte da malograda expedição a Alcacer como cantor oficial, que devia ser, das glórias do novo rei Artus. Regressando á patria depois de cinco anos de cativeiro passou a sua vida na solidão escrevendo muitas poésias, algumas delas repassadas de verdadeiro sentimento. Eis as suas obras:

a) *Varias Rimas ao Bom-Jesus*, de caracter espiritual e mistico [2].

b) *Flores do Lima* [3]. Sam na maior parte sonetos e cantigas, com algumas cançõis, elegias, etc., de caracter profano.

c) O *Lima*, contendo vinte églogas e trinta e três cartas [4], que formam as suas obras mais extensas.

Faria e Sousa, e com ele muitos outros críticos, acusa Bernardes de ter roubado a Camões o poema *Santa Ursula*, cinco églogas e outras poésias. Nunca se provou esta acusação. O mavioso e delicado cantor do *Lima* revela-se até como um dos cultores mais felizes do género bucólico. E' inquestionavelmente grande poéta e para resgatar o seu nome e o tornar crédor da nossa admi-

---

[1] Outros dizem de Ponte do Lima. A questão está bem elucidada pelo Sr. João Gomes de Abreu, *Diogo Bernardes (a sua naturalidade). Ponte do Lima, 1907, 1 folh.* e mais recentemente ainda pelo Sr. Hemeterio Arantes, *Frei Agostinho da Cruz*, Lisboa, 1909, 1 folh. Concisa, a demonstração é convincente.

[2] *Varias rimas ao Bom-Jesus e á Virgem gloriosa sua Mãe e a varios Sanctos particulares. Com outras mais de honesta e proveitosa lição.* Lisboa, Simão Lopes, 1594, 4.º. E' a 1.ª ed.; outras, 1601, 1608, 1616, 1622, 1770.

[3] *Rimas varias, Flóres do Lima,* Lisboa, Manuel de Lyra, 1596, 8.º; outras, 1633, 1770.

[4] A 1.ª ed. é de Lisboa, por Simão Lopes, 1596, 4.º de IV-173; outras, 1761, 1860.

ração bastará lêr algumas das composiçõis insertas n*O Lima* [1].

63. — FR. AGOSTINHO DA CRUZ (1540-1619). E' irmão do precedente pelo sangue e pelo talento poético. Tinha no século o nome de Fr. Agostinho Pimenta, entrando depois na vida monástica com o nome de Fr. Agostinho da Cruz, por que é conhecido. A colecção das suas odes, sonetos e églogas foi publicada em 1771. Esta colecção é deficientíssima e só compreende as poésias posteriores á iniciação do seu autôr na vida monástica. Ele mesmo confessa que as que escrevêra antes dêsse período as queimára.

Os versos, que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia
Queimei..................... [2].

Na Biblioteca da Universidade de Coimbra apareceu um apógrafo contendo grande número de poésias do famoso poéta místico que fôram por nós recentemente publicadas [3].

---

[1] A acusação de plagiário é perfeitamente gratuita. O Sr. Th. Braga em sessão da Acad. das Sciencias de 13 de janeiro de 1898 comunicou ter descoberto num ms. o índice dum célebre cancioneiro também ms., do sec. XVI, onde se encontram primeiro poésias de Bernardes e depois poésias de Camões. Sendo coligido aínda em vida dos poétas, encontra-se aí já atribuída a Bernardes a maioria das poésias, que se diz ter ele roubado a Camões; outras aparecem simultaneamente como de um e outro; algumas que têem andado sempre como de Camões, vêem ali com o nome de Bernardes. Cfr. *Bol. da Segunda Cl.*, I (1903), pg. 2. O facto de indevidas atribuiçõis é vulgar e sem propósito malévolo.

[2] Cfr. *Varias Poesias*, Lisboa, 1771, 12.º de XXXIII-163 pg. Torna a repetir o mesmo no soneto XXVI, que publicamos adeante na *Antologia*.

[3] No *Archico Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra* (publicação mensal, I, n.º 3 e seguintes). Vid. Sr. Hemetério Arantes, *Frei Agostinho da Cruz, notas á margem duma Hist. dos Quinhentistas*, cit.

POESIA DRAMATICA

64. — Origem do teatro. A poésia dramática não teve fórma regular antes de Gil Vicente, que por isso é, com justa razão, apelidado de fundador do nosso teatro. As representaçõis scénicas sempre fôram queridas dos povos. Atravéz o longo período da idade-média o elemento dramático conservou-se vivo e persistente. Entre nós chegou a ter tal desenvolvimento que os bispos nas Constituiçõis diocesanas se viram forçados a proibir as representaçõis nas igrejas, certamente pelo abuso que as tinha manchado. Nas *Constituiçõis* do Bispado de Évora (1534) lê-se: « defendemos a todas as pessôas ecclesiasticas e seculares, de qualquer estado e condição que sejam que não comam nas igrejas, nem bebam com mesas nem sem mesas, nem se façam nas ditas igrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam de vigilia de santos ou de alguma festa; nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou de sua resurreição, ou nascença, de dia, nem de noite, sem nossa especial licença, porque de taes actos se seguem muitos inconvenientes... » (*Const.* 10, tit. 15).

Igualmente nas *Const. do bispado do Porto* aparece a mesma proibição: « e porque não é decente interromper o santo sacrificio da missa, e deixar de cantar o que a igreja nella tem indicado se cante para intrometter nella *chansonetas* ou *vilancicos,* e ainda que sejam pios e devotos... prohibimos que se cantem *chansonetas* e *vilancicos,* nem *moteles, antiphonas* e *hymnos,* que não pertençam ao sacrificio que se celebra, nem enquanto se disser alguma missa se consinta cantar *cantigas profanas,* nem *festas,* nem *danças, autos, colloquios,* posto que sejam sagrados, nem *clamores, petitorias de esmolas.* E outro sim mandamos, sob as ditas penas (excomunhão maior) que nenhuma

pessoa nas ditas igrejas, ermidas ou seus adros, *façam comedias, representações, entremeses* ou *allegorias profanas*... nem se façam *danças, bailes, folias, suetos,* ou cousas semelhantes, nem cantigas deshonestas » (l. III, tit. 2.°, const. 7, pg. 175, e *ibid.*, l. IV, tit. 9, constit. 6, pg. 427).

Àlêm deste teatro de caracter religioso, tirando o seu assunto das scenas da vida da igreja, da dos santos, das lendas cristãs, etc., havia outro de caracter profano, cultivado nos paços reaes, onde a aristocracia se deliciava com as *mímicas, momos* e *entremezes,* que nunca deixava de haver nas grandes solemnidades e festas. Aproveitar estes vestígios de tradição inteiramente popular e imprimir-lhes o cunho duma poderosa individualidade, tal foi o trabalho de Gil Vicente.

65. — GIL VICENTE (1470?-1540?), justamente cognominado o *Plauto Português,* desde que pela primeira vez mestre André de Resende assim o apelidou, nasceu talvêz em Guimarães donde, passados os primeiros anos da infância, saío para Lisboa começando o estudo da jurisprudência na Universidade, que todavia não chegou a concluir. Tem-se afirmado com pouca verosimilhança que por 1493 seria ele o mestre de retórica do duque de Beja, depois rei D. Manoel, circunstância esta que lhe daria, com a amizade do monarca, a entrada no paço. É certo que na côrte desempenhou qualquer ofício, pois disso recebia tença, como era costume [1]. O talento poético de Gil Vicente revelou-se por ocasião do primeiro parto da raínha D. Maria, esposa do rei D. Manoel. Dois dias depois deste parto a 6 de junho de 1502 na própria câmara da raínha e deante da côrte aí reunida, Gil Vicente recitou o seu *Monólogo da Visitação* ou do *Vaqueiro* escrito

---

[1] O doc. foi encontrado e publicado pelo Sr. Brito Rebelo : cfr. o seu vol. *Gil Vicente,* Lisboa, 1912, pg. 11.

em espanhol para melhor ser entendido pela rainha, filha, como se sabe, dos reis católicos Fernando e Isabel, e ainda porque a lingoa castelhana era então a preferida pela côrte portuguêsa [1].

O monólogo desempenhado pelo próprio Gil Vicente que, como Shakspeare e Molière, era ao mesmo tempo autôr e actôr, agradou tanto que a raínha quis que o repetisse para as festas do Natal, com o que ele se não contentou compondo para a circunstância novo auto — *Pastoril castelhano.* Estava achado o veio riquíssimo deste génio. Durante mais de trinta anos a côrte de D. Manoel e a seguir a de D. João 3.°, iam admirar as produçõis deste homem extraordinário, que é uma das figuras salientes do humanismo do século XVI, verdadeiro discípulo de Erasmo pela liberdade com que criticava os abusos dao classes dominantes — nobres e clero — dominados pels egoismo, eivados de vicios e de paixõis sensuais, esquecidos uns e outros das virtudes que tinham distinguido os seus ascendentes doutras épocas [2].

A obra de Gil Vicente é vastíssima e complexa pois se compõe de 44 peças nas quais se encontra o verdadeiro retrato da época. Sob o ponto de vista da lingoa em que foram escritas podem distribuir-se em 3 grupos:

1) só em PORTUGUÊS — *Auto de Mofina Mendes, Pastoril Português, Feira, Alma, Barca do Inferno, Barca do Purgatorio, Historia de Deos, Resurreição, Cananéa, Exhortação da guerra, Cortes de Jupiter, Serra da Estrella, Romagem de Aggravados, Velho da Horta, Almocreves* e *Clerigo da Beira.*

---

[1] Este monólogo foi adaptado pelo ilustre poéta Afonso Lopes Vieira (Lisboa, 1911), como o foi também a *Barca do Inferno,* (Lisboa, 1911).

[2] O que póde até hoje apurar-se da obscura biogr. de Gil Vicente resumidamente se encontra na obr. já cit. do Sr. Brito Rebelo, em especial, pg. 127 e segs.

2) só em ESPANHOL: *Visitação, Pastoril Castelhano, Reis Magos, Sibila Cassandra, Quatro tempos, Barca da Gloria, S. Martinho, Comedia do Viuvo, D. Duardos, Amadis de Gaula, Farça das Ciganas.*

3) BILINGUES: *Auto da fé, Auto da Festa* [1], *Rubena, Coimbra, Floresta de Enganos, Náo d'amores, Fragoa d'amor, Exhortação da guerra, Templo d'Apollo, Triumpho d'inverno, Romagem d'aggravados, Quem tem farellos?, India, Fama, Fadas, Inés Pereira, Juiz da Beira, Lusitania* e *Fisicos.*

Sob o ponto de vista da idéa que presidiu á idealização desta vasta obra podem ainda fazer-se tres grupos:

a) obras do caracter *hierático,* em que aproveitou as tradiçõis e costumes religiosos. Entram neste grupo o *Monólogo do Vaqueiro* ou da *Visitação* acima referido, o *Auto pastoril castelhano, Reis Magos, Sibila Cassandra, Auto da Fé, Auto dos Quatro tempos, Pastoril Português, Feira, Mofina Mendes, Alma, Historia de Deos, Resurreição, S. Martinho,* a trilogia *Barca do Inferno, Barca do Purgatorio* e *da Gloria,* e o último desta série que é a *Cánanéa.*

b) O segundo grupo do teatro vicentino compreende as obras *aristocráticas,* para cuja composição ele naturalmente era levado pelo contacto com a côrte em que viveu — *Auto da Fama, Exhortação da guerra, Cortes de Jupiter, Fragoa d'amor, Templo d'Apollo, Coimbra, Náo d'amores, Lusitania, Amadis de Gaula, D. Duardos.*

c) Temos, enfim, o *teatro popular,* em que habilmente Gil Vicente pôs em jogo os costumes e as festas em que o povo era principal protagonista, creando verdadeiros tipos de género, como o *Ratinho,* o *Fidalgo pobre,* o *Frade levasso,* o *Judeu explorado,* o *Galante namorado.* Neste género foi escrita a farça *Quem tem farelos?* nome que,

---

[1] *Auto da Festa, obra desconhecida com uma explicação previa pelo conde de Sabugosa,* Lisboa, 1906, 1 vol.

segundo ele próprio diz, foi posto à sua obra pelo público; *Almocreves, India, Velho da Horta, Viuvo, Fadas, Physicos, Ciganas, Inês Pereira, Juiz da Beira, Romagem d'Aggravados, Floresta de enganos.* Os autos *Jubileu de amores* representado em Bruxelas no palácio do embaixador português D. Pedro de Mascarenhas em 21 de dezembro de de 1531 para comemorar o nascimento do príncipe D. Manoel, filho de João III, e de D. Catarina, *Aderência do Paço* e *Vida do Paço* perderam-se inteiramente talvêz devido á condenação muito especial que por parte da Inquisição sobre eles recaiu, sendo provavelmente o próprio dramaturgo quem já os não incluiu na *Compilação* das suas obras que preparou e que seus filhos Paula e Luis vieram publicar em 1562 [1].

Todas estas obras fôram compostas durante 34 anos, devendo ter sido conhecidas do público, á medida que iam sendo representadas, em folhas avulsas. Gil Vicente coligio as publicadas por esta forma e as inéditas e dividio-as nos tres grupos apontados: *hierático* (obras de devoção), *aristocrático* (tragicomédias), e *popular* (comédias e farças), auxiliado nesta faina por sua filha Paula. O poéta morreu porém em 1540 e só em 1562 é que elas apareceram a público sob os cuidados do filho Luis Vicente, mas já revistas pela Censura eclesiastica.

Não obstante grande parte do teatro de Gil Vicente ser, como vimos, em espanhol, o que perfeitamente se explica por o público, em que havia rainhas e cortesãos espanhoes, estar inteiramente eivado do gosto castelhano, todas as obras do nosso Molière sam eminentemente nacionais pelo génio que as inspira, pela sua contestura e assuntos. Não sofrem peias nem pela lingoagem, nem pelo local a que eram destinadas. Mordaz e cáustica,

[1] Estes factos fôram postos em evidência nas *Notas Vicentinas* da Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Rev. da Univ. de Coimbra*, I (1912), 205.

a sua veia cómica retalha, como um escalpelo, as podridõis e os vícios dos seus contemporâneos, qualquer que fôsse a situação em que se achassem. Pontífices, reis, aristocratas, clero, bem como o povo, a arraia-meuda, defrontam-se cortados a golpes de sátira, desassombradamente. Semelhante liberdade não podia deixar de crear embaraços a quem se mostrava tam pouco tolerante com os vícios, que corroíam as diferentes classes da sociedade, em especial, a dos nobres e a clerizia. Por isso as intrigas não o poupáram e entre outras uma parece tê-lo maguado profundamente — a de que as suas composiçõis não eram obras originais, mas sim plagiatos. Diziam isto certos homens de *bom saber,* sublinha ele ironicamente. Por isso num serão do paço pediu que lhe dessem um tema. Deram-lho: — « *mais quero asno que me leve, que cavalo que me derrube* ». O poéta desquitou-se triunfantemente escrevendo a sua melhor obra, uma comédia de caracteres, a *Inês Pereira.* Alêm desta merecem ainda citar-se *Rubena, Almocreves, Floresta de Enganos, Tres Barcas,* etc. [1]. Semeiados por esta vasta obra dramática ha, aqui e além, trechos líricos dum encanto e suavidade extraordinários, demonstrando o multiforme talento do Poéta. A sua lira deixa de ter os acentos da sátira rude, feroz e cruel para ser cândida, simples, maviosa. Obteve Gil Vicente tal renome com as suas obras que se chegou a dizer ter Erasmo aprendido o português de propósito para o apreciar. Conquanto nada haja que abone esta tradição, serve ela para demonstrar a fama de que gozara, entre os seus contemporâneos, o nosso ilustre dramaturgo. Mas pode crer-se que o grande humanista alemão conhe-

[1] A 1.ª ed. traz o titulo: *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros. O primeyro he de todas suas cousas de deuoçam. O segundo as comedias, o terceyro as tragicomedias. No quarto as farças. No quinto as obras meudas...* Anno M.D.LXII. São rarissimos os exemplares desta ed.

cesse efectivamente o maior artista dramático da Europa do seu tempo, talvêz por intermédio do seu amigo Damião de Goes e de mestre André de Resende. Tal é o que de melhor se póde apurar sobre a biografia do grande escritor do Renascimento português. Se ele foi ou não o autôr da maravilhosa custódia de Belem é ponto que não está ainda resolvido, parecendo mais segura a opinião que atribue á mesma personalidade os autos e essa famigerada obra de ourivezaria. Pelo menos um doc. de 1513 recentemente encontrado e publicado por Brito Rebelo menciona Gil Vicente como ourives da raínha D. Leonor e mestre da balança, a que alguem lançou esta cota marginal « Gil V. trovador », doc., portanto, senão definitivo, pelo menos eloquente em favor da identidade [1].

ESCOLA DE GIL VICENTE

66. — O impulso dado ao teatro português pelo génio assombroso de Gil Vicente não se perdeu. Em Lisboa, Évora, Santarem e Coímbra, onde as composiçõis vicentinas foram por vezes ouvidas, o gosto do teatro creou discípulos e imitadores do grande mestre.

Neste século, àlêm de Camões que se aproxima de Gil Vicente nos seus tres *Autos*, temos a mencionar como adeptos mais ilustres do teatro popular:

67. — AFONSO ALVARES, mulato, creado do bispo de Évora D. Afonso de Portugal, acerbamente satirizado por Chiado, autôr dos autos *Santa Barbara, Santo António,*

---

[1] Vid. para maiores desenvolvimentos na minha colecção *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura Portuguesa*, o vol. XI, 1.º das *Obras de Gil Vicente*, Coimbra, 1907. Este vol. contêm todas as obras *portuguesas* do famigerado dramaturgo. O 2.º vol Coimbra, 1912, contém as obras *bilingues*.

S. Tiago Apóstolo e *S. Vicente Martir*, estes dois últimos hoje perdidos [1].

68. — ANTÓNIO RIBEIRO CHIADO, memorado no *Auto d'El-Rei Seleuco* [2] do nosso imortal épico, e na *Aulegraphia*, [3] de Jorge Ferreira de Vasconcelos, frade professo no convento de S. Francisco da cidade de Évora, onde tinha o nome de Fr. António do Espirito Santo, sendo, só depois que despio o hábito, conhecido por António *o Chiado*, alcunha que o público lhe pôs e da qual derivou depois o nome para a rua de Lisboa, hoje oficialmente *rua Garrett*, mas ainda vulgarmente designada o *Chiado*.

Diante de D. João III representou o seu *Auto da natural invenção* e escreveu mais a *Prática de oito figuras*, o *Auto das Regateiras* e a *Prática de compradores* [4].

69. — BALTHASAR DIAS é de todos os poétas dramáticos portugueses o mais conhecido e ainda hoje amado pelo povo. Era da ilha da Madeira e cego, escreveu sempre em português e possuia o dom de saber falar e ser compreendido pela alma ingénua da multidão, como dotado, que era, dum talento incontestavel. Tornou-se popular, pelas suas trovas metrificando tradiçõis medie-

---

[1] Para as ed. dêstes autos como dos autôres que seguem póde ver-se Innoc., no *Dicc. Bibl.*, e Ricardo Pinto de Mattos, *Manual bibliographico portuguès de livros raros classicos e curiosos*..., Porto, 1878.

[2] No *Prologo*.

[3] Act. IV, sc. 2.ª.

[4] Impressos pelo Sr. Alberto Pimentel a expensas do Sr. João Eduardo Gomes de Barros com este título : *Obras do Poeta Chiado, colligidas, annotadas e prefaciadas* por..., Lisboa, 1 vol., 1899. Sobre esta ed. escreveu o Sr. Epiphanio Dias um artigo crítico na *Zeitschrift f. rom. Philologie*, XV (1891), pg. 550-558. Vid. ainda do mesmo Sr. Alberto Pimentel, *O Poeta Chiado (novas investigações sobre a sua vida e escriptos)*, Lisboa, 1901.

vaìs, intercalando na sua obra numerosos versos de cantilenas jogralescas [1] e pelos seus autos pondo em scena lendas hieráticas; competia com Gil Vicente não na côrte, mas entre o povo, cujo filho era e de quem recebia os parcos réis pela venda das suas composiçõis [2], que já eram divulgadas antes de 1537. Dele possuimos autos sacros como o *de Santo Aleixo, Santa Caterina, Nascimento de Christo, Salomão, Paixão,* e a narrativa de cordel, aínda hoje reproduzida, *Historia da imperatriz Porcina mulher do imperador Ludovinio de Roma,* e outras de menos nomeada. Homem pobre, sem outra indústria para viver senão a venda das suas obras, como ele próprio escreveu, que nos teria dado o talento deste jogral do povo se tivesse vivido noutras condiçõis?

70. — **ANTONIO PRESTES**, de Torres Novas, escreveu diferentes autos que, como muitos dos dos seus contemporâneos, foram primeiro publicados em folhas volantes ou *pliegos sueltos,* e de que em 1587 um tal Afonso Lopes, moço da capela real, fez uma colecção com o título — *Primeira parte dos Autos e comedias portuguezas feitas por Antonio Prestes e por Luiz de Camões*... [3]. Nesta colecção compreendem-se os seguintes autos: *Avé-Maria, Ciosa, Procurador, Desembargador, Dous Irmãos, Mouro encantado,* e *Cantarinhos* [4].

71. — **SIMÃO MACHADO**, patrício do anterior, é talvêz o discípulo mais ilustre de Gil Vicente. E até no

[1] Sr.ª D. C. M. de Vasconcelos, *Estudos sobre o romanceiro peninsular,* já cit., pg. 112.

[2] Dr. Th. Braga, *Eschola de Gil Vicente e desenvolvimento do theatro nacional,* Porto, 1898.

[3] 1 vol., 4.º, 179 pg.

[4] Ha uma ed. das obras de Prestes feita por Tito de Noronha, Porto, 1871.

dizer de Costa e Silva [1], as suas duas comédias *Cêrco de Diu* e *Pastora Alfêa* sam pela variedade de lances, desenho e desempenho dos caracteres superiores aos autos do próprio Gil Vicente. Pena é que a maior parte dessas comédias esteja escrita em espanhol, lingoa que, bem como o mais, começava a invadir a classe culta e a desterrar do uso o português, mais tarde quase sómente falado pelo povo. E' o que ele próprio diz querendo desculpar-se do emprego da lingoa estranjeira:

Se um estranho á terra vem,
Dizeis todos em geral,
Nunca aqui chegou ninguem,
E do vosso natural
Nada vos parece bem.
. . . .
Vendo quam mal acceitais
As dores dos naturaes,
Fiz esta em lingoa estranjeira,
Por ver se desta maneira
Como a elles nos tratais
Fiome no Castelhano
Fiome em ser novidade,
Se nũa, & noutra me engano,
Vós Portugal, eu o pano
Cortay á vossa vontade [2].

As duas comédias de Simão Machado sairam em 1706 juntas com *dous entremeses*, um dos quais de D. Francisco de Quevedo e mais *quatro loas famosas* de Lope de Vega [3]. Os trechos mais formosos sam indubitavelmente aqueles em que a influência de Camões se faz sentir.

[1] *Ensaio biogr.-crit. sobre os melhores poetas portug.*, VI, 106-153.
[2] Pg. 143.
[3] *Comedias Portuguêsas feitas pelo excellente poeta Simão Machado*... Lisboa, 1631, outra ed. 1706.

Transcrevêmo-los na *Antologia*. Só por si, esses trechos revelariam o grande poéta que foi Simão Machado [1].

ESCOLA CLÁSSICA

72. — Chamou-se com grande propriedade á corrente iniciada pelo fundador do teatro português, toda ela inspirada nas tradiçõis nacionais, escola popular, em oposição á de Sá de Miranda e Antonio Ferreira, que, como vimos, seguiram os modelos eruditos e clássicos. Filía-se nesta escola clássica **JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS** (? — ✝ 1567 ?), autor das tres comédias *Eufrosina* [2], *Ulysipo* [3] e *Aulegraphia* [4], todas acolhidas com grande entusiasmo pelos contemporâneos e que na realidade revelam muita aptidão dramática. Pena é que estas comédias sejam hoje tão raras, que a sua leitura só é permitida a algum feliz bibliófilo. E dizemos que é pena, porque, na

---

[1] Há nas duas comédias de Simão Machado expressõis e formas de dizer que muito interessam ao gramático. Na « *Dio* » : *Que num madeiro chantado* (p. 4, c. 1.ª) ; *Numa cidade chantado* (p. 4, c. 2.ª) ; *Chantai-vos bem para aqui* (p. 5, c. 1.ª) ; *engullipado* (p. 4, c. 1.ª) ; *Hom'acha* (p. 4, c. 1.ª) ; *marpuz* (p. 4, c. 1.ª) ; *bofás* (p. 4, c. 2.ª ; 5—2.ª ; 31—1.ª ; 41—2.ª ; 63—2.ª) ; *bem é que lh'aqueça assi* (p. 6, c. 1.ª) ; *Dinha mãi* (p. 6, c. 1.ª ; 14 — 2.ª) ; *inho* (p. 110, c. 2.ª ; 111 — 1.ª ; *Trouge* (p. 58 c. 2.ª) ; *Má ora* (p. 58, c. 2.ª) ; *Aramá* (*ibid.*) ; *cachopo* (p. 59, c. 1.ª), etc., etc.

Na « *Alféa* » : *emposilgado* (p. 109, c. 2.ª ; *seja espido* (p. 110, c. 1.ª) ; *samicas* (p. 110, c. 1.ª) ; *Fato* (p. 133, c. 2.ª ; 170 — 2.ª) ; *resai passinho* (p. 136, c. 1.ª) ; *Sejo* (p. 158, c. 1.ª ; 164 — 2.ª ; 165 1.ª) ; 171 — 1.ª ; *Cachopina* (p. 170, c. 2.ª). Etc., etc.

[2] 1.ª ed. Evora, 1561 ; outra, Lisboa, 1616, revista e emendada por F. Rodrigues Lobo e não dele como alguns autores suposeram ; 3.ª, 1786, reimpressa por Bento José de Sousa Farinha.

[3] 2.ª ed. Lisboa, 1618. A 1.ª é desconhecida. 3.ª Lisboa, 1787 tambem reimp. por Farinha.

[4] 1.ª ed. Lisboa, 1619.

opinião de Dias Gomes [1], crítico tam insuspeito como perspicaz, Jorge Ferreira leva decidida vantagem a Sá de Miranda e Ferreira, tendo scenas inimitáveis, especialmente na comédia em prosa *Eufrosina,* que constituindo as primícias do seu talento [2] é, como as outras duas, fonte inexhaurivel de verdadeiro estilo cómico. Jorge Ferreira deixou também o *Sagramor* ou *Memorial das proesas da Segunda Távola redonda* (1.ª parte) [3], novela de cavalaria. Na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado também lhe é atribuida a obra *Triumphos de Sagramor* [4], que muitos supõem ser uma segunda parte do *Memorial* e Inocencio a primeira edição dele, aliás desconhecida. É possivel não se tratar senão duma confusão derivada daquelas palavras do *Prologo* «...não me desculpo dos erros e atrevimentos de que nesta trasladação do triumpho del Rey Sagramor posso ser reprendido... ».

OS PROSADORES

73. — A história no sec. XVI; suas características. A fórma principal da prosa no século XVI é a história. Uma pleiada numerosa e destinta de escritores empreende a narração das conquistas e descobertas dos portugueses, as quais estavam, na realidade, pela sua importância e pelo seu número, reclamando cronistas que as transmi-

---

[1] *Obras,* 292.

[2] Como se conclue do *Proemio* ao Principe D. João (1537-1553), o primogénito de D. João III, casado com a filha de Carlos V, D. Joana, que deixou grávida quando prematuramente faleceu em 1553 com dezasseis anos incompletos. Moço da câmara do malogrado Principe a ele dedicou todas as suas obras, menos a *Eufrosina,* oferecendo-as depois de sua morte ao filho póstumo el-rei D. Sebastião.

[3] Evora, 1567; 2.ª ed., muito incorrecta Lisboa, 1867, 1 vol.

[4] Coimbra, 1554.

tissem á posteridade. E' claro que os trabalhos históricos deste período, em geral, não sam, nem podiam ser, moldados em bases criticas, de cunho scientífico e imparcial. Faltava aos seus autores a educação precisa para isso; a sua época não possuia ainda para semelhante efeito a disciplina filosófica indispensavel. O que temos sam narraçõis ditadas por um critério simples e ingénuo, sam factos contados com a consciência de inteligências que se deixam deslumbrar pelo que contam. Muitos dos seus autores *viram* o que escreveram; apaixonaram-se pelo assunto, não lhes faltava pois a sciencia dos factos, mas a serenidade para os apreciar e o critério para os dissecar. Desta forma algumas vezes escreveram narraçõis enfáticas, aduladoras e exageradas [1].

74. — D. JERÓNIMO OSORIO (1506-1580) é dos historiadores mais imparciais e mais desassombrados deste período. Homem muito destinto e erudito, formou a sua educação nas universidades de Salamanca, Paris e Bolonha, vindo a falecer com 74 anos bispo de Silves [2]. Escreveu quase todas as suas obras em latim [3], com tanto gosto e perfeição que mereceu por isso o título de *Cícero* português. A sua obra capital é a crónica de D. Manoel: — *De rebus Emmanuelis gestis* [4], traduzida por Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio) [5]. O facto de ser esta obra escrita em latim, tornou-a e ao seu autor muito conhecidos na Europa [6]. Cita-se com muito louvor a passagem em que ele censura D. Manoel pelo *expediente*

---

[1] J. Silvestre Ribeiro, *Estudo moral e politico sobre os Lusiadas* Lisboa, 1853, pg. 72.

[2] Vid. Bispo de Viseu, *Obras*, I, 293-301.

[3] Vid. *Bibl. Lusit.*, II, 514 e 516.

[4] Impressa em 1586.

[5] *Da vida e feitos del Rey D. Manoel*, 1804.

[6] F. Denis, *Resumé de l'hist. litt. du Portugal*, Paris, 1826. pg. 225.

iniquo e injusto da expulsão dos judeus de Portugal [1]. Das suas *nove Cartas,* escritas em português, é mais conhecida aquela em que o ilustre prelado tenta dissuadir D. Sebastião da jornada de Africa, cousa bem rara em negócio em que, como é sabido, o próprio Camões tanto empenhara o desgraçado monarca.

75. — JOÃO DE BARROS (1496-1570), de Viseu, denominado o *Lívio português,* sobresai entre os escritores deste século pela beleza do estilo e pelo vigor e propriedade da lingoagem, que lhe dam jus a ser contado como um dos nossos primeiros clássicos.

De familia nobre começou muito cedo a frequentar a côrte de D. Manoel, cujas graças profusamente mereceu, bem como as de D. João III, que o cumulou de todos os beneficios. Assim nomeou-o Capitão da fortaleza e conquista de S. Jorge da Mina, Tesoureiro da Casa da Índia e Mina e depois Feitor da mesma Casa e, porque ele renunciou estes cargos, aliás rendosos, deu-lhe, com outras mercês, a tença de 400$000 réis. Foi este mesmo monarca quem o encarregou de escrever a *história da India,* incumbida a seu tio Lourenço de Cáceres que a morte surpreendeu antes de realizado o mandato. João de Barros revelou as suas aptidõis de escritor na *Crónica da imperador Clarimundo* [2], romance cavalheiresco escrito pouco depois dos vinte anos. Do modo como se desem-

[1] Vid. vol. I, l. I, pg. 45 e seg. na ed. de Coimbra, 1791. A colecção das obras de Osorio, em 4 tomos, foi feita em Roma, em 1592, por diligência dum sobrinho do prelado, também do nome de J. Osorio. Das *Cartas* saíu uma ed. em Paris, por Verissimo Alvares da Silva, 1859.

[2] *Chronica do Emperador Clarimundo, donde os Reys de Portugal descendem, tirada da linguagem ungara em a nossa portuguesa, dirigida ao esclarecido principe D. João, filho do mui poderoso rey D. Manuel,* Coimbra, 1520. Outras ed.: 1550, 1553, 1601, 1742, 1791, 1843.

penhou daquele encargo ai estam as quatro *Décadas da Asia* a atestá-lo [2]. A primeira delas, aparecida um ano antes da partida de Camões para a India (1553) provocou, na opinião de muitos escritores, ao nosso épico a concepção dos *Lusíadas*. Só por isso mereciam elas ser registadas com amor na memória de todos os portuguêses. Mas a *Asia* de Barros é, àparte a pureza e louçania da lingoagem, um repositório excelente de notícias etnográficas da Índia. Os feitos dos portugueses tiveram, por outro lado, em João de Barros um verdadeiro cantor e apologista. Póde talvêz ser acusado por este lado, mas, como escreveu Sismondi, « chega-se mais vezes a connhecer a verdade pelos escritores parciais da sua pátria, do que por aqueles que nada sentem; pelo menos os primeiros tẽem uma coisa verdadeira — o sentimento » [1].

Entre as outras obras de Barros citam-se como dignas de melhor nota:

— *Rhopica pnefma* [2] ou *Mercadoria espiritual*, colóquio em que sam interlocutores o Tempo, o Intendimento, a Ventura e a Razão; *Cartinha para aprender a ler* [3]; *Gramatica da lingua portuguésa* [4]; *Dialogo da viciosa vergonha* [5]; *Dialogo... com dous filhos seus, sobre preceitos moraes em modo de jogo* [6].

---

[2] A 1.ª impressa em 1552, a 2.ª em 1553, a 3.ª em 1563 e a 4.ª, já reformada, acresc. e ilustr. por João Baptistá Gavanha, em 1615. Depois as tres 1.as — 1628 e todas as quatro em 1777-78 em 8 vols. e mais 1 com indice e biogr. A Dec. 1.ª saio terceira vez em 1752.

[1] Cit. por F. Denis, *obr. cit.*, pg. 235.

[2] Lisboa, 1532; reimpressa em 1869 juntamente com o *Dialogo com dous filhos seus*. . sob o titulo *Compilação de varias obras do insigne Joam de Barros... serve de segunda parte à compilação dos monges da Cartucha de Evora*, Porto. 1869, 1 vol.

[3] Lisboa, 1539.

[4] Ibid., 1540.

[5] Ibid., 1540.

[6] Ibid., 1563.

Sobre J. de Barros, vid. P. Chagas, *Novos Ensaios Criticos*, 177-199 e *Dicc. Popular*, III, 163-166.

Os *Panegiricos do grande Joam de Barros* feitos um á infanta D. Maria e outro a el-rei D. João III saíram pela primeira vez impressos nas *Noticias de Portugal* de Manoel Severim de Faria, sendo como as outras obras do mesmo autor modelos acabados de boa lingoagem [1]. As primeiras ediçõis dalgumas obras de Barros sam hoje raríssimas; felizmente os monges da Cartuxa de Évora deram da *Cartinha*, da *Gramatica*, e do *Diálogo da viciosa vergonha* uma edição em 1785, com o que prestaram um ótimo serviço ás letras pátrias [2]. Da *Rhopica* e do *Diálogo* saíu tambêm por diligência do Visconde de Azevedo nova edição em 1869.

76. — DIOGO DO COUTO (1542-1616), de Lisboa, é o digno continuador de Barros a quem, se não eguala pelo estilo vence como narrador e apreciador dos factos [3]. Tendo partido aos dezasete anos para a India lá teve ocasião de observar os sucessos que descreveu. Foi amigo pessoal de Camões a quem acompanhou para a metrópole em 1470. Regressando depois á Índia, morreu em Gôa com 74 anos. Encarregado de continuar as *Décadas* de Barros fê-lo com superior critério e com muita independência. A estas qualidades deve atribuir-se certamente o roubo que lhe fizeram das *Décadas* originais 8.ª e 9.ª, das quais temos apenas para as suprir meros epilogos feitos por ele próprio [4]. Sobre a decadência dos

[1] Ed. de 1655 e 1740. Ha ed. independente de 1791.

[2] *Compilação de varias obras do insigne portugues Joam de Barros...*, Lisboa, 1 vol., 1785.

[3] Para a biogr.: Severim de Faria nos *Discursos Varios* e 1.º vol. das suas *Décadas*, ed. de 1736.

[4] A 1.ª dec. de Diogo do Couto saíu com este título: « *Decada quarta da Asia* ». Lisboa, 1602. Tomou a numeração de 4.ª por ser continuação feita sobre a 3.ª, que João de Barros deixára ainda impressa em sua vida. Passados anos porêm veiu a imprimir-se a *Década 4.ª* do mesmo Barros, que por morte dêste ficara manuscrita

portuguêses na India escreveu: — *Observações sobre as principaes causas da decadencia dos portugueses na Asia, escriptas em fórma de dialogo com o titulo de Soldado pratico* [1]; e uma biografia curiosa e bem escrita com o titulo de: — *Vida de D. Paulo de Lima Pereira* [2]. Tem ainda outras obras de somenos valor. Couto é um estilista claro e correcto.

A sua vasta obra — as *nove* décadas compreendiam *noventa* livros — é um repositório interessante, em que o autor trabalhou com um amor de verdade e de sinceridade verdadeiramente notáveis [3].

77. — DAMIÃO DE GOES (1501-1574), de Alenquer, ocupa um logar destintissimo entre os nossos clássicos e está acima deles pelo seu espirito livre e enciclopédico. Deveu isso talvêz à sua educação. Começando cedo a frequentar a côrte de D. Manuel, em breve empreendeu o giro das suas viajens, não para a África ou para a Índia, como a maioria dos seus conterrâneos, mas para a Europa, para os centros mais destintos pelas afirmaçõis literárias e scientificas. Encarregado de várias missõis diplomáticas nas principais côrtes da Europa, o desempenho dêsse cargo oficial ofereceu-lhe o ensejo de

---

e informe. Temos pois duas *Décadas quartas*, cada uma de seu autor. A 5.ª e 6.ª — 1612; 7.ª — 1616; 8.ª 1673. A última ed. é de Lisboa, 1778-1788, 14 vols. Innoc., *Dicc. Bibl.*, II, 153.

[1] Lisboa, 1790.

[2] Publicada em 1765.

[3] O sucessor de Couto foi Antonio Bocarro, que escreveu a *Decada 13.ª da Historia da India*, a ed. dirigida por Lima Felner e publicada em 1876 com prefácio doutro académico, o falecido Poéta Bulhão Pato. Ha entre as Décadas dos dois autores uma lacuna de 12 anos. A obra de Bocarro abrange somente o periodo de 5 anos, 1612 a 1617. Vid. Inoc., *Dic.* I e VIII; o dito *Prefácio* de B. Pato e *Bol. da Seg. Classe da Acad. das Sc. de Lisboa*, IV, 1911, pg. 424, comunicação do Sr. Pedro de Azevedo.

se relacionar com as primeiras individualidades da época. Lutero e Melanchthon, o cardeal Bembo, o historiador Olau Magno eram seus amigos. Tratou com Erasmo [1], o demolidor temivel do *Elogio da loucura,* que também foi seu mestre e amigo dedicado. Albrect Dürer, o famoso pintor alemão, tirou-lhe o retrato. Educado nesta forte escola, com a inteligencia da sua têmpera, estava preparado para ser mais do que um cronista crédulo e simples. Foi-o na realidade e isso o perdeu. De volta á patria, encarregado em 1558 pelo cardeal D. Henrique, escreveu a *Chronica de D. Manuel* [2], a que já se haviam escusado Rui de Pina, J. de Barros e outros.

Esse trabalho levou-lhe nove anos e fez com que escrevesse também a *Chronica do Principe D. João* [3] como introdução ao reinado de D. Manoel. O desassombro e altiva coragem com que foram redigidas as páginas da crónica do *rei venturoso* podem calcular-se pela guerra movida ao seu autor, guerra que teve o seu epilogo na prisão de Goes a 4 de abril de 1571. O nobre velho contava então 70 anos. A inquisição, que por duas

---

[1] « ... prudentissimo e gravissimo Erasmo Roterodamo... principe de toda a doctrina e eloquencia,... por espaço de cinco meses com elle em Friburgo de Brisgoia pousei... ». Do *Prologo* á trad. do *Catão Maior ou da Velhice.* Cfr. *Notice sur les rapports d'Érasme avec Damien de Goès,* artigo publicado no *Annuaire* de l'Univ. cath. de Louvain, 1853, pg. 273, republicado recentemente pelo benemérito Sr. Eugenio do Canto, Lisboa, 1912, folh.

[2] *Chronica... dividida em quatro partes.* Lisboa : As duas primeiras partes sam de 1566, as outras de 1567 ; 2.ª ed., Lisboa, 1619 ; 3.ª, 1749 ; 4.ª, 1790.

[3] *Chr. do Principe Dom Joam, Rey que foi destes reynos segundo do nome, em que summariamente se tratam as cousas sustanciaes que nelles aconteceram do dia do seu nascimento atè o em que el Rei dom Affonso seu pai faleceu.* Lisboa, 1567. Outras ed. : 1724, 1790, 1905. Esta última iniciou a colecção *Joias literarias* da Imp. da Univ. de Coimbra proficientemente dirigida pelo Sr. Dr. Gonçálvez Guimarãis.

vezes vira fugir a sua prêsa [1], cevou-se na pobre vítima durante mais de ano e meio ao fim dos quais, quase sem forças e « cheio de usagre e sarna por todo o corpo, que me falta pouco para me julgarem leproso », agravado ainda o debil organismo por outras doenças graves, o mandaram em penitência para o mosteiro da Batalha 16 de dezembro de 1572). Achava-se em sua casa e vivendo com os seus quando lhe sobreveiu a morte, acontecida em circunstâncias aínda não de todo elucidadas. Uma versão do meiado do século XVII diz: « que sendo velho e estando ao fogo, recolhida sua familia, caiu nele com um acidente, e ao outro dia o acharam morto e meio queimado ». Ou seria assassinado pelos fâmulos da inquisição, como outra versão diz? Investigaçõis futuras aclararão decerto este ponto. Foi enterrado na igreja de Nossa Senhora da Vârzea, em Alenquer [2].

Além das duas crónicas mencionadas, ha de Damião de Goes o *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catão mayor, ou da Velhice* [3] e em latim a *Embaixada do Prestes João*; a *Fé, Religião e Costumes dos Etiopes*; *Descrição de*

---

[1] *Ineditos Goesianos*, coligidos e anotados por Guilherme J. C. Henriques, vol. I — Documentos (1896); II — O processo na Inquisição (1899). Goes foi denunciado primeiramente á inquisição de Evora em 1545 e uma segunda vez á de Lisboa em 1550. [Sobre estes trabalhos ver Sr. J. de Vasconcelos, *Archeologo Port.*, IV].

[2] Ninguem estudou a biografia deste ilustre português com mais carinhoso afecto do que o erudito escritor sr. J. de Vasconcelos. Veja-se o seu último trabalho — *Damião de Goes*, Porto 1897; vid. aínda do mesmo autor — *Musicos Portug.*; S. Viterbo, *Inst.*, vol. XLII; Menendez y Pelayo, *Hist. de los Heter. Españoles*, II, 129-143; Sr. Th. Braga, *Hist. da Univ.* cit., I. Vid. nos *Serões*, n.° de 14 de agosto de 1906, art. do Sr. A. Baião — *A Inquisição, Damião de Goes e Fernão de Oliveira julgados por ella.* O *Arch. Hist. Portug.*, I, n.° 11, pg. 379 traz um fac-simile da assinatura de Damião de Goes; Guilherme J. C. Henriques, *A bibliogr. Goesiana*, (separata do « *Bol. da Soc. de Bibl. Barb. Machado* », Lisboa, 1911).

[3] Veneza, 1534 e Lisboa, 1845.

Lisboa, etc. [1]. A justa fama, porêm, de que goza provêm-lhe principalmente da Crónica de D. Manoel, tam fiel e imparcial como bem escrita, e tam bem escrita que alguns críticos o colocaram no número dos clássicos logo a seguir a João de Barros, ocupando este o primeiro logar.

78. — **FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA** (+ 1559), de Santarem, emparceira louvavelmente com os cronistas já mencionados. Tendo sido seu pai nomeado para exercer o cargo de ouvidor de Gôa acompanhou-o e lá trabalhou « por alcançar saber muito particularmente o que até áquele tempo fizerão os portugueses no descobrimento e conquista da India, e isto não de pessoas quaesquer senão de Capitães e Fidalgos, que o sabião muito bem por serem presentes nos conselhos das causas e na execução delas e por cartas e summarios... ». Nestas pesquisas gastou Castanheda vinte anos — o melhor tempo da sua idade, declara-o ele próprio. Foi toda a riqueza que trouxe da Índia. Tam desprotegido e tam falto de meios se viu, que para poder manter-se teve de aceitar em Coimbra o logar de bedel do Colégio das Artes e guarda do cartório da Universidade. A sua obra, de correcta e elegante lingoagem, tem o título — *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portugueses* [2].

79. — **ANTONIO GALVÃO** (1446-1557), é uma personalidade extraordinária do século XVI, parecendo a sua

---

[1] Reimpressos na *Colecção das Obras de autores classicos portuguezes* da Impr. da Univ. de Coimbra com o titulo: *Goes (Damiani): Opuscula, quae in Hispania illustrata continentur*, 1791, 1 vol.

[2] A obra foi devidida em 10 l., mas o 9.º e o 10.º nunca fôram impressos. O 1.º livro saiu em 1551. Foi depois reimpreso em 1554; o 2.º l apareceu em 1552; 3.º, 4.º e o 5.º — 1557; 6.º e 7.º — 1554; o 8.º — 1561. São rarissimos. Do 1.º l. ha nova ed. em Lisboa, 1791 e de toda a obra, ibid., 1833, 8 vols.

vida mais imaginária que real. Nascido na Índia, foi nomeado governador de Moluco, tornando-se notavel no desempenho dêste cargo pela sua rectidão e justiça. Tal prestígio alcançou como magistrado que lhe foi oferecido o trono de Ternate [1] ! Voltando ao reino debalde solicitou qualquer mercê, que lhe garantisse a subsistência. Durante dezasete anos viveu de esmolas de amigos tendo por último de recolher ao hospital de Lisboa onde faleceu a 11 de março de 1557 ! A publicação póstuma da sua obra tem o título:

— *Tratado dos diversos e desvairados caminhos por onde nos tempos passados a pimenta e especiaria veyo da India ás nossas partes, e assim de todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a era de 1550* [2].

E' aos cuidados e diligências do seu amigo e testamenteiro Sousa Tavares, que devemos a publicação de tam curioso trabalho, notavel pela singeleza e brevidade aliados a uma certa elegância de dizer muito peculiar deste autor.

80. — Outros Historiadores deste século. Avultado número de escritores ilustra ainda este século, mas deles impossivel é dar aqui desenvolvida notícia. Nomeemos: GASPAR CORRÊA (✝ 1583?) que viveu largos anos na Índia, cujos usos, costumes e superstiçõis conheceu muito bem, deixando-nos de tudo uma descrição muito pitoresca e interessante nas suas *Lendas da India,* que abraçam os sucessos passados na Índia desde 1497 até 1550 [3], e que se sam « inferiores pela forma ás decadas de Barros e

---

[1] Pequena ilha pertencente ao arquipélago das Molucas.

[2] Lisboa, 1563, 80 fls.; reimpressa em Lisboa, 1731. Foi trad. para inglês na colecção Hakluyt Society, 1862, 8.º gr. de XII-242 pgs.

[3] Publicadas depois de mais de tres séculos pela Acad. R. das Sc. de Lisboa, sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, em 4 tomos, cada um devidido em parte 1.ª e 2.ª, 1858-1864.

até se quiserem á rude historia de Castanheda, são quanto á substancia muito superiores áquelas e ainda á humilde, mas evidentemente sincera narrativa de Castanheda « ...Em relação á viagem do descobrimento como em relação a tantos outros pontos da nossa historia da Índia, as *Lendas* levam decidida vantagem ao que escreveram Barros e Castanheda » [1]. Na disposição das scenas, escreveu Bulhão Pato, vivêsa das côres, pitoresco dos paineis... leva vantagem a todos os nossos escritores do Oriente [2].

BRAS DE ALBUQUERQUE (1500-1580) filho natural do grande Afonso de Albuquerque, cuja biografia traçou nos seus *Comentarios de Afonso de Albuquerque,* [3] em estilo simples que João de Barros caraterizava como de *nua e chã pintura* e onde esta grande figura do nosso império colonial se retrata tam bem como nas suas próprias *Cartas* por mais de tres séculos inéditas [4].

Citemos ainda, omitindo outros menos importantes: **FR. BERNARDO DA CRUZ** (1530?) que, tendo acompanhado como capelão a expedição a Alcacer-Qêbir, escreveu por 1586 a *Chrónica de D. Sebastião,* que só foi publicada em 1837 por A. Herculano e o Dr. A. C. Paiva [5] **DUARTE**

---

[1] A. Herculano e Castelo de Paiva, *Roteiro da viagem de Vasco da Gama,* Lisboa, 1861, pg. IX.

[2] No prefácio á *Decada 13.ª de A. Bocarro,* IX.

[3] Lisboa, 1557, outras ed.: 1576, 1774.

[4] *Cartas de Af. de Albuquerque seguidas de doc. que as elucidam publicadas de ordem... da Acad. R. das Sc. de Lisboa sob a direcção de R. A. de Bulhão Pato,* 4 vols.; 1.º 1884; 2.º 1898; 3.º 1903; 4.º 1910. Sobre o grande vulto Af. de Albuquerque vid. — *Bol. da Seg. Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa,* IV, (1911), pg. 49 e seg. Vid. também *Arch. Hist.,* I, n.º 12 (1903), 410, art. de S. Viterbo.

[5] Nesta Crónica se baseia em grande parte a *Chr. do Cardeal Rei D. Henrique e vida de Miguel de Moura,* anónima, publicada pela « Soc. propagadora dos conhecimentos uteis » em 1840.

NUNES DE LIÃO (✝ 1608) que, àlêm das obras gramaticais, adeante citadas, escreveu uma *Descrição do reino de Portugal* [1], e a *Primeira parte das Chronicas dos reis de Portugal reformadas* [2].

Ao mesmo autor se deve o ter coligido por ordem de D. Sebastião as *Leis Extravagantes* de Portugal [3]. Merecem citar-se também **DUARTE GALVÃO** (1446-1517) autor da narrativa *Chronica de D. Afonso Henriques* [4], e **MIGUEL LEITÃO DE ANDRADA** (1553-1632) de Pedrogão, bispado de Coimbra, não porque escrevesse uma obra rigosamente histórica, e com são critério — ao lado de formosíssimas líricas de Camões pôs algumas das relíquias apócrifas — mas porque a sua *Miscelánea* contêm numerosos dados interessantes sobre história e tradiçõis, usos e costumes populares, e até sobre muitos factos de que ele foi testemunha ocular, como os que se referem á batalha de Alcacer-Qêbir, á qual assistiu e depois da qual ficou prisioneiro, libertando-se ao fim de algum tempo, para ir cair sob as garras de Felipe II, que o mandou prender por ele seguir o partido do Prior do Crato [5].

---

[1] Lisboa, 1610; 2.ª — 1785. Mencionemos como subsídios para os estudos arqueólogicos de Portugal as *Varias antiguidades de Portugal*, Lisboa, 1625 [2.ª ed. 1754], de Gaspar Estaço; irmão de Balthazar Estaço, autor do livro *Sonetos, canções eclogas e outras rimas*, Coimbra, 1604.

[2] Lisboa, 1600; e 1677, 1774.

[3] Lisboa, 1569, e Coimbra, 1796.

[4] Lisboa, 1726; 1727? Anda quase sempre encadernada com as dos cinco reis seguintes de Rui de Pina.

[5] *Miscellanea do sitio de Nossa Senhora da Luz do Pedrogão Grande, apparecimento da sua santa imagem, fundação do seu convento, e da See de Lisboa, expugnação d'ella, perda de elrei Sebastiãon. E que seja nobreza, Senhor, Senhoria, Vassalo delRei, Rico homem, Infanção, Corte, Cortezia, Mizura, Reverencia e Tirar o chapeo, e prodigios...* Lisboa, 1629, 1 vol.; outra ed. — 1867. O Sr. Brito Rebelo publicou no *Arch. Hist.*, I, 12 e seg. uma biografia muito completa do simpático e aventuroso prisioneiro de Alcacer-Qêbir.

81. — **SAMUEL USQUE**, judeu português, nascido em Lisboa, talvêz dos principios do século XVI, deixou-nos uma obra que merece logar áparte, a que pôs o titulo de *Consolaçam ás tribulações de Israel.* (Ferrara, 1532). O livro é uma exposição dialogada das perseguiçõis sofridas pelos judeus em todas as edades até ao tempo do autor. A 1.ª ed. é rarissima, constituindo verdadeira preciosidade bibliográfica.

A *Consolaçam* foi por mim editada ha pouco e bem merecia sê-lo atendendo á elegancia e pureza com que está escrita e a certos dados históricos que ministra com proficiência, pois que de muitos deles foi testemunha presencial o seu autor [1].

VIAJENS

82. — **Narrativas de viajens; seus autores.** E' muito fecunda a literatura deste período em narraçõis de viajens. Os portuguêses levados a ignotas regiõis, sulcando *mares nunca dantes navegados,* deviam sentir a necessidade de transmitir aos vindouros a notícia dos estranhos sucessos de que eram autores ou testemunhas. Foi o que originou essa curiosa série de livros de viajens, que ocupa logar tam proeminente na nossa história literária. Citemos **ANTONIO TENREIRO** autor do *Itinerario em que se contem como da India veo por terra a... Portugal* [2]; **FRANCISCO ALVARES**, que escreveu a *Verdadeira informação das terras do Preste João* [3]; **FR. PANTALEÃO DE AVEIRO**

[1] Vid. na minha colecção *Subsidios para o estudo da Historia da Literatura portuguésa,* os n.os VIII, IX e X onde se publicou a obra completa de Samuel Usque.

[2] Ed. de 1560, 1565, 1829 e juntamente com as *Peregrinações* de F. Mendes Pinto = 1725 e 1762.

[3] 1540.

autor do *Itinerario da Terra Santa* [1]; **JOÃO DE LUCENA** (1549-1600), que nos deixou a *Historia da vida do Padre Francisco Xavier* com muitas curiosidades da Asia, obra que mereceu ser traduzida em várias lingoas e que merecia tambem ser mais lida do que o é entre nós porque está escrita num estilo correcto e puro, podendo afoutamente colocar-se o seu autor entre os melhores clássicos da lingoa [2] (✝ 1591); **GASPAR FRUCTUOSO**, autor das *Saudades da Terra* [3]; **FR. JOÃO DOS SANTOS**, autor da *Ethiopia Oriental* [4]; **GASPAR BARREIROS**, sobrinho de João de Barros, que na sua *Corographia* descreve os logares por onde passou quando foi enviado por D. Henrique, em 1546, a agradecer ao Pontifice Paulo III a elevação ao cardinalato [5]; **FERNÃO CARDIM** autor da *Narrativa epistolar de uma viajem e missão jesuitica pela Bahia, Ilheos, Porto-Seguro, Pernambuco Espirito Santo* [6]; **FR. GASPAR DA CUNHA**, que deixou notícias preciosas no seu *Tratado das cousas da China e de Ormuz* [7], etc. A todos estes livros sobresae, porêm, a obra de

83. — **FERNÃO MENDES PINTO** (por 1514-1583). Natural de Montemór-o-Velho, este escritor é pela sua vida aventurosa uma das figuras mais extraordinárias deste século. Filho de pais modestissimos, o seu espírito aventureiro levou-o cedo a deixar Portugal. Viajou

---

[1] Ed. de 1593, 1596, 1600, 1685, 1721, 1732.

[2] 1600; 1788 em 4 vols.

[3] *Saudades da terra, historia genealogica de Sam Miguel*, de que só se conhecia o descrição do *vale das Furnas* [na *Viajem* de B. J. de Sena Freitas, 97-105], mas agora na integra, devido aos Srs. Francisco Maria Supico e José Pedro Cardoso — Ponta Delgada, 1876, 1 vol.

[4] Evora, 1609.

[5] 1561, impressa em Coimbra, com vários opúsculos, por seu irmão Lopo de Barros.

[6] Lisboa, 1847, publicado por diligências de Varnhagen.

[7] Evora, 1570; reimpresso com a *Perigrinação* de F. Mendes Pinto em 1829.

durante vinte anos pela Etiópia, Arábia, China, Tartária e pela maior parte do arquipélago oriental. As desgraças que lhe sucederam conta-as ele com extrema simplicidade. Treze vezes foi cativo, dezasete vendido. Teve ocasião de observar as religiõis e os costumes de numerosos povos primeiro que qualquer outro viajante europeu. Foi do que viu e ouviu que compôs a sua notabilissima *Peregrinação* « um dos livros de mais popular e aprazivel lição que jámais se escreveram em idioma algum » [1]. A riqueza do vocabulário, a propriedade das expressõis, a justa medida do estilo, a singeleza unida ao vigor, o colorido e a vida que irrompem espontâneos das suas narraçõis fazem de Fernão Mendes Pinto um dos vultos mais simpáticos da nossa literatura e da sua *Peregrinação* um dos livros mais dignos de ser consultado por todos aqueles que tenham amor pela nossa bela lingoa. A acusação de *noveleiro* [2] e « descarado mentiroso » como o apoda o inglês Donald Fergusson [3] caiu por terra sendo hoje unânimes os criticos, dentro e fóra de Portugal [4], em o considerarem como autor fidedigno e original.

---

[1] *Livraria Classica Portug.*, t. XVI, parte 2.ª, onde vem a pg. 6-19 a *noticia da vida e obra de F. M. Pinto* escrita por J. Castilho; Sr. Cristovão Ayres, *F. Mendes Pinto — subsidios para a sua biographia e para o estudo da sua obra. Memoria apresentada á Acad. R. das Sc. de Lisboa*, Lisboa, 1905; Sr. Jordão A. de Freitas, *Subsidios para a bibliographia portuguesa relativa ao estudo da lingoa japoneza e para a biogr. de F. Mendes Pinto*... Coimbra, 1905.

[2] Teve-se até o máu gosto de inventar este trocadilho: *Fernão, Mentes? Minto.*

[3] Nas *Letters from Portuguese Captives in Canton written in 1536 and 1536*.

[4] O último historiador que se ocupa do Japão, sua descoberta, introdução do cristianismo, etc. julga que se Mendes Pinto em particularidades usou das galas e enfeites duma rica fantasia, manteve a narração, em geral, como viva e fiel imajem da vida e costumes dos povos da Asia Oriental. Cfr. Hans Haas, *Geschichte des Christentums in Japan*, c. III. Este cap. foi trad. pelo falecido escritor Sousa Monteiro e publicado no *Bol. da Segunda Classe* II (1910) pg. 84.

Póde e hade haver, escreve um dos seus melhores biógrafos, alguma cousa de exagerado ou menos exacto nas suas narrativas, mas o facto é que fontes de diversa natureza o estão hoje justificando como informador *geralmente* verdadeiro e original [1]. As suas *Peregrinações* foram traduzidas para alemão, inglês, francês e espanhol e contam hoje numerosas ediçõis no nosso país [2]. Bem o merecem: — riqueza e variedade de lingoagem, primores de estilo, propriedade nas locuçõis dam á obra de Mendes Pinto logar eminente entre os melhores escritos da nossa lingoa [3].

84. — Não queremos deixar de mencionar no número das narraçõis que atraem a atenção do estudioso, as que formam a compilação da ***Historia tragico-maritima em que se escrevem cronologicamente os naufragios que tiveram as naus de Portugal, depois que se poz em exercicio a navegação da India*** [4].

Esta colecção de relaçõis dos naufrágios, que sofreram os navegadores portugueses, empreendida por Bernardo

[1] Sr. Christ. Ayres, *ob. cit., e log. cit.*, pg. 33. Idêntico é o juizo do último biógrafo de Mendes Pinto, o Sr. Brito Rebelo, na *Noticia* que precede a ed. que dirigiu em 1908, pg. XXIII. Antes do aparecimento desta ed. a de 1829 em 4 vols. era considerada a melhor por seguir exactamente a 1.ª e conter muitas adiçõis e correçõis.

[2] A 1.ª é de 1614, a última, que é a 8.ª, saiu em 1908, em 4 vols. sob a direção do Sr. Brito Rebelo.

[3] Sobre a parte que no trabalho de F. Mendes teria tido o editor da 1.ª ed., o cronista F. de Andrade, veja-se o estudo de Castilho, cit. na pg. anterior, e Sr. Christ. Aires, *ob. cit.*, pg. 52 D. Ambos impugnam a opinião do Conde da Ericeira D. Fr. Xavier de Meneses, segundo o qual Andrade preparara e dirigira a ed., *servindo-se das memorias que Mendes Pinto deixara*. Diz com inteira justiça o Sr. Brito Rebelo: « quem conhece a palidez de estilo dêste cronista, tanto em prosa, como em verso, reconhece prontamente no fulgor da prosa de F. Mendes, a sua grande inteligencia e o vigor de um estilo que prende e domina... ». *Log. cit.*, pg. XXXII.

[4] Em 2 tomos, o 1.º de 1735, o 2.º de 1736.

Gomes de Brito (1688), é um modelo de lingoagem simples, espontânea e verdadeiramente popular. Sam doze essas relaçõis: 1.ª — do naufrágio do *Galeão grande S. João* na Terra do Natal (1552), que deu o assunto do poema de J. Corte-Real — *Naufrágio de Sepúlveda* e das estâncias de Camões (v, 46-48), pois é do naufrágio de Manoel de Sousa de Sepúlveda, que essa narração se ocupa; 2.ª — da *Náo S. Bento* no Cabo da Boa-Esperança (1554); 3.ª — da *Náo Conceição* nos Baixos de Pero dos Banhos (1555); 4.ª — das *Náos Aguia e Garça* (1559); 5.ª — da *Náo Santa Maria da Barca* (1559); 6.ª — da *Náo S. Paulo* na ilha de Sumatra (1561); 7.ª — da *Náo Jorge de Albuquerque Coelho* (1565); 8.ª — da *Náo Santiago* (1585); 9.ª — da *Náo S. Tomé* (1589); 10.ª — da *Náo Santo Alberto* (1589); 11.ª — da *Náo S. Francisco* (1596); 12.ª — do *Galeão Santiago* (1604) [1].

ELOQUENCIA

85. — Eloquência sagrada. Sam deficientíssimos os documentos para o estudo da eloquência neste período, reduzida por enquanto á forma religiosa do púlpito. Alguns oradores sabemos terem existido tam somente pelas referências dos historiadores, como Fernão Lopes que cita o dominicano Fr. Rodrigo [2] e os franciscanos Fr. Pedro [3], Fr. João Xira [4] e Fr. Rodrigo de Sintra de quem o velho cronista diz que era « notavel e grande

---

[1] A alguns exemplares da *Historia Tragico-Maritima* anda anexo um 3.º vol. formado de várias *Relações avulsas* (Cfr. Innoc., *Dic. Bibl.*, I, 378).

[2] *Chronica de D. João I*, p. III, c. II.

[3] *Ibid.*, p. II, c. XLVIII.

[4] *Ibid.*, p. III, c. LI e XCV.

prégador mui letrado e teologo » [1], os quais todos viveram no tempo de D. João I.

No século xv adquiriram fama de notáveis prégadores o dominicano Fr. Vicente de Lisboa, que publicou excelentes instruçõis para os que se entregavam ao ministério do púlpito [2], e o carmelita Fr. João Sobrinho, que foi prégador de Afonso V. O que careteriza os trabalhos oratórios dêstes, como de todos os oradores anteriores ao século xvi, é, segundo Cenáculo, a familiaridade no dizer, a simplicidade do estilo em harmonia com a pouca instrução do auditório, as referências frequentes á Sagrada Escritura e aos Santos Padres. Mas a sciência teológica tomou grande impulso com o Concilio de Trento (1545-1563) e disso se resentiu a eloquência do púlpito, como não podia deixar de ser desde que Portugal tomou parte e muito notavel nessa grande reunião das forças católicas. Como se sabe, o Concílio Tridentino compreende tres períodos destintos.

A ele assistiram como delegados do nosso país no tempo da primeira abertura (1545-1547) tres grandes teólogos dominicanos — Fr. Jerónimo da Azambuja ou *Oleaster*; Fr. Jorge de Santiago e Fr. Gaspar dos Reis, e o bispo do Porto D. Fr. Baltazar Limpo.

Na segunda abertura (1547-1559) estiveram como embaixadores de D. João III — Diogo da Silva, Diogo de Gouvêa, João Pais e Diogo Mendes de Vasconcelos, assistindo também o bispo de Silves D. João de Melo e D. Estevão de Almeida, que tinha a sua diocese em Espanha.

Na terceira e última abertura (1561-1563), entre os muitos portuguêses que assistiram destinguiram-se o arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, o bispo de Coimbra D. Fr. João Soares, o doutor Diogo de Paiva

---

[1] *Ibid.*, p. I, c. CLI.

[2] Cenáculo, *Mem. hist. do ministerio do pulpito.*

de Andrade, Fr. Francisco Foreiro, da ordem dos Prégadores e D. Gaspar do Casal, bispo de Leiria.

Estes e outros teólogos portuguêses alcançaram justificada fama pelo conhecimento profundo da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja [1], sendo alguns apontados como notáveis prégadores, D. Fr. João Soares, por ex., venerado pelos seus contemporâneos como um segundo Demóstenes, diz Fr. Luís de Sousa [2]. No último quartel do século XVI citam-se alguns escritores, que fôram egualmente modelos de bôa eloquência como Fr. Pedro Calvo, Fr. António Feio, o padre Luís Alvares, o bispo de Miranda e Leiria D. António Pinheiro [3] e outros. Falaremos aqui tam sómente dos mais ilustres.

86. — D. FR. BARTOLOMEU DOS MARTIRES (1514-1590), o célebre arcebispo de Braga, cuja mitra renunciou em troca da paz do convento de Viana, que fundara, àlêm das obras latinas [4] deixou um *Catecismo da Doutrina Cristã* [5] em estilo correcto e simples. Como orador, segundo o dizer do seu biógrafo, tinha um estilo de prégar « muy differente do que usava na Côrte... deixou flores de rhetorica, explicações agudas, e conceitos levantados, que serviam lá pera orelhas delicadas, e entendimentos mimosos pera os penetrar, e fazer effeito a doutrina medicinal a modo de bom guisado e entregou-se todo a termos chãos e doutrina clara, que servisse pera todos... » [6].

---

[1] P. Antonio Pereira de Figueiredo, *Portuguêses nos Concilios Geraes*, 1 vol., 1787.

[2] *Vida do Arc.*, I, II, c. 17.

[3] As suas obras fôram publicadas em 2 vol., 1784 e 1785 por Bento José de Sousa Farinha.

[4] Vid. Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*

[5] Imp. em Braga, 1564. Outras ed. : 1574, 1594, 1603, 1617, 1628, 1656, 1566, 1674, 1684, 1765, 1785.

[6] Fr. Luís de Sousa, I, c. XIV (ed. 1857).

87. — FR. LUÍS DE GRANADA (1504-1588), embora espanhol, pois nasceu na cidade do seu apelido, viveu, ensinou, prégou e morreu em Portugal. Temos dele um *Compendio de doutrina cristã* [1] de lingoagem simples, mas apurada. A este *Compendio* andam anexos os seus *Sermões*, pelos quais foi celebrado como orador de fama. Veio para Portugal a pedido do cardeal D. Henrique, de quem foi confessor e conselheiro e de quem escreveu uma biografia, que se conserva aínda inédita, como várias cartas ultimamente descobertas. Considerado clássico entre nós, Fr. Luís de Granada é no país vezinho tido como um dos creadores da prosa espanhola [2].

88. — FR. MIGUEL DOS SANTOS (✝ 1595) é contado no número dos mais abalisados oradores do seu tempo. Dos sermõis o mais notavel e o único hoje conhecido é o prégado nas exéquias de D. Sebastião celebradas nos Jerónimos, em Belem, a 19 de setembro de 1578 [3].

89. — DIOGO DE PAIVA DE ANDRADE (1528-1575), um dos representantes de Portugal no Concílio de Trento, onde foi enviado por D. Sebastião, quando apenas contava trinta e tres anos, irmão do cronista Francisco de Andrade, foi tambem um orador notavel, como se póde ajuizar pelos 181 sermõis, que nos restam [4]. O auditório deante do qual se fazia ouvir era sempre do mais selecto. Os seus sermõis sam, no dizer de Cenáculo, juntamente com

---

[1] Lisboa, 1559; outras: 1780, 1789.

[2] Cfr. *Bol. da 2.ª Cl. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, I, (1903), 228.

[3] Ha duas ed., uma de Camilo Castelo Branco nas *Virtudes Antigas*, e outra no semanário de Braga a *Cruz*, 3.º ano, n.º 9-19.

[4] Distribuidos em 3 vols., contendo o 1.º (1603) os sermõis do Advento e Festas do Natal; o 2.º (1604) de N. Senhora e dos Santos e o 3.º (1615) de Quaresma, fúnebres e outros.

os de Fr. João de Ceita, Fr. Felipe da Luz, Francisco Fernandes Galvão e Fr. Tomás da Veiga, os mais seguros exemplares onde o orador portuguès póde estudar o génio da lingoa, pureza de dição, e mais qualidades no que diz respeito ao exercicio concinatório.

90. — FR. FRANCISCO FERNANDES GALVÃO (1554-1610) destinguiu-se muito cedo no púlpito. Indo a Roma em 1578 o Papa admirou-o tanto que lhe deu uma conezia em Coímbra e os Cardeais chamavam-lhe o *doutor portuguès*. Os seus sermõis póstumos formam tres volumes [1], escritos em lingoagem pura e muito familiar.

MORALISTAS

91. — Varios escritores cultivam neste século uma literatura filosófico-moral. Já falamos do historiador Barros. Um outro Barros — o Dr. João de Barros — (n. depois de 1553) publicou o *Espelho de casados* [2]; Martim Afonso de Miranda deixou no *Tempo de agora*, em fórma dialogal, conselhos e sentenças morais [3], D. Joana da Gama (✝ 1586) professa ou, pelo menos, recolhida dum convento de Evora, escreveu os *Ditos da Freira... nos quaes se contem sentenças mui notaveis e avisos necessarios* [4]; D. Francisco de Portugal, deixou tambem *Sentenças* morais

---

[1] Sermõis de Quaresma (1611); 2.° Festas dos Santos (1613); 3.° Festas de Jesus Cristo (1616).

[2] 1.ª ed., raríssima, 1540; 2.ª ed. por Tito de Noronha e Antonio Cabral, Porto, 1874.

[3] 1.ª p. 1622, 2.ª p. 1624, reimpressos por Farinha, em 1785.

[4] Tem junto — *Trovas, vilancetes e sonetos, cantigas e romances agora novamente feitos pelo mesmo autor.* 1.ª ed. rarissima, Evora, 1555, reimp. por Tito de Noronha no Porto, 1872. Vid. também Inoc., *Dicc.*, x, 140.

e criteriosas [1]. Mas ha, sobretudo, tres escritores que aqui merecem menção honrosissima. Todos tres são considerados mestres da lingoa, que muito opulentaram de termos novos e adquados. A pureza, o gôsto, a suavidade, sam qualidades que adornam a lingoagem de que usaram: Sam **HEITOR PINTO** († 1584), da Covilhã, lente da cadeira de Escritura na Universidade de Coimbra, autor da *Imagem da vida christã* [2], obra de grande erudição sagrada e profana escrita em estilo cheio de correcção e altamente instrutivo. Quem quiser ver a verdadeira imagem da eloquência do divino Platão e do eloquentíssimo Cicero, escreve Dias Gomes [3], lea os *Dialogos* deste autor. Àlêm da mais pura e santa moral cristã, que constitue o fundo especial dos ditos diálogos, neles admirará, quem os ler, em grau superior todas as graças do estilo, o mais puro e correcto. **AMADOR ARRÁEZ** († 1600) de Beja, celebrado bispo de Portalegre, autor dos *Dialogos* [4] muito estimados pela proveitosa doutrina que encerram; e **FR. TOMÉ DE JESUS** († 1582), irmão do teólogo Diogo de Paiva de Andrade e do cronista Francisco de Andrade, que já nomeamos. Escreveu os *Trabalhos de Jesus* [5] obra elogiada por nacionais e estranjeiros, muitas vezes trad. em várias lingoas [6] e que, na opinião do bispo de Viseu, « na parte do atrevimento e belleza das metaphoras vence indispensavelmente todos os

---

[1] Vid. na minha colecção *Subsidios para o estudo da historia da Literatura portuguesa*, o vol. VII — *Sentenças de D. Francisco de Portugal*, Coimbra, 1905, 1 vol.

[2] *Imagem... ordenada por dialogos. [Sam 11 dialogos]*, etc. Coimbra, 1.ª parte, 1563, 1565, 1567, 1580, 1591, 1592, 1603. A 2.ª parte saiu em 1572, 1575, 1580, 1585, 1591, 1592, 1593, 1681, 1843.

[3] *Obras Poeticas*, pg. 29.

[4] Ed. de Coimbra, 1589, 1604, 1846.

[5] Parte I, Lisboa, 1602; Parte II, 1609. As duas partes na ed. de 1662, num vol.; 3.ª ed. 1733; 4.ª, 1781, 5.ª, 1865.

[6] Sr. E. Prestage, *Bol. da Seg. Cl. [da Acad. das Sc. de Lisboa]*, IV, fasc. 1.º, out. de 1910, pg. 13.

nossos escriptores de prosa. Se em Fr. Luís de Sousa, continúa o abalisado critico, o gosto se satisfaz mais, o estudo não aproveita tanto; e se Vieira não é menos abundante, e é mais regular, na audacia metaphorica fica inteiramente a perder de vista. E quem, no que toca á prosa portuguesa, sobresai a Vieira e a Sousa, mais ninguem lhe resta entre os nossos de que possa ganhar victória » [1].

ROMANCES DESTE PERÍODO

92. — Entre os romances deste século, ao lado da *Menina e moça*, da *Cronica do imperador Clarimundo*, e do *Memorial dos cavaleiros da segunda Távola redonda*, já citados, merece mencionar-se em primeiro logar o *Palmeirim de Inglaterra* de FRANCISCO DE MORAES (+ 1572) que alguns escritores, como Gayangos, têem atribuido ao espanhol Luís Hurtado, romance que obteve grande voga, sendo traduzido para francês e italiano, e do qual Cervantes no *D. Quixote* dizia, pela boca duma das suas personagens, que merecia ser conservado com tantos cuidados como as obras de Homero.

A circunstância que motivou os debates sobre a originalidade do *Palmeirim* foi o ter aparecido publicado o texto português em 1567, ao passo que o espanhol apareceu em 1548, quase vinte anos antes. Mas está provado que Francisco de Moraes escreveu o *Palmeirim* em 1544 dedicando-o á infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel e da raínha D. Leonor e irmã de D. João III. Àlêm deste argumento deduzido da *dedicatória* do romance, a simpatia nele manifestada em varios logares por Portugal e seus heróis, a exactidão das referências locais e topográficas, a adjectivação apropriada que lhes dedica, a concordância dalgumas passagens com o critério que deveria ter Moraes

[1] *Obras*, I, 292.

conforme se colhe da sua biografia, por ex., o episódio tam conhecido das quatro damas francesas, que se ajusta perfeitamente a Moraes e fica inexplicavel quando suposéssemos o livro da autoria de Hurtado, o cotejo dos textos recaindo sobre « omissõis, adiçõis e mudanças », tudo esclarece e resolve a questão em favor do autor português [1]. O *Palmeirim* teve dois continuadores: **DIOGO FERNANDES**, que escreveu a 3.ª e 4.ª partes com o título: *D. Duardos* (1587), e **BALTASAR GONÇALVES LOBATO**, autor da 5.ª e 6.ª partes com o título *D. Clarisel da Bretanha* (1602).

93. — **FERNÃO ALVARES DO ORIENTE** (1540-1595), de Goa, escreveu á imitação da *Arcadia* de Sannazaro a sua novela pastoril *Lusitania transformada*, obra em prosa e verso, onde figuram sob forma alegórica o próprio autor e muitos escritores dos fins do século XVI [2]. Mencionemos, enfim, **GONÇALO FERNANDES TRANCOSO**, que sob o título *Contos e historias de proveito e exemplo* compôs trinta e nove contos, alguns da tradição popular, muitos imitados de Boccacio e outros autores e que sam, no dizer de Faria e Sousa [3], o primeiro livro de novelas que saiu á luz em Espanha.

---

[1] Sobre este ponto vid. M. Odorico Mendes, *Opusculo acêrca do Palmeirim de Inglaterra*, etc., Lisboa, 1860; D. C. M. de Vasconcellos, *Versuch über den Palmeirim*, Halle, 1883; Inoc., *Dicc. Bibl.*, III, 14, e IX, 349 e F. Pinheiro, *Curso*, etc., pg. 18 e *Resumo*, pg. 99 e sobretudo William Edward Purser, *Palmeirim of England, some remarks on this Romance and on the controverse concerning its authorship*, London, 1904, 1 vol., que prova a prioridade portuguesa do afamado romance, e de que se encontra a súmula dos principais argumentos no *Bol. da Seg. Cl. da Acad. R. das Sc.*, II, Lisboa, 1910, 281-299, num lúcido relatório de Sousa Monteiro.

[2] 1.ª ed. 1595. E mais duas — 1607 e 1787.

[3] *Europa Portuguésa*, III, p. IV, c. 8.º, n.º 67. Os primeiros contos de Trancoso sairam em 1585 com o título *Contos Proveitosos*, em duas partes; já depois da morte do autor, em 1596, é que apareceram em tres partes e com o título que damos no texto. Outras ed. 1633, 1646, 1681, 1710. A ed. mais vulgar, mas ainda assim rara, é de 1772.

94. — Obras poéticas escritas em latim. Já em outro logar (cfr. n.os 49 e 50) mencionamos alguns escritores que composeram todas ou algumas das suas obras na lingoa latina, á semelhança do que na mesma época fizeram os escritores de outras nacionalidades. Clenardo, Vaseu, Damião de Goes, D. Jerónimo Osório, André de Resende, e as poetisas Sigeas e Joana Vaz pertencem a este número. A afinidade entre a lingoa portuguesa e a latina explica muito bem a existência desta ordem de trabalhos, como nos dá egualmente a razão da cultura da lingoa grega em Portugal, que teve o seu apogeu no reinado de D. João III [1]. Estas obras não sam propriamente do domínio da literatura e por isso nos limitamos a registar aquelas individualidades, que na sua maioria viveram no século XVI e escreveram o latim com rara elegância. Andam as suas obras reunidas no *Corpus illustrium poetarum lusitanorum, qui latine scripserunt,* dado á luz pelo Padre António dos Reis e aumentado com a vida dos poétas pelo Padre Manoel Monteiro [2]. Encontram-se nesta obra reunidas as produçõis latinas dos seguíntes poétas:

vol. I: Pedro Sanches, Hermigio Caiado, Manoel da Costa, Diogo Mendes de Vasconcelos, Miguel de Quevedo e Antonio de Quevedo;

vol. II: João de Melo de Sousa;

vol. III: Diogo de Paiva de Andrade [3];

---

[1] Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Memoria do começo, progresso e decadencia de litt. grega em Portugal,* etc., *in-Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa,* VIII, p. 1.ª e sr. dr. A. J. Gonçálvez Guimarãis, *O grego em Portugal,* Coimbra, 1894.

[2] Lisboa, 1745-48, 8 voll.

[3] Filho do cronista Francisco de Andrade e sobrinho do Dr. Diogo de Paiva de Andrade, orador notavel, mencionado no texto como autor do poema *Chauleidos,* sobre o cêrco de Chaul em 1570. Escreveu ainda o *Casamento Perfeito* (1.ª ed., 1630; 2.ª, 1726; 3.ª s. a. [1905]), e o *Exame de Antiguidades.*

vol. IV: Lopo Serrão, Fr. Francisco de Barcelos;

vol. V: Fr. Tomé de Faria, bispo de Targa, e António Figueira Durão;

vol. VI: Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo;

vol. VII: Fr. Francisco de Macedo, Jorge Coelho e Antonio de Gouvêa;

vol. VIII: Editor P.e Antonio dos Reis.

Antes das produçõis poéticas de cada autor, epigramas, sonetos, cartas, etc., ha primeiramente a sua biografia (*Vita*), e a seguir, a transcrição dos elogios que lhe foram dirigidos por outros colegas (*testimonia authorum*). Destaquemos dentre essas produçõis: a intitulada *Chauleïdos* sobre o cêrco de Chaul, muito admirada entre os estranjeiros, a de Fr. Tomé de Faria no vol. V que é a tradução para latim dos *Lusiadas*, e « *que mais parece romance punico que romano* », conforme escreveu D. Francisco Manoel de Melo no *Hospital das Letras*; e no vol. VI, as de Fr. Francisco de S. Agostinho de Macedo, aquele polígrafo afamado que em Veneza, em 1657, defendeu teses que acusam uma erudição verdadeiramente extraordinária [1], autor das tragicomédias *Orpheu* e *Jacob* compostas para a côrte de Luís XIV e nela representadas [2].

TRABALHOS FILOLOGICOS

95. — Gramaticos portuguêses. Devemos assinalar nesta época o aparecimento das primeiras gramáticas portuguêsas. Portugal antecedeu neste género as outras naçõis civilizadas da Europa, pois que Fernão de Oliveira, o autor da *Fabrica das Naos*, publicou a sua *Gramatica*

---

[1] Vid. a sua enumeração em J. S. Ribeiro, *Primeiros traços*, etc., já cit., pg. 24.

[2] Ferdinand Denis, *Resumé*, *ob. cit.*, pg. 220.

da linguagem portuguêsa em 1536 [1], seguindo-se-lhe João de Barros que publicou a sua *Cartinha para aprender a lêr* em 1539 e a sua *Gramatica* em 1540.

Do bispo D. Fr. João Soares é tambêm uma *Cartinha* sobre regras de gramática, tendo aparecido várias outras por estes mesmos tempos. Duvidou-se mesmo da prioridade que sobre D. João Soares teria João de Barros, questão, por ventura insoluvel, versando sobre « tam miudos volumes, tam distantes de nós e que a discuriosidade que lhes sobreveio ainda hoje encrua as esperanças de se acharem ». O que é certo é ter-se publicado a Gramática de Oliveira em 1536 e tres anos depois a de J. de Barros. Antes de 1540 coloca o erudito Cenáculo outra *Cartinha para ensinar a lêr...* [2].

Ora os primeiros esforços para constituir uma gramática francesa datam de Meigret que publicou o *Tretté de la grammère françoèze* em 1550, de Estienne que em 1557 deu á estampa o *Traicté de la gr. françoise* e de Ramus, cuja *Grammère* é do ano de 1562 [3]. Ao lado dos trabalhos que procuravam estabelecer as leis gramaticais portuguêsas pelo seu confronto com as regras latinas, os estudos similares difundem-se. **PERO DE MAGALHÃES DE GANDAVO** publica em 1574 as *Regras de escrever a Orthographia da lingoa portuguesa com um dialogo em defensão da mesma;* **DUARTE NUNES DE LIÃO** em 1576 escreve a *Orthographia da lingua portuguesa* e em 1606 a *Origem da lingua portuguesa* [4]; enfim **JERONIMO CARDOSO** dá-nos em 1570 o seu *Diccionario latino-lusitanico e lusitanico-latino.*

---

[1] Reimpressa no Porto, 1871. *A Inquisição, Damião de Goes e Fernão d'Oliveira julgados por ella — Serões* n.º 14, agosto 1906, já cit.

[2] *Memorias historicas,* II, 65.

[3] Nyrop, *Gr. hist. de la langue française,* 1899, pg. 54.

[4] Num só vol. com o título : *Origem e Orthogr. da lingoa portug...* Lisboa, 1784. Outra ed. : 1866.

96. — Scientistas. Sob esta categoria devemos mencionar alguns escritores, que crearam nome imorredouro pelos seus trabalhos, como PEDRO NUNES (1492-1544), célebre cosmógrafo e geómetra, inventor do *nónio* e cujas obras o colocam na vanguarda dos sábios da sua época [1]; GARCIA DA ORTA, médico e botânico destintissimo que com o muito que estudou na India, onde residiu durante trinta anos, escreveu os *Colloquios dos simplices e drogas*, aínda hoje estimado e devidamente considerado [2], sábio a quem o nosso Epico dedicou a ode que começa

Aquelle unico exemplo
De pobreza heroica e ousadia [3]
....

e que primeiro do que ninguem fez conhecer a cólera-morbo *numa descripção tam viva como exacta* [4].

Mencionemos aínda ANTONIO LUÍS, que na Universidade explicava Aristóteles e Galeno na própria língoa grega e que parece ter entrevisto a lei da *atração universal* ennunciada por Newton [5].

---

[1] Vid. relação dessas obras em Freire de Carvalho, *ob. cit.*, nota (54), pg. 312. Cfr. tambem *Mem. da Acad. real das sc. de Lisboa, A. da Litt.*, VII, 250-83; e os artigos do sr. Rodolpho Guimarães na revista de Coimbra, *Instituto*, 1901, pg. 396; sr. J. Bensaude, *L'Astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*, Berne, 1912 e sr. Prof. Luciano P. da Silva na *Rev. da Univ. de Coimbra*, II (1913) pg. 127 e 246.

[2] Os *Colloquios*... foram trad. para latim, francês, italiano e espanhol. O conde de Ficalho deu em 1891 uma bela ed. (Lisboa, 2 vols.). A 1.ª ed. é de Góa, 1563. Com o título *Garcia da Horta e o seu tempo, Lisboa, 1886*, publicou o mesmo ilustre escritor os seus estudos sobre o grande botânico. Vid. também A. Tomás Pires, *Estudos e notas elvenses*, VIII — *Garcia da Horta*, Elvas, 1905, 1 folh.

[3] Vid. ed. de Juromenha, *Obras*, II, 275.

[4] Apud — *Gazeta medica do Porto*, setembro de 1901, p. 437.

[5] Freire, *ob. cit.*, pg. 116.

Ao lado dêstes autores outros ha que se tornaram notáveis no domínio filosófico, pela exposição das suas próprias teorias, ou pelos comentários das de autores estranhos. Era sobretudo Aristóteles quem reinava nas escolas, foi também esse autôr grego quem exgotou o melhor dos exforços dos filósofos portugueses [1].

Entre todos estes muito se destinguiu o célebre **FRANCISCO SANCHES** (1562-1632), médico e filósofo, que ensinou sobretudo no estranjeiro e que defendeu o sceticismo scientífico na mais conhecida das suas obras, a que pôs o título de *De multum nobili, et prima universali scientia — quod nihil scitur* [2].

---

[1] A evolução das doutrinas filosóficas em Portugal não encontrou ainda o seu historiador. O trabalho do Sr. Dr. Lopes Praça — *Historia da Philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da Philosophia* (Coimbra, 1868) é apenas um esboço e, demais, incompleto. No entretanto é esse o único trabalho de valor, que pode dar-nos uma idéa do grande movimento filosófico português durante o seu curto, mas glorioso reinado.

[2] E. Senchet no seu trabalho *Essai sur la méthode de Francisco de Sanches, prof. de philosophie et de médicine à l'Univ. de Toulouse, Laval, 1904, 1 vol.*, afirma que Sanches não é português, mas espanhol, nascido em Tui. O estudo de Senchet traz o retrato de Sanches.

ANTOLOGIA

SÉCULO XVI

POESIA

I

Soneto.

Busque Amor novas artes, novo engenho
Para matar-me, e novas esquivanças;
Que não póde tirar-me as esperanças,
Pois mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
Vêde que perigosas seguranças!
Pois não temo contrastes nem mudanças,
Andando em bravo mar, perdido o lenho.

Mas com quanto não póde haver desgôsto
Onde esperança falta, lá me esconde
Amor hum mal, que mata e não se vê.

Que dias ha que na alma me tẽe posto
Hum não sei que, que nasce não sei onde;
Vem não sei como; e doe não sei porque.

Camões, *Obras* (ed. Juromenha), II, son. XV.

II

Outro.

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria desta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Algũa cousa a dôr que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deos que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Id., *ibid.*, son. XIX.

III

Outro.

Sete annos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la:
Porém o pai, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

Id. *ibid.*, son. XXIX.

IV

Outro.

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha;
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãas fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece;
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.

Estranho mal! Estranha desventura!
Por um pequeno bem, que desfallece,
Um bem aventurar, que sempre dura!

Id, *ibid.*, son. CLXXX.

V

Voltas.

MOTIVO ALHEO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição :
Que o que em vós é senão,
E' em outras gentileza :
O verde não se despreza,
Que, agora que vós o tendes,
São bellos os olhos verdes.

Ouro e azul é a melhor
Côr, por que a gente se perde ;
Mas a graça d'esse verde
Tira a graça a toda côr.
Fica agora sendo a flor
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

Camões, *Obras*, (Ed. Juromenha), IV, 64.

VI

MOTE

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura ;
Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote :
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura ;
Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr d'encarnado,
Tão linda que o mundo espanta :
Chove nella graça tanta,
Que dá graça á formosura ;
Vai formosa, e não segura.

Id., *ibid.*, 97.

VII

Endechas a Barbara escrava.

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Nem no campo flores,
Nem no Ceo estrellas,
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.
Uma graça viva,
Que nelles lhe mora,
Para ser Senhora
De quem é captiva.
Pretos os cabellos,
Onde o povo vão,
Perde opinião,
Que os louros são bellos.
Pretidão de amor,
Tão doce a figura
Que a neve lhe jura
Que trocára a cor.

Léda mansidão,
Que o siso acompanha :
Bem parece estranha,
Mas barbara não.
Presença serena,
Que a tormenta amansa :
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta é a captiva,
Que me tem captivo ;
E pois nella vivo,
E' força que viva.

Id., *ibid.*, 118.

VIII

Redondilhas.

Sôbolos rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.

Alli lembranças contentes.
Na alma se representaram ;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes,
Como se nunca passaram.
Alli, despois de acordado,
Co'o rosto banhado em agoa,
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado,
Não é gosto, mas é mágoa.

E vi, que todos os damnos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos ;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem,
Quão pouco espaço que dura,
O mal quão depressa vem,
E quão triste estado tem,
Quem se fia da ventura.

Vi aquillo que mais val,
Que então se entende melhor,
Quando mais perdido for :
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento :
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.

Bem são rios estas agoas,
Com que banho este papel :
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou :

Assi, despois qu'assentei,
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos com que cantava.
Aquelle instrumento lédo,
Deixei da vida passada ;
Dizendo : Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredo
A' memoria consagrada.

Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Par'onde estaveis, correndo ;
E as agoas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir ;
Jámais vos não ouvirão
Os tigres que s'amansavam,
E as ovelhas, que pastavam,
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavam.

Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente ;
Nem poreis freio á corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
Nem podereis já trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois não pudestes mover
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
Á fama, que sempre véla,
Frauta de mi tão querida;
Porque mudando-se a vida,
Se mudam os gostos d'ella,
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idáde
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.

Um gosto, que hoje s'alcança,
Ámanhã já o não vejo:
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa,
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Está recitando a morte.

Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Não cuide a gente futura,
Que será obra da idade
O que é força da ventura.
Qu'idade, tempo, e espanto,
De ver quão ligeiro passe,
Nunca em mi puderam tanto,
Que postoque deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.

Mas em tristezas e nojos,
Em gosto, e contentamento,
Por o sol, por neve, por vento,
Tendrè presente a los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos, e frauta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro, que alli 'stava,
Que para tropheo ficava
De quem me tinha vencido.

Mas lembranças da affeição,
Que alli captivo me tinha,
Me perguntaram então,
Qu'era da musica minha,
Que eu cantava em Sião:
Que foi d'aquelle cantar,
Das gentes tão celebrado,
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado.

Canta o caminhante lédo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refrêa o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.

Eu qu'estas cousas senti
N'alma, de mágoas tão cheia,
Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si,
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar,
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.

Que não parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandá-la cante.

Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.

Que se vida tão pequena
S'accrescenta em terra estranha;
E se amor assi o ordena,
Razão é que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna já me cansar,
Não canse para voar
A memoria em Sião.

Terra bemaventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena d'este desterro,
Qu'eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.

E se eu cantar quiser
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
Ás fauces, pois te perdi,
S'em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que m'esqueça de ti.

Mas ó tu, terra de gloria,
S'eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia,
Não me lembras na memoria,
Senão na reminiscencia?
Que a alma é táboa rasa,
Que com a escripta doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vôa da propria casa,
E sobe á patria divina.

Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Ceo,
D'aquella santa Cidade,
D'onde est'alma descendeu.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não é quem se ha de buscar;
E' raio da formosura,
Que só se deve d'amar.

Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do Sol, nem da candeia,
E' sombra d'aquella ideia,
Qu'em Deos está mais perfeita.
E os que cá me captivaram,
São poderosos affeitos
Qu'os corações têem sujeitos;
Sophistas, que me ensinaram
Máos caminhos por direitos.

D'estes o mando tyranno
M'obriga com desatino
A cantar ao som do damno
Cantares d'amor profano,
Por versos d'amor divino.
Mas eu, lustrado co'o santo
Raio na terra de dor,
De confusões, e d'espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?

Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude:
E o qu'eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude;
E faz qu'este natural
Amor, que tanto se préza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.

Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
O' Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada
Para só cantar de ti.
Não captivo e ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá desta a ti levado,
Patria minha natural.

E s'eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E tomando já na mão
A lyra santa, e capaz
D'outra mais alta invenção,
Cale-se esta confusão,
Cante-se a visão de paz.

Ouça-me o Pastor e o Rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no mundo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinodia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião,
A' qual não posso subir,
Se me vós não dais a mão.

No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arraza-los igualmente :
Conheçam que humanos são.

E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho,
Qu'incendem alma e engenho;
Que já m'entraram o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes, que tão furiosos
Gritando vêm a escalar-me,
Máos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;

Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles;
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos d'elles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha Fortaleza
Não puserdes guarnição.

E tu, ó carne, qu'encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda a miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste :

Quem com disciplina crua
Se fere mais que uma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os afogar,
Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes :

Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Emfim cabeça do canto :
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
Áquella Carne divina,
Que na Cruz esteve já.

Quem do vil contentamento
Cá d'este mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil,
Passar logo entendimento
Para o mundo intelligibil;
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.

Alli verá tão profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
O' tu, divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,
Que fará se em ti se achar?

Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo, e tão penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

Camões, *Obras*, (Ed. Juromenha), IV, 1-17.

IX

No cruzeiro da costa da Arabia.

Junto d'hum sêcco, duro, esteril monte,
Inutil e despido, calvo e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vôa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,
Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
He Feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou junto á parte,
Aonde hum braço d'alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O sol, que nella ferve, se lh'esconde;

O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios outro nome lhe tẽe dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a garganta deste braço,
Me trouxe um tempo e teve
Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, áspera e dura
Parte do mundo, quis que a vida breve
Tambem de si deixasse hum breve espaço;
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.

Aqui me achei gastando huns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
De trabalho, de dôr e d'ira cheios:
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as águas frias,
Os ares grossos, férvidos e feios,
Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada e breve gloria,
Qu'eu já no mundo vi, quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza,
Por mostrar-me que havia
No mundo muitas horas d'alegria.

Aqui 'stive eu com estes pensamentos
Gastando tempo e vida; os quaes tão alto
Me subião nas asas, que cahia
(Oh ! vêde se seria leve o salto !)
De sonhados e vãos contentamentos
Em desesperação de vêr hum dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros e em suspiros,
Que rompião os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dôres rodeada e de pezares,
Desamparada e descoberta aos tiros
Da soberba Fortuna;
Soberba, inexoravel e importuna.

Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Hum pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dôr lhe era e causa que padeça,
Mas que pareça não; porque passasse
O que quis o destino nunca manso.
Oh qu'este irado mar gemendo amanso!
Estes ventos, da voz importunados,
Parece que se enfreião:
Sómente o Ceu severo,
As estrellas e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recreião;
Mostrando-se potentes e indignados
Contra hum corpo terreno,
Bicho da terra vil e tão pequeno.

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma'hora
Lembrava a huns claros olhos que já vi;
E s'esta triste voz, rompendo fóra
As orelhas angelicas tocasse
Daquella em cuja vista já vivi;
A qual, tornando hum pouco sôbre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
Dos meus doces errores,
De meus suaves males e furores,
Por ella padecidos e buscados,
E (posto que já tarde) piedosa,
Hum pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse:

Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah Senhora! Ah Senhora! E que tão rica!
Estaes, que cá tão longe d'alegria
Me sustentais com doce fingimento!

Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera morte;
E logo se me juntão esperanças
Com que, a fronte tornada mais serena,
Torno os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.

Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respirão
Da parte donde estais, por vós Senhora;
Ás aves qu'alli voão se vos virão,
Que fazieis, qu'estaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia e que hora
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos com que vença
A fortuna e trabalho,
Só por tornar a vêr-vos,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreo, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.

Assi vivo; e s'alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder; que porque mouro.

Camões, *Obras*, (Ed. Juromenha), II, 206.

X

Morte de D. Leonor

(Canto XVII)

No canto atras passado (se vos lembra)
Vistes o Capitão ouvir mil gritos,
E o coração presago, a dura morte
Da sua Lianor lhe descubria.
Com trabalho se apressa, por achar-se
Presente ao mal, que teme & já vê certo:
E da penosa dor afadigado,
Quasi arrastando vay os lassos membros.
Hum difficil banélito lhe seca
A boca já mortal; & os tristes olhos
Sumidos da fraquesa em vivas fontes
De lagrimas piedosas se convertem.
Chega a donde Lïanor ao passo forte
E termo tão timido estava entregue;
Ve que a turvada vista rodeando,

A elle so demanda, a elle so busca;
E vendo que he chegado, esforça hum pouco
O animo, & procura despedir-se.
Levanta com trabalho os mortaes olhos.
Quer-lhe fallar, a morte a lingua impide.
Firma-os cada vez mais no triste rosto
Daquelle unico amigo, que já deixa:
Trabalha agasalhá-lo, & não podendo
Com dor mortal na terra se reclina.

....

Entregão-se a morrer aquelles olhos
Que mil mortes já tinhão dado a muitos;
Huma mortal angústia lhe rodea
Aquelle alegre e angelico sembrante;
Já de todo lhe foge a cór de rosa
Do rosto tão fermoso; já s'esfria,
Já fica a branca mão sem movimento;
O peito eburneo fica sem sentido.

Qual da Casta Diana a bella image
Se vio per mão de Phidias esculpida,
Que o soberbo edificio ennobrecendo,
Sentio do tempo avaro a fôrça & a ira:
Entre antíguas ruinas jaz a illustre
Admiravel figura despojada;
E ainda que perdeo estado e glória,
Dissenho lhe ficou valor & estima:
Alli mostra hum perfil medido e justo,
Nos membros proporção perfeita & rara,
Mostra fermosos olhos, mostra graça,
Mostra tudo fermoso, mas sem vida.
Tal na deserta Praia fica o corpo
Mais que marmore ou branca neve, branco,
De crespas febras d'ouro soccorrido,
Que com intento casto alli defendem.
Alça-se um alarido até as estrellas,
Das criadas que em torno d'ella estavão;

Ferem com duros punhos rosto & peitos,
Fazendo um triste som, que rompe as nuves.
Dos gritos & lamento outra vez torna
O concavo rochedo huma voz escura,
E correndo por baixo do arvoredo
Miseraveis assentos vay formando:
Quantas vezes o nome amado chamão
Com palavras do chôro interrompidas,
Tantas Eco chorosa lhe responde
Co'a mesma dor, c'o mesmo sentimento.
O varão infelice trespassado
De huma terribil dor já sem remedio,
Tremendo as fracas pernas, não podendo
Soffrer a grave carga & pêso triste
Junto do amado corpo se reclina.
Com sembrante affligido, os tristes olhos

Com intrinseca pena os tinha promptos
Naquella ja defunta fermosura.

Cuida no duro termo a que seus gostos
E a que todos seus bens se reduzirão.
Cuida em contentamentos já passados
Que agora muito mais o entrestecião.
Alli (para mais dor) se lhe apresenta
O vário proceder de seus amores,
O principio alterado, & o successo
Tão próspero, jucundo & tão felice.
Cuida como passou em sombra o tempo
Ligeiro, & tão amigo de mudanças:
E quando imaginava estar mais alto
Vio da mudavel roda a volta dura.
Despois que hum grande espaço está pasmado,
Opprimido de dor o peito enfermo,
Alevanta-se, & vay mudo & choroso
Onde a praia se vê mais opportuna.
Apartando co'as mãos a branca area,
Abre nella huma estreita sepultura,
Torna-se atras, alçando nos cansados
Braços aquelle corpo lasso & frio,
Ajudão as criadas as funestas
Derradeiras exequias com mil gritos.
« Ai duro tempo! (dizem) como apartas
Para sempre de nós tal fermosura! »

Na perpétua morada tenebrosa
A deixão, levantando alto alarido;
Com salgado liquor banhando a terra,
Aquelle último *vale!* todas dizem.
Não fica so Lianor na casa infausta,
Que de um tenro filhinho se acompanha,
Que a luz vital gozou quatro perfeitos
Annos, ficando o quinto interrompido.
Alli co'a morta mãi o filho morto,
Ambos com morto amor em terra jazem.
Ella lhe nega o branco amado peito,
E elle o doce, materno, amado gôsto:
Ambos na solitaria praia ficão
Junto das grossas ondas sepultados,
Deixando ao mundo hum triste, raro exemplo
De perversa, cruel, impia fortuna.
O misero Sepulveda rodea
Os olhos, com effeito de saudade;
Em lagrimas desfaz o bulcão turvo
De que assombrado tinha o triste sprito.
Com voz do triste chôro embaraçada
Palavras diz de lástima & piadosas.
Nos braços toma hum filho que alli tinha
De tenra idade, & vista miseravel!

Por estreita vereda entra no mato
Dos bravos leões e tigres povoado;
A morte vai buscando: elles doídos
De seu mal lh'a darão em breve espaço.

J. Corte-Real, *Naufragio de Sepulveda*, ed. de 1783, pg. 399 e seg.

XI

El-Rei D. Sebastião em Sintra.

....
....
Ve bem no cume uma maravilha,
Que não cuido que fosse igual contada:
So cem passos de terra o moço trilha
Em cima que não fosse alcantilada;
Os quaes occupa um templo que se invoca
A senhora da Pena ou da alta Roca.

Aqui viu claras fontes crystallinas,
Que em duras pedras tinham nascimento,
Edificadas altas officinas
D'um consagrado e pudico convento:
Um peregrino alli de peregrinas
Pedras com jamais visto intendimento
Um retabolo fez, que parecia
De rica e subtil marceneria.

De Pario alabastro marchetava
O Corynthio porphydo enxerindo
O jaspe em luso marmore; que estava
Suspenso o rei, pintar-se presumindo.
Brutescos e cordões dependurava
(Tudo de pedra) que se estará rindo;
Quem não viu ésta obra desusada,
De muitos que a viram celebrada.

Não so no altar sancto se embebia
O moço rei; que está rapto e enlevado
Ouvindo tam suave melodia
Que lhe parece estar beatificado.
Mas como para o mundo emfim pendia,
Sai-se do templo a ver o mar inchado,
Descobrindo d'alli do Olympio monte
Do meio orbe terreno o horisonte.

Tendo sempre presente na memoria
O que lhe o seu esforço promettia,
Dos seus passados á superna glória,
Que n'elle o tempo assim escurecia,
A prolongada empresa, e obrigatoria

A quem a lei de Christo pretendia
Estender até o ultimo terreno
Contra a fôrça do barbaro Agareno.

Mágoa com que ao mar o rosto vira
Por lhe não renovar tristes lembranças!
E caminhando assim triste suspira
(Effeito de compridas esperanças)
Do monte desce emfim onde subira
A ver o que é sugeito de mudanças,
E fonte de perigos não cuidados
So para cubiçosos ordenados.

Ve que as nuvens abaixo errando andavam
Cubrindo os valles que altas serras fendem;
Desce até que per cima lhe ficavam,
Que em fria sombra pelo ár se estendem
Bosques de ferteis plantas se mostravam,
De cujos ramos varios fructos pendem;
Umas e outras sempre florecendo,
Como que sempre fosse amanhecendo.

Ouvindo as rôtas lymphas que cahindo
Por entre lisas pedras murmurando
Parece certo alli que vém sentindo,
O que no peito o moço está traçando:
Onde Flora de Zephyro fugindo
As esquecidas folhas meneando
Do bosque bem parece que dizia
Porque tam cruelmente lhe fugia.

Sendo nectar e ambrósia alli o rocio
Que em matutinas flores lento e grave
Cahindo la do ceo, coalhado e frio
Da astuta abelha era manjar suave:
Debaixo de um castanho alto e sombrio
Se assenta o Luso porque mais o aggrave
Seu mal ouvindo ao som de claras aguas
Passarinhos cantarem ternas mágoas.

Alli pois divertindo o vagamundo
Pensamento, mil cousas considera
Por applacar o peito furibundo,
Que com nenhum repouso se modera:
Alli ve que o que foi senhor do mundo
Que mais, depois de se-lo, não quisera
Que lograr o repouso desejado
Em doce companhia congregado.

Mas nada o satisfaz, porque faltando
Ao apetite aquillo que deseja,
(O peior muitas vezes desejando)
Nada o queira emfim, por mais que veja;
E assim todo o repouso desprezando

Abraça uma interna e van peleja:
D'onde turbado e triste se levanta
Depois que de confuso se quebranta.

Por entre os lisos troncos corvados
O passo move onde escritas crescem
Várias tenções de peitos namorados,
Que em perpetua memoria permanecem:
Estão do tempo alli dos reis passados,
Que os cortezãos d'agora já aborrecem
A pureza d'amor, porque chorando
Não andem as pobres arvores riscando.

Cintra se chama ésta deleitosa
Parte, onde repouso o moço engeita.

L. P. Brandão, *Elegiada*.

XII

A habitação dos ventos.

....

... n'hua profunda cova escura,
Os inquietos ventos encerrados,
Jupiter pôs, e com bem forte e dura
Prisão a todos tẽe presos, e atados:
E para que inda possa mais segura
Mente alli seus furores ser domados,
Lhe pôs tambem um grande monte em cima,
E hum Rey lhes deu q̃ os mande e q̃ os reprima.

Elles com grão ruido e estrondo horrendo
Sempre em torno da porta estão bramando,
Eolo, a quem o padre alto, e tremendo
Deu sobr'elles o sceptro, deu o mando,
Os está d'hũa torre alta regendo,
Seus impetos, e furias temperando,
E de tal sorte o temem, e venerão,
Que por elle s'enfreião, ou se alterão.

....

Logo do real sceptro a ponta vólta
Ao cavo monte, que em si os ventos cerra,
Empucha-o para hum lado, e a prisão sólta,
Áquelles com que faz a sua guerra:
Sahe a turba feroz, com grãa revolta,
Subverter desejando o mar, e a terra,
Mas vendo do seu Rei a veneranda
Presença, párão, vendo o que elle manda.

Elle lhes manda então que ao companheiro
Zefiro dêem favor no que pretende,
Já Zefiro d'alli parte ligeiro,
E ajudado do amor que dentro o acende,
Em breve tempo chega onde o primeiro
Raio da luz dourado Apollo estende,
Contente assaz de vêr-se já tão perto
Do seu bem, que ser seu ja, têe por certo.

Os furiosos ventos, que seguirão
O companheiro sempre que os guiava,
Tanto que da prisão soltos se virão
Mostrão a sua antiga furia brava :
Os mansos mares tanto que sentirão
Aquella furia, que antes presa estava,
De tal sorte se vão embravecendo,
Qu'até ás nuvens perece ir-se erguendo.

As grossas altas ondas escumosas,
Dos furiosos ventos constrangidas,
Vão quebrar seu furor nas alterosas
Rochas, ou lá nas praias estendidas :
Retumbão as montanhas cavernosas,
Vêem-se do mar as nuvens combatidas,
Qu'a força com que encontra a rocha dura
Lhe faz com que então suba a tanta altura.

O claro ar e sereno s'escurece,
Qu'a grossa e negra nuvem lhe succede,
O resplendor do Sol desapparece,
Qu'esta nuvem tambem mesma lh'o impede :
No mar ao meio dia hoje anoitece,
Horrisonos trovões de si despede
O Ceo, e apoz estrondos espantosos
Sólta de si mil raios luminosos.

Chegão entretanto Euto, Africo e Noto
Onde os navios vão, que os lá levárão,
E co'o seu costumado terremoto,
Em tudo grão temor então causárão,
Eis já com alta·voz grita o Piloto,
Os marinheiros não se descuidárão,
Saltão de cá e de lá com grande pressa,
Hum á corda, outro ao remo se arremessa.

Mas por mais que ande esperto e diligente,
De se poder salvar ja desconfia,
Porque cada momento mais presente,
Crescendo a tempestade, a morte via,
Zefiro receioso e descontente
Do perigo em que vê por quem morria,
Roga aos ventos, que em si queirão pôr freio.
Nem lhe dêem tanto bem com tal receio.

Porém elles, que mal então podião
Refrear o que têe por natureza,
Cada momento mais então crescião,
Em impeto, furor, ira e braveza:
Ora por entre as ondas descobrião
Dos mares a areosa profundeza,
Ora fazem que o mar tão alto saia
Que lá nas nuvens quer fazer a praia.

Nas náos attribuladas isto espalha
Grande espanto, temor, desconfiança,
Mas a gente que nellas se agasalha
Faz, quanto de viver lhe dá esperança:
Com revezada força se trabalha
Na longa bomba, e o mar ao mar se lança,
Ora se encolhe a escota, ora se sólta,
Cresce a voltas do medo, a grãa revólta.

F. de Andrade, *Primeiro Cerco de Diu*, ed. 1852, canto IV, est. IX-XVI.

XIII

Romance.

Pensando-vos estou, filha;
vossa mãe m' está lembrando;
enchen-se-me os olhos d'agua,
nella vos estou lavando.

Nascestes, filha, antre magua;
pera bem inda vos seja!
pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento,
nenhuma alegria ouvistes;
vossa mãe era finada,
nós outros eramos tristes.

Nada em dor, em dor creada,
não sei onde isto ha de ir ter;
vejo-vos, filha fermosa
com olhos verdes crecer.

Não era esta graça vossa
pera nacer em desterro.
Mal haja a desaventura
que poz mais nisto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura
vossa mãe, e magua a nós;
não ereis vós, filha, não,
pera morrerem por vós.

Não ouvem fados rezão,
nem se consentem rogar;
de vosso pae hei mór dó,
que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só,
primeiro que outrem ninguem;
não foreis vós, se eu não fôra;
não sei se fiz mal, se bem.

Mas não póde ser, senhora,
pera mal nenhum nascerdes,
com esse riso gracioso
que tendes sob olhos verdes.

Conforto, mas duvidoso,
me é este que tomo assi;
Deus vos dê melhor ventura
do que tiveste té 'qui.

A Dita, e a Fermosura,
dizem patranhas antigas,
que pelejaram um dia,
sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão que é phantesia;
eu, que vi tempos e annos,
nenhuma cousa duvido
como ella é azo de damnos.

Mas nenhum mal não é crido;
o bem só é esperado:
e na crença, e na esperança,
em ambas ha 'hi cuidado,
em ambas ha 'hi mudança.

Bernardim Ribeiro, ed. Pessanha, 173-176.

XIV

Outro romance.

Ao longo de uma ribeira,
Que vai polo pé da serra,
Onde me a mim fez a guerra
Muito tempo o grande amor,
Me levou a minha dôr;
Já era tarde do dia,
E a agoa della corria
Por antre um alto arvoredo,
Onde ás vezes ia quedo
O rio, e ás vezes não.
Entrada era do verão,
Quando começam as aves,
Com seus cantares suaves
Fazer tudo gracioso;
Ao rugido saudoso
Das agoas cantavam ellas,
Todalas minhas queréllas
Se me pozeram diante;
Alli morrer quizera ante,
Que vêr por onde passei;
Mas eu que digo? passei!
Antes inda hei de passar
Em quanto hi houver pezar,
Que sempre o hi ha de haver.
As agoas, que do correr
Não cessavam um momento,
Me trouxeram ao pensamento,
Que assim eram minhas magoas;
Donde sempre correm agoas
Por estes olhos mesquinhos,
Que tem abertos caminhos,
Polo meio do meu rosto:
E já não tenho outro gosto
Na grande desdita minha,
O que eu cuidava que tinha
Foi-se-me assim não sei como;
Donde eu certa crença tomo,
Que pera me leixar veio.
Mas tendo-me assim alheio,
De mim o que alli cuidava;
Da banda donde a agoa estava,
Vi um homem todo cãa
Que lhe dava polo chã,
A barba e o cabello:
Ficando eu pasmado dello,
Olhando elle pera mim,
Fallou-me, e disse-me assim:
Tão bem vai esta agoa ao Tejo.
Nisto olhei, vi meu desejo
Estar de traz triste só,
Todo cuberto de dó
Chorando, sem dizer nada,
A cara em sangue levada,
Na boca posta uma mão,
Como que a grande paixão
Sua falla lhe tolhia.
E o velho que tudo via,
Vendo-me tambem chorar,
Começou assim fallar:
Eu mesmo sou teu cuidado,
Que n'outra terra criado,
Nesta primeiro nasci:
E est'outro me está aqui
E' o teu desejo triste,
Que má hora o tu viste,
Pois nunca te esquecerá;
A terra, e már passará
Transpassando a magoa a ti.
Quando lhe eu aquisto ouvi,
Soltei suspiros ao choro,
Alli claramente o foro
Meus olhos tristes passaram;
De um bem só qu'elles olharam.
Que outro nunca mais tiveram,
Nem o tive; nem mo deram;
Nem o esperei somente;
De só ver fui tão contente;
Que pera mais esperar
Nunca me deram lugar.
E naquisto triste estando,
Com os olhos tristes olhando
Daquellas bandas dálem,
Olhei, e não vi ninguem.
Dei então a caminhar
Rio abaixo até chegar
Acerca de Monte mór,

Com meus malles derredor,
Da banda do meio dia
Alli minha fantesia
Dantre uns medrosos penedos,
Ond'aves que fazem medos
De noite os dias vão ter,
Me sahiu a receber
Com uma mulher polo braço,
Que, ao parecer, de cansaço
Não podia ter-se em si,
Dizendo: Vês, triste, aqui
A triste lembrança tua,
Minha vista então na sua
Puz; della todo me enchi,
A primeira cousa que vi,
E a derradeira tambem,
Que no mundo vão, e vem:
Seus olhos verdes rasgados,
De lagrimas carregados
Logo em vendo os pareciam,
Que de lagrimas enchiam
Contino as suas faces,
Que eram gram tempo pazes
Antre mim, e meus cuidados;
Louros cabellos ondados,
Que um negro manto cobria,
Na tristeza parecia
Que lhe convinha morrer.
Os seus olhos de me ver
Como furtados, tirou;
Depois em cheio me olhou;
Seus alvos peitos rasgando,
Em voz alta se aqueixando,
Disse assim mui só sentida;
Pois que mór dôr na vida,
Pera que houve ahi morrer?
Calou-se sem mais dizer,
E de mim gemidos dando,
Fui-me pera ella chorando
Pera a haver de consolar.
Nisto poz-se o Sol ao ár,
E fez-se noite escura,
E disse mal á ventura,
E á vida, que não morri.
E muito longe d'alli
Ouvi de um alto outeiro
Chamar Bernardim Ribeiro,
E dizer: Olha onde estás.
Olhei diante, e detrás,
E vi tudo escuridão,
Cerrei meus olhos então,
E nunca mais os abri,
Que depois que os perdi
Nunca vi tão grande bem,
Porem inda mal porem.

Bernardim Ribeiro, *Obras*, ed. 1852, 351-356.

XV

Egloga II.

Interlocutores — Jano, e Franco

Dizem que hazia um pastor
Antre Tejo, e Odiana,
Que era perdido de amor
Por uma moça Joana:
Joana patas guardava
Pola ribeira do Tejo;
Seu pai acerca morava,
E o pastor, de Alentejo
Era, e Jano se chamava.

Quando as fomes grandes foram,
Que Alentejo foi perdido,
Da aldea que chamam Torrão
Foi este pastor fogido:
Levava um pouco de gado,
Que lhe ficou de outro mundo
Que lhe morreo de cansado;
Que Alentejo era enxuto
D'agoa, e muí seco de prado.

Toda a terra foi perdida:
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida;
Vêr Alentejo era um dó;
E Jano pera salvar
O gado que lhe ficou,
Foi esta terra buscar;
E se um cuidado levou,
Outro foi elle lá achar.

O dia que alli chegou
Com seu gado, e com seu fato,
Com tudo se agasalhou
Em uma bicada de um mato,
E levando-o a pascer,
O outro dia, á ribeira;
Joana acertou de hi vêr,
Que se andava pola ribeira
Do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia;
Um pouco afrontada andava;
Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem na olhava.
Jano em vendo-a foi pasmado;
Mas por vêr que ella fazia,
Escondeo-se entre um prado.
Joana flores colhia,
Jano colhia cuidado.

Depois que ella teve as flores
Já colhidas, e escolhidas
As desvairadas cores
Com rosas entremetidas,
Fez dellas uma capella,
E soltou os seus cabellos
Que eram tão longos como ella,
E de cada um a Jano em vellos
Lhe nacia uma querella.

E em quanto aquesto fazia
Joana, o seu gado andava
Por dentro da agoa fria
Todo apos quem o guiava.
Um pato grande era guia,
E todo junto em carreira,
Hora rio acima ia,
Hora na mesma maneira,
O rio abaixo decia.

Joana como assentou
A capella, foi com a mão
A' cabeça, e atentou
Se estava em boa feição:
Não ficando satisfeita
Do que da mão presumia,
Partio-se dalli direita
Pera onde o rio fazia
D'agoa uma mança colheita.

Chegando á beira do rio
As patas logo vieram
Todas uma, e uma, em fio,
Que toda a agoa movêram:
De quando ella já folgou
Com aquestes gasalhados
Tanto entonces lhe pesou,
E com pedras, e com brados
D'alli longe as enxotou.

Depois que ellas foram idas
E que a agoa assossegou,
Joana as abas erguidas
Entrar pol'agoa ordenou;
E assentando-se, então
As çapatas descalçou,
E pondo-as sobre o chão
Por dentro d'agoa entrou,
E a Jano polo coração.

Em quanto com passos quédos
Joana pola agoa ia,
Antre uns desejos e medos
Jano, onde estava, ardia;
Não sabia se falasse,
Se sahisse, se estivesse,
Que o amor mandava que ousasse,
E porque a não perdesse
Fazia que arreceasse.

Dizem que naquesto meio
Se esteve Joana olhando,
E descobrindo o seu seio,
Olhou-se, e disse, um ai dando:
Eu guardo patas, coitada,
Não sei onde isto ha d'ir ter,
Mais era eu pera guardada,
Que concerto foi este ser
Fermosa e mal empregada!

Em aquisto Jano ouvindo,
Não se pôde em si sofrer,
Que d'antre as ervas sahindo
Se não lançasse a correr:
Joana, quando sentiu
Os estrompidos de Jano,
E que se virou, e o viu,
Temor do presente damno
Lhe deu pés com que fugiu.

Mui perto estava o casal
Onde vivia o pai della,
Que fez ir mais longe o mal,
Que Jano teve de vêl-a:

Mas o medo que causou,
Joana partir-se assi,
Tanto as mãos lhe embaraçou,
Que a çapata esquerda, alli,
Com a pressa lhe ficou.

Jano quando viu, e olhou
Que nenhum remedio havia
Pera o logar se tornou
Aonde ella n'agoa se via;
E vendo a çapata estar
No areal, á beira d'agoa,
Foi correndo a abraçar.
Tomando-a, cresceu-lhe a magoa
E começou de chorar.

Toda, a çapatar os peitos,
Em lagrimas se banharam.
Muitos foram os respeitos
Que tanto choro causaram.
Encostado ao seu cajado,
A çapata na outra mão,
Depois de um longo cuidado,
De dentro do coração
Começou falar, cansado:

JANO

Despojo da mais fermosa
Cousa, que viram meus olhos.
Pera elles sois uma rosa,
E pera o coração abrolhos:
Çapata, deixada aqui,
Pera mal de outro mór mal,
Quem te leixou, leva a mi;
Que troca tão desigual
Mas pois assim é, seja assi.

Agora hei vinte e um annos,
E nunca inda té agora
Me acorda de sentir damnos,
Os deste meu gado em fora;
Hoje, por caso estranho,
Não sei em que hora aqui vim,
Cobrei cuidado camanho,
Que aos outros todos póz fim;
Eu mesmo a mim mesmo estranho.

Antes que este mal viesse,
Que me tantos vai mostrando,
Que alguns cuidados tivesse
Não me matavam cuidando:
Agora por meus peccados,
E segundo em mim vou vendo,
Não podem ser outros fados;
Meus cuidados não entendo,
Morro-me assim de cuidados.

Dentro de meu pensamento
Ha tanta contrariedade,
Que sento contra o que sento
Vontade, e contra vontade;
Estou em tanto desvairo,
Que não me entendo comigo.
Donde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo,
E muito mór o contrairo.

Quem me trouxe a esta terra
Alheia, onde guardada
Me estava camanha guérra,
E a esperança levada?
Comigo me estou espantado
Como em tão pouco me dei,
Mas cuidando n'isto estando
Os olhos com que outrem olhei
De mim se estavam vingando.

E por meu mal ser mór inda
De mim tenho o agravo mór,
Que da minha magoa infinda
Eu fui parte, e causador;
Que se me não levantara
D'antre as ervas onde estava,
Mais dos meus olhos gosara,
E já que assim se ordenava
Isto ao menos me ficara.

Desastres, cuidava eu já
Quando eu ontem aqui cheguei,
Que a vós, e á ventura má,
Ambos acabava; e errei:
Triste que me parecia,
Que o meu gado remediado
Comigo bem me haveria,
E estava-me ordenado
Est'outro mal que inda havia.

O mal, não vos sabe a vós
Quem me vós a mim causou,

Tristes dos meus olhos sós,
Que trouxeram, aonde estou,
Olhos a certo lugar.
Ribeira, mór das ribeiras
Que levam as agoas ao mar,

Vós me sereis verdadeiras
Testimunhas de pezar.

....
....

Bernardim Ribeiro, *Obras*, ed. 1852, 280-287.

XVI

Egloga Crisfal

AUTOR

Antre Sintra, a mui prezada,
e serra de Riba-Tejo
que Arrábida he chamada,
perto d'onde o rio Tejo
se mette nagoa salgada,
ouve hum pastor e pastora,
que com tanto amor se amárão,
como males lhe causárão
d'este bem, que nunca fôra,
pois foi o que não cuidárão.

A ella chamavão Maria,
e ao pastor Crisfal,
ao qual de dia em dia
o bem se tornou em mal,
que elle tão mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentião,
que o dia, que não se vião,
se via na saudade
o que ambos se querião.

Algũas horas falavão
andando o gado pacendo,
e então apacentavão
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavão.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidado
de guardar milhor, que o gado,
o que lhe Crisfal dezia;
mas em fim foi mal guardado.

Que depois de assi viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
em fim se ouve de saber
por Joana, outra pastora,
que a Crisfal queria bem.

— Mas o bem, que a tal vem,
não ser bem maior bem fôra,
por não ser mal a ninguem. —

A qual logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.
Crisfal não era então
dos bẽes do mundo abastado
tanto como do cuidado,
que por curar da paixão
não curava do seu gado.

E como em a baixeza
do sangue e pensamento
he certa esta certeza
cuidar que o merecimento
está só em ter riqueza,
enquerirão que teria
e do amor não curárão,
em que bem se descontárão
riquezas que falecião
por males que sobejarão.

Então descontentes d'isto
levárão-na a longes terras,
escondêrão-na antre serras
onde o sol não era visto,
e a Crisfal deixarão guerras.
Além da dor principal,
pera mor pena lhe dar
puserão-no em lugar
mao pera dizer seu mal,
mas bõo pera o chorar.

....
....

FALLA CRISFAL

Companheiras do meu mal,
agoas que d'alto correis,
onde caís desigual,
parece que me dizeis :
Porque não choras, Crisfal?
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noute sonhei,
com o qual tal dor tomei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

Despois de ontem deixar
de vos contar os meus males
fui-me cá baixo deitar
no mais baixo d'estes valles
antre pesar e pesar.
Onde despois que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastadas muitas rezões,
mudei os meus pensamentos
em minhas contemplações.

Contente de descontente,
a noute sendo calada,
como he certo em quem sente,
não ficou cousa passada
que me não fosse presente.
Vindo-me á memoria dar,
quando andava com o gado
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir dessejar
de mim pouco dessejado.

E crendo que aproveitasse
pera meu contentamento
se eu com ella sonhasse,
deu-me lugar meu tormento
que algum pouco repousasse.
E como cansado estava
do que no dia passei,
a dormir pouco tardei,
e adormecido sonhava
o que vos ora direi.

Sonho

Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo estava
alli velando estar,
quando da parte do mar
grão vento se alevantava;
o qual com tal sobresalto
chegava onde eu jazia,
que da terra me erguia
em tanto estremo alto,
que a vista me fallecia.

Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos á terra;
vi craro dia, não al,
e os valles e a serra
tudo julguei por igual;
mas, como aborrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já dessejasse,
temor tão pouco temido
não creio eu que se achasse.

Depois de me ser mostrado
este perigo de morte,
á terra mais abaixado
contra a parte do norte
sonhava que era levado.
Antre o Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
donde poderei contar,
se o que notei nom me engana,
cousas bem pera notar.

Porque vi muitos pastores
andar guardando seus gados,
vestidos d'alegres cores,
bem fóra dos meus cuidados,
mas não dos de seus amores,
não querendo mais averes,
nem querendo mais riqueza,
por que amor tudo despreza;
mas todos os seus prazeres
forão pera mim tristeza.

Em hum valle descontente
estar Natonio vi,
d'estes assaz diferente,
que casi o não conheci
sendo bem meu conhecente,
— aqueste he o pastor
que já veio aqui buscar-me
nom mais que por consolar-me, —
e vi-o com tanta dor,
que dor me dá o lembrar-me.

Chorando lagrimas mil
estava comsigo só.
ao modo pastoril
de dó bem pera aver dó
tinto o ábito vil.

Em hũa frauta tangendo
ao pé de hu'arvore estava;
desque da boca a tirava,
de dentro d'alma gemendo
em vez de cantar chorava.

Quisera-o eu consolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar,
que ouvir-lhe que dezia
« O' Guiomar, Guiomar,
em vós pus minha esperança;
e quanto ella encobre
agora em dor se descobre;
perigos de confiança
fizerão do rico pobre ».

Assi, por elle passando,
« Natonio tenhas prazer »
lhe dixe grão brado dando,
té o da vista perder
os olhos nelle deixando.
Deos lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na tristura;
em que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

D'aqui fomos descorrendo
até o Tejo passar,
a agoa de quem eu vendo
me foi dor sobre dor dar
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança d'ella.
virada foi minha face
pera onde o gado pace
da grande serra da Estrella
da qual o Zezare nace.

Posto no seu alto cume
deixarom-me alli estar,
e meu coração presume
que foi por me magoar,
como tinhão por costume.
D'alli os pães semeados
ver a meus olhos deixarom,
que por não grados julgarom,
mas, posto que forão grados,
eu sei que não me agradarom.

Já o sol se encobria
a este tempo e mais
ficando a terra sombria,
e o gado aos currais
já então se recolhia.

Ouvi cães longe ladrar
e os chocalhos do gado
com hum tõo tão concertado,
que me fizerom lembrar
de quanto tinha passado.

Por mais minhas queixas vãas
vi berrar o gado moucho
cuberto de finas lãas
e assoviar o moucho
com o triste cantar das rãas
Já as serranas ao abrigo
se ião, os prados deixando,
as mais d'ellas sospirando;
hũa dezia « Ai, Rodrigo! »,
outra dezia « Ai, Fernando! »

Hũa ciumes temia
outra de si tem receo;
hũa ouvi que dezia
« Quão asinha a noute veo! »
outra « Já tarda o dia ».
E por este esperimento
foi amor de mim julgado
por nom menos occupado
do que he o pensamento,
que nunca está descansado.

Antre estas, só, saudosa
vi antre duas ribeiras
hũa serrana queixosa
cercando hũas cordeiras,
— sendo cordeira fermosa —
como alli tem por uso
em hũa roca fiando;
mas, como que ia cuidando,
cahia-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.

Tendo parecer devino,
pera que milhor lhe quadre,
cantar cantou d'elle dino:
« Yo me yua, la mi madre,
a sancta Maria del pino »
O vestido lhe oulhei,
e vi que era hum brial
de seda e não de saial,
a qual eu afigurei
a Menga, la del boscal.

Depois d'acabar seu canto
dezia: « Ninguem me crea
por me ver alegre tanto;
visto-me á vontade alhea,
e o meu cantar he pranto;

anda a dor dessimulada,
mas ella dará seu fruito;
a minha alma traz o luito;
de pouco são esposada,
mas descontente de muito.

Troquei amor por riqueza
porque mo trocar fizerom;
mas bem pago esta crueza,
que, em que cem contos me derom,
descontárão-se em tristeza:
meu esposo aborreço,
quando me a lembrança vem
do primeiro querer bem
ninguem venda amor por preço,
pois elle preço não tem.

Não tenho que lhe falar,
se não são cousas passadas;
se lhe estas quero contar,
vão ser todas namoradas
pera o pouco namorar.
Fôra elle o meu amor,
e vivêra eu pobremente!
Que grande engano de gente!
Que pobreza ha i maior
que a vida descontente!

Quando com elle me assento
mil vezes cáio em mingoa,
porque, por esquecimento,
falando descobre a lingoa
o que está no pensamento.
Faz-nos isto então ficar,
eu muda, elle mudado;
ama-me como he amado;
pera me d'isto guardar,
por bem ei o guardar gado.

Maria perdi, mesquinha;
logo, em sermos apartadas,
do meu mal fui adevinha.
Milhor sejão suas fadas
do que foi a fada minha.
Deos a dê ao seu Crisfal
por ambos contentes ser;
e mais não lhe quero ver,
mas já sei pello meu mal
o bem d'outrem escolher.»

Quando a eu assi ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Elena,
minha amiga, conheci.

Esta pastora e dama
certo qne milhor lhe ia,
quando a cantar ouvia
dando fé que em sua cama
o velho não dormiria.

Pena me deu de não crer
vel-la em tal tristeza posta;
quisera-lhe eu responder,
mas trespôs hũa tresposta,
pelo qual não pode ser.
Depois de ver-me sem vel-la
os meus olhos me chorárão;
quantas cousas lhe lembrárão
que antre mi, Maria, e ella
em outros tempos passárão!

Desque aqui com meu cuidado
me estive fazendo guerra,
sendo o dia já passado
vi-me levado da terra
contra as nuvês alçado.
Então, como ave voante,
de quem me alli trouxera
sonhei que levado era
contra onde a tarde ante
o sol vi que se posera.

Indo nam com menos dor,
em que já com mais sossego,
os ventos me forão por
depois de passar Mondego
sobre as serras de Lor.
Vão ali grandes montanhas
de alguns valles abertas,
todas de soutos cubertas,
aos naturais estranhas
mas á saudade certas.

Junto de hũa fonte era
o lugar onde fui posto,
onde se-lo não quisera,
sendo bem lugar de gosto
pera quem gosto tivera;
mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me não fez contente,
que nisto o magoado
he como o muito doente.

Cuberta era a fonte
de tão fresco arvoredo,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte;

a noite de ventos muda,
como saudade escolha,
e, porque mais prazer colha,
chovia agoa meuda
por cima da verde folha.

Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
sonhava que acordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo só por verdadeiro,
ao pé de hum castanheiro
me pus triste assentado
ouvindo o tõo de hum ribeiro.

Meus olhos e eu passámos
alli a noute em clamores
até que ao tempo chegámos
a que nós outros pastores
o dilúculo chamamos.
Naqueste tempo corrompe
a ave que chamão real
o silencio de seu mal,
que he quando a alva rompe
e ó dia faz sinal.

Então porque tudo fale
contando as mais paixões,
que rezão he que não cale,
ouvi gritar huns pavões
lá no mais baixo do valle;
tras isto, pouco tardando,
hum doce cantar ouvia,
que na minha alma cahia,
o qual eu bem escutando
entendi que assi dezia.

Cantiga

Não sei pera que vos quero,
— pois me d'olhos não servis, —
olhos, a quem eu tanto quis!

Voltas

Pera ver me fostes dados;
vós só a chorar vos déstes,
e, se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós m'os fizestes;
desque nelles me pusestes,
do descanso me fogis,
olhos, a quem eu tanto quis!

Meus olhos, por muitas vias
usais comigo cruezas;
tomais as minhas tristezas
pera vossas alegrias;
entrão noites, entrão dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos, a quem eu tanto quis!

Quando vós primeiro vistes,
que não me era bõo sabieis;
mas, por gozar do que vieis,
em meu dano consentistes;
o que então me encobristes
agora m'o descobris,
olhos, a quem eu tanto quis!

Ando-vos a vós buscando
cousas que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
tristezas me andais tornando;
agora vou-vos cantando,
vós a mim chorando me is,
olhos, a quem eu tanto quis!

Fim

Quem o que digo cantava,
desque o cantado teve,
não sei o que o causava,
mas espaço se deteve,
assi como que cuidava;
depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou
e este cantar começou,
o qual devia de ser
aquillo em que cuidou.

Cantiga

Como dormirão meus olhos!
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.

Voltas

Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a pude dormir,
de ser muito acordada;
dos meus olhos foi velada;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?

As horas d'ella cuidei
dormi-las; forão veladas;
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noutes passadas
neste pensamento vão,
pois que vela o coração.

Passaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós sereis desamados.
Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão,
pois que vela o coração.

Fim

Como a cantiga mostrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava;
porque, de quem ser podia,
então sospeita me deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria
ou a do dessejo meu.

Com hum temeroso prazer
que soe ter quem desseja,
dessejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.
Neste dessejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deos ser ella pedindo,
vi-a vir o vale acima
em seu cantar prosiguindo.

Muito a vi eu mudada,
mas com tudo conheci
ser a minha dessejada
a quem, assi vendo, vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar penoso
e passadas esquecidas
ao tõo d'elle medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

Hũa coisa não lavrada,
antes sem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
hũa talhinha pedrada
ou hum pedrado atanor.
Quisera-a ir receber
vendo-a ante mim presente,
mas não pude de contente,
que indo pera me erguer,
de prazer me achei doente.

Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava
e vi que aquella hora
comigo emparelhava;
dando huns mui doces brados
saidos do coração,
á cantiga vinha então
« Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão ».

Ao que eu responder
me lembra: « São agravados?
Podem logo os meus dizer
que são bemaventurados,
pois que vos poderão ver ».
Como ella em me ouvir
grão sobresalto sentisse,
quis fogir; mas quem lhe disse
que se posesse em fogir,
lhe fez com que não fogisse.

Nas molheres o temor
tanto o poder empede,
quanto o medo maior for,
e contra donde procede,
os olhos costumão pôr.
Ella, fazendo assim,
vendo-me ficou mudada;
depois, já em si tornada,
se chegou mais pera mim
a ser bem certificada.

Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lagrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, sem nada dizer.
Eu lhe disse: « Meu desejo »
— vendo-a tal com assaz dor —
« dessejo do meu amor,
crerei eu ao que vejo
ou crerei ao meu temor? »

A isto, bem sem prazer,
me tornou então assim

com voz de pouco poder:
« Crisfal, que ves tu em mim,
que não seja pera crer?
Eu lhe respondi: « Perder-vos
de vos ver por tanto anno
faz-me assim temer meu dano,
que vejo meus olhos ver-vos
e temo que me engano ».

« Pois crê certo que esta são »
— deu a isto por resposta,
ainda que alegre não —
« e quem em tal dor he posta,
o que d'ella não crerão!
Bem he de crer o meu choro
a que tu causa me déste:
não t'espante o que fizeste,
que quem me pôs neste foro
tu es o que me poseste.

Por ti vim eu desterrada
a estas estranhas terras
de onde eu fui criada,
e por ti antre estas serras
em vida são sepultada,
onde a se me perderem
a frol dos annos se vão;
ora julga se he rezão
das minhas lagrimas serem
menos d'aquestas que são ».

Despois que isto falou,
como quem em si respeita,
as mãos ambas ajuntou
e postas na face direita
dizer assi começou:
« Sobre o muito que perdi,
nenhũa cousa duvido
em ter o saber perdido,
pois tão mal me defendi
do que me era defendido ».

Eu lhe perguntei a-hora
mui triste de assi a ver:
« Quem teve tanto poder,
que tenha poder, senhora,
de nada vos defender?
Respondeo por antre dentes,
como fala quem se peja:
« Dir-t'o-ei, em que erro seja:
defendem-me meus parentes
que te não fale nem veja.

E, Crisfal, he-me forçado
fazer a vontade sua,
porque lh'o tenho jurado
e tambem porque da tua
o certo me tem mostrado;
que me dão certa certeza
porque fazem conhecer-me,
o que eu ei por grão crueza,
o amor que mostras ter-me
ser só por minha riqueza ».

Ouvir-lhe eu isto me era
passar o trago mortal,
que não ha cousa tão fera
como he achar-se o mal
onde o bem achar-se espera.
Vendo já que estava posta
em o que eu não esperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar esta resposta
que me lembra que lhe dei.

« O' Maria, ó Maria,
brando achára meu mal,
se, pera minha alegria,
vos vira a vontade tal
como me ella ser devia
Mas não he nova usança,
quem grande bem esperou
não ver o que dessejou.
Muito pode a mudança,
pois que vos tanto mudou!

Quem poderia sospeitar
que no amor e na fé
me avieis de faltar!
Mas pois isto assi he,
tudo he pera cuidar.
Pois, por mais mal que se guarde,
sempre será meu amor
como a sombra, emquanto eu for:
quanto vai sendo mais tarde,
tanto vai sendo maior.

Quando vos dei a vontade,
inda vós ereis menina
e eu de pouca idade;
mas cahio minha mofina
sobre a minha verdade.
Muito vos quis bem primeiro
que de riquezas soubesse;
pois meu amor verdadeiro,
de quem só sois interesse,
quem me faz interesseiro.

Sobre a terra anda o gado,
e sobre ella ouro e riqueza;

mas pera que he dessejado?
que em fim não tira tristeza
e acrescenta cuidado.
Não sei em que se encerra
ser esquecida e estranha
esta verdade tamanha,
cá fica o aver na terra,
o amor a alma acompanha.

Nuus neste mundo nacemos
e nuus sairemos d'elle;
neste meio que vivemos
só o rico he aquelle
que ser contente sabemos.
E que grandes bẽes vos dessem
aquelles que vo-los derão,
eu sei bem que nuus necerão,
e antes que os tivessem
he certo que não tiverão.

Pois se isto he assi
e o eu tambem conheço,
como se crerá de mim
que soffrer o que padeço
pode ser a este fim?
Cuidar que cuidado tinha
das vossas riquezas grossas!
Nas cousas passadas nossas
vereis ser riqueza minha
vós, que não riquezas vossas.

Mas que fosse assi e mais,
que remedio vos dão,
com quem conselho tomais,
á grande obrigação
em que a Deos me estais?
que não são casos pequenos
pera que a alma não doa».
Respondeo: «Essa he boa!
Dizem que isso he o menos,
que Deos que tudo perdoa.

E dizem que eu moça era
ao tempo que isso foi ser;
como tempo de crecer
tinha, que assi justo me era
te-lo de me arrepender.
Isto e mais se me diz,
— crê que te falo verdade, —
que não tinha liberdade,
pera fazer o que fiz,
por minha pouca idade.

Então me mândão que meça
amor com quão longe estamos,
pera que mais não me empeça,
e, se prazeres passamos,
os dessemule e esqueça;
e que então me buscarão
hum mui grande casamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão,
e que o mais crea que he vento.

E eu de mui esquecida
vou-lhe fazer o contrairo!
A ser tal culpa sabida
sei certo que este desvairo
pagarei com minha vida.
E em isto ser assi
assaz de rezão seria,
pois tão mal naqueste dia
o seu mandado compri
como o que me a mim compria.

Não te veja aqui ninguem;
vai-te, Crisfal, d'esta terra;
não quero teu querer-bem,
porque me não dê mais guerra
da que já dado me tem».
Em lhe isto eu ouvindo
fui pera lhe responder,
mas, depois de o dizer,
contra d'onde tinha vindo
se me tornou a volver.

Dei hũa voz mui dorida:
«Porque me negais conforto,
alma desagradecida?»
Então cahi como morto;
oxalá perdêra a vida!
Não sei eu o que passou
em quanto isto passei,
mas junto comigo achei
quem me este mal causou,
depois já que em mim tornei.

E dizendo: «O' mezquinha!
como pude ser tão crua!»
bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua
e a sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas,
que com a boca gostei,
mas, com quanto certo sei
que as lagrimas são salgadas,
aquellas doces achei.

Soltei as minhas então
com muitas palavras tristes,

e tomei por concrusão :
« Alma, porque não partistes ?
que bem tiuheis de rezão ».
Então ella assi chorosa
de tão choroso me ver,
já pera me socorrer
com hũa voz piadosa
começou-me assi dizer :

« Amor de minha vontade,
ora nom-mais, Crisfal manso,
bem sei tua lealdade :
Jesu, que grande descanso
he falar com a verdade !
Eu sei bem que não me mentes,
— que o mentir he diferente ;
não fala d'alma quem mente ; —
Crisfal, não te descontentes,
se me queres ver contente.

Quando contigo falei
aquella ultima vez,
o choro que então chorei,
que o teu chorar me fez,
nunca o eu esquecerei.
Foi esta a vez derradeira,
mas começo da paixão
passando-me eu então
para o Casal da Figueira
do Val de Pantalião.

Minha fé te he verdadeira :
no mal que te fiz o vi,
porque em fim á derradeira
não quero mal contra ti
que o meu coração queira.
Por me ver livre de dor
deixára eu de te querer,
se o podera fazer ;
mas poder e mais amor
não podem estar num poder ».

Neste passo acordei eu ;
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento,
qual nunca cousa me deu.
Não sei eu que a Deos custava,
porque não me outorgára
que nesta gloria ficára,
ou, pois já que acordava,
que d'isto não me acordára.

Assi como nos lugares,
em morte e enterramento,
os sinos dóbrão a pares,
morreo meu contentamento
dobrárão-se meus pesares.
Por quão grão dita tivera,
se por dar fim á tristura
eu n'este tempo morrêra !
Sabe Deus que eu bem quisera,
mas não quis minha ventura.

Não vos posso mais contar,
agoas minhas, minhas agoas,
que não me deixa o pesar.
Ora chorai minhas maguas,
que bem são pera chorar ;
que em que cem olhos tivera,
como teve Argos pastor,
da vaca Io guardador,
mais olhos mister ouvera
pera chorar minha dor.

Por me isto alembrar,
não vos pareça estoria,
que as cousas de muita gloria,
como as de muito pesar,
recebe bem a memoria.
Por sonho ante vós ponho
o que eu velando vi ;
por meu mal foi todo assi ;
mas seja para vos sonho,
pois sonho foi pera mim ».

Isto que Crisfal dezia,
assi como o contava.
hũa ninfa o escrevia,
num alemo que alli estava,
que ainda então crecia.
Dizem que foi seu intento
de escrevê-lo em tal lugar
pera por tempo se alçar
onde baixo pensamento
lhe não podesse chegar.

Eu o treladei d'alli,
donde mais estava escrito
que aqui não escrevi,
porque mal tão infinito
não se lhe pode dar fim.
O que se fez de Crisfal
não sabe certo ninguem :
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem.

Cristovão Falcão, *Obras*, ed. Epiphanio, cit. no texto.

XVII

Carta a Antonio Pereira, Senhor de Basto, quando se partio para a Corte.

Como eu vi correr pardaos
Por Cabeceiras de Basto,
Crecer em cercas e em gasto,
Vi por caminhos tam maos
Tal trilha, tamanho rasto,
Nesta ora os olhos ergui
A' casa antiga e á torre
Dizendo comigo assi:
Se nos deus não val aqui,
Perigoso imigo corre!

Não me temo de Castela
Donde guerra inda não soa,
Mas temo me de Lisboa,
Que ó cheiro d'esta canela
O reino nos despovoa,
E que algum embique ou caia!
O' longe va, mao agouro
Falar por aquella praia
Na riqueza de Cambaia,
Narsinga das torres de ouro.

Ouves, Viriato, o estrago
Que ca vai dos teus costumes:
Os leitos, mesas, os lumes,
Tudo cheira: eu olios trago,
Vêm outros, trazem perfumes.
E aos bons trajos de pastores
Em que saístes ás pelejas
Vencendo tais vencedores,
São trocados os louvores,
São mudadas as invejas!

E' entrada polos portos
No reino crara peçonha
Sem que remedio se ponha.
Ums doentes, outros mortos,
Outro polas ruas sonha.
Fez nos a ousada avareza
Vencer o vento e o mar,
Vencer caje a natureza.
Medo hei de novo a riqueza
Que nos torne a cativar.

Penedos sobre penedos
De que as serras cá são cheas,
Vistas se vos fazem feas.
Direis dos vinhos azedos
O que ja disse Cineas
A quem, nos convites dado
A provar se lhe aprouvesse,
Despois, nos olmos mostrado,
Nunca vi (disse) *enforcado*
Quem a forca assi merecesse.

A's vozeiras montarias
Derribar aves que vão
Cantando inverno e verão,
Que al é se não remir dias
Do enfadamento aldeão?
Que trabalhosos concertos
Os de vilãos mal criados,
Os de vilãos mal cubertos,
Os de vilãos pouco certos,
Muito desarrezoados,

Direis, e não vo-lo nego;
Porem quereis que vo-lo diga?
Este mundo é armado em briga,
Não achais nele asossego
Nem naquela ermida antiga.
Mas porem ha diferenças
Antre o de ca e de la:
Ca nas mais das desavenças
Vos ereis o das sentenças,
La embaixo outrem as dá.

Em troca tereis manjares,
Composiçõis delicadas,
Ũas sobre outras grosadas,
Por perigos, por pesares
Primeiramente compradas.
Convites de quem convida!
Amostrão vos suas tendas.
Quanta cousa é i perdida!
Ceas imigas da vida,
Imigas más das fazendas.

De isto o cheiro, de isto a cor
Que não tem preço igual.
Milagres de Portugal!
Cousas de tanto sabor,
Todas a saberem mal,
Onde se ha de lançar tanto?
Aquilo é pagar o pato!
Em fim, quando me levanto,
Ou hei de morrer d'espanto,
Ou se não me espanto, mato.

Que contas vão tam erradas!
Enfastia o que sobeja!
Quem come o que não deseja?
Soião ser as convidadas
Vontades, agora é inveja.
Entra comnosco a manhã,
E' ja dia, e pedis velas.
A tal cea cortesã
Quanta inguaria vã
A fora a das escudelas.

Os bons convites antigos,
Antes de se tudo alçar,
Erão pera conversar
Os parentes e os amigos,
Que não pera arrenbentar,
E de viver juntamente
Houverão convites nome,
Soltos ós olhos da gente
Que vissem quam santamente
Ali se matava a fome.

Aquela ufana rainha,
Irmã do vil Ptolemeu,
Que o rico pedente deu
Prodigamente á cozinha
De um grande banquete seu,
Vendo tudo ir se a perder
Todavia convidava,
Já porem não de viver,
Mas de assi juntos morrer
O's tais convites chamava!

A' vossa fonte tam fria
Da Barroca em julho e agosto
(Inda me é presente o gosto).
Quam bem que nos i sabia
Quanto na mesa era posto!
Ali não mordia a graça,
Erão iguais os juizes,
Não vinha nada da praça,
Ali da vossa cachaça,
Ali das vossas perdizes!

Ali das fruitas da terra,
(Que dá cada tempo a sua)
Colhida á mão cada ũa!
Nunca o sabor a vista erra,
Cheirosa, formosa, e nua.
Oh ceas do paraiso
Que nunca o tempo vos vença,
Sem fala da nossa ou riso,
Nem carregadas do siso,
Nem danadas da licença!

Des i, o gosto chamando
A outros móres sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e furioso Orlando,
E da Arcadia os bons pastores.
Se eu isto estimado agora
Vira como d'antes era,
Por meu conto avante fora,
Mas não diz ora com ora;
Vão se como ó fogo a cera!

Que troca ver la Pasquinos
Portugueses cento a cento
(Quem o ve sem sentimento?)
Tratar os livros divinos,
Com tal desacatamento!
E o que não podem ousar
De ler se em giolhos não,
(Que graças pera chorar!)
Torcem fazendo falar
O' som da sua paixão.

Esquecidos do conselho,
Pudera dizer mandado,
Sendo por quem foi vedado
No santissimo evangelho:
Ós cãis não deis o sagrado.
Almas que ós sonhos andais,
O muito não o troqueis
Por nadas, como o trocais;
As perlas orientais
O's porcos as não lanceis.

Mal sem emenda é o jogo
Antre os seus males maiores.
Um rei de grandes louvores
Mandou que pusessem fogo
A' casa e ós jugadores.
Das santas leis jogo imigo,
Desprezador das modernas,
Continuador do perigo,
Penas sempre assi consigo,
Vai caminho das eternas.

Deixemos mil outros jogos
Que la vão, mil outros tratos,
Fozer, desfazer contratos,
Salamandras nos seus fogos
De Horodes pera Pilatos.
E aquele grande alvaroço
De atambor que á guerra chama,
Leva o velho, leva o moço;
Primeiro entra em destroço
Que perca de vista Alfama.

Ah vida dos lavradores,
Se eles aconhecessem bem
As avantagens que têm
Aqueles santos suores
Que santamente os mantêm,
Tratando coa madre antiga
Que de quanto em si recebe
(Não entre engano ou ma liga)
Por seu custume se obriga
A tornar mais do que deve.

Vedes como aqueles nossos
Antigos padres primeiros
Erão no começo inteiros,
Erão santamente grossos,
Rem mal como os seus cordeiros,
Regidos da natureza;
Não tanto papel escrito
De que um reza e outro reza
Té cansarem sem certeza
Donde jáz sômente o fito.

Foi sem malicia e mao erro
A boa idade dourada,
Seguiu logo a prateada;
Não tardou nada a de ferro
Que tudo trouve á espada.
Quanta sombra aqui aparece!
Tapai me a boca com as mãos!
Ora atras, que não me esquece,
Tambem por ca adoece.
Vão porem ares mais sãos.

Por isso a gentilidade
Com sua filosofia
A deus da saude erguia
Templo fora da cidade
Onde os seus votos lhe ouvia.
E aquele Virbio a quem
Tornara a vida, ja ás festas
Nem ás cidades não vem,.
Sempre sô por fora o vêm
Caçando polas florestas.

I que encontre um lobo cão,
Um usso que se erga em pe,
Isso menos mal não é,
Que onde eles tão bastos são
Que antre eles se dorme e sé,
Da cousa má claramente
Logo quem a ve, se vela,
Chega se á que branda sente;
Por isso á antiga serpente
Pintão rosto de donzela.

Nossos maiores se alguem
Louvavão, não de senhor,
Não de rico era o louvor,
Chamavão lhe homem de bem,
E ainda bom lavrador.
A nossa gente que quis
Arremedar nos louvores
Que agora parecem vis,
Aos bons reis Sancho e Dinis
Chamavão lhe lavradores.

Os valerosos romanos
Antes que o tino perdessem,
Donde cuidais que escolhessem
Cincinatos e os Serranos
Que ante si em campo pusessem?
E aquela sua grandeza
Que o tempo não quer que moura,
Vemos que a mais da nobreza
Sobrenomes de riqueza
Não pôs, se não da lavoura.

Inda hoje vemos que em França
Vivem nisto mais á antiga;
Na vila o vilão se abriga
Onde tem nome e herança,
Vive i da sua fadiga.
Acende a fragoa o ferreiro
O' tempo que o galo canta;
Morde o couro o çapateiro,
Brada co moço ronceiro
Que saia de baixo da manta.

Vive a nobreza por fora
Segura, despovoados
Corre cos loubos ousados,
Por d'arredor donde mora
Mantem livre o campo aos gados,
Da má gente aventureira
Que ás escuras traz seu trato
Que possa livre quem queira
Cantando ir de noite á feira
Ou dormindo no mulato.

Bom tempo quando segura
A cabeza se encostava,
Onde o sono a convidava,
Contente de cobertura
Que lhe o fermoso ceo dava!
Bebião da agua coas mãos
Nas fontes inda em velhice,
Milhor que por vasos vãos.
Lavava a agua os peitos sãos
Antes da gargantoice.

Natureza nos posera
(Como os olhos nos abriu)
Diante tudo o que viu
Que necessario nos era;
Do mais todo se sorriu.
Como? ũa ave ja vezada
A toda delicadeza
E' milhor ajuizada?
Foje a gaiola dourada,
Vai buscar a natureza.

Jacob fugindo ao irmão
Que o mal tinha ameaçado,
Que andava assi antre o gado,
Passou o rio Jurdão
Na ajuda do bom cajado.
Como o sol no mar deceu,
Levaria o seu fardel,
Da agua no rio bebeu,
Sobre pedra adormeceu,
Pôs nome ó lugar Betel.

Ũa disposição má,
Longa enfermidade e dôr
Que de mal vai em pior,
Onde remedio achará
Se á natureza não fôr?
Leda da minha fadiga
Que em vão tantas rezõis gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixais esta madre antiga,
Is vos apos a madrasta.

Por toda esta grande Espanha
Froais que soião chamar,
Fez em Pereiras mudar
Não do rei mouro a patranha
Mas vosso antigo solar.

Do qual não ha muitos anos
Um que aqui Braga regeu,
Pondo aparte os longos panos,
O passo dos castelhanos
A' espada o defendeu.

Ao reino cumpre em todo ele
Ter a quem o seu mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que é grande o peso, e com ele
Mete o barco na agua a proa.
E mais is vos muito ao ponto
Pera qualquer apetito.
Então ja eu ouvi um conto:
A quem espreita e está pronto,
Não vades mudar o fito.

Tereis la conversaçõis,
Tereis graças delicadas,
Do ar do paço ajudadas;
Passarão derivaçõis
Se ja a todos são passadas.
Transposerão os amores,
Deixárão o paço ás cegas,
Saem atravez mantedores,
Rousinois asoviadores
Polas hortas d'Enxobregas.

Vereis barcos ir a vela
Ums que vão, outros que vêm
Como que se desavem
C'ũa viração singela;
Tanta força a arte tem.
Os marinheiros vadios
Que vilmente a vida apreção,
Nas enxarcias dos navios
Volteão como bogios
Inda que vos al pareçam.

Não hei por perda esta leve.
Que sejão palavras tudo
Mas ó coração acudo.
Se não, dizei quem se atreve
A dor esperá-la mudo.
São elas porem ja muitas,
Fe-las ir crecendo a magoa,
Lembro vos as vossas fruitas!
Lembro vos as nossas truitas!
Que andão ja por vossas na agua.

Sá de Miranda, ed. da Sr.ª D. C. M. de Vasconcellos, 237 a 250.

XVIII

Egloga Basto.

Pastores da Egloga : BASTO — representador
BIEITO } contendores.
GIL }

BASTO.

Como corre e como atura
Quem vai apos o seu gosto,
Quer por frio, quer quentura
E no suor do seu rosto!
Busca ás vezes da má ventura,
Sem guia e sem esconjuro
Cos medos se desafia,
Só vai afouto e seguro
De noite polo escuro,
Por montes ermos de dia.

Este apetito que digo
Quem o desse a má maleita.
Que traz mil artes consigo!
Guar-te d'ele, que te espreita
Por dar d'avesso contigo
Rosto ó si e rosto ó não,
A fortuna é feita assi;
Mal a conhece o vilão.
Cuidas que a tens na mão:
Está se rindo de ti.

Onde quer cho demo jaz!
Pera haver d'embicar nele,
Topei c'um lobo rapaz,
Dei me cos meus cães tras ele,
Tive da fadiga assaz!
Eis que traspõi, e eis que assoma!
Desfazia me correndo:
Toma aqui, cão, ali toma.
Cego da perfia em soma
Fui me traspondo e perdendo.

Isto a quem não acontece?
Seja porem na má ora!
Que ha de vir e não se estrece.
Estão se rindo os de fora,
A nos não no-lo parece.
A correr e a dar á choca.
Este desafia mil;
Vende aquele, compra e troca;
Outro traz graças na boca,
Faz falar seu arrabil.

Cuida que as namora todas,
Não sei quem che, por fermoso,
Vai se ás festas, vai se ás bodas;
Tenho me eu co dadivoso:
Que unta o carro, andão as rodas.
Grandes cousas, capa em colo
Conta, (se elas são assi)
Que me dão volta ao miolo;
Deve me de ter por tolo,
Eu a ele outro que si.

Como lontra jaz no rio
Um que o seu gado mal passa,
Ele pesca, ora co fio
Ora cana, ora com naça;
Outra anda sempre em cio,
(E não sei como se chama),
Parte e deixa a molher nova
Dando voltas pola cama,
Ele por neve e por lama
Corre cos seus cães a prova.

Vai assi ja muitos dias
Que não torna atras ninguem;
Bebemos das bemquerias
Que cada um comsigo tem,
Damos d'essas rezões frias.
O bom Gil sendo mais moço
Muita da terra correra,
Vem um, vem outro alvoroço:
Co seu fardel ó pescoço
A ser pastor se acolhera.

Ora ele assi pastor sendo,
Se primeiro andara mal,
Foi apalpando, foi vendo
Antre nos que era outro igual.
Tambem se foi delambendo!
Ũma vez lama, outra poo,
Sempre homem anda achacado!
Fez inda mais outro voo:
Por milhor houve andar soo
Que assi mal acompanhado.

Era grande amigo seu
Bieito, e vendo a tal mania,

Consingo acinte la deu.
Tiverão grande porfia,
Um rezõis deu, outro deu:
Não ha quem se não defenda
A pareceres alheos.
Antes dez quedas que emenda!
Contar vos hei da contenda
Sem meter verbas nos meos:

BIEITO.

Que é isto, Gil, que assi triste
Te nos fez este ano abril?
Não sei que demo tu viste,
Que tu não pareces Gil.
Di me e u te nos sumiste?
U-lo aquele grande amigo
U-lo dos bofes lavados
D'aqueles do tempo antigo?
Que o siguro e o perigo
Não mos trazia encubados.

Assi tão soo te vieste?
Tomaste forte borrão!
Tantos amigos vendeste,
Por não sei que nem que não,
Que nem a mi o disseste.
Ora di me, se te praz,
Depois de tanto sol posto,
Tal inchaço inda em ti jaz?
Arrenega o mal, que traz
Sempre consigo mao rosto.

Tu olhas me de traves?
Parece que a mal o tomas,
Mas se tu inda este es,
Não hei medo que me comas
Por mais mudado que estês,
Que inda que certo hajas feito,
Ũa tamanha mudança,
Que te tem como desfeito,
D'este nome de Bieito
Sequer has de ter lembrança.

Muitas vezes esmagino,
Gil amigo, em ti cuidando,
Na brandura e bom ensino
Que departias estando
Duas oras c'um menino;
Olha bem, olha o que fais,
Tinhas tantos de bons modos
Cos iguais e não iguais,
Dás que em ti falem os mais
Quando estavas bem com todos.

Que se fez do teu cantar?
Ninguem não cantava assi.
Mas, para que é preguntar
Se não que se fez de ti?
Onde te iremos buscar?
Não ha ora um tanto espaço
Quando Ginebra casou
Com Gregorio teu colaço,
Quem teve rosto ós do paço?
Quem tangeu e quem cantou?

Morreu do gado miudo?
Foi um andaço geral!
Não se pode lograr tudo,
Virá bem apos o mal.
Sofre, que sofre o sesudo,
Arrenega dos assanhos,
Ja os devias ter provados;
Não são os males tamanhos!
Se não foi o inverno de anhos
Outros virão melhorados.

GIL.

Seja, amigo meu Bieito,
Esta vinda, em hora boa.
Eu digo amigo escolheito
Como quem o leito coa
Que deça limpo ó seu peito,
E, respondendo ó que dizes:
Ves me fardel e cajado;
Não vou armando a buizes;
Bem sei que ha muitos juizes,
Ando tras este meu gado.

E espreito andando o que quer,
Parece que folga mais
Por agora de pacer
Por estes andurriais.
Faça como lhe aprouver.
Que por certo homem dirá
Nas cousas que não são certas,
Eis nos ca e eis nos la,
Ás vezes no pior se da,
Ás vezes tambem acertas.

Do mais que pesa e val
(Ca a nos parece nos muito)
Diz Toribio, diz Pascual
Palavras vans e sem fruito,
E ás vezes ainda sem sal.
Quando a bibora no ar morde,
Por mais peçonha que traga,

Não temas que inche e que engorde,
Não hajas medo que acorde
Bradando pola triaga.

Ves tu cousa que estê queda?
Ora é noite, ora amanhece,
Ora corre ũa moeda,
Ora outra; tudo envelhece,
Tudo tem no cabo a queda.
Nas vilas um bailo dançâo
Em que todos ó som andão,
Ums ca, outros la se lanção;
Como ó tanger não alcanção
Mais pês nem braços não mandão.

Do leite e sangue empolado
O bezerrinho viçoso
Corre e salta polo prado,
Despois lavra perguiçoso,
Tira o seu carro cansado.
Cos dias e co trabalho
O brincar d'antes lhe esquece,
Não é ja o que era almalho,
Venda se pera o talho
Que este boi velho enfraquece!

No começo os erros têm
Bom remedio, ao diante
Têm o mao; se não vas bem,
Pior irás mais avante,
Torna atras que te convem.
Não o tenhas por amigo
Quem te anda sempre a vontade
Dissimulando contigo.
Olha aquele dito antigo:
Que enfada muito a verdade.

Mal vai quem sempre empiora!
E que lingua a dos pastores!
Um olho ri, outro chora,
Este diz que são amores,
Outro mais que é mal de fora.
Um se torce, o outro diz:
(E' mao jogo este das linguas)
Ou tal fiz ou tal não fiz.
A cada canto um juiz!
Entre tanto á praça as minguas.

O moço que entra em terreiro
E não toca o chão de leve,
Polo ar voa o pandeiro,
E a toda a festa se atreve
Ele só com seu parceiro,
Este tal baile, este cante,
Este seus jogos ordene,
Corra, va, pase adiante,
Este voltee, este espante,
Este dê penas e pene!

Mas quem ja se vêm das pontas,
Não acha o que soía em si,
Começa entrar noutras contas:
Ouvi ja milhor e vi,
Suar e passar afrontas.
Vai se o tempo, tudo foge,
Corre o dia apos o dia;
Queres que homem não se anoje?
Que me não conheci hoje
Nũa fonte em que bebia.

E porque ora te conte
De como te aconteceu:
Quando me eu tal vi de fronte,
Dos olhos agua correu
Mais que corria da fonte.
Passou se me a sede em fim
Que me aquela agua mostrara,
E a tal desacordo vim,
Quando já tornei em mim,
Grande espaço o sol andara.

BIEITO.

Come de toda a vianda,
Não andes nesses entejos,
Vai te por onde o carro anda,
Tem te ás voltas com desejos.
Passa o mal cedo ou abranda.
Ves como os mundos são feitos?
Somos muitos, tu só es,
Poucos são os satisfeitos.
Um esquerdo, outros direitos,
Parece que anda ao reves.

Dia de maio choveu:
A quantos a agua alcançou,
A tantos endoudeceu,
Houve um só que se salvou,
Assi então lhe pareceu.
Dera vista ás sameadas,
Essas que tinha mais perto,
Viu armar as trevoadas,
Alongou mais as passadas,
Foi-se acolhendo ao cuberto.

Ao outro dia um lhe dava
Paparotes no nariz;
Vinha outro que o escornava;

I tambem era o juiz
Que de riso se finava;
Bradava ele: *homens, olhai*:
Ião lhe co dedo ao olho.
Disse então: e assi che vai?
Não creo logo em meu pai
Se me d'esta agua não molho.

Apaixonado qual vinha
Achou num charco que farte.
O conselho havido o tinha,
Molhou se de toda parte,
Tomou a como mezinha.
Como o virão la corrérão.
Um que salta, outro que trota,
Quantas graças que i fizérão,
Logo todos se entendérão:
Eis los, vão nũa chacota.

GIL.

Tu sabes que eu me abrigara
A esta vida de pastor:
Vinha mui corrido á vara,
Cuidei que era ela milhor
Como quem a não provara.
Determinava de já
Andar tras estas ovelhas.
A conta saiu me má.
Más fadas vão ca e la
Que bem cho dizem as velhas.

Um vento apos outro vem:
Andara muitos lugares,
Vira ja muito, e porem
O que não eisprimentares,
Não cuides que o sabes bem!
Quando, Bieito, ja cuidamos
Que algũa cousa entendemos,
A' cabra cega jugamos.
Achei vos ca fortes amos,
Querem que os adoremos.

Para cousas que acontecem,
Quando os buscas, ora o sono,
Ora achaques mil te empeçam.
Ao trosquiar achas dono,
A's pressas não te conhecem.
Tudo lhes o demo deu!
Quantos suspiros em vão!
Quando te hão mister, es seu,
Quando os has mister, es teu,
Que não tens amos então.

Essa vez que saem á rua,
Estremece toda a aldea,
Eles bebem, homem sua;
Doi lhes pouco a dor alhea;
Querem que nos doa a sua.
Inda que o dano é em grosso,
Podera o dissimular,
Isto, parceiro, não posso:
O entendimento que é nosso,
Não no-lo querem deixar.

Polo qual co meu fardel
Fugi das vossas aldeas;
Não trago nos beiços mel,
Que não são cresta colmeas,
Nem posso ser ministrel.
A suidade não se estrece,
Porem sofra o coração,
(Que este é o que mais me empece),
Se outro senhor não conhece
Salvo justiça e rezão.

Então queixo me te logo,
Que em casos que acontecérão,
Vi me por eles no fogo,
Bradei, e não me valérão
Nem os brados nem o rogo.
Ali me saí meu quedo
A quedo, e fará um dia
O que outro não fez, e hei medo
De ver mór vingança cedo
Do que ja 'gora queria.

BIEITO.

Trouxeste me ora á lembrança
Aquele amigo fuão
Que, ó tempo d'essa mudança
Tua, foi te assi á mão
Como quem os dados lança.
E lembra me ora bem tudo,
(Que era eu i no tal ensejo
Inda que então me fiz mudo)
Falou te como sesudo;
Parece me ora que o vejo.

Disse: *muito em ora boa,*
Mas eu antre este meu gado
Dizem, de vespora a noa,
Cada ora me acho enganado.
Não é tudo como soa,
Dir te hei o que me acontece
Quando n'este vale estou,

Qualquer outro que aparece
Muito milhor me parece,
Não é assi quando la vou.

Agora, Gil, o que eu digo:
A la fe, que hei mui bom medo,
Quando debates contigo,
Que te estêm mostrando ao dedo
Pedro, Giraldo e Rodrigo.
Não queiras ir muito ao fundo
Inda que ora tanto entendas,
Não has de emendar o mundo.
Nesta só rezão me fundo
Por mais que d'elas despendas.

Perigosa é a dianteira!
Deixa ir diante os mais velhos!
Com a paixão tençoeira
Nunca hajas os teus conselhos,
Sempre foi má conselheira.
Quem consigo traz rancor
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe falece dor,
Mas se o bem igual não for,
Seja o coração igual.

GIL.

Se cos teus olhos não vejo
Nem ouço cos teus ouvidos,
Todo o debate é sobejo;
Reges te por teus sentidos,
Tambem polos meus me rejo;
Comes tubaras da terra,
Eu não as posso comer:
Para que é sobre isto guerra?
Nem um, nem outro não erra.
Come o que te bem souber.

Não porque cada um faça
Quanto lhe á vontade vem,
(Que essa seria má graça)
Mas entendo o *saber bem*
Do que se vende na praça.
Porque o tempo fez abalo.
E somos em forte ensejo
Inda alevanto outro valo
Que nos doentes não falo
A que mata o seu desejo.

Bem vejo que a verdade era
Ir polo fio da gente;
Cos outros te respondera,
E o amigo e o parente
Que murmurar não tivera
Porem assi só não minto,
Não finjo, não lisonjeo,
Som farto ou que som faminto.
Que mal é o meu distinto
Antes seguir que o alheo?

Vou fugindo ás armadilhas
Que via armar e tecer;
Não quero ouvir maravilhas
A's vezes mui más de crer.
E contão d'elas em pilhas!
Querem que homem ouça e crea;
Não ja eu! crea o nosso Jane,
Crea o baboso d'aldea,
Que traz sempre a boca chea
Das filhas de dom Beltrane!

Olha se a rezão concrude:
Es doente, teu pai não?
Digo outro tal da virtude:
Pola ventura es tu são
Porque teu pai tem saude?
Não, que cumpre outra mezinha.
Olhe cada um por si!
O bem não é como a tinha,
Não se apega tam azinha,
O mal pode ser que si!

Lê me primeiro outra lenda:
Deixárão te os teus passados
Do gado e vinhas de renda.
Olha que vão misturados
Encargos coa fazenda.
Cumpre a cada um que arrive
Por si se deseja a honra;
Não dizer: boms donos tive;
Que quem como elles não vive,
Antes lhe sai em deshonra.

BIEITO.

Pois contigo a rezão val,
Vejamos quem mais conjunta.
Olha que todo animal,
Forte ou fraco, aos seus se ajunta
Por distinto natural.
Voão as pombas em bandas,
Altos vão os grous em haz,
Não querem de nos viandas
Altas andurinhas brandas,
Querem companhia e paz.

Toma esemplo no teu fato
Que o trazes junto em rebanho,

Não rez e rez polo mato;
Té o carneiro tamanho
Se atras fica, é lambiato.
Mas inda hão mister mastins,
Inda funda e cajado hão,
Que a estes lobos ruins
Que decem dos montesins
Te ajudem sentar a mão.

Eu vi ja sobre isto apostas.
Conta se do alifante
O que traz torres ás costas
Que ha mister quem o levante
Se dá consigo de costas.
Se não fosse esta prestança
Da fala e rezão do homem,
Per forças ele que alcança?
Mister ha fazer liança
Se não maos bichos o comem.

Em esta liança tal
Que digo, ainda não meto
Salvante a do meu igual,
Dos outros não me antremeto,
Digo falando em geral.
Como no mundo apontamos,
Tanto que em terra caimos,
Dos choros nos ajudamos;
Antão para que prestamos?
Socorro e ajuda pedimos.

Fui um dia a vila, Gil,
E logo, ó sair da casa,
Mais verde que um perrexil
Cuidei que matava a brasa
De galante e de gentil.
Bem passei cos viandantes
Mas despois la, quando cheas
Vi ruas de outros galantes,
Se eu viera ufano de antes,
Não tornei tal ás aldeas.

Dezia um vendo me assi:
Bom vai o do barretinho!
Outros dar os olhos vi,
Outros chamar me ratinho,
Tanto té que me escondi.
Finalmente por acerto
Vi alguns nossos de ca,
Deixei os chegar mais perto,
Meti me antre eles por certo.
Que tarde me acolhem la!

Um bacarote orgulhoso
Deu vista ó gado ovelhum,
De quexiquer espantoso
Trombejava ele um e um,
Andava todo bravoso.
Vem o lobo um dia e apanha
Pelo pescoço o doudete,
Abrandou lhe aquela sanha,
Brada *ai dos meus*; em tamanha
Pressa ninguem arremete.

Vinhão os porcos da aldea
Mais atras gruuhir ouvirão;
Cada um d'eles esbravea,
Estes si que lhe acudirão:
Perde o lobo a sua cea.
Ele solto, viu que o gado
De lã branca estava olhando
De longe, ainda amedrontado.
Antes, disse, *ser mandado.*
Que a tal perigo tal mando.

GIL.

Falas me nos animais
A que nós brutos chamamos
Que guardão leis naturais,
Nós outros não-nas guardamos,
A isso obrigados mais.
Estes homens com quem tratão,
Piores que liõis bravos,
Por força tudo rematão;
Os liõis não se resgatão,
Não se prendem por escravos.

Pera que mandem nem rejão,
Não vão ás aguas tengidas
Do seu sangue; se pelejão,
Não alçam forcas erguidas
Onde as aves manjar sejão;
Não têm repartida a terra
Por marcos tam desiguais
Onde por possança perra
Um tenha de serra a serra,
Outro nada ou dous tojais.

É cousa pera espantar
Da irmandade das gralhas
Que vendo a ũa queixar
Decem gritando em batalhas
Matão se pola salvar.
O que te digo, é assi:
Quem diz o que viu, não mente;
Guar te de embicar aqui,
Que verás passar por ti
O amigo e o parente:

Que nunca ouvi um rifão
Mais corrente, mais usado
Que *darem todos de mão*
Se jaz o carro entornado,
Quantos vêm e quantos vão.
Falo porem em geral
Que a alma, dizendo isto, affronta;
Não quero que cuideis al;
Amigos do meu sinal
Não vão eles nesta conta.

Andando assi não me empecem
Maos olhos nem más palavras,
Nem me empecem se engafecem
Por outros fatos as cabras;
Curo as quando adoecem.
Porque tudo diga em soma,
Não me temo que o cabrito
Me esconda o vizinho e coma.
Aqui se a paixão me toma,
Posso cantar voz em grito.

Que me não ouça ninguem,
Sómente as aves (que tais
Duas aventagens tem
D'esses outros animais,
Voar e cantar tambem),
Ou o som da augua que cai
Rompendo polos penedos,
Dece ao fundo, e ó alto sai,
Parte, e a grande pressa vai:
Eles por sempre ali quedos!

Ves tu a minha cabana?
Se o tempo se muda, assi
A mudo eu. Guiomar nem Ana
Não dão volta por aqui,
Cantando se a muliana
Com dos outros seus solaos,
Que me fação merecer
Muitas d'estas varapaos
Com seus olhos vaganaos,
Bons de dar, bons de tolher.

Deixa me ver este seo,
E o sol em que vai tal lume
Que a vista nunca soffreu.
Aquillo é uso e costume,
Que tantos tempos correu!
Que claridade tamanha,
Que fogo nele aparece:
Quanto raio o acompanha!
Dize se que o mar d'Espanha
Ferve quando nele dece.

Des i cobre se d'estrelas
Tudo quanto arriba vemos,
Poem se d'elas, nacem d'elas,
Té que d'outra parte as vemos,
E a lũa fermosa antre elas
Que se renova e reveza,
Ora um fio, ora crecente,
Ora em sua redondeza,
Cada mes com que certeza!
Semelha a da nossa gente.

Do mais dezia Pascual:
Sabeis que é o que nos come?
São mimos, que não são al;
Onde quer se mata a fome,
Matão se apetitos mal.
Pola calma e pola neve
Natureza, a grande madre,
Que em fim tambem no-lo deve,
A tudo acudir se atreve
Por mais que este ventre ladre.

Aqui por estes abrigos
(Os mais debates deixemos)
Vir me hão ver os meus amigos,
O' sol nos estenderemos
Falando em tempos antigos.
E despois dos meses mil
Quiçais inda dirá alguem
Olhando este meu covil:
Por aqui cantava Gil
Sem queixia de ninguem.

Quando tudo era falante,
Pacia o cervo um bom prado,
E veu um cavalo andante,
Quis comer algum bocado;
Pos se lhe o cervo diante,
Não que o prado fosse seu,
(Que erão pacigos gerais)
Mas tinha pontas e deu.
Este quero e posso me eu
Tanto ha ja que nos fez tais.

Vendo tam pouca prestança
O cavalo de antes forro,
Com desejo de vingança,
Pediu ao homem soccorro;
Por terra aos seus pés se lança.
Não pode á justa querela
Negar-se, (é caso tam feo),
Mas foi necessaria a sela;
Põi lha e faz se forte nela,
Toma a redea, e prova o freo.

Assi dão volta ó ímigo
O qual, como ao homem viu,
Entendeo o seu perigo,
Deixou o campo e fugiu,
Foi buscar outro pacigo.
O cavallo vencedor
Corre o verde, corre o seco.
Fora, fora o contendor!
Ficou lhe porem senhor,
Não foi tanto o outro enxeco.

Tu olhas como o sol anda;
Folga ora, amigo, esta tarde,
Estê se á parte a demanda,
Que se co'ella o peito arde,
A cea fará mais branda.
Com dous peixinhos passarás
Do rio, não d'almocreves,
Que as villas fazem tam caras.
Beberás nas fontes claras,
Sonharás sonhos mais leves.

BIEITO.

Volves me as cousas do inves;
Bem ou mal, ques que te crea
O que tu quiçás não cres.
O coração é na aldea,
La me hão de levar os pés.
E tu dize o que quiseres,
Torce ca e torce la;
Defende teus pareceres,
Mas onde i não ha molheres,
Sabe que i vida não ha!

Aquella graciosa idade,
O parecer que nos furta
Com tanta força a vontade,
Com tanta o juizo encurta,
Não é de todo vaidade.
Suspiraste! ora eu te intendo;
Nós falaremos despois.
Por ora a Deus te encommendo.

GIL.

Não te quero estar detendo.

BIEITO.

Vou me (que é tarde) ós meus bois.

BASTO.

Contou se isto pola terra
Em as juntas dos pastores
Eis que logo um outro aferra
Sobre quais rezõis milhores
São, quem acerta, e quem erra.
Porem todo o calendario
Lido e contas recolheitas,
Fica assi posto em sumario:
De Gil: que é um voluntario,
Homem Bieito ás direitas.

Sá de Miranda, *ibid.*, pg. 156 a 183.

XIX

Soneto.

Aquelas esperanças que eu, metido
A tormento, lancei fora por vãs,
Que fazem ainda aqui com aquelas sãs
Contas, feito em pó já tudo bebido?

E será Amor tam cego e sem sentido,
Será tam bravo, que não veja as chãs
E rezõis craras? não veja estas cãs?
Tempo lançado a longe e não vivido!

Esta alma tantas vezes enganada
Não hav'rá de si dó, não fará conta
Co sol, coa despesa, coa jornada?

Mas ai! que eu vi ja alguem que, em quanto conta
Que nadando escapou ao mar sem nada
Põi se ũa e outra vez á mesma afronta!

Sá de Miranda, *ibid.*, pg. 69.

XX

Outro.

Não sei que em vós mais vejo e não sei que
Mais ouço e sinto ao rir vosso e falar;
Não sei que vejo mais té no calar
Nem, quando vos não vejo, a alma que ve?

Que lhe aparece, onde quer que ela esté,
Que olhe o ceo, que a terra, o vento, o mar?
E triste aquele vosso sospirar
Em quanto mais vai, que direi que é?

Certamente não sei: nem isto que anda
Antre nos, se é ele ar como parece,
Se fogo d'outra sorte e d'outra lei.

Em que ando? de que vivo? e nunca abranda
Por ventura se á vista resprandece?
Ora o que eu sei tam mal, como direi?

Sá de Miranda, *ibid.*, pg. 75.

XXI

Outro.

Este retrato vosso é o sinal
Ao longe do quo sois, por desemparo
D'estes olhos de ca, porque um tam claro
Lume não pode ver vista mortal.

Quem tirou nunca o sol por natural?
Nem viu se nuvens não fazem reparo,
Em noite escura ao longe aceso um faro?
Agora se não ve, ora ve mal.

Para ums tais olhos, que ninguem espera
De face a face, gram remedio fora
Acertar o pintor ver vos dormindo.

Mas inda assi não sei que ele fizera,
Que a graça em vos não dorme em nenhũa ora.
Falando que fará? que fará rindo?

Sá de Miranda, *ibid.*, pg. 451.

XXII

Elegia a Antonio Ferreira em resposta a outra sua.

Esta branda Elegia, esta tam vossa,
Quero dizer de tanto preço e tal
Que vai fugindo ante ela a nevoa grossa,

Bem vejo que era a empresa principal
Esta a que vinha, mas a dor recente
Tempo esperava, cura mais geral.

Quanto que áquela vea assi corrente
Se deve ! áquele engenho pronto e raro
Que assi sente, assi diz tudo o que sente !

E mais em tal sazão, tal tempo, avaro
De louvores alheos, em gram dano
Dos engenhos que se achão sem amparo.

Vem um dando á cabeza e conta ufano
Cousas do seu bom tempo, ardendo em chamas
Polas que fez : todo al lhe é claro engano.

Andão se ás razões frias polas ramas
Um vilancete brando, ou seja um chiste,
Letras ás invençõis, motes ás damas,

Ũa pregunta escura, esparsa triste !
Tudo bem ! quem o nega ? mas porque,
Se alguem descobre mais, se lhe resiste ?

E como, esta era a ajuda ? esta a mercé ?
(Deixemos ja as mercés) este o bom rosto ?
De menos custa em fim que este tal é ?

E logo aqui tam perto, com que gosto
De todos Boscão, Lasso, erguérão bando,
Fizerão dia, ja quasi sol posto !

Ah que não tornão mais ! vão se cantando
De vale em vale de ar mais luminoso
E por outras ribeiras passeando.

Tornemos ao desastre a nós choroso !
Furtando m'ia á dor que inda ameaça
Como um parto ao fugir mais perigoso.

Não ouso inda a falár tanto de praça,
Falo comvosco como em puridade,
Incerto do que diga e do que faça.

Quando mandei meu filho em tal idade
A morrer pola fe, se assim cumprisse,
(Que esta era a verdadeira sua verdade) :

— Tu vas pelo caminho agro (lhe disse)
Que tu mesmo tomaste á tua conta !
Sem perigos quem se acha que subisse ?

De tempo que assi foge, que te monta
Vinte anos, trinta mais ? que montão cento ?
Ergueu a vista a mim alegre e pronta,

Sospirando por ser la num momento,
Se ser pudesse ! tam de pressa os fados
Corriam ! nomes vãos, sem fundamento !

Então o encarreguei d'estes cuidados ;
Deus e logo honra, logo o capitão.
Quam prestes a cumprir foi tais mandados !

Parece que os levou no coração,
Não soltos por defora nos ouvidos,
(Como outros fazem, que perdendo os vão.)

Do corpo aqueles espertos sentidos,
Mais inda os da alma tam limpa e tam pura.
Ja agora os bons desejos são cumpridos.

Viu onde a deixaria em paz segura,
De pressa á occasião arremeteu,
Não quis mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheu,
Seguro viu a morte, espanto antigo.
Nós sonhamos aqui, tu vas te ao ceu.

Ditoso aquele mestre dom Rodrigo
Manrique, a quem em seu tempo louvou
O filho e deu ao corpo em morte abrigo.

Era ela conta igual que quem entrou
Antes á vida, saisse primeiro ?
Eu sou que devera ir ! quem nos trocou ?

Cordeiro, ante o trono alto do cordeiro,
Lavado irás no teu sangue sem magua.
Oh quem como era pai, fora parceiro !

A Paulo, da fe nossa ardente magua,
Que pera o filho o pai ponha em tesouro,
Parece natural um correr d'agua.

Não assi ao contrario, abaixo o Douro
Aqui perto ao gram mar se lança escuro
Mondego e Tejo das areas d'ouro.

Quanto mais certo contra o imigo duro
Podes que outrem dizer: vim, vi, venci,
Cerrando e abrindo a mão posto em seguro.

Não se vejão mais lagrimas aqui,
Salvo se por nos forem que em tais trevas
E tam cega prisão deixaste assi.

Vai te a boa ora; não tens de que devas
Temer; la tudo é paz, tudo assossego!
Quem leva um tal seguro qual tu levas?

Ditoso, que não viste de dor cego
Por senhor um imigo da tua lei!
A tanta pressa fora um certo emprego.

Quantas graças, meu Deus, quantas te dei
Sabendo da alma que era libre e viva;
Sem ela ao corpo de que temerei?

Sabia a sua condição altiva
(Nesta só parte, no mais branda, humana,);
Era para morrer, não ser cativa.

A sepultura que os olhos engana
E' levissima perda; assi tambem
E' lodo, é terra, é pó, terra africana.

Que tam estreito mar antre si tem
Abila e Calpe, foi tempo um sômente,
Dous agora, um d'aquem, outro d'alem,

Nos quais duas columnas pos de fronte
Hercules, que ali entrada ao gram mar deu.
Falece antes quem crea que quem conte.

Os Gregos no que escrevem poem de seu
A's vezes muito e ha quem diz que chamadas
Ja forão as columnas de Briareu.

Acabemos nas bemaventuradas
Almas subidas para sempre á luz
Sem trevas, rindo la dos nossos nadas:

Um só, que em sangue aberta traz a cruz
Branca por armas, deu Deus á cidade,
Milagre que em sinais claros reluz.

Rotas as armas, rota a humanidade
Por muitas partes, mouros a milhares,
Morde se a inveja as mãos, ri se a verdade.

Para as festas divinas que lugares
Tam claros i ganhastes polas lanças,
Correndo ledos á tal gloria a pares,
Sem fim, sem sobresaltos, sem mudanças.

Sá de Miranda, *ibid.*, pag. 461-465.

XXIII

Cantiga em diálogo.

A este cantar das moças
ao adufe:

N'aquela serra
Quero ir a morar;
Quem me bem quiser,
La me irá buscar.

N'estes povoados
Tudo são requestas;
Deixai me os cuidados,
Que eu vos deixo as festas.
D'aquelas florestas
Verei longe o mar:
Pôr me hei a cuidar.

Responde-lhe outra companheira
d'outra opinião:

Sombras e auguas frias,
Cantar de aves bem!
Quando as tardes vêm
Por ca bradarias.
Ves que pressa os dias
Levão sem cansar?
Nunca hão de tornar.

A primeira:

Não julgue ninguem
Nunca outrem por si!
Mais d'um bem que vi
A vida não tem.
Não deixa este bem
Onde se ele achar
Mais que desejar.

A outra:

Deixa as vaidades,
Que da mão á boca
O sabor se troca;
Trocão se as vontades,
São essas suidades
Armadas no ar:
Não podem durar.

A primeira:

N'aquela espessura
Me hei de ir esconder:
Venha o que vier,
Achar me ha segura.
Se tal bem não dura
Ao seu passar
Tudo ha de acabar.

Sá de Miranda, *ibid.*, pg. 42.

XXIV

Tragédia Castro.

ACTO II

ElRey D. Affonso IV. Pero Coelho. Diogo Lopes Pacheco. Conselheiros.

. . . .
. . . .

Cons. Senhor, pera que he mais? moura esta dama
Rey. Que moura todavia? *Pach.* Senhor moura
Por salvação do povo. *Rey.* Não he crueza
Matar quem não tem culpa? *Cons.* Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

Rey. Com que cor, com que causa esta matamos?
Pach. Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promette?
Rey. Ella que culpa tem? *Pach.* Dá occasião.
Rey. Oh que ella não a dá, o Iffante a toma.
Que ley ha, que a condene, ou que justiça?
Cons. O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.
Rey. Assi que assentaes nisto? *Cons.* Nisto: moura.
Pach. Moura. *Rey.* Hũa innocente? *Cons.* Que nos mata!
Rey. Não averá outro meo? *Pach.* Não o temos.
Rey. Metê-la-ey num Mosteiro. *Cons.* Ey-lo queimado.
Rey. Mandá-la-ey deste Reyno. *Cons.* O amor voa.
Este fogo, Senhor não morre logo.
Quanto lhe mais resistes, mais s'acende.
Contra Amor que lugar darás seguro?
Rey. Matá-la he cruel meo, e riguroso.
Pach. Não vês, não ouves quantas vezes morrem
Muitos, que o não merecem? Deos o quer
Polo bem, que se segue. *Rey.* Deos o faça,
Cuja vontade he ley, e a minha não.
Pach. Essa licença tem tambem os Reys,
Que em seu lugar estão. *Rey.* Antes não tem
Licença pera mais, que quanto pede
A razão, e justiça: a mais licença
He barbara crueza de infieis.
Pach. Pois que dirás daquelles, que a seus proprios
Filhos, e a seu amor não perdoáram
Polo exemplo commum, e bem do povo?
Rey. Aos que o bem fizeram, hey inveja.
Os outros nem os louvo, nem os sigo.
Cons. Inda que houvesse excessos, todavia
Mais males atalháram, dos que deram.
Rey. Não se ha de fazer mal por quantos bens
Se possam dahi seguir. *Cons.* Nem bem nenhum,
De que se sigam males. *Rey.* Mal parece
Matar hũa innocente. *Pach.* Não he mal:
Que a causa o justifica. *Rey.* Antes Deos quer
Que se perdoe hum máo, que um bom padeça.
Cons. O bem geral quer Deos que mais s'estime,
Que o bem particular. Nas circunstancias
Se salvam, ou se perdem as obras todas.
Rey. Enganão-se os juizos muitas vezes.
Cons. Os dos Reys bem fundados Deos inspira.
Rey. Ey medo de deixar nome de injusto.
Cons. De justo o deixarás, pois te conselhas
Cos juizos dos teus leaes prudentes.
Pach. Vês, poderoso Rey, vês cos teus olhos
A peçonha cruel, que vay lavrando
Gerada deste amor cego: vês quanto
A soberba, e desprezo destes homẽs
Contra ti, e contra todos vay crescendo.
S'em tua vida nos tememos tanto,
Que faremos depois de tua morte?

Por dar saude ao corpo, qualquer membro
Que apodrece, se corta, e pelo são,
Porque o são não corrompa. Este teu corpo,
De que tu és cabeça, está em perigo
Por esta mulher só : corta-lh'a vida,
Atalha esta peçonha, tê-lo-ás salvo.
Medico, Senhor, és desta Republica.
O poder, que tem o Medico num corpo,
Tens tu sobre nós todos : usa delle.
Se te parece em parte isto crueza,
Não he crueza aquella, mas justiça,
Quando de cruel animo não nasce.
Tua tenção não pecca, em si se salva.
A aspereza dest'obra he medicina,
Com que s'atalham as mortes, que adiante
Muitos he que por força te mereçam.
A clemencia por certo he grã virtude,
E digna mais dos Reys, que outras virtudes,
Polo perigo grande, que ha na ira,
Em quem tam livremente assi a executa :
Mas com esta o rigor é necessario,
Por não vir em desprezo tal virtude.
Este he o que se chamou severidade,
De que tantos exemplos nos deixáram
Os famosos Romaõs em paz, e guerra.
Estas columnas ambas são tam fortes,
Que bemaventurado este teu Reyno,
Que nellas por ti só está tam fundado.
De tal modo, Senhor, ás de usar d'ellas,
Que hũa vá sempre d'outra acompanhada.
Exemplos tens mostrado de clemencia,
Mostra agora, que he bem, severidade.

Rey. A parte, que me cabe deste feito,
Eu a ponho em vós toda, como aquelles,
Que sem odio, e temor sois obrigados
Aquillo conselhar-me, que he só justo,
Mais serviço de Deos, e bem do povo.
Vós-outros sois meus olhos, que eu não vejo.
Vós sois minhas orelhas, que eu não ouço.
Minha tenção me leve, ella me salve.
O engano se he vosso, em vós só caya.

Pach. Sobre nós descarrega esse teu peso.

Cons. Eu tomo minha parte, ou tomo todo.
Almas, e honras temos : estas ambas
A ti, Senhor, se devem, a ti as damos.
Estas sós te conselham, que bem vês
Quam grande mal he nosso, o que fazemos.
Aventuramos vidas, e fazendas,
Que em odio de teu filho ficam sempre,
Sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.
Mas percamo-nos nós, percamos vidas ;
Soframos crueis mortes ; nossos filhos
Fiquem orfãos de nós, e desherdados ;
A furia de teu filho nos persiga,

Antes que esse tal medo em nós mais possa,
Que o que a virtude manda, e te devemos.
Rey. Ivos apparelhar, que em vós me salvo.
Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,
Que cuidam, que propôem, que determinam;
Alumia minh'alma, não se cegue
No perigo, em que está: não sey que siga.
Entre medo, e conselho fico agora:
Matar injustamente he grã crueza.
Soccorrer a mal publico he piedade.
D'hũa parte receo, mas d'outra ouso.
Oh filho meu que queres destruir-me!
Ha dó desta velhice tam cansada:
Muda essa pertinacia em bom conselho.
Não dês occasião para que eu fique
Julgado mal na terra, e condenado
Ant'aquelle grã Juiz, que está nos Ceos.
O vida felicissima, a que vive
O pobre lavrador só no seu campo,
Seguro da fortuna, e descansado,
Livre destes desastres, que cá reynam!
Ninguem menos é Rey, que quem tem Reyno.
Ah que não he isto estado, he cativeiro
De muitos desejado, mas mal crido.
Huma servidão pomposa, hum grã trabalho
Escondido sob nome de descanso.
Aquelle he Rey sómente, que assi vive
(Inda que cá seu nome nunca s'ouça)
Que de medo, e desejo, e d'esperança
Livre passa seus dias. Ó bons dias!
Com que eu todos meus annos tam cansados
Trocára alegremente. Temo os homẽs,
Com outros dissimulo: outros não posso
Castigar, ou não ouso. Hum Rey não ousa.
Tambem teme seu povo: tambem sofre.
Tambem suspira, e geme, e dissimula.
Não sou Rey, sou cativo: e tam cativo
Como quem nunca tem vontade livre.
Salvo-me no conselho dos que creo,
Que me serão leaes: isto me salve,
Senhor, contigo; ou tu me mostra cedo
Remedio mais seguro, com que viva
Conforme a este alto estado, que me déste.
E me livra algum tempo antes que moura,
De tanta obrigaçam, pera que possa
Conhecer-me melhor, e a ti voar
Com mais ligeiras asas do que póde
Hũa alma carregada de tal peso.

....

ACTO III

. . . .

Choro. Castro. Ama.

Tristes novas, crueis,
Novas mortaes te trago, Dona Ines.
Ah coitada de ti, ah triste, triste!
Que não mereces tu a cruel morte,
Que assi te vem buscar. *Am.* Que dizes? fala.
Ch. Não posso. Chóro. *Cast.* De que chóras? Vejo
Esse rosto, esses olhos, essa... *Cast.* Triste
De mim, triste! que mal? que mal tamanho
He esse, que me trazes? *Ch.* He tua morte.
Cast. He morto o meu Senhor? o meu Infante?
Ch. Ambos morrereis cedo. *Cast.* Ó novas tristes!
Matam-me o meu amor? porque mo matam?
Ch. Porque te matarám: por ti só vive.
Por ti morrerá logo. *Am.* Deos não queira.
Tal mal, tal desventura. *Ch.* Vem muy perto.
Nam te tardará muito, poem-te em salvo.
Fuge coitada, fuge, que já soam.
As duras ferraduras, que te trazem
Correndo a morte triste. Gente armada
Correndo vem, Senhora, em busca tua.
ElRey te vem buscar determinado
D'em ti vingar sua furia. Vê se pódes
Salvar tambem teus filhos, não lh'empeça
Parte de teus máos fados. *Cast.* Ó coitada
Só, triste, perseguida! hay meu senhor
Onde estás, que não vens? elRey me busca?
Ch. ElRey. *Cast.* Porque me mata? *Ch.* Rey cruel!
Crueis os que o movêram a tal crueza!
Por ti vem perguntando. Esses teus peitos
Vem só buscar, pera com duro ferro
Serem furiosamente traspassados.
Am. Cumpriram-se teus sonhos. *Cast.* Sonhos tristes!
Sonhos crueis! porque tam verdadeiros
Me quizestes sayr? ó sprito meu?
Como não creste mais o mal tamanho
Que crias, e sabias? Ama, fuge.
Fuge desta ira grande, que nos busca.
Eu fico, fico só, mas innocente.
Não quero mais ajudas, venha a morte:
Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos
Vivireis cá por mim: meus tam pequenos
Que cruelmente vem tirar de mim.
Soccorra me só Deos, e soccorrei me
Vós moças de Coimbra. Homẽs, que vedes
Esta innocencia minha, soccorrei me.
Meus filhos não chorais: eu por vós chóro.
Logray-vos desta mãy, desta mãy triste,
Em quánto a tendes viva. E vós amigas

Cercay-me em roda todas, e podendo,
Defendey-me da morte, que me busca.
. . . .

ACTO IV

Pacheco. ElRey. Choro. Castro. Coelho.

. . . .
Coelh. Por mágoa dessas lagrimas te rogo
Que este tempo, que tens, inda que estreito,
Tomes pera remedio da tu'alma.
O que elRey em ti faz, faz com justiça.
Nós o trazemos cá, não com tenção
De sermos em ti crus : mas de salvarmos
Este Reyno, que pede esta tua morte.
Que nunca, ó Deos quisera que tal meo
Nos fora necessario. A elRey perdoa,
Que crueza não faz : se a nós fazemos
Por ti ante o grã Deos será pedida
Vingança justa, se te não parece
Que perdão merecemos nas tenções,
Com que elRei conselhamos. Ó ditosa,
Dona Ines, tua morte ! pois só nella
Se ganha hũa geral vida a todo Reyno.
Bem vês por tua causa como estava,
Além desse peccado, em que te tinha
O Iffante forçada (que assim o cremos)
Mas pois pera remedio he necessario
A morte sua, ou tua, he necessario
Que tu sofras a tua com paciencia,
Qne isso te ficará por mayor gloria
Que aquella, que esperavas cá do Mundo.
E quanto mais injusta te parece,
Tanto mais justa gloria lá terás,
Onde tudo se paga por medida.
Nós, que a teu parecer mal te matamos ;
Não viveremos muito : lá nos tens
Antes de muito tempo ant'esse trono
Do grã Juiz, onde daremos conta
Do mal, que te fazemos. Não ouviste
Já das Romãs, e Gregas com que esforço
Morrêram muitas só por gloria sua ?
Morre pois, Castro, morre de vontade,
Pois não póde deixar de ser tua morte.
Cast. Triste pratica, triste ! crú conselho
Me dás. Quem o ouvira ? mas pois já mouro,
Ouve-me Rey senhor : ouve primeiro
A derradeira voz dest'alma triste.
Co estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tens segura. *Rey.* Que me queres !
Cast. Que te posso querer, que tu não vejas !
Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes.
A causa, que te move a tal rigor.

Dou tua consciencia em minha prova.
S'os olhos de teu filho s'enganáram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe aquelle amor com outro amor,
Fraqueza costumada em todo estado.
Se contra Deos pequei, contra ti não.
Não soube defender-me, dei-me toda.
Não a imigos teus, não a traidores,
A que alguns teus segredos descubrisse
Confiados a mim, mas a teu filho
Principe d'este Reyno. Vê que forças
Podia eu ter contra tamanhas forças.
Não cuidava, senhor, que t'offendia.
Defenderas-me tu, e obedecêra,
Inda que o grand'amor nunca se força:
Igualmente foy sempre entre nós ambos:
Igualmente trocámos nossas almas.
Esta que te hora fala, he de teu filho.
Em mim matas a elle: elle pede
Vida par'estes filhos concebidos
Em tanto amor. Não vês como parecem
Aquelle filho teu? Senhor meu, matas
Todos, a mim matando: todos morrem.
Não sinto já, nem chóro minha morte,
Inda que injustamente assi me busca,
Inda que estes meus dias assi corta
Na sua flor indigna de tal golpe:
Mas sinto aquella morte triste, e dura
Pera ti, e pera o Reyno, que tam certa
Vejo naquelle amor, que esta me causa.
Não vivirá teu filho, dá lhe vida
Senhor, dando-ma a mim: que eu me irey logo
Onde nunca appareça; mas levando
Estes penhores seus, que não conhecem
Outros mimos, e tetas senão estas,
Que cortar-lh'ora queres; hay meus filhos
Choray, pedi justiça aos altos Ceos.
Pedi misericordia a vosso avô
Contra vós tam cruel, meus innocentes.
Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,
Que não poderá ver-vos, sem me ver.
Abraçay-me, meus filhos, abraçay-me.
Despedi-vos dos peitos, que mamastes.
Estes sós foram sempre: já vos deixam.
Ah já vos desempara esta mãy vossa,
Que achará vosso pay, quando vier?
Achar-vos-á tam sós, sem vossa mãy:
Não verá quem buscava: verá cheas
As casas, e paredes de meu sangue.
Ah vejo-te morrer, senhor, por mim.
Meu senhor, já que eu mouro, vive tu.
Isto te peço, e rogo: vive, vive.
Empara estes teus filhos, que tant'amas.
E pague minha morte seus desastres,

Se alguns os esperavam. Rey senhor
Pois podes soccorrer a tantos males,
Soccorre-me, perdoa-me. Não posso
Falar mais. Não me mates, não me mates.
Senhor não to mereço. *Rey* Ó mulher forte!
Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, em quanto Deos quer. *Ch.* Rey piadoso
Vive tu, pois perdoas: moura aquele,
Que sua dura tenção leva a diante.
....

Dr. A. Ferreira, *Poemas Lusitanos*, ed. 1598.

XXV

Carta a Joam López Leitam, na India.

Do antigo Portugal, da grã Lisboa,
  Por novos mares, novos ceos, e climas
  Ao novo Portugal, á clara Goa.
Te vay saudar, Joam López, s'inda estimas,
  S'inda as nove Irmãs honras, minha Musa,
  Dem lugar duros Trões ás brandas Rimas.
Ou teu armado braço estê no que usa,
  Com Marte contendendo em fortaleza
  Sem ao Rume aceitar ouro, ou escusa,
Ou rompendo com furia, e com braveza
  As escumosas ondas, vás levando
  Socorro á quasi entrada Fortaleza.
Não deixes de ir cos olhos só passando
  Estes versos, verás quanto ás trombetas
  Mais animoso som estaram dando.
Antes que com forte animo comettas
  A feroz multidão, e com honroso
  Despojo, humilde o imigo a ti somettas,
Ou do triste sucesso temeroso
  (Como a fortuna quer) com arte, e rogo
  Tornes o teu soldado furioso,
As Musas ouve sempre, acendem fogo
  Nos altos corações, e o mór perigo
  Te fazem parecer prazer, e jogo.
Tanto mais forte irás contra o imigo
  Co sprito aceso em doce som de gloria
  Quanto das Musas mais fores amigo,
Ao som da alta trombeta, que a memoria
  De Achilles fero ao mundo renovada,
  Encheo o grã Macedonio su'alta historia.
Quantas vezes gemia, e suspirava
  Com generosa inveja do alto canto,
  Que a nova gloria, e fama o levantava!
Aquelle sprito aceso, aquelle santo
  Furor do Rey Profeta, ao som da lira
  Hora era fogo todo, hora era pranto.

Sobre si posto ja mais que homem aspira
  Aos ceos, e altos segredos, que lá via,
  Deos chama, de Deos canta, a Deos suspira.
Já aquelle fogo claro, que assi ardia
  Antigamente nũs spritos raros
  Torna inflammar a nossa idade fria.
Já os dias nascer vemos mais claros.
  O mundo mais fermoso; e já das nove
  Musas os nomes mais ao mundo charos.
Tambem algũa esse teu peito move,
  E todo a honra, e gloria tu levanta,
  Por mais que em ti o Amor suas frechas prove.
Mas tu com Marte t'arma, com Amor canta.
  Inda juntos verás Venus, e Marte,
  Juntos Apollo, e Pallas em paz santa.
Ah quanto ceu, quanta agoa, João, nos parte!
  Os spritos porém de lá se chamam.
  Lá de mim tens, amigo, a melhor parte.
Não são os olhos, não os corpos, que amam.
  Outra força secreta nos convida;
  Naturalmente hũs s'amam, hũs se desamam.
Póde hũa voz, hũa fama ao longe ouvida
  Juntar duas almas em amor igual,
  Fazendo em dous hũa vontade e vida.
Esta é a sancta amizade, esta a que val.
  Dos corpos, e olhos são baixos amores,
  Que ao bem se chegam, apartam se co mal.
Dous em bom amor juntos são senhores
  De duas almas: nisto, João, vencemos
  Mil grandes Reys, e mil Emperadores.
Elles tem seus Imperios: mas nós temos
  Nossas vontades, boa segurança.
  Reynem temidos lá, nós nos amemos.
A estrada cham da bemaventurança,
  Que desta vida á eterna vay sobindo,
  Que he, se não deste amor sam confiança?
Em qunto tu teu braço estás tingindo
  Nesse barbaro sangue, e das honrosas
  Folhas essa tua fronte vás cingindo,
E inda ás armas antigas, e fermosas
  Nova, e mór fermosura vão ganhando
  Teu forte peito, e mãos victoriosas,
Eu estou tua doce vista desejando
  Com toda est'alma, com toda a vontade,
  Ah vive, e vem, João, de cá gritando.
Devemos este amor ao nosso Andrade,
  De nosso amor seguro fundamento.
  Amigo tens em mim, tens sam verdade:
Que servidor nome he de comprimento.

Dr. A. Ferreira, *Poemas Lusitanos*, 1598, pg. 183.

XXVI

Soneto.

Quando eu vejo sair a menham clara
Nos olhos dia, as faces neve, e rosas,
Afugentando a sombra, qu'as fermosas
Cores do campo, e ceo d'antes roubára;

E quando a branca Delia a noite aclara,
E traz nos brancos cornos as lumiosas
Estrellas, serenando as tempestosas
Nuvẽs, qu'o grosso humor nos ceos juntára

Tal he, digo comigo, a clara estrella,
Que minh'alma me encheo doutra luz nova,
E meus olhos abrio ao que não viam.

Assi me leva a vida, e ma renova,
Assi as vãs sombras, que antes m'escondiam
O claro ceo, fugindo vão ante ella.

Dr. A. Ferreira, *Poemas*, cit. pg. 10 v.

XXVII

Outro.

Ó Alma pura, em quanto cá vivias,
Alma lá onde vives já mais pura,
Porque me desprezaste? quem tam dura
Te tornou ao amor, que me devias?

Isto era, o que mil vezes promettias,
Em que minh'alma estava tam segura.
Que ambos juntos hũa hora desta escura
Noite nos subiria aos claros dias?

Como em tam triste carcer me deixaste?
Como pude eu sem mim deixar partir-te?
Como vive este corpo sem sua alma?

Ah que o caminho tu bem mo mostraste.
Porque correste a gloriosa palma!
Triste de quem não mereceo seguir-te.

Dr. A. Ferreira, *ibid.*, pg. 16.

XXVIII

Outro.

Despojo triste, corpo mal nascido.
Escura prisão minha, e peso grave,
Quando rota a cadêa e volta a chave
Me verey de ti solto, e bem remido?

Quando co sprito pronto, aos ceos erguido,
(Despois que est'alma em lagrymas bem lave)
Batendo as asas, como ligeira ave,
Irei aos ceos buscar meu bem perdido?

Triste sombra mortal e vam figura
Do que já fui hũs dias só sostida
Daquelle sprito, por quem cá vivia,

Quem te detem nesta prisão tam dura?
Não viste a clara luz, a sancta guia
Que te lá chama á verdadeira vida?

Dr. A. Ferreira, *ibid.*, pg. 16 v.

XXIX

Outro.

Aquelle claro Sol, que me mostrava
O caminho do ceo mais chaõ, mais certo,
E com seu novo rayo ao longe, e ao perto
Toda a sombra mortal m'afugentava;

Deyxou a prisão triste, em que cá estava.
Eu fiquey cego, e só co passo incerto,
Perdido peregrino no deserto,
A que faltou a guia, que o levava.

Assi co sprito triste, o juizo escuro,
Suas sanctas pisadas vou buscando,
Por valles, e por campos, e por montes.

Em toda parte a vejo, e a figuro.
Ella me toma a maõ, e vay guiando.
E meus olhos a seguem feitos fontes.

Dr. A. Ferreira, *ibid.*, pg. 17.

XXX

Outro.

Aquella nunca vista fermosura,
Aquella viva graça, e doce riso,
Humilde gravidade, alto aviso,
Mais divina, qu'humana real brandura,

Aquella alma innocente, e sabia, e pura,
Qu'entre nós cá fazia hum parayso,
Ante os olhos a trago, e lá a deviso
No ceo triumphar da morte, e sepultura.

Pois por quem choro, triste? por quem chamo
Sobre esta pedra dura a meus gemidos,
Que nem me póde ouvir, nem me responde?

Meus suspiros nos ceos sejam ouvidos;
E em quanto a clara vista se m'esconde,
Seu despojo amarey, amey, e amo.

Dr. A. Ferreira, *ibid.*, pg. 17.

XXXI

Elegia IV.

*(A Diogo Bernardes em resposta d'outra sua,
á morte do doutor Antonio Ferreira)*

Um silencio, Bernardes, me rompeste
Já quasi a não fallar determinado
Na dor, que hora de novo em mim moveste.
Igualmente á dor minha ser chorado
Não podia em meu verso o meu Ferreira,
Nem ser de mim seu sprito bem cantado.
Entendia de mim que á verdadeira
Fama do que elle em tudo merecia,
Naõ chegaria a minha voz inteira.
Calava, e a fallar nelle m'escondia,
Por naõ offender morto um bom amigo
Que me quiz tanto quando cá vivia.
Fizesteme chorar ora comtigo
Com nova magoa, nova saudade,
A dor que eu cá chorava só comigo.
Movestem'Alma a nova piedade,
A nova pena, e novo sentimento
D'aquella grande perda d'esta idade.
Aquella grande perda que dum momento,
Despois de tanto mal acontecido,
Naõ deixei de trazer no pensamento.

Mas eu naõ choro ver d'entre nós ido
  Este retrato só da idade antiga,
  Do Ceo á nossa lingoa concedida :
Mas faltarme um ingenho a que o meu siga,
  E uma voz que ouça, e esprito de que apprenda;
  E os segredos das Musas m'abra, e diga.
E quem o meu máo verso me reprenda,
  E o meaõ me concerte, e mo levante
  Com douto aviso, e com segura emenda.
Sinto faltar, Bernardes, quem m'espante
  Com seu bom canto, com seu bom escrito,
  Com cuja imitação possa ir avante.
Aquelle claro, aquelle puro esprito
  De saõ conselho cheo, e de prudencia,
  Sempre será de mim cantado e escrito.
Agora em sua triste e longa ausencia
  Quem acharei que a dor me desaggrave ?
  E me mostre o remedio na paciencia ?
Faziame a tristeza menos grave,
  Mais branda a dura pena, a dor mais leve,
  Faziam'a alegria mais suave.
Se teve (magoa nossa !) a vida breve
  Largo nome terá, larga memoria
  Que a toda a parte, e tempo a fama leve
Já do tempo terá certa victoria.
  Quem s'ouve assi na triste e mortal vida,
  Qu'aspirou sempre á clara e immortal gloria.
Nella da mortal carne despedida,
  Esquecida de tudo, nos amores
  Divinos estará toda embebida.
A voz levantará a outros louvores
  Mais devidos, mais puros, e mais santos
  Arrebatada d'immortais fervores.
Mil versos, e mil inos, e mil cantos
  Cantará sempre á eterna Fermosura,
  Mais dinos de memoria, mais d'espantos.
Será nelles guiado de mais pura,
  De mais fermosa, de mais rica Musa,
  Mais ornada de copia, e da brandura.
Amará, e será amado, assi lá se usa ;
  Cantará, e será ouvido d'a quem canta,
  Que quem lá se ama, d'amar não s'escusa.
O Sol que sobre o mundo se levanta,
  Que com sua luz clara, e tam fermosa
  Nos vence a vista, e o esprito nos espanta :
Em conta não terá, que outra gloriosa
  Luz, que dá luz ó Sol, e ás Almas lume,
  Lhe terá mais que o Sol Alma lustrosa.
Um tempo eterno, um immortal costume
  Seguirá sempre, tempo alegre e puro,
  Primavera que nunca se consume.
Lá naõ verá Inverno triste e escuro,
  Naõ ventos, naõ tormentos, naõ mudanças ;
  Mas tudo quieto em Deus, tudo seguro.

Livrouse das incertas esperanças
   Que nos desassossegam, e desbaratam;
   E das leves e falsas confianças.
Naõ vês, Bernardes, como nos maltratam
   Os movimentos vaõs, e os vaõs receos
   Que as Almas inquietam, as vidas matam?
Quem pode defenderse a mil enleos?
   Quem se pode valer em mil perigos
   D'outros muitos perigos sempre cheos?
E' perigo naõ ter, e ter amigos:
   Mal se pode viver nesta estreiteza,
   Se m'ey de velar d'elles como imigos.
O nosso Antonio está em outra largueza,
   Ninguem teme, ninguem d'elle se teme;
   Em tudo vê pureza, e tem pureza.
E cá, Bernardes nosso, quem não treme?
   Quem não deve de si mesmo temerse?
   Quem á que contra tempo em vaõ naõ reme?
Quem vê cousa de que possa valerse?
   Olhos no Ceo, e no divino Norte,
   Póde guiar tod'Alma a não perderse.
Não chores já do nosso Antonio a sorte,
   A minha sorte chora, e a sorte tua,
   Pois nolo tem roubado a dura morte.
A nós dura, a nós aspera, a nós crua
   Que nos levou o nosso amigo brando,
   E a doce e branda conversaçaõ sua.
Por elle rindo, por mim vou chorando,
   E por elle contente, e por mim triste
   Sem elle a vida irei toda passando
Tú que a nossa amizade clara viste,
   Claro verás que á dor da perda grande
   D'um claro amigo, bom, mal se resiste.
Nunca tal perda, amigo, o Ceo te mande;
   Dor é que nunca a vida perde um'ora:
   Remedio póde aver com que se abrande,
Naõ que de todo a vença, e deite fora.

P. d'Andrade Caminha, *Obras*, Ed. da Academia, pg. 127.

XXXII

Elegia.

(Sobre o desastre da jornada de Africa)

....

   « Ai triste Lusitania, triste chora,
« Que nunca para choro eterno e triste,
« Tanta causa tiveste como agora.
   « Aquelle que com lagrimas pediste,
« Quando tam duramente a tenra vida
« Do Principe seo Pay cortada viste.

« Agora nesta sua despedida
« De lagrimas te quis deixar herdeira,
« Ou inda a pior mal offerecida.
« Mas o Ceo o permitta de maneira
« Que do teu rico ceptro Soberano
« Se conserve a potencia sempre inteira.
« Ah jornada infelice ! ah cégo engano ?
« Deixar tam rica terra, ir a desterros
« Por livrar d'um Tyrano outro Tyrano.
« Ambos imigos nossos, ambos Perros
« Ambos despresadores da Cruz Santa,
« Ambos tinham hum culto, ambos mil erros.
« Quem poem os olhos nisto não s'espanta,
« De permittir o Ceo castigo tanto
« A descuido tamanho, a culpa tanta.
« Dia cheo de dôr, cheo d'espanto,
« Em quanto o sol der luz, verdura os prados
« Celebrado serás com triste pranto.
« Morrestes, Cavalleiros esforçados,
« Daquella multidão de bruta gente
« Vencidos não, mas de vencer cansados.

Diogo Bernardes, *Varias Rimas*, ed. 1594, pg. 85 v.

XXXIII

Outra.

(Estando captivo)

Eu, que livre cantei ao som das agoas
Do saudoso, brando, e claro Lima,
Ora gostos d'amor, outr'ora magoas,
Agora ao som do ferro, que lastima
O descuberto pe, choro cativo
Onde choro não val, ou amor s'estima.
Cuido que me deixou a morte vivo
Vendo que não chegava seu tormento
A tormento tamanho, e tam esquivo.
Acabando co'a vida o sentimento
Ficarás escondido, oh dia triste,
Nas turvas aguas do esquecimento.
Oh Sol, como tua luz não encobriste
Quando do Real sangue Lusitano,
As ervas, que secaste, humidas viste ?
Que Libico Leão, que Tigre Hircano
Negara desusada piedade,
A lastima tamanha, a tanto dano ?
Não te valeo, oh Rey, a tenra edade,
Não te valeo esforço, nem destreza,
Não te valeo suprema Magestade.

Das armas a provada fortaleza
Poderosa não foi pera guardar-te
Da mão de fogo armada e de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escurecias,
Si vencedor ficavas desta parte.
. . . .

Diogo Bernardes, *ibid.*, pg. 81.

XXXIV

Soneto.

(A quem ler)

Os Versos, que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia,
Queimei (como vergonha me pedia)
Chorãdo, por haver taõ mal cãtado.

Se nestes naõ ficar taõ desculpado
Quanto o mais alto estilo requeria,
Naõ me podem negar a melhoria
Da mudança, q̃ fiz d'hum n'outro estado.

Que vai que sejaõ bem, ou mal aceitos ?
Pois os naõ escrevi para louvores
Humanos, pelo menos perigosos,

Senaõ para plantar em frios peitos
Desejos de colher divinas flores
A' força de suspiros saudosos ?

Fr. Agostinho da Cruz, *Varias Poesias*, ed. cit., pg. 1.

XXXV

Outro.

(A seu irmão Diogo Bernardes)

Do Lyma, donde vim já despedido,
Cavar cá nesta Serra a sepultura,
Naõ sinto que louvar possa brandura,
Sem me sentir turbar do meu sentido :

A laã de que vem andar vestido,
Torcendo em varias partes a costura,
Os pés que nús se daõ á pedra dura,
Nem me deixaõ ouvir, nem ser ouvido:

O povo cujo applauso recebeste,
Vendo teu brando Lyma dedicado
A Principe Real, claro, excellente,

Louvará muito mais quando escreveste:
De mim, meu caro irmaõ, menos louvado,
Louva comigo a Deos eternamente.

Fr. Agostinho da Cruz, *ibid.*, pg. 15.

XXXVI

Outro.

Puz em tamanha altura o pensamento,
Que o perde já de vista a confiança:
Cansado de o seguir minha esperança
Parou em descobrir meu atrevimento.

Por elle mouro em aspero tormento,
Mas não cansará a fé, como não cansa,
Inda que o tempo faça outra mudança,
De que eu deva ter mór sentimento.

Bem pode Amor cruel, se ha quem o mande,
Esta sombra da vida desfazerme,
Seguindo seu costume deshumano

Só nunca poderá, por mais que ande,
Fazer que me arrependa de perder-me
Com pena, espanto, dor, força, ou engano.

Fr. Agostinho da Cruz, apud *Archivo Bibliogr. da Bibl. da Universidade de Coimbra*, I, 47.

XXXVII

Outro.

Á duqueza d'Aveiro

Quando na verde planta, ou pedra dura
Me mandava escrever minha tristeza,
Nunca me pareceo, alta Princeza,
Que podessem meus versos ter ventura

Pera cuidar que houvesse creatura,
A quem taes partes désse a natureza,
Que podesse mover minha dureza
A não lhes dar no fogo sepultura.

Como já fiz de quantos tinha feito
Na ribeira do Lima em tenra idade,
Por dar algum remedio a meu defeito.

Mas pois Vossa Excellencia tem vontade
De lhos dar, eu me dou por satisfeito,
Que tudo póde em fim pura amizade.

Fr. Agostinho da Cruz, *ibid.*, pag. 144.

XXXVIII

Auto da Mofina Mendes.

....

PESSIVAL

Achaste a tua burra, Andre! ?
AND. Bofá não. PES. Não pode ser.
Busca bem, leixa o fardel;
Que a burra não era mel,
Que a havião de comer.

ANDRÉ

Saltarião pêgas nella,
Por caso da matadura ?
PES. Pardeos ! essa seri' ella !
E que pêga seria aquella,
Que lhe tirasse a albardura ?
PAY. Mas crê que andou per hi
Mofina Mendes, rapaz ;
Que, segundo as cousas faz,
Se isto não for assi,
Que não seja eu Payo Vaz.
Ora chama tu por ella.
E aposto-te a carapuça,
Que a negra burra ruça
Mofina Mendes deu nella.
AND. Mofina Mendes ! ah Mofina Men !
MOF. Que queres, André ? que has ? (de longe)
AND. Vem tu ca, e vê-lo-has ;
E se has de vir, logo vem,
E acharás aqui tambem
A teu amo Payo Vaz.

Entra Mofina Mendes, e diz

PAYO VAZ.

Onde deixas a boiada,
E as vacas, Mofina Mendes
MOF. Mas que cuidado vós tendes
De me pagar a soldada,
Que ha tanto que me retendes?
PAY. Mofina dá-me conta tu
Onde fica o gado meu.
MOF. A boiada não vi eu,
Anda lá não sei per hu,
Nem sei que pascigo he o seu.
Nem as cabras não nas vi,
Samicas c'os arvoredos;
Mas não sei a quem ouvi
Que andavão ellas per hi
Saltando pelos penedos
PAY. Dá-me conta rez e rez,
Pois pedes todo teu frete.
MOF. Das vacas morrêrão sete,
E dos bois morrêrão tres.

PAYO VAZ.

Que conta de negregura!
Que taes andão os meus porcos?
MOF. Dos porcos os mais são mortos
De magreira e ma aventura.
PAY. E as minhas trinta vitellas
Das vacas, que te entregárão?
MOF. Creio que hi ficárão dellas,
Porque os lobos dezimárão,
E deu ôlho mao por ellas,
Que mui poucas escapárão.

PAYO VAZ.

Dize-me, e dos cabritinhos
Que recado me dás tu?
MOF. Erão tenros e gordinhos,
E a zorra tinha filhinhos,
E levou-os hum e hum.

PAYO VAZ.

Essa zorra, essa malina,
Se lhe corrêras trigosa,
Não fizera essa chacina;
Porque mais corre a Mofina
Vinte vezes qu'a raposa.

MOF. Meu amo, ja tenho dada
A conta do vosso gado
Muito bem, com bom recado;
Pagae-me minha soldada,
Como temos concertado.

PAYO VAZ.

Os carneiros que ficárão,
E as cabras, que se fizerão?
MOF. As ovelhas reganhárão,
As cabras engafecêrão,
Os carneiros se afogárão,
E os rafeiros morrerão.
PES. Payo Vaz, se queres gado,
Dá ó demo essa pastora:
Paga-lh'o seu, va-se embora
Ou ma-ora,
E põe o teu em recado.

PAYO VAZ.

Pois Deos quer que pague e peite
Tão daninha pegureira,
Em pago desta canseira
Toma este pote de azeite,
E vae-o vender á feira;
E quiçaes medrarás tu,
O que eu comtigo não posso.
MOF. Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que he a cousa mais barata
Qu'eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão;
Cada ovo dara hum pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de hum milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Per estes ovos de pata,
E o dia que for casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata,
E diante o desposado,
Que me estara namorando:
Virei de dentro bailando
Assi dest'arte bailado,
Esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e andando enlevada no bailo, cai-lhe, e diz

PAYO VAZ.

Agora posso eu dizer,
E jurar e apostar,
Qu'es Mofina Mendes toda.
PES. E s'ella baila na voda,
Qu'está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,
E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando.

MOFINA MENDES.

« Por mais que a dita m'engeite,
« Pastores, não me deis guerra;
« Que todo o humano deleite,
« Como o meu pote d'azeite,
« Ha de dar comsigo em terra ».

Entrão outros pastores, cujos nomes são Braz Carrasco, Barba Triste e Tibaldinho; e diz

BRAZ CARRASCO.

O Pessival meu vezinho!
PES. Braz Carrasco, dize, viste
A burra desse outeirinho?
BRA. Pergunta tu a Tibaldinho,
Ou pergunta a Barba triste,
Ou pergunta a João Calveiro.
TIB. O fato trago eu aqui,
E a burra eu a metti
Na córte do Rabileiro.
Nós deitemo-nos per hi.
Andamos todos cansados,
O gado seguro está:
E nós aqui abrigados
Dormamos senhos bocados,
Que a meia noite vem ja.

Gil Vicente, *Obras*, Coimbra (1907), pg. 11-14.

XXXIX

Auto da Feira.

MERCURIO.

Eu sam Mercurio, senhor
De muitas sabedorias,
E das moedas reitor,
E deos das mercadorias:
Nestas tenho meu vigor.
Todos tractos e contractos,

Valias, preços, avenças,
Carestias e baratos,
Ministro suas pretenças,
Até as compras dos çapatos.
  E porquanto nunca vi
Na côrte de Portugal
Feira em dia de Natal,
Ordeno hũa feira aqui
Pera todos em geral.
Faço mercador-mor
Ao Tempo, que aqui vem;
E assi o hei por bem.
E não falte comprador,
Porque o tempo tudo tem.

Entra o Tempo, e arma hũa tenda com muitas cousas, e diz:

TEMPO.

  Em nome daquelle que rege nas praças
D'Anvers e Medina as feiras que tem,
Começa-se a feira chamada das Graças,
Á honra da Virgem parida em Belem.
Quem quiser feirar,
Venha trocar, qu'eu não hei de vender:
Todas virtudes qu'houverem mister,
Nesta minha tenda as podem achar,
A trôco de cousas que hão de trazer.
  Todos remedios especialmente
Contra fortunas ou adversidades
Aqui se vendem na tenda presente,
Conselhos maduros de sans calidades
Aqui se acharão.
As mercadorias damos e rezão,
Justiça e verdade, a paz desejada,
Porque a Christandade he toda gastada
So em serviço da opinião.
Aqui achareis o temor de Deos,
Que he ja perdido em todos Estados;
  Aqui achareis as chaves dos Ceos,
Mui bem guarnidas em cordões dourados:
E mais achareis
Somma de contas, todas de contar
Quão poucos e poucas haveis de lograr
As feiras mundanas; e mais contareis
As contas sem conto qu'estão per contar.
  E porque as virtudes, Senhor Deos, que digo,
Se forão perdendo de dias em dias,
Com a vontade que déste ó Messias
Memoria o teu anjo que ande comigo,
Senhor, porque temo
Ser esta feira de maos compradores,
Porque agora os mais sabedores
Fazem as compras na feira do Demo,
E os mesmos diabos são seus corretores.

Entra hum Seraphim enviado per Deus a petição do Tempo, e diz:

SERAPHIM.

Á feira, á feira, igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprae aqui pannos, mudae os vestidos,
Buscae as çamarras dos outros primeiros
Os antecessores.
Feirae o carão que trazeis dourado;
Ó presidentes do crucificado,
Lembrae-vos da vida dos sanctos pastores
Do tempo passado.
Ó Principes altos, imperio facundo,
Guardae-vos da ira do Senhor dos Ceos;
Comprae grande somma de temor de Deos
Na feira da Virgem, Senhora de mundo,
Exemplo de paz,
Pastora dos anjos, luz das estrellas.
Á feira da Virgem, donas e donzellas,
Porque este mercador sabei que aqui traz
As cousas mais bellas.

Entra hum Diabo com hũa tendinha diante de si, como bufarinheiro, e diz:

DIABO.

Eu bem me posso gabar,
E cada vez que quiser,
Que na feira onde eu entrar
Sempre tenho que vender,
E acho quem me comprar.
E mais vendo muito bem,
Porque sei bem o que entendo;
E de tudo quanto vendo
Não pago sisa a ninguem
Por tracto que ande fazendo.
Quero-me fazer á vela
Nesta sancta feira nova.
Verei os que vem a ella,
E mais verei quem m'estrova
De ser eu o maior della.
TEM. Es tu tambem mercador,
Que a tal feira t'offereces?
DIA. Eu não sei se me conheces.
TEM. Fallando com salvanor,
Tu diabo me pareces.

DIABO.

Fallando com salvos rabos,
Inda que me tens por vil,
Acharás homens cem mil
Honrados, que são diabos,
Que eu não tenho nem ceitil.

E bem honrados te digo,
E homens de muita renda,
Que tem divedo comigo.
Pois não me tolhas a venda,
Que não hei nada comtigo.

TEMPO (ao Seraphim).

Senhor, em toda maneira
Acudi a este ladrão,
Que me ha de danar a feira.
DIA. Ladrão? Pois haj'eu perdão,
Se vos metter em canceira.
Olhae ca, anjo de bem,
Eu, como cousa perdida,
Nunca me tolhe ninguem
Que não ganhe minha vida,
Como quem vida não tem.
Vendo dessa marmelada,
E ás vezes grãos torrados,
Isto não releva nada;
E em todolos mercados
Entra a minha quintalada.
SER. Muito bem sabemos nós
Que vendes tu cousas vis.
DIA. Hi ha de homens rũis
Mais mil vezes que não bôs,
Como vós mui bem sentis.
E estes hão de comprar
Disto que trago a vender,
Que são artes de enganar,
E cousas para esquecer
O que devião lembrar:
Que o sages mercador
Ha de levar ao mercado
O que lhe comprão melhor;
Porque a ruim comprador
Levar-lhe ruim borcado.
E mais as boas pessoas
São todas pobres a eito;
E eu por este respeito
Nunca tracto em cousas boas,
Porque não trazem proveito.
Toda a glória de viver
Das gentes he ter dinheiro,
E quem muito quiser ter
Cumpre-lhe de ser primeiro
O mais ruim que puder.
E pois são desta maneira
Os contractos dos mortaes,
Não me lanceis vós da feira
Onde eu hei de vender mais
Que todos á derradeira.
SER. Venderás muito perigo,

Que tens nas trevas escuras.
DIA. Eu vendo perfumaduras,
Que, pondo-as no embigo,
Se salvão as criaturas.
Ás vezes vendo virotes,
E trago d'Andaluzia
Naipes com que os sacerdotes
Arreneguem cada dia,
E joguem té os pellotes.
SER. Não venderás tu aqui isso,
Que esta feira he dos ceos:
Vae lá vender ao abisso
Logo, da parte de Deos.
DIA. Senhor, apello eu disso.
S'eu fosse tão mao rapaz,
Que fizesse fôrça a alguem,
Era isso muito bem;
Mas cada hum veja o que faz,
Porque eu não forço ninguem.
Se me vem comprar qualquer
Clerigo, leigo ou frade
Falsas manhas de viver,
Muito por sua vontade;
Senhor, que lh'hei de fazer?
E se o que quer bispar
Ha mister hypocrisia,
E com ella quer caçar;
Tendo eu tanta em porfia,
Porque lh'a hei de negar?
E se hũa doce freira
Vem á feira
Por comprar hum inguento,
Com que voe do convento;
Senhor, inda que eu não queira,
L'hei de dar aviamento.

MERCURIO.

Alto, Tempo, apparelhar,
Porque Roma vem á feira.
DIA. Quero-me eu concertar,
Porque lhe sei a maneira
De seu vender e comprar.

Entra Roma, cantando.

ROMA.

« Sôbre mi armavão guerra;
« Ver quero eu quem a mi leva.
« Tres amigos que eu havia,
« Sôbre mi armão porfia;
« Ver quero eu quem a mi leva ».

Vejamos se nesta feira,
Que Mercurio aqui faz,
Acharei a vender paz,
Que me livre da canceira
Em que a fortuna me traz.
Se os meus me desbaratão,
O meu soccorro onde está?
Se os Christãos mesmo me matão,
A vida quem m'a dara,
Que todos me desacatão?
Pois s'eu aqui não achar
A paz firme e de verdade
Na sancta feira a comprar,
Cant'a mi dá-me a vontade
Que mourisco hei de fallar.
DIA. Senhora, se vos prouver,
Eu vos darei bom recado.
ROM. Não pareces tu azado
Pera trazer a vender
O que eu trago no cuidado.

DIABO.

Não julgueis vós pola côr,
Porque em al vai o engano;
Ca dizem que sob mao panno
Está o bom bebedor:
Nem vós digais mal do anno.

ROMA.

Eu venho á feira direita
Comprar paz, verdade e fé.
DIA. A verdade pera que?
Cousa que não aproveita,
E aborrece, pera que he?
Não trazeis bós fundamentos
Pera o que haveis mister;
E a segundo são os tempos,
Assi hão de ser os tentos,
Pera saberdes viver.
E pois agora á verdade
Chamão Maria peçonha,
E parvoice á vergonha,
E aviso á ruindade;
Peitae a quem vo-la ponha,
A ruindade digo eu:
E aconselho-vos mui bem,
Porque quem bondade tem
Nunca o mundo sera seu,
E mil canceiras lhe vem.
Vender-vos-hei nesta feira
Mentiras vinte tres mil,
Todas de nova maneira,

Cada hũa tão subtil,
Que não vivais em canceira:
Mentiras pera senhores,
Mentiras pera senhoras,
Mentiras pera os amores,
Mentiras, que a todas horas
Vos nasção dellas favores.
  E como formos avindos
Nos preços disto que digo,
Vender-vos-hei como amigo
Muitos enganos infindos,
Que aqui trago comigo.
ROM. Tudo isso tu vendias,
E tudo isso feirei
Tanto, que inda venderei,
E outras sujas mercancias,
Que por meu mal te comprei.
  Porque a trôco do amor
De Deos, te comprei mentira,
E a trôco do temor
Que tinha da sua ira,
Me déste o seu desamor:
E a trôco da fama minha
E sanctas prosperidades,
Me déste mil torpidades;
E quantas virtudes tinha
Te troquei polas maldades.
  E pois ja sei o teu geito,
Quero ir ver que vai ca.
DIA. As cousas que vendem lá
São de bem pouco proveito
A quemquer que as comprará.

Vai-se Roma ao Tempo e Mercurio, e diz:

ROMA.

  Tão honrados mercadores
Não podem leixar de ter
Cousas de grandes primores;
E quant'eu houver mister
Deveis vós de ter, senhores.
SER. Sinal he de boa feira
Virem a ella donas taes;
E pois vós sois a primeira,
Queremos ver que feiraes
Segundo vossa maneira.
  Ca, se vós a paz quereis,
Senhora, sereis servida,
E logo a levareis
A trôco de sancta vida;
Mas não sei se o trazeis.
Porque, Senhora, eu me fundo
Que quem tem guerra com Deos,

Não póde ter paz c'o mundo;
Porque tudo vem dos ceos,
Daquelle poder profundo.

ROMA.

A trôco das estações
Não fareis algum partido,
E a trôco de perdões,
Que he thesouro concedido
Para quaesquer remissões?
Oh! vendei-me a paz dos ceos,
Pois tenho o poder na terra.

SER. Senhora, a quem Deus dá guerra,
Grande guerra faz a Deos,
Que he certo que Deos não erra.
Vêde vós que lhe fazeis,
Vêde como o estimais,
Vêde bem se o temeis;
Attentae com quem lutais,
Que temo que cahireis.

ROM. Assi que a paz não se dá
A trôco de jubileus?

MER. Ó Roma, sempre vi lá
Que matas peccados cá,
E leixas viver os teus.
E não te corras de mi:
Mas com teu poder fecundo
Assolves a todo o mundo,
E não te lembras de ti,
Nem vês que te vas ao fundo.

ROM. Ó Mercurio, valei-me ora,
Que vejo maos apparelhos.

MER. Dá-lhe, Tempo, a essa Senhora
O cofre dos meus conselhos:
E podes-te ir muito embora.
Hum espelho hi acharás,
Que foi da Virgem sagrada,
Co'elle te toucarás,
Porque vives mal toucada,
E não sintes como estás:
E acharás a maneira
Como emendes a vida:
E não digas mal da feira;
Porque tu seras perdida,
Se não mudas a carreira.
Não culpes aos reis do mundo,
Que tudo te vem de cima,
Polo que fazes ca em fundo;
Que, offendendo a causa prima,
Se resulta o mal segundo.
E tambem o digo a vós,
E a qualquer meu amigo,

Que não quer guerra comsigo :
Tenha sempre paz com Deos,
E não temerá perigo.

DIABO.

Preposito Frei Sueiro,
Diz lá o exemplo velho,
Dá-me tu a mim dinheiro,
E dá ao demo o conselho.

Gil Vicente, *Obras*, Coimbra (1907), pag. 47-55.

XL

Farça dos Almocreves.

O fundamento desta farça he, que hum fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capellão seu e ourives seu, e outros officiaes, aos quaes nunca pagava: e vendo-se o seu capellão esfarrapado e sem nada de seu, entra dizendo:

CAPELLÃO.

Pois que não posso rezar,
Por me ver tão esquipado,
Por aqui por este arnado
Quero hum pouco passear
Por espaçar meu cuidado.
E grosarei o romance
De *Yo me estaba en Coimbra,*
Pois Coimbra assim nos cimbra
Que não ha quem preto alcance.

Grosa.

Yo me estaba em Coimbra,
Cidade bem assentada;
Pelos campos de Mondego
Não vi palha nem cevada.
Quando aquillo vi mesquinho,
Entendi que era cilada
Contra os cavallos da côrte
E minha mula pellada.
Logo tive a mao sinal
Tanta milhan apanhada,
E a peso de dinheiro
O mula desemparada.
Vi vir ao longo do rio
Hũa batalha ordenada,
Não de gente, mas de mus,
Com muita raiva pisada.
A carne está em Bretanha,
E as couves em Biscaia.

Sam capellão d'hum fidalgo
Que não tem renda nem nada;
Quer ter muitos apparatos,
E a casa anda esfaimada;
Toma ratinhos por pagens,
Anda ja a cousa damnada.
Quero-lhe pedir licença,
Pague-me minha soldada.

Chega o Capellão a casa do Fidalgo e fallando com elle, diz:

CAPELLÃO.

Senhor, ja sera rezão...
FID. Avante, padre, fallae.
CAP. Digo que em tres annos vai
Que sam vosso capellão.
FID. He grande verdade: avante.
CAP. Eu fôra ja do Iffante,
E pudera ser que d'ElRei.
FID. A' bofé, padre, não sei.
CAP. Si, senhor, qu'eu sou d'estante,
Aindaque ca m'empreguei.
Ora pois veja, senhor,
Que he o que m'ha de dar.
Porque alem do altar
Servia de comprador.
FID. Não vo-lo hei de negar:
Fazei-me hũa petição
De tudo quanto requereis.
CAP. Senhor, não me prolongueis,
Qu'isso não traz concrusão,
Nem vejo que a quereis.
Porque me fiz polo vosso
Clericus et negociatores.
FID. Assi vos dei eu favores,
E disso pouco qu'eu posso
Vos fiz mais que outros senhores:
Ora hum clerigo que mais quer
De renda nem d'outro bem,
Que dar-lhe homem de comer,
Que he cada dia hum vintem,
E mais muito a seu prazer?
Ora a honra que se monta —
He capellão de fuão!
CAP. E do vestir não fazeis conta?
E esse comer com paixão,
E dormir com tanta affronta,
Que a corõa jaz no chão,
Sem cabeçal, e á hũa hora
E missa sempre de caça?
E por vos cair em graça
Servia-vos tambem de fóra,
Té comprar sibas na praça.

E outros cárregosinhos
Deshonestos pera mi,
Isto, senhor, he assi.
E azemel nesses caminhos,
Arre aqui e arre alli,
E ter cárrego dos gatos,
E dos negros da cozinha,
E alimpar-vo-los çapatos,
E outras cousas qu'eu fazia

FIDALGO.

Assi fiei eu de vós
Toda a minha esmolaria,
E daveis polo amor de Deos,
Sem vos tomar conta hum dia.
CAP. Dos tres annos qu'eu allego
Da-la-hei logo sem pendenças:
Mandastes dar a hum cego
Hum real por endoenças.
FID. Eu isso não vo-lo nego.

CAPELLÃO.

E logo dahi a hum anno,
Pera ajuda de casar
Hũa orfan, mandastes dar
Meio covado de panno
D'Alcobaça por tosar.
E nos dous annos primeiros
Repartistes tres pescadas
Por todos esses mosteiros,
Na pederneira compradas
Daquestes mesmos dinheiros.
Ora eu recebi cem reaes
Em tres annos, contae bem,
Tenho aqui meio vintem.
FID. Padre, boa conta dais.
Ponde tudo n'hum item,
E fallae ao meu Doutor,
Que elle me fallará nisso.
CAP. Deixe Vossa Mercê isso
Pera ElRei nosso senhor,
E vós fallae-me de siso,
Que como, senhor, me ficastes
(Isto dentro em Santarem)
De me pagardes mui bem...
FID. Em quantas missas m'achastes?
Das vossas digo eu porém.
CAP. Que culpa vos tem Çamora?
Por vós estão ellas nos ceos.
FID. Mas tomae-as para vós,
E guardae-as muit'embora,
Então pague-vo-las Deos:

Que eu não gasto meus dinheiros
Em missas atabalhoadas.
CAP. E vós fazeis foliadas
E não pagais ó gaitero?
Isso são balcarriadas.
Se vossas mercês não hão
Cordel pera tantos nós,
Vivei vós áquem de vós,
E não compreis gavião,
Pois que não tendes piós.
Trazeis seis moços de pé
E acrecentai-los a capa,
Coma rei, e por mercê,
Não tendo as terras do Papa,
Nem os tratos da Guiné,
Antes vossa renda encurta
Coma panno d'Alcobaça.
FID. Todo o fidalgo de raça.
Emque a renda seja curta,
He por fôrça qu'isso faça.
Padre, mui bem vos entendo:
Foi sempre a vontade minha
Dar-vos a ElRei ou á Rainha.
CAP. Isso me vai parecendo
Bom trigo, se der farinha.
Senhor, se m'isso fizer,
Grande mercê me fará.
FID. Eu vos direi que será:
Dizei agora um profaceo, a ver
Que voz tendes pera lá.
CAP. Folgarei eu de o dizer;
Mas quem me responderá?
FID. Eu.

CAPELLÃO.

Per omnia secula seculorum.
FID. *Amen.* CAP. *Dominus vobiscum.*
FID. Avante. CAP. *Sursum corda.*
FID. Tendes essa voz tão gorda,
Que pareceis alifante
Depois de farto d'açorda.

CAPELLÃO.

Peor voz tem Simão Vaz,
Thesoureiro e capellão
E peor o Adaião,
Que canta como alcatraz.
E outros que por hi estão.
Quereis que acabe a cantiga,
E vereis onde vou ter.
FID. Padre, eu hei de ter fadiga,
Mas d'ElRei haveis de ser:
Escusada he mais briga.

CAPELLÃO.

Sabeis em que está a contenda?
Direis: He meu capellão:
E ElRei sabe a vossa renda,
E rir-se-ha se vem á mão,
E remetter-m'ha á Fazenda.
FID. Se vós foreis entoado.
CAP. Que bem posso eu cantar
Onde dão sempre pescado,
E de dous annos salgado,
O peor que ha no mar?

Vem um Pagem do Fidalgo, e Diz:

PAGEM.

Senhor, o orives s'he alli.
FID. Entre. Quererá dinheiro.
Venhais embora cavalleiro:
Cobri a cabeça, cobri.
Tendes grande amigo em mi,
E mais vosso pregoeiro.
Gabei-vos hontem a ElRei.
Quanto se póde gabar,
E sei que vos ha de occupar,
E eu vos ajudarei
Cada vez que m'hi achar.
Porque ás vezes estas ajudas
São melhores que cristeis,
Porque so a fama que haveis,
E outras cousas meudas
O que valem já sabeis.
OUR. Senhor, eu o servirei
E não quero outro senhor.
FID. Sabeis que tendes melhor?
(Eu o dixe logo a ElRei,
E faz em vosso louvor:)
Não vos dá mais que vos paguem,
Que vos deixem de pagar.
Nunca vi tal esperar,
Nunca vi tal avantagem,
Nem tal modo de agradar.
OUR. Nossa conta he tão pequena,
E ha tanto que he devida,
Que morre de promettida,
E peço-a ja com tanta pena,
Que depenno a minha vida.

FIDALGO.

Ora olhae esse fallar
Como vai bem martelado!
Folgo não vos ter pagado,
Por vos ouvir martelar
Marteladas de avisado.

OUR. Senhor, beijo-vo-las mãos,
Mas o meu queria eu na mão.
FID. Tambem isso he cortezão:
« Senhor, beijo-vo-las mãos,
O meu queria eu na mão ».
Que bastiães tão louçãos!
Quanto pesava o saleiro?
OUR. Dous marcos bem, ouro e fio.
FID. Essa he a prata: e o feitio?
OUR. Assaz de pouco dinheiro.
FID. Que val com feitio e prata?
OUR. Justos nove mil reaes.
E não posso esperar mais,
Que o vosso esperar me mata.
FID. Rijamente m'apertais.
E fazeis-me mentiroso,
Qu'eu gabei-vos d'outro geito;
E s'eu tornar ao defeito,
Não sera proveito vosso.
OUR. Assi que o meu saleiro peito?
FID. Elle he dos mais maos saleiros,
Que em minha vida comprei.
OUR. Ainda o eu tomarei
A cabo de tres janeiros
Que ha que vo-lo eu fiei.

FIDALGO.

J'agora não he rezão;
Eu não quero que vós percais.
OUR. Pois porque me não pagais?
Que eu mesmo comprei carvão
Com que me encarvoiçais.
FID. Moço, vae-me ver o que faz ElRei,
Se parecem Damas lá:
Este dia não se va
Em pagarás, não pagarei.
E vós tornae outro dia ca.
Se não achardes a mi,
Fallae c'o meu Camareiro,
Porque elle tem o dinheiro,
Que cada anno vem aqui
Da renda do meu celeiro;
E delle recebereis
O mais certo pagamento.
OUR. E pagais-me ahi co'o vento,
Ou com as outras mercês?
FID. Tomae-lhe vós lá o tento.

Indo-se o Capellão, vai dizendo:

CAPELLÃO.

Estes hão d'ir ao paraiso?
Não creio eu logo nelle.

Eu lhes mudarei a pelle :
Daqui avante siso, siso,
Juro a Deos que m'abroquele.

Vem o Pagem com recado e diz :

PAGEM.

Senhor, in-Rei s'he no Paço.
FID. Em que casa ? PAG. Isto abastà.
FID. O recado qu'elle dá !
Ratinho es de ma casta.
PAG. Abonda, bem sei eu o qu'eu faço.
FID. Abonda ! olhae o villão.
Damas parecem per hi ?
PAG. Si, senhor, damas vi,
Andavão pelo balcão.

FIDALGO.

E quem erão ? PAG. Damas mesmas.
FID. Como as chamão ? PAG. Não as chamava ninguem.
FID. Ratinhos são abantesmas,
E quem por pagens os tem.
Eu hei de fazer por haver
Hum pagem de boa casta.
PAG. Ainda eu hei de crescer :
Castiço sam eu que basta,
Se me Deos deixa viver.
Pois o mais o deprenderei,
Como outros como eu per hi.
FID. Pois faze-o tu assi,
Porque has de ser d'ElRei,
Moço da Camara ainda.
PAG. Boa foi logo ca a vinda.
Assi que até os pastores,
Hão de ser d'elRei samica !
Por isso esta terra he rica
De pão, porque os lavradores
Fazem os filhos paçãos.
Cedo não ha de haver villãos :
Todos d'ElRei, todos d'ElRei.
FID. E tu zombas ? PAG. Não, mas antes sei
Que tambem alguns christãos
Hão de deixar a costura.

Torna o Capellão.

CAPELLÃO.

Vossa Mercê por ventura
Fallou ja a ElRei em mi ?
FID. Ainda geito não vi.
CAP. Não seja tão longa a cura
Como o tempo que servi.

FID. Anda ElRei tão occupado
Co'este Turco, co'este Papa,
Co'esta França, co'esta trapa,
Que não acho vao azado,
Porque tudo anda solapa.
Eu entro sempre ao vestir;
Porém pera arrecadar
Ha mister grande vagar.
Podeis-me em tanto servir,
Até qu'eu veja logar.
Cap. Senhor, queria concrusão.
FID. Concrusão quereis? Bem, bem,
Concrusão ha em alguem.
CAP. Concrusão quer concrusão,
E não ha concrusão em nada,
Senhor, eu tenho gastada
Hũa capa e hum mantão;
Pagae-me a minha soldada.
FID. Se vós podesseis achar
A altura de Leste e Oeste,
Pois não tendes voz que preste,
Peraqui era o medrar.
CAP. E vós pagais-me co'o ar?
Mao caminho vejo eu este. (vai-se.)

PAGEM.

Deve-o ElRei de tomar,
Que lucta coma damnado.
Elle he do nosso logar;
De moço guardava gado,
Agora veio a bispar.
Mas não sinto capellão
Que lhe chante hum par de quedas,
E chama-se o Labaredas.
FID. E ca chama-se Cotão,
Mais fidalgo que os Azedas.
Satisfação me pedia,
Que he peor de fazer
Que queimar toda Turquia;
Porque do satisfazer
Nasceo a melancholia.

Vem PeroVaz, almocreve, que traz um pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocalhada e cantando:

PERO VAZ.

« A serra be alta, fria e nevosa,
« Vi venir serrana gentil, graciosa. »
Arre, mulo namorado,
Que custaste no mercado
Sete mil e novecentos
E hum traque pera o siseiro.
Apre, ruço, acrecentado

A moradia de quinhentos,
Paga per Nuno Ribeiro.
Dix, pera a paga e pera ti.
Arre, arre, arre émbora,
Que ja as tardes são d'amigo.
Apre, besta do ruim.
Uxtix ! o atafal vai por fóra
E a cilha no embigo.
São diabos pera os ratos
Estes vinhos da Candosa.
« A serra he alta fria e nevosa,
« Vi venir serrana, gentil, graciosá. »
Apre ca ieramá,
Que te vas todo torcendo,
Como jogador de bola.
Uxtix, uxte xulo ca,
Que t'eu dou irás gemendo
E resoprando sob a cola.
Ao corpo de mi Tareja,
Descobris-vos vós na cama.
Parece ? Dix, pera vossa ama :
Não criarás tu hi vareja.
« Vi venir serrana, gentil, graciosa,
« Cheguei-me per'ella com gran cortezia. »
Mando-vos eu suspirar
Pola padeira d'Aveiro,
Que haveis de chegar á venda,
E então alli desalbardar,
E albardar o vendeiro,
Se não tiver que vos venda
Vinho a seis, cabra a tres,
Pão de calo, filhós de manteiga,
Moça formosa, lençoes de veludo,
Casa juncada, noite longa,
Chuva com pedra, telhado novo,
A candea morta, gaita á porta.
Apre, zambro, empeçarás.
Olha tu não te ponha eu
Oculos na rabadilha,
E verás per onde vás,
Demo que t'eu dou por seu,
E andarás lá de cilha.
« Cheguei-me a ella de gran cortezia,
« Disse-lhe : Senhora, quereis companhia ? »
....
....

PAGEM.

Senhor, o almocreve he aquelle,
Que os chocalhos ouço eu :
Este he o fato, senhor.
FID. Ponde todos côbro nelle.
PER. Uxtix, mulo do judeu ! —

O fato hu s'ha de pôr?
PAG Venhais embora, Pero Vaz.
PER. Mantenha Deos vossa mercê.
PAG. Viestes polas Folgosas?
PER. Ahi estive eu hoje faz
Oito dias pé por pé,
Em casa d'hũas tias vossas.

PAGEM.

Ora meu pae que fazia?
PER. Cavando andava bacelo,
Bem cansado e bem suado.
PAG. E minha mãe? PER. Levava o gado
Lá pera Val de Cabelo,
Mal roupada qu'ella ia.
Uxtix, que mao lambaz! —
E vossa mercê que faz?
PAG. Estou loução como que.
PER. E á bofé creceis assaz.
Saude que vos Deos dê.

PAGEM.

Eu sam pagem de meu senhor,
Se Deos quiser pagem da lança.
PER. E hum fidalgo tanto alcança?
Isso he d'Imperador.
Ora prenda ElRei de França.
PAG. Ainda eu hei de chegar
A cavalleiro fidalgo.
PER. Pardeos, João Crespo Penalvo,
Que isso seria esperar
De mao rafeiro ser galgo.
Mais fermoso está ao villão
Mao burel, que mao frisado,
E romper matos maninhos;
E ao fidalgo de nação
Ter quatro homens de recado,
E leixar lavrar ratinhos.
Qu'em Frandes e Alemanha,
Em toda França e Veneza,
Que vivem por siso e manha,
Por não viver em tristeza,
Não he como nesta terra;
Porque o filho do lavrador
Casa lá com lavradora,
E nunca sabem mais nada;
E o filho do broslador
Casa com a brosladora:
Isto per lei ordenada.
E os fidalgos da casta
Servem os reis e altos senhores,
De tudo sem presumpção,

Tão chãos, que pouco lhes basta.
Pera todos lavrão pão.

PAGEM.

Quero ir dizer de vós.
PER. Ora ide dizer de mi:
Que se grave he Deos dos ceos,
Mais graves deoses ha aqui.

(ao Fidalgo.)

PAG. Senhor, alli vêm o fato,
E está á porta o almocreve:
Vêde quem lhe ha de pagar
Isso tal que se lhe deve.

FIDALGO.

Isto he com que m'eu mato
Quem te manda procurar?
Attenta tu polo meu,
E arrecada-o muito bem,
E não cures de ninguem.
PAG. Elle he d'apar de Viseu,
E homem que me pertem;
Pois a porta lhe abri eu.

Entra dentro o almocreve e diz:

PERO VAZ.

Senhor, trouxe a frascaria
De vossa mercê aqui.
Hi estão os mus albardados.
FID. Essa he a mais nova arabia
D'almocreve que eu vi:
Dou-te vinte mil cruzados.
PER. Mas pague-me vossa mercê
O meu aluguer, nó mais,
Que me quero logo ir.
FID. O aluguer quanto he?
PER. Mil e seis centos reaes,
E isto por vos servir.

FIDALGO.

Fallae c'o meu azemel,
Porque he doutor das bêstas
E astrologo dos mus,
Que assente em hum papel
Per avaliações honestas
O que se monta: ora sus.
Porque esta he a ordenança
E estilo de minha casa;

E se o azemel for fóra,
Como cuido que he em França,
Dareis outra volta á massa,
E ir-vos-heis por agora.
   Vossa paga he nas mãos.
PER. Já a eu quisera nos pés,
O' pesar de minha mãe.
FID. E tens tu pae e irmão?
PER. Pagae, senhor, não zombeis,
Que sou d'alem do sertão,
E não posso ca tornar.
FID. Se ca vieres á côrte,
Pousarás aqui co'os meus.
PER. Nunca mais hei de fiar
Em fidalgo desta sorte.
Emque o mande San Matheus.

FIDALGO.

   Faze por teres amigos,
E mais tal homem com'eu,
Porque dinheiro he hum vento.
PER. Dou eu ja ó demo os amigos
Que me a mi levão o meu.

Vai-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diz o

FIDALGO 1.º

   Oh que grande saber vir,
E que gran saber-me á vontade!
F. 2.º Pois, senhor, que vos parece?
Desejo de vos servir,
E não quero que venha á cidade
Hum quem não parece esquece.
F. 1.º Paguei soma de dinheiro
A hum ourives agora,
De prata que me lavrou,
E paguei a um recoveiro,
Que he a dar dinheiros fóra
A quem não sei como os ganhou.

FIDALCO 2.º

   Ganhão-nos tão mal ganhados,
Que vos roubão as orelhas.
F. 1.º Pola hostia consagrada
E polo Deos consagrado,
Que os lobos nas ovelhas
Não dão tão crua pancada.
Polos sanctos avangelhos,
E polo *omnium sanctorum*,
Que até o meu capellão,
Por mezinhas de coelhos
E hũa *secula seculorum*,

Lhe dou por missa um tostão.
Não ha ja homem em Portugal
Tão sujeito em pagar,
Nem tão forro pera mulheres.
F. 2.ª Guardae vós esse bem tal,
Que a mi hão-me de matar
Bem me queres mal me queres.
F. 1.ª Por quantas damas Deos tem
Não daria nem migalha.
Olhae que descubro isto.
F. 2.º Sam tão fino em querer bem,
Que de fino tomo a palha,
Pola fé de Jesu Christo.
Quem quereis que veja olhinhos,
Que se não perca por elles,
Lá per huns geitinhos lindos,
Que vos mettem em caminhos,
E não ha caminhos nelles,
Senão espinhos infindos?
F. 1.ª Eu ja não hei de penar
Por amores de ninguem;
Mas dama de bom morgado,
Aqui vai o remirar,
Aqui vai o querer bem,
E tudo bem empregado.
Que porque dance mui bem,
Nem bailar com muita graça,
Seja discreta, avisada,
Fermosa quanto Deos tem —
Senhor, boa prol lhe faça,
Se seu pae não tiver nada.
Não sejais vós tão Mancias,
Que isso passa ja d'amor,
E cousas desesperadas.
F. 2.ª Porém lá por vossas vias
Vou-vos esperar, senhor,
A rendeiro das jugadas.
Porque galante caseiro
He pera pôr em historia.
F. 1.º Mas zombae, senhor, zombae.
F. 2.º Senhor, o homem inteiro
Não lh'ha de vir á memoria
Co'a dama o de seu pae;
Nem ha mais de desejar
Nem querer outra alegria,
Que so *Los tus cabellos niña.*
Não ha hi mais que esperar,
Onde he esta cantiguinha.
E, *Todo o mal he de quem no tem*
E, *Se o disserem digão — Alma minha,*
Quem vos anojou, meu bem:
Hei os todos de grosar,
Ainda que sejão velhos.
F. 1.ª Vós, senhor, vindes tão bravo,

Que eu hei-vos medo ja.
Polos sanctos evangelhos
Que levais tudo ao cabo,
Lá onde cabo não ha.
F. 2.° Zombais e dais a entender
Zombando, que m'entendeis.
Pois de vós mui alto estou,
Porque deveis de saber
Que se d'amor não sabeis,
Não podeis ir onde eu vou.
Quando fordes namorado,
Vireis a ser mais profundo,
Mais discreto e mais subtil,
Porque o mundo namorado
He lá, senhor, outro mundo,
Que está alem do Brasil.
Oh meu mundo verdadeiro!
Oh minha justa batalha!
Mundo do meu doce engano!
F. 1.° Oh palha do meu palheiro,
Que tenho hum mundo de palha,
Palha ainda d'ora a hum anno;
E tenho hum mundo de trigo
Pera vender a essa gente.
Boa cabeça tem Morale.
Não quero d'amor, amigo,
Andar gemente e flente
In hac lacrymarum valle.

Fidalgo 2.°

Vou-me; vós não sois sentido,
Sois mui duro do pescoço;
Não vale isso nem migalha:
Pesa-me de ver perdido
Hum homem fidalgo ensonço,
Pois tem a vida na palha.

Gil Vicente, *Obras* (Coimbra), 1907, pg. 220-337.

XLI

Farça de Inez Pereira.

Finge-se que Inez Pereira, filha de hũa mulher de baixa sorte, muito fantasiosa, está lavrando em casa, e sua mãe he a ouvir missa, e ella diz:

Inez.

Renego deste lavrar
E do primeiro que o usou;
O' diabo qu'eu o dou,
Que tão mao he de aturar.
Oh Jesu! que enfadamento,
E que raiva e que tormento,
Que cegueira e que canceira!
Eu hei de buscar maneira
D'algum outro aviamento.
Coitada, assi hei de estar
Encerrada nesta casa

Como panela sem aza,
Que sempre está n'um lugar?
E assi hão de ser logrados
Dous dias amargurados
Que eu posso durar viva?
E assi hei d'estar captiva
Em poder de desfiados?
  Commendo-me eu logo ó Demo
S'eu mais lavro nem pontada;
Ja tenho a vida cansada
De jazer sempre d'hum cabo.
Todas folgão, e eu não,
Todas vem e todas vão
Onde querem, senão eu.
Hui! e que peccado he o meu,
Ou que dor de coração?
  Esta vida he mais que morta.
Sam eu coruja ou corujo,
Ou sam algum caramujo,
Que não sae senão á porta?
E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,
Que possa estar á janella,
He ja mais que a Madanella,
Quando achou a alleluïa.

Vem a Mãe, e diz:

MÃE.

  Logo eu adivinhei
Lá na missa onde eu estava,
Como a minha Inez lavrava
A tarefa que lh'eu dei.
Acaba esse travesseiro.
E naceo-te algum unheiro;
Ou cuidas que he dia sancto?

INEZ.

Praza a Deos que algum quebranto
Me tire do captiveiro.

MÃE.

  Toda tu estás aquella!
Chórão-te os filhos por pão?

INEZ.

Prouvesse a Deos; que já he razão
De eu não estar tão singela.

MÃE.

Olhade alli o mao pezar!
Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?

INEZ.

Mas eu, mãe, sam aguçosa,
E vos dae-vos de vagar.

MÃE.

  Ora espera assi, vejamos.

INEZ.

Quem ja visse esse prazer.

MÃE.

Cal'-te que poderá ser,
Qu'ante a pascoa vem os Ramos.
Não t'apresses tu, Inez,
Maior he o anno que o mez.
Quando te não precatares
Virão maridos a pares,
E filhos de tres em tres.

INEZ.

  Quero-m'ora alevantar;
Folgo mais de fallar nisso,
Assi me dê Deos o paraiso,
Mil vezes que não lavrar:
Isto não sei que me faz.

MÃE.

Aqui vem Lianor Vaz.

INEZ.

E ella vem-se benzendo.

. . . .

LEONOR.

. . . . Eu venho
Com grande amor que vos tenho,
Porque diz o exemplo antigo
Que a amiga e o amigo
Mais aquenta que bom lenho.
  Inez Pereira he concertada
Pera casar com alguem?

MÃE.

Atégora com ninguem
Não he ella embaraçada.

LEONOR.

Eu vos trago hum casamento,
Em nome do Anjo bento:
Filha, não sei se vos praz.

INEZ.

E quando, Lianor Vaz?

LEONOR.

Eu vos trago aviamento.

INEZ.

Porém não hei de casar
Senão com home' avisado:
Ainda que pobre pellado,
Seja discreto em fallar.

LEONOR.

Eu vos trago hum bom marido,
Rico, honrado, conhecido:
Diz que em camiza vos quer.

INEZ.

Primeiro eu hei de saber
Se he parvo, se sabido.

LEONOR.

Nesta carta que aqui vem
Pera vós, filha d'amores,
Veredes, minhas flores,
A descrição que elle tem.

INEZ.

Mostrae-m'a ca, quero ver.

LEONOR.

Tomae: e sabedes vós ler?

MÃE.

Hui! e ella sabe latim,
E gramateca e alfaqui,
E tudo quanto ella quer.

INEZ (lê a carta.)

Senhora amiga Inez P'reira.
Pero Marques vosso amigo,
Que ora estou na nossa aldea,
Mesmo na vossa mercea
M'encommendo, e mais digo,
Digo que benza-vos Deos,
Que vos fez de tão bom geito:
Bom prazer e bom proveito
Veja vossa mãe de vós.
Ainda que eu vos vi
Est'outro dia de folgar,
E não quiseste bailar,
Nem cantar diante mi...
Na voda de seu avô,
Ou onde me vio ora elle?
Lianor Vaz, este he elle?

LEONOR.

Lede a carta sem dó,
Qu'inda eu sam contente delle?

INEZ (prosegue na leitura.)

Nem cantar presente mi,
Pois Deos sabe a rebentinha
Que me fizestes então.
Ora, Inez, que hajais benção
De vosso pae e a minha,
Que venha isto a concrusão.
Viste tão parvo villão?
Eu nunca tal cousa vi
Nem tanto fóra de mão.

LEONOR.

Quereis casar a prazer
No tempo d'agora, Inez?
Antes casa, emque te pêz,
Que não he tempo d'escolher.
Sempre eu ouvi dizer,
Ou seja sapo ou sapinho,
Ou marido ou maridinho,
Tenha o que houver mister,
Este he o certo caminho.

MÃE.

Pardeos, amiga, essa he ella;
Mata o cavallo de sella,
E bô he o asno que me leva.

LEONOR.

Filha, no chão do Couse,
Quem não puder andar choute.
Mais quero eu quem m'adore,
Que quem faça com que chore.
Chamá-lo-hei, Inez? INE. Si,
Venha e veja-me a mi,
Quero ver, quando me vir,
Se perderá o presumir
Logo em chegando aqui,
Pera me fartar de rir.

MÃE.

Touca-te, se ca vier,
Pois que pera casar anda.

INEZ.

Essa he boa demanda !
Ceremonias ha mister
Homem que tal carta manda ?
Eu o estou ca pintando :
Sabeis, mãe, que eu adivinho ?
Deve ser hum villãosinho...
Ei-lo se vem penteando :
Sera com algum ancinho ?

Vem Pero Marques, e diz :

PERO.

Homem que vai donde eu vou
Não se deve de correr ;
Ria embora quem quiser,
Que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui :
Olhae que m'esquece a mi !
Eu creio que nesta rua,
E esta parreira he sua :
Ja conheço que he aqui.

(Chega a casa de Inez Pereira.)

Digo que esteis muito embora.
Folguei ora de vir ca
Eu vos escrevi de lá
Hũa cartinha, senhora :
E assi que de maneira...

MÃE.

Tomae aquella cadeira.

PERO.

E que vale aqui hũa destas ?

INEZ.

(Oh Jesu ! que Jam das bêstas !
Olhae aquella canseira.)

(Assentou-se com as costas para ellas, e diz :)

PERO.

Eu cuido que não 'stou bem.

MÃE.

Como vos chamais, amigo ?

PERO.

Eu Pero Marques me digo,
Como meu pae que Deos tem.
Falleceo (perdoe-lhe Deos,
Que fôra bem escusado)
E ficamos dous hereos,
Porém meu he o morgado.

MÃE.

De morgado he vosso estado ?
Isso viria dos ceos.

PERO.

Mais gado tenho eu ja quanto,
E o maior de todo o gado,
Digo maior algum tanto.
E desejo ser casado,
Prouguesse ao Spirito Sancto,
Com Inez ; que eu me espanto
Quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
E eu de bem er tambem.
Ora vós er ide vendo.
Se lhe vem melhor alguem,
A segundo o qu'eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
Peras da minha pereira :
Hão de estar na derradeira.
Tende ora, Inez per hi.

INEZ.

E isso hei de ter mão ?

PERO.

Deitae as peas no chão.

INEZ.

As perlas pera enfiar,
Tres chocalhos e hum novelo,
E as peas no capello : —
E as peras onde estão ?

PERO.

Nunca tal m'acconteceo :
Algum rapaz m'as comeo ;
Que as metti no capello,
E ficou aqui o novelo,
E o pentem não se perdeo :
Pois trazi'-as de boamente.

INEZ.

Fresco vinha ahi o presente
Com folhinas borrifadas.

PERO.

Não qu'ellas vinhão chentadas
Ca em fundo no mais quente.
  Vossa mãe foi-se? Ora bem,
Sos nos leixou ella assi?
Cant'eu quero-m'ir daqui,
Não diga algum demo alguem...

INEZ.

Vós que m'havieis de fazer,
Nem ninguem que ha de dizer?
O gallante despejado!

PERO.

Se eu fôra ja casado,
D'outra arte havia de ser,
Como homem de bom peccado.

INEZ (á parte.)

  Quão desviado este está!
Todos andão por caçar
Suas damas sem casar,
E este, tomade-o lá!

PERO.

Vossa mãe he lá no muro?

INEZ.

Minha mãe e vós seguro
Que ella venha ca dormir.

PERO.

Pois, senhora, eu quero-me ir
Antes que venha o escuro.

INEZ.

E não cureis mais de vir.

PERO.

Virá ca Lianor Vaz,
Veremos que lhe dizeis.

INEZ.

Homem, não aporfieis,
Que não quero, nem me praz.
Ide casar a Cascaes.

PERO.

Não vos anojarei mais,
Aindaque saiba estalar;
E prometto não casar
Até que vós não queirais.
  Estas vos são ellas a vós;
Anda home a gastar calçado,
E quando cuida que he aviado,
Escarnefuchão de vós.
Creio que lá fica a pea:
Pardeos! bô ia eu á aldea.
Senhora, ca fica o fato.

INEZ.

Olhae se o levou o gato.

PERO.

Inda não tendes candea?
  Ponho per cajo que alguem
Vem como eu vim agora,
E vós a escuras a tal hora:
Parece-vos que sera bem?
Ficae-vos ora com Deos:
Cerrae a porta sôbre vós
Com vossa candeiasinha;
E siquaes sereis vós minha,
Entonces veremos nós. (vai-se.)

INEZ.

  Pessoa conheço eu
Que levará outro caminho.
Casae lá c'hum villãosinho,
Mais covarde que hum judeu!
Se fôra outro homem agora,
E me topára a tal hora,
Estando comigo ás escuras,
Dissera-me mil doçuras,
Ainda que mais não fôra.

MÃE.

  Pero Marques foi-se ja?

INEZ.

E pera que era elle aqui?

MÃE.

E não t'agrada elle a ti?

INEZ.

Va-se muitieramá;
Que sempre disse e direi,
Mãe, eu me não casarei

Senão com homem discreto,
E assi vo-lo prometto,
Ou antes o leixarei.
Que seja homem mal feito,
Feio, pobre, sem feição,
Como tiver descrição,
Não lhe quero mais proveito.
E saiba tanger viola,
E coma eu pão e cebola.
Siquer hũa cantiguinha,
Discreto, feito em farinha,
Porque isto me degola.

Gil Vicente, *Obras* (ed. Hamburgo), III, 122 a 124, e 127 a 135.

XLII

Comédia Alfea.

Fala de Silvio a Celia

.... Conheço
Que dais mais do que mereço,
Pois por preço em q mais ganho;
Me dais o que naõ tem preço.
A maõ vos dou de ser vosso,
E dado que a maõ naõ dera,
Naõ ser vosso mal podera,
Porque querendo o que posso,
Só o ser vosso quisera.
Vós ribeiras caudalosas
Celebrareis este dia,
Roxos lirios, brancas rosas,
Boninas, flores cheirosas,
Celebray minha alegria.
Arvoredos que cubris
Com fresca sombra os pastores,
Porque vos naõ revestis
Doutras cores, frutos, flores,
Pois minha gloria sentis?

Dai-me minha Celia agora
O que peço como esposa.

Simão Machado, *Comedias Portuguesas*, pg. 108, 2.ª col.

XLIII

Comédia Alfea.

SILVIO

Dizei-me fermosas flores,
Que sabeis de Celia bella?
Doei-vos de minhas dores,
Que essa fermosura, & cores,
Me dizem que sabeis della.

Como não ha fermosura
Onde Celia está ausente,
A que tendes me assegura,
Que em vós a tenho presente,
Mas escondem a ventura.
Ay que atè o engano meu
Me persegue, & me faz guerra,
Se Celia quer dizer Ceo,
E a terra a não mereceo,
Como a busco eu ca na terra?
Desse lugar onde estais,
Querida Celia vos peço,
Qual he mayor me digais,
Se a pena que eu ca padeço,
Se a gloria que la gozais?
E se foy de vos perder,
A causa não merecer-vos,
Vós me façais merecer
Ir-vos lá tão cedo a ver,
Quam cedo deixey de ver-vos.

Alfea pois me roubaste
A vida com que vivia,
Porque vivo me deixaste,
Para morrer cada dia,
Ausente de quem levaste?
....

PASCOAL

A lugar despovoado,
Apartado de alegria,
Irey sem levar meu gado,
Nem mais outra companhia,
Que só a de meu cuidado.
Alli em a soidade
Moveraõ minhas querellas
As crueis feras, & nellas
Verey achando piedade,
Quanto es tu mais cruel quellas.
Alli com tristes lamentos
Espalharey pelos ventos
Palavras que formem crua,
Ajudandome com a sua
O Ecco nos finaes assentos.

Id. *Ibid.*, pag. 118-119 e 129.

PROSA

XLIV

Sobre a pintura em Flandres e em Italia; apologia desta arte.

(Diálogo em que sam interlocutores: — a Marquesa de Pescara, Vittoria Collonna — Messer Lattanzio Tolomei — Francisco de Hollanda — Frate Ambrogio di Siena — Miguel Angelo.)

....

Dixe M. Angelo: — Mas peça-me v. ex.ª cousa que se a ella possa dar, e será sua.

E ella, sorrindo-se: — Muito desejo de saber, pois stamos nesta materia, que cousa é o pintar de Frandes, e a quem satisfaz, porque me parece mais devoto que o modo italiano.

— A pintura de Frandes, respondeu devagar o pintor, satisfará, Senhora, geralmente a qualquer devoto, mais que nenhuma de Italia, que lhe nunca fará chorar uma só lagrima, e a de Frandes muitas; isto não polo vigor e bondade d'aquela pintura, mas pola bondade d'aquele tal devoto. A molheres parecerá bem, principalmente ás muito velhas, ou ás muito moças, e assi mesmo a frades e a freiras, e a alguns fidalgos desmusicos da verdadeira harmonia. Pintam em Frandes propriamente pera enganar a vista exterior, ou cousas que vos alegrem ou de que não possaes dizer mal, assi como santos e profetas. O seu pintar é trapos, maçonerias, verduras de campos, sombras d'arvores, e rios e pontes, a que chamam paisagens, e muitas figuras para ca e muitas para acola; e tudo isto, inda que pareça bem a alguns olhos, na verdade é feito sem razão nem arte, sem symetria, nem proporção, sem advertencia d'escolher nem despejo, e finalmente sem nenhuma sustancia nem nervo; e comtudo noutra parte se pinta pior que em Frandes. Nem digo tanto mal da framenga pintura porque seja toda má, mas porque quer fazer tanta cousa bem (cada uma das quaes só bastava por mui grande) que não faz nenhuma bem.

Sómente as obras que se fazem em Italia podemos chamar quasi verdadeira pintura, e por isso a boa chamamos italiana, que quando, noutra terra se assim fizesse, d'aquella terra ou provincia lhe dariamos o nome. E a boa d'esta não ha cousa mais nobre nem devota, porque a devoção, nos discretos, nenhuma cousa a faz mais lembrar nem erguer que a deficuldade da perfeição que se vai unir e ajuntar a Deos; porque a boa pintura não é outra cousa senão um terlado das perfeições de Deos e uma lembrança do seu pintar, finalmente uma musica e uma melodia que sómente o inteleito póde sentir, a grande deficuldade. E por isto é esta pintura tão rara que a não sabe ninguem fazer nem alcançar. E mais digo (o que quem o notar, terá em muito) que de quantos climas ou terras alumia o sol e a lua, em nenhuma outra se póde bem pintar senão em o reino da Italia; e é cousa quasi impossivel fazer-se bem senão aqui, ainda que bem nas outras provincias houvesse melhores engenhos, se os póde haver, e isto polas razões que vos diremos. Tomai um grande homem d'outro reino, e dizei-lhe que pinte o que elle quiser e melhor souber fazer, e faça-o; e tomai um mau discipolo italiano e mandai-lhe dar um traço, ou que pinte o que vós quiserdes, e faça-o; achareis, se o bem entendeis, que o traço d'aquelle aprediz, quanto á arte, tem mais sustancia que o d'aqueloutro mestre, e vale mais o que elle queria fazer que tudo o que aqueloutro fez. Mandai a um grande mestre, que não seja italiano, inda que bem fosse Alberto, homem delicado na sua maneira, que para me enganar a mi ou a Francisco d'Ollanda, queira contrafazer e arremedar uma obra que pareça de Italia, e se não poder ser da muito boa, que seja da arrezoada, ou da má pintura, que eu vos certifico que logo a tal obra se conheça não ser feita em Italia, nem por mão de italiano. Assim affirmo que nenhuma nação nem gente (deixo estar um ou dous spanhoes), póde perfeitamente fartar nem emitar o modo do pintar da Italia (que é o grego antigo), que logo não seja conhecido facilmente por alheo, por mais que se nisso esforce e trabalhe. E se por algum grande milagre algum vier a pintar bem, então, inda que o não fizesse por arremedar Italia, se poderá dizer que o sómente pintou como italiano. Assi que não se chama pintura de Italia qualquer pintura feita em Italia, mas qualquer que fôr boa e certa, que, porque nella se fazem as obras da pintura illustre mais mestriosas e gravemente que em nenhuma outra parte, chamamos á boa pintura *italiana*, a qual, inda que se fezesse em Frandes ou em Spanha (que mais se aproxima comnosco), se boa fôr, pintura será de Italia, porque esta nobelissima sciencia não é de neuhuma terra, *que do ceo veio*; porém do antigo inda ficou em a nossa Italia mais que em outro reino do mundo, e nella cuido eu que acabará.

Assim dizia elle. Vendo eu que Micael stava callado, por este modo o tornei a provocar:

— Assi, mestre Micael Angelo, que vós affirmaes que sómente aos italianos concedeis entre todo o outro mundo a pintura?

Nem que milagre é ser isso assi? Sabereis que em Italia pinta-se bem por muitas razões, e fóra de Italia pinta-se mal por muitas razões. Primeiramente a natureza dos italianos é estudiosissima em stremo, e os de engenho já trazem do seu proprio, quando nascem, trabalho, gosto e amor áquillo que são inclinados, e que lhes pede o seu genio; e se algum determina de fazer profissão, e seguir alguma arte ou sciencia liberal, não se contenta elle com o que lhe basta para ser por aquella rico e do numero dos officiaes, mas por ser unico e

stremado vegia e trabalha continuamente, e só traz ante dos olhos este tamanho interesse de ser monstro de perfeição (fallo onde sei que sou crido) e não arrezoado naquella arte ou sciencia. E isto porque Italia não stima este nome de arrezoado, que tem por baixissima cousa nesta parte o remedio; e sómente d'aquelles falla e até o ceo alevanta a que chamam *aguias*, como sobrepujadores dos outros todos e como penetradores das nuvens e da luz do sol. Depois naceis na provincia (vêde se é isto vantagem) que é mãe e conservadora de todas as sciencias e desceplinas, entre tantas reliquias dos vossos antigos, que em nenhuma outra parte se acham, que já de mininos, a qualquer cousa que a vossa inclinação ou genio emclina, topaes ante os olhos polas ruas muita parte d'aquellas, e costumados sois de pequenos a terdes vistas aquellas cousas que os velhos nunca viram noutros reinos. Depois crescendo, inda que bem fosseis rudos e grosseiros, trazeis já do costume os olhos tão cheios da noticia e vista de muitas cousas antigas nomeadas, que não podeis deixar de vos chegar a imitar d'ellas; quanto mais que com isso se ajuntam engenhos (como digo) stremados, e studo e gosto incansavel. Tendes mestres que imitar singulares, e as suas obras, e das cousas modernas cheas as cidades de todas as galantarias e novidades que se cada dia descobrem e acham. E se todas estas cousas não bastam, que eu por mui suficiente stimaria pera a perfeição de qualquer sciencia, ao menos esta é mui bastante: que nós outros, os Portugueses, inda que alguns naçamos de gentis engenhos e spritos, como nacem muitos, todavia temos por desprezo e galantaria fazer pouca conta das artes; e quasi nos enjuriamos de saber muito d'ellas, onde sempre as deixamos imperfeitas e sem acabar. A vós os italianos (não digo já allèmães nem franceses) a mór honra, a mór nobreza e o ser pera mais, sómente pondes em um [homem] ser terribel pintor, ou terribel em qualquer faculdade; e aquelle só dos fidalgos, dos capitães, dos discretos, dos praguentos, dos principes, dos cardeaes e dos papas é tido em muito e quasi d'alguns exalçado, que alcança fama de consumado e raro na sua profissão. E não stimando em Italia grandes principes, nem tendo nome, sómente a um pintor vão chamar o *divino*: Micael Angelo, como em cartas que vos escreveu Aretino, praguejador de todos os senhoros christãos, achareis. Ora as pragas e os preços, que em Italia se dão pola pintura, tambem me parecem muita parte de em nenhum outro logar se poder pintor, senão dentro nella, porque muitas vezes por uma cabeça ou rosto tirado do natural se pagam mil cruzados; e outras muitas obras se pagam, como, senhores, melhor sabeis, mui deferentes do que pagam polos outros reinos, posto que o meu é dos magnificos e largos. Ora veja a Exellencia Vossa se são estas deferentes casiões e ajudas.

— Parece-me, respondeu a senhora Marquesa, que per cima d'esses desazos tendes vós engenho e saber não de tramontano, mas de *bom italiano*; emfim, por toda a parte é uma mesma a virtude, e um mesmo bom, e um mesmo máo, inda que não tenham outras policias das nossas.

— Se isso (respondi eu) ouvissem na minha patria, bem, senhora, se spantariam assi de me v. ex.ª louvar e por essa maneira, como por fazer essa deferença dos homens italianos aos outros, que lhe chamaes tramontanos, ou de tra-los-montes:

Non obtusa adeo gestamus pectora Poeni,
Nec tam aduersos equos, Lysia, sol iungi ab urbe.

Temos, senhora, em Portugal cidades boas e antigas, principalmente a minha patria Lisboa; temos costumes bons e bons cortesãos e valentes cavalleiros e valerosos principes, assi na guerra como na paz, e sobretudo temos um rei mui poderoso e claro, que em grande assocego nos tempera e rege, e manda provincias mui apartadas de gentes barbaras, que á fé converteu; e é temido de todo o oriente e de toda Mauritania, e favorecedor das boas artes, tanto que por se enganar com o meu engenho, que de moço algum fruto promettia, me mandou ver Italia e suas policias, e mestre Micael Angelo, que aqui vejo estar. E' bem verdade que não temos outras policias dos edificios, nem de pinturas como cá tendes, mas todavia já se começam e vão pouco a pouco perdendo a superfluidade barbara, que os godos e mauritanos semearam por as Spanhas. Tambem spero que, chegando a Portugal e indo de cá, que eu ajude ou na elegancia do edificar, ou na nobreza da pintura a podermos competir comvosco. A qual sciencia de todo está quasi perdida e sem resplandor nem nome naquelles reinos, e não por culpa d'outrem, senão do logar e do descostume, tanto que muitos poucos a stimam nem entendem, senão é o nosso serenissimo rei, por sostentar toda virtude e a favorecer; e assi mesmo o serenissimo infante D. Luis, seu irmão, principe mui valeroso e sabio, que tem nella muito gentis advertencias e descrição, como até em todas as outras cousas liberaes. Todos os outros não entendem nem se prezam da Pintura.

— Fazem bem, dixe M. Angelo.

Mas Messer Lactancio Tolomei, que havia um pedaço que não fallava, d'esta feição proseguio:

— Essa vantagem temos mui grande, nós, os italianos, a todas as outras nações d'este grão mundo, em o conhecimento e honor de todas as artes e sciencias illustres e dignissimas. Porém faço-vos saber, M. Francisco d'Hollanda, que quem não entender ou stimar a nobelissima pintura, que o faz por seu defeito, e não da arte, que é mui fidalga e clara; e que é barbaro e sem juizo, e que não tem uma mui honrada parte de ser homem. E isto por muitos exemplos dos antigos e novos emperadores e reis muito poderosos; polos dos filosofos e discretos, que tudo alcançaram, que tanto stimaram e se prezaram do conhecimento da pintura, e de fallar nella com tão altos louvores e exemplos, e de a usar e pagar tão liberal e manificamente; e finalmente pela muita honra que lhe faz a Madre Igreja, com os santos pontifices, cardeaes e grandes principes e prelados. E pois achareis em todos os passados segres e todas as passadas valerosas gentes e povos que esta arte sempre trouxeram em tanto que nenhuma cousa tinham por mayor admiração, nem milagre. E pois vemos Alexandre o Manho, Demetrio e Tolomeu, reis famosos, com outros muitos princepes, se vangloriarem prontamente de a saber entender; e entre os Cesares Augustos o divo Cesar, Ottaviano Augusto, M. Agrippa, Claudio, e Caligula e Nero, só em isto vertuosos; assi Vespasiano e Tito, como se mostrou nos retavolos famosos do templo da Paz, o qual edificou despois que desfez os judeus e o seu Jerusalem. Que direi do grande emperador Trajano? que de Helio Hadriano? o qual pola sua propria mão pintava muito singularmente, segundo screve na sua vida Dion grego, e Spartiano, pois o divino Marco Aurelio Antonino, diz Julio Capitolino como aprendeu a pintar, sendo seu mestre Diogenito; e mesmo conta Helio Lampridio que o emperador Severo Alexandre, o qual foi um fortissimo princepe,

pintou elle mesmo a sua genolosia por mostrar que descendia da linhagem dos Metelos. Do grande Pompeo diz Plutarcho que na cidade de Mitilene deb· xou com stylo a planta e fórma do theatro, para o despois mandar fazer em Roma, assi como o fez.

E inda que pelos seus grandes effeitos e primores a nobre pintura mereça toda veneração sem buscar alegações d'outros senão proprios d'ella quis todavia mostrar aqui, ante quem o sabe, de que calidades de homens ella foi stimada. E se se achar por ventura, em algum tempo ou lugar, algum que de elevado e grande não queira prezar esta arte, saiba que outros já móres se prezaram muito d'ella; e quem póde elle ser que se igoale com Alexandre o grego, ou o romano? quem será que exceda a proeza de Cesar? quem de mór gloria que Pompeo? quem mais princepe que Trajano? Pois estes Alexandres e Cesares não sómente amaram a divina pintura caramente, e a pagaram por grandes preços, mas polas suas mesmas mãos a trataram e sentiram. Nem quem será que por braveza e presumpção a engeitar, que até á severa e grave face da pintura não fique muito humilde e para muito menos que ella? — ....

— Além d'essas cousas, que são grandes, qual cousa ha que maes ennobreça ou faça alguma outra cousa fermosa que a pintura, assi nas armas, como nos templos, como nos paços ou fortalezas, ou qualquer outra parte em que caiba fremosura e ordem? E assim affirmam os grandes engenhos que nenhuma cousa póde o homem achar contra a sua mortalidade, nem contra enveja do tempo, que a pintura. Nem se arredou muito d'esta tenção Pithagoras, quando dezia que sós em tres cousas se pareciam os homens com Deus immortal : na sciencia e na pintura e na musica. —

Aqui dixe mestre Micael :

— Eu seguro, que se no vosso Portugal, M. Francisco, vissem a fremosura da pintura que está por algumas casas d'esta Italia, que não poderiam ser tão desmusicos lá que a não stimassem em muito e a desejassem de alcançar; mas não é muito não conhecerem nem prezarem o que nunca viram, e o que não tem.

F. de Hollanda, *Qvatro Dialogos da Pintvra Antigva*, Wien, 1899, pg. 28.

XLV

Menina e Moça ou Saudades de Bernardim Ribeiro.

CAPITULO I

Menina e moça me levaram de casa de meu pae pera longes terras.

Qual fosse então a causa d'aquela minha levada, — era pequena, — não na soube. Agora, não lhe ponho outra, senão que já então paresce havia de ser o que depois foi.

Vivi alli tanto tempo, quanto foi necessario pera não poder viver em outra parte.

Muito contente fui eu naquella terra; mas, — coitada de mim! — que em breve espaço se mudou tudo aquello que em longo tempo se buscou, e pera longo tempo se buscava.

Gran desaventura foi a que me fez ser triste, ou a que, pola ventura, me fez ser leda. Mas, depois que eu vi tantas cousas trocadas per outras, e o prazer feito mágua maior, — a tanta paixão vim, que mais me pesava do bem que tive, que do mal que tinha.

Escolhi, pera meu contentamento (se antre tristezas e saudades ha algum), vir-me viver a este monte, onde o logar, e míngua da conversação da gente fosse como pera meu cuidado compria, — porque, grande erro fôra, depois de tantos nojos, quantos eu com estes meus olhos vi, aventurar-me ainda esperar do mundo o descanso que elle nunca deu a ninguem, — estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; d'onde não vejo senão serras, de um cabo, que se não mudam nnnca, e, do outro, aguas do mar, que nunca estão quedas; onde cuidava eu já que esquecia á desaventura, — porque ella, e depois eu, a todo poder que ambas podémos, não leixámos em mim nada em que podesse nova mágua ter logar (antes havia muito tempo que tudo é povoado de tristezas), — e com rezão.

Mas paresce que, em desaventuras, ha mudanças pera outras desaventuras; porque, do bem, não na havia pera outro bem.

E foi assi, que, por caso extranho, fui levada em parte, onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em cousas alheas, todas minhas angustias; e o meu sentido d'ouvir não ficou sem sua parte da dor.

Alli vi, então, na piedade que houve d'outrem, camanha a divêra ter de mim, se não fôra tão demasiadamente mais amiga de minha dor, do que paresce que foi de mim quem me é a causa d'ella; mas, tamanha é a rezão porque são triste, que nunca me veio mal nenhum, que eu não andasse em busca d'elle.

D'aqui me vem a mim a parecer que esta mudança, em que me eu vi, já então começava a buscar, quando me esta terra, onde me ella aconteceu, aprouve mais que outra nenhuma, pera vir aqui acabar os poucos dias de vida, que eu cuidei que me sobjavam. Mas nisto, como em outras cousas muitas, me enganei eu.

Agora, ha já dous annos que estou aqui, e não sei ainda tão sómente detreminar pera quando m'aguarda a derradeira hora. Não póde já vir longe.

Isto me pos em dúvida de começar a escrever as cousas que vi e ouvi. Mas, depois, cuidando commigo, disse eu, que arrecear de não acabar d'escrever o que vi, não era causa pera o leixar de fazer; pois não havia d'escrever pera ninguem, senão pera mim só. Quanto mais, que, em cousas não acabadas, não havia de ser nova: que quando vi eu prazer acabado, ou mal que tivesse fim? Antes me pareceu que este tempo, que hei d'estar aqui neste ermo (como a meu mal aprouve) não o podia empregar em cousa que mais de minha vontade fosse, — pois Deus quis que assi minha vontade seja.

Se em algum tempo se achar este livrinho de pessoas alegres, não o leam: que, porventura, parescendo-lhe que seus casos serão mudaveis, como os aqui contados, o seu prazer lhe será menos prazer. Isto, onde eu estivesse, me doeria; porque assaz bastava eu nacer pera minhas máguas, e não ainda peras as d'outrem.

Os tristes o poderão ler: mas ahi não os houve mais, homens, depois que nas mulheres houve piedade. Mulheres, si; porque sempre nos homens houve desamor. Mas pera ellas não no faço eu; que pois o seu mal he tamanho, que se não pode confortar com outro nenhum, pera as mais entristecer sem-rezão sería querer eu que o lessem ellas; mas antes lhes peço muito que fujam d'elle, e de todas las cousas de

tristeza; que, ainda com isto, poucos serão os dias que hão de poder ser ledas; porque assi está ordenado pela desaventura com que ellas nacem.

Pera uma só pessoa podia elle ser; mas, d'esta, não soube eu mais parte, depois que as suas desditas, e as minhas, o levaram pera longes terras extranhas, onde bem sei eu, que, vivo ou morto, o possue a terra sem prazer nenhum.

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Que vós commigo, e eu comvosco, sós, soiamos a passar nossos nojos grandes, (e tão pequenos pera os de depois). A vós contava eu todo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza; nem parece ainda, senão que estava espreitando já que vos fosseis.

E por que tudo mais me maguasse, tão sómente me não foi deixado, em vossa partida, o conforto de saber pera que parte da terra ieis; ca descansaram os meus olhos em levarem pera lá a vista.

Tudo me foi tirado; no meu mal, remedio nem conforto nenhum houve ahi. Pera morrer, asinha me podéra isto aproveitar; mas, pera isso, não me aproveitou.

Ainda comvosco, usou a vossa desaventura algum modo de piedade (das que não acostuma fazer com nenhuma pessoa), em vos alongar da vista d'esta terra; cá, pois pera não sentirdes máguas não havia remedio, pera as não ouvirdes vol-o deu.

Coitada de mim, que estou falando, e não vejo eu ora que leva o vento as minhas palavras, e que me não pode ouvir a quem eu falo!

Bem sei eu que não era pera isto a que m'eu ora quero pôr; que o escrever alguma cousa pede muito repouso; e, a mim, as minhas máguas ora me levam pera um cabo, ora pera outro. Trazem-me assi, que me é forçado tomar as palavras que me ellas dão; porque não são tão constrangida a servir o engenho, como a minha dor.

D'estas culpas me acharão muitas neste livrinho; mas da minha ventura foram ellas. Ainda que, quem me manda a mim olhar por culpas, nem por desculpas? O livro ha de ser do que vai escripto nelle.

Das tristezas, não se póde contar nada ordenadamente, porque desordenadamente acontescem ellas.

Tambem, per outra parte, não me dá nada que o não lea ninguem; que eu não no faço senão pera um só, ou pera nenhum; pois d'elle, como disse, não sei parte, tanto ha. Mas, se ainda me está guardado, pera me ser em algum tempo outorgado, que este pequeno penhor de meus longos suspiros vá ante os seus olhos.

Muitas outras cousas desejo, mas esta me sería assaz.

CAPITULO II

Em que a donzella vai proseguindo sua historia

. . . .

... a cabo do penedo, tornava a agua a juntar-se, e ir seu caminho sem estorvo algum, mas antes parescia que corria alli mais depressa que pola outra parte. E dezia eu, que sería aquello por se apartar mais asinha d'aquelle penedo, imigo de seu curso natural, que, como por força, alli estava.

Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que por cima da agua se extendia, se veo pousar um roussinol;

e começou a cantar tão docemente, que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir.

E elle cada vez crecia mais em seus queixumes, que parescia que, como cansado, queria acabar, senão quando tornava como que começava então.

Triste da avesinha, que, estando-se assi queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella.

Pareceu aquello signal de pesar, naquelle arvoredo, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agua, e as folhas após ella, e quisera-a eu ir tomar; mas pola corrente que alli fazia, e pelo matto que d'alli pera baixo ácerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista.

O coração me doeu tanto então em ver tão asinha morto quem, d'antes, tão pouco havia, que víra estar cantando, que não pude ter as lagrimas.

Certamente que por cousa do mundo, depois que perdi outra cousa, me não pareceu a mim que assi chorasse de vontade; mas, em parte, este meu cuidado não foi em vão; porque, inda que a desaventura d'aquella avesinha fosse causa de minhas lagrimas, lá ao sahir d'ellas, foram juntas outras muitas lembranças tristes.

Grande pedaço de tempo estive assi embargada dos meus olhos, antre os cuidados que muito havia que me tinham já então, e ainda terão, té que venha o tempo que alguma pessoa extranha, de dó de mim, com as suas mãos cerre estes meus olhos, que nunca foram fartos de me mostrarem máguas de si.

E estando assi olhando pera onde corria a agua, ouvi bolir o arvoredo.

Cuidando que fosse outra cousa, tomou-me medo; mas, olhando pera alli, vi que vinha uma mulher; e pondo nella bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora do tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar, e meneos seguros do corpo e do rosto e do oulhar, parescia d'acatamento. Vinha só. Na semelhança, tão cuidosa, que não apartava os ramos de si, senão quando lhe empediam o caminho, ou lhe feriam o rosto. Os seus pés trazia per antre as frescas ervas, e parte do vestido extendido por ellas. E antre uns vagarosos passos que ella dava, de quando em quando colhia um cansado folego, como que lhe queria fallecer alma.

Sendo ácerca de mim, e me viu, ajuntando as mãos (a maneira de medo de mulher) um pouco como que víra cousa desacostumada ficou; e eu tambem assi estava. Não do medo, — que a sua boa sombra logo m'o não consentiu; mas da novidade d'aquello, que ainda alli não víra, havendo muito que, por meu mal, tinha continuado aquelle logar e toda aquella ribeira.

Mas não esteve ella muito, que, paresce, conhecendo tambem como estava, com uma boa sombra começou a dizer, vindo contra mim :

— « Maravilha é ver donzella em ermo. Depois que a minha grande desaventura levou a todo o mundo o meu... » —

E d'ahi a grande pedaço, misturado já com lagrimas, disse :

— « ... filho... » —

Depois, tirando um lenço, começou a limpar o seu rosto, e chegar-se pera onde eu estava.

Alevantei-me eu então, fazendo-lhe aquella cortesia, que me ella com a sua, e comsigo mesma, obrigava.

E ella :

— « O descostume grande, — me disse, — (que ha muito tempo que vivo neste ermo, sem ver pessoa alguma), me faz, senhora, desejar saber quem sois, e que fazeis aqui, ou que viestes a fazer, fermosa e só ». —

Eu, que um pouco tardava em lhe responder, pola dúvida em que estava do que lhe diria, paresce-me que entendendo-me ella :

— « A mim podereis dizer tudo, — me tornou, — que eu são mulher como vós, e, segundo vossa presença, vos devo ainda ser muito conforme ; porque me paresce (agora que vos olho de mais perto) que deveis ser triste ; que vossos olhos teem vossa fermosura desfeita, e, ao longe, não se enxergava ». —

— « Paresceis vós logo ao longe, — respondi eu, — o que sois ao perto ; e não vos saberia negar cousa em que de mi vos servisseis, que os vossos trajos, e tudo o que vos eu olho, é cheio de tristeza, — cousa a que eu são ha muito tempo conforme : e porque posso mal encobrir o senhorio que eu mesma, ás longas máguas, sobre mi tenho dado, não me quero rogar, mas antes vos devia ainda de agradescer quererdes saber de mim o que quereis, para ser, ao menos, meu mal escuitado algum'hora ». —

— « Pois dizei-m'o, — me tornou ella, — que ficardes-me devendo ouvir-vos eu, nova maneira é tambem de me obrigardes ; mas assi me pareceis vós, que de vos ser obrigada folgo muito ainda ». —

Satisfazendo-lhe eu então, disse :

— « Fui uma donzella que, neste monte da vanda d'alem d'este ribeiro, pouco ha que vivo, e não posso viver muito. Noutra terra naci ; noutra de muita gente me creei, d'onde vim fugindo pera esta, despovoada de tudo, senão de só as máguas que eu trouxe commigo. Este valle, per onde correm estas aguas claras, que vedes ; os altos arvoredos de espessas sombras sobre o verde ; erva e flores, que por aqui apparescem, e a seu prazer se extendem ; ribeiras d'esta agua fria ; doces moradas e pousos das sós deleitosas aves, — são tão conforme a meus cuidados, que o mais do tempo que o sol assegura a terra, passo aqui, que, em que me vejais só, acompanhada estou. Muïto ha que tenho andado este caminho. Nunca vi senão agora a vós. A grande saudade d'este valle, e de toda esta terra por aqui derredor, me faz ousar vir assi, mulher (fermosa, bem vedes já que não). E pois não tenho armas pera offender, pera me defender já pera que me seriam necessarias ? A toda parte posso já ir, segura de tudo, senão só de meu cuidado, que não vou a nenhum cabo, que elle não vá após mim. Agora d'antes, estava eu aqui só, olhando pera aquelle penedo, (mostrando-lh'o eu então, d'alli) como estava anojando aquella agua, que queria ir seu caminho. Ante os meus olhos, sobre aquelle ramo que a cobre, se veo pôr um roussinol, docemente cantando. De quando em quando, parescia que lhe respondia outro, lá de muito longe. Estando elle assi, no melhor do canto cahiu morto sobre aquella agua, que o levava tão asinha, que o não pude eu ir tomar. Tamanha mágua me creceu d'isto, que me accordei d'outras minhas, de que tambem grandes desastres causa foram, e levavam-me onde me eu tambem não podia ir tomar ». —

As estas palavras se me arrasaram os olhos d'agua, e fui com as mãos a elles.

— « Isto, senhora, fazia quando vós apparecestes, e o faço as mais das vezes ; porque sempre ou choro, ou estou pera chorar ». —

Eu, que lhe tinha já respondido, detive-me um pouco, cuidando como lhe perguntaria outro tanto d'ella, — maiormente da causa que foi das suas lagrimas, quando não poude, senão muito tarde, dizer: — « filho ».

Ella, cuidando que, pela ventura, eu não queria dizer mais, disse:

— « Bem se vê nisso, senhora, que sois d'outra parte, e ha pouco que estais nesta; pois dos desastres que neste ribeiro acontecem vos espantais. Cá uma historia, muito falada n'esta terra por aqui darredor, muito ha que aconteceu. Lembra-me que era eu menina, e ouvia já então contar a meu pae, por historia. Agora, inda folgo de cuidar nella, pelos grandes acontecimentos e desaventuras que nella houve. E ainda que nenhum mal alheo possa confortar o proprio de cada um, parte de ajuda me é saber, pera o soffrimento, que antigo é fazerem-se as cousas sem razão, e contra razão. De boa vontade, — pois parece inda que a não ouvistes, — vol-a contarei; que, segundo entendo, devem-vos d'aprazer as cousas tristes, como me vós a mim dizeis ». —

— « O sol, — lhe respondi eu, — vai alto; e eu folgaria muito de a ouvir, pola ouvir a vós, e, depois, por saber como não busquei embalde esta terra pera minhas tristezas, pois tanto ha que se costumam nella. Outra cousa, senhora, vos quisera eu agora perguntar; mas fique pera depois, que pera tudo haverá tempo, ainda que pois a historia dizeis que é de tristezas, não poderá durar tão pouco como o dia ». —

— « Os dias são agora grandes, — me tornou ella, — e não poderam elles nunca ser tão pequenos, que vos eu, a todo meu poder, não fizesse a vontade nelles. Assi são, senhora, pagada de vós. Mas olhae o que quereis antes ». —

— « Porque é cousa em que vós folgais ainda agora de cuidar, — lhe respondi eu, — não póde ser pouco pera desejar d'ouvir. Fique o que eu d'antes quisera pera depois, ou pera sempre; que só de o eu querer lhe deve vir isto. Não tomeis de aqui que eu não folgarei de ouvir a historia; porque esto podéra ser, se não fôra de tristezas, pera qu'eu vou achando, já agora, o tempo curto, — tanto folgo co'ellas. Por isso, contae-a, senhora, contae-a, pois é de tristezas. Gastaremos o tempo naquello pera que parece que nol'o deram, a vós e a mim ». —

Ed. Pessanha, 3-31.

XLVI

Carta.

Aos vereadores, e senado de Lisboa, querendo a Rainha Dona Catharina ir-se para Castella no anno de 1751.

Senhores. — He tão prejudicial ao Serviço de El-Rei Nosso Senhor, e á Reputação de Sua Real Pessoa, e ao Bem Commum de Seus Subditos, e Vassallos, a ida da Rainha Nossa Senhora para fóra destes Reinos, que he de crer que em tudo o que sisudamente, com o devido acatamento, se fizer para a impedir, e conservar, o amor, e quietação entre Suas Altezas, se haverá El-Rei Nosso Senhor por mui bem servido; e pelo pouco que Vossas Mercês nisto tem feito, e fazem, e pelo modo

que o guião, entendemos, que ou não estão cahidos na importancia deste Negocio, ou não querem, por alguns respeitos, cumprir com a Obrigação que tem ao Serviço de El-Rei Nosso Senhor, e ao lugar, em que estão postos; por onde nos pareceo a alguns que nos ajuntámos para tratar desta materia, que vos deviamos lembrar por esta Carta quantas cousas pendem desta sua ida, como o porque lha deveis atalhar; se querem Vossas Mercês cumprir com a lealdade, e amor que devem ao seu Rei, e natural Senhor, e eximir-se da culpa, que Sua Alteza, e seus Povos, ao diante com razão vos poderão dar.

Bem sabem Vossas Mercês, que ha perto de cincoenta annos, que a Rainha Nossa Senhora he natural, e digna Companheira do Senhor Rei D. João, que com tanta prudencia, e paternal amor governárão, amárão, e estimárão seus Povos, e que de seus Povos com tanta razão forão sempre tambem providos, e amados, e tambem, Senhores, vos deve ser presente o grande valor, e discrição, com que esta valorosa Princeza Nossa Senhora, na força da paixão, e immensa dôr, que teria da perda de tal Marido, lançou mão do governo de seus Reinos, e da Tutela, e criação de seu Neto, Rei, e Senhor Nosso, e com quanta sufficiencia na sua Meninice lhe administrou seu Estado, e o cuidado que teve de sua criação, com que nollo deo tal Principe em Saber, Virtude, e Valor de Sua Pessoa, que a todos os do seu tempo, póde fazer injuria; cumprindo finalmente tudo esta valorosa Senhora Nossa tão heroicamente, que em nada se sentio a falta do Catholico Rei seu Marido, salvo na saudade, que por sua Real Clemencia, e Paternal amor de seus Povos, com tanta razão deixou a seus Vassallos. E sendo estes tão grandes merecimentos, tão notorios a todos os Principes do Mundo, e a todas as Nações estranhas; vendo agora (o que Deos não permitta) que tal Princeza, sem nenhum desmerecimento seu, se aparte de El-Rei seu Neto, que Ella creou com mais amor que de Mai; sahe de seus Reinos, em que tanto a devem respeitar; e que deixando sua natureza, e Senhorio de tantos annos, alongando-se dos ossos de seu Marido, e Filhos que tanto amou, vai a Reino alheio buscar Sepultura, bem entenderão os qne isto virem, não póde ser tamanho abalo, senão com muito maior força de escandalo, de que resultará no conceito dos outros Reis, e Principes, e Povos extranhos, grande nodoa á honra de El-Rei Nosso Senhor, sendo elle, por suas Reaes Qualidades, merecedor de não ter nenhuma; e a seus Povos ficará perpetua Infamia de Ingratidão, commettida contra a sua Real Senhora, deixando-a tão desapegadamente apartar de si. Tambem he de considerar nos Reinos, para onde Sua Alteza, se quer ir, o grande escandalo que ficará nos corações dos Reis, e Principes seus Parentes, que com tanto amor a hão de receber; e a Ella tambem, que quanto mais disto achar na casa alheia, tanto se lhe accrescentará mais a magoa que levar da sua; e de menos occasiões que estas se começarão em outros tempos, dissenções entre outros Reis, que tiverão trabalhosos fins, de que o maior damno carrega sempre sobre seus Povos.

Sendo estas cousas de tanto pezo, bem nos pareceo não tratar por ora de outros muitos damnos, que desta triste ida se poderão seguir; porque não devem vir em consideração a respeito destes, os quaes, póde ser, que não considerão algumas pessoas, que agora tão bom juizo tem; e por este respeito não he El-Rei Nosso Senhor avisado, como deve, do que convém á sua honra, e socego.

Obras ineditas de D. Hieronimo Osorio, ed. 1818, pag. 58.

XLVII

Christovão Colombo apresenta-se a el-rei de Portugal.

« Chegado Colom ante elRey, però que o recebeo cõ gasalhado, ficou mui triste quando vio a gente da terra que com elle vinha não ser negra de cabello revolto & do vulto como a de Guiné, mas conforme em aspecto cor, & cabello como lhe dizião ser a da India, sobre que elle tanto trabalhava. E porque Colom falava maiores grandezas & cousas da terra do que nella avia, & isto com hũa soltura de palavras, accusando & reprehendendo a elRey em não acceptar sua offerta: indignou tanto esta maneira de falar a algũs fidalgos, que ajuntando este avorrecimento de sua soltura, com a magoa q̃ vião ter a elRey de perder aquella empreza, offerecerão se delles que o querião matar, & com isto se euitaria ir este homem a Castella. Cá verdadeiramente lhe parecia que a vinda delle auia de prejudicar a este Reyno, & causar algum desassosego a sua alteza, por razão da cõquista que lhe era concedida pelos summos Pontifices: da qual conquista parecia que este Colom trazia aquella gente. As quaes offertas elRey não acceptou, ante as reprehendeo como principe catholico, posto que deste feito de si mesmo teuesse escandalo: & em lugar disso fez merce a Colom & mandou dar de vestir de graã aos homens que trazia d'aquelle nouo descobrimẽto, & com isto o espedio. E porque a vinda & descobrimento deste Christouão Colom (como então algũs pronosticarão) causou logo entre estes dous Reys, & depois a seus successores algũas paixões & cõtendas, com que de hum reyno a outro ouue embaixadas, assentos, & pactos, tudo sobre o negocio da India que he a materia desta nossa scriptura: não parecerá estranho della tractar do principio deste descobrimento & do que delle ao diante succedeo. Segundo todos affirmão, Christouão Colom era Genoes de nação, homem esperto, eloquente, & bom latino, & mui glorioso em seus negocios. E como naquelle tempo hũa das potẽcias de Italia que maes nauegava por razão de suas mercadorias & commercios, era a nação Genoes: este seguindo o vso de sua patria & maes sua propria inclinação, andou nauegando per o mar de leuante tanto tempo, te que veo a estas partes de Hespanha, & deu se â nauegação do mar Oceano seguindo a ordem de vida que ante tinha. E uendo elle que elRey dom João ordinariamente mandaua descobrir a costa de Africa com intenção de per ella ir ter à India, como era homem latino & curioso em as cousas da geographia, & lia per Marco Paulo que falava moderadamente das cousas orientaes do reyno Cathayo, & assi da grande ilha Cypango: veo a fantesiar que per este mar. Oceano occidental se podia nauegar tanto, te que fossem dar nesta ilha Cypango, & em outras terras incognitas. Porque como em o tẽpo do Infante dõ Henrique se descobrirão as ilhas terceiras, & tanta parte de terra de Africa nunca sabida nem cuidada dos Hespanhoes: assi poderia maes ao ponente aver outras ilhas & terras, porque a natureza não avia de ser tão desordenada na composição do orbe vniuersal, que quisesse darlhe maes parte do elemento da agoa que da terra descuberta, pera vida & criação dos animaes. Com as quaes imaginações que lhe deu a continuação de nauegar, & pratica dos homens desta profição que avia neste reyno mui espertos com os descobrimentos passados: veo requerer a elrey dõ João que lhe desse algũs nauios pera ir descobrir a ilha Cypango por este mar occidental Não confiado tanto em o que tinha sabido (ou por milhor dizer sonhado) d'algũas

ilhas occidentaes, como querem dizer algũs escriptores de Castella: quanto na experiencia que tinha em estes negocios serem mui acreditados os estrangeiros. Assi como Antonio de Nolle seu natural, o qual tinha descuberto a ilha de Santiago de que seus successores tinhão parte da capitania: & hum João Baptista Frances de nação, tinha a ilha de Mayo, & Ios Dutra Framengo, outra do Fayal. E per esta maneira, ainda que maes não achasse que algũa ilha herma, segundo logo erão mandadas pouoar: ella bastava pera satisfazer a despesa que com elle fizessem. Esta he maes certa causa de sua empresa que algũas fições (q̃ como dissemos) dizem escriptores de Castella, & assi Hyeronimo Cardano Medico Milanes, barão certo, docto, & ingenioso: mas em este negocio mal informado. Porque escreue em o liuro que compos de sapiencia, que a causa de Colom tomar esta empressa foi d'aquelle dito de Aristoteles, q̃ no mar Oceano alem de Africa, auia terra pera àqual nauegauão os Cartaginenses: & por decreto publico foi defeso que ninguem navegasse para ella, porque com abastança, & mollicias della senão apartassem das cousas do exercicio de guerra. ElRey porque via ser este Christouão Colom homem falador & glorioso em mostrar suas habilidades, & maes fantastico & de imaginações cõ sua ilha Cypãgo, que certo no q̃ dizia: daualhe pouco credito. Cõ tudo â força de suas importunações, mandou q̃ estivesse com dom Diogo Ortiz Bispo de Çepta, & com mestre Rodrigo & mestre Iosepe, a quem elle cõmetia estas cousas da cosmographia & seus descobrimentos: & todos ouuerão por vaidade as palauras de Christouão Colom, por tudo ser fundado em imaginações & cousas da ilha Cypãgo de Marco Paulo, & não em o que Hyeronimo Cardano diz. E cõ este desengano espedido elle delRey se foi pera Castella, onde tambem andou ladrando este requerimento em a corte delRey dom Fernando, sem o querer ouuir: té que per meio do Arcebispo de Toledo dom Pero Gõçalues de Mẽdoça elRey o ouuio. »

João de Barros, *Decada Primeira*, l. III, c. XI.

XLVIII

D. Henrique faz passar o cabo Bojador.

...Mãdou armar hũa barcha a capitania da q̃l deu a huũ Gilianes seu criado natural da villa de Làgos, q̃ ja o anno passado fora a este descobrimento: & por lhe os tẽpos nam terçarem bem, se foi as Canáreas, & em alguũs saltos que fez tomou certos catiuos com que se tornou pera o reyno. E porque o Infante se mostrou mal seruido delle por este feito, ficou tam descontente de sy: que nesta segunda viagem determinou de offerecer a vida a todolos pirigos, & nam vir ante o Infante sem mais certo recado do que trouxera o año passado. E a este seu propósito se ajuntou a boa fortuna, ou por milhor dizer a ora em q̃ deos tinha limitado o curso de tãto receo como todos tinham de passar aquelle cabo Bojador: o qual nome lhe elle entam após pelas razões que atrás dissemos, nã tendo té aquelle tempo alguũ acerca de nós, segundo a sua situaçam podemos dizer ser aquelle o cabo a que Ptholomeu chama Ganaria promontório. E posto que a obra desta passágẽ não foy grande em sy (quãto agóra) entam lhe foy contada

por huũ grande feito, & ouuéram que era igual a huũ dos trabalhos de Hercules; porque com esta passagem desfez a vãa opiniam q̃ toda Espanha tinha, & deu animo áquelles que nam ousáuam seguir este descobrimẽto. Tornado Gileannes ao reyno com esta noua: foy recebido do Infante com aquelle prazer que se tem das cousas tam desejadas & per tanto tempo, & trabalho requeridas como eram aquellas, & agalardoou sua pessoa & assy os da sua companhia com honrra, & merce. E o que mais animou o Infante a esta impresa, foi cõtar-lhe Giliãnes como saíra em a terra sem achar gẽte, ou pouoaçom algũa, & que lhe parecera muy fresca & graciosa: & que em sinal de nam ser tam esterele como as gẽtes diziam, trazia aly a sua merce em huũ barril cheo de térra, hũas heruas que se pareciam cõ outras q̃ cá no reyno tem hũas flores a que chamã rosas de sancta Maria. As quaes sendo trazidas ante o Infante elle as cheiraua, & tãto se gloriaua de as ver, como se fora alguũ fructo & mostra da terra de promissan, dando muitos louuores a deos: & pedia a nossa senhora cujo nome aquellas heruas tinhã, que encaminhasse as cousas daquelle descobrimẽto pera louuor & glória de deos e accrecentamẽto de sua sancta fee. E nã sómente o Infante cuja era esta impresa, mas ainda elrei dom Duarte seu irmão que entam reinaua, ficou muy contẽte deste feito tãto pella honra do Infante por saber as murmurações q̃ andauão no reyno desta sua impresa: como por o proueito que elle & os seus naturaes nisso podiam ter. O qual logo publicamente quis mostrar este contentamento, porque estando em a villa de Sintra onde lhe foy dada pelo Infante esta noua: elle fez doaçam de todo o espiritual das ilhas da Madeira, Porto Santo, & Deserta ao mestrado de Christo, de que elle Infante era gouernador, & disso lhe passou carta a vinte seys de Octubro da era de mil quatro cẽtos trinta & tres annos, pedindo nella ao papa que o cõfirmasse. E no mesmo tempo lhe fez merce a elle Infante, das ditas ylhas em dias de sua vida: cõ toda jurdiçam de ciuel & crime segundo em a doaçam se contem.

J. de Barros, *Decada Primeira da Asia*, ed. 1552, cap. III, fl. 10, 1.ª col.

XLIX

De muitas cousas notaueis que ha nestas ilhas de Maluco, & dos fogos que algũas lanção.

Estas cinco ilhas, aque propriamente chamamos de Maluco, são todas de hũa feição, & grãdeza, porque nenhũa d'ellas passa de seis legoas em circuito. São redondas, & querem imitar hum chapeo coscuzeiro, cujas abas são aquellas chans que todas tem em que nacem os craueiros, & que são povoadas de suas cidades & villas. E do meyo de todas se alevantaõ huns montes muito altos. Saõ todas muito alcantiladas, & redondas, pello que carecem de bons portos pera ambas as mouções, Noroeste, & Sul, só Ternate tem o porto de Talangame, hũa legoa da fortaleza, onde os nossos Galeoẽs inuernão. Tem outro hũa legoa d'este, chamado o toloco, em que podem as naos estar com prancha em terra. E quando elRey mandou, que se fizesse fortaleza naquella ilha, não se fez em algum d'estes portos, por ficar longe da cidade onde o Rey viue. Tem ambos estes portos o rosto a Leste. Ha por todas estas ilhas alguns arrecifez que seus moradores abriraõ, pera entrarem suas embarcaçoẽs. E a ilha de Ternate tem hum defronte da nossa fortaleza,

o que tem antre a terra, & elle hum poço onde podem entrar Carauelas de prea mar, d'agoas viuas descarregadas, & no poço estarem surtas a sua vontade. Todos estes arrecifez principalmente este, são de pedra que se gera do coral, que depois de velho induresse, & com ter muitos ramos se ajuntaõ & conuertem em pedra de que se faz muito boa cal. Está este arrecife posto por tal ordem que quem vai do mar demandàlo, parece que ve fermosos edificios feitos ali pera defensaõ daquelle Porto. Este monte de Ternate, que se aleuanta do meyo da ilha, será de altura de duas legoas, he todo cheio de aruoredo, & palmares: ... ... La embaixo arrebenta hũa fermosa fonte que corre pera hũa parte, cuja agoa ninguem chegou aprouar, nẽ se sabe se he doce se salgada. Este chão que embaixo aparece (que como dissemos he de pedra & terra mouidiça, como hum entulho.) ferue de contino, com a força do fogo que tem por baixo, & lança pera çima muitas vezes hum tão espeço, & fedorento fumo, que parece cousa que se pode palpar, & fede a enxofre : & parece que por debaixo he este monte oco, por que n'este tempo vai sumido aquelle entulho (que deçima se enxerga.) pera baixo como faz o trigo na tremonha da atafona, & muitas vezes acontece, quando lança aquelle espeço fumo fazer tamanhos terremotos & trouoẽs, que parece aos que estão em cima, que cae todo o monte, & a voltas d'elles lança hũa grande quantidade de pedras vermelhas como fogo, que se espalhão pelos ares, como se saissem de bocas de furiosas bombardas, & espalhandose por toda a ilha com grandes terremotos, caem sobre a nossa fortaleza, & sobre a cidade : & algũas vezes se achou irem dar nas ilhas dos Meaos, & dos Cafures, dezoito vinte legoas de Ternate. O fumo que lança he de muitas cores, & esta he a rezão porque esta ilha he mais doentia que todas, por causa dos maos vapores, & corrupção do ar, & das agoas, porque muitas vezes caem aquellas pedras nas fontes de que bebem, que parece que as corrompe... ... No Moro ha outra coua em outro monte que taõbem lança fogo, & fumo. N'estas ilhas todas não ha verão nem inuerno, & a chuua não tem tẽpo certo, mas he mais geral cõ o Noroeste que com o Sul...

Diogo do Couto, *Decada Quarta da Asia*, ed. 1602, l. 7.º, cap. x.

L

De quomo elRei mandou lãçar hos Mouros, & Iudeus fora de seus Regnos, & senhorios.

Depois que hos Reis de Castella lançarão hos Iudeus fora de seus regnos, & señorios, ... elRei dom Emanuel requerido per cartas dos mesmos Reis determinou de fazer ho mesmo, mas quomo ho negocio fosse de qualidade pera se delle não tomar resolução, sem bõ cõselho, houue sobrisso varios pareceres, porq̃ hũs dizião q̃ pois ho Papa cõsentia esta gẽte ẽ todalas terras da Egreja, permitindolhes viuerẽ em sua lei, & q̃ o mesmo fazião todolos Principes, & republicas de Italia, & Hũgria, Bohemia, & Polonia, o q̃ se podia cuidar, q̃ não fazião sẽ causa, a cuja imitação ẽ toda a Allemanha, & outros regnos, & prouincias de Christãos os deixauão tãbẽ viuer, q̃ causa haueria pera os lãçarẽ do regno, q̃ não repugnasse cõ ha razão questoutras nações tinhão pera o consentirẽ, & q̃ alẽ disto polos lançarẽ da terra, nẽ por isso lhes dauã azo de nas alheas se tornarem Christãos, mas antes se se fossẽ pera ha dos mouros, se perdia de todo

ha esperança de nenhũ se cõuerter, o q̃ muitos delles viuẽdo entre nos, mouidos de nossa religião, & do bõ vso della se podia sperar q̃ fezessem, & q̃ hauia ainda nisto outros incõuenientes, porq̃ alẽ dos seruiços, & tributos q̃ elRei perdia, ficaua obrigado a satisfazer às pessoas a q̃ elle, & os Reis passados delles fezerão merce. & q̃ não tão sómente leuauão cõsigo da terra muitos haueres, & riquezas, mas ainda o q̃ era mais de estimar, leuauão, sotis, & dilicados spiritos com q̃ saberiã dar aos mouros auisos, q̃ lhes necessarios fossẽ cõtra nós, & sobre tudo lhes insinarião seus officios mecanicos, em q̃ erão muitos destros, principalmẽte no fazer das armas, do q̃ se poderia seguir muito dãno, trabalhos, & perdas, assi de gẽte, como de bẽs a toda ha Christandade. Este foi ho parecer, & opinião dalgũs do conselho, a q̃ outros repugnaram dizẽdo, q̃ bẽ era verdade o q̃ dizião, mas q̃ os Reis de França, Inglaterra, Escocia, Dinamarca, Noroega, & Suecia, com muitas outras prouincias vizinhas a estas, & todo o Estado de Flãdes, & Borgonha não lançarão os Iudeus dẽtre si muitos annos hauia sem pera o fazerẽ terẽ boas causas, & de receber, & q̃ o mesmo se deuia cuidar dos Reis de Castella, o q̃ abastaria pera auerẽ de lãçar esta nação fora do regno, quãto mais q̃ não parecia bõ cõselho estãdo estes regnos cercados dos de Castella, & hos de Castella dos de Frãça. permitirẽse nelles Iudeus, sendo lãçados das terras de taes vizinhos & tão poderosos, hos quaes poderião tomar a mal parecernos, que tinhamos milhor cõselho em deixar viuer esta gente entre nos, do q̃ elles tiuerão em os lãçarẽ de si, o qual degosto por vẽtura tirião secreto, pera quãdo vissem tẽpo oportuno abrirẽ has asas à tyrannia, & debaixo de cor de catholicos, & christianissimos nos fazerẽ o mal, & dãno q̃ podessem, & que sobre tudo, o bõ cõselho era perder ha saudade, a todolos proueitos, & tributos q̃ se desta gẽte tirauam, & por o intẽto em só Deos, & na sua Sancta Fé, porq̃ elle dobraria cõ suas merces o q̃ se nisto perdesse, & q̃ pois este negocio per sua võtade viera a se por a determinação de conselho, q̃ ha resoluta conclusam delle fosse lançarẽ logo do regno aquelles q̃ não quisessẽ receber ha agoa do baptismo, & crer ho q̃ cre ha Egreja Catholica Christãa. Na qual opinião, & parecer foi elRei, sem ter cõta cõ ho que se nisso perdia, nem com has satisfações, q̃ ficaua obrigado fazer, quomo depois por inteiro fez. E logo se assinou tempo certo para ha notificaçam deste negocio, ho qual foi declarado, & publicado, estando elRei ainda em Muja, no mes de Dezẽbro de M. ccccxcvj, em hũa pregaçam q̃ se sobre isso fez, & nam tam sómente se assentou no cõselho q̃ os Iudeus se fossem do regno cõ suas molheres, & filhos & bẽs, mas tambẽ hos mouros pelo mesmo modo, pera ho q̃ lhes elRey limitou logo a todos tẽpo certo, & nomeou portos seus de seus regnos para suas embarcações.

Damião de Goes, *Chron. de D. Manoel*, ed. 1619; parte I, cap. XXIII.

LI

De como Vasco da Gama com outros capitães foy descobrir a India.

E como quer que el Rey dom Manuel assi como sucedeo nos reynos a el Rei D. João, assi tambem lhe sucedeo nos desejos que tinha de descobrir a India: logo aos dous annos de seu reynado entendeo no

seu descobrimento, pera que lhe aproueitou muyto as instruções que lhe ficarão del Rey dom João, e seus regimentos para esta navegação: e mandou fazer dous nauios de madeira que el Rey dom João mandara cortar. E hum que era de cento e vinte toneladas ouue nome sam Gabriel: e outro de cento sam Rafael: e comprou pera ir coestes nauios hũa carauela de cinco toneladas a hum piloto chamado Birrio de que a caravela tomou ho nome. E estes tres nauios auia de mandar a este descobrimento e com capitania mór deles cometeo hum Paulo da gama caualeyro de sua casa filho que fora Desteuão da gama alcayde mór na vila de Sinis no campo dourique, em que tinha grande confiança por ele ser pera isso. Do que se ele escusou por hũa doença que tinha com que não poderia sofrer os trabalhos de capitão mór, pedindo a el Rey que fizesse merce daquelle cargo a hum seu irmão mais moço chamado Vasco da gama que ho saberia muy bem seruir, e que ele iria tambem na armada por capitão pera o aconselhar e ajudar. Do que el Rey foy contente por saber que era assi, e que era Vasco da gama espREMentado nas cousas do mar em que tinha feyto muyto seruiço a el Rey dom João: e que era homem de grandes spiritos: e muyto proprio pera dar fim a este descobrimento, e assi lho disse quando lhe deu este cargo, encomendandolhe muyto que satisfizesse ao credito que tinha nele, porque se assi ho fizesse lhe faria por isso muyto grandes merces, que lhe logo começou de fazer de hũa comenda, e de dinheiro pera o apercebimento de sua viagem. E pera irem coele despachou tambem a Paulo da gama e a um Niculao coelho ambos criados del Rey e homens pera qualquer grande feyto. E por quanto nos nauios da armada não podião ir mantimentos que abastassem á gente dela até tres annos, comprou el Rey hũa nao a hum Ayres correa de Lisboa que era de duzentos toneis, pera que fosse carregada de mantimentos até a agoada de sam Bras, e ali se despejaria e a queymarião. Despachado Vasco da gama em monte mór ho nouo onde el Rey estaua, partiose com seus capitães pera Lisboa: onde feyta sua armada embarcouse a gente dela, que forão cento e corenta e oyto pessoas: em Restelo, que será hũa legoa de Lisboa, hum sabado oyto dias de Julho do anno de mil ccccxcvij. E ao embarcar sayrão todos em procissam de nossa senhora de Belem: que he agora um mosteyro da ordem de sam Hieronimo, e yão em pelote e cirios acesos nas mãos, e os frades rezando: e ya coeles a maior parte da gente de Lisboa, e a mais dela choraua com piedade dos que se yão embarcar crendo que auião todos de morrer. Embarcados todos e Vasco da gama com os outros capitães, logo derão ás velas e se partirão de foz em fora.

F. L. de Castanheda, *Historia do descobrimento, e conquista da India*, ed. 1797, l. i, cap. ii, fl. 8.

LII

Descobrimento das Antilhas, e Indias pollos Espanhoes feitas.

...No anno de 539, mandou Fernaõ Cortez tres navios a Francisco Guilhoa pera descobrir a Costa de Culuacaõ pera cima. Partiraõ de Capuleo, tocaroõ Santiago de Boa Esperança, entraraõ no Estreito que Cortez descobrira: chegaraõ por elle acima atè trinta e dous graos

daltura, que he a fim da agua, pozeraõlhe nome Ancon de Santo André, por ser em seu dia. Tornaraõ pera fóra ao longo da Costa da outra banda, dobraraõ a ponta de California, e meteraõse por antre as Ilhas, e a terra : foraõ ao longo della atè se poerem em trinta e dous graos, donde arribaraõ por vento contrairo, havendo hum anno que lá andavão : dizem que gastou Fernaõ Cortez nestas Armadas, e descobrimentos duzentos mil cruzados, e que desta ponta do Engano haverà à outra do Liampo da China mil, ou mil e duzentas legoas de rota abatida, e que o que descobrio, e conquistou Fernaõ Cortez, e seus Capitães, he de doze graos atè trinta e dous de Leste-oeste, em que haverà setecentas legoas pella terra dentro, que he mais quente que fria, ainda que ha hi serras que dura a neve, e geada quasi todo o anno.

Ha na Nova Espanha muito arvoredo de flores, e frutos, diversos, e proveitosos pera muitas cousas, e a mais principal della se chama arvore metel, naõ he muy grande, nem grossa : prantaõna, podaõna, concertaõna como vinha : diz que tem quarenta folhas de feiçaõ de telhas, e servem disso, e quando saõ tenras fazem conservas della, papel, fiaõ nas como linho, fazem dellas mantas, alpargatas, esteiras, cintas, xaquemas : tem estas arvores humas espinhas taõ duras, e agudas que cozem com ellas como com sovellas, e o tronco dà bom lume, e cinza pera decoada : escavaõna ao pè e a agua que estilla, he como arrobe, se a cozem fica mel, se a purificaõ, açuquere, se lhe deitaõ patalim, vinho, se a destemperaõ, vinagre, as pencas assadas, e exprimidas sobre chagas, ou feridas, sara, e encoura ; o sumo das espigas, e raizes emburilhadas com sumo de encenso, he bom contra a peçonha, e mordedura da bibora, assi que he a mais proveitosa arvore que se là sabe

Ha là huns passarinhos, que se chamaõ Vicincilin, saõ pequenos, o bico delgado, e comprido, mantemse do rocio, mel, licor de flores, e rosa, tem as pennas meudas, e de diversas cores, prezaõnas muito pera lavrar ouro, morre, ou adormece cada anno : no mez Doutubro posto em hum raminho em lugar abrigado resuscita, ou acorda no mez Dabril, depois que ha flores, pello que lhe chamaõ o resuscitado. Ha cobras que sao como cascaveis quando andaõ : ha outras que emprenhaõ pella boca, como dizem da bibora : ha porcos com embigos no espinhaço, que matando-os se lho naõ cortaõ fede logo : ha peixes, que guinchaõ como porcos, e roncaõ, por onde lhe chamaõ roncadores...

A Galvão, *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, ed. 1731, pg. 86.

LIII

A Vida pastoril.

Falla Jacob com os Prophetas Nahum e Zacharias :

Sabereis, yrmãos, que eu sam aquelle antiquissimo pastor que com pescoço e mãos vellosas, pera soceder na benção seu pae enganou ; e pelos amores dhũa fermosa pastora sete e sete annos nos viçosos pastos de mesopotamia apascentei ; dali partindo com hum rico e fermoso rabanho de cabras e ouelhas de diuersas e manchadas côres vim a heredar os espaçosos campos e felice terra de Quenaã bẽs de meus padres : recebi da diuina mão doze filhos, robustos uarões ; e com

tantas e tam viçosas riquezas, entre elles alegre me gosaua; e hums mais deleitando-se da guarda das simpres e graciosas ouelhes, em rompendo a alua da manhãa, antes que no oriente o sereno ceo de sanguinea côr se manchase, sahyam com seu rabanho; e com vagaroso passo pisando as orualhadas eruas, e ouuindo o doçe chilrar dos passarinhos pacifica e sossegadamente o guiauã contra algum fresco e deleitoso prado; onde arribados que eram sentando-se sobe la verdura dalgum pequeno outeiro, pera melhor comtemplarem na manada, viam as ouelhiñas, hũas em prado cham as verdes e miudas eruas suauemente pascendo; outras, sobindo em logares asperos se dependurauam a rroer algum novo aruoresinho que entam tenro se leuantaua da terra: outra se empinaua pera alcançar hum ramo de figueira qual mordendo os tenrros gomos das parreirinhas brauas, qual tascando a penca do saluatico cardo; ali os pequenos e tenrros cordeiros de poucos dias antes nascidos arremettiam ás cheas tetas das piadosas madres, apresurosamente mamãdo cõ aquelle gosto e sabor que quasi parecia lhe quererem as longas mamas arramquar; muitas outras já contentes do pasto, bebendo nos claros ribeiros se alegrauam veremse no fundo como viuas; e algũs carneiros ayrando-se, arremetiam de quando em quando a sua figura, e achando-se depois escarnecidos ficauam com a cabeça molhada como atonitos.

Ora assi viçosamente passando a fresca manhãa, quando jáa o sol, e sua seca calma embebido auia nas verdes eruas o orvalho se abalauão e punham en caminho com o rebanho de suas mãsas ouelhas, a busquar as deleitosas sombras onde a fresca e temporada viração os recrease; e láa ao cabo de hum alegre vale hum fermoso e muy basto aruoredo os recebia, regado, e viçoso coas doces agoas dhũa fonte que ao pée dhum altissimo acipreste a borbolhões, e con alegria rebentaua; junto da qual, (vinda a ora de comer) ordenadamente se sentauam; e abrindo seus vellosos surrões, que ao esquerdo lado do pescoço lhe pendiam (qual feito da branca pele do tenrro cordeiro que o cruel lobo arrebatou. qual da ruiua pele do movido bezerro) tiraua pera a alegre mesa cada hũ de suas viãdas gostosas e naturaes. e juntando-as com o mel, que neste bõ tempo estaua das arvores grossos fios estilando; e cõ o branco leite, que ás gordas ouelhas, das mamas sobe las eruas, pascendo, lhe gotejaua, saborosamente comião, e jáa que erã da fome despedidos, sentiã hum fresco aar, que com suaue roido o cume dos altos alemos, e dos viçosos e grandes freixos andaua mouendo, e docemẽte as mais altas ramadas brandindo, com hum descanso, e tam mauioso compasso, que parecia darem-se humas a outras paz secretamente; e neste meo as palreiras melroas, os namorados e musicos rusinoes, cõ muitos outros graciosos passarinhos, que á sombra se vinham acolhendo da aspera calma, todo aquelle logar, (respondendo-se hums a outros com diuersas vozes, ajudando-lhe o murmurio da viva fõnte) enchiam darmonia: e d'elles tangendo, hũs docemẽte com suas frautas, e vilanescos instromentos; outros ao som contra as namoradas pastoras, amorosamente cantauam: quaes com rusticas manhas, e pees lutando; e quaes os fortes, e ousados carneiros, huns contra outros atiçando, estauam vendo duramente marrar: e alguns, vencidos do sono, coa cabeça junto do roido da clara fonte, de viçosos, se dormiam.

Jáa neste tempo o Sol, feita sua obra, na fertil terra d'aquelle seu particular hemisperio, se auia escõdido debaixo das agoas do ponente, e variando o céo de inflamadas nuues, hũas louras da côr do puro

ouro de Ophir, outras sanguineas, qual a fina escarlata, e preciosos robis; entre-negras algũas como longuos rayos; muitas como montanhas de neue, ou branca lãa escarmeada, sobre verdoengas agoas do mar; e á maneira de longas serras; algũas cinzentas, bordadas douro com frescos ares, e quietas sombras deixaua os altos montes, e verdes campos nũa deleitosa temperança; e recolhendo as vagabundas ouelhas, que por entre aquelle aruoredo espalhadas andauam pascendo, e saydos por outra parte do bosque e hũa verde, e fermosa varzia, que sem trillhado caminho tée ás choupanas, direita, se estendia, e toda aquella alegre companhia, vagarosamente com seus cajados guiando, tornaua em suas malhadas a descansar; e renouando nouos jogos de passo em passo hiam tirando coas fundas a algum aluo; e quem mais perto com o duro seixo lhe chegaua, todos os outros com bater de palmas, e alegre grita, o leuauam ás costas té hum sinal; e deixando este jogo, ora saltando, ora tirãdo á barra, e lutando, ao vencedor coroauam com capellas de verde louro, tangendo-lhe com suas gaitas, e rebecas, em sinal de vitoria: e assi pouco a pouco ás choças alegremente se hiam chegando: até que jáa fartos de tanto viço do dia, (quando nos charcos, cubertos de meuda eruinha, as rañs com rouca voz gritando e com hũ continuo, e penoso soom os grilos, escondidos nas couas a hũa e outra parte do caminho, chirrando, e toda a campina retenindo) contentes arribavam: e depois dagasalhado, e recolhido em seus curraes o veloso rebanho, deixando os surrões e cajados, saparelhavam pera o desejada cêea, ao portal de suas ramosas choupanas, fundadas á beira do claro rio yurdão, onde ordenadamente se sentauam a comer á claridade da lua, que áquela ora, reuerberando nas agoas, hums rayos como de cristal aos olhos formaua, e acabando com grandissimo deleite, depois de muytos jogos, sendo gran pedaço da noite pasada ao sereno do céo cuberto destrelas huns fora sobe las eruas, e outros dentro nas choças, aqui e aly (como emborrachados) dormindo se cahiam.

S. Usque, *Consolaçam*, etc., Dial. I, ed. 1906, pag. III v. a V v.

LIV

A Inquisição.

... Fizeram vir de Roma um fero Monstro de forma tam estranha e tam espantosa catadura que soo de sua fama toda a Europa treme, seu corpo he de aspero ferro cõ mortifero veneno amasado, com hũa durissima concha cuberta de bastas escamas de aço fabricada, mil asas de penas negras e peçonhentas o leuantam da terra, e mil pees danosos e estragadores o movẽ, sua figura daquella do temeroso lião toma parte e parte da terribel catadura das serpes dos desertos de Africa: a grandeza de seus dentes aquelles dos mais poderosos Elefantes arremedam: e o siluo ou voz, com moor presteza que o venenoso Basalisco mata: Dos olhos e boca continuas chamas e labaredas de cõsumidor foguo lhe saem, o pasto de que se ceua he outra com corpos humanos amasado, preçede a Aguia na ligeireza do seu voar, mas por onde passa faz com a tristonha sombra çerraçam, por mais claro que o Sol naquelle dia se mostre, finalmente seu rrasto no que atras fica deixa hũa tenebra como aquella que foi aos Egipçios dada por hũa

das plagas, e depois que onde seu voo encaminhou arriba, a verdura que pisa, ou aruore viçoso sobre que põe os pees, seca estragua e a murcheçe, e sobre ysso de rraiz com o destruidor bico o arranca e de tal sorte com sua peçonha todo aquelle çircuito que comprende o deixa assolado que como os desertos e areaes da Siria onde planta nam prende nem erua nasce o conuerte : Esta tal alimaria em todo o pouoado de meus filhos (que em habito de christãdade estauam desconheçidos) meteo, e com o foguo dos olhos hum grandissimo numero abrasou semeando a terra de enfinitos orfãos e viuvas : com a boca e poderosos dẽtes suas riquezas e ouro lhes englutio, e destrinçou : com os pesados e peçonhentos pees suas famas e grandezas lhe pizou e destruyo e com a temerosa e disforme catadura, a outros seus coorados rrostos lhe desfigurou e sumio e seus corações e almas com seu voo escureçeo, e estes mesmos efeitos vay aynda agora naquella rregião continuãdo nos mẽbros que de meu corpo ficaram destroncados na Espanha...

S. Usque, *Consolaçam*, etc., Dial. III, ed. 1906, pag. XXVI e XXVI v.

LV

Variedade do gentio da India, especialmente no que toca á religião.

... E postoque servira pera melhor se entender esta parte da historia tractar aqui hum pouco mais largamente da natureza, sortes, calidades, & costumes do gentio da India. eu deixando a outros tudo o mais, farei caso sómente do que tem respeito á religiam. Das cousas do céo, & eternas, ha entre elles muy pouca, ou nenhũa noticia : nas temporais, & da terra, sam espertos, & tam entendidos, que nam dam ventagem nas sutilezas dos tratos & contratos aos mercadores de Europa. Estimam só esta vida. & os pontos em que poem a honra : que, como anda com a vaidade, & inconstancia da opiniam dos homẽs, sam lá muy differentes dos de cá ; viciosos tanto em cabo, & tam desobrigados á fé, & verdade humana, que parece perdeo com elles a propria conciencia, ou o officio de remorder, ou de todo a autoridade, & força de conuencer, & persuadir ; sendo na mechanica das artes estremados ; das sciencias tem sómente algũa medicina ; & da Astrologia, o que basta pera tirarem os ecclypses do sol, & da lua, tanto dantemam, & aponto como nós. Escreuem com penas de ferro, & seruem lhes de papel (como de mil outras cousas) as folhas das suas palmeiras, de que fazem grãdes liuros das historias dos tempos, & de outras muytas materias, assi em prosa, como em rima, da qual, & de toda a sorte de poesía sam por estremo curiosos, & tam enleuados, que para o Demonio per seus ministros lhes fazer crer as mais fabulosas patranhas contrarias a suas proprias leys, e rezam natural, basta poremlhas, & cantaremlhas em verso ; que postoque no numero das syllabas seja muy differente do nosso, & do latino (por que em cada um ha dauer setenta & duas) nam deixa de ter sua graça, & magestade.

Nestes versos está escrita em hũa lingua particular chamada *Gerodam*, a sua Filosofia, & Theologia, que os Brámenes estudam, & lem em universidades per todo a India. Consta esta doctrina de quatro partes, cada hũa das quais se divide primeiramente em seis a que

chamam *Corpos*, & depois em dezoito, com nome de ***Membros***, & finalmente em vinte e oito intituladas *Articulos*. E tratase na primeira das quatro partes da causa, & principio do universo, da primeira materia, dos Anjos, das almas, do premio do bem, do castigo do mal, dos elementos, da geraçam, & corrupçam das criaturas, que cousa seja peccado, como se deva remir, e quem póde delle absolver. Sam o argumento da segunda os Espiritos, que elles intitulam Regentes dos ceos, & dos elementos, & a que dam o governo de todas as cousas criadas. A terceira parte toda he moral, de bõs preceitos, & conselhos, assi pera a vida politica, como pera a contemplativa, de que fazem particular profissam. A quarta contem as cerimonias dos pagodes, os sacrificios, as festas, & á volta disso muytas feitiçarias, encantamentos, & grande parte da arte magica.

Na distinçam das gerações, & familias, fazem ventagem a toda a outra gente do mundo. He nada em sua comparaçam quanto nesta parte ouve entre as casas, & tribus do povo d'Israel. Porque em muytas familias do Indostam, nam sómente nam podem casar as pessoas dhũa com as da outra, mas nem comer á mesma mesa, nem entrar na mesma casa, nem estar, nem passar juntamente pela mesma rua. Assi tem repartidos os officios de serviço da Republica, fazendo os de menos sorte os mechanicos, com tal ordem porem, que cada familia usa o seu, sem poder jámais entrar no da outra. Os nobres ou sam Naires, que seguem sómente a guerra, ou Brámenes, a quem pertence o falso culto dos pagodes, & meneo de suas superstições. Estes fazem a todos os outros grandes ventagens; porque alem do falso sacerdocio, tem o poder, & autoridade real, que anda na sua familia já de muytos annos; com cujo favor ella he a mais respeitada, e dilatada na India, & em outros muytos reynos orientais. Professam geralmente grande abstinencia; porque de mais de muytos jejũs, que tem, nenhum, postoque seja Rey, pode per nenhum caso beber vinho, nem comer algũa sorte de carne, ou pescado, nem cousa emfim, que tevesse vida. Mas ainda entre elles ha muita diversidade. Hũs vivem com suas molheres & filhos nas villas, & cidades, tratando a mercancia, como toda a outra gente. Outros, a que chamam Iogues, & os Gregos antigamente chamaram Gymnosophistas, vendense por homẽs castos, não se obrigando nunca ao matrimonio; dos quaes muytos tomam por vida peregrinar per todo o Oriente, prégando á gente cega os sonhos de sua superstiçam, que acreditam, & persuadem com a grande aspereza com que se tratam assi no vestir, como no comer. Algũs entrando pelos desertos, & meyos enterrados nas lapas, & cóvas das feras, passam com increivel soferimento quanto se pode imaginar de dureza, & trabalho, em fomes, sedes, frios, calmas, nudeza, continuas vigias, fugindo, como se lhe teveram odio, a tudo o que pode ser de gosto, & alento á natureza. Mas feito o noviciado, & curso deste tempo, & elles agraduados á ordem, que entre si tem, com nome de *Abdutos*, & pola qual dissimuláram com tam forte vida, ficam em premio da falsa penitencia, & por gloria da mais falsa religiam com publica licença para se engolfarem em toda a sorte de vicios, por abominaveis que sejam, sem alguem se poder, nem escandalisar, quando os vê, nem aggravar quando lhe toca; avendo que até das leis da rezam, & da vergonha os fez, nam sómente isentos mas senhores aquelle seu deserto, & surpersticiosa aspereza. Que quando he religiosa, como o foy, a dos santos hermitãos da ley da graça, tem por

fim a perfeita imitaçam da pureza dos Anjos nas almas, & nos corpos, e nam vay parar naquelles monturos de torpeza, com que o Imigo de longe faz negaça aos infieis cegos, & tanto mais carnais quanto mais sofrem pola carne.

João de Lucena, *Vida do P. Francisco Xavier*, l. II, c. XI, ed. 1600.

LVI

Peregrinação.

Do que passei em minha mocidade neste Reyno, até que me embarquey para a India.

Quando ás vezes ponho diante dos olhos os muitos, e grandes trabalhos, e infortunios, q̃ por mim passáraõ, começados no principio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte, e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razaõ me posso queixar da ventura, que parece q̃ tomou por particular tençaõ, e empreza sua perseguir-me, e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser materia de grande nome, e de grande gloria : porque vejo que naõ contente de me pôr na minha pátria, logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nella vivi sempre em miserias, e em pobreza e naõ sem alguns sobresaltos, e perigos da vida, me quiz tambem levar ás partes da India, onde, em lugar do remedio, que eu hia buscar a ellas, me foraõ crescendo com a idade os trabalhos, e os perigos. Mas por outra parte, quando vejo que do meio de todos estes perigos, e trabalhos me quiz Deos tirar sempre em salvo, e pôr-me em seguro, acho que naõ tenho tanta razaõ de me queixar por todos os males passados, quanta de lhe dar graças por este só bem presente ; pois me quiz conservar a vida, para que eu pudésse fazer esta tosca, e rude escritura, que por herança deixo a meus filhos, (porque só para elles he minha tençaõ escrevella) para que elles vejaõ nella estes meus trabalhos, e perigos da vida, que passey no discurso de vinte e hum annos, em que fuy treze vezes cativo, e dezasete vendido nas partes da India, Ethiopia, Arabia Feliz, China, Tartaria, Macassar, Samatra, e outras muitas Provincias daquelle Oriental Archipélago dos confins da Asia, a que os Escritores Chins, Siames, Gueos, Elequios nomeaõ nas suas Geografias por *Pestana do Mundo*, como ao diante espero tratar muito particular, e muito diffusamente ; e daqui por huma parte tomem os homens motivo de se naõ desanimarem com os trabalhos da vida, para deixarem de fazer o que devem ; porque naõ ha nenhuns, por grandes que sejaõ, com que naõ possa a natureza humana, ajudada do favor Divino : e por outra me ajudem a dar graças ao Senhor Omnipotente, por usar comigo de sua infinita Misericordia, a pezar de todos meus peccados ; porque eu entendo, e confesso, que delles me naceraõ todos os males, que por mim passaraõ, e della as forças, e o animo para os poder passar, e escapar delles com vida,

De algũa pequena informação desta cidade de Pequim, aonde o Rey da China reside de assento.

... Esta Cidade que nós chamamos Paquim, a q̃ os seus naturais chamaõ Pequim, por ser este o seu primeyro nome, está situada em

altura de quarenta e hum gráos da banda do Nórte: tem os seus muros de circúito, segundo os Chins nos affirmaraõ, e eu depois vi num livrinho, que trata das grandezas della, que se chama *Aquesendoo*, que eu trouxe a este Reyno, trinta legoas, dez de comprido, e cinco de largo; e outros affirmaõ que tem cincoenta, dezassete de comprido, e oito de largo. E já que os que trataõ della variam nisto tanto, como he dizerem huns trinta, outros cinquenta legoas, quero eu declarar a causa desta duvida confórme ao que vi por meus olhos. Quanto ao como ella agora está povoada de casaria muito nobre, terá de circúito as trinta legoas que dizem, e está cercada toda de duas ordens de muros muito fortes, com infinidade de torres, e baluartes ao nosso modo; mas por fóra desta cerca, que he a da propria cidade, vay outra de muito maior comprimento, e largura, que os Chins affirmaõ que antigamente fora toda povoada, o que agora naõ he, mas tem sómente muitas aldêas, e povoações divididas hũas das outras, com muita quantidade de quintas ao redor muito nobres, em que entraõ mil e seicentas, que tem muita ventagem de todas as outras; as quaes saõ aposentos dos Procuradores das mil e seiscentas cidades, e villas notaveis dos trinta e dous Reynos desta Monarchia, que quando chamaõ a Cortes, se ajuntaõ nesta cidade cada tres annos sobre o governo do proveito cõmum, como adiante se dará relaçaõ. Por fóra desta grande cerca, a qual, como digo, corre por fóra de toda a cidade, estaõ em distancia de tres legoas de largo, e sete de comprido vinte e quatro mil jazigos de Mandarins, que saõ hũas capellas pequenas cozidas todas em ouro, as quais tem todas adros fechados em roda com grades de ferro, e de lataõ feitas ao torno, e as entradas, que tem, saõ huns arcos de muito custo, e riqueza. Junto a estas capellas tem aposentos muito grandes com jardins, e bosques espessos de grande arvoredo, e muitas invenções de tanques, fontes, e bicas de agoa. E as paredes das cercas saõ forradas por dentro de azulejos de porçelana muito fina, e por cima pelos espigões com muitos leões com bandeiras douradas, e nos cantos das quadras curuchéos muito altos de diversas pinturas. Tem mais quinhentos aposentos muito grandes, que se chamaõ Casas do filho do Sol, onde se recolhem todos, os que aleijaraõ na guerra em serviço delRey; e a fóra estes, outros muitos, que por serem velhos, ou doentes, deixaraõ tambem a guerra, e se aposentaraõ. E a cada um de todos estes se dá um tanto por cada mes para seu mantimento, os quais segundo os Chins nos affirmaraõ chegavaõ á conta de cem mil: porque em cada hum destes aposentos diziaõ elles q̃ havia duzentos homens. Vimos mais hũa rua de casas térreas muito comprida, aonde pousavaõ vinte e quatro mil remeiros, que são os das panouras delRey. Vimos outra rua do mesmo modo de mais de hũa grande legoa de comprimento, aonde pousavaõ quatorze mil taverneiros, que são os da Corte; e outra rua pela mesma maneira, onde havia infinidade de molheres solteiras, privilegiadas do tributo, que pagam as da cidade, por serem tambem da Corte; muitas das quais fugiraõ a seus maridos, por andarem nesta desaventura, e se elles por isso lhes fizerem algum mal, tem muito grande pena; porque ellas tem alli seguro do Tutão da Corte, que he o supremo em todas as cousas, que tócaõ á Casa do Rey. Vivem tambem nesta cerca todos os mamatos, que lavaõ roupa a toda a cidade, que segundo nos affirmaraõ, passaõ de cem mil, por haver aqui grandes rios, e ribeiras de agoa, com infinidade de tanques muito fundos, e largos, fechados todos de cercas de cantaria muito forte, e de lágeas muito primas, e bem lavradas. Tem

mais o vaõ desta grande cerca, segundo conta este *Aquesendoo*, mil e trezentas casas nobres, e officinas de muito custo de molheres, e de homens religiosos, que professaõ as quatro leys principaes do numero das trinta e duas, que ha neste Imperio da China; das quaes casas dizem que algũas tem das portas a dentro passante de mil pessoas, a fóra dos servidores, que ministraõ de fóra o necessario para sustentação dellas. Vimos mais outra grande quantidade de casas, que tem edificios muito grandes, e nobres com grandes cercas, em que ha jardins, e bosques espessos, onde se acha toda a maneyra de montaria, e caça quanta se póde desejar, as quaes casas nobres saõ como estalagens, aonde concorre de contino muita infinda genta assim a comer, como a ver Autos, farças, jógos, touros, lutas, e banquetes esplendidos...

Comos fomos remettidos á cidade de Pequim

... Um dia antes que nós partissemos, estando já embarcados na lanteaa, e presos de tres em tres por umas cadêas muito compridas, que á maneira de corrente vinham fechar nos élos que tinhamos nos pés, chegaram estes dous procuradores dos pobres, e provendo primeiro que tudo os mais necessitados com mantimento, e vestidos, conforme á necessidade que em cada um viam, nos perguntaram se haviamos mister alguma cousa para nossa viagem, a que respondemos, que de tudo iamos tão faltos quanto Deus sabia; mas que se até então lhe não tinhamos dito as muitas miserias, que padeciamos, não fôra senão a fim de lhes pedirmos, que a esmola que nos haviam de fazer fosse darem-nos uma carta para os tanigores d'aquella santa irmandade, em que lhe pedissem, que nos quisessem lá favorecer, porque eramos, como elles sabiam, tão desemparados, que ninguem na terra nos sabia o nome; a que elles ambos responderam: — Não digaes isso, que é grande peccado, inda que vossa ignorancia vos desculpa com Deus; porque sabei, que quanto mais abatidos fordes por serdes pobres no mundo, tanto mais altos sereis diante dos seus olhos, se com paciencia soffrerdes a pena, que a suberba carne sempre enjeita, porque assim como o passaro não vôa sem asas, assim tambem a alma não merece sem obras. E quanto á carta, que pedis, vos daremos de muito boa vontade, visto quão necessaria vos ha de ser, para que o favor dos bons vos não falte no tempo que o houverdes mister. — Então nos deram um sacco de arroz, e quatro taeis em prata, e uma colcha para nos cubrirmos; e nos encommendaram muito ao chifuu, que era o alcaide a quem iamos entregues, e se despediram de nós com muito boas palavras, e se tornaram a visitar a enfermaria da prisão que atras disse, onde então havia passante de trezentos enfermos: e como ao outro dia foi manhan clara, nos mandaram a carta, que lhe tinhamos pedido, mutrada com tres sinetes de lacre verde...

Como partimos para a cidade do Pequim e das grandezas da cidade de Nanquim.

Sendo-nos dada esta carta, nos partimos ao outro dia ante-manhan presos da maneira que tenho contado; e continuando nossa viagem por jornadas incertas, por causa da impetuosa corrente, e grande força da agua, que n'aquelle tempo trazia o rio, fomos já quasi sol posto surgir a uma aldêa pequena, que se chamava Minhacutem, d'onde era natural o mesmo chifuu, ou alcaide, que nos levava, e ahi casado com

mulher e filhos, na qual esteve tres dias aviando algumas cousas. E embarcando elle sua mulher, com toda a sua casa, e familia, seguimos nossa derrota, em companhia de outras muitas embarcações, que por aquelle rio iam para diversas partes dos anchacilados e senhorios d'aquelle imperio. E ainda que iamos presos ao banco da lanteaa, onde remavamos, não deixavam os olhos de vêr cousas muito grandiosas nas cidades, villas, e logares, que ao longo d'este grande rio estavam situadas, das quaes brevemente direi alguma cousa d'esse pouco que vimos, e começarei logo por esta cidade de Nankim d'onde partimos. Esta está em altura de trinta e nove gráus e um terço debaixo do norte, lançada ao longo d'este rio, por nome Batampina, que na nossa lingua quer dizer, frol do peixe; o qual rio, segundo então nos disseram, e eu depois vi, sáe da Tartaria, de um lago por nome Fiostir, nove legoas da cidade de Lançame, onde o Taborlão, rei dos tartaros, reside o mais do tempo. D'este lago, que é de vinte e outo leguas de comprido, e doze de largo, e de grandissimo fundo, saem os mais poderosos cinco rios, caudaes, que ha em todo o descuberto... Esta cidade do Nankim está, como já disse, situada ao longo d'este rio da Batampina, em um teso de boa altura, por onde fica a cavalleiro das campinas, que estão em torno d'ella; cujo clima é algum tanto frio, porém muito sadio. Tem outo leguas de cerca por todas as partes, a saber: tres leguas de largo, e uma de comprido por cada parte; a casaria commua é de um só, até dous sobrados, porem as casas dos mandarins são todas terreas, e cercadas de muro, e cava, em que ha pontes de boa cantaria, que dão serventia para as portas, as quaes todas tem arcos de muito custo, e riqueza; com muitas diversidadees de invenções nos curuchéos dos telhados, o qual edificio visto todo por junto, representa aos olhos uma grande magestade. As casas dos chães e anchacys, e aytaus, e tutões, e chumbys, que são senhores, que governaram provincias, e reinos, tem torres muito altas, de seis e sete sobrados, com curuchéos cozidos em ouro, onde tem seus almazens d'armas, suas recamaras, seus thesouros, e seu movel de seda, e de peças muito ricas, com infinidade de porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria; a qual porcellana d'esta sorte não sae fóra do reino, assim porque entre elles vale muito mais que entre nós, como por ser defeso com pena de morte vender-se a nenhum estrangeiro, salvo aos persas do Xatamaas, a que chamam Sofio, os quaes com licença que tem para isso, compram algumas peças por muito grande preço. Affirmaram-nos os chins, que tem esta cidade outocentos mil vezinhos, e vinte e quatro mil casas de mandarins, e sessenta e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de açougues de outenta talhos cada uma, e outo mil ruas; de que as seiscentas, que são as mais nobres, tem todas ao comprido de uma banda, e de outra grades de latão muito grossas feitas ao torno. Affirmaram-nos mais, que tem duas mil e trezentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa, e são edificios muito ricos, com torres de sessenta, e setenta sinos de metal, e de ferro coado muito grandes, que é cousa horrenda ouvillos tanger. Tem mais esta cidade trinta prisões muito grandes, e fortes, em cada uma das quaes ha dous, e tres mil presos, e a cada uma d'estas prisões responde uma casa como de misericordia, que prevê toda a gente pobre, com seus procuradores ordinarios em todos os tribunaes de civil, e crime, e onde se fazem grandes esmolas. Todas estas ruas nobres tem arcos nas entradas, com suas portas, que se fecham de noute, e as mais d'ellas tem chafarizes d'agua muito boa, e

são em si muito ricas, e de muito grande tracto. Tem todas as luas novas, e chêas, feiras geraes, onde concorre infinidade de gente de diversas partes, e ha n'ellas grandissima adundancia de mantimentos, quantos se podem imaginar, assim de fructas, como de carnes. O pescado d'este rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas, e linguados, que parece impossivel dizer-se, o qual se vende todo vivo, com juncos mettidos pelos narizes, por onde vem dependurados; e afora este pescado fresco, o secco e salgado, que vem do mar, é tambem infinito. Affirmaram-nos mais os chins, que tinha dez mil teares de seda, porque d'aqui vai para todo o reino. A cidade em si é cercada de muro muito forte, e de boa cantaria, onde tem cento e trinta portas, para serventia da gente, as quaes todas tem pontes por cima das cavas. A cada porta d'estas estava um porteiro com dous alabardeiros, para darem razão de tudo o que entra, e sae. Tem doze fortalezas roqueiras, quasi ao nosso modo, com baluartes, e torres muito altas, mas não tem artilharia nenhuma. Tambem nos affirmaram, que rendia esta cidade a el-rei todos os dias dois mil taeis de prata, que são tres mil cruzados, como já disse muitas vezes. Dos paços reaes não direi nada, porque os não vimos senão de fóra, nem d'elles soubemos mais que o que os chins nos disseram, o qual é tanto que é muito para arreceiar contallo, e por isso não tractarei por agora d'elles, porque tenho por d'avante contar o que vimos nós da cidade do Pekim; dos quais confesso que estou já agora arreceando haver de vir a contar ainda esse pouco que d'elles vimos; não porque isso possa parecer estranho a quem viu as outras grandezas d'este reino da China, senão porque temo que os que quiseram medir o muito que ha pelas terras, que elles não viram, co pouco que vem nas terras em que se crearam, queiram pôr duvida, ou por ventura negar de todo o credito a aquellas cousas, que se não conformam com o seu entendimento, e com a sua pouca experiencia.

F. Mendes Pinto, *Peregrinação*, ed. 1604, c. CV, LXXXVII, e LXXXVIII.

LVII

Da excellencia da vista sobre os outros sentidos, & do descobrimento da verdade.

Indo praticando pelos censeyraes de Coimbra, ao longo do Mondego dous amigos, que sahiraõ da Cidade, hum delles dado muito ao estudo da humanidade, que presumia excessivamente de discreto, & grãde Philosofo, & queria antes parecelo, que selo (da condiçaõ dos que escolhem antes latão lustroso, que prata sem lustro) outro menos humanista, mas mais humano, encontraraõ com hum Ermitaõ homem Religioso, & Letrado, de que tinhaõ conhecimẽto d'outro tempo, em que todos n'aquella Vniversidade estudaraõ, & conversaraõ. E depois de saudados, & passarem entre si algũas amorosas palavras, perguntou o Philosofo ao Ermitaõ como estava, & que annos tinha de idade, porque lhe parecia mais velho do que elle cuidava q̃ era. Eu, respondeo o Ermitaõ, naõ estou, nem tenho hum só anno de idade, & o mesmo podem com verdade dizer de si todos os homẽs. Nova opinião, disse o Philosofo, he essa. Antes, tornou o Ermitaõ, naõ he nova, nem opiniaõ, senaõ antiga, & manifesta verdade. Que se fora nova, começàra

pouco ha, & ella he sentença dos sabios antigos, que de si deixaraõ gloriosa memoria: & se fora opiniaõ, fora de cousas contingentes, & incertas, & ella he necessaria, & certissima. E eu, disse o Philosofo, tenhoa por falsissima. E o he taõ sem duvida, que a naõ terà nisso, senaõ quem, segundo o costume dos Academicos, quiser em tudo duvidar. Ha verdades, disse o companheiro, que a nós naõ o parecem, naõ pelo naõ serem, mas por naõ entendermos a diversidade do estilo em que saõ ditas. Digo isto, porque o Padre como se desnaturalizou do mundo, para que quanto delle estivesse mais apartado, tanto estivesse cõ Deos mais unido, & quanto mais longe estivesse da terra & de si ainda mais longe, tanto mais perto estivesse do Ceo, tem outro estilo tam differente do nosso que havemos de entender, que se naõ entendemos he, porque passa elle além das balisas de nosso entendimento, mas naõ porque em suas palavras haja erro nem falsidade. Naõ sei, disse o Philosofo, para que saõ razões para escusar hũa sem razaõ: pois de querer escusar hũa nascem muitas. Assi como lançando hũa pedra em hum grande poço se faz hum circulo na agoa, & delle procede outro mayor, & este mayor faz outro mais estendido, apoz o qual vem outro, & outros cada vez mayores quasi em infinito, assi de hum erro nasce outro, & este traz outro consigo mayor, apoz o qual vem outros muitos cada vez mayores quasi em infinito se lhe naõ atalhaõ logo no principio. Facil cousa seria atalhar logo no principio a hum rio, entupindolhe a fonte donde nasce, ou lançandolha por outra banda; mas despois que nelle entraõ outro, & outros ribeiros, & com a entrada de muitos rios se faz poderoso, & fundo, naõ ha quem lhe possa resistir. Isto he o que diz Aristoteles, que piqueno erro no principio, se faz grande no fim, & que dado hum inconveniente se seguem muitos: & às vezes de naõ apagar hũa palha, se vem a atear o fogo em hũa e outra, atè que se vem a queimar toda hũa casa, & de piquena faisca se faz grande incendio. Eu, disse o compauheiro, naõ me determino logo taõ depressa como isso, a cõdenar o que naõ acabo de entender; & sempre tive para mim que as cousas se haviaõ de julgar com deliberaçaõ. Que, como diz Bias o Philosofo, segundo refere Laercio, nenhũa cousa he mais contraria a deliberar, que a ira, & a pressa. E naõ vos pareça que reprehendo a diligencia nas obras, antes tenho para mim, que naõ ha cousa que ella naõ vença. Porque assi como a negligencia he madrasta das virtudes, assi a diligencia he mãy de todas ellas. Ella he hũa mina de bẽs, & a negligencia hum pego sem fundo em que todos se afogaõ; mas a diligencia ha de ser pesada, & levantando nos pès as esporas da ligeireza, & velocidade, ha de levar na maõ as redeas da razaõ, & do conselho: de maneira, que na deliberaçaõ ha de hauer tardança, & na execuçaõ da boa obra pressa. Donde veyo aquelle taõ antigo, como famoso Proverbio: Apressate de vagar...

Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, ed. 1671, parte I, cap. I.

LVIII

Comparações.

Assi como as ervas se crião com agoa mas sendo ella muita e demasiada afogão, assi os engenhos reverdecem e se aviventam com o trabalho, mas sendo elle sobejo os abate e destrue.

Assi como o feio sinal da ferida peior parece e mais disformidade faz no rosto que nas outras partes do corpo, assi o vicio mais detestavel é no Principe que é a imagem em que todos põem os olhos, que no vassalo pera que menos se attenta.

Assi como a terra amollece com a agoa assi o homem nobre abranda com boas palavras.

Assi como as verdes canas quando crecem de quando em quando vão fazendo uns nós como descansos, em que parece que a natureza descansa, não pera ficar alli, mas pera com maior força tornar a subir, assi os homens disciplinados no trabalho, vão ás vezes interpondo descanso a suas molestias como nós em que descansem, não pera tomar o corporal ocio por fim, mas por meio, para com maior esforço poder soffrer os importunos trabalhos e lançar mão dos honrosos exercicios.

Assi como a faca por quererem com ella cortar ferro, fica bota pera cortar, o pera que foi feita; assi o entendimento que quer penetrar o que lhe não convem, fica inhabil pera o que lhe convem.

Assi como as espigas quanto mais gradas e carregadas estão tanto mais se abaixam e inclinam, e pelo contrario quanto mais leves e vazias estão tanto mais se endireitam e levantam pera cima; assi quanto mais cheios estão os homens de virtude e bom saber tanto mais se humilham e abatem, e quanto mais vazias disto estão tanto mais se levantam e ensoberbecem.

Assi como seccando-se a fonte se secca o ribeiro: assi seccando-se o interesse se secca tambem a amizade nascida não da virtude, mas da cobiça.

Quem lava copos de vidro não hade carregar tanto a mão que os quebre, e quem reprehende ao amigo não hade assentar tanto a mão que magoe.

Assi como não conhecemos a fineza do alambre senão se o esfregamos: assi não conhecemos a lealdade do amigo salvo se o experimentamos.

Heitor Pinto, *ibid.*

LIX

Que as victorias dos Portugueses, em as partes das Indias orientaes, se não hão de atribuir a forças humanas: e porque nas guerras dos Christãos ha infelizes sucessos.

Cousa certa he, que não fez Deos menos mimos, e fauores ao pouo Christão, que ao Hebreo, en cujo logar o substituio. E ainda q̃ disto dē testemunho as victorias de Theodosio, Constantino, Carolo magno, Carlo quinto maximo (quá assi o nomeou o Papa Paulo terceiro) padre de elRey nosso Senhor, estamos os Portugueses tam ricos de exemplos

proprios, que bem podemos escusar a relação dos alheos. En nossas guerras, nunqua faltarão mostras de Deos as fauorecer, quomo suas: e porque nas partes remotissimas do Oriente, conuinha mais enxergarse este fauor, lá ouue por bem de mostrar muitas vezes, quam propicio era a nossas armas, e quanto tomaua á sua conta a honra dellas. Sabemos, que en algũas batalhas, das q̃ na India aos nossos se derão, depois de muitos encontros, e recontros, se vio receberem os Portugueses os pelouros de ferro, no meo de seus corpos, sen o golpe lhes imprimir mais, que hũa piquena nodoa. E o que he mais de admirar, que voltando delles quebrauão os mesmos pelouros grandes escudos, e quanto achauão ante si espedaçauão. Taes sinaes, e visões do ceo se virão en guerras trauadas cos nossos, que fezerão confessar aos barbaros, que pelejára Deos por nos contra elles; quomo antiguamente confessárão os Egipcios, que Deos era da parte dos Hebreos. E esta confissão lhes seruia de desculpa do damno, que das armas dos nossos, en mui desigual numero, recebião. Os que isto não crem, roubão sua gloria a Deos, e ignorão, quantas forças tem a vera religião daquelles, que fundão, e esteão suas esperanças no emparo, e presidio de Deos, e por sua honra tratão armas pias, e justas. Porque Dauid pos en Deos sua confiança, por isso venceo, com hũa funda, o grande gigante Golias, que en suas forças vinha mui confiado; e Gedeon, com panelas de barro, desbaratou os Madianitas. Quãto mais cada hũ, medindo se por seu spirito, cuida que tem bastante animo, para vencer quaisquer imigos, tanto mais lhe conuem poer a confiança no Senhor, e encomendarlhe a sua causa. Este foi o norte, que guiou o grande Duarte Pacheco, triumphador do Çamorim de Calicut, soldado, e Capitão felicissimo, que tantas vezes, pola gloria de Christo, e dignidade delRey Dom Manoel, offereceo a extremos perigos seu peito, indomito, e incansauel: a cujas victorias não se pòdem comparar as de qualquer outro Capitão, inda que seja o Africano, porque foram miraculosas.

Amador Arráez, *Dialogos*, ed. 1589, dial. III, C. XXI, pag. 109.

LX

Dureza da gente Iudaica.

Grandes forão os trabalhos q̃ o Senhor sofreo os annos que andou peregrinando pellas Cidades de Israel, & Iudea, que o cansauão, & affligião muyto mais que a propria peregrinação. Entres elles hum muyto principal foy a dureza da gẽte Iudaica, q̃ não só não queria receber, mas encontraua toda sua doutrina, & diuinas obras: & della como de fonte nacerão todos os trabalhos, que a Christo nosso Senhor derão, & sua propria perdição. Antiquissimo vicio he na nação Iudaica a dureza de coração, & de que está a diuina Escriptura cheya. Tanto que sendo entre todas as nações do mundo escolhida pera pouo de Deus, apartado de todas as gẽtes pera o seruir, & adorar, & espantando Deos o mundo com marauilhas que por elle fazia, nunca o pode dobrar a seu seruiço, & obediencia. Felos descendentes de troncos de Patriarchas santos, sempre os trouxe nas palmas das maõs, cheyos de mimos, & riquissimas merces: a elles fez todas as promessas do Messias, & de todos os bẽs da terra, & do Ceo: esteue no monte Syna

à fala com elles, mandandolhes muytos Prophetas: deulhes em seus pecados espantosos castigos: perdoaualhes depois com admirraueis fauores: liurauaos de todos seus inimigos, prouiaos larguissimamente, & por vias desacostumadas em todas suas necessidades: & cõ nenhũa cousa os pode nũca ter sujeitos, sempre lhe forão rebeldes, sempre maos de contentar, sempre falsos nas promessas que fazião de o seruir. A Moyses no deserto quiserão apedrejar. A vista de Deos q̃ estava no monte Synai todo inflamado, falando cõ elle fizerão hũ bezerro de ouro, & com festa o adorarão. Ora lhe matauão seus prefetas, ora punhão idolos pera tirar o pouo de adorar a Deos no seu Templo, ora adoravão os deoses das outras gentes: em fim que sempre andauão ao reues da vontade de Deos. E he tanto desta nação de juro, & herdade, dureza de coração, que ainda hoje em dia a experiencia nestas partes de Berberia (onde ha grandes pouoações delles) nos mostra que não só saõ tão duros que nem conuencidos pellas diuinas Escripturas em seus erros, & chegados a de todo não saberem contradizer a verdade manifesta, por nenhum caso se querem render, mas antes se prezão de dura seruiz, & tomão por honra o que Deos contra sua dureza diz na sagrada Escriptura, como gente q̃ se não rende facilmente, senão às cousas q̃ forẽ muyto palpaueis, & vistas a olho. E sendo na vida, & na malicia a pior, mais mal inclinada gente que na natureza, & mundo pode auer, assi se tem hoje por povo mimoso, & escolhido de Deos & pella melhor, & mais aceita gente a elle, como se pudera ter o proprio santo Abrahão, de quem descendem. E claro se ve nelles o q̃ diz a diuina Escriptura, que saõ vendidos pera fazer mal. Porque assi o tem por vida, & officio, que tirando-lhes Deos todos os bẽs temporaes que concede a todas as outras erradas nações, so lhes ficou a mentira, & engano de q̃ viuessem, só della se mantem: & isto com trazerem sempre o nome de Deus na boca...

Fr. Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, ed. 1602, trab. XIX, pag. 327 v.

LXI

Do qve passou Palmeirim de Inglaterra em companhia da donzella que o leuaua cõsigo.

Palmeirim de Inglaterra seguio tras a dõzella ao mayor passo de seu cauallo, porq̃ a sua pressa não consentia nenhũ repouso. E posto q̃ muitas vezes quis saber della onde o leuaua, nũca cõ choro lho pode dizer. Assi passarão todo aquelle dia & noite sem repouso nenhũ, leuãdo ja as caualgaduras tã cãsadas q̃ não se podião bulir, ao outro dia pela manhaã quando a alua rompia, passarão pello pee de hum castello que se velaua. A dõzella se desuiou da estrada, rogando a Palmeirim que a esperasse, & chegando ao castello fallou com um dos valladores algũas palauras que não ouvio, & dalli tornando se para elle seguiram seu caminho com mayor pressa q̃ de antes, & cõ ella andarão tee horas de meyo dia q̃ chegarão a hũ valle grãde & gracioso q̃ estaua ao lõgo da faldra de hũa pequena villa, que era no Ducado de Rossilhõ. Alli lhe disse q̃ se decesse em quanto ella hia ter ao lugar & logo tornaria a elle. Palmeirim a q̃ o afrontamento do caminho fez desejar algũ repouso, apeouse do cauallo, & desenlaçou o elmo para melhor poder

desabafar do trabalho. A dõzella como quem não sofria nenhũ vagar em suas cousas, porque a necesidade dellas requeria muita pressa, foy à villa e fez volta tão prestes como se o seu palafrem andara em toda sua força, & chegando a Palmeirim vendoo sem elmo, tão moço & gentil homem nam ficou contente, crendo que para sua afronta achara fraco remedio, dizẽdo mal à sua vẽtura se queixaua mais q̃ de antes. Palmeirim mouido de piedade, não sabẽdo a razão porq̃ se assi mataua rogoulhe que sem pejo lha dissesse.

— Que quereis que vos diga senhor caualleiro, disse a dõzella, senam que sou a mais mal auenturada molher do mundo, que indo buscar algum caualleiro famoso para hũa necessidade grande, reuolui a corte de França, & dando conta aos melhores della nenhum quis aceitar o que lhe pedi, que lhe pareceo graue de acabar, & vindo quasi desesperada acertey de chegar ao valle onde Florenda estaua, para lhe pedir que mandasse comigo algum dos seus goardadores em que mais confiasse, & porque vos vi em companhia de outro caualleiro que os estaua derribando todos, cuidey que fosseis assim como elle, & pedivos que me seguisseis sem vos querer dar conta do caso, que temi que sabido não quisesseis vir comigo. Agora que estaua, ao pee da obra vejo vos tam menino & moço, & de tam poucas forças ao parecer que perdi algũa esperança se a em vos trazia.

— Senhora, disse Palmeirim, a razão & justiça queria que tiuesseis de vossa parte que no mais eu farey o que poder & por ventura sera mais do que julgais pola idade, por isso peçovos que sem nenhum receo me digais ao que vim, que no que vos de mim comprir auentuarey a vida a qualquer perigo.

— Ay senhor que bõas palauras, disse a donzella, se a obra dissesse com ellas. Sabey que nesta villa que vedes estam presas tres donzellas filhas de hum gram senhor que auia nesta terra, & porque seu pay nam quis casalas com o Duque de Rosilhom & outros dous seus irmãos, tiuerão maneira como por treição o mataram, e elles a ellas trouxerão a esta fortaleza por força, & porq̃ nũca quiserão cõceder seu desejo, derãolhe espaço te oje, q̃ he o derradeiro dia, para que buscassem algũ caualleiro q̃ por força as tirasse de seu poder, & auiase de combater desta maneira. Primeiramente à entrada da fortaleza cõ Bramarim primo do Duque, temido e nomeado em todo este Reyno, & vencendoo ase de combater com outros dous caualleiros jũtamẽte tambẽ seus parẽtes & mais esforçados, a que chamão Olistar & Alfarim, & sahindo desta batalha vencedor, combaterse com o Duque & seus dous irmãos, q̃ cada um por si he tam especial caualleiro q̃ basta para o melhor desta terra, & por que oje he o derradeiro dia do prazo, no qual ellas ham de ser degoladas, nam dando caualleiro que por si faça estas batalhas, dey a pressa que vistes em vossa vinda. Agora fuy ter à villa para lhe fazer saber que trazia comigo um caualleiro que se com elles combatesse segundo estaua ordenado, de que o Duque esta muy aluoroçado & contente cremdo que irá com seu proposito auante, pola muita confiança que em si & nos outros caualleiros de sua casa tem.

— Por certo, senhora donzella, disse o muy esforçado Palmeirim de Inglaterra, agora nam me espanto, nem menos ey por muito recearem alguns caualleiros vir a tão incerta & duuidosa demanda como essa he, & pareceme muy mal de el Rey consentir que em seu senhorio se faça hũa tamanha sem razão como essa, alem de ser agrauo feito a molheres, cousa que antre os homẽs de grãde preço se nã devia cõsentir : & pois o mais do dia he gastado, & para tãtas batalhas fica pouco

espaço, partamos logo, que eu espero em Deos q̃ a maldade desse seja causa de seu vencimento.

E sem mais dizer, enlaçou o elmo, menencorio de cousa tam mal feita. A donzella q̃ punha os olhos nelle, quando o vio com tam bom desejo & pouco temor, cobrou mais algum esforço do que lhe ficara depois que o vira, & ambos juntamente entraram pola villa, & foram à fortaleza que estaua bem assentada & forte Cousa que aos maos quando sam poderosos se nam auia de consentir, porq̃ muitas vezes a confiança destas forças he causa de muitos erros.

Fr. de Moraes, *Palmeirim de Inglaterra*, ed. 1592, p. II, cap. LXVIII, pg. 73.

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente á escola Gongórica ou Seiscentista

I

Monarcas portugueses

Felipe I	1580-1598
Felipe II	1598-1621
Felipe III	1621-1640
D. João IV	1640-1656
D. Afonso VI	1656-1668
D. Pedro II (regente)	1668-1680
D. Pedro II	1683-1706

II

Sincronismo político e social

1584 — Assassínio do Principe de Orange.
1587 — Execução da rainha da Escócia Maria Stuart.
1594 — Henrique IV sobe ao trono de França.
1603 — Morte de Isabel, rainha de Inglaterra.
1609 — Expulsão dos Moiros de Espanha.
1618-1648 — Duração da guerra dos Trinta annos, que termina com o tratado de Vestfália.
1624-1642 — Governo de Richelieu.
1630 — Vitórias de Gustavo-Adolfo.
1632 — Morte dêste herói.
1640 — Sublevação da Catalunha.
1643 — Principia a reinar Luís XIV.

III

Sincronismo literário

Espanha

E' um período brilhantíssimo para a literatura espanhola o princípio do sec. XVII. Citemos entre os poétas:

Lope de Vega-Carpio (1562-1635), fecundíssimo poéta, fundador do teatro em Espanha, para o qual escreveu centenas de composiçõis que podem classificar-se em 1.º *comédias de capa e espada* ou de enredo; 2.º *dramas históricos*; 3.º *comédias familiares*; e 4.º *Autos*. Atribuem-se-lhe 1.800 comédias em tres actos [21 milhõis de versos!] e 400 autos; escreveu 5 dramas em quinze dias.

Luis Vélez de Guevara (1570-1643), deixou, entre muitas outras comédias, a intitulada *Reinar después de morir* sobre D. Inês de Castro, e a novela satírica *El diablo cojuelo* (diabo côxo), que Lesage imitou no *Diable boiteux*.

Tirso de Molina (1585-1648), pseudónimo de Gabriel Télez, àlêm de comédias e autos escreveu *El burlador de Sevilla*, onde descreveu com grande energia o tipo de D. Juan, que depois se universalizou.

Pedro Calderon de la Barca (1600-1681) rival de Lope de Vega, a quem é superior no estudo das personagens que pôs em scena nos seus numerosos *Autos sacramentaes*.

Luís de Góngora (1561-1627) escreveu no género lírico e narrativo muitas composiçõis em estilo, a que ele chamava *Culto* e que é tambêm conhecido por *Gongorico*. Não obstante a acusação, aliás verdadeira, de ser esse estilo um tecido de metáforas obscuras e ridículas, Gongora conseguiu impô-lo com as suas obras *Soledades, Polifemo, Pyrame y Thisbe.*

Francisco de Quevedo (1580-1645), dotado de grande talento crítico e satírico, autor de composiçõis em prosa e verso muito estimadas, como *La historia del grande tacaño* e *Los sueños.*

Como historiadores:

Antonio de Solis (1610-1686) que àlêm de obras poéticas, escreveu a *Historia da conquista no Mexico*, no género de Quinto Cúrcio, muitas vezes reimpressa.

Nicolau Antonio, autor da *Biblioteca Hispana,* obra de paciente investigação bio-bibliográfica.

França

Vigorou em França nesta época o chamado *Preciosismo* que foi importado da Itália.

A literatura do *Palácio de Rambouillet* corresponde no gosto e no estilo ao gongorismo da Península. O *Hôtel de Rambouillet* bem como os salõis de M.[lle] de Scudéry criam o pedantismo e a afectação, o que não impede que apareçam alguns grandes escritores, como passamos a ver.

MALHERBE (1555-1628) consegue libertar-se desta desastrada influência, sendo correcto e natural. Boileau aplicou-lhe o famoso verso: *Enfin, Malherbe vint...* E' considerado um reformador da lingoa.

LA FONTAINE (1621-1695) o afamado fabulista inegualavel no género. [Tr. portug.: Curvo Semedo, *Trad. livre das melhores fabulas de Laf.*, Lisboa, 1820; Filinto Elysio, *Obras*, VI, ed. de Londres, 1813, 2 vols.; Vicente Pedro Nolasco da Cunha, *O homem singular* in — *O Investigador portugues;* Antonio Vicente de Carvalho e Sousa, *Duas Desposadas*, Lisboa, 1829, 4 vols.].

MOLIÈRE (1622-1691), talento genial, cujas obras primas sam conhecidas em todos os povos civilizados. [Em portug.: Manoel de Figueiredo, *Theatro*, VII; Manoel de Sousa, *Tartufo ou o hypocrita*, Lisboa, 1768; id. *O peão fidalgo, ibid.*, 1769; João Augusto Novaes Vieira, *Codigo do amor*, Porto, 1856; Castilho, *Tartufo, Avarento, Medico á força, Sabichonas, Misantropo;* Coelho de Carvalho, *Escola de mulheres, comedia em 5 actos em verso, versão liberrima*, Lisboa, 1907].

BOILEAU (1636-1711) autor do poéma heroi-cómico *Lutrin* (Estante do côro), imitado pelo nosso Cruz e Silva no *Hyssope*, e da *Arte Poetica*, àlêm de *Sátiras* e de *Cartas*. [Em portug.: Pedro José da Fonseca, *Sátira do Homem*, Lisboa, 1800; Antonio Lobo ... Girão, *Trad. livre ou imitação da Sátira do Homem*, Lisboa, 1827; Id., *Trad. livre ou imitação do Lutrin ou Estante do côro*, Lisboa, 1834; Antonio José de Lima Leitão, *A estante do côro...* Lisboa, 1834; D. Fr. Xavier de Meneses, *Arte Poetica*, 1818].

CORNEILLE (1606-1684), que deixou as obras primas da tragédia francêsa *Cid, Horace*, dedicada a Richelieu, *Cinna*, o *Polyeucte*. [Em portug.: Antonio José de Paula, *O Cid*, em verso...; Manuel de Figueiredo, *O Cid* in *Theatro*, VIII; Id., *Cinna*, ibid.; Anónimo, *O Cid*, versão em verso (Innoc., VII, 298)].

RACINE (1639-1699) outro génio da scena francêsa de quem temos, para sómente nomear as principais, as tragédias *Andromaque, Britannicus, Mithridate, Iphigénie*, e sobretudo *Esther* e *Athalie*. [Em portug.: Francisco José Freire, *Athalia*, Lisboa, 1762; Sebastião Francisco Mendo Trigoso, *Fedra*, Lisboa, 1813; Manoel Joaquim da Silva Porto, *Phedra*, Rio de Janeiro, 1816; A. J. da Silva Leitão, *Ifigenia*, Rio de Janeiro, 1816; Id., *Andrómaca, ibid.*, 1817].

A eloquência sagrada conta os seus melhores representantes neste século:

Bossuet (1627-1704) imortalizado pelas *Oraçõis fúnebres*, pelo *Discours sur l'histoire universelle* e pela *Hist. des variations des Eglises protestantes.* [Em portug.: A. Soares Barbosa, *Elevação a Deos sobre os misterios da religião*].

Bourdaloue (1632-1704), Flechier (1632-1710). [Em portug.: José Manoel Ribeiro Pereira, *Compendio das oraçõis fúnebres*, Lisboa, 1764; Manoel de Sousa, *Vida de Teodosio o grande*, Lisboa, 178...], Fénélon (1651-1715). [Em portug.: Manoel de Sousa, *O Telemaco*, Lisboa, 1776, 2 vols.; José Manoel Ribeiro Pereira, *Aventuras de Telemaco*, 1780, 2 vols.; *Aventuras de Telemaco, tr. de Manoel de Sousa e de Fr. Manoel do Nascimento, retocada e correcta por José da Fonseca*, Paris, 1855, 1 vol.] e Massilon (1663-1742). [Em portug.: Antonio José Viale, *Conferencias ecclesiasticas de... trad. em portug. e a expensas de S. M. a Rainha D. Estephania*, Lisboa, 1859; Fr. José do Espirito Santo Monte, *Pensamentos sublimes*, ... Lisboa, 1786] embora inferiores a Bossuet, sam modelos do género e perfeitos cultores da lingoa.

Entre os filósofos podemos nomear principalmente:

Descartes (1596-1650), cuja obra capital é o *Discurso sobre o método.*

Pascal (1623-1662) que não só nos seus *Pensées*, mas ainda nas *Lettres Provinciales* deu provas de extraordinário vigor de lingoagem aliado a uma grande beleza e concisão.

Mallebranche (1638-1715) imprime á filósofia cartesiana uma feição religiosa reflectindo a um tempo Platão e S. Agostinho.

La Rochefoucauld (1613-1680). [Em portug.: Caetano Lopes de Moura, *Maximas e sentenças moraes pelo Duque de Rochefoucauld*, Paris, 1840] e La Bruyère (1645-1695) sam dois pensadores destintos, sobresaíndo no talento de observação como o revelam as *Máximas* do primeiro, e os *Caractéres* do segundo.

Na história:

Cardeal de Retze (1614-1679), homem político que nas suas interessantes *Memórias*, se revela escritor vigoroso e correcto.

Saint-Real (1639-1692), cuja obra principal é a *Conjuração de Veneza.*

Vertot (1665-1735) que, se outros títulos não tivera, merecia aqui menção condigna por se ter ocupado da nossa história nas suas *Revolutions de Portugal* (1689).

Fleury (1640-1723) é autor duma estimada *História Eclesiástica.* [Em portug.: João Rosado de Vila-Lobos e Vasconcelos, *Os costumes dos israelitas*, Lisboa, 1778].

No género epistolar:

Madame de Sévigné (1626-1696), cujas *Cartas* dirigidas a sua filha manifestam finíssimas qualidades de observadora, e que ficaram como monumento de estílo familiar.

Itália

Bastariam os nomes de Galileo (1544-1642) e de Torricelli (1608-1647) para imortalizar este período. Mas a literatura atravessou uma fase de decadência por causa do máo gosto que dominou e que foi devido á influência de

Marini (1569-1625), que pelas suas composiçõis se tornou o chefe da pleiada conhecida pelo nome de *Marinistas*. Foi o grande corrutor do gosto italiano pelo abuso que cometeu dos *concetti* e das antíteses. A sua obra prima *Adonis* levantou renhidas polémicas. Tendo vivido em França e ganhado as simpatias de Maria de Médicis, esta deu-lhe uma pensão de dous mil escudos. Marini consagrou-lhe um poéma — *O Templo* — que é uma série de metáforas.

Tassoni (1565-1635) é conhecido sobretudo pelo seu poéma heroi-cómico *La secchia rapita* (o balde roubado).

Guarini (1537-1622) adquiriu imerecida reputação com o drama pastoril *Pastor Fido*.

Sarpi (1552-1623) deixou a célebre *História do Concílio de Trento*, á qual respondeu

Pallavicini (1607-1667), não conseguindo igualá-lo na singeleza e animação do estilo.

Inglaterra

A Inglaterra sofre da mesma decadência e do mesmo máo gosto das outras naçõis no que respeita á extravagância da lingoagem e dos assuntos literários. Chamou-se a essa corrente *Eufuismo* do romance de

John Lyly (1553-1606) intitulado *Euphues* e que teve grande voga no seu tempo. Escrito em lingoagem especial, diferente da fórma ordinária, o *Eufuismo*, assim chamado pelo próprio Lyly, devia ser a regra e o modelo de todos os escritores. A literatura inglesa conta, porêm, neste período o seu grande poeta

Milton (1608-1674) cujo *Paraíso Perdido* ele, pobre, esquecido e cego ditou a sua molher e aos seus dous filhos. Em doze cantos e em verso branco o *The Paradis Lost*, sobre ser um monumento da poesia inglesa, é uma obra-prima do espírito humano. [Em portug.: José Amaro da Silva, *Paraiso Perdido* ... Lisboa, 1780, 2 vol.; Francisco Bento Maria Targini (Foi Visconde de S. Lourenço), *O Paraiso Perdido ... em verso ...*, Paris, 1823, 2 vols.; Antonio José de Lima Leitão, *O Paraiso Perdido ... em verso ...*, Lisboa, 1840, 2 vols.,

reimpresso em 1908, Lisboa]. João Felix Pereira, trad. em verso solto hendecassílabo, *in A Nação,* 28 nov. 1868 a 21 set. 1869. Do mesmo trad. em prosa no mesmo jornal, 30 set. 1869 a 20 nov. 1870.

Merecem ainda apontar-se :

Dryden (1631-1701) o maior poéta inglês, depois de Milton, cultor de varios géneros literários em prosa e verso. [Em portug.: António de Araujo de Azevedo, *Ode de Dryden para o dia de Santa Cecilia,* s. a. n. l.].

John Bunyan (1628-1688) escreveu a *Viagem do Peregrino (Pilgrim's progress)* muito estimavel.

A filósofia é representada por tres nomes notáveis: Bacon (1561-1626), restaurador do método e iniciador dum grande movimento filosofico; Hobbes (1588-1679) e Locke (1632-1704). [Em portug.: João de Oliveira de Carvalho, *Ensaio sobre a verdadeira origem, extensão e fim do governo civil,* Lisboa, 1834], aquele autor do *Leviathan* em que se encontram expostos os princípios do autor em psicologia, moral e política; este que tem, àlêm doutras obras, o *Ensaio sobre o entendimento humano* em que seguiu a escola sensualista, que explicava todas as idéas como oriundas dos sentidos.

Alemanha

A Alemanha ilustrada neste século pelos filósofos Leibniz (1646-1718) e Wolff (1679-1754), teve um grande escritor em Opitz, (1597-1639) que foi poéta e dramaturgo, deixando aos seus discípulos regras de metrificação no seu *Pequeno tratado de poesia alemã.*

Hoffmann (1618-1679) e Lohenstein (1685-1683) agravaram os defeitos que já se revelavam em Opitz tomando como modelos Marini e Gongora.

CAPITULO IV

Escola Gongórica ou Seiscentista

(Sec. XVII)

Sumário: 97. Decadência literária, seus factores. — 98. Censura e índices expurgatórios. — 99. Universidade de Evora. — 100. Escola Gongórica, caracteres. — 101. Academias literárias. — 102 Academias literárias portuguêsas: a) *A. dos generosos;* b) *A. dos singulares.* 103. Representantes do lirismo no século XVII. — 104. Francisco Rodrigues Lobo. — 105. D. Francisco Manoel de Melo. — 106. Outros líricos deste período. — 107. Representantes do género satírico. — 108. D. Tomás de Noronha. — 109. António Serrão de Castro. — 110. Diogo de Sousa ou Camacho. — 111. Poesia épica, seu caracter. — 112. Gabriel Pereira de Castro. — 113. Francisco de Sá de Meneses. — 114. Vasco Mousinho. — 115. António de Sousa de Macedo. — 116. Brás Garcia de Mascarenhas. — 117. O teatro no século XVII. — 118. Caracter da História. — 119. Fr. Bernardo de Brito e seus continuadores. — 120. Fr. Luís de Sousa. — 121. Faria e Sousa. — 122. Jacinto Freire. — 123. Historiadores menos importantes. — 124. Viajens. — 125. Eloquência: seus representantes. 126. António Vieira. — 127. Manoel Bernardes. — 128. Trabalhos filológicos no século XVII. — 129. O jornalismo. — 130. Epistolografia. Cartas da Religiosa Portuguêsa.

97. — Decadência literária; seus factores. A quadra literária do século XVII representa para Portugal um período de grande decadência. Os prenúncios dêste abatimento geral, que não só literário, vinham já do reinado de D. João III, aumentáram nos anos da menoridade de D. Sebastião, e nos dias do Cardeal rei D. Henrique

(1578-1580) acabaram de caracterizar-se com mais vigor [1].

D. João III julgou obstar à invasão da refórma luterana, que lavrava como violento incêndio por toda a Europa, solicitando de Roma o estabelecimento da inquisição. Gastando rios de dinheiro e empenhando nessa emprêsa a boa vontade e energia dos nossos melhores diplomatas, pôde enfim, vencida a relutância de Roma, obter a bula de 23 de maio de 1537 que definitivamente fundava em Portugal o terrivel instituto.

Com a inquisição vieram os jesuitas. Ainda antes de confirmada, já de Roma em 1540 vinham para Portugal membros da afamada *Companhia* e por tal fórma se conduziam e impunham ao ânimo de D. João III, que entre 1552 e 1555 o ensino tinha caido nas suas mãos [2]. Uma provisão de 10 de dezembro dêste último ano expedida a Diogo de Teive, mandava entregar ao Provincial da Companhia nestes reinos, que era Diogo Miram, o *Colégio das Artes* para que os Padres *dirigissem e lessem as Artes e tudo o mais que lessem os mestres francéses.* Já por um alvará anterior — 2 de janeiro de 1552 — os professores deste Colégio haviam sido egualados em honras e previlégios aos da Universidade.

Em breve foram despedidos dos seus logares muitos professores, alguns de reputação europeia, como Buchanan, Vinet, Fabrício, Nicolau de Gruchy, Resende, Teive, Costa e quantos, diz Cenáculo, em Coimbra e outras partes dirigiam o Colégio das Artes e os estudos das humanidades. Para cohonestar tal procedimento deram-se a alguns dêstes professores logares que parecia de justiça: a Diogo de Teive um canonicato em Miranda, a João da Costa a igreja de S. Miguel em Aveiro; ficaram outros ensinando

[1] Rebello da Silva, *Hist. de Port. nos sec. XVII e XVIII*, t. v.

[2] Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a hist. do gov. e legisl. de Portugal.* pg. 158.

como particulares, outros saíram do reino ou para retiro dentro dele [1].

98. — **Censura e índices expurgatórios.** Com os jesuitas e a inquisição entraram em pouco tempo em Portugal estes dous grandes obstáculos à cultura litèrária do nosso país. Quando João de Barros em 1539 imprimia a sua *Cartinha* já foi necessária a licença do Santo-Ofício.

Dous anos depois em 1541 o Cardeal-rei proìbia que se vendesse em Portugal o livro de Damião de Goes impresso em Paris com o título *Fides, religio, moresque Aetiopum*. Em 1551 foi pela primeira vez publicado um índice expurgatório ou de livros proìbidos — *Rol dos livros defesos por o Cardeal Iffante, inquisidor geral nestes reynos de Portugal* [2], logo seguido de outros mais perfeitos e completos.

E era assim que, para se publicar um livro, se tornavam indispensáveis tres licenças — a do Desembargo do Paço, a do Ordinário e a do Santo-Ofício. Os livros que do estranjeiro vinham para Portugal eram primeiramente entregues a um Comissário da Inquisição [3].

O original dos *Lusiadas* do nosso grande épico teve a censura, embora muito benévola, de Fr. Bartolomeu Ferreira e assim passou quasi incólume para a ed. de 1572, sendo já essa censura exagerada na ed. de 1584 [4]. As obras de Gil Vicente, pela primeira vez publicadas juntas em 1562, sofreram egualmente censura. Pode julgar-se

---

[1] *Mem. Hist. do superior provincial... da ordem terceira* (Cenaculo), Lisboa, 1794, II, 71. Obra muito erudita e interessante.

[2] Innoc., *Dic. Bibl.*, X, 387.

[3] Abade Corrêa da Serra, *Mem. ou vista rapida sobre o estado das sciencias e Bellas-Lettras em Portugal durante a ultima metade do sec. passado (o 18.º)*... trad. e publicado no *Primeiro Ensaio* de Freire de Carvalho, já cit., pg. 401-403.

[4] S. Viterbo, *Fr. Bartholomeu Ferreira o primeiro censor dos Lusiadas*, etc., Lisboa, 1891.

se, sob semelhante regimen, a literatura deveria ou não de sofrer necessariamente rudes e certeiros golpes [1].

Para agravar este deploravel estado de coisas, vem a emprêsa mal concebida e peior executada de D. Sebastião, que sepultou a flôr do exército português nos areais de Alcacer-Qêbir; segue-se depois a regência desgraçadamente imbecil do Cardeal-rei e, a coroar este sudário, o dominio de Castela. O resto de vigor que ainda sustentava a nação extinguiu-se. Uma só das causas que apontamos seria bastante para dolorosamente se fazer sentir na expansão da vida nacional. E elas eram tais e tantas!

99. — **Universidade de Evora.** Em 1551 o Cardeal D. Henrique fundava em Evora o chamado *Colégio* em que se estudava sómente Teologia Moral e Humanidades; ao cabo de muitos esforços conseguiu ele que esse Colégio fosse elevado á categoria de *Universidade* por Bula de Paulo IV de 18 de setembro de 1558 com a cláusula de nela se não ensinar o Direito Civil, o Canónico no fôro contencioso, nem a Medicina.

Um alvará de 4 de abril de 1562 de D. Sebastião concedia á nova Universidade os mesmos previlégios, direitos, isençõis e prerogativas que tinha a de Coimbra. Aí se cursavam tres cadeiras de Teologia Escolástica, uma de Positiva, duas de Moral, quatro de Filosofia, duas de Retórica e duas de Humanidades. Foram naturalmente os jesuitas os encarregados da administração e ensino da nova escola e por aí se pode imaginar a direcção que imprimiram aos estudos. Até o próprio André de Resende, o famoso humanista, tam « estimado de Sua Alteza que por lhe fazer honra o ia ouvir algumas vezes, auctorizando

---

[1] Vidé o *Breve estudo sobre a historia da censura literaria em Portugal* posto pelo Sr. Th. Braga, à frente do vol. *Obras ineditas de José Agostinho de Macedo, Censuras*, etc. Lisboa, 1901.

com sua real presença a escola de tam insigne Mestre » até esse foi proìbido de ensinar latim na cidade de Evora [1]! E o cronista da Companhia lá diz que não « havia negocio de importancia e de confiança pertencente ao serviço de Deus, que [o Cardeal D. Henrique] não fiasse e entregasse á Companhia! » [2].

100. — Escola Gongórica; caracteres. A Espanha exerceu sobre nós a perniciosa influência do máo gosto literário, de que ela própria também enfermava. Não fôram os seus e nossos reis os culpados. Está hoje provado, que os Felipes longe de procurarem propositadamente o embrutecimento do povo para apagarem quaisquer idéas de independência e de liberdade, antes se esforçaram por concorrer para o desenvolvimento da cultura geral. No seu tempo o número dos mestres e dos alumnos augmentou consideravelmente [3]. Se em Portugal era má a situação literária, o mesmo sucedia em Espanha e nas outras naçõis da Europa, como afirma Ticknor [4] e os factos o comprovam. São os conceitos à Marini em Itália; é o *Euphuismo* em Inglaterra, é o pedantismo do Hotel de Rambouillet em França, *doenças* perfeitamente correspondentes à da peninsula. A evolução política concorreu apenas para que mais se estreitassem os laços

[1] *Chron. da Companhia* pelo jesuita Telles, p. II, l. V, c. XIV, § 9. Sobre a universidade de Evora podem consultar-se: *Evora Gloriosa*, pg. 416, n.º 723; *Mem. del rei D. Sebastião*, Machado, p. 1, l. 1, c. 9; *Bibl. Lusit.*, verb. *D. Henrique*, e *Collegio de Evora*; Fr. de Carvalho, *Primeiro Ensaio*, cit., pg. 122 e 123; e vários *Documentos* coligidos pelo Dr. Antonio José Teixeira, lente de Matemática na Universidade de Coimbra, e impressos na Imprensa da mesma Universidade.

[2] Id., *ibid.*, p. II, l. V, c. XXXI, pg. 395 e seg.

[3] Vid. as provas no *Curso de Litt. Portug.*, de Andrade Ferreira, II, 21 e seg.

[4] *Hist. da Litt. espanhola*, III, cap. XXIX. Vide também Lucien Paul Thomas, *Gongora et le Gongorisme considérés dans leurs rapports avec le Marinisme*, Paris, 1911, 1 vol.

que, sob o ponto de vista literário, já mantinhamos com Espanha. Os trovadores do Cancioneiro de Resende, e Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Camões, Sá de Miranda usaram simultaneamente das duas língoas. Seguem-lhes o exemplo Sá de Meneses, Quevedo, Faria e Sousa, D. Francisco Manoel de Melo e tantos outros [1]. Á invasão na língoa sucede a invasão no gôsto literário, que se abastarda num excessivo *culto* da palavra, donde o chamar-se á escola por ele formada *cultista*. Denomina-se tambem *gongórica*, por ser Luís de Góngora quem exerce o predomínio literário. Caracteriza-se o *cultismo* pela novidade das palavras e suas aplicaçõis, pelas inversõis forçadas, pela ousadia das hipérboles e profusão de figuras, que tornaram a língoa quasi ininteligível [2].

Os altos quilates do estilo culto eram, diz C. C. Branco [3], os equívocos, os trocadilhos, o marinismo, os *concetti*, hipérboles *rabelaiseanas*, o estilo *pompadour*, consonâncias de cláusulas, homonímias, jogo de vocábulos, hipotiposes, enfim o gongorismo que se havia, com uma doçura insidiosa, infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do padre António Vieira e de Jacinto Freire.

Esta deletéria influência estuda-se muito bem no *Postilhão de Apolo* [4] e sobre tudo nos cinco tomos da *Fenix Renascida ou Obras poeticas dos melhores engenhos portuguéses*, onde figuram muitos escritores da época, como

---

[1] Vêr S. Viterbo, *A civilisação portug. e a civilisação espanhola*, Porto, 1892; id., *Poesias de auctores portug. em livros de escriptores hespanhoes*, Coimbra, 1892.

[2] Bouterweck, *Hist. of. Spanish*, etc., já cit., I, 533 e seg.; B. Sanvisenti, *Lett. Spagnuola*, Milano, 1907, pg. 82, 83, 102; Costa e Silva, *Ensaio biog.-critico*, etc., X, l. XXV, c. V.

[3] *Os Ratos da Inquisição*, Porto, 1883, pg. 95.

[4] *Eccos que o clarim da Fama dá: Postilhão de Apollo montado no Pegaso, girando o Universo para divulgar ao orbe literario as peregrinas flores da poesia portuguesa*, etc., etc., publicado por Joseph Maregalo de Osan, 2 vols., 1761-1762, Lisboa. O nome do coleccionador é anagrama de D. José Angelo de Moraes. Vej. Innoc., *Dic. Bibl.*, II, 219.

Diogo de Sousa ou Camacho, Fr. Jerónimo Vahia, D. Tomás de Noronha e outros. Basta ler o título das poesias para se vêr a série de bagatelas e de futilidades com que em geral se entretinham os melhores espíritos do tempo: « *A um desmaio* », a « *umas soudades* », a um « *pintasilgo cantando* », a « *uma boca ferida* », a « *F. picando-se com uma rosa* », « *ás barbas do regimento do conde de Rebat* », a « *uma dama sangrada* », etc. [1].

Nas conferências das Academias propunham-se assuntos desta ordem: « *Uma dama a quem pedindo Fábio uma prenda, soltou o cabelo e lhe deu com a mão uma figa* »; outro: « *A' convalescença de Amarilis* »; outro: « *A uma dama que expelindo da boca uma folha de rosa, que nela tinha, se lhe pôs em sua face* ». Os títulos dos livros sam: *Desmaios de Maio em sombras do Mondego* [2]; *Crystaes da alma, phrases do coração, rhetorica do sentimento e amantes desalinhos* [3]; *Historia do predestinado peregrino e de seu irmão precito* [4]. Mais ainda: *Fluxo breve, desengano perenne, que o Pegaso da Morte abrio no monte da contemplação em nove olhos de agua para refrescar a alma das securas do espirito*... Ou então: *Chrysol seraphico, Tuba concinatoria, Symtagma comparistica*, etc. [5].

---

[1] *Fenix... ou obras poeticas dos melhores engenhos portuguêses.* Publicada por Matias Pereira da Silva, 5 tomos, 1715-1728. A respeito desta colecção escreve o Cavalheiro de Oliveira: « M. P. da Silva, Livreyro que conheci na rua nova de Lisboa, era o director desta curiosidade... Ouvindo que elle ja não he Livreyro, e sabendo como nós dizemos, que está muito afidalgado, creyo,... que se não continua a obra, porque mendigar sempre he dezaire ainda que seja mendigar versos, e como elle os não tinha que das esmollas dos curiosos, julgo que será contra a gravidade dar-se presentemente a essa pedintaria ». Cfr. *Mémoires histor., politiq., et litter.*, etc. Haya, 1743, II, 377.

[2] De Diogo Ferreira Figueiroa.

[3] De Gerardo de Escobar.

[4] Alexandre de Gusmão.

[5] Vejam-se mais exs.: em Manoel Inácio da Silva Alvarenga, *O Desertor, poema heroi-comico em cinco cantos*, Coimbra. Eram ou

Não quer isto dizer que tudo fosse absolutamente máo nessa escola, nada se salvando das produçõis literárias que ela abrange. Apesar de tantas extravagâncias, encontra-se certa *originalidade* nas expressõis, uma tal ou qual *independência* nas frases, ha muitas vezes no meio de semsaborias sem nome, por entre ridicularias e ninharias simplesmente fastidiosas, scentelhas de espírito e de talento, relâmpagos de imaginação que são muito para apreciar. Claro é que os melhores talentos da época viram bem a atmosfera de preversão de gôsto que respiravam.

Na própria *Fenix Renascida* aparecem os protestos contra os atentados literários que de todos os lados surgiam.

Grande cousa é ser culto
Fingir chimeras e fallar a vulto!
Mas sempre ouvi dizer d'esta poesia
Que vestido de imagem parecia;
Pois quando vemos o que dentro encobre
Quatro paus carunchosos nos descobre [1].

Mas ninguem viu estes defeitos tam bem nem os apontou com mais desassombro do que **FR. LUCAS DE SANTA CATARINA** (1660-1740) já na transição para o século imediato. Pela sua crítica irreverente e iconoclasta faz-nos lembrar Verney. Vítima em certa cota parte dos vícios que condemna, resgáta-se pelo vigor da frase, pela segurança da critica. E' ver o seu *Serão politico,* onde os *Cultos* são apodados de *herejes do vocábulo,* de *obstinados apóstatas das suas língoas maternas,* de *meninos orfãos do Parnaso,* etc. [2].

---

romances insípidos escritos sob a influência da *Diana* de Montemór, ou requintados misticismos expostos sem sciência nem arte e através dum vocabulário metafórico por vezes inteiramente enigmático.

[1] *Fenix Renascida,* v, 54.

[2] *Seram politico...* Lisboa, 1723. Esta obra foi publicada sob o pseudónimo de *Felix da Castanheira Turacem.*

101. — Academias literárias. A' semelhança da França, da Alemanha, da Itália, etc., crearam-se em Portugal numerosas sociedades, umas com o propósito de aperfeiçoar a lingoa e a literatura, outras visando o engrandecimento das sciências. Essas sociedades, algumas das quaes tiveram efémera duração e somenos importância, existiram no nosso país, primeiro do que em várias nações da Europa. A *Academia francêsa* creada pelo cardeal Richelieu é de 1635; a *Academia real das inscrições e belas-letras* de 1663, e a *Academia real das sciências de Paris* de 1666; de 1700 é a *Academia real das sciências e belas-letras* da Prússia; o decreto que aprovou a *Sociedade Real de Londres* é de 1660; a *Academia Real Espanhola* é de 1714 e a *Academia Real de S. Petersburgo* de 1726 [1]. Ora desde o século XVII teve Portugal sociedades literàrias e scientificas, algumas das quaes podem por muitos dos seus trabalhos figurar ao lado das congéneres do estranjeiro. Taes sam as Academias do século XVIII, de que no seu logar falaremos, mas que foram precedidas neste século XVII por outras, que não merecem total esquecimento. Estas não podiam dar todo o fruto que era de esperar de associações que se propunham altos fins scientíficos e pedagógicos. Nem a educação unilateral e tendenciosa dos jesuitas, nem o pavor dos tribunais da Inquisição com as suas masmorras e os seus autos-de-fé, nem a carência das liberdades políticas eram atmosfera adquada a trabalhos de espírito scientificos ou literários.

102. — Academias Literárias Portuguêsas. Deixando aqui uma simples referência á *Academia dos Anónimos* composta de muitos membros, alguns dos quaes passaram depois dela extinta para a *Academia real da história portuguêsa,* e na qual se havia *versistas,* como dizia o

[1] Freire de Carvalho, *Primeiro Ensaio,* ob. cit., 177.

Cavalheiro de Oliveira, tambem havia *poetas* [1]; mencionando a *Academia Instantânea* estabelecida no Porto pelo Bispo D. Fernando Corrêa de Lacerda; a dos *Solitários* instituida em Santarem em 1664; a dos *Ilustrados, Ocultos, Insignes, Obsequiosos,* etc., importa conhecer melhor a *Academia dos Generosos* e a dos *Singulares,* como as que mais importantes foram e deixaram, no meio da extravagancia de assuntos e de estilo, bastantes cousas dignas de registo e aproveitamento.

A) **A Academia dos Generosos**, a mais notavel de todas, foi fundada pelo trinchante-mór de D. João IV, D. António Álvares da Cunha (1626-1690) em 1647, durando até 1668, em que deixou de funcionar para reaparecer em 85 e 86 e vindo a transformar-se em 96 com o titulo de *Conferencias discretas e eruditas* sendo instituida no palácio do 4.º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses. Usava dêsta emprêsa — uma véla acêsa, e tinha por mote « *Non extinguetur* ». Dela fizeram parte muitos homens ilustres pelos seus conhecimentos ou pela sua posição social, como D. Francisco Manoel de Melo, António de Melo e Castro, Luís Serrão Pimentel, Conde da Ericeira (D. Luís), conde de Tarouca, etc.

B) **Academia dos Singulares.** Dando a razão désta denominação no prólogo do livro *Academia dos Singulares,* dizia D. Francisco Manoel de Melo: « com epitetos particulares se apelidárão todos os Academicos do mundo; *Confiados* se chamárão os de Pavia; *Declarados* os de Sena; *Elevados* os de Ferrara; *Inflamados* os de Padua; *Unidos* os de Veneza; á imitação destas Academias se nomeárão os sujeitos deste livro *Singulares,* não porque

[1] *Mémoires hist., polit. et litt.* já cit.; *Progressos academicos dos Anonimos de Lisboa,* 1 vol., 1718.

presumão de unicos nos talentos, mas porque são singulares na occupação ».

Esta academia celebrou a sua primeira Conferência em 4 de outubro de 1663 e perdurou até 24 de fevereiro de 1664; recomeçou depois em 9 de outubro dêste último ano concluindo em 19 de fevereiro de 1665. Emblema — uma pirâmide na qual desde a base estavam inscritos os nomes de Homero, Aristóteles, Vergílio, Ovídio, Horácio, Camões, Garcilasso, Gôngora e Lope, com a seguinte letra: « *Solaque non possunt hæc monumenta mori* ». Para dar idéa do teor das conferências basta ler os temas que discutiam, alguns dos quaes ficam já apontados atrás. (n.º 100)[1]. Mas não se avaliem só por isso os trabalhos desta Academia, que podem lêr-se nos dois volumes das suas *Conferencias*, porque nem tudo revelava igual extravagância. E tanto assim que os autores do *Dicionário da Academia* entenderam que podiam aproveitar os trabalhos dos *Singulares* por « serem estes os engenhos mais célebres da sua idade e pela abundancia de vozes e frases familiares que se encontram nos mesmos escritos; sendo dificil que se nos deparem taes locuções fóra do estilo jocosério, que é o predominante naquelas locuções »[2].

---

[1] *Acad. dos Singulares de Lisboa, dedicados a Apolo. Primeira e segunda parte,* Lisboa, 1665-68, 2 vols. Outra ed. 1692-98, 2 vols. Vid. também D. Fr. Manoel de Melo, *Obras metricas,* II, 156-165, 257-284 e III, 265.

[2] Vid. José Silvestre Ribeiro, *Primeiros traços,* etc., já cit., 145; id., *Hist. dos estabelecimentos scientificos,* etc., I, 158; *Dic. da Acad.* no *Catalogo dos autores;* etc; *Curso de Lit. Portug.* de Andrade Ferreira, II, 131.

POETAS LIRICOS

103. — **Representantes do lirismo no século XVII.** Enfermada dos defeitos que deixamos assinalados, a poesia lirica conta, ainda assim, neste período um representante da escola de Bernardim Ribeiro e Cristovão Falcão, mavioso cantor, por quem o bucolismo foi levado à maior altura e que é, por ventura, o primeiro dos escritores portuguêses neste género — Francisco Rodrigues Lobo. Um poligrafo distinto figura também como poéta lirico — D. Francisco Manoel de Melo. Outros sam de valor secundário, que nomearemos adeante em um só parágrafo, mas aqueles dous nomes resgatam uma época e enchem um período.

104. — **FRANCISCO RODRIGUES LOBO** (1556?-1625) de Leiria, pela suavidade das suas églogas mereceu o cognome de Teócrito português.

Tendo-se matriculado na Universidade em 1593 bacharelou-se em leis em 21 de maio de 1602, como consta dos registos de matrícula e dos livros dos actos e gráos. Pouco mais sabemos da sua vida e estes mesmos elementos só recentemente são conhecidos [1].

Parece ter sido um contemplativo, retirado do bulício da sociedade e todo entregue à administração dos seus bens. Diz-se que, indo de Santarem para Lisboa, morrêra afogado no Tejo entre 1623 e 1627. O bispo do Grão-Pará, D. João de S. José Queiroz, atribue-lhe uns amores com certa aia do palácio do Duque de Caminha em Leiria, *se não foram mais altos seus pensamentos.*

---

[1] A pedido do meu ilustre amigo Prof. Ricardo Jorge, que na *Rev. da Univ. de Coimbra* anda publicando um interessantissimo estudo sobre o delicadissimo bucólico, procedi a averiguações pacientes no *Arquivo da Univ.* que deram o mais feliz resultado, como dêsse estudo constará.

Escreve ele: « Queira Deus que tivesse naquelas correntes a de lagrimas para chorar quanto tinha cantado nas ribeiras de Lis e Lena nos loucos amores da aya ou dama do palacio do duque de Caminha em Leiria, se não foram mais altos seus pensamentos que, enfim se não foram de Icaro pareceram de Phaetonte no sitio da sepultura » [1]... Foi fecunda a penna de Rodrigues Lobo deixando-nos obras em prosa e verso. Em prosa temos a *Côrte na Aldea* [2], em fórma dialogada, obra curiosa e de proveitosa lição. Em verso, àlêm do *Condestabre* [3], poéma épico em oitava rima e vinte cantos, tendo por herói D. Nuno Álvares Pereira e que mais parece minuciosa biografia com todos os incidentes da vida do biografado, as melhores composiçõis, que resgatáram o seu autor do olvido em que ficaria sepultado com aquele só volume, sam: *Primavera,* título geral das tres novelas pastoris *Primavera* [4], *Pastor peregrino* [5] e *Desenganado* [6], as *Eglogas* [7] e os *Romances* [8]. Rodrigues Lobo possuia um fino gôsto bucólico e tanto que Garrett o coloca na primeira fila dos escritores dêsse género. A harmonia dos seus versos, a elegância da sua prosa, o colorido e a vivacidade do seu estilo, sam as qualidades primaciais que o destinguem. Exceptuando Camões, Sá de Miranda e Ferreira, diz tambem Costa e Silva [9], Rodrigues Lobo

---

[1] Bispo do Grão-Pará, *Memorias,* Porto, 1868, pg. 124. Comenta C. Castello Branco: « eis aqui uma novidade biographica... Com estas inducções póde ser que um agradavel estudo nas poesias de Lobo colha algumas inferencias... » *Ibid.*

[2] *Côrte... e noutes de inverno.* Lisboa, 1619, 1630, 1670, 1722.

[3] Lisboa, 1610, 1627.

[4] Lisboa, 1601, 1619, 1633, 1635, 1650, 1670.

[5] Lisboa, 1608, 1618, 1651, 1670, 1721.

[6] Lisboa, 1614, 1670, 1721.

[7] Lisboa, 1605.

[8] Coimbra, 1596, 1654. Excepto dous, todos os mais sam em espanhol.

[9] *Ensaio biogr.-critico,* ob. cit., v, -112.

é talvêz o escritor que mais importantes e valiosos serviços prestou à lingoa e literatura portuguesa. E Camilo Castelo Branco, elogiando-lhe a pureza da frase, escreveu que ele « nas pinturas dos quadros da natureza distribue colorido admiravel, aformoseado por uns toques de saudade e tristezas do ermo em que nenhum poeta português se lhe avantaja, nem em Sannazarro, seu mestre, os ha mais encantadores » [1].

105. — D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO, de Lisboa, (1611-1666) é um escritor destintíssimo, tendo ensaiado a sua penna em vários géneros e merecendo por isso a denominação de « polígrafo ». A maior parte das suas obras foi escrita em espanhol, e com tal perfeição, que é contado como clássico nessa lingoa. Na nossa escreveu o suficiente para não desmerecer dos elogios, que naquella lhe fazem. A sua vida é cortada de aventuras, mal se compreendendo como pôde consagrar-se ás letras pela fórma por que o atestam as suas numerosas obras. Soldado do exército espanhol, onde chegou a obter o posto de Mestre de Campo, D. Francisco Manoel aliou sempre em todas as situações da vida a fidalguia do sangue á nobreza e porte das acções. Destinguiu-se nas lutas de Flandres e da Catalunha e em 1637 foi encarregado de pacificar os motins de Évora levantados por causa do impôsto de 500:000 cruzados com que foram sobrecarregados os habitantes daquela cidade.

Quando rebentou a revolução de 1640 abandonou imediatamente as fileiras do exército espanhol e recolheu a Portugal, começando a desempenhar um papel preponderante na direcção dos negócios públicos ou pelo seu pare-

---

[1] Quase todas as obras de Rodrígues Lobo saíram num só vol. com o título *Obras politicas, moraes e metricas do insigne Portuguez*... Lisboa, 1723 ; ha depois *Obras politicas e pastoris de*..., Lisboa, 1774, 4 vols.

cer directo ou por conferência com os que os dirigiam. Neste tempo foi acusado do assassinato dum tal Francisco Cardoso e por esse motivo encerrado nas prisões da Torre de Belem durante nove anos [1]. A inocencia de D. Manoel tentada por numerosas testemunhas contestes, os pedidos feitos pelas maiores personagens da época, como por Ana de Austria, mãi de Luis XII, se é que as instâncias não fôram feitas pelo próprio Luís XIV, de nada valeram ao valoroso soldado e fidalgo.

Tudo quanto lhe fizeram foi trocar a prisão pelo desterro para o Brasil, para onde partiu moral e fisicamente abatido, sem bens, pois que lhe fôram confiscados, e onde esteve durante seis anos. A' vista da intransigência de D. João IV em aceder aos rogos de tantos lados endereçados em favor do ilustre escritor, muitos biógrafos referem como motivo plausivel da sua desgraça a aventura noturna que ele teve nos jardins do palácio da condessa de Vila Nova e Figueiró com o próprio monarca, aventura em que, desembaínhadas as espadas e lutando, D. Francisco levara a melhor. Cumprindo o seu desterro, veio a falecer em Lisboa aos 54 anos, em 1666.

D. Francisco Manoel é um polígrafo de alto valor; escreveu a prosa e o verso com egual facilidade, cultivou os géneros histórico, didáctico, epistolar, politico, moral, etc.

A primeira obra escrita em português e separadamente publicada pelo seu autor é a *Carta de guia de casados*, obra de filosofia moral, notavel de graça e simplicidade [2]. Temos mais: *Epanaphoras de varia historia portuguêsa* [3];

---

[1] A aventura galante que originou a prisão de D. Francisco, póde lêr-se no prefácio à ed. da *Carta*... por C. C. Branco citada na nota imediata.

[2] *Carta... para que pelo caminho da Prudencia se acerte com a casa do Descanço*... 1651. Ha numerosas ed., a última com prefácio enriquecido de docs. inéditos por C. C. Branco, Porto, 1873.

[3] Lisboa, 1660, 1676.

Cartas familiares [1]; a *Feira de Anexins* [2] e *Apologos Dialogaes* contendo os seguintes diálogos: a) *Relogios fallantes*; b) *Escriptorio avarento*; c) *Visita das Fontes* e d) *Hospital das Lettras* [3].

Podemos ajuizar do valor do seu estro poético, que é o dum lírico de muito merecimento, pelos sonetos (100), églogas (3) e cartas (14), que, com outros poemetos, formam as *Segundas tres musas do Melodino* [4]. No género dramático escreveu o *Auto do Fidalgo Aprendiz* [5], devidido em *jornadas* á moda de Lope de Vega, escrito em redondilhas, e uma reminescência do teatro popular, cuja tradição se perdêra com os últimos ecos de Gil Vicente. Esta comédia é pela sua contestura, pela naturalidade do entrecho e do diálogo, pela fluência do verso, lingoagem rica e apropriada, um dos documentos mais curiosos da literatura dramática portuguêsa. Das obras em espanhol é a melhor a *Historia de los movimientos y separacion de Cataluña* [6], notavel tanto pela elegância da frase e profundidade do conceito, como pela sua agudeza e descrição. Rebelo da Silva que muito se aproveitou duma obra manuscrita e aínda agora inédita de D. Francisco Manoel — o *Tacito Português* — que ele deixou incom-

---

[1] *Primeira Parte das... escritas a varias pessoas sobre assumtos diversos. Recolhidas, e publicadas em cinco centurias*, Roma, 1664. A última carta da 5.ª cent. parece ter sido mandada arrancar pelo S. Ofício. Por esse ou outro motivo é raríssimo que apareça nesta rara ed. Ha 2.ª ed. de 1752. A referida carta, aqui, é substituida por outra.

[2] Ed. de Inoc. da Silva, Lisboa, 1875.

[3] Lisboa, 1721.

[4] Fazem parte das *Obras Metricas*, 1665 — a 1.ª e a 3.ª p. das *Obras Metricas* sam em castelhano.

[5] Lisboa, 1676. Saíu primeiro na 2.ª parte das *Obr. Metr.*, cit. na nota anterior. Publiquei-o na minha *Colecção — Subsidios para o estudo da historia da lit. portug.*, Coimbra, 1898, 1 vol.

[6] Lisboa, 1645. Das demais ed. citaremos a da *Bibl. Classica*, Madrid, 1883 precedida dum estudo biogr.

pleta, relativa a D. João IV, [1] considerava-o como um dos primeiros eruditos do seu tempo, e talvêz o prosador mais substancioso e conciso da lingoa portuguêsa [2]. Parece-nos que não ha exagero neste juizo [3], desde que um erudito espanhol, como Menendez y Pelayo escreveu ser ele « o homem de mais engenho que produziu a Peninsula no sec. XVII à excepção de Quevedo [4].

106. — Outros líricos dêste período. Dos demais líricos dêste tempo sómente importa fazer aqui rápida menção, visto que eles ou se afundaram totalmente no vício do gongorismo, ou não conseguiram libertar-se doutro — o de preferirem á sua própria a lingoa castelhana, por fórma a terem o direito de que os seus nomes figurem numa história de Literatura espanhola. Muitos deles foram mesmo em tudo — excepto na origem — castelhanos, pela falta do sentimento patriótico, pela lingoa que preferiram e pelo gôsto com que escreveram. Citemos: **SOROR VIOLANTE DO CÉO** (1602-1693) natural de Lisboa, mistica exaltada, a quem os seus admiradores denominaram a *décima musa portuguêsa* e que nas *Rythmas varias* [5]

[1] Sobre este e outros inéditos de D. Francisco veja-se o artigo « *Obras autografas e inéditas* » do Sr. Edgar Prestage no *Arch. Hist. Portug.*, VII, pg. 178.

[2] *Hist. de Portug.*, IV, 198.

[3] Sobre D. Fr. M. de Mello vid. o prefácio de C. C. Branco na ed. da *Carta de guia*, cit. atrás; este prefácio foi publicado na íntegra na *Bohemia do Espirito*, Porto, 1886. Numa *Nota correctiva* C. C. Branco modifica o seu juízo sobre as responsabilidades de D. João IV. Vid. tambem a ed. da *Feira* por Inoc. cit., e o estudo de Herculano no *Panorama*, de 1840, pg. 173 e 294; e ainda a biografia posta á frente da ed. cit. na n. 1. O destincto lusófilo Sr. Edgar Prestage tem estudado com amoravel solicitude tudo o que diz respeito á biografia de D. Francisco. Os seus trabalhos foram publicados no *Arch. Hist. Portug.*, vol. VII, e outros aparecerão brevemente.

[4] *Hist. de las ideas esteticas en España*, II, 416.

[5] Ruan, 1648. Quase todas as composições das *Rythmas* foram reproduzidas na 2.ª ed. da *Fenix Renascida*.

e no *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos* [1], escrevendo já em português e já — e quase sempre — em espanhol se revela discípula fervorosa de Góngora [2]; outra poetisa, **BERNARDA FERREIRA DE LACERDA** (1590-1644), do Porto, egualmente elogiada pelos seus contemporâneos [3], autora das *Soledades de Buçaco* [4] e da *Hespaña libertada* [5] duas obras ambas em espanhol, o que fez dizer a Lope de Vega que Bernarda de Lacerda se era pelo coração portuguêsa, pela lingoa era castelhana; **MANOEL DA VEIGA TAGARRO**, de Evora, licenciado em teologia, falecido talvêz antes de 1640, que escreveu a *Laura de Anfriso* [6], colecção de poesias amorosas, onde a inspiração é fundida em moldes nem sempre para desprezar; **MANOEL DE FARIA E SOUSA**, mais historiador que poéta, e por isso adeante nomeado, publicou a *Fuente de Aganipe y rimas varias* [7], cuja raridade é notavel, apesar das quatro edições que conta, raridade, em todo o caso, pouco para lamentar, porque o livro não vale os encómios que lhe teceram os seus contemporâneos; **FR. BERNARDO DE BRITO**, como Faria e Sousa, maior historiador que poéta e tambem adeante citado, escreveu em verso a obra *Sylvia de Lisardo* [8] muito saboreada pelos contemporâneos, con-

---

1 Lisboa, 1733, 2 vols.

2 O nome de Violante do Céo lembra o de dous outros talentos femininos inspirados na mesma corrente mística: *Maria do Céo* (1658-1753) e *Maria Madalena Eufémia da Glória* (1672). Reuni algumas das melhores composições dás tres no vol. XIV da minha colecção — *Subsídios para o estudo da historia da Literatura Portuguesa.*

3 O famoso Lope de Vega dedicou-lhe a sua égloga *Phyllis*. Era natural do Porto. Vid. *Chr. de Carmelitas Descalços*, III, pg. 542 e seg.; *Arch. Hist. Portug.*, VIII, (1910) pg. 248.

4 Lisboa, 1634. Em portug. apenas as poesias a fl. 93, 94, 95, 112, 119, 120 e 121. Na obra ha algumas poesias em latim e italiano.

5 Parte 1.ª 1618; 2.ª 1673.

6 1627 e 1788.

7 Madrid, 7 vols.

8 Lisboa, 1597; outras ed.: 1626, 1632, 1668 e 1785.

tando várias edições, chegando Faria e Sousa a escrever que as suas composições líricas eram superiores ás de Diogo Bernardes! A verdade, porém, é que Brito está hoje justamente esquecido ao passo que Bernardes será lido emquanto houver gôsto literário; **ANTONIO DA FONSECA SOARES** (✝ 1682), mais conhecido por Fr. Antonio das Chagas, nome que adoptou quando, depois duma vida aventurosa, na qual se inclue um assassinato que cometera no Brasil, se decidiu a entrar no claustro, deixou no *Postilhão de Apollo* [1] e na *Fenix Renascida* [2] parte das suas poesias, maculadas do defeito gongórico. Mais para louvar e estimar é como autor das *Cartas Espirituaes,* em que ha uma vaga aspiração sentimental de parceria com certa lhaneza de dizer muito agradavel. Pena é que, como o seu antecessor nesta corrente ascética Fr. Agostinho da Cruz, tivesse queimado ao entrar no Convento do Varatojo, que fundou, as poésias em que o seu estro juvenil ensaiara temas de amor e de vida. Outros poétas de tendências ascéticas sam: **FR. JERONIMO VAHIA**, fervoroso gongorista de quem aparecem numerosas composições na *Fenix Renascida* [3]; **D. FRANCISCO DE PORTUGAL** (1585) autor dos *Divinos e humanos versos* [4] e enfim **FRANCISCO ROLIM DE MOURA** (1572-1640) que revelou bem as tendências místicas nos *Novissimos,* em quatro cantos [5].

---

[1] Em I, 281; II, 211.

[2] Em IV, 356-372 e V, 72-136 (anónimas). Sobre a vida aventurosa dêste escritor publicou o Sr. Alberto Pimentel — *Vida mundana d'um frade virtuoso,* Lisboa, 1890.

[3] Em I, 215-376; II, 290-383; III, 1-219 e IV, 34-150.

[4] Lisboa, 1652. As 52 últimas pags. intitulam-se: *Prisoens e solturas de uma alma.* D. Francisco é também autor da *Arte de galanteria,* Lisboa, 1682, obra como a antecedente quase toda em espanhol.

[5] Lisboa, 1623, e *ibid.*, 1853.

POETAS SATIRICOS

107. — Representantes do género. A poesia satírica encontrou em dois poétas dêste período os precursores legítimos do mestre incontestado dêste género, que é Nicolau Tolentino, do século imediato, e a seguir de Faustino Xavier de Novaes. Sam eles — D. Tomás de Noronha e Antonio Serrão de Castro, um e outro evocados á nossa história literária em edições recentes das suas obras. Ao lado dos dois pode mencionar-se Camacho.

108. — D. TOMÁS DE NORONHA (✝ por 1651) figura com destinção entre os insulsos colaboradores da *Fenix Renascida* [v, 218 a 257]. Era natural de Alenquer e porque cedo se revelou pela sua veia cómica logo o chamáram o *Marcial de Alenquer*.

Devia ter falecido por 1651 depois duma vida dissipada nos prazeres e a braços com a miséria. Da mais fina linhagem portuguêsa, os pergaminhos para pouco mais lhe serviram do que para lhe desagorentar a inspiração. As suas composições poéticas, àparte aquelas em que o decoro sossobra, foram por nós publicadas em 1899 com o título de *Poesias inéditas de D. Tomás de Noronha* [1]. Inspiração facil e abundante, lingoagem despida dos paroxismos em que tanto divertiram a sua actividade os colaboradores da *Fenix*, fazem de D. Tomás um poéta de leitura amena e apreciavel. E' de crêr que haja muitas poesias dêste escritor inéditas, recolhidas nas numerosas colecções feitas no seu tempo, aínda hoje existentes nas Bibliotecas Publicas do país ou em poder de particulares.

---

[1] Na minha colecção — *Subsidios para o estudo da historia da Literatura portuguêsa.* E' o vol. II, Coimbra, 1899.

109. — **ANTONIO SERRÃO DE CASTRO** (1610-1684), foi exumado dum quase total esquecimento pela edição que em 1883 C. C. Branco fez d'*Os Ratos da Inquisição,* poema de 2.090 versos octosílabos, tam facetos, diz o seu ilustre editor, que as delongas lhes não exaurem a veia zombeteira. Serrão de Castro foi denunciado ao tribunal inquisitorial por judaizante, compondo os versos d'*Os Ratos* certamente para iludir as torturas das masmorras, onde o encerraram, mas escondendo-os cuidadosamente das vistas dos seus perseguidores. No t. IV (151 a 251) da *Fenix* estão mais versos seus, mas como os escrevia com a espada de Damocles sobre a cabeça, não resumam a graça dos escritos em horas de amargura, quando a inspiração corria livres vôos. Ha tambem dele muitas composições em prosa e verso nos dois vols. da *Academia dos Singulares,* já atrás mencionados.

110. — **DIOGO DE SOUSA** ou **CAMACHO**, de quem se ignora toda a biografia, sabendo-se apenas que era da vila de Pereira, perto de Coimbra, e que se licenciou em direito, e exerceu a advocacia. Lê-se com agrado a sua *Jornada ás côrtes do Parnaso,* publicada póstumamente na *Fenix,* [v, 1 a 37], alusiva em grande parte á monomania gongorista e marinista da época e com referências a personagens contemporâneas, num desassombro de crítica e mordacidade, que lhe dá em grande parte o interesse com que se lê. O verso é facil, em vários metros, podendo admirar-se o chiste e a agudeza que lhe não são estranhos.

---

[1] Vid. art. muito interessante do Sr. Antonio Baião — *A Inquisição. O poeta Serrão de Castro — A perseguição feroz a uma familia* — com documentos inéditos estraìdos do processo e várias rectificações á biografia feita por C. C. Branco, nos *Serões,* n.º 35, Maio de 1908.

POETAS ÉPICOS

111. — Poesia épica, seu caracter. E' vasta a galaria dos épicos dêste período, mas vê-se bem através das suas obras, a maior parte de ha muito votada ao esquecimento, que distância os não separa de Camões.

Na obra do nosso grande épico transparece a alma dum povo traduzida em formas épicas e grandiosas. Ele criou só por si a epopéa e ao Olimpo em que ele se entronizou não permitiram os deuses que, irreverentes, outros subissem para quinhoar glória egual. Ha nos épicos do século XVII erudição vasta, segura e profunda. A tradição clássica conhecia-se, os recursos da arte poética eram numerosos e bem aproveitados. Mas, em primeiro logar, Portugal tinha já a *sua* epopéa. Aí estava a sua história, entre o nimbo do mito e o da realidade. Visões do passado cristalizaram em estrofes inimitáveis nos *Lusiadas.* Uma grande alma de poéta, encarnando um povo, aproveitara o elemento nacional. Ora, demonstra-o a história, desde que a epopéa dum povo se formou, essa epopéa será *única.* Que restava, pois, aos continuadores de Camões? perder-se num ritualismo subtil, cuidar da urdidura dos seus poémas, metrificar mais ou menos sabiamente. No século XVII muitos dos poémas épicos sam, quando conseguem sê-lo para honra de seus autores, crónicas rimadas, quando não sam unicamente vastos repositórios de empoladas hipérboles, a desafiarem a mais acendrada paciência. Neste caso estão os dous poémas de Manoel Tomás (1585-1665) a que ele pôs os títulos de *Insulana* [1] e *O Phenix da Lusitania* [2]; o *Virginidos* de

[1] Anvers, 1635. A *Insulana* trata do descobrimento da ilha da Madeira e tem 10 liv. ou cantos.

[2] *O Phenix... ou acclamação de... D. João IV,* Ruan, 1649. Ambos os poémas de M. Tomás obedecem ao estilo campanudo e hiperbólico do Gongorismo, mas a *Insulana* tem trechos aproveitáveis.

Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos [1]; o *Macabeu* de Miguel da Silveira [2] (✝ 1639?); a *Destruição de Espanha, Restauração Summaria da mesma* [3] de André da Silva Mascarenhas e várias obras. Embora não isentos de defeitos sam doutro valor os escritores que em seguida enumeramos, mas o sentimento popular e nacional sabia bem fazer a destrinça entre a obra imortal de Camões e a dos seus émulos e continuadores. Durante a dominação castelhana os *Lusiadas* foram reìmpressos *trinta e seis* vezes!

112. — GABRIEL PEREIRA DE CASTRO (1571-1632), de Braga, doutor em cânones, àlêm das obras jurídicas [4], que lhe dam um logar muito honroso entre os jurisconsultos, escreveu a *Ulysséa ou Lisboa edificada* [5], poéma em dez cantos e oitava rima, tendo por argumento o fabuloso conto da fundação de Lisboa por Ulisses. Garrett chamou-a *quixótica* e *sesquipedal* [6], epítetos que bem quadram a um poéma sem vislumbre de originalidade, monótono e sem interesse de acção, aonde afloram afogadas em mitologia, apenas de vez em quando, algumas descriçõis magistrais. Ha aínda a notar a abundância das locuçõis, a harmonia, o número e a sinonímia, qualidades em que prevalece ao próprio Camões, no dizer de C. C. Branco, conseguindo dar ás formas pesadas da oitava rima macieza e flexibilidade, o que lhe deve ser

---

1 *Virginidos ou vida da Virgem Senhora nossa*... Lisboa, 1667.

2 Nápoles, 1638 e 1731 em Madrid. Sobre este poéta publicou S. Viterbo um curioso estudo, *Poesias avulsas do Dr. Miguel da Silveira*, Coimbra, 1906.

3 Lisboa, 1671.

4 *De Manu Regia*, etc. Lisboa, 1622-25, 2 vols.; *Monomachia sobre as concordias que fizerão os reis com os prelados de Portugal nas duvidas da jurisdicção ecclesiastica e temporal*..., Lisboa, 1738.

5 Lisboa, 1636; outra ed., s. l. n. a.; e 1745, 1826, e duas em 1827 uma da Tip. Rolandiana e outra da Imp. Régia.

6 Cfr. o *Bosquejo da hist. da poesia e lingua portug.*, que antecede o *Parnaso Lusitano*, I, cit.

levado em conta nas máculas do cultismo e nos plagiatos dos episódios [1].

113. — **FRANCISCO DE SÁ DE MENESES**, do Porto, (✝ 1664) é o autor da — *Malaca conquistada* [2], cujo herói é Afonso de Albuquerque sendo a acção passada na metrópole indiana, que deu o nome á obra. O protagonista, bem como as personagens secundárias, sam bem desenhadas; o maravilhoso, ao arrepio do uso vulgar, é deduzido das crenças cristãs; destinguem-se, pelo decoro, as pinturas eróticas; avultam as descriçõis de usos e costumes dos povos orientais. Mas estas qualidades aparecem infelizmente afogadas numa grande tibieza de estilo, chegando até ao prosaismo, numa lingoagem eivada de epítetos, metáforas e trocadilhos, que bem deixam vêr a perniciosa influência do tempo. Garrett afirma que a *Malaca* é « um dos derradeiros títulos de glória da literatura portuguêsa » [3] não obstante ser *hiperbórea* e *campanuda*, juízo em que não é tam rigoroso como Dias Gomes para quem ela não passava da « mais inferior das nossas epopeias regulares ». O grande desgosto que lhe causou a morte da esposa fez com que tomasse o hábito e professasse no mosteiro de Benfica, da Ordem dos Prégadores, adoptando aí o nome de Francisco de Jesus. Costa e Silva dá-o como falecido em 21 de maio de 1661 e Barbosa Machado em 27 do mesmo mês de 1664.

114. — **VASCO MOUSINHO DE QUEVEDO E CASTELLO BRANCO**, de cuja biografia pouco ou nada se sabe, dei-

---

[1] C. C. Branco, *Curso*, cit., pg. 31.

[2] *Malaca conquistada por o grande A. de Albuquerque. Poema heroico. Offerecido a Filippe III de Portugal.* Lisboa, 1634. Outras ed. 1658 e 1779.

[3] *Bosquejo*, cit., ibid.

xou-nos o *Afonso Africano* [1] cantando os feitos valorosos de D. Afonso V na tomada Arzila e Tanger, duma urdidura alegórica, que afasta inteiramente o interesse da leitura. Quase todo o poéma se passa na luta entre os *Sete pecados mortaes* e as virtudes opostas, sendo aqueles representados pelos filhos do Governador de Arzila e estas por sete guerreiros cristãos, que os desbaratam e os subjugam!

115. — **ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO** (1606-1682) natural do Porto, doutor em direito civil, e secretário de estado de D. Afonso VI, foi tentado a rimar o assunto banal já escolhido por Gabriel Pereira de Castro — a fundação de Lisboa por Ulisses — fábula a que Camões aludira nos *Lusíadas* [2], mas fê-lo, mais atiladamente que aquele, no seu poéma *Ulíssipo* em treze cantos e oitava rima [3]. Das obras em prosa as mais estimadas sam: as *Flôres de España, Excellencias de Portugal* [4], obra escrita em espanhol, e *Eva e Ave ou Maria triumphante* [5], em português puro e muito correcto. As obras de António de Sousa Macedo revelam uma erudição pouco vulgar [6]. Na *Ulissipo* excedeu Gabriel P. de Castro, não

---

[1] *Affonso Africano: poema heroico da presa de Arzilla e Tanger. Dirigido e D. Alvaro de Sousa, Capitão da guarda alemã de Sua Majestade,* etc. Lisboa, 1611; outras ed.: 1786 e 1844.

[2] Cant. VIII, est. 4.ª e 5.ª.

[3] Lisboa, 1640; outra ed. 1848.

[4] *Flôres... en que brevemente se trata lo mejor de sus historias y de todas las del mundo, desde su principio hasta nuestros tiempos, y se descubren muchas cosas nueuas de prouecho, y curiosidad.* Lisboa, 1631; 2.ª ed. 1737.

[5] *Eva... Theatro da erudição e philosophia christã. Em que se representão os dous estados do mundo: cahido em Eva, e levantado em Ave. 1.ª e 2.ª parte.* Lisboa, 1676. Outras ed.: 1700, 1711, 1716, 1720, 1734 e 1766.

[6] Outras obras em Matos, *Manual,* 539 e Innoc., *Dic.* Vid. também *Archivo Pitoresco,* 1861-1863, pg. 364-368.

no estilo que é menos brilhante, mas na originalidade dos episódios e no gosto mais italiano que espanhol, mais á Marini que á Góngora, como diz Costa e Silva.

116. — BRÁS GARCIA DE MASCARENHAS (1596-1656)[1]; natural da vila de Avô, junto ás margens do Alva, na comarca de Arganil. Obrigado a expatriar-se viajou por Espanha, França, Itália, Flandres e Brasil, voltando passados anos a Portugal. De génio belicoso e cavalheiresco organizou e dirigiu por ocasião da revolução de 1640 um batalhão de voluntários conhecido por *Companhia dos liões,* e tomou conta da praça de Alfaiates no concelho de Sabugal. Preso e encarcerado por D. Sancho Manoel, general-comandante da Beira e por este acusado de traidor á pátria, o desgraçado poéta obteve a liberdade conseguindo fazer chegar ás mãos de D. João IV um memorial em verso, feito com as letras arrancadas a um *Flos Sanctorum* e coladas a uma página em branco do mesmo livro. Escreveu, àlêm doutras obras perdidas, o *Viriato Trágico* só publicado quarenta e tres anos depois da sua morte, poéma em vinte cantos e oitava rima, que Costa e Silva considera como a nossa primeira epopéa de segunda ordem, notavel ainda pelo pintoresco dalgumas descriçõis, sobretudo das de assuntos militares[2]. Brás Garcia soube afastar-se pru-

---

[1] A data do nascimento do poeta — 3 de fev. 1596 — foi fixada pelo Sr. Dr. A. G. Ribeiro de Vasconcelos no seu trabalho de tam longa e penosa investigação primeiramente publicado na *Revista da Univ. de Coimbra* I (1912) e seg.

[2] Cfr. *O Passeio,* ed. 1845, notas, pg. 9. Eis as palavras dêste autor: «... esta Epopeia [Viriato Trágico], hoje absolutamente desconhecida era digna de melhor fado. Mas por desgraça foi envolvida na proscripção geral, fulminada contra os Seiscentistas pelos Arcades, Restauradores da poesia e do bom gosto entre nós... E comtudo entre os escriptores do seculo de seiscentos havia muitos poetas de grande talento... e nas suas obras apresentam grande

dentemente da influência espanhola. A sua obra foi plagiada vergonhosamente por André da Silva Mascarenhas no poéma *Destruição de Espanha* (1671), bem longe de pensar o plagiário que, passados vinte e oito anos, com a impressão do *Viriato* semelhante vileza ficaria posta a nú [1].

POESIA DRAMATICA

117. — **Teatro no século XVII.** O teatro português no século XVII acusa uma deploravel decadência originada na perda do elemento tradicional, que tinha feito a glória das composiçõis vicentinas e a dos seus imitadores. A influência espanhola exerce-se soberanamente. Os portuguêses tomam gôsto pelas comédias castelhanas e desnaturalizam o teatro. Lope de Vega, Calderon de la Barca, Tyrso de Molina, forneciam as diversas scenas da Europa. Não era, pois, de estranhar que entrássemos nêsse número, nós, que tam íntimas relaçõis políticas e sociais mantínhamos com a nossa vezinha Espanha.

A Lisboa, onde já não havia a côrte, concorriam os comediantes espanhoes atraìdos pelos vizo-reis do seu país e representavam naturalmente os dramas dos seus compatriotas.

---

numero de bellezas, que podem bem resgatar os defeitos do tempo. Neste numero conto eu o Viriato Tragico, que tenho pela nossa primeira Epopeia de segunda ordem... »

[1] Ed. de 1696, em Coimbra, oficina de António Simões, impressor da Universidade, 2.ª ed., 1846, Lisboa.

Para a biografia do poéta o estudo do sr. Visconde de Sanches de Frias — *O Poeta Garcia*, drama histórico, Lisboa, 1901, mas a obra definitiva fundada em dados críticos incontroversos é a cit. do Prof. Dr. Ribeiro de Vasconcelos.

Escrevêram unicamente em castelhano muitos portuguêses notáveis como Matos Fragoso, António Henríquez Gómez e Manuel Freire de Andrade. As comédias eram devididas em *jornadas*, e os *Páteos*, que assim se denominavam os logares onde se representava, enchiam-se de povo, ávido do espectáculo. O primeiro teatro regular de que ha notícia foi o *Páteo das Comédias*, a que se seguiu depois o das *Fangas da Farinha* e o da *Bitesga* ou da *Mouraria* [1]. Assim se perdera toda a tradição nacional. E quando não era o teatro em espanhol, era o teatro em latim. Os jesuítas julgáram dever intervir, como processo educativo, nas representaçõis dramáticas. Como exercício escolar, passatempo e modo de adquirirem fama para as suas escolas, faziam representar pelos alumnos dos seus Colégios graves e pesadas tragi-comédias, que levavam dois e tres dias a representar no meio dum aparato scénico verdadeiramente espantoso. Pode avaliar-se da obra dramática jesuìtica pelo vol. denominado *Tragicae, comicae quae actiones à regio artium collegio societatis Jesu datae Conimbricae in publicum theatrum* [2]. E' seu autôr Luís da Cruz (✝ 1604) e nele se encontram as cinco tragédias [3] *Prodigus* (1-213), *Vita Humana* (217-441); *Sedecias* (445-634); *Manasses* (637-828) e *Josephus* (831-1050). A *Sedecias* foi representada por ocasião da visita a Coímbra de D. Sebastião quando o monarca veio a esta cidade acompanhado do cardeal D. Henrique, em 1570. Quiseram então os jesuítas afastar dos ouvidos do infeliz rei e dos dos áulicos que lhe formavam o séquito as liberdades da comédia plautina representada por ocasião dou-

---

[1] Aragão Morato, *Mem. sobre o Theatro Portugues* lida em 24 de julho de 1817, v, 42; Freire de Oliveira, *Elementos para a hist. do Municipio de Lisboa*, III, 40, n. 1; sr. Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, II, 136 [da 2.ª ed., 1904].

[2] Ludguni, *apud. Horacium Cardon*, 1605, 1 vol.

[3] E não quatro como diz Barbosa Machado, *Bibl. Lusit.*, verb. *Luís da Cruz*.

tra visita régia à Lusa Atenas — a de D. João III, liberdades essas *ridículas e sem gôsto* como as apodavam *homens graves e conspícuos em letras* [1].

Os jesuítas João da Rocha, Domingos Teixeira e Pedro de Vasconcelos, composeram também trabalhos dramáticos, que foram desempenhados na scena pública. É do primeiro a tragédia intitulada *Daniel*, do segundo a égloga intitulada *Pastor David* representada em 1618, e do último a peça que ele intitulou *Dares e Entellus* que subiu á scena em 1629, todas aínda inéditas. Tais sensaborias estavam longe de substituir as comédias de Gil Vícente, Afonso Alvares, Baltasar Dias, António Ribeiro Chiado e de outros, lançadas no *Index expurgàtório* de 1624. Debaixo de tais influências, como poderia desenvolver-se o teatro nacional? É por isso, que, tirando o *Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manoel de Melo nada de belo nem que enobreça a época pode apontar-se no teatro do século presente.

HISTORIADORES

118. — **Caracter da história neste período.** Não faltam os historiadores neste período, alguns deles, principalmente os que vivêram nos primeiros anos do século, dignos sucessores de João de Barros e Damião de Góes. Uma qualidade geral os caracteriza — a falta de simplicidade suprida pela afectação retórica e pelo cuidado excessivo dado à fórma, o que os recomenda mais como estilistas, do que como historiadores.

Como vimos, alguns dos cronistas do século precedente fôram grandes investigadores, viajantes audazes que se não pouparam a fadigas para autenticarem o que escrevêram. Daí a paixão, a vida e o calor que animam as

[1] Vid. o Prefácio ás citadas *Tragicae... actiones*.

suas narraçõis. Os historiadores do século XVII sam, principalmente, frades que, alheios à luta das sociedades onde se desenrolam os acontecimentos, burilam friamente, serenamente, no silêncio das suas celas, as frases elegantes, os períodos sonoros, as rendilhadas expressõis que traduzem os factos que outros lhes fornecem. A situação histórica tambêm os não favorecia. A desastrada expedição de Alcacer-Qêbir lançou-nos numa atonia profunda. A glória de muitas batalhas e conquistas como que se eclipsára nos areais de África. Era preciso, escreve Ferdinand Denis, que empregassem côres mais vivas para fazer compreender aos homens do século as impressõis que tinham devido resentir seus antepassados [1].

119. — Fr. Bernardo de Brito e seus continuadores. **FR. BERNARDO DE BRITO** (1569-1617) chamado, antes de professar no mosteiro de Alcobaça, Baltasar de Brito e Andrade, àlêm de poéta, como dissemos, foi historiador, tendo escrito a *Chronica de Cister* [2] e os *Elogios dos Reis de Portugal* [3]. Como cronista mór do reino que foi, escreveu a 1.ª e a 2.ª parte da *Monarchia Lusitana* [4] depois continuada por **ANTONIO BRANDÃO** (3.ª e 4.ª parte) [5] **FRANCISCO BRANDÃO** (5.ª e 6.ª) [6], **RAPHAEL DE JESUS** (✝ 1693) (7.ª) [7] e **MANOEL DOS SANTOS** (8.ª) [8].

---

[1] *Résumé de l'hist. litt. du Portugal*, cit., pg. 304.

[2] Primeira Parte e única publicada, Lisboa, 1602; outra 1720, *ibid.*

[3] 1603, 1726, 1761, 1786.

[4] 1.ª p. Alcobaça, 1597; 2.ª ed. 1690 e reimpressa na *Col. dos principaes histor. portug.*, Lisboa, 1806, 5 vols.; 2.ª p., Lisboa, 1609; 2.ª ed., 1690 e reimpressa na mesma *Col.*, Lisboa, 1806-1809, 7 vols.

[5] 3.ª p. Lisboa, 1632, 1690 e 1806; 4.ª p. 1632 e 1725.

[6] 5.ª p. Lisboa, 1650, 1752; 6.ª p., 1672 e 1751.

[7] Lisboa, 1683. É tambem autor do *Castrioto Lusitano*, Lisboa, 1679, sobre a guerra entre o Brasil e a Holanda, de somenos valor, como tudo o que deixou.

[8] Lisboa, 1727. Fr. Manoel dos Santos é mencionado no sec. imediato.

Tantos arquitectos em volta do grandioso monumento conseguiram tam sómente debuxar-lhe os alicerces. E como não sería assim se o iniciador, como Garibay que começou a história de Espanha com o dilúvio universal, deu princípio à de Portugal com a *criação do mundo?!* O trabalho de Fr. Bernardo de Brito termina com a vinda à península do Conde D. Henrique, quer dizer, termina, pouco mais ou menos, onde devera começar. Não há, porêm, razão de lamentar o esforço dispendido por Brito, dada a falta de critério histórico que se revela em toda a sua obra e que o levou a fazer-se eco de quantas lendas a imaginação ou a fantasia haviam sugerido. Nove anos depois da impressão da 2.ª parte da *Monarchia Lusitana* publicava Diogo de Paiva de Andrade, filho de Francisco de Andrade, cronista-mór do reino, um livro intitulado *Exame de Antiguidades* (1616), apontando a falta de verdade histórica da citada *Monarchia* [1]. Embora despeitado por não haver sucedido, como esperava, ao pai, é certo que a crítica posterior deu razão a Andrade, acabando Alexandre Herculano por colocar Bernardo de Brito fóra das autoridades em matéria histórica. A personalidade de Brito salva-se sómente como estilista. A lingoagem é geralmente correcta, sam belas as suas descriçõis e belo é também o vigor com que desenha os caracteres das suas personagens. Mas é tudo e isto não é ainda sem reservas, porque a lingoagem dele não escapa à pecha do cultismo e fica geralmente fria e sem interesse.

Dos continuadores de Brito é de justiça destacar o vulto de **ANTONIO BRANDÃO** (1584-1637). A consciência e exactidão dos factos que se encontram na 3.ª e 4.ª parte da *Monarchia,* obra sua, fizeram dizer a Herculano ser

---

[1] A Diogo de Paiva de Andrade respondeu o colega da mesma ordem Fr. Bernardino da Silva nos dois volumes *Defensão da Monarchia Lusitana* publicados em 1620 e 1627, que não levantaram a obra ao conceito que ele se propunha.

ele *uma das mais nobres inteligencias que Portugal tem gerado e um ilustre restaurador da historia patria.* Conceito semelhante na penna de tam judicioso esmerilador da nossa primitiva história dá a medida do valor de António Brandão. O período que ele descreveu e que vai desde D. Afonso Henriques até D. Afonso III, põe-nos em presença dum espírito de vasta erudição, fazendo uso duma sciência histórica e dum método crítico verdadeiramente superiores e dignos de elogio.

120. — **FR. LUÍS DE SOUSA** (1555-1632), de Santarem, é um dos mais delicados estilistas que conta a lingoa portuguesa. Antes da sua profissão religiosa chamava-se *Manoel de Sousa Coutinho.* Militou na religião de Malta, esteve prisioneiro dos Mouros e foi levado cativo para Argel. Barbosa Machado afirmou, sem fundamento algum, que neste cativeiro tivera o nosso primoroso escritor estreita amizade com Cervantes. A lenda, a uma análise criteriosa, desfez-se depressa. Readquirida a liberdade ao fim de quase um ano voltou ao reino e casou com D. Madalena de Vilhena, viuva de D. João de Portugal, morto na batalha de Alcacer-Quêbir. Era governador da praça de Almada quando, para não hospedar os governadores espanhoes que fugiam da peste que grassava em Lisboa, lançou fogo ao próprio palácio. Expatriou-se para fugir á vindicta dos inimigos e, regressando à sua casa de Almada, aí, no remanso do lar, em companhia da esposa e da filha única se entregou aos cuidados literários. O falecimento désta filha levou os pais a procurarem no claustro um bálsamo aos corações alanceados. De comum acordo vestiram o hábito dominicano: Coutinho no convento de Benfica e D. Madalena no mosteiro do Sacramento. Tudo quanto se refere ao aparecimento de D. João de Portugal é pura lenda, que só teve o mérito de inspirar Garrett no primeiro dos seus dramas. Foi em 1641 que Coutinho iniciou a sua vida claustral, adoptando

desde logo o nome de *Fr. Luís de Sousa*. Aí no isolamento da cella e em *obediência* é que ele poliu e aperfeiçoou os materiais, que Fr. Luís de Cácegas reuniu durante mais de vinte anos de pacientes investigaçõis sobre a história do seu convento e a vida do arcebispo de Braga. Não eram incontroversos os dados que Cácegas juntára; tambem Fr. Luís de Sousa ocupado na superficialidade do estilo não tratou de os depurar no cadinho da veracidade. A obra resente-se por isso do descuido dos dois. A Fr. Luís cabe a glória de ter revestido os informes materiais do seu investigador com as roupagens dum estilo elegante, fecundo e cheio de naturalidade. As suas obras capitais sam:

— *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires* [1].

— *História de S. Domingos* [2].

— *Anaes del-rei D. João III* [3].

As duas primeiras revelam o assombroso e finissimo burilador de frase que foi este escritor, que é um orgulho das nossas letras, mas não assim a última em que o assunto já tratado por J. de Barros nas *Décadas* e por F. de Andrade na *Crónica* do mesmo rei, se arrasta por vezes numa « série de apontamentos », como disse A. Herculano, só se alteiando e sendo « digno de si mesmo » quando a matéria acordava dentro dele a memória do

---

[1] *Vida de... da ordẽ dos Prégadores, Arcebispo & Senhor de Braga, primás das Espanhas. Repartida em seis livros com a solenidade de sua trasladação... Por Fr. Luís de Cácegas, etc. Reformada em estylo e ordẽ e ampleada em successos & particularidades de novo achadas por...*, etc. Viana, 1619. Outras ed.: 1760, 1763, 1785, 1818, 1850 e 1857.

[2] *Primeira Parte da Historia de S Domingos...*, etc., 1623; *Segunda Parte...*, 1662; *Terceira Parte...*, 1678. Estas tres partes, de Fr. Luis de Sousa, com uma 4.ª de Fr. Lucas de Santa Catarina, andam impressas numa ed. de 1767, 4 tomos; outra ed.: 1866, 6 vols.

[3] Publicados por A. Herculano em 1844, 1 vol.

A Vida do beato Henrique Suso... não é de Fr. Luís de Sousa, mas do dominicano Fr. Pedro de Magalhães, como se pode ver no *Catálogo* dos autôres, que precede o *Dic. da Acad.*, pg. CXLV.

soldado, fidalgo e cavaleiro que fôra antes de envergar a estamenha de monje.

121. — **MANOEL DE FARIA E SOUSA** (1590-1649) escritor fecundíssimo, de quem se conta que escrevia diariamente doze folhas de papel contendo trinta linhas cada uma; quase todas as suas obras sam em espanhol, interessando-nos por isso unicamente pelas informaçõis que sobre cousas e pessoas de Portugal deixou.

Essas obras sam: os sete vols. em verso *Fuente de Aganipe y rimas varias,* que não eram melhores que as dos confrades e seriam talvêz peiores pelo consumo que tiveram [1]; as históricas *Epitome de las historias portuguésas; Europa, Asia, e Africa portuguésas;* e os trabalhos de análise *Lusiadas... commentadas,* e *Rimas varias de Luis de Camões commentadas.*

Bandeado com Castela viveu na esperança mal recompensada dos favores de Felipe II, que incensou, bem como a Cristovão de Moura. Operada a restauração de 1640 deixou-se ficar em Espanha ao serviço de D. João IV. Começando por ser renegado acabou por ser espião, epítetos justos que infamam a sua memória.

Ferdinand Denis escreveu que ele se desdenhou a lingoa nacional, permaneceu português de coração [2]; mas a uma crítica imparcial custa subscrever este juízo, embora o veja elogiando a valentia dos portugueses em Aljubarrota (*Europa,* II, p. 3, c. I, pg. 277-282), ou exaltando a nobreza de caracter de D. João I e do Condestavel [*Ibid.,* pg. 269] e explicando mesmo a razão da escolha do castelhano para a elaboração dos seus livros [No *Prólogo da Europa].* A sua simpatia pela política dos usurpadores tornam-no-lo naturalmente suspeito. De modo que pela lingoagem, pelo estilo culteranista que adoptou, pelo

---

[1] C. C. Branco, *Curso,* 43.

[2] *Ob. cit.,* pg. 367.

meio histórico em que viveu e a que se subordinou, a fertilidade dêste autôr redunda em quase pura perda para nós e não pouco menoscabo para a glória própria dele.

122. — **JACINTO FREIRE DE ANDRADE** (1597-1657) é um dos escritores que figura na *Fenix Renascida* [1] e se medíocre é o seu valor como poéta, não é doutro merecimento como prosador, segundo se vê da *Vida de D. João de Castro* [2], excurso biográfico em que o rigor histórico nem sempre é a norma, correndo parelhas com a lingoagem artificiosa, cheia de trocadilhos de máo gosto e falsa no desenho das personagens, a principiar no do protagonista mais bem caracterizado por qualquer das cartas que ele própio escreveu [3] do que pela longa e monótona exposição que o seu apologista nos legou.

123. — Historiadores menos importantes. Citemos neste número, entre outros, **FR. ANTÓNIO DA ENCARNAÇÃO** (✝ 1665) a quem devemos as *Adições á Historia de S. Domingos* de Fr. Luís de Sousa e a *Vida de Fr. Luís de Sousa* [4]; **MANOEL SEVERIM DE FARIA** (1583-

---

[1] T. III, 274-384.

[2] Ed. 1651. Das muitas ed. é mais estimada a da Acad., de 1835, de que foi encarregado o cardeal patriarca D. Francisco de S. Luís, que lhe ajuntou muitas notas e vários inéditos.

[3] Algumas publicadas pelo próprio Andrade na *Vida de D. João de Castro*, outras por S. Luis na ed. cit. da Acad., outras no *Instit.*, vol. II, etc. Vid. Inoc., *Dic. Bibl.*, III, 345. D. João de Castro bem merecia esta apologia. Quam diferente ele foi dos vizo-reis crueis e traficantes que lá andaram pela India! Além dos trabalhos que sobre a India já citamos, de Barros, Couto, Corrêa, registe-se o livro de Francisco Rodrigues Silveira, *Memorias de um soldado da India compiladas de um Ms. portuguez do Museu Britanico* por A. de S. S. Costa Lobo, Lisboa, 1877. Silveira esteve na India desde 1585 a 1598.

[4] As *Addições* são na p. 2.ª de fl. 96 v. a 106 v. e a *Vida* abre a mesma p. 2.ª.

1655) que nos *Discursos varios politicos* [1] traçou cuidadosamente as biografias de Camões, de João de Barros e de Diogo do Couto, e nas *Noticias de Portugal* [2], forneceu interessantes informações políticas, e outras relativas a familias nobres, a moedas que tiveram curso em Portugal, biografias, etc.; **D. FERNANDO DE MENESES** 2.º conde da Ericeira, (✝ 1699), que escreveu a *Historia de Tanger* [3] e a *Vida e acções d'el-rei D. João I* [4]; **D. LUÍS DE MENESES** 3.º conde da Ericeira, (1632-1690) autôr da *Historia de Portugal restaurado* [5] que fornece preciosas informações, embora nem sempre incontroversas, sobre o período da nossa história de 1640 a 1688; **D. RODRIGO DA CUNHA** (1577-1643), arcebispo de Braga e de Lisboa e antes bispo de Portalegre e do Porto, autôr da *Hist. Eccl. da Igreja de Lisboa* [6], da *Hist. Eccl. de Braga* [7], e do *Catalogo dos Bispos do Porto* [8] aquelas escritas com mais correcta exactidão que este, mas todas três com aquele primor de lingoagem que fazem dele um mestre; **JORGE CARDOSO** (✝ 1623) que deixou o *Agiológio lusitano* [9], no período seguinte continuado por D. Antonio Caetano de Sousa e em que abundam no meio de prolixidades várias eruditas informações relativas a pessoas e cousas de Portugal.

---

[1] Evora, 1624; 2.ª ed. Lisboa, 1791.
[2] Lisboa, 1655, 1740 e 1791.
[3] Lisboa, 1677.
[4] Lisboa, 1732.
[5] I, 1679 e 1710; II, 1698. As duas partes em 4 vols 1751 e 1759.
[6] Dos 2 vols., anunciados no frontespício do 1.º, só este saiu em 1642.
[7] 2 vols., Braga, 1634 e 1635.
[8] 1623 e 1742.
[9] 4 vols. sendo o 4.º do seu continuador. O plano era abranger os doze meses do ano, mas só chega a Agosto.

VIAJENS

124. — Viajens. As obras mais importantes a citar neste capítulo referem-se á história da Etiópia nos séculos XVI e XVII e só recentemente são conhecidas graças á publicação dos respectivos inéditos, até agora senão totalmente ignorados, pelo menos imperfeitamente conhecidos. Mais uma vez beneméritos estranjeiros prestaram um alto serviço ao nome português. Com o título *Rerum Aethiopicarum scriptores occidentales inediti a saeculo XVI ad XIX* fundou-se em Roma uma emprêsa sob a direcção de Camilo Beccari, em 1903. O plano da obra, seus intuitos e alcance deduzem-se claramente da *Notizia e saggi di opere e documenti inediti riguardanti la storia di Etiopia durante i seculi XVI, XVII e XVIII* (Roma, 1903, 1 vol.). A colecção abrangerá dezaseis volumes sendo indubitavelmente os mais importantes os já publicados e que passamos a nomear.

Temos em primeiro logar a citar **PEDRO PAES** [1564-1622] que, embora espanhol, escreveu em português a sua *História da Etiópia,* em 4 liv. Sabia-se que o manuscrito, depois da morte do autôr, fôra enviado para Roma em 1622 ao Geral da Companhia de Jesus e supunha-se que havia fragmentos dele na *Hist. geral da Etiópia a alta ou Preste João* de Baltasar Teles, publicada em Coímbra em 1660; afirmavam outros que ele fôra inserido na *Hist. da Etiópia* de Manuel de Almeida, enquanto outros asseguravam que ele estava perdido. Com o reaparecimento dêsse manuscrito quase todo do próprio punho de Pedro Paes, todas as conjecturas cessaram. A *Hist. da Etiópia,* fruto de vinte anos de viajens pelas regiõis que descreve, é sobretudo um subsídio de valor para as sciências geográfico-históricas [1].

[1] Roma, 1905-1906, 2 vols.

MANUEL BARRADAS, [n. 1572], de Monforte, é o segundo historiador-viajante a quem se deve a obra em três tratados: *Do estado da santa fé romana na Etiópia quando se lançou o pregão contra ela* (I); *Do reino de Tigré e seus mandos em Etiópia* (II), e *Da cidade de Adem* (III) [1].

O terceiro e último escritor é **MANUEL DE ALMEIDA** [1580-1646] de Viseu, que intitulou o seu trabalho *Hist. de Etiópia a alta ou Abássia império do Abexim, cujo Rei vulgarmente é chamado Preste Joam.* É devidido em dez liv., conservando-se o original autógrafo no Museu Britânico. Um critico insuspeito classifica êste escritor de *sensato, verdadeiro e sóbrio* [2].

Todos estes trabalhos estavam, como dizemos, inéditos, sendo possivel que deles se aproveitasse **BALTASAR TELES** [1595-1675] que, álêm da *Chr. da Companhia de Jesus* [3], em que se revela escritor aprimorado, deixou tambêm a mencionada *Hist. Geral da Etiópia a alta* [4].

Escrevêram tambêm narrativas de viajens **FR. GASPAR DE S. BERNARDINO**, autôr do *Itinerario da India por terra até á ilha de Chipre;* **MANOEL GODINHO** (✝ 7112), natural de Montalvão, distrito de Portalegre, que escreveu, àlêm da biografia de Fr. António das Chagas, o celebrado mistico fundador do seminário das missõis do Varatojo, a *Relação do novo caminho através da Arábia e Siria que fez por terra e mar vindo da India para Portugal em 1663;* e **JERONIMO DE MENDONÇA** de quem temos a *Jornada de Africa* [5] interessante como subsídio para o conhecimento do desastre calamitoso de Alcacer-Qêbir, onde o autôr

---

[1] Roma, 1906, 1 vol.
[2] Compreenderá na *Colecção* os vols. v, vi e vii.
[3] É em duas partes: 1.ª, Lisboa, 1645 e 2.ª, *ibid.*, 1647.
[4] Coímbra, 1660.
[5] Lisboa, 1607; e *ibid.*, 1785.

esteve e ficou prisioneiro [1]. Tem o valor duma testemunha presencial e está escrita com grande simplicidade.

ELOQUÊNCIA

125. — Eloquência; seus representantes. Sofre a eloquência nêste período a sorte dos demais géneros literários. O *cultismo* desnaturaliza-a e, assim como os poétas faziam longos poémas sobre equívocos, sobre pequenos nadas, com trocadilhos e arrebiques de lingoagem insuportáveis, assim os oradores dissertavam sobre futilidades, que tornavam absolutamente improfícuo o ensino do púlpito. O prégar tornou-se « efeminado, delicioso e de galantaria. Êste método proveio de frequentarem os homens a lição e a representação das comédias de máo gosto. Os erúditos conhecem a locução destas peças do teatro espanhol... Os homens habituados a verem e ouvirem as pessoas conferentes naquele jogo da comédia e aos assuntos e expressõis pueris, de que abundavam as mesmas composiçõis teatrais,... produziram um costume de se explicarem apaixonado, mole e delicioso... Muitos prégadores ou por condescendência ou por ditame nada menos eram que uns maneiristas daquela face do teatro » [2].

---

[1] É curiosa pelas informaçõis que ministra não sòmente sobre a capital, mas ainda sobre um ou outro ponto do país, a obra de Fr. Nicolau de Oliveira (por 1566-1634), *Livro das grandezas de Lisboa* [Vid. *Arch. Hist. Port.* II (1904), art. do Sr. Brito Rebelo com o título : « Frei Nicolau de Oliveira e a Inquisição »]. Tambem não queremos passar em silêncio o nome dum esmerado cultôr da fórma homem de estudo e largo saber, Duarte Ribeiro de Macedo (1618-1680), cujas *Obras* (Lisboa, 1743, 2 vols., e 1767 e 1817) o revelam fraco poéta, mas correctissimo prosador. Parece ter entrevisto a verdadeira lei dos trabalhos históricos quando escreveu: « averiguemos a verdade pelo exame dos monumentos dos edificios e das mesmas ruínas ».

[2] Cenaculo, *Mem. hist. do Min. do pulpito,* 159.

Dentre os muitos oradores dêste tempo, tais como Fr. Baltasar Paes (✝ 1638), Francisco de Mendonça (✝ 1620), Fr. João de Ceita (✝ 1633), Felipe da Luz (✝ 1633), Tomás da Veiga (✝ 1638), Francisco do Amaral (✝ 1647), António de Sá (✝ 1678), Cristovão de Almeida (✝ 1679), Bartolomeu do Quental (✝ 1698), o fundador da Congregação do Oratório em Portugal, e Luís Alvares (✝ 1709), sobresairam a eclipsar totalmente o nome de todos os mais o orador primacial que foi Antonio Vieira e Manoel Bernardes.

126. — **ANTONIO VIEIRA** (1608-1697) é o orador previlegiado dêste século e um dos melhores clássicos da nossa lingoa. Nascido em Lisboa a 6 de fevereiro de 1608 recebeu a sua primeira educação no Brasil, para onde fôra com seus pais desde a edade dos oitos anos, num colégio que os jesuitas possuiam na Baía. Aos quinze anos entrou no noviciado da Ordem e dois anos depois, em 1625, pronunciava os seus votos solemnes de religião. De tal fórma se destinguiu nos seus primeiros ensaios, que os seus superiores o encarregaram logo de reger a cadeira de retórica e, passado tempo, o curso de dogmática.

Muito cedo se notabilizou como orador. Quando rebentou a revolução em Portugal que, acabando com o dominio castelhano, colocou no trono D. João IV, o Brasil aderiu ao movimento da metrópole e, para saudar o novo rei, enviou expressamente a Portugal D. Fernando de Mascarenhas acompanhado de António Vieira [1]. E' de 1640 o sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, que Raynal declarava ser o discurso mais extraordinário, que por ventura tinha soado em púlpitos portuguêses. D. João IV precisava de alguem que reunisse

[1] Na embaixada veiu também Simão de Vasconcelos, autôr da *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil...*, Lisboa, 1663; 2.ª ed., 1865.

á finura dum diplomata a energia intransigente dum patriota para sustentar a causa portuguêsa junto dos gabinetes da Europa [1]. Vieira foi escolhido para essa delicada missão, sendo ao mesmo tempo nomeado prégador da côrte. De então por diante a sua personalidade desempenha um largo papel nos negócios políticos do pais e pode dizer-se que é desde esse tempo que começa a sua laboriosa vida de diplomata, à qual consagrou dez anos, e de missionário e escritor a que dedicou todas as suas forças até ao último alento. Foi um apóstolo incansavel da liberdade dos povos do Brasil, à qual por mais duma vez pouco faltou para sacrificar a vida, como sucedeu com a lei de 1609 em favor dos indígenas, que nele encontrou um fervoroso defensor, e nos colonos e funcionários a mais enérgica oposição. Com a morte de D. João IV fecha-se o período de grande influência exercida por Vieira. Logo nos primeiros anos do reinado de D. Afonso VI o grande orador foi exilado para o Porto e pouco depois para Coimbra. Foi em seguida acusado à inquisição. Êste grande génio supersticiosamente acreditara nas profecias de Bandarra, sobre a vinda dum príncipe que inauguraria uma época de prosperidade e de ventura para a Igreja e para Portugal, e no *Clavis Prophetarum* pretendera fundar esses sonhos em razões deduzidas da S. Escritura! O tribunal de *Santo Ofício de Coimbra* encerrou-o pois nas suas prisões e aí o reteve desde 2 de outubro de 1665 até 24 de dezembro de 1667 [2]. Deposto, pelos factos que todos conhecem, D. Afonso VI, subiu ao trono D. Pedro II e Vieira readquiriu o seu prestigio voltando a prégar na côrte na quaresma de 1669. Neste mesmo ano partiu para Roma como promotor da causa da beati-

[1] Pinheiro Chagas, *Hist. de Portugal*, VI.

[2] Sobre o processo inquisitorial de Vieira leia-se *Serões*, n.º de abril de 1907, pg. 289, art. do Sr. A. Baião fundado sobre o processo inédito, que se guarda no arquivo da Torre do Tombo.

ficação do P. Inácio de Azevedo que com trinta e nove companheiros havia sido martirizado pelos Calvinistas de Rochelle, em 15 de julho de 1570. Durante os seis anos que viveu na capital do mundo católico, o ilustre orador obteve, sem dúvida, os seus maiores triunfos, sendo êste o período mais brilhante da sua eloquência. Aí advogou junto do Papa Clemente X a causa dos Judeus de Portugal, *injusta, tirânica* e *barbaramente* perseguidos pela inquisição [1].

Prégando por várias vezes na presença da rainha Cristina da Suécia, que então se achava em Roma, esta o nomeou seu confessor e prégador. Mas estas grandezas não deslumbravam o espírito de Vieira que em 27 de janeiro de 1681 embarcava para o Brasil. Tinha 71 anos. Entretanto, em Coimbra, ao ter-se notícia de que o tribunal da Inquisição ia novamente abrir-se, numa manifestação de entusiasmo, o retrato do velho batalhador era queimado publicamente no pátio da Universidade, isto ao mesmo tempo que lhe prestava a homenagem do seu respeito e admiração a Universidade do México!

Ainda experimentado nos últimos anos pela falsa acusação de cooperação num assassínio e pelas intrigas dos seus próprios confrades da Ordem, Vieira veio a sucumbir, depois de lenta agonia, aos 90 anos, no dia 18 de julho de 1697.

Considerando agora Vieira como escritor é nos seus numerosos sermões e nas suas interessantes cartas que se encontra a melhor lição, que se póde procurar em tam grande mestre. As obras de Vieira sam mina inexaurivel onde o filão do oiro se não quebra nem exgota. Abundam as pinturas vivas, as descriçõis coloridas e movimentadas. A propriedade dos termos, a riqueza e variedade dos

---

1 Vid. *Inéditos de Vieira* publicados no *Archico Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, 1.º ano, pg. 77 e seg.

epítetos sucedem-se umas às outras, com profusa abundância. Como orador Vieira deixou-se inquinar pelo mau gosto da época: reconhecia ele esses defeitos, mas adoptou-os, donde se não póde propôr como modêlo incondicional. Como epistológrafo as suas *Cartas* nem sempre têem a naturalidade do estilo familiar, simples e corrente. Mas em tudo o que ele escreveu há graça, há abundância. Subscrevemos inteiramente à opinião dum seu biógrafo: « nenhum povo possuiu jámais nas obras de um só homem tam rico e tam escolhido tesoiro da lingoa própria, como nós possuimos nas dêste notavel jesuita ». A colecção das obras de Vieira, comummente havida por completa compreende 26 volumes encerrando pouco mais ou menos *200 sermões,* mais de *500 cartas,* grande número de *informaçõis políticas,* curiosas notícias sobre a *inquisição,* estudos *políticos* e *literários,* etc. Está esta edição longe de ser completa. No *British Museum* de Londres, na *Biblioteca Nacional de Paris,* há manuscritos inéditos como o *Clavis Prophetarum,* que muito importaria conhecer [1].

A *Arte de furtar,* que apareceu pela primeira vez em 1744 atribuida a Vieira, certamente não saiu da sua penna, de mais tersa lingoagem e mais acendrado lavor [2]. Pensaram muitos que fosse do jurisconsulto Tomé Pinheiro da Veiga (✝ 1656), o autôr da *Fastigimia* recentemente publicada [3], outros de João Pinto Ribeiro, outros ainda

---

[1] Para a bibliografia de Vieira consulte-se Sommervogel, *Bibliothéque de la Compagnie de Jésus,* VIII, verb. *Vieira.*

[2] C. C. Branco, *Curso,* cit., II, 120 e seg.

[3] A *Fastigimia* fornece interessantes subsídios para a documentação de usos e costumes da vida portuguesa e espanhola de grande parte do sec. XVII, tempo dos Felipes. E o vol. III da *Collecção de Mss. ineditos,* Porto, 1911, publicada a expensas da Camara Municipal daquela cidade. Veja-se o Prefácio do ilustre Director dessa publicação, José de Sampaio (Bruno), onde desfaz muitas asserções que a respeito do humoristico autôr tem sido feitas.

de Duarte Ribeiro Macedo, mas o caso constitue aínda hoje um problema bibliográfico [1].

127. — MANOEL BERNARDES (1644-1710), natural de Lisboa, oratoriano, pela harmonia do seu estilo e pela suavidade da dição é superior aínda a Vieira e nisto, crêmos, fica feito o seu maior elogio. Se quiséssemos comparar Vieira a Bossuet, diríamos que Bernardes irmana com Fénélon. Distanciáram-se na prédica, como na vida. Vieira foi um lutador; a sua vida prende-se por mais dum laço á história política de Portugal; Bernardes viveu o melhor e maior tempo da sua vida — 36 anos — entregue à meditação e à redacção dos seus livros na pobre cela da congregação do Oratório. Lendo-se com atenção, escreve Castilho, sente-se que Vieira, aínda falando do céo, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes aínda falando das creaturas, estava absôrto no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte, para o mundo; Bernardes para a cela, para si, para o seu coração. Vieira estudava galas e louçainhas de estilo. Bernardes era como estas formosas de seu natural, que se não cansam com alindamentos, a quem tudo fica bem, que brilham mais com uma flor apanhada ao acaso, do que outras com pedrarias de grande custo.

---

[1] Era impossivel traçar aqui a larga biografia do famoso jesuita. Para amplo conhecimento ver principalmente: P. André de Barros, *Vida do P. Vieira*, Lisboa, 1746; Bispo Alex. Lobo, *Obras*, II, 173-356; João Fr. Lisboa (Timon Maranhense) *Obras completas*, IV, Maranhão, 1865; E. Carel, *Vieira, sa vie, et ses oeuvres*, Paris; a noticia biogr. que precede os *Trechos Selectos*, publicação comemorativa do bicentenário da sua morte, Lisboa, 1897; Luiz Cabral, *Vieira, biogr. caractére, éloquence*, Paris, 1900; Id., *Vieira Prégador*, Porto, 1901, 2 vols., e J. Lucio de Azevedo, *Os Jesuitas no Grão-Pará, suas missões e a colonização, bosquejo histórico*, etc., 1 vol., Lisboa, 1901.

As obras todas foram reimpressas em Lisboa, 1854-58, em 27 vols.: *Sermões*, 15 vols.; *Cartas* 4; *Ob. ined.* 3; *Varias* 2; *Arte de furtar* 1; *Hist. do fut.* 1; *Vida*..., por André de Barros 1;

Todos os livros de Bernardes sam uma mina feracíssima para o estudioso. Ha a certeza iniludível de que se encontrará minério abundante e precioso. Basta lêr a *Nova Floresta*. Não sei, escreveu José Agostinho, que haja melhor livro, nem escritor mais eminentemente português. Ali está a lingoa portuguêsa na sua pureza, na sua harmonia, na sua majestade, na sua opulência; e a ninguem devemos mais, quando se trata da lingoa portuguêsa. A cada página se acham frases e palavras não vistas nem sabidas pelos nossos mais laboriosos dicionaristas [1].

A colecção das obras de Bernardes [2] compreende dezanove volumes, entre os quaes se contam os seus *Sermões e práticas*, os *Exercícios espirituaes* e *meditações da via purgativa*, os *Ultimos fins do homem*, os *Tratados vários* em cujo 2.º tomo entra o *Pão partido em pequeninos*, alguns opúsculos e as suas melhores obras, aquelas que fazem dele um mestre incontestado da formosa lingoa portuguêsa, em que as belezas do estilo se casam com o mais puro aticismo, a — *Luz e Calor* [3] e a *Nova Floresta* [4].

128. — Trabalhos filológicos de século XVII. Ha numerosos trabalhos lingoísticos neste período, todos porêm, de valor secundário. O que predominava no uso era a lingoa espanhola; por ela pretenderam, pois, dife-

[1] No opúsculo *Os Frades*, pg. 71.

[2] Vid. a indicação bibl. completa em Inoc., *Dic. Bibl.*, XVI e no IX do Supl. Os melhores estudos sobre Bernardes encontram-se na *Livr. Clássica*, de António e J. F. Castilho, Lisboa, 1845, 7 tomos, e na do Rio de Janeiro, impressa em Paris, com o título *Excerptos seguidos de uma notícia sobre sua vida e obras*, por A. F. Castilho, 1865, 2 vols.

[3] *Luz..., obra espiritual para os que tratam do exercício das virtudes e caminho de perfeição*, etc, Lisboa, 1696. A 4.ª e última ed. 1871.

[4] *Nova Floresta, ou Sylva de varios apophtegmas e ditos sentenciosos, espirituaes e moraes*, etc., 5 tomos, 1706-1728. A 4.ª e última ed. é de 1759-1760.

rentes autores explicar as alterações que, obedecendo a uma lei fatal, se produziam no português. Tais foram **ALVARO FERREIRA DE VERA** que em 1631 publicou a sua *Ortographia ou modo para escrever certo na lingoa portuguesa* [1] e **JOÃO FRANCO BARRETO** com a sua *Ortographia da lingoa portuguesa*, que saíu em 1671 [2]. **BENTO PEREIRA** publicou em 1634 a sua *Prosodia*, de que saíram diferentes ediçõis e na qual aparecem numerosas frases e adágios portugueses com os seus correspondentes latinos e em 1645 o *Thesouro da lingoa portuguesa*. Dentre todos os autores, porêm, dêste século sobrasai **AMARO DE ROBOREDO**, secretário do arcebispo de Evora D. Diogo de Sousa, que pode chamar-se para o seu tempo gramático destintíssimo, como o atestam as suas obras: *Verdadeira grammatica latina* (1615); *Raizes da lingoa latina* (1621) em latim e português; *Porta de lingoas* (1623); *Methodo grammatical para todas as lingoas* (1619). Roboredo já presente a importância da gramática comparada, pugnando pela creação de uma cadeira de lingoa materna, *ao menos nas Côrtes e nas Universidades*, e pela mudança de método no ensino da lingoa latina, de tanta necessidade para o conhecimento da lingoa materna; mas as reflexõis do gramático português, diz um crítico, fôram tam atendidas como os vaticínios de Cassandra [3].

129. — **Jornalismo.** Aparece nêste século o primeiro jornal português, facto que não podemos deixar de

---

[1] Lisboa, 1631, quase sempre se encontra encadernado com o trabalho do mesmo autôr *Origem da nobreza*... Lisboa, 1631; outra ed., 1791.

[2] Barreto traduziu a *Eneida*, Lisboa, 1664-70, 2 vols. E aínda 1763 e 1808. Tendo ido como secretário da embaixada a França mandada por D. João IV escreveu a *Relação da viagem que a França fizeram Francisco de Mello... e o Dr. Antonio Coelho de Carvalho... a Luís XIII*... Lisboa, 1642. Tem aínda alguns opúsculos.

[3] J. V. Gomes de Moura, *Noticia succinta dos monumentos da lingoa latina*, etc., Coimbra, 1823, pg. 354.

registar, dado o desenvolvimento extraordinário que posteriormente deveria tomar o que agora nos não aparece senão como um pequeno e insignificante esboço.

Em 1625 publicava Manoel Severim de Faria em Lisboa a *Relação universal do que succedeo em Portugal e mais provincias do Occidente e Oriente, de março 625 até todo o setembro de 626,* e em Braga outra até agosto de 1627. Várias publicaçõis com título egual ou equivalente, como *papeis volantes, noticias avulsas,* etc., fôram certamente os precursores da *Gazeta, em que se relatam as novas todas que ouve nesta côrte e que vieram de varias partes,* cujo 1.º número apareceu em novembro de 1641, com seis páginas em quarto e mensal. Em janeiro de 1663 apareceu o *Mercurio Português,* que durou até 1667 e que era redigido pelo secretário de Estado António de Sousa Macedo. No reinado de D. João V reapareceram as *Gazetas* de Lisboa redigidas por José Freire de Monterroyo Mascarenhas desde 1715 a 1760. Mas para se avaliar o que eram tais jornaes basta dizer-se que a espantosa catástrofe do terramoto de Lisboa em 1755 é contada em seis linhas apenas, assim: « Lisboa, 6 de novembro de 1755. O dia primeiro do corrente ficará memoravel a todos os seculos, pelos terramotos e incendios que arruinaram uma grande parte desta cidade; mas tem havido a felicidade de se acharem nas ruinas os cofres da fazenda real e da maior parte dos particulares ». E a 13 do mesmo mês outras oito linhas, e nada mais!

Só com as idéas liberaes, depois de 1820, é que o jornalismo se propaga e engrandece, abusando por vezes da sua imensa fôrça [1].

---

[1] Vid. um artigo muito interessante de Silva Túlio, no *Brinde aos senhores assignantes do Diario de Noticias,* relativo a 1866, pg. I-XXII e Sr. Alberto Bessa, *O jornalismo, esboço hist. da sua origem e desenvolvimento até nossos dias...* Lisboa, 1904, 1 vol.

130. — Epistológrafos. Cartas da Religiosa Portuguêsa. Temos a registar no génerọ epistolar vários documentos de valor literário. Antonio Vieira é, em epistolografia, geralmente mestre e exemplar correcto e clássico. D. Francisco Manoel de Mello deixou esparsas nas suas *Cartas Familiares* muita daquela compungida tristeza que lhe amargurou a existência, aqui e àlêm indicaçõis literárias, politicas e sociaes de valor a aproveitar para quem empreender o estudo da época e do século em que ele viveu; **FR. ANTONIO DAS CHAGAS** nos dois tomos das *Cartas Espirituaes* [1], já citadas (n.º 106), soube arrancar-se ao lodaçal gongorista em que se afundaram as suas composições poéticas. Mas no percurso deste período da nossa história literária ha cinco cartas dum cunho inteiramente original e típico, que imortalizaram o nome da sua autora, a celebrada **MARIANA ALCOFORADO**, de Beja, onde nasceu a 22 de abril de 1640. Mariana professára num convento da sua cidade natal, quando conheceu um oficial francês por quem concebeu uma ardente paixão, o conde de Chamilly, que serviu em Portugal às ordens de Schomberg, com o título de conde de Saint-Léger. A este oficial dirigiu a apaixonada freira cinco cartas, que sam um verdadeiro monumento de sentimento e de candura e que, apesar da sua extraordinária simplicidade, e talvêz por isso mesmo, pódem apontar-se como uma obra de arte, bela pela intensa verdade que delas resalta. Estas cartas apareceram pela primeira vez em tradução francêsa em 1669. Perdido o original português, o que restava era surpreender a *alma* que as escrevera, e tanto quanto possivel localizá-las na *sua* época e no *seu* meio.

---

[1] 1.ª p. 1684, 2.ª 1687. Outras ed.: 1736 e 1762. Vid. outras obras em Inoc., *Dic. Bibl.*, I, e Matos, *Manual*, 155.

Foi o que procuraram fazer: 1.º) Filinto Elísio, cujo trabalho pode lêr-se nas *Obras completas*, x, 430 a 494; 2.º) D. José Maria de Sousa, o benemérito Morgado de Mateus, numa ed. de Paris, ano de 1838; 3.º) Lopes de Mendonça, cuja tradução incompleta, pois é só de quatro cartas, se encontra na *Semana*, jornal literário de Lisboa, ano de 1882, vol. 2.º; 4.º) Domingos José Enes numa ed. de Lisboa, de 1872; 5.º) Luciano Cordeiro no seu belo livro *Soror Marianna* publicado em Lisboa em 1888. É este último um trabalho que exaure o assunto, estudando a simpática figura da Heloisa portuguêsa à luz duma crítica histórica verdadeiramente impecavel. De pgs. 255 a 302 aí se encontram essas preciosas cartas que ficarão na história literária do século XVII como o mais verdadeiro e o mais sentido documento, que uma alma feminina poderia legar à posteridade [1].

---

[1] Este juízo não é partilhado por todos os críticos. Leiam-se as páginas tam espirituosamente belas que ao assunto consagrou Barbey d'Aurevilly, *Femmes et Moralistes*, Paris, 1906, pg. 41.

ANTOLOGIA

SÉCULO XVII

POESIA

I

Cantiga.

Descalça vai para a fonte,
Leanor pella verdura,
Vai fermosa & não segura.

A talha leua pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de cor de limão,
Beatilha soqueixada,
Cantando de madrugada,
Pisa as flores na verdura,
Vai fermosa & não segura.

Leua na mão a rodilha,
Feita da sua toalha,
Com hũa sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha,
Mostra os pés por marauilha,
Que a neue deixão escura,
Vai fermosa, & não segura.

As flores por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficão de inueja sem côr,
E de vergonha com graça,
Qualquer pegada que faça,
Faz florescer a verdura,
Vai fermosa & não segura.

Não na ver o sol lhe val,
Por não ter nouo inimigo,
Mas ella corre perigo,
Se na fonte se ve tal,
Descuidada deste mal,
Se vae ver na fonte pura,
Vai fermosa & não segura.

F. Rodrigues Lobo, *As Eglogas*, ed. 1605, egloga x, fl. 110.

II

Cantiga.

Antes que o sol se leuante
Vai Vilante a ver o gado,
Mas não ve sol leuantado,
Quem ve primeiro a Vilante.

He tanta a graça que tem,
Com hũa touca mal enuolta,
Manga de camisa solta,
Faixa pregada ao desdem,
Que se o sol a vir diante,
Quando vai mungir o gado,
Ficara como enleado,
Ante os olhos de Vilante.

Descalça as vezes se atreue,
Hir em mangas de camisa,
Se entre as heruas neue pisa,
Não se julga qual he neue,
Duuida o que está diante,
Quando a ve mungir o gado,
Se he tudo leite amassado,
Se tudo as mãos de Vilante.

Se acaso o braço leuanta,
Porque a beatilha encolhe.
De qualquer pastor que a olhe,
Leua a alma na garganta,
E ainda que o sol se aleuante,
A dar graça & luz ao prado,
Ja Vilante lha tem dado,
Que o sol tomou de Vilante.

F. Rodrigues Lobo, *ibid.*, fl. 113 v.

III

A. F. que morreo do ar.

Com ar madruga a flor mais engraçada,
Pavão de Abril pomposo, e matizado;
Mas para o seu alinho ser prostrado,
Basta-lhe o mesmo ar da madrugada.

Nasce ayrosa a vergontea delicada,
Pluma do bosque, pavelhão do prado,
Mas de hum zefiro o sopro arrebatado,
Entre as plantas a deixa sepultada.

Assim foy, Fabio, Felis soberana,
Delicada vergontea, e flor luzida,
Hum ar a corta, se outro ar a abala:

Fragil morreo, se madrugava ufana,
Porque em fim toda a põpa d'esta vida
Apenas brilha, quando em ar acaba.

Anónimo, *Eccos que o clarim da fama dá...*, I, 269.

IV

A hum desengano.

Será brando o rigor, firme a mudança,
Humilde a presumpção, varia a firmeza,
Fraco o valor, cobarde a fortaleza,
Triste o prazer, discreta a confiança.

Terá a ingratidão firme lembrança,
Será rude o saber, sábia a rudeza
Lhana a ficção, sofistica a lhaneza,
Aspero o amor, benigna a esquivança.

Será merecimento a indignidade,
Defeito a perfeição, culpa a defensa,
Intrepido o temor, dura a piedade,

Delicto a obrigação, favor a offensa,
Verdadeira a traição, falsa a verdade,
Antes que vosso amor meu peito vença.

Anónimo, *ibid.*, II, 335.

V

Silva ao Pe. Antonio Vieira por hũ sermão que fez na rosa do nascimento de Nossa Senhora.

Aspirar a louuar o incomprehensiuel,
he fundar o dezejo no impossiuel,
redusir a palauras os espantos,
detrimento será de excessos tantos :
diser do muito, pouco,
dar o juiso a creditos de louco :
querer encareceruos,
eleger os caminhos de ofenderuos :
louuar diminuindo
subir louuando, e abaixar subindo
Deixar tambẽ couarde de louuaruos
será mui claro indicio de ignoraruos
faser a tanto impulso resistencia,
pôr o conhecimento em contingencia :
delirar por louuar o mais perfeito
achar a perfeição no que he defeito,
emprender aplaudir tal sutilesa,
liurar todo o valor na mesma empresa :
errar exagerando
ganhar perdendo, e acertar errando :
siga pois o milhor indigna Musa,
e deponha os excessos de confusa,
que para acreditarse
basta, basta o valor de auenturarse :
e para vos liurar de detrimento,
ser vossa a obra, e meu o pensamento :
pois não fica o valor aniquillado
sendo meu o louuor, vos o louuado :
porque somos os dous no intelligiuel
eu ignorante, e vos incomprehensiuel.
Com tanta descrição, tal excelencia,
spirito, valor, graça, eloquencia,
doçura, e energia,
o natal celebrastes de Maria,
que passando vos praça de Portento
fizestes mais feliz tal nacimento :
pois ser de tal discurso exagerado

o felice deixou mais duplicado :
porque se bem nasceu tam bella rosa
para tantos excessos de ditosa,
se bem nasceu para louuores de Anjos,
Cherubis, Sarafins, Sanctos, e Arcanjos :
nascer para o louuor tam grande engenho
foi tambẽ da ventura hum desempenho,
pois sendo tudo aplausos soberanos
compitem c'os diuinos os humanos,
louuando, em fim, quanto Maria encerra
as Deidades no Ceo, e vos na terra.
Hé vosso entendimento
felice suspensão do pensamento :
vossa doce elegancia
cifra da mais perfeita consonancia ;
vossa graça excessiua
a pedra do ceuar mais atractiua :
vosso saber profundo
portentoso exemplar de todo o Mundo :
vossa agudesa rara
dilicia do discurso, altiua, e clara :
vosso estillo famoso
agradauel motiuo do enuejoso,
e em fim vosso juiso soberano
credito do diuino, honra do humano.
O' viuey para assombro das idades,
gosto das magestades,
extasis dos sentidos,
prodigio dos nascidos.
excesso dos passados :
viuey para motiuo dos agrados,
objecto de louuores,
archiuo de fauores,
compendio de excellencias,
Vivei para modelo de eloquencias
thesouro de elegancias,
e se minhas grosseiras ignorancias
tem sido dillatadas
deixayas castigadas,
mas confesay doctissimo Vieira
que se ignorante sou, sou verdadeira.

Violante do Ceo, *Rimas Varias*, ed. 1646, 74.

VI

Romance.

A Democrita do Ceo
Ou a Heraclita do Polo,
Que se desfaz toda em riso
Que se desfaz toda em choro;

Filosofa no desprezo
De perolas hum thesouro
Derramava sobre a terra,
Bem que as trazia nos olhos.

Quando acordey, doce amigo,
Ao som de meus proprios roncos:
Era o tal sono cobarde,
Ronqueilhe, e fugio o sono.
Vestime, e o rosto lavey,
Porque se naõ lavo o rosto,
Por meyos de deslavado
Se mete a ser vergonhoso.
Almocey hum frangainho,
De peras cubertas oito;
Seis foraõ, mas conto mais,
Porque me vem mais a conto.
Os consoantes pediraõ
As duas, que de mais ponho,
Que por amigos de doce
Querem campar de bom gosto.
Inda que as tiro da boca,
O que me pedem, lhe outorgo,
Que como saõ taõ meus amos,
Com elles peras naõ jogo.
Montay, meu Sousa, no macho,
Bem que nelle nada monto,
Pois da minha authoridade
He inimigo nos ossos.
Por esses trigos me vou,
Porém no campo espaçoso,
Bem que me vou por esses trigos,
Do caminho naõ me longo.
Na Golegã descavalgo,
Ou desmacho, que he mais proprio,
E se desasnára fora
Muy mais elegante modo.
Estalajem á mão direita,
N'um aposento taõ roto,
Que por seus velhos remendos
Se viaõ seus entreforros.
A miseria lhe notey,
Mas a soberba mais noto,
Porque tendo poucas partes,
Acho naõ tem fumos poucos.
Poeta me pareceo,
Mas naõ Poeta ostentoso,
Porque com ter variàs rimas,
Mostra nada ter composto.
Hum instrumento de boca
Temperou nossa ama logo,
E eu vendo que ella tempéra,
Minha garganta disponho.
Mas nisto chegou nossa ama
Com um prato muy fermoso,
Porque tinha huns olhos verdes,
A pedir de boca os olhos.
Eraõ muy tenros, muy doces,
Mas sou eu de taõ máo gosto
Que com serem taes, os trouxe
Entre meus dentes hum pouco.
Depois dos olhos de cove
Huma forçurinha como,
E comi bem por miudo,
Bem que o digo muy por grosso.
Huma franga vem sem pena
No cadafalso goloso,
Por ser christã nova hum tanto,
Sahio condenada ao fogo.
Mais fino do que hum amante,
E mais que hum Cid forçoso
Mais puro do que huma Vestal
Mais rubicundo, que Apollo.
Era o vinho, que bebi,
Taõ delgado. taõ gostoso,
Que muitos furos abaixo
Lhe fica o Falerno tosco.
Era em fim tal, que melhor,
Que a Freira de melhor rosto,
Obrigaria aos amantes
Naõ se apartarem do torno.
Regaleyme como hum Padre,
E farteyme como hum tolo,
Ceveime como espingarda,
E fiz-me como hum pelouro.
Comi finalmente hum doce,
Mas por ser muy torpe poço
O desta Villa, não quis.
Que fosse aguado o meu gosto.
Pus-me logo a caminhar.
E já depois do Sol posto,
Qual engenhosa abelhinha,
N'huma cortiça me ponho
Referirvos eu a cea
Fora processo enfadoso,
Bem que por estar muy quente,
A despachey n'hum assopro.
Comer, e callar me agrada,
Darey pois na boca hum ponto,
Porque de mim se naõ diga
Que bem como, e que mal coso.

J. Vahia, *A Fenix Renascida*, Jornada IV, ed. 1746, 266-270.

VII

Um episódio dos « Virginidos »

... deixando os solios respirantes,
Se leuantaõ em pé Crauos & Rosas,
Para hir render as purpuras fragrantes
A a Flor de Ierichó, Flor das fermosas :
Logo os Crauos tomando, como amantes,
As Rosas pella mão, gentis esposas,
Vão pisando dos Prados os verdores,
Quaes Reys, acompanhados das mais flores.

....

Acháraõ emballando ao sacro Arminho
Tres Donzellas, que tem gentil presença,
E a mais velha, que veste honesto alinho,
Era gentil, mas cega de nascença :
Para ser mais fermosa, foi caminho,
Ter nos olhos das mais a differença,
Que as mais, se em olhos ter, tem mais belleza,
Ella, em naõ tellos, tem mais gentileza.

A do meio de verde está vestida,
Com que mais de fermosa se quilata,
E assistindo entre as flores, a pulida
Gala, hum campo florido se retrata :
A mais noua das galas guarnecida,
Com que o Sol vai decendo á lenta prata,
Trajada ricamente se offerece,
Que de purpura fina se guarnece.

Despois d'hũas, & outras conuersarem,
Com grauidade, graça, & subtileza,
E summissoens alegres tributarem
A a Graça, a que o Sol rende a gentileza :
A Minina do Ceu por arrularem,
Que he Minina dos olhos da belleza,
A mais noua das tres, que o berço emballa,
Assim canta, & o mais coro em tanto calla :

Minina celestial, Aue diuina,
Rosa de Ierichó, Pheniz sagrada,
Que sendo alua, qual a Alua cristallina,
Qual a Aurora, tambem sois encarnada :
Se de sahir, qual Rosa matutina,
Do Materno botaõ, estais cançada,
Durmi ao canto meu hum pouco agora,
E occultai esses Astros, como Aurora.

Se Aue, & Mar sois, em nome, & em graça vfana,
Sem cuidado durmi, Minina bella,
Que está o Mar leite, em quãto o tomais d'Ana,
Que em quanto vos creaes, não ha procella:
He Anna Aue Alcyonèa soberana,
Que a virtude, ao crear desta Aue, assella,
Que em quanto a Aue do Ceo no ninho cria,
Iaz o Mar, dorme o Vento, & o Ceo vigia.

Aqui tendes mil Damas circunstantes,
Creadas, para ser vossas criadas,
Que em galas, & belleza estão brilhantes,
E em festiuos aplausos occupadas:
Pois, cerrai essas luzes rutilantes,
Fechai essas janellas engraçadas,
E as Mininas gentìs, que assistem nellas,
As vidraças fechar vos deixem bellas.

Aqui tendes mil guardas peregrinas,
(Para em quanto durmirdes vos guardarem)
Durmì sacro Portento, & as luzes finas
Ao Iosué do sono hum pouco párem:
Nesses berços do Sol, essas Mininas,
Em quanto vós durmìs, & descançarem,
Falta vos não faraõ, para guardaruos,
Porque as Mininas mil vejo cercaruos.

Mais fieis guardas tendes, que o fingido
Deos teue para a Dama, que occultaua,
Quãdo ó Pastor, q̃ em Aue he conuertido,
Cem olhos deu, que em sonos alternaua:
Não vos haõ de furtar: ay! que duuìdo,
Porque Garçotes mil com aurea aljaua,
Vejo sobre estes tectos peregrinos,
Sulcar com azas d'ouro os ares finos!

Mas jà sei, que vos vem fazer regallos,
Festas, bailes, & musicas traçando,
Que se elles Anjos saõ, vossos vassallos
Do Ceo para Argos vossos vem voando:
Pois, por nos agradar, & agradallos,
Durmì, para vos vermos, que só quando
Fechardes essas luzes peregrinas,
Veremos, sem cegar, feiçoens taõ finas.

Os Cupìdos celestes, que estes ares
Coalhando vem com musicas, & amores,
Fazendose mil tiros singulares,
Iunquilhos frechas saõ, farpoẽs são flores:
Co estas armas do Ceo decem milhares,
A guardar festiuaes vossos primores,
E assi podeis durmir, Virgem galharda,
Pois tantos Anjos mil tendes de guarda.

Acabou de cantar a Dama graue,
  Cuja mágica voz, & doce accento
  Era encanto das vidas, por suaue,
  Extasis d'alma, & suspensaõ do vento :
  ....
  ....

Barbuda e Vasconcelos, *Virginidos*, ed. 1667, 74-78.

VIII

Helena despois da destruição de Troia

Arde a Neptunia Troya já rendida
Ao cavallo fatal e grega espada,
Em cinza, em fumo, em sombra convertida,
Que a glória humana é fumo, é sombra, é nada
Já tratavam os Gregos da partida,
Carregando o despôjo a grande armada :
E entre tão rica e soberana preza
Era a fermosa Helena a mor riqueza.

Já co'a causa e desculpa do troyano
Excidio, que na cinza inda fumava,
Soltando a redea ás naus, o soberano
Agamenon as ânchoras levava :
Da negra antena despregando o panno,
Que indo prenhe do vento que soprava,
O porto deixa, o alto mar cortando ;
Vão-se as prayas e os montes affastando.

O destrôço fatal de Troya viam
Das naus que o Hellesponto atravessavam
Os Gregos, quando a vista suspendiam
Nas terras que já apenas divisavam.
So nas partes mais altas pareciam
Uns vestigios das tôrres que ficavam,
Adonde a vista o mais que determina
E' medir a grandeza co'a ruina.

Amphiteatros, máchinas e muros
Pyramides, colossos levantados,
Obeliscos que mostram estar seguros
Contra a força dos tempos e dos fados,
Jazem sem fama em cinza vil, escuros,
Das idades por fabula prostrados;
Que o tempo os bronzes e as colunas parte,
E os podêres da morte iguala Marte.

De bandeiras e flamulas ornaram
A victoriosa armada que partia ;
E as proas para Tenedo inclinaram,
Que um bosque sôbre as ondas parecia :

Que alli vão despedir-se concertaram,
Onde a ánchora pesada o sal feria;
Sôbre ella, quando o fere, se dilata
O mar azul em circulos de prata.

Ambos de Atreu os filhos valerosos
(Antes que um va a Esparta, outro a Missena)
Queriam despedir-se, desejosos
Que alli possa alegrar-se a bella Helena:
Com elles sai do campo e os seus fermosos
Olhos, de que reparte glória e pena
Amor que assaltear delles aprende,
Pelo flórido campo e praya estende.

De ve-la o mesmo ceo se namorava,
E o ar no do seu rosto se acendia,
O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
Parece que a beijar-lhe os pés corria.
Quem as divinas graças que mostrava,
Contar quiser, mais facil lhe seria
Contar as flores do lascivo mayo,
E do sol os cabellos raio a raio.

Pela testa sem ordem desparzido
Sôlto o cabello voa livremente,
Onde sai a aqueixar-se de opprimido
De uma cinta de pedras refulgente.
No hombro soa o arco do brunido
Marfil; no lado a aljava está pendente:
Com menos graça ao bosque entrar costuma
A bella deusa que nasceu da escuma.

G. Pereira de Castro, *Ulyssea,* ed. 1636, c. II.

IX

Glaura procurando no campo de batalha o corpo de Batrão seu esposo.

Entre os mortos, da morte e ceo queixosa
O cadaver amado infelizmente
Busca a que foi de Batrão amada esposa!...
Mas entre a multidão da morta gente
E confusão da noite tenebrosa,
O cuidado amoroso vão ficára
Se a bella face Cynthia não mostrára.

Com ância que a dôr causa, levantando
As chorosas estrellas ás estrellas,
Rogos e vãos queixumes misturando,
Assi roga, e assi aos ceos manda querellas:

« Eternas luzes que passaes brilhando
Per celestes caminhos, margens bellas!
Males de amor e morte já sentistes...
Mostrae quem morto adoro aos olhos tristes!

Dae-me morto o que vivo me tirastes,
E piedosas de mim sereis chamadas!...
Bastem os males já que me causastes,
Tanto tempo em meu dano conjuradas!
Assi no claro assento que occupastes
Nunca sejaes de nuvens eclipsadas!
Deixae que chegue a dar-lhe sepultura,
E o golpe em mim execute a Parca dura!...

E tu que com tres rostos resplandeces
No ceo, na terra, e la no escuro Averno!
Tu que as plantas animas e enriqueces
O mar profundo com vigor interno;
Os rayos com que as cousas favoreces,
Cõmunicando teu valor eterno,
Estende, e mostra-me entre tantos, onde
A escura sombra o morto bem me esconde!... »

Acaso, qual se rogos a obrigaram,
A face Delia descobriu serena...
Primeiro os altos montes se mostraram,
Logo a cidade envolta em sangue e pena
Entre os que valorosos acabaram,
Como daquelle imperio a sorte ordena,
Conhece Glaura o ja perdido esposo,
Exemplo de valor pouco ditoso!

No amado peito a setta vai cravada...
Desmaia o coração á dôr rendido:
Cae mais morta emfim que desmaiada
Sobre o que tanto amou, morto marido.
Quasi da alma fugaz desemparada,
A falta lha deteve do sentido,
Tendo suspensa a dôr; e do accidente
Mortal torna, respira, attenta e sente.

....

Fere o grito no tecto cristallino...
Um soldado ignorante ao vulto tira,
Que, por ordem secreta do Destino,
O lastimoso grito descobríra!
A setta fere o peito alabastrino
Que para tanto mal amor ferira...
Ais a infelice ao ceo manda queixosos,
Bemque se ja mortaes, inda amorosos.

E como póde, a debil voz levanta,
Dizendo — « Oh ! vencedora gente forte !
Ja comigo piedosa... E ja, com tanta
Íra, causa cruel de minha morte :
Se entre marcial furor piedade santa
Tem logar, e permitte minha sorte,
Pois me nega o podêr a morte dura,
Ao Sião e Betrão dae sepultura !...

....

Albuquerque as estancias visitando,
Áquella parte chega ao ponto que ella
A lastima as estrellas provocando,
Da que seu mal causára se querella.
Elle do lamentar debil e brando
Se compadece, e manda recolhê-la :
Abrem do estreito alojamento a porta,
E a triste acham entre viva e morta.

Faltando o sangue que ja tem perdido,
Inclinava a cabeça á dôr penosa,
Qual no ramo do tronco dividido
Languida e triste pende murcha rosa !
Etol, a quem mais doe o succedido,
O primeiro alevanta ; a rigorosa
Ferida inquire com piedoso intento...
Ella o sabio conhece e toma alento.

Esforçando a voz fraca : — « Differente
Successo ja me promettestes ! »... (disse) :
— « Feliz tu, se a piedade omnipotente
Hoje obrar (lhe responde) o que eu predisse !
Oh ! se estivesse na divina mente
Que o rayo do divino amor ferisse,
E désse luz a essa alma que hoje cega,
Ja quasi a ponto de perder-se chega !

Oh Glaura ! emendarás erros passados,
Confessando um so Deus, imenso, eterno,
Que de nada nos fez, e os adornados
Ceos de estrellas, mar, terra... e horrendo inferno :
Este nos redimiu, que desherdados
Nos fez do homem primeiro o mau governo !
E por ser justo e pio, a offensa dura
Pagou, sendo creador, pela creatura.

Pola perdida ovelha suspirava,
E de a trazer aos hombros se deleita :
Na vinha, paga igual a todos dava,
Que tambem ao que chega tarde, acceita,
Pede agua que da culpa as almas lava,
E prescita serás, ó alma eleita :
Pede ! confia ! crê !... serás ditosa,
Serás do Eterno Esposo eterna esposa. »

Assi dizendo em fe lhe accende o peito:
O que não ve ja crê... tantos lhe inspira
O ceo auxilios; e c'um pio affeito,
Pola agua que é de vida, ja suspira.
Levam-na em braços, e lhe ordenam leito
Conforme ao sítio que instrumentos de íra
Occupam; e applicar hervas começa
Elicio, que de Apollo a arte professa.

Ella ja da esperança e da fe cheia,
Que o ceo lhe infunde, disse: — « Antes que aggrave
A morte que é mortal, esta alma feia
Purifique a agua sancta, e a culpa lave!...
Ja n'este tempo a vista se encandea,
E o rosto cobre um pallido suave...
C'os sacros ritos e agua, o sacerdote
Lhe dá, de Christo esposa, o eterno dote.

Elicio em tanto la das hervas prova
A occulta fôrça, ja arrancar procura
Co'a douta mão o ferro... e a dôr renova
Sempre que arrancar prova a setta dura,
Em quanto ervas applica, ervas reprova,
E quantos ha segredos na arte apura...
Dos membros bellos bella alma espedida...
Elle arte e tempo perde... ella acha a vida.

Contempla triste o capitão valente
A trasladada ao ceo morta belleza;
E, bemque grave, compassivo sente,
O acerbo caso, mas a sorte préza.
Manda que guardem em logar decente
O corpo frio que honras já despreza,
Até com pompa funebre e piedosa
Dar ao nobre cadaver tumba honrosa. »

F. Sá de Meneses, *Malaca Conquistada*, ed. 1658, liv. x.

X

O Oceano festejando a armada portuguêsa.

Sentiu la no profundo e vitreo estrado
Onde com Thetys passa alegre sesta,
Oceano, este abalo desusado
Da fabricada subita floresta;
E com tal novidade perturbado
Deixa de parte o regosijo e festa,
E per Tritão os deuses convocando,
As agoas para cima foi cortando.

....
....

Em calma neste tempo o mar estava,
E como rio manso parecia,
O vento em seu descanso repousava,
Nenhuma tábua concava surdia:
Oceano, que a frota divisava,
De Lusitanos ser reconhecia,
E por se lhes mostrar ledo e contente
Co'ésta voz faz attenta a humida gente.

« O bellissimas nymphas, ó marinhos
Habitadores do cristal salgado,
A ésta armada agora abri caminhos,
Que em calma a tem o vento socegado:
E' justo festejemos taes vizinhos
Que tanto teem meu nome acreditado
Por elles sou famoso, e todo o humano
A grandeza celebra do Oceano.

Cesse já do Erithreu a glória antiga
E seus tropheus magnificos suspenda,
Nem do Pontico mar louvor se diga,
Que meu direito e preeminencia offenda.
Outras crescentes, outros Estos siga
Esse Mediterraneo se pretenda
Igualar-se commigo; enfree o brio
O Mauritano, o Caspio, o Euxino frio.

Nenhum ceruleo reino se navega
De gente em paz e em guerra tam famosa,
Nenhum com tal corrente cérca e rega
Costa em viages tam maravilhosa;
Nenhum seus braços tam ufano entrega
A cidade tam nobre e populosa;
Que, se Ulysses lhe deu o fundamento
E' ja glória de Ulysses e ornamento.

Isto dizendo, os braços vai lançando
Com seu compaço igual pela agua fria
E a nau real c'os hombros inclinando
Escumas levantava e dividia;
Logo vai cadaqual outra aferrando,
Por não ficar detras sem companhia:
O curso era tam destro e diligente,
Que iam surdindo todos igualmente.

O navio do principe tirava
Com graça estranha a linda Galatea,
Que por descuido a vezes se mostrava
Mais alva que o cristal da propria vea;
Os olhos após si todos levava
E corações tras elles senhores;
Quantos a culpam de ligeira e leve,
Pois tal vista lhes faz assim mais breve!

Vasco Mousinho Q. e Castello Branco, *Affonso Africano*, ed. 1768, II, 33.

XI

Ulisses dispõe-se a fundar Lisboa.

Naõ se descuida o sabio peregrino
Nos jogos com q̃ o Rey o festejava
De obedecer ao Ceo, & a seu destino
Na fundação que o fado lhe ordenava.
Com peito alegre, & cõ sẽbrante dino
De quem tam alto bem participava,
Junta no largo campo a forte gente,
Desta maneira diz, grave, & eloquẽte :

Illustres companheiros, cuja sorte,
Cujo valor o mesmo fado admira,
Elle, que pio nos livrou da morte,
A empreza maior comnosco adspira.
Quanto se oppoz a vosso peito forte
Fora trabalho vaõ se o referira,
Pois o sofrestes, só lembrarvos quero
Para o que intento o mais que cõsidero.

Sabeis como as Sirêas, celebrando
Exequias a seu fim com nossa historia,
Hũa nova cidade eternizando,
Nos prometeraõ, nella a maior gloria ;
Occultas professias declarando,
De polo a polo ficará notoria
(Deziam) quando a terra que tẽ nome
D'hũa de nós os largos mares dome.

Hũa destas irmãs Ligia se chama.
Lysia, diz outra voz, se vãa não erra ;
Por Lusitania, ou Lysia o mũdo aclama
Esta a que o Ceo nos trouxe feliz terra,
Aqui pois nos espera eterna fama.
Aqui o fado nossa gloria encerra,
E no principio jà do bem que temos
O vaticinio das Sirêas vemos.

Nã vos deve esquecer, que o claro auspicio
Daquella aguia fermosa q̃ admiramos,
Cidade illustre nos mostrou propicio,
Se a famosos sinaes credito damos.
A gram Minerva com piedoso officio,
Em cujo nome o templo fabricamos,
Me animou a fundar nobre cidade,
Que o fado consagrava à eternidade.

Bem lembrados estais, que a penha dura
Que procurou naufragio a nossa vida,
Em cidade gloriosa alta ventura
Nos descobrio do fado promettida.

O mesmo (ó cõpanheiros) me assegura
(Fosse verdade, ou já visaõ fingida
Entre sonhos da força de um desejo)
O que no seio vi do claro Tejo.

A. S. de Macedo, *Ulyssipo*, ed. 1640, c. XIII.

XII

Episodio de Serralvo.

Sem cessar a mortifera batalha
Se embravecia cada vez mais fera,
Que de todos os lados se trabalha;
A gente que da vida desespera,
Dos peitos, e paveses faz muralha
Circular, e a pé quedo a morte espera,
Só o barbaro Serralvo se desvia
Do perigo, em que as outras nações via.

Era Serralvo moço gigantado,
Pequenos olhos tinha, e rosto feio,
Mui calejada mão, e pé gretado,
Largo de espadoas, e de peitos cheio,
Cabello crespo, e nunca penteado,
Barba inculta, vestido sem asseio,
As mãos vilosas, largas as munhecas,
Grossas as pernas, e as queixadas secas.

Este, que em muitas guerras pouco obrára,
Cobarde entre a bagagem se escondia
Tão vilmente, que nem volvia a cara
Aonda tão cara a vida se vendia.
Viriato, que umas mangas retirara,
E sobre todos tinha grã vigia,
Vendo aquelle corpaço alarpadado,
Mais severo o reprehende que indignado.

Desculpa-se tremendo, que não tinha
Arma, e por tanto ali se recolhera.
Viriato lhe diz — toma esta minha
Arma, e com ella faze o que eu fizera;
Para sempre t'a dou, alto caminha,
Que traz ti vou, e adverte que te espera
Grande castigo, ou premio: disse e parte
O bisonho discipulo de Marte.

Entra na escola sem conhecer letra,
Mas tão bem a lição do mestre aprende
Que do primeiro golpe, que soletra
Da testa aos peitos um centurio fende;
Multiplicando os vai, ossos penetra,
Que arma nenhuma d'elle se deffende:
A mais dobre, e fortissima armadura
Rompe, qual branda cera, a maça dura.

Um dardo, que lhe fora arremeçado
O ferio levemente na cabeça,
Do que impaciente o barbaro, indignado,
Em meio dos contrarios se arremeça,
Despedaçando os vai a cada lado,
Que de matar, e de bramir não cessa,
Parecendo-lhe poucos, quantos via
Para esfriar a colera, em que ardia.

....

Dez mil, ou mais romanos acabáram
Neste conflicto horrendo, e memorando,
E depois que os despojos saqueáram,
A Tribula se foram retirando;
Ali tudo igualmente sortearam,
Entre grande e pequeno, não levando
Viriato dos despojos conquistados,
Mais parte que qualquer de seus soldados.

Vantagens aos de mais merecimentos
Repartiu, para que outros murmurassem,
Que murmurações, jogo e juramentos
Não houve guerra na qual não se achassem.
Murmurando os de máos procedimentos
De que Serralvo aos mais avantajassem,
Um travésso, que bem o conhecia,
E que a seu lado estava, lhe dizia:

Pouco fizestes; quem de vós tal crera?
Sós cem Romanos pondes no terreiro?
Se me deram tal maça eu me atrevera
Com ella a derrubar mais de um milheiro.
Responde muito simples: se os colhera
Tambem eu os matara, companheiros;
Mas eram já tão poucos os que achava
Que só de quando em quando os alcançava.

Todos me pareciam pigméositos
Cernindo ao largo, como cães de caça,
Pois fugiam de mim como mosquitos
Do fumo, e me deixavam só na praça;
Mas se eu torno a encontrar estes malditos
Esta fará... e aqui erguendo a maça
Cabeceando se foi mui descontente
De em vez de a mil, matar a cem sómente.

....
....

Bras Garcia de Mascarenhas, *Viriato Tragico*, ed. 1699, pag. 6.

PROSA

XIII

O ouro.

Se as causas saõ pollos effeitos conhecidas, & elles testemunhão a excellẽcia, ou maldade dellas, qual o foy de mayores males, & danos na redondeza, & meteo aos homens em mais perigosos trabalhos que o ouro, a quẽ cõ muita razão podiaõ todos chamar peste do mundo; & posto que os notaueis exemplos das destruições & ruinas que nelle fez, podião tomar mais tempo do q̃ agora tenho para tratar delle; quero começar primeiro do seu nacimento, para que mostrem os seus arriscados principios, os desastrados successos para que a malicia humana o descobrio. E não desprezando o que diz Plinio taõ doutamente, q̃ não contentes os homẽs com o que a superficie da terra produzia para sua recreação, & mãtimẽto, a fermosura das aruores, a diuersidade dos fruitos, a belleza & cheiro das flores, a verdura das heruas, o esmalte das boninas, a abundancia dos legumes, quiserão desentranhar do centro della os segredos que a benigna natureza nos escondia.

Nace o ouro nas entranhas dos montes, & nas arterias occultas dos penedos; & sobindo como aruore da profunda raiz donde começa vay espalhando os ramos em desigual medida, conuertendo o sol com seus poderes aquella materia disposta & propinqua, até que chega a ser ouro, & se demostra por duuidosos sinais na face da terra; que logo daquella emprenhidão se mostra triste, dando por indicios da riqueza que encerra; herua descorada, delgada, sutil, & sequinhosa; area & barro leue, seco, & sem proueito, & ate as agoas que por entre as veas decem, saem cruas, & com sabor pezado. Espreitando estes sinais a industria humana, entra fazendo guerra ao profundo caminhando por debaixo dos montes sustentados em columnas da mesma terra deixando a vista do sol, & das estrellas, pondo as vidas ao risco das roinosas machinas que mil vezes os oprimem, que tanto a nossa sede fez cruel a benigna terra, que parece menor temeridade tirar do fundo do mar perlas, & aljofar, que do seu seyo, o inimigo ouro, que ainda então o não he mais que nas esperanças. Depois de tirado com tam custosas diligencias, saido como parto de venenosa bibora, rompendo as maternas entranhas, com o fogo se aparta, apura, & aperfeiçoa, ficando menos apto para o seruiço dos homens, na cultiuação dos campos, & aruoredos, & mais aparelhado para sua destruição, & roina; porque ou se laura para ostentações, & demasias da vaidade, ou se bate, & cunha em moeda, cujo preço tiranisa os poderes, & graças da natureza. Tirou o ouro a valia a todas ellas, & fez em si estanque de todos os comercios do mundo, no qual antes que elle apparecesse, se trocauão as cousas hũas por outras, com hũa composição, & trato mais conforme, & obrigado a necessidade, & comodos da vida, que aos roubos da cobiça, maldades da auaresa, & sobegidoens da vaidade; & apoderouse tanto de tudo o que na terra auia, que veyo a ser preço até da liberdade dos homens contra o direito natural, em que viuiam. Forão crescendo seus atreui-

mentos, & se antes de sair do centro da terra começou a matar homens, saindo della se leuantou contra o ceo, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes: tirou logo a vara das mãos á justiça, & deitado em sua balança peruerteo o fiel de sua igualdade.

F. Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, ed. 1619, dial. sétimo, 63.

XIV

A graça da voz, & as propriedades della. O espirito, & viuesa dos olhos para o fallar. O ar das sobrancelhas. Cõpostura do pescoço, cabeça, boca.

... O primeiro instrumento da pratica he a voz, & para essa ser engraçada no fallar ha de ter estas propriedades. Ser clara, branda, chea, & compassada, porque a voz escura confunde as palauras, a aspera, & seca, tiralhe a suauidade, a muito delgada & feminina faz impropria a acção do que falla, a muito apressada empeça e reuolue as razões que per si podem ser muito boas; não trato nas que a natureza inhabilitou para esta perfeiçaõ, como ha a voz do gago, do cisioso, & do rustico grosseiro; mas na do cortesaõ tomara eu estes atributos, porque ha algũs que fallão com a voz tam metida por dentro, que deixão as palauras para sy, & os ouuintes as escuras, que lhes he necessario estar espreitando o que lhes querem dizer. E outros que pronuncião com tanta aspereza, que espinhão as orelhas dos que escutão; & outros que fallam tão apressadamente, que parece que leuão esporas na lingua...

Depois da voz, os olhos dão muito espirito ás razões, porque como elles são as janelas d'alma, por elles se communica vida ás palauras: & assim hão de ser claros, alegres, & mouiueis, porque os muyto instensos, & estendidos, entristecem: os muito apertados & franzidos, mouem a despreso; os muito abertos, pasmados, & saidos para fora, fazem temor, & posto que os olhos por risonhos, nunca perdem graça, parece que nas praticas, graues, & de importancia, não hão-de ser muito chucalheiros...

Tambem a acçam do fallar toma muito [das sobrancelhas] porque franzidas fazem carranca, & mostrão que falla dum homem com manencoria: baixas, representão tristeza, ou vergonha: muito arqueadas, significão espanto: & leuantadas, alegria; & não menos conuem a composição da barba, que fincada nos peitos mostra desconfiança, ou perfia; & posta no ár, vangloria: & o pescoço, que nem se ha de ter tam leuantado que faça soberba nas palauras, nem tão baixo, que pareça que não pode com a cabeça; a qual não ha de estar tão firme que pareça que a espectarão nelle, nem se ha de quebrar para todas as partes como grimpa.

Da mesma maneira a boca ha de ser quieta quando falla, sem estar mordendo os beiços, nem torcendose, nem inchando com as palauras, nem com o riso se ha de mostrar tão descuidada que as entorne pollos cantos, nem taõ apertada, que offenda a boa pronunciação & graça dellas no que vay mais á lingua portuguesa q̃ a outras muitas...

F. Rodrigues Lobo, *Ibid.*, dial. oitavo, 72.

XV

Visita das Fontes.

Fonte Velha — Os homens principaes por hum de dous caminhos se lançaõ a buscar fortuna, ou pela rua das armas, ou pela rua das letras; a rua das armas he muyto comprida, & tem muytas travessas; a das letras he mais curta, porém muyto mais larga, & mais direyta; pelas armas, he verdade, que se acha mayor fortuna, mas tarde: pelas letras, ainda que menor mais em breve, & muyto mais certa; os erros das armas saõ como os da Cirurgia, os das letras como os da Medecina; aquelles logo se notaõ nos accidẽtes exteriores; os outros com a terra se cobrem, & se dissimulaõ; por onde sucede, que se hum Capitaõ errou, o castigaõ de cõtado & tẽ o perigo no mesmo erro; mas se errou o Letrado naõ he a letra vista, & sobejamente mofino será aquelle, q̃ com dous annos mais de paciencia, que o outro, lhe naõ atalhe diante, ou sayba, ou naõ sayba; porque seu competente saber, he saber fazer isto.

Apollo — A quantos delles conheço eu!

Fonte Velha — A esta causa, & como elles no alheio se examinaõ, basta que hum homem falle confiado, tenha as barbas rocegantes, como opa de Cortes; que dos oculos se naõ dispa já mais; que donde o naõ entenderem falle latim; dezenrole Digestos, Textos, glosas, & expoziçoens; com seus numeros, & paragrafos, mas que nunca tal digaõ; porque ao correr da conversaçaõ, se naõ enxerga se vaõ, ou naõ em seus lugares, para que o que tal fizer seja tido por Oraculo.

Soldado — Por isso disse o nosso rifaõ: por fóra páo, & viola, & por dentro paõ bolorento.

Fonte Nova — Grande conceyto fiz eu já deste modo de homens, mas confessovos, os naõ conhecia tanto, como depois, que a frequencia de meus trabalhos mos fez familiares.

Fonte Velha — Pois agora como entendeis delles?

Fonte Nova — Entendo que o naõ entendo.

Apollo — He cousa triste viver com todos, & julgar os que vos hão-de julgar; sendo certo, como antigo, aquelle costume, ou ditado, que a justiça todos a querem; em sua casa ninguem, & menos em si mesmo. Confesso os commodos desta profissaõ, mas naõ ignoro os incomodos, que quando outros naõ tivesse, se naõ aquelle máo costume de ler sempre por ruim letra, naõ era pensaõ facil: por outra parte tambem considero ser esta huma vida segura, onde a vida poucas vezes naufraga.

Fonte Velha — Se Apollo bem soubera a observaçaõ, que tenho feyto em prova deste discurso, que mais se affirmara nelle.

Fonte Nova — Communicai-no-lo.

Fonte Velha — Vós sabeis, que trazendo nosso novo Reynado mil novidades ao mundo, salpicaraõ os inconvenientes dellas, naõ sem perigo, a toda a sorte de homens da Republica. Pelo Estado Ecclesiastico Arcebispos, Bispos, Religiozos, & Prelados; pela ordem da nobreza Duques, Marquezes, Condes, Ministros, Fidalgos, & Desembargadores: pelo estado comum tratantes, Mercadores Officiaes & plebeos; vimos logo, que para todos estes generos de gente se estendeo a vara do castigo, ou do ferro, ou do cordel, ou da recluzaõ, ou do exilio, mas naõ vimos, que sendo a tormenta taõ levantada, que as

ondas apagarão as Estrellas, molhasse alguma destas ondas a esfera dos Letrados, sendo que mostra a rezaõ, naõ podiaõ ser todos os sospeytozos innocentes, como o naõ foraõ todos os mais criminados de diversas profissoens.

Apollo — Largo, mas verdadeyro discurso. Assim foy pontualmente.

Fonte Nova — Bem dissestes dos Jurisconsultos, sois bem informada de tudo, & dahi vem, que de tudo podeis informarme.

Fonte Velha — Naõ fia Coimbra, Salamanca, nem Pariz como os muytos annos, se os cultiva o juizo.

Fonte Nova — Pela conta tambem conhecereis aquelle Clerigo pompozo, que por acolá atravessa, taõ seguido, ou taõ perseguido?

Fonte Velha — Naõ vos digo quanto pudera, & tinha para vos contar, por naõ levar tudo ao cabo, que já neste mundo huma pessoa de alta discriçaõ, desgabava huma prezumida de muyto discreta, com dizer, que Deos a livrasse da pratica de fulano, porq̃ era homem prezado de ter resposta para tudo.

Fonte Nova — Antes he indicio de grande engenho, & lanço de estremado Cortezaõ.

Fonte Velha — Eu vos direy; assim he isso, como sentis nos termos ordinarios, mas se lançarmos o contra ponto sobre este ponto, naõ hade ser a conversação dos entendidos, como aquelle Adagio, que dizem da panella, & da pedra. Dá a panella, na pedra, mal pela panella! Deos vos livre de homens rhetoricos, que sempre querem ser a pedra, & fazer de vós a panella; sempre vos querem quebrar o verbo na boca, & que a sua valha: eis aqui o que chamamos discrição impertinente, & se mais apertares indiscriçaõ.

Apollo — Fallou a prepozito esta fontainha como se fora mulher de arte, ou homem denche maõ a todos vo lo declaro, o que naõ for comedido, naõ póde ser entendido: tal vez se realça mais a sabidoria, parecẽdo ignorãcia; se hũ discreto falla com hũ Principe, com hum Senhor, & em fim com um mayor, que elle, ou seu igual (& melhor se mais pequeno), he modestia prudentissima naõ querer afogar logo as alheias rezoens com outras melhores, posto que naõ faltem; porém aqui naõ chega a mera politica sem a prudencia propria; sendo a rezaõ, porque os homens mais facilmente se apartaõ, do que gozaõ, que do que concebem: com tudo naõ he deyxar de acertar, mostrar embora, que as cousas se naõ acertaõ.

Fonte Nova — De esses seria aquelle grande cortezaõ dos Portuguezes, que disse ao filho, vindo do Paço: filho vamo-nos de Portugal, porque ElRey já sabe, sey eu mais que elle.

Apollo — Devagar o dizeis porque naõ só he ufania, mas perigo, querer sempre ter a melhor opiniaõ.

Soldado — Folgo de ouvir o coloquio & a velha honrada naõ vay fóra de caminho, pelo que logo direy: eu tinha no meu tempo, quando era espadachim, huma rodella de cortiça muyto molle, & hum borquel de aço muyto duro & como a cortiça fosse muyto brãda, & se deixasse penetrar das cõtrarias espadas me defẽdia melhor, ficando sempre salvo; o que naõ fazia o demonio do borquel, que a cada briga me estalava, deyxandome convidado do resto da mão dobre.

Fonte Nova — Estranhissima volta foy esta: dos breviarios, & folinhas de hum Clerigo viemos ás espadas, & borqueis deste rufiaõ. Bem disse aquelle, que chamou arvores ás conversaçoens; pela copia, & variedade de ramos, & de esgalhos, que lançaõ a cada palavra.

Fonte Velha — Emenday os desconcertos fazendo conta, que ainda agora me perguntastes por aquelle escollar.

Fonte Nova — Sobre emendar depressa desmanchos vagarozos, havia assàs que dizer; mas he ir dar em outros.

Fonte Velha — Aquelle Clerigo, que passou, por quem perguntastes he homem de melhor sangue, que juizo; & como se o despozorio da Mitra foraõ bodas temporaes, pertende pelo seu sangue a melhor espoza das Igrejas do Reyno: alcatruzou o pobre (ante tempo) como se na capacidade dos hombros estivesse a capacidade! Barbou no berço, como se ao modo das forças de Samsaõ consistisse no cabelo a virtude; ha por isso quem affirme tem tantos unguentos para cayar as barbas, como algum velho verde para envernizar as cayaduras do tempo. Reza dezentoado, para ser ouvido; esquecemlhe os cilicios, & disciplinas por cima dos bofetes na casa das vizitas; & se ElRey vay a alguma Igreja, esquecese elle no altar duas horas: finalmente tendo a ambiçaõ, vaidade, & cobiça de portas a dentro do animo, naõ ha diligencia oculta, que por illicita engeyte, a troco de se ver colocado entre os Antistetes da nossa terra.

Fonte Nova — Olhay cá, ainda podèra ser peyor: eu creyo, que o mundo naõ está de todo depravado, em quanto vejo durar a hypocrezia; esse fingimento de virtude ainda nos dà algum sinal de que ella póde valer alguma cousa. Guardenos Deos de homens (& mais deste estado!) soltos & despejados dos devidos respeytos!

D. Francisco Manoel de Mello, *Apologos*... ed. 1721, 156 a 164.

XVI

Preparativos para o descobrimento da Ilha da Madeira.

Vendose o nosso Rey Dom Joaõ Primeiro, de boa memoria, ja desoccupado das guerras de Castela, naõ quis, como varão constantissimo, esperdiçar a serenidade de sua Republica em o repouso, com que licitamente pudera gozalla, despois do largo trabalho de sua recuperação & defensa. Armou nobre exercito; cõ o qual passando o mar, antes q̃ algum Principe de Espanha, conquistou aos Mouros, a ilustre Cidade de Ceita, & antigo povo de Africa, a quem deu memoravel nome a perda de Espanha, que por suas portas teve principio. Alcançou Dom João este triunfo pellos annos de 1415, ajudado não só dos Vassallos, como filhos, mas dos filhos, como Vassallos, servindolhe de Capitães de suas hostes o Principe & os Infantes; entre os quaes se sinalou, em valor, & disciplina, seu terceiro filho Dom Henrique, Mestre insigne de toda a arte militar, & de nossa milicia de Christo; por ser mais rico, & afeiçoado ventajosamente, a emprezas dificultosas; cujos intentos, crecendo em a virtuosa emulaçaõ do que via conseguir a elRey seu pay, em si mesmo se estava cada hora ensayando para mayores efeitós.

Havia o Infante estudado, entre as materias Mathematicas, com mais afeição, a Cosmographia; & como em Africa praticasse acerca della cõ muytos Judeos, & Mouros, noticiosos das Provincias remotas, & das costas, & mares, que as cercão, instantemente se inflamava seu coração, em o desejo de descobrilas, & ganhalas; não para acrecentar

os dominios temporaes, mas para dilatar a Fè Catholica, & reverencia do nome de Christo; de cujo divino oraculo, he fama, foi animado à tal empreza.

Resoluto, em fim, a fazer a Deos este serviço, & este beneficio ao mundo todo; para melhor executar seus propositos, recolhẽdose da jornada de Ceita, se ficou no Algarve; donde em a Angra de Sagres hũa legoa apartada do antigo Promontorio, que *Sacro* disserão os Romanos (& dahi *Sagro*, a *Sagres*, a quem chamamos hoje *Cabo de Sam Vicente*) fundou hũa villa em ordem à sua assistencia, & mayor comodo das navegacoens que intentava... que despois em mais Portuguez, & grato modo, foi dita: *Villa do Infante.*

Por este tempo, & desde este lugar, começou D. Henrique novas conquistas, & descobrimentos: revolvendo cada dia suas embarcaçoens os mares do Atlantico, & Occidental...

Entre as pessoas, que o Infante D. Henrique ocupava nestes descobrimentos, foi principal (pello menos, naõ se sabe de outra mayor) hum nobre Cavalleiro de sua casa, que disseraõ: *Ioão Gonçalves Zarco.* Duvidase, se por alcunha, apelido, ou façanha. Fora criado no Paço & disciplina delRey Dõ Ioaõ o Primeiro, & por elle dado em grande estimaçaõ ao Infante. Não havia ainda neste tempo os livros dos Filhamẽtos, dõde permanece escrita a Nobreza civil cuja invẽçaõ, ou forma, se achou no Reynado de D. Afonso Quinto. Por esta razão, naõ por falta de callidade, que em Ioaõ Gonçalves houvesse (pois segũdo affirmaõ os que delle escrevem, era sobeja & adiantada á de seus cõpanheiros, como se lê em Ioaõ de Barros) & se achava nelle menos, o titulo de Fidalgo, da casa do Infante; a quẽ servia nos postos de mayor confiança & autoridade: qual o mando que lhe encarregou com suas armas, em que de força havia de concorrer a mão delRei; cujo Capitam mór do mar, algũs dizem que era; & este o mayor titulo, que nossos Reys davaõ aos Cabos de seus exercitos, no mar, ou no campo. He tambem de advertir, que nas armas do Infante, se incluyaõ as da Religiaõ de Christo; de cujas rendas Dom Henrique fornecia seus navios; o que sendo, como he, sem duvida, resulta em mayor honra da pessoa de Ioaõ Gonçalves, & preminencia do grande lugar, que logo em seus principios ocupou neste Reyno; o qual se lhe conferio por sangue, & merecimentos; havendo sido um dos Capitaẽs, que elRey Dom Ioaõ o Primeiro armou cavalleiros, o dia do assalto de Ceita; & que despois em todas as emprezas de Africa, acõpanhou a elRey seu senhor, & o Infãte seu amo, cõ tãta singularidade, que se diz delle: *Foi o primeiro Capitaõ, que introduzio em os navios o uso da artelharia.*

Nesta forma governando sua Armada, discorreo Ioaõ Gonçalves, pello estreito de Gibraltar, a fim de passarse á costa de Africa, nos principios do anno de 1420 havẽdo jà em o anno atras passado de 1418, como acaso, descuberto a Ilha do Porto Santo; vindo arribado por razão de grandes tormentas da viagem, que aquelle verão fizera, em demanda do Cabo Bojador. Naõ estavão ainda as contendas de Portugal & Castella, por este tempo tam acabadas, que entre os subditos, não houvesse algũas ocasioens de discordia donde procedia, que Portuguezes, & Castelhanos, costumavaõ prenderse, quando no mar se achavaõ, sem outro pretexto, que julgarse o agressor mais poderoso.

Falecera em Castella, a 5 de Março de 1416, o Mestre de Calatrava D. Sancho, filho ultimo delRey D. Fernando de Aragaõ; o qual Mestre

deixàra em seu testamento hum rico legado por sua alma; para que de Marrocos, fossem resgatados muytos cativos Castelhanos; & entre estes foi hum dos que receberaõ primeiro liberdade (pello resgate do Mestre de Calatrava) o Piloto Ioaõ de Morales, de quem havemos feito particular mençaõ, & correrá igual por todo este tratado. Navegàra aquelles dias, de Africa, a Tarifa, em hũa fusta, q̃ cõduzia a Espanha, a mayor parte dos resgatados Castelhanos, quãdo sendo descuberta, da Armada de Ioaõ Gonçalves, & perseguida dos navios mais ligeiros, veyo, sem algũa defensa, a seu poder; mas o Capitão atentando a miseria dos rendidos, como tam certo da clemencia do Infante Dom Henrique, lhes deu logo liberdade, reservando só para si, a Ioaõ de Morales, que como pessoa mais prática, & de longo cativeiro, quis apresentar ao Infante; entendendo poderia alcançar delle algũas das noticias, que buscava; do qual proposito, sendo certificado Ioaõ de Morales, tam pouco refusou a nova prisaõ q̃ como homem astuto, se ofereceo voluntariamente, para servir com hũa grande oferta, à curiosidade do Infante Dom Henrique praticando desde logo a Ioaõ Gonçalves, parte do segredo da nova terra, que esperava inculcarlhe, & corroborando as noticias, que della tinha, com a historia do Ingrez Roberto, segundo de seus companheiros a havia entendido.

Mais rico desta esperança, que de outra alguma presa, se voltou logo Ioaõ Gonçalves ao porto de Terça Nabal; donde fazendo relaçaõ de sua breve viagem & facil encontro, apresentou ao Infante a pessoa de Ioaõ de Morales; a quem deu conta de sua arte & segredos. O que tudo sendo do Infante, ouvido, & examinado, ja naõ sabia a hora, em que havia de começar tam grande empreza, & tanto a seu genio acomodada: porque sobre ser cousa sabida, que os Princepes fazem ventagem aos mais homẽs, na sutileza de seus espiritos, em nada se mostra mais expressamente, que no apetite, a diferença, ou melhora, que ha entre seus, & nossos afectos.

D. Francisco Manoel de Mello, *Epanaphoras*, ed. 1676, 309 a 315.

XVII

Carta a hum amigo acompanhando um livro de versos seus.

Bem auiados estauaõ os pequenos, se fora ley do agradecimento, o ser igual ao beneficio! Entaõ só foraõ agradecidos os poderosos, e esses pode ser que o naõ fossem. Quis Deus que esta miseria nos escapasse, ou nós a ella: porque senaõ prezasse muito a Fortuna, de que, sobre nos deixar miseraueis, nos deixaua tambem infames. De outra sorte a grandeza seria contrato; pois dar para receber mercãcia parece, e naõ generosidade. Mas que conta dera eu de my, se houuesse de pagar a V. M. quanto lhe deuo? Ou se para lhe pagar necessitasse de outro metal que a memoria das diuidas? Inuençaõ foy do Amor, que ou desprezou, ou naõ alcançou outros tezouros, que acunhar animos, e bater vontades, com que satisfazer a todos seus acreedores. Là reparei em que, naõ sem misterio, chamamos: Cifra a qualquer figura, que encerra algum segredo, e Cifra, áquella figura de Arismetica, que não montando nada, dá valor a todas. Digo eu que deue

ser este, o geroglifico da gratidaõ; porque sendo em sy naõ mais de hum humilde afeito, realça todas as obras, a que se ajunta. Ora Senhor, á conta destes nadas, receba V. M. este nada que lhe offereço, Queixese embora o Filosofo, de que a amizade faça do nada alguã cousa. No cabo de tanto deuer, começo a deuer mais, obrigando, a que aceite V. M. culpas por satisfaçoẽs. Em fim saõ obras minhas, que só agora acertáraõ, em buscar a V. M. Mas este caminho dias ha que o sabem os meus errores. V. M. he taõ Portugues, e taõ bom Portuguẽs, que naõ engeitará a conuersaçaõ destes consoantes; os quaes, ainda que meus, postos com pouco artificio, e pesados em breue consideração, (naõ sey eu, se se parecem com aquelles a que imitaõ) mas lá se tem, sequer, hum gram desejo de se lhe parecerem Rico he o mar das mais soberbas aguas, e até o nosso riozinho de Alcantara corre para elle. Outros seraõ Tejos, e Douros; este he pequeno regato, mas leua o que tem á presença de V. M. e quem dá quanto tem, dizem por cá que naõ he mais obrigado. Tambem as nossas velhas são Ariostos. Nosso Senhor &c. Torre em 28 de Outubro 1648.

Id., *Cartas Familiares*, ed. 1664, Primeira parte, 159.

XVIII

Carta a hum Ministro satisfazendo algumas faltas de correspondencia.

Qve correspondencia se pode esperar de hua alma despadaçada? Eu me chamara ditoso, se só o fosse da violencia a pessoa, com que ao espirto se perdoasse. Lá chegaõ as lanças da sem razaõ, lá fere a dor, lá mata a melancolia. Ainda mal por que os meus desprimores tem taõ grande disculpa! Ando fora de my ha muitos tempos; e agora ando sem my; porque não bastou que me destruissem estes que me perseguem, sem que tambem me enganassem Tenho obseruado vay o meu negocio acima taõ perdido em fim, como meu. E supposto que da Altura muito pudera confiar, a minha fortuna me faz temer não menos. Grande escudo he por certo aquelle, de quem V. M. me auisa houue por bem cubrir, e amparar com sua sombra minhas desgraças. Já pellos D. N. hauia sabido a singular merce que a Senhora N. fazia ao meu nome: bem mais deuida he esta obra ao seu sãgue, que ao meu merecimento, de todo indigno de tal auxilio. Se esta Princesa quis mostrar seu poder, e bondade em me valer; naõ acertára com outro sogeito, em que tudo mais se luzisse; porque taõ grande desgraça, de tamanho fauor necessitaua. Mais naõ ha em my. Mas tambem fora ingratidão faltar eu com o material para esta obra. V. M. pode offerecer-me a sens pés deuotissimo, e perpetuamente obrigado, e necessitado da honra e merce que N. comigo exercita: nesta vltima affliçaõ mais necessaria, que em nenhuã das passadas. Estou certissimo que tanto neste rogo e offerta, como em tudo mais, que me tocar, naõ faltará V. M. em me fazer merce, conforme tenho visto, e espero ver em quanta viua, e tambem merecer. A consulta parece naõ tardará muito em vir á secretaria. Queira Deus seja de tal sorte, que tenha V. M. o primeiro contentamento de bom successo: e guarde a V. M. muitos anos, como desejo. Torre em 2 de Setembro de 1594.

Id., *ibid.*, 507.

XIX

De algũas memorias que ha até o fim do Imperio de Octaviano Augusto...

Com a paz uniuersal que veo ao mundo, nacendo o Author della, a tiuerão todas as Prouincias do Imperio: & cõ ellas nosso Reyno de Lusytania, cansados já seus naturaes de tão continuas guerras, como trouxerão cos Romanos, em deffensão de sua liberdade; vendo quãto menor inconueniẽnte era gozar hũa sogeyção liure pera todo o mais que não fosse Reynar, que sustentar liberdade sogeyta a tantos contrastes, como traz consigo a guerra. Pera demonstração deste repouso (poucas vezes visto dos Romanos) mandou Octauiano cerrar a vltima vez as portas do Templo de Ianno, de tres que (como quer Paulo Orosio) as cerrou durando o tempo de seu Imperio, sendo antigo costume tellas abertas em quãto auia nouas Conquistas, ou Prouincias rebelladas, o qual teue seu principio (conforme aponta Macrobio) na guerra dos Sabinos, viuendo ainda Romulo: porque estando a porta do Tẽplo de Iano, junto a outra do Muro da Cidade, q̃ algũs soldados Romanos deiyxarão desẽparada, cõ medo dos immigos, e indo ja os Sabinos pera entrar por ella, sayo de dentro do Templo hum golpe de agoa tão copioso e quẽte, que bastou a impedir a entrada aos contrarios, & segurar a ruyna & destruyção dos Romanos, & por reconhecimento deste beneficio, em quanto auia guerras contra Roma estauão as portas deste templo abertas: dando nisto a entender a confiança que tinhão em quem tão bem os ajudara. E deste tempo tão antigo, ate o de Octauiano, só as virão cerradas, reynando Numa Pompilio, & acabada a primeira guerra de Carthago, sẽdo consul Tito Manlio, mas o que os antigos alcançarão tão raramente em tanto discurso de annos, se vio tres vezes, nos cincoenta & seis que durou o Imperio de Octauiano Augusto a primeira das quais foy acabada a guerra ciuil com Lepido, Cleopatra, & Marco Antonio: A segunda. domada Espanha, & a vltima, desbaratados os Alemães & gentes do Illirico. E desta em diante teue o mundo grande repouso, nacido mais da presença do seu Criador que nelle viuia já humanado, que do temor das armas, & potencia do imperio Romano: & Octauiano gozou o que lhe restaua da vida, cõ grande felicidade, & fora mayor, se lhe não faltara nos descẽndentes, porque de quatro mulheres com que foi casado, ouve só hũa filha chamada Iulia, menos continente do que sua nobreza requeria. & sendo ja viuva de dous maridos, chamados Marcello & Agrippa, a casou vltima vez com Tiberio seu enteado, filho de sua mulher Liuia Drusila, & de Tiberio Nero, com quem fora casada, & a quem Octauiano a tomou pera se casar com ella. O dote que deu ao enteado, foy tomalo por filho adoptiuo, & habilitalo pera a successão do imperio. Do que neste tẽpo succedia em Portugal ha muy pouca noticia, porque como cessarão as guerras, & viuião todos sogeitos aos Legados & Pretores Romanos, não auia cousas dignas de ponderação, que os Authores deixassem em lembrãça...

Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, parte II, fl. 1.

XX

Gonçalo Hermíguez o Traga-Mouros.

....

Tratou Gonçalo Hermiguez com algũs caualeiros amigos seus de fazerem hũa entrada em terra de Mouros, & correram a villa de Alcacere do Sal, que por estar muito adẽtro em terra de imigos não temia ser cometida senão por exercito formado. Goardouse esta determinação em segredo, por não vir à noticia dos Mouros, ate a entrada do mes de Iunho, em que se forão a Lisboa poucos & poucos por caminhos diversos, pera assim encubrirem mais o caso, & aos dezanoue do proprio mes, tomando algũas barcas se meterão a metade pello rio, & a outra se passou ao castelo de Almada, leuando todos concertado de acometerem os Mouros na madrugada de S. Ioão Baptista, hũs por mar, outros por terra, de modo que se achassem todos juntos na empresa. Fauoreceuos a ventura por chegarem vespora de S. Ioão a noite, hũs pello rio, & outros por terra à vista da villa onde os Mouros descudados de semelhante rebate, andauão ocupados nas festas & jogos, que costumaõ fazer em tal dia, & na madrugada do seguinte antes de rõper a menham, tendo o campo (a seu parecer) seguro, & o rio desocupado de vellas contrarias, abrindo as portas da villa se sahirão ao campo Mouros & Mouras, & outros metidos em bateis se alargarão pello rio, cantando mil romances & trouas ao Mourisco, & fazendo grandes algazaras, & as Mouras nobres espalhadas hũas pellas ortas com capellas de flores nas cabeças, outras ao longo da praya com ramos verdes nas maõs, acõpanhadas de Mouros illustres, hião gozando das musicas dos barcos, & da frescura da menham, agoardando que esclarecesse mais o dia pera verem hũa gentil escaramuça de caualo, que se havia de fazer, & quando se dauão por mais seguros, & o contentamento andaua mais em seu ponto sayo Gonçalo Hermiguez da emboscada, & postos os seus em concerto mandou tocar as trombetas, & gritando por Santiago, derão nos Mouros desarmados & vestidos de festa, & os barcos do rio remando com toda furia pera os contrarios poserão tudo em grande confusaõ, sem auer Mouro que tiuesse acordo pera reparar tão supita desgraça, & se o gosto de matar & catiuar não ocupara o entendimento dos nossos, sem duuida puderão ganhar a villa & ficar senhores della...

Aconteceo ver Gonçalo Hermiguez entre outras Mouras catiuas hũa cuja estranha fermosura pode no meo de tanta confusão & ruido de armas mouerlhe o coração a se cõpadecer das lagrimas que lhe via sair dos olhos, & como neste meo tẽpo acudisse da villa muita gente de cauallo, assim dos que escaparão fugindo como dos que não sairaõ fora, & começassem a jugar as lançadas cõ os nossos, o capitão deu pressa a se recolherem os despojos nas barcas pera se alargarem de terra, & vendo que se não podia recolher tudo sem perigo, deixando algũs catiuos na praya, mandou leuar ancora, & seguir sua derrota, por não perderem muitas pessoas a troco das poucas q̃ ficauão em terra, entre as quais ficou a Moura fermosa que o capitaõ trazia de olho, & quando os quis por nella vio que hum Mouro de caualo a tomaua pera se recolher com ella, & a por em saluo, pello que largando tudo o mais, & pondo as pernas ao ginete

se lançou tras o Mouro com tanta velocidade como hũ rayo, sem bastarem ao deter muitos que lhe sahiaõ ao encontro, & dado que com a lança de arremesso lhe pudera fazer dano, deixou de lhe atirar por não offender a Moura que leuaua cõsigo, pello que apertou tanto o caualo que ouue de chegar ao Mouro, a quem ferio de hũa cruel lançada, & cobrou a Moura com a qual se tornou á escaramuça, & vendo que os seus andauão muy embaraçados nella, temeroso de sobreuir maior numero de Mouros & lhe tomarem os passos, fez tocar a retirar, & como gentil ordem se forão despidindo dos imigos a quem foy por muytos annos assaz lamentauel aquelle dia, porque nelle perderão entre morta & catiua a flor & nobreza de sua villa. & assim as deixaremos em seu pranto por seguirmos o valeroso capitão Gonçalo Hermiguez que alegre da vitoria em que matara tantos, & muito mais de cobrar a Moura, hia com ella, sustẽtada no braço esquerdo emparandoa com adarga, & com a lança na direita rebatendo algũas arremetidas, que os imigos vinhaõ fazendo na retagoarda, ate que desconfiados de cobrarem o pedido, deixarão caminhar os nossos a seu saluo ate Almada, que então era hũa pouoaçaõ muito piquena, onde estiuerão aguardando ate chegarem as barcas pello Tejo acima, nas quais se foraõ ate Sãtarem onde estaua el Rey Dom Afonso, a quem foy muy alegre a noua de taõ bom successo. E vindo a repartir os despojos, escolheo Gonçalo Hermiguez pera si a Moura que ganhara por sua lança sem querer nenhũa outra cousa. com a qual acabou em breue tempo, que renunciada a ley de Mafoma se conuertesse á de Iesu Christo pera se poder casar com ella, & no baptismo mudou o nome de Fatima em Oriana Hermiguez, como lhe chama a memoria de que vou tirando toda esta historia. Taõ estranho foy o amor que ambos se tiuerão, que por marauilha se falaua nelle em Portugal, & o mostraõ bem algũs versos que lhe faziã de que porey algũs, que tem lugar em qualquer obra, por se ver nelles os mais antigos termos da lingoa Portugueza.

Tinherabos, nom tinherabos,
Tal a tal ca monta!
Tinheradesme, nom tinheradesme,
De la vinherades, de ca filharades,
Ca andabia tudo em soma.
Per mil goiuos trebelhando,
Oy oy, bos lombrego
Algorem sè cada folgança
Asmei eu : per que do terrenho
Nom ahi tal perchego.
Ouroana Ouroana, oy tem por certo
Que inha bida do biber
Se aluidrou per teu aluidro perque em cabo
O que eu ei de la chebone sem referta,
Mas não ha perque se ver.

Bernardo de Brito, *Chr. de Cister*, ed. 1602, liv. 6.°, cap. I, 370.

XXI

Habitantes de Viana; a cidade.

Os homēs ou sigão as armas, ou as letras, ou se dem à mercancia & navegação em tudo provão bem, em gèral agudos de engenhos, duros no trabalho, capazes, sizudos, amigos do bem comũ, & da conservação delle, moderados na vida, & gasto ordinario, mas nas occasiões de hònra mais q̃ liberaes: esforçados & animosos nos perigos: briosos em todo o tempo, & amigos de se fazer respeitar & conhecer por taes; nas armas, e nas ciencias tem lançado homēs de tanto valor, & tantos em numero que se fazem agravo no que tem por honra, que he naõ buscarem escritores que os fação no mundo celebrados.

Todos os nobres exercitaõ a mercancia a vso de Veneza & Genova contra o costume das mais terras de Portugal, que os louvão & naõ os seguē, invejão a felicidade & bõs sucessos do trato, & não sabē imitar a industria. As molheres naõ vivē em ociosidade, mas são daquelle humor q̃ a Escritura gaba na q̃ chama forte, aplicadas ao governo de sua casa, & a grangear com trabalho & industria das portas a dentro, como os homēs fora de casa. E onde ista ha não faltaõ as mais virtudes de honestidade, & cõcerto de vida. Assi ha matronas de muyto preço, & bom exemplo, & tão inclinadas a encaminhar as filhas a serem molheres de casa, & governo: que assi como em outras terras he ordinario na tenra idade mandallas a casa das mestras com almofada, & agulhas: assi nesta as vemos ir às escollas com papel, & tinta, & aprender a ler, & escrever, & contar. Como a gente he tal a terra he bem governada, barata, limpa, bem provida, cheya de fontes trazidas com arte a lugares differentes pera comodidade dos visinhos, & fabricadas custosamente.

Ha muytos edificios nobres, se bem saõ de arquitectura ordinaria. Nas mais das casas portaes, & janellas de pedraria com suas rexas de ferro, & seus brasões, & divisas sobre as entradas: dentro concerto, & policia em atavios, & trajos, & alfayas: os templos como as casas, não tem excellencias de arquitectura, mas riqueza de retabulos dourados, & abundancia de prata, & ornamētos, & bom serviço, especialmente a Matriz que he acompanhada de grande numero de clerigos, & autorizada com suas dignidades de Arcipreste, & conegos. No edificio tem grandeza: & nos officios divinos grande solenidade & cõcurso de todos os estados de gente, argumento de devação & bom espirito. Ha dous mosteiros de freiras de grande observancia, que cada hum passa de cem religiosas, & outro recolhimento de molheres honradas pobres: mas não avia ao tempo que o nosso Arcebispo ali foy mais qum sò Convento de frades, & esse fòra da villa hũ bõ espaço, & de religiosos entregues mais à vida contemplativa, que aos cuydados & trabalhos da activa. He a Ordem de S. Francisco, a Provincia de S. Antonio.

O rio dece acompanhado de hũa, & outra margem de quintas frescas, & casaes rendosos, & lava os muros da villa da banda do Sul Não traz muyta força de agoas, que he causa de abrir pouco em foz, & ser a barra estreyta, & de pouco fundo: cõ tudo he a melhor, & mais segura, & limpa de toda a costa, desdo Minho ao Tejo: & não a gabamos muyto, porq̃ nesta distācia avēdo muytos rios, & algũs bē poderosos de agoas, nē ha porto bõ, nē barra sē

perigo. Para estarẽ seguros dos temporaes os navios q̃ entrão, & aver juntamente cõmodidade na carga, & descarga delles corre ao longo do rio hũ grãde, & estendido caes de grossa cãtaria, altamente fundado & terraplenado, com suas decidas de escadas e lingoetas para serviço de toda hora: obra de muito custo, & de grande importancia, & nobreza pera a villa: & vay continuando rio abayxo atè despegar dos muros: & despois de acompanhar hum espaço a povoação de fóra alarga contra o rio, & logo recolhe outra vez para a terra, de maneira que faz encima hũa boa praça: & da esquina donde começa a recolher, lança hum molde de forte muro, que corre agoa abayxo hum bom espaço, arqueado como um braço: & assi fica fazẽdo hum reducto capaz de grande numero de navios, estancia segurissima de todos os vẽtos que aqui fazem dano, porque àlem de poderem ficar dẽtro os navios em seco & cõ as proas em terra, ou metidos na vasa, ficão emparados dos ventos travessias que entrão por cima da barra, com outro muro q̃ abaixo em distancia competente sae da villa cõtra o rio, & faz frõtaria com a praça que dizemos assim. Guarda a bocca do rio hũa Força feita à moderna com cinco grãdes baluartes providos de boa artilharia, & guarnição de soldados competente. Mas melhor a guardão os moradores da villa, sempre espertos, & sempre prestes a tornarem por sy. A villa he cabeça de Comarca, & Correyção com muytas villas, & Conselhos sogeitos à jurdição do Corregedor della: & tem mais dous ministros Reaes letrados: hum que he Provedor da Comarca, & outro Juiz de fóra que administra justiça na villa & termo, & preside no governo da Camara. A um tal lugar parece que faltava sò para inteyra nobreza hũa companhia de Prégadores, que como soldados, & juntamẽte mercadores do Ceo esforçassem a devação, fizessem guerra aos vicios, & abrissem logea de mercadoria, & trato celestial, onde tanto havia da terra.

Frei Luís de Sousa, *Vida de Dom Frei Bertolamev dos Martyres*, ed. 1619, liv. I, cap. XXVI, 47.

XXII

Discurso do Arcebispo de Braga D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, ao Pontífice.

...Mas, Santissimo Padre (acrescentou o arcebispo), huma obra tão santa e de tanta justiça não tem inda sua perfeição, Que V. Santidade tirou e não consente que os bispos que assistem a sua mesa estejão em pé e descubertos, como em tempo atrás se soffria; que mais razão ha para estarem da mesma forma nas juntas e congregações que se tem diante de V. S., como notei nesta ultima, que durou tres ou quatro horas, e todos estiveram em pé quantos bispos forão presentes, e com os barretes na mão? Juntando-se outra desigualdade que pera o meu entendimento faz o caso mais indigno, a qual foi ver no mesmo tempo os cardeaes bem assentados e suas cabeças cubertas. Se os bispos em quanto bispos são superiores aos cardeaes em quanto sòmente cardeaes (porque já deixamos declarado no concilio que os bispos tem o primeiro lugar da Igreja) em que justiça caberá que os cardeaes, que he huma dignidade instituida sómente por authoridade e conselho humano, sejão aventajados diante

de V. S. nas honras do barrete, e assento, aos bispos que forão creados por authoridade divina pelo mesmo Christo, Senhor nosso, e succederão no lugar dos santos apostolos? Que razão pode aprovar que onde os cardeaes estão com tanta honra, fiquem os bispos humilhados, e abatidos, e afrontados? Beatissimo Padre, os bispos em quanto bispos são vossos irmãos, e como taes devem ser tratados.

Id., *Vida do Arcebispo*, ed. 1763, pag. 180.

XXIII

Doença e morte de Fr. Bartolomeu de S. Domingos.

Sendo velho, foyselhe corrompendo a chaga da perna, & era intoleravel o tormento, que lhe causauaõ as dores, & juntamente o asco, & mao cheiro da corrupçaõ. Mas acudialhe o Senhor com hũa paciencia tãto mayor, que o trabalho, que jà nam parecia paciencia, senam alegria, & triumpho; chegauaõ os religiosos a consollalo com lástima; tays respostas lhes daua, que tornauaõ compungidos, & confusos. Dores são, dizia, do Inferno, as que me cercão; mas eu tomara ter muitos corpos, & em cada hum muitos mais membros dos ordinarios & em cada membro outra tal chaga, & muito mayores dores das que padeço neste: porque tudo fora ganho para mim, & merce de meu Senhor Iesu Christo, para lhe satisfazer, por meus grandes peccados, & algũa parte do muito, que elle fez por mim: eraõ desejos de coração. Parece que foraõ ouuidos no Ceo. Nam se póde crer a tempestade de males, que vieraõ de nouo sobre elle, que a longa idade fazia mais pesàdos. Veyo a ficar tolhido de todos os membros, & sem mouimento natural em nenhum mais, que na lingoa, & olhos. Mas neste estado a lingoa, como a de outro Iob, pregoaua louuores de Deos, e os olhos pregados em hum Crucifixo, dauaõ testemunho com abundancia de lagrimas, que tudo hauia por pouco, para que se sentia obrigado a padecer por tam bom Senhor. Saõ Inferno nouo para Satanas semelhantes espiritos; rayuaua de ira, abrasauase de inueja, pello que via em Frey Bertholameu. He a terra de Aueiro, por muito humida, & cercada de esteiros do mar, que a retalhaõ, & penetraõ por muitas partes, sujeita a hum genero de bicho tam nojento, que atè o nomeallo causa asco (chamaõlhe persobejo) bicho tam natural, & familiar em todas as casas da Villa, que por mais diligencias, & curiosidade que haja, nam ha nenhũa, que baste a desterrallo, & vencello. Parece que o mesmo Ar o cria, & com tal importunaçaõ, que tirado, & desbaratado à noite: quando vem pella manham, jà as paredes, os sobrados, os forros das casas, & qualquer taboa o brotaõ, & chouem: porque por sy se cria, & nasce sem hauer mister semẽte, como os outros animays; & sobre bellicoso, & bebedor do sangue humano, tem outras partes, que o fazem sobre maneira asqueroso, & aborrecido. He a primeira hum cheiro pestilencial, segunda amar, & buscar os leytos, & conuersação humana, fazendo guerra sem remedio ao sono, & a limpeza, porque tem muitos pés para correr, & dentes para morder; sendo tal para os seculares, que tem, & sabem procurar suas commodidades,

entendido fica qual será para os pobres frades, onde cada hum se serue a sy; & pellas muitas occupações de que viuem cercados, dia, & noite, escassamente tem hora sua: & se isto he em todos, faça agora juizo quem isto ler, qual seria para hum entreuado, corpo viuo, & com valor para criar, & alimentar o bicho, defuncto para se defender. Parece, que espertaraõ a praga os ministros do Inferno; porque eraõ infinitos sobre elle, & acrescentauaõ o martyrio das outras dores, com as picadas, ou dentadas, com o nojo, & com o mao cheiro, afferrados na carne, que nam resistia, & bebendo como sanguesugas sem cessar, aquelle sangue sancto, & pacientissimo. Muitos annos dizem, que lhe deu o Senhor de vida, & merecimento neste estado, que soffria alegre sempre, & bem assombrado.

Mas sendo tanto os generos de pena; só o do bicho mostraua sentir sobre todas: porque se notou algũas vezes, que fallando com Deos, sem pedir para sy mais, que paciencia, pedialhe sempre com efficacia, que liurasse a seus irmãos de tam cruel inimigo; chegou emfim o termo dos trabalhos, & a hora do premio, entendendo, que o tinha perto, nam era em sua mão dissimular o aluoroço com que a esperaua. Notaraõ a nouidade os Religiosos; & elle fazendo escrupulo, se por ventura a attribuiriaõ a gosto do fim da guerra, & limite de seus tormentos, declarouse com elles, affirmando, que nam era a causa de seu contentamento acharse no cabo de tantos, & tam importunos, & prolongados males, que esses tiuera sempre por necessarios, para pagar, & merecer: se nam ver jà os principios dos bẽs da gloria, cujos horizontes começaua a descubrir, com a vista beatissima do bom Iesu, que sobre tudo desejaua. Assi acabou, & acabou na mesma hora, & juntamente com elle a praga dos persobejos no Conuento: de sorte, que senam viraõ mais nelle: & se acontecia vir roupa de fôra com algũs, entrando das portas para dentro, morriaõ logo. Semelhante fauor he, o que alcançou Sancta Theresa para as suas Descalças cõtra os piolhos. Mas sendo assi, que conhecemos Padres, & nam dos mais velhos, que alcãçaraõ o Mosteiro limpo desta miseria. He cousa certa, que de algũs annos a esta parte tem cessado nelle a marauilha; & continuaõ como de antes da morte do bom velho. Bom auiso para que trabalhemos de conformar nossas vidas com a sua: & que temamos se nos falta o milagre por sobejarem defeitos nellas.

Deu o Ceo segundo testemunho em honra do Sancto aos quinze annos despois de seu bemdito transito. Abriose a coua para outro defuncto (estiuera atè então respeitada por quem nella jazia) eis que apparece estranha marauilha: topaõ os coueiros debaixo da terra com capa preta, & habitos brancos, tam saõs, & puros, como se daquella hora foraõ alli lançados. Passaraõ adiante: achaõ o corpo inteiro, & tam longe de corrupçaõ para mais espantar, que alegraua, recreava, & consolaua hum halito, que daquella terra fria espiraua: terra tam poderosa, em virtude do Senhor a quem seruira, que bastou a communicar sua incorrupção, & fragancia, até a lam dos animais, de que era composto o vestido. Dignissimo caso para se illustrar com mais, que escriptura ordinaria: se nos nam fizera pusillanimes em todo tempo, recearmos, que nos lance cores ao rosto, celebrar cousas, que por serem de nossos irmãos, ficaõ em lugar de proprias. Hũa, & outra ficou a beneficio de tradiçaõ, & memoria dos successores; mas sabidas com tanta certeza, que naõ ha nenhũa na Prouincia mais aueriguada.

Fr. Luís de Sousa, *Vida de S. Domingos*, ed. 1662, parte II, cap. V, 127.

XXIV

Ultimos momentos de D. João de Castro.

Achava-se D. João de Castro gastado menos dos annos, que dos trabalhos de tão continuas guerras, em que veio a cair rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente e descobrio a doença em poucos dias indicios de mortal, o que elle conhecendo pola molestia de repetidos accidentes se aliviou do cargo do governo. Chamou o bispo D. João d'Albuquerque, D. Diogo d'Almeida Freire, ao Doutor Francisco Toscano, chanceller-mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobato, seu ouvidor-geral e a Rodrigo Gonçalves Caminha, vedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes vezinhos assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si o governo popular da cidade, ao vigario-geral da India, ao guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier, e aos officiaes da fazenda d'el-rei, a quem fez esta falla :

— Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao vizo-rei da India faltão nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente ; a vós mesmos quis empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse huma gallinha ; porque nas armadas que fiz primeiro comião os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei : e não é de espantar que esteja pobre um pay de tantos filhos. Peço-vos que em quanto durar esta doença me ordeneis da fazenda real uma honesta despesa e pessoa por vós determinada, que com modesta taixa me alimente.

E logo pedindo hum missal fez juramento sobre os Evangelhos que até a hora presente não era devedor á fazenda real hum so cruzado, nem havia recebido cousa alguma de christão, judeo, mouro, ou gentio ; nem para a authoridade do cargo, ou da pessoa tinha outras alfaias que as que de Portugal trouxera ; e que ainda a prata que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera jamais possibilidade para comprar outra colcha, que a que na cama vião ; so a seu filho D. Alvaro fizera huma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima para passar ao reino. Que disto lhes pedia que mandassem fazer hum termo, para que se alguma hora se achasse outra cousa, el-rei, como a perjuro, o castigasse. Esta pratica se escreveo nos livros da cidade, a qual se podéra ler como instrucção aos que lhe succedérão ; nos quaes, creo, ficou a memoria mais viva que o exemplo.

Jacintho Freire de Andrade, *Vida de D. João de Castro*, ed. 1651.

XXV

O amor menino.

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. Atreve-se o tempo a colunas de marmore, quanto mais a coraçoens de cêra ! São as affeiçoens como as vidas, que não ha mais

certo sinal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circunferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por isso os antigos sabiamente pintárão o amor menino; porque não ha amor tão robusto que chegue a ser velho. De todos os instrumentos com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Afroxa-lhe o arco, com que já não atira; embota-lhe as settas, com que já não fere; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via; e faz-lhe crescer as asas, com que vôa e foge. A razão natural de toda esta differença he porque o tempo tira a novidade ás coisas, descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejão usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso, quanto mais o amor?! O mesmo amar he causa de não amar e o ter amado muito, de amar menos.

A. Vieira, *Sermão do Mandato,* prégado em Lisboa no Hospital Real em 1643.

XXVI

A guerra.

He a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. He a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em hum momento sorve os reinos e monarchias inteiras. He a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça, ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunidade, o religioso não tem segura a sua cella; e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro.

A. Vieira, *Sermão... nos annos da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya* prégado em Lisboa em 1668.

XXVII

Preceitos da Oratoria Sagrada.

... Ha de tomar o prégador uma só materia, ha de defini-la para que se conheça, ha de dividi-la para que se distinga, ha de prová-la com a Escriptura, ha de declará-la com a razão, ha de confirmá-la com o exemplo, ha de amplificá-la com as causas, com os effeitos, com as circunstancias, com as conveniencias que se hão de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar; ha de responder ás duvidas, ha de satisfazer ás difficuldades, ha de impugnar e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois disto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto he sermão, isto he prégar e o que não he isto, he fallar de mais

alto. Não nego nem quero dizer que o sermão não haja de ter variedade de discursos, mas esses hão de nacer todos da mesma materia, e continuar e acabar nella. Quereis vêr tudo isto com os olhos? Ora vêde. Huma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem fructos. Assi ha de ser o sermão: ha de ter raizes fortes e solidas, porque ha de ser fundado no Evangelho; ha de ter hum tronco, porque ha de ter hum só assumpto e tratar huma só materia. Deste tronco hão de nacer diversos ramos, que são diversos discursos, mas nacidos da mesma materia, e continuados nella. Estes ramos não hão de ser seccos, senão cubertos de folhas, porque os discursos hão de ser vestidos e ornados de palavras. Ha de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vicios; ha de ter flores, que são as sentenças, e por remate de tudo ha de ter fructos, que é o fructo e o fim a que se ha de ordenar o sermão. De maneira que ha de haver fructos, ha de haver flores, ha de haver varas, ha de haver folhas, ha de haver ramos, mas tudo nacido e fundado em hum só tronco, que é huma só materia. Se tudo são troncos, não he sermão he madeira. Se tudo são ramos não he sermão são maravalhas. Se tudo são folhas, não he sermão são varas. Se tudo são varas, não he sermão he feixe. Se tudo são flores, não he sermão he ramalhete. Serem tudo fructos, não póde ser; porque não ha fructos sem arvore. Assi que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos, mas tudo isto nacido e formado de hum só tronco, e esse não levantado no ar, senão fundado nas raizes do Evangelho: *Seminare semen.* Eis aqui como hão de ser os sermões, eis aqui como não são. E assim não he muito que se não faça fructo com elles...

... Fabula tem duas significaçoens: quer dizer fingimento, e quer dizer comedia; e tudo são muitas prégaçoens deste tempo. São fingimento, porque são subtilezas e pensamentos aereos sem fundamento de verdade; são comedia, porque os ouvintes vem á prégação como á comedia; e ha prégadores que vem ao pulpito como comediantes. Huma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comedias em Portugal; mas não foi assi. Não se acabárão, mudárão-se; passárão-se do theatro ao pulpito. Não cuideis que encareço em chamar comedia a muitas prégações das que hoje se usão. Tomára ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, e verieis se não achaveis nellas muitos desenganos da vida e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral, muito mais verdadeiros e muito mais solidos do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas prégações de hum orador christão, e muitas vezes, sobre christão, religioso!

Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia, porque muitos sermões ha, que não são comedia, são farça. Sóbe talvez ao pulpito hum prégador dos que professam ser mortos ao mundo, vestido ou amortalhado em hum habito de penitencia (que todos, mais ou menos asperos, são de penitencia; e todos desde o dia que os professamos, mortalhas): a vista he de horror, o nome de reverencia, a materia de compunção, a dignidade de oraculo, o logar e a expectação de silencio; e quando este se rompeu, que é o que se ouve? Se neste auditorio

estivesse um estranjeiro que nos não conhecesse e visse entrar este homem a fallar em publico naquelles trajos, e em tal logar cuidaria que havia de ouvir huma trombeta do Céu; que cada palavra sua havia de ser hum raio para os coraçoens, que havia de prégar com o zelo e com o fervor de um Elias, que com a voz, com o gesto, e com as acçoens havia de fazer em pó e em cinza os vicios. Isto havia de cuidar o estranjeiro. E nós, que he o que vemos? Vemos sahir da boca daquelle homem assi naquelles trajos, huma voz muito affectada e muito polida, e logo começar com muito desgarro, a quê? A motivar desvelos, a acreditar empenhos, a requintar finezas, a lisonjear precipicios, a brilhar auroras, e derreter crystaes, a desmaiar jasmins, a toucar primaveras, e outras mil indignidades destas. Não he isto farça a mais digna de riso, se não fôra tanto para chorar? Na comedia o rei veste como rei e falla como rei, o lacaio veste como lacaio e falla como lacaio, o rustico veste como rustico e falla como rustico; mas um pregador, vestir como religioso e fallar como... não o quero dizer por reverencia do logar. Já que o pulpito he theatro, e o sermão comedia, sequer, não faremos bem a figura? Nao dirão as palavras com o vestido e com o officio? Assi prégava S. Paulo, assi prégavam aquelles patriarchas que se vestiram e nos vestiram destes habitos? Não louvamos e não admiramos o seu prégar? Não nos prezamos de seus filhos? Pois porque os não imitamos? Porque não prégamos como elles prégavam? Neste mesmo pulpito prégou S. Francisco Xavier, neste mesmo pulpito prégou S. Francisco de Borja, e eu que tenho o mesmo habito, porque não prégarei a sua doutrina, já que me falta o seu espirito...

A. Vieira, *Sermão na Sexagesima* prégado na real Capela em 1655.

XXVIII

Descripção do polvo.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saiamos dellas temos lá o irmão polvo, contra o qual tem suas queixas e grandes, não menos que S. Basilio e S. Ambrosio. O polvo com aquelle seu capello na cabeça parece um monge; com aquelles seus raios estendidos parece uma estrella; com aquelle não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E dabaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocrisia tão santa testemunhão contestemente os dois grandes doutores dá Igreja latina e grega que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas côres de todas aquellas côres a que está pegado. As côres que no camalião são gala no polvo são malicia: as figuras que em Proteo são fabula, no polvo são verdade e artificio. Se está nos limos faz-se verde; se está na areia faz se branco; se está no lodo faz-se pardo; se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da côr da mesma pedra. E daqui que succede? Succede que outro peixe innocente da traição vai passando desacautelado, e o salteador que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fa-lo prizioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou a Christo, mas outros o prendérão; o polvo he o que abraça e mais o que prende. Judas com os braços fez o sinal,

e o polvo dos proprios braços fez as cordas. Judas he verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O polvo escurecendo-se a si tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo, que faz, he à luz para que não distinga as côres. Vê, peixe aleivoso e vil, qual he a tua maldade, pois Judas em tua comparação já he menos traidor.

A. Vieira, *Sermão de S. Antonio* pregado no Maranhão em 1654.

XXIX

O Estatuário.

Arranca o Estatuário huma pedra dessas montanhas tôsca, bruta, dura, informe, & depois que desbastou o mais grosso, toma o maço, & o cinzel na mão, & começa a formar hum homem, primeiro membro a membro, e depois feição por feição até a mais miúda: ondea-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, avulta-lhe as faces, tornea-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui despréga, alli arruga, acolá recama: & fica um homem perfeito, & talvez hum Santo, que se póde pôr no altar.

A. Vieira, *Sermões*, III, 419-420.

XXX

A fortuna.

Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram a fortuna. Uns lhe poseram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formam de oiro, outros de vidro; e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com asas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de fortuna, que significa caso ou fado; erraram nas insignias, erraram na cegueira dos olhos e poderes das mãos: porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as coisas, significadas na cornucopia, pertence sómente á providencia divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança da sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto.

Acertaram porém os mesmos gentios na figura, que lhe deram, de mulher, pela inconstancia; nas asas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jámais firmeza. Dos que a fizeram de oiro, diremos depois; o que agora sómente me parece dizer, é, que os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda.

A. Vieira, *ibid.*, XI, 4.

XXXI

A formosura.

A formosura é um bem fragil, e quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tyndaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos; e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a formosura de Helena, flor emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que, vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas; e, não achando a causa por que duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella.

A. Vieira, *ibid.*, II, 319.

XXXII

Premio das acções honradas.

Os reis podem dar titulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida e as outras virtudes, de que se compõe a verdadeira honra, não podem. Se Deus vos fez estas mercês, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo lembre-se o capitão e soldado famoso, de quantos companheiros perdeu, e morreram nas mesmas batalhas, e não se queixem. Os que morreram fizeram a maior fineza, porque deram a vida por quem lh'a não pode dar. E quem por mercê de Deus ficou victorioso e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão real pelas mercês que vos não fez, beijae a mão da vossa espada, que vos fez digno d'ellas. Olhe o rei para vós como para um perpetuo acredor, e gloriae-vos de que se não possa negar de devedor vosso o que é senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue e arriscar a vida, mostrae, que tambem vos não falta para o soffrimento. Então batalhastes com os inimigos, agora é tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê despido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeu.

Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se emfim se vê morrer á fome, deixe-se morrer e vingue-se.

A. Vieira, *ibid.*, I, 299.

XXXIII

Carta ao conde da Castanheira.

Meu senhor: — He coisa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem, e para as vozes teem eccos. Pelo contrario he tão grande violencia não responder, que aos que nascêrão mudos, fez a

natureza tambem surdos, porque se ouvissem, e não podessem responder, rebentariam de dôr. Esta he a obrigação e a pena em que a carta que recebi nesta frota de vossa excellencia me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta do meu silencio fosse tão muda como elle : mas quis a benignidade de vossa excellencia que neste excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhecerem os amigos, haviam os homens de morrer primeiro, e dahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo, como morto, agora com o espaço de hum anno e meio, he força que falle como resuscitado. O que só posso dizer a vossa excellencia he que ainda vivo, crendo, com fé muito firme, não será desagradavel a vossa excellencia esta certidão. Não posso comtudo callar que no mesmo dia de seis de fevereiro em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha pouca saude este seteno, que apenas por mão alheia me permitte dictar estas regras, as quaes só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigaçoens, quantas devo á patria na sua mais illustre nobreza. Sendo porém tão singular e não usada esta indulgencia, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e he que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber daqui por diante, assim como he graça e piedade da natureza não ouvir quem não póde fallar. E para que o despacho deste forçado memorial não pareça genero de ingratidão da minha parte senão contracto util de ambas, e muito digno de acceitação, sirva-se vossa excellencia de considerar, que se me falta uma mão para escrever, me ficam duas mais livres para as levantar ao céo, e encommendar a Deus os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondencia do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota, he memoria de uma vez cada anno ; e as da oração de todas as horas, são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas offereço a vossa excellencia sem nome de despedida, e posto que em carta circular e commum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a vossa excellencia devo, e me ficam impressas no coração Deus guarde a vossa excellencia muitos annos, como desejo, com todas as felicidades desta vida, e muito mais da que não tem fim. Bahia, dia de Santo Ignacio, 31 de julho de 1694.

A. Vieira, *Cartas*, Lisboa, 1735, II, 464.

XXXIV

Carta a el-rei.

Senhor : — O governador D. Pedro de Mello, segundo as instancias com que tem pedido licença a vossa magestade para se recolher ao reino, espera fazello na monção d'este inverno, em quanto parto ao rio das Amazonas a assentar uma missão nas nações dos inimgaibas, e outra na dos tapuyas, que são vizinhas de muitas outras, em que se espera grande conversão de almas, serviço de vossa magestade, e augmento de todo o estado, que só por esta via póde vir a ser o que promette a largueza de suas terras e mares : da importancia da paz dos inimgaibas, e quanto ao commercio que teem as nações d'aquellas partes com os hollandezes, já dei conta a vossa magestade, e de como

tambem ficam reduzidos á obediencia de vossa magestade toda a serra de Tibiapava, e franqueado o caminho por terra até Pernambuco, que são mais de 300 leguas por costas infestadas até agora de nações inimigas e barbaras; agora levo tambem a meu cargo as ordens d'um notavel descobrimento, de que se esperam ainda maiores consequencias pela commodidade dos rios, que multidão e bondade de gente, e pela necessidade que teem d'ella estas capitanias, da parte do Maranhão; e as mais do estado, estão mui faltas de indios, e por isso menos defendidas, e expostas á invasão dos inimigos, com os quaes se experimenta já o valor e fidelidade d'esta nação, porque alguns d'elles que entre nós havia, foram os que maior guerra fizeram aos hollandezes, quando occuparam esta cidade, até os lançaram fóra d'ella.

Tudo isto, senhor, represento a vossa magestade, para que quando o governador D. Pedro parta antes de eu chegar d'estas missões, seja presente a vossa magestade o muito que a vossa magestade tem servido n'este estado, em menos de dois annos e meio de seu governo, porque tudo o que se obrou se deve principalmente ao seu zélo, cuidado, disposição e execução, que é grande, e sem a qual se não poderá conseguir coisa de consideração, e muito menos tantas e tão difficultosas, em tão breve tempo. A Deus e a vossa magestade pedimos todos os religiosos d'estas missões, lhe mande vossa magestade succeder, quando vossa magestade assim o tenha ordenado, pessoa de tal talento e christandade, que leve por diante o que elle tem começado, que vossa magestade por sua grandeza, deve mandar agradecer e premiar como serviços tão signalados merecem, para que conheçam todos que vossa magestade estima os d'esta qualidade, pois são verdadeiramente os maiores, e de que mais depende a conservação do reino, fundado só no mundo por Deus para dilatar a fé: e posto que vossa magestade chama a D. Pedro de Mello para mais perto da real pessoa de vossa magestade, por concorrerem n'este fidalgo as qualidades mais necessarias para o tempo presente, como n'elle tenho conhecido em todo o tempo que o tratei, intendo, e assim o peço a vossa magestade que na mesma pessoa de D. Pedro, póde vossa magestade, continuar a real protecção, com que vossa magestade foi servido crear e augmentar esta conquista de Christo, servindo-se vossa magestade do seu conselho e das suas noticias, que são muitas; e na das partes ultramarinas como em todas as mais experimentará vossa magestade quanto christão e bem intencionado é o seu zélo, e quão acertado o seu voto.

Guarde Deus a real pessoa de vossa magestade, como a christandade e os vassallos de vossa magestade havemos mister. Maranhão, 4 de dezembro de 1660.

A. Vieira, *ibid.*, I, 113.

XXXV

Carta a D. Rodrigo de Meneses.

Senhor: — Algum privilegio se ha de tomar á conta da saude de sua alteza, de que a vossa senhoria são devidos os primeiros parabens, como tão interessado, e mais que todos, no desejo e estimação d'ella. Confesso a vossa senhoria, que depois de tres vezes morto, e tres vezes resuscitado n'este anno, foi tanta a minha desconfiança da vida como

nos dias d'este grande cuidado. Bemdita seja a divina bondade que tão inteiramente nos livrou d'elle, e a vossa senhoria do extremo sentimento em que acompanhei e considerei sempre a vossa senhoria, como quem tão lembrado está do affecto com que vossa senhoria amava e adorava a sua alteza, no tempo em que eu podia ser testimunha d'elle, que não considero hoje diminuido, senão mui crescido sempre, como o pede a razão.

Eu, senhor, como tenho dito a vossa senhoria, tres vezes cheguei ás portas da morte n'esta minha doença, de que tornei a arribar, fóra de toda a esperança, por mercê de Deus. Sirva-se sua divina Magestade que seja para o saber servir, ainda que pouco posso, mal convalecido, e com receios de recair, porque não póde a minha fraqueza com a intemperança d'estes ares, e com os rigores d'este segundo carcere de Coimbra para onde me mandaram, não sei por que culpas. Esta ha sido tambem a causa do meu diuturno silencio, e de não procurar novas de vossa senhoria por carta, como ainda agora o não fizera, se o padre reitor de Santo Antão que tambem me não escreve ha mais de um anno, por terceira pessoa me não avisara que vossa senhoria o determinava fazer, com que supponho não haverá de presente o perigo que experimentei com a ultima de vossa senhoria, que recebi no Porto, que, como alheia de todo o mysterio, não duvidei mostrar a algum amigo, o qual na interpretação d'ella devia de não guardar a sinceridade que este honrado nome significa. Emfim, aqui estou e aqui estive tantas vezes para morrer; e intendendo os medicos que só a mudança dos ares me podia dar saude, não me quis conceder esse favor aquella patria por quem eu tantas vezes arrisquei a vida.

Sobre tudo estimo que vossa senhoria, e o senhor marquês (de quem sempre procuro novas por todas as vias que me é possivel) hajam passado sempre com a vida e saude que a sua excellencia e a vossa senhoria desejo, acompanhando em todas as fortunas d'este anno, já com o gosto, já com o sentimento, a differença que n'ellas experimentou a casa de vossa senhoria; e rogando sempre a Deus a conserve e augmente com as felicidades que vossa senhoria e o senhor marquês merecem a todo este reino, como tão principaes columnas d'elle. O mesmo Senhor guarde a vossa senhoria, e dê a vossa senhoria tão alegres festas como a vossa senhoria desejo. Coimbra, 17 de dezembro de 1663.

A. Vieira, *ibid.*, 128.

XXXVI

Outra carta a D. Rodrigo de Meneses.

Senhor: — Vão estas regras, pois vossa senhoria lh'o consente, acompanhar a vossa senhoria na peregrinação de Salvaterra, e testificar o maior gosto com que o fizera, se lhe fóra permittido quem as escreve; e bem póde vossa senhoria dar-me credito, que é este o termo mais encarecido com que o meu coração poderá declarar o extremo com que ama, e se reconhece obrigado á pessoa de vossa senhoria, pois não haveria outra força nem respeito humano que o obrigasse a tornar a vêr o mundo depois de estar tão desenganado e aborrecido d'elle. Mas como em vossa senhoria se quebraram todas as leis do mesmo mundo,

razão era que se quebrassem tambem todas, para de mais perto servir, venerar, e lograr a presença de vossa senhoria. Bem sei que pelo bordo de vossa senhoria não faz a náo agua; e este conhecimento só me basta, ainda que tudo o mais me perdêra, para que a minha satisfação e gosto não possa jámais fazer naufragio. Tudo o mais pertence ao exterior, e eu só quisera viver dos bens da alma, em que não tem podêr o tempo, nem jurisdicção a fortuna. A de sua magestade, que Deus guarde, ainda é maior do que provaram os successos do anno passado, e em mim posto que seja particular instituto o conhecel-a, não é merecimento o desejal-a, porque sobre as obrigações de vassalo, tenho as que herdei dos mortos, e as que devo aos vivos, e as que espero dever á pessôa de sua magestade, quando, assim na verdade do meu affecto, como nas minhas interpretações, reconhecer um menor Daniel, e lograr uma maior monarchia. E que seria, senhor meu, se o principio d'esta felicidade estivesse guardado para o snr. marquês, como principal instrumento d'ella? Eu não acho n'aquelle nosso propheta mais que um só encontro com os castelhanos, que estaria ainda por cumprir, mas esse de tanta felicidade, que haja de assombrar o mundo. Se esta ultima sentença hade ter alguma interlocutoria, não me consta, só poderei affirmar que não faz menção d'ella alguma o mesmo auctor. Esta é uma das razões, por que seriam de grande importancia apressarem-se os meios da successão a nossos principes. Nenhum sentimento tenho de que o casamento de França não esteja concluido. Poderá ser que tenha Deus determinado outra união mais vizinha, e de maior grandeza e conveniencia. Entretanto, estimo a peregrinação de vossa senhoria sôbre tão repetidas assistencias do Corpo Santo, e me alegra summamente que a alma d'elle tenha tão bom gosto. Emfim, senhor, não é tempo de o tomar a vossa senhoria. Aquelle papel se vae fazendo, quanto o permitte a frieza do tempo, e a fraqueza da saude, mas não o verá o mundo sem que vossa senhoria o veja e o emende primeiro. Aquelles documentos em que fallei na carta passada, não dêem cuidado a vossa senhoria, porque ainda depois do entrudo virão a tempo. A obra ha de ser larga, e já o começa a ser, e ainda não é obra. Que o senhor marquês me tenha em sua graça, estimo quanto devo, e posto que em todos os meus sacrificios tenho particular cuidado, de os offerecer a Deus pela vida, estado, e felicidade de sua excellencia, d'aqui por diante o farei com o maior affecto e instancia que pede a occasião. Deus guarde a vossa senhoria muitos annos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 28 de janeiro de 1664.

A. Vieira, *ibid.*, I, 131.

XXXVII

Vaidades feminis.

Tenho reparado em que os latinos a este ornato e adereços da mulher chamárão mundo; e quer parecer-me que este nome não só quadra ao seu significado, emquanto quer dizer limpeza, senão emquanto quer tambem dizer o mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta náo generos, e todo o mundo he necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde, se S. Gregorio achou, com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, porquanto com humas creaturas convem

no ser, com outras no crescer, com outras no sentir, e com outras no entender, participando tambem o ornato de huma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão e verdade se chama esse ornato, mundo. Vejamo-lo mais em particular.

Dos reinos do Decão e Bisnagar, e de Golocondá, na India Oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos de Pegú e da cidade de Calecut, e da ilha de Ceilão, safiras; do Seio Persico entre Ormuz e o Bassorá, da Samatra, ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa, de Escocia, Silezia, e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar na Persia, leva aljofar (que d'alli se derivou este nome); da cidade de Syeno no Egypto superior, e do mar Thyrreno, leva coraes, que se se desterrárão já dos rosarios e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas; dos campos de Piza e dos montes Alpes, leva cristaes; do mar da Suevia, e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Phaetonte choradas solemnemente cada anno pela sua degraça; dos reinos de Monomotapa e Zofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na nossa America, leva ouro; do Serro do Potosi nas conquistas d'el-rei Catholico, leva prata; de Allemanha, os camafêos; de Moscovia, as zebellinas e martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos Suizaros, os arminhos. do Brasil as saguins para manguitos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro em Fenicia, a purpura; da serra d'Arrabida, grã; de Portugal e Castella, a côr; de Veneza e Hollanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Cordova e Hungria, ao menos as receitas para as aguas odoriferas destes nomes; das Indias de Castella, a almeya, e oleo della para as mãos; de Tonquem, o almiscar; do Maranhão e Seará o ambar; de Angola, Guiné e Cabo-Verde, a algalia; das nossas Indias, o calanbunco e aguila, os canequins e panninhos de coco, e os toribios; da Africa, as pennos dos avestruzes, para os cocares de plumas; da China, os lós, os leques e as chitas; de Granada, os tafetás; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambrai, as têas finissimss e candidissimas que têm este nome; de Guimarães, as linhas; de Leão de França, as primaveras; de Modaba, na Persia, e de Italia, as télas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova e Napoles, os chamelotes; de França, as luvas, os signaes pera o rosto, e tambem os leques, huns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno; de Inglaterra, as meias, fitas e reloginhos de algibeira; da Arabia, a gomma, que tambem serve officio neste mundo; da Batalha, os azeviches, para dar figas aos máos olhos.

Que mais? He necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras, que se esbulhem das perolas, senão tambem com tartarugas, que desarmem as costas para pentes e cofrinhos, e com as balêas, que empenhem as barbas para sahir hum justilho, ou prepõem bem desarrugado; são necessarios de varias partes varios materiaes para bocetas, escritorinhos, bauys, guardaroupas, para recolher nos camarins e escaparates, este mundo abreviado: são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e rodomas, e bocetas, curiosa e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos e seccos, simples e confeccionados, que servem de entender o dia da formosura, quando já vêm cahindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer na cara ao desengano, que mente.

Que mais? São necessarias até as nuvens do céo, para a primeira agua de Maio, que opinárão fazia o carão lustroso; são necessarios

até os mortos, para as cabelleiras, se as não quiser o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda. Estava para dizer que são necessarios até os demonios: porque assim como a mão de Deus ajudou (como o diz o Texto Sagrado) a fermosura de Judith, porque se ordenava a intento santo e de sua gloria, assim tenho para mim que, sem a mão do demonio, não poderá o appetite humano inventar, e dispôr, e applicar tanta vaidade e curiosidade.

Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, ed. 1706, I, 178 e seg.

XXXVIII

Degeneração de Portugal.

As espadas largas degenerárão em cotós, e os capacetes se trocárão em perucas; já o pente em vez de se fincar na barba ensanguentada, se finca publicamente na cabelleira, alvejando com polvilhos. Cheirão os homens a mulheres; não a Marte, mas a Venus. Quem havia de imitar ao grande Albuquerque, prendendo a barba no cinto, se já não ha novas de cintos, nem de barbas? Quem haveria de sair aos leões em Africa, se é mais gostoso estar no camarote em Lisboa, gracejando com as farçantes, e atirando-lhes já com chistes, já com dobrões? Ou como se havião adestrar em ambas as sellas, andando pelas ruas bamboleando nas seges? Amolleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que veneramos, devendo aborrecê-los; e nós, que estamos no fim da terra, ficamos no meio do mar de suas depravações.

Manoel Bernardes, *ibid.*, II, 314.

XXXIX

Celas de freiras levianas.

Ver uma cella de freiras é ver huma casa de estrado de huma noiva. Laminas, oratorios, cortinas, sanefas, rodapés, tomados a trechos com rosas de maravalhas, banquinhas de damasco, franjadas de seda ou de ouro, pias de cristal, guarda-roupas de Hollanda, caçoulas, espelhos, craveiros, mangericões ou naturaes ou contrafeitos, passarinhos, cachorrinhos de manga, que, se adoecem de puro mimo, se chama o mais perito na arte de os curar; jarras, ramalhetes, perçolanas, brinquinhos de sangria, figuras de alabastro ou de gesso, frutas escolhidas para coroar as molduras da alcofa ou dos contadores, perfumes, alambiques, todo o genero de arame para a fabrica dos doces, almarios para os recolher, criadas para o ministerio da casa, tecto da cella com taes paisagens, relevos e pinturas, que passão para as mãos dos officiaes as bolsas dos parentes e devotos mais ricos.

M. Bernardes, *ibid.*, V, 31.

XL

Quem quer vai, quem não quer manda.

A este ponto faz o apologo, que se conta das cotovias, que tinham seos ninhos entre as searas. Dissera o dono do campo a seos criados, que tratassem de metter a fouce, se vissem estar os pães já sazonados; e ouvindo este recado uma d'ellas, foi pelos ares avisar as outras, que mudassem sitio, porque vinham logo os segadores; porêm outra mais velha as aquietou do susto, dizendo: Deixemo-nos estar, que de mandar elle os criados, e fazer-se a obra, vai ainda muito tempo. D'alli a alguns dias, ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes incommendára, e que mandava cellar a egua para elle mesmo ir ver o que convinha. Agora sim (disse então aquella cotovia astuta) agora sim, irmãs, levantemos o vôo, e mudemos a casa, que vem quem lhe doe a fazenda.

M. Bernardos, *ibid.*, I, 70.

XLI

Afonso de Albuquerque.

O nosso grande Affonso de Albuquerque tanta fama ganhou de conquistador valoroso, que a cidade de Gôa não queria largar seos ossos para se trasladarem á de Lisboa: como se lhe parecesse, que n'elles, ainda que sêccos, e frios, conservava um certo genero de presidio contra as barbaras invasões de seos inimigos, e vinculado um como prazo de vencê-los. Mas dizem, que, obrigada por censuras, os deixou levar, e descansam no convento de N. Senhora da Graça. Não teve na terra premio competente a suas acções heroicas. A causa parece que se colhe sufficientemente de um dicto seo em occasião que acabava de lêr certa carta del-rei dom Manoel.

Fulano, e fulano (disse elle para alguns circumstantes) que eu enviei para o reino presos por graves culpas, tornam cá, um por capitão de Cochim, outro por secretario?! Eis-aqui fico eu mal com el-rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'el-rei. Velho, acolhe-te á igreja; já é tempo de morrer, pois assim importa á tua honra: e eu sei que não deixarás tu de fazer, o que á tua honra importa.

M. Bernardes, *ibid.*, I, 334.

XLII

Lenda dos bailarins.

No anno da salvação humana 1012, imperando Henrique II, succedeu em Saxonia, que um sacerdote por nome Ruperto, presbytero da igreja de S. Magno Martyr, havendo começado a celebrar a primeira missa da noite de Natal, não podia proseguir, por se achar distrahido com os estrondos de um baile, que alli perto se fazia. E era, que um homem

plebeo, por nome Otherio, com outros quinze companheiros, e tres mulheres, dançando, e cantando todos junctos no cemeterio, faziam notavel ruido. Mandou-lhe pois o sacerdote dizer, pelo sachristão, que se quisessem aquietar; porque não era aquelle o modo agradavel a Deus de festejar noite tão sancta; e zombando elles do recado com risadas, e dichotes, como gente de pouco intendimento, e menos temor de Deus, o sacerdote, accendendo se em zêlo da honra divina, e do decoro, que a seo ministro sacerdotal se devia, disse:

— Praza a Deus, que um anno inteiro bailem, sem parar!

Caso estupendo, ainda sómente ouvido, quanto mais visto! A bôcca do sacerdote o disse, e a mão do omnipotente assim o executou. Amanheceu, e anoiteceu o seguinte dia, e elles a bailar! Introu a roda de novo anno, e elles sem sahirem da mesma roda da sua dança! Passou um mes, e outro mes; accudia a gente attonita com tão raro espectaculo: dançando os achava, e dançando os deixava! Perguntavam-lhes uns uma cousa, e outros outra: a nada respondiam, nem attendiam: o seo destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante diligencia, era só andar á roda, uns atrás dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos instigados do aguilhão d'aquella praga do sacerdote.

Não comiam, não bebiam, não mostravam cançasso, não se lhes gastou o calçado, nem se lhes rompeu o vestido, nem cahiu sôbre elles chuva. Da continua pista, ou calcadura, sumiram-se pela terra até mais acima dos joelhos: a si mesmos parece, que intentavam sepultar-se vivos, ou abrir caminho, por onde descessem a dançar ao inferno Quis certo mancebo tirar da roda a uma das tres mulheres, que era sua irmã. E pegando-lhe do braço com violencia, este lhe veiu na mão, desmembrado do corpo, como se de uma pedra de linho separasse fóra alguma estriga; ou mettendo a mão na massa lêveda, trouxesse algum pouco no punho. E ella, como se o braço fosse alheio, nada disse, nem gemeu, e foi proseguindo a dança do seo fado, sem da ferida manar sangue!

Finalmente ao cumprir-se o anno, pelo natal de 1013, veiu áquelle logar S. Heriberto, arcebispo de Colonia, e os absolveu da maldicção; e introduzidos na igreja, os reconciliou com Deus. As tres mulheres, como sexo mais fraco, espiraram logo; pouco tambem duraram alguns dos homens, dos quaes se diz, que, depois de mortos, obrou Deus por elles alguns milagres; como significando o perdão de seos peccados, que por meio de tão custosa penitencia tinham alcançado. Os mais que sobreviveram, sempre com o tremor de membros, e espanto dos olhos, mostravam bem o terrivel caso, que por elles havia passado. E cada um d'elles era uma estatua do escarmento, erigida para protestação da reverencia, que se deve aos mysterios, aos ministros, e aos logares sagrados.

M. Bernardes, *ibid.*, II, 15.

XLIII

Repentes.

Ha ingenhos felizes nos repentes, o que lhe concilia particular graça aos seos conceitos; que parecem flôres, não cultivadas, mas apparecidas, como por incanto. Juncto das saudosas águas do Mondego

estavam uns estudantes em dia de sueto; e vendo vir pelo rio uma cabaça, a tomaram por assumpto dos seus versos. Depois que os outros disseram, disse um por remate do certame:

Zombou de tantas cabeças
Uma cabaça vasia,
Cheia como zombaria!

Dom Thomás de Noronha, fidalgo de discrição mui celebrada neste reino, vendo falar uma pessoa de sua familia com certa mulher suspeitosa, perguntou o que era. E foi-lhe respondido, que era uma adella, a quem se procurava uns coraes. Disse então de repente:

A adélla com quem falais,
Boas novas não ha d'ella:
E o que vós falais com ella,
Co'os coraes não o córais.

Conhecêmos aqui em Lisboa um homem que glosava motes (por difficultosos, e paradoxos que fôssem), sem deter-se mais, do que em quanto corria a mão pelo bigode, torcendo-o na ponta. Uma vez lhe propôs o marquês de Fronteira o seguinte mote

A mais formosa que Deus.

E elle, levantando os olhos pensativos, e fazendo a acção costumada, sahiu logo com a seguinte glosa:

Com duas donzellas vim
Hontem de uma romaria:
Uma feia parecia;
Outra era um seraphim.
E vendo-as eu assim
Sós, sem os amantes seos,
Perguntei-lhes: anjos meus,
Quem vos pôs em tal estado?
Disse a feia, que o peccado!
A mais formosa, que Deus!

M. Bernardes, *ibid.*, IV, 47.

XLIV

Grandioso presente.

O nosso inclito rei D. Manoel, de feliz recordação, quando se viu dominador dos reinos do oriente, de sórte que podiamos dizer, que as asas do sol se mediam com o seo imperio, e que aquelles povos infieis se não confederavam contra a potencia de suas armas, mais que para ser d'ellas triumpho, e ouvir os annuncios da palavra evangelica, então folgou de submetter toda ésta grandesa aos pés do summo pontifice Leão X, por seos embaixadores particulares, tributando-lhe junctamente as primicias das riquesas do oriente.

O principal d'elles, era Tristão da Cunha, a quem faziam lados outros dous, a saber, Diogo Pacheco, e João de Faria, desembargadores,

e outros cincoenta cavalleiros. E era em todos tanta a riquesa, e lustre, que até havia cellas, freios, peitoraes, e estribos de ouro de martello, com pedraria fina, e perolas a montes.

Todos os embaixadores dos principes christãos, que se achavam em Roma, e o governador da mesma cidade, e muitos bispos, e familias dos cardeaes, e outra innumeravel nobresa, deram nobres augmentos a ésta pompa, e o mesmo papa quiz lograr o vistoso d'ésta intrada, desde o castello de sancto Angelo.

Levavam-lhe um presente com um grande, e preciosissimo cofre, coberto com pano de ouro, e nelle debuxadas as reaes quinas, posto sôbre um elefante, o qual, tanto que avistou o summo pontifice, ajoelhou tres vezes, ensinado pelo Nayra, que de cima o governava, e logo, mettendo a tromba em um grande vaso de água que alli estava prevenido, borrifou os cardeaes, e outras pessoas, que estavam pelas janellas, e o mesmo signal de festa usou com o mais povo, que estava apinhado pelas ruas.

Em outro dia, foi recebida a embaixada, orando elegantemente o Pacheco em consistorio; e no fim da oração, o papa exaltou com excessivos louvores as prendas de el-rei D Manoel, e o catholico zelo, com que naquelle novo mundo sollicitava propagar o imperio de Christo, e glória de sua santa igreja. Os pontos principaes da embaixada eram tres: o primeiro, que sua sanctidade emprehendesse guerra contra o turco: segundo, que se tractasse mui devéras da reforma da igreja: terceiro, que a este fim se proseguisse, e concluisse o sagrado ecumenico concilio de Trento.

Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elefante diante de sua sanctidade.

Encerrava um ornamento pontifical inteiro, não só para a pessoa do papa, mas para todos os seos ministros; era todo de chaparia, e figuras de ouro, e pedraria preciosa, e a trechos umas romãs de rubins escachadas; e sendo a material tal, ainda dos primores da arte era vencida; iam junctamente outras riquissimas joias, e ducatões de 500 escudos de ouro, como para entulho. Avaliaram alguns o presente em um milhão, o qual veiu a ser dos que saquearam Roma.

Finalmente Alberto de Carpe, escrevendo ao imperador Maximiliano, como seo embaixador que então era, diz na sua carta este capitulo:

— Todo o povo universal de Roma concorreu por ver ésta novidade; e não é maravilha, porque poucas veses ou nunca succedeu enviarem principes Christãos a Roma, tão magnifico apparato.

M. Bernardes, *ibid.* v, 93.

XLV

O Frade de tresentos anos.

Estando um monge em matinas, com os outros religiosos do seo mosteiro, quando chegaram áquillo do psalmo, onde se diz que: Mil annos á vista de Deus são como o dia de hontem, que já passou, admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquillo podia ser. Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pediu affectuosamente a nosso Senhor se servisse de lhe dar intelligencia d'aquelle verso. Appareceu-lhe alli no côro um passarinho,

que, cantando suavissimamente, andava diante d'elle dando voltas de uma para a outra parte, e d'este modo o foi levando pouco a pouco até um bosque, que estava juncto do mosteiro, e alli fez seo assento sôbre uma arvore, e o servo de Deus se pôs debaixo d'ella a ouvir. D'alli a um breve intervallo (conforme o monge julgava) tomou o vôo, e desappareceu com grande mágua do servo de Deus, o qual dezia mui sentido :

— O' passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa ?

Esperou ; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que aquella mesma madrugada depois de matinas tinha sahido d'elle. Chegando ao convento, achou tapada a porta, que de antes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava ? respondeu-lhe :

— Eu sou o sachristão, que poucas horas ha sahi de casa, e agora tórno, e tudo acho mudado !

Perguntando tambem pelos nomes do abbade, e do prior, e procurador, elle lh'os nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar d'aquelles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abbade ; e pôsto em sua presença, não se conheceram um a outro, nem o bom monge sabia que dissesse, ou fizesse mais, que estar confuso, e maravilhado de tão grande novidade. O abbade, então allumiado por Deus, mandou vir os annais, e histórias da ordem, onde buscando, e achando os nomes, que o monge apontava, se veiu a averiguar com toda a claresa, que eram passados mais de tresentos annos, desde que o monge sahíra do mosteiro até que tornára para elle. Então este contou o que lhe havia succedido, e os religiosos o acceitaram como a Irmão seo do mesmo hábito. E elle, considerando na grandesa dos bens eternos, e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os sacramentos, e brevemente passou d'esta vida com grande paz em o Senhor.

M. Bernardes, *ibid.*, II, 3.

XLVI

Freiras loucas.

De má origem procede a altivez de espirito, e loucura de phantasia, e a hypocrisia, com que a tal religiosa todas suas cousas estima, todas as dos outros desdenha ; enche-se de melindre, impertinencia, e affectação na voz, nos passos, no riso, no comer, beber, e vestir ; finge accidentes, e desmaios, para merecer compaixões, e ostentar delicadesas ; toma sangrias, não para inteirar a saude, senão para quebrar a côr, ou para dar occasião aos estremecimentos de quem a ama, e aos brincos, e regalos de quem a presentea ; injoa-lhe a pobresa, e achaques das outras, despresa-se dos ministerios baixos, qualquer falta de asseio lhe revolve o estomago, ao mesmo tempo que traz corrupta a alma, manando bichos de mil defeitos, e peccados. Emfim vai-se convertendo em idolo de si propria, só propicio a quem concorrer com adorações, e o incensar com perennes lisonjas, que todas crê, e admitte, por exorbitantes, e ridiculas que sejam.

M. Bernardes, *ibid.*, II, 465.

XLVII

Uma carta da « Religiosa Portuguêsa ».

Escrevo-lhe pela ultima vez e espero fazer-lhe perceber na differença dos termos e na maneira d'esta carta, que logrou convencer-me, finalmente, de que não me amava já, e que assim, tambem, devo deixar de o amar.

Enviar-lhe-hei, pois, pelo primeiro portador que haja, quanto de si me resta.

Não receie que lhe torne a escrever.

Não serei eu quem escreva o seu nome na encommenda.

Encarreguei de tudo D. Brites.

A bem differentes confidencias a habituara eu...

Os cuidados d'ella ser-me-hão menos suspeitos do que os meus.

Ella tomará as precauções necessarias para que eu fique certa de que o senhor recebeu o retrato e as pulseiras que me dera

Quero porém que saiba que me sinto ha dias perfeitamente disposta a queimar e a despedaçar todos os penhores do seu amor, que tão queridos me eram.

Tenho-lhe revelado tanta fraqueza que naturalmente não acreditara que eu podesse tornar-me capaz d'esse extremo, não é verdade?

Prefiro pois gostar toda a pena que tive em separar-me d'elles, e fazer-lhe sentir, ao menos, este pequeno despeito.

Confesso-lhe, para vergonha minha e sua, que me achei mais presa, do que quero contar-lhe, a estas bagatellas, e que senti que me eram novamente precisas todas as minhas reflexões para me separar de cada objecto, quando mesmo, me comprazia de não me importar já comsigo.

Mas, em summa, com tão boas razões como as que lhe devo, consegue-se sempre chegar ao cabo do que se quer...

Pus tudo nas mãos de Dona Brites. Quantas lagrimas me custou isto!...

Depois de mil penas e mil contradições, que não imagina e de que certamente não lhe darei conta, exorei d'esta que não me falasse mais naquelles objectos, que m'os não tornasse a dar, ainda que eu lhe pedisse para os contemplar outra vez, e que, emfim lh'os enviasse sem me prevenir sequer.

Não conheci bem o excesso do meu amor senão quando quis empregar todas as diligencias para me curar d'elle, e creio que nem ousaria tentá-lo se tivesse podido prever tantas difficuldades e tamanha violencia.

Estou convencida que sentiria moções menos penosas, amando-o, ingrato como é, do que deixando-o para sempre.

Vi que me era menos caro do que a minha paixão, e tive magoas desconformes em combatê-la, depois ainda que os ruins procedimentos do senhor o tornaram para mim odioso.

O orgulho natural do meu sexo não me ajudou a tomar quaesquer resoluções contra si.

Triste de mim!

Soffri os seus desesperos; houvera supportado a sua aversão; devorara commigo o ciume que me tivesse inspirado a sua affeição por outra.

Ao menos, sentir-me-hia affrontada por um sentimento vivo!...

Mas a sua indifferença é-me insupportavel.

Os seus impertinentes protestos da amizade, e as ridiculas finezas da sua ultima carta, fizeram-me ver que o senhor recebera todas as que lhe escrevi e que nenhuma impressão lhe causaram.

E... Leu-as...

Ingrato!

Muito doida sou em amofinar-me ainda por não poder regosijar-me de que não lhes tivessem chegado ás mãos; de que não lh'as tivessem entregue!

Abomino a sua fraqueza.

Pedi-lhe porventura que me dissesse sinceramente a verdade?

Porque não havia de deixar-me ainda paixão?!

Bastava que me não escrevesse.

Não me era sufficiente a desgraça de não ter podido obrigal-o a ter algum trabalho em enganar-me,... e de já não poder desculpá-lo?...

Saiba que me convenço de que é indigno de todos os meus sentimentos, e que agora conheço todas as suas ruins qualidades.

Mas se quanto fiz pelo senhor pode merecer-lhe que tenha alguma consideração pelos favores que lhe peça, imploro-lhe que não torne a escrever-me, e que me ajude a esquecê-lo inteiramente.

Se mostrasse, frouxamente que fosse, que tivera algum pesar em ler esta carta,... poderia talvez acreditá-lo!...

Talvez tambem a sua confissão e o seu contricto abalo me fizessem pena e me incitassem,... e tudo poderia inflammar-me de novo.

Por piedade lhe peço que não se importe com a minha vida. Destruiria, sem duvida, todos os meus projectos, de qualquer fórma que quisesse intrometter-se nella.

Não quero saber o resultado d'esta carta. Não perturbe o estado que me preparo.

Parece-me que pode dar-se por satisfeito com os males que me causou, fosse qual fosse o intento que formara de me desgraçar.

Não me arranque á minha incerteza. Espero fazer d'ella, com o tempo, alguma coisa parecida com a paz do coração.

Prometto-lhe não o odear. Desconfio muito de sentimentos violentos para que me aventure a esse.

Não duvido de que encontrasse nesta terra um amado mais fiel,... mas quem podera fazer-me amar?!

Podera acaso enlevar-me a paixão de outro homem? Que póde no senhor a minha?...

Não experimentei já que um coração amante nunca pode esquecer o que primeiro lhe revelou os transportes de que era susceptivel e que não conhecia? — que todas as suas intimas moções ficam enleadas no idolo que para si creou? — que as suas primeiras idéas e que as suas primeiras feridas não podem curar-se e esquecer? — que todas as paixões que se offereçam em seu soccorro e que forcejem por enchê-lo e reanimá-lo, lhe promettem vãmente uma sensibilidade que elle não pode rehaver mais? — que todas as deleitações que busca, sem nenhum desejo de as encontrar, servem apenas para fazer-lhe sentir profundamente que nada é tão caro como a lembrança das suas penas?!

Porque me fez conhecer a imperfeição e os amargores de um affecto que não deve durar eternamente, e os tormentos que acompanham um amor violento quando não é reciproco?

E porque é que uma inclinação cega e um destino cruel se afervoram de ordinario em determinar-nos por aquelles que só a outras seriam sensiveis?

Quando mesmo podesse esperar qualquer recreação em novas relações, e que encontrasse um coração leal que me quisesse, tenho tanto dó de mim propria que sentiria grandes escrupulos em lançar o homem mais intimo no estado a que o senhor me reduziu...

E embora não tenha que lhe aguardar respeitos, não poderia resolver-me a uma desforra tão crua, quando mesmo ella dependesse de mim, por uma mudança que não prevejo.

Procuro neste momento desculpá-lo, e comprehendo bem que uma freira não é nada amavel, de ordinario.

Parece-me comtudo que se os homens podessem ter mão na razão quando escolhem os seus amores mais se inclinariam a ellas do que ás outras mulheres.

Nada as impede de pensar incessantemente na sua paixão; não as distrahem mil coisas que no seculo absorvem e consomem os corações.

Quer-me parecer que não será muito agradavel ver as amadas, sempre distrahidas por mil frivolidades, e é preciso ter bem pouca delicadeza de alma para soffrer sem raiva que ellas não falem senão de reuniões, de atavios, de passeios.

Está-se, sem cessar, exposto a novos ciumes, porque, emfim, ellas são obrigadas a attenções, a complacencias, a conversas com todos.

Quem pode assegurar que não sintam prazer algum em todos esses lances, ou que soffram sempre desgostosas e de má vontade os maridos?!...

Ah! como ellas devem tambem desconfiar de um amante que não lhes toma conta rigorosa de tudo, e que acredita, facilmente e sem inquietação, o que lhes dizem; — que tranquilla e confiadamente as vê sujeitas a todos aquelles deveres da sociedade!

Mas não intento provar-lhe com boas razões que deveria amar-me. Pessimos meios são, e bem melhores empreguei eu que não me aproveitaram!...

Conheço muito bem o meu destino para diligenciar vencê-lo.

Serei infeliz toda a minha vida.

Não o era já quando todos os dias o via?

Morria de susto de que não me fosse fiel.

Queria vê-lo, todos os momentos, e não era possivel.

Atribulava-me o perigo que o senhor corrria entrando no convento.

Não vivia quando estava na guerra.

Desesperava-me por não ser mais formosa e mais digna do senhor.

Murmurava da modestia da minha condição,

Receiava muitas vezes que a affeição que parecia ter por mim podesse de algum modo prejudicá-lo.

Parecia-me que o não amava bastante.

Atemorisava-me, por si, a colera dos meus parentes.

Estava, emfim, num estado tão lamentoso como aquelle em que hoje vivo.

Se me tivesse dado algumas provas da sua paixão depois que se foi de Portugal, teria eu feito todos os esforços por sahir d'aqui.

Ter-me-hia disfarçado para ir ter com o senhor.

Ai, que teria sido de mim se não se tivesse importado commigo quando eu chegasse a França!...

Que escandalo! que desatino! que cumulo de vergonha para a minha familia, que me é tão cara depois que o não amo, ao senhor!

Já vê que a sangue frio conheço como era possivel ser ainda mais desgraçada do que me fez!

Falo-lhe razoavelmente; ao menos, uma vez na vida.

Como deve agradar-lhe esta moderação! ..

Como deve agora ficar contente commigo!...

Não quero sabê-lo.

Pedi-lhe já que não me escreva, e peço-lh'o outra vez.

Nunca consideraria, um pouco, na maneira por que me tratou?...

Não pensaria, nunca, em que me deve mais obrigações do que a ninguem no mundo?!

Amei-o, doidamente.

Como despresei tudo!...

O seu procedimento não é de um homem de bem.

É preciso que tivesse por mim uma aversão natural para que não me amasse perdidamente.

Deixei-me fascinar por bem somenas qualidades.

Que fizera o senhor que devesse encantar-me?

Que sacrificios praticou por mim?

Não procurava mil outros prazeres?

Renunciou, acaso, ao jogo e á caça?

Não era o primeiro a partir para a guerra e não era o ultimo a voltar d'ella?

Expunha-se loucamente, por mais que eu lhe tivesse pedido que por amor de mim se poupasse.

Não procurou os meios de ficar em Portugal, onde era estimado.

Uma carta de seu irmão fê-lo partir, sem hesitar um momento.

E não sube eu que durante a viajem conservou a melhor disposição do mundo?

É forçoso confessar que devia odiá-lo mortalmente.

Ai, fui eu, bem sei, que sobre mim attrahi todas estas desgraças!...

Costumei-o logo a uma grande paixão, com excessiva ingenuidade, e é necessario artificio para nos fazermos amar!

É necessario procurar com geito os meios de inflammar: — o amor, por si, apenas, não gera o amor.

O senhor fez melhor: — queria que eu o amasse, e como formara este designio nada haveria que não fizesse por consegui-lo.

Ter-se-hia até resolvido a amar-me se tivesse precisado d'isso!...

Mas reconheceu bem que podia vencer esta empreza, sem paixão, e que não tinha necessidade d'ella.

Que perfidia?

Julgou então que havia de impunemente enganar-me?!

Pois se algum acaso o trouxer de novo a esta terra, declaro-lhe que o entregarei á vingança dos meu parentes.

Vivi longamente num abandono e numa idolatria que me faz horror, e os meus remorsos perseguem-me com um furor insupportavel.

Sinto vivamente a vergonha dos delictos que o senhor me fez commetter, e não tenho, ai de mim! a paixão que me impedia de conhecer-lhes a enormidade!

Quando será que o meu coração deixará de ser dilacerado?

Quando será que me verei livrei d'este tormento cruel?

E comtudo, creia que não lhe desejo mal, ao senhor, e que me resolveria a consentir que fosse feliz.

Mas se tem uma alma bem formada, como o poderá ser?

Quero escrever-lhe outra carta para lhe mostrar que estarei talvez mais tranquilla dentro em pouco.

Como hei de regalar-me em poder lançar-lhe em rosto o seu procedimento injusto, quando elle me não mortificar já tão vivamente; em lhe mostrar que o despreso; que falo com profunda indifferença da sua traição; que esqueci todos os meus prazeres e todas as minhas dores, e que não me lembro do senhor, senão... quando quero lembrar-me!

Reconheço que me leva grandes vantagens, e que me fez uma paixão que me enlouqueceu; — mas tambem, pouco deve envaidecer-se por isso.

Eu era moça, era credula, tinham-me encerrado desde creança neste convento; não vira senão gente desagradavel; nunca ouvira as lisonjas que o senhor constantemente me dizia; parecia-me dever-lhe os attractivos e a belleza que me achava, e em que me fazia reparar; ouvia dizer bem de si; toda a gente me falava em seu abono,... e o senhor tudo fazia para me despertar amor.

Mas, emfim, tornei a mim d'este encantamento; grandes auxilios me deu para isso, e confesso-lhe que tinha d'elles uma extrema necessidade.

Devolvendo-lhe as suas cartas, conservarei cuidadosamente as duas ultimas que me escreveu, e hei de relê-las mais ainda do que li as primeiras para não tornar a recahir nas minhas fraquezas. Ai, como estas me custaram caras, e como eu seria feliz se o senhor tivesse consentido em que continuasse a amá-lo!

Sei, certo, que me occupo demais ainda com as minhas queixas e com a sua infidelidade; lembre-se, porém, que a mim propria prometti um estado mais tranquillo, e que hei de consegui-lo, ou tomarei contra mim uma resolução desesperada que poderá saber sem grande pezar!...

Mas nada mais quero do senhor.

Sou uma doida em repetir as mesmas coisas tantas vezes.

É mister que o deixe e que não pense mais em si.

Creio até que não tornarei a escrever-lhe.

Tenho alguma obrigação de lhe dar conta da minha vida?

Soror Marianna, ed. Luciano Cordeiro, Carta v, pag. 288 e seg.

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente à escola Francêsa ou Arcádica

I

Monarcas portuguêses

D. João V	1706-1750
D. José I	1750-1777
D. Maria I	1777-1816
D. João VI	1816-1826

II

Sincronismo político e social

1715 — Tratado de Utrecht; morte de Luís XIV.
1740-1786 — Governo de Frederico o Grande da Prússia.
1756 — Guerra dos Sete Anos.
1774 — Sobe ao trono Luís XVI.
1783 — Proclamam-se independentes os Estados-Unidos.
1785 — Máquina a vapor de Watt.
1789 — Princípio da Revolução francêsa.
1792 — Proclamação da República em França.
1793 — Execução de Luís XVI e de Maria Antonieta. Época do Terror.
1796-1821 — Napoleão.
1807-1810 — Invasões francêsas em Portugal.
1820 — Revoluções liberaes na Europa.

III

Sincronismo literário

Espanha

Neste país começou a vigorar no século XVIII a influência do gôsto francês, desenhando-se, ao terminar dela, a reacção que levou ao romantismo. Sobresaem:

INÁCIO DE LUZAN (1702-1754) autôr duma *Poética* impondo os métodos francêses; JOSÉ FRANCISCO D'ISLA (1703-1781) que na *Historia del famoso Predicador fray Gerundio de Campazas* fez a crítica dos prégadores do seu tempo; IRIARTE (1750 1791); RAMÓN DE LA CRUZ (1731-1794); MELÉNDEZ (1754-1817); CIENFUEGOS (1764-1809) e JOVE-LLANOS (1744-1811), que se tornaram notáveis pelas suas composições poéticas; FLORES (1701-1773) e CONDE (1765-1820) pelos seus trabalhos históricos.

França

A França do século XVIII cria pelos seus filósofos o movimento de reacção religiosa e política que se infiltrou, como um fermento, em toda a sociedade européa. Uma pleiada destinta iniciou esse movimento: VOLTAIRE, DIDEROT, D'ALEMBERT, o barão D'HOLBACH, CONDILLAC, HELVECIO, no campo da filosofia; MONTESQUIEU e ROUSSEAU no da política social; MIRABEAU, na eloquência; LESAGE, PRÉVOST, BERNARDIN DE SAINT-PIERRE e FLORIAN, no romance; LA HARPE, na crítica literária; FONTENELLE, na vulgarização scientífica, e muitos outros. Acima de todos se eleva, porém, VOLTAIRE (François Marie Arouet) 1694-1778, génio múltiplo e fecundo de quem Goethe fez este juizo: « génio, imaginação, profundidade, extensão, razão, gosto, filosofia, elevação, originalidade, ... elegância, alegria, zombaria, ... eis Voltaire ». O poema épico *Henriada*, as tragédias *Bruto*, *Morte de Cesar*, *Alzira*, *Merope*, *Tancredo*, *Mahomet*, *Semiramis* e *Zaira*; as poesias filosóficas *Discurso sobre o homem*, *Lei Natural*; a *História de Carlos XII*, *Século de Luís XIV*, *Ensaio sobre os costumes e espírito das nações*, os seus romances, cartas, as críticas históricas, políticas e literárias, demonstram a extraordinária adaptação do talento de Voltaire a todos os assuntos. Por isso ele domina, facilmente, o seu tempo e a sua época.

Em portug.: Manoel Monteiro: *Hist. de Carlos XII*... Lisboa, 1739, 2 vols.; Albino de Sousa Coelho e Almeida, *Os Scythas, tr. em verso*, Lisboa, 1781, 117 pgs.; Pedro Antonio Pereira, *Zaira*, Lisboa, 1783, 39 pgs.; outra tr. de Manoel F. de S. da Motta e Silva, Lisboa, 1815,

145 pgs.; Antonio José de Paula, *Mafoma,* Lisboa, 1785. (Não é de José Anastasio da Cunha como se supôs — *Inoc., Dic.,* XII, 215); José Caetano de Figueiredo, *Alzira,* 1785, 79 pgs.; Tomás de Aquino B. e Freitas, *Henriada,* Porto, 1789, 264 pgs.; *** (José de Vasconcelos e Sousa), *Henrique IV,* poema epico. Lisboa, 1807; João Felix Pereira, *A Henriqueida,* Lisboa, 1878, 179 pgs.; José P. de A. Sousa da Camara, *Orestes,* Lisboa, 1790, 130 pgs.; Id., *Marianne, ibid.,* 1790, 103 pgs.; Id., *Sophonisba, ibid.,* 1790; Id., *Bruto,* 2.ª ed. *ibid.,* 1822; José L. Pinto, *Semiramis,* Porto, 1793; José T. Cabral, *Zadig* ou o *Destino...,* Lisboa, 1807; outra tr. de Filinto Elysio in *Obras,* IX; José A. de A. Velloso, *Leis de Minos* in *Trad. Dram.,* Lisboa, 1816; José Th. da S. Teixeira, *Eryphile,* Porto, 1822; Tiburcio A. Craveiro, *Merope.,* Londres, 1826; outra tr. de Manoel O. Mendes, Rio de Janeiro, 1831; Antonio da C. Paiva, *Romances de Voltaire,* Porto, 1836; Filinto Elysio, *Virginidos ou a Donzella.* (É a tr. da *Pucelle*) in *Obras,* IX; Manoel O. Mendes, *Tancredo,* Rio de Janeiro, 1839; Anónimo, *Alzira,* (Innoc. *Dic.,* VII, 298); Anónimo, *Memnon ou a sabedoria humana,* 1 folh. s. a. n. d.; Fernandes Costa, *Candido ou o Optimismo* e a *Princeza de Babylonia* na « *Bibl. univ. ant. e mod.* », de Lisboa.

Como se vê foram numerosas as trad. do fecundo escritor — e não estão, decerto, indicadas todas —; mas o gôsto pela literatura francêsa não se revelou sómente na difusão das obras de Voltaire. Temos mais, embora algumas sejam de época muito posterior: De DIDEROT: *O Pae de fa milia* (Innoc. *Dic.,* VII, 298); de CONDILLAC J. L. Freire de Carvalho, *Arte de pensar,* Coimbra, 1794. A 2.ª parte por Rodrigo F. da Costa e A. de Castro, *Obras elementares de phil. racional...* I (Logica) Lisboa, 1801. (Foi atribuida a Joaquim Annes de Carvalho); de MONTESQUIEU, Antonio V. de C. e Sousa, *Arsace e Ismenia, novella..* Lisboa, 1827; Rodrigo F. da Costa, *O templo de Gnido,* Paris, 1828; de J. J. ROUSSEAU, João Baptista Gastão, *O contracto social...,* Lisboa, 1821; Bento L. Vieira, *Contracto social,* Paris, 1821; de LESAGE, Bocage, *Hist. de Gil Braz de Santilhana,* Paris, 1836 [De Bocage, só o vol. I e II até pg. 116, daí por deante e os vols. III e IV de Luís Caetano de Campos]; outra tr. de Julio Cesar Machado, ed. ilustr. com 400 grav. e 30 oleogr., Lisboa, 1885, 2 vols., fol.; Carlos J. da Cunha, *O bacharel de Salamanca ou as aventuras de D. Cherubim de la Ronda,* Lisboa, 1802, 6 vols.; outra tr. de Fernandes Costa, 1888, 2 vols. in « *Bibl. univ. ant. e mod.* », de PRÉVOST, Antonio M. P. Carrilho, *Manon Lescaut,* outra tr., Porto, 1897, 1 vol. (s. nome de tr.); de FLORIAN, Manoel R. da S. Abreu, *Eliezer ou a ternura fraternal,* poema..., Braga, 1839; de FONTENELLE, D. Francisca de P. P. da Costa, *Conversações sobre a*

pluralidade dos mundos... Lisboa, 1841; outra tr. de D. Christina H. H. de Carvalho, 1882, 2 vol. in « *Bibl. univ. ant. e mod.* »; de LA HARPE, Filinto, *Coriolano* in *Obras*, XI, (só dous actos) de B. DE SAINT-PIERRE, Antonio P. de Paiva e Pona, *Paulo e Virginia...* Porto, 1883; outra tr. de Alfredo Alves e Bulhão Pato, Lisboa, 1898.

Itália

A Itália do século XVIII conta os seguintes homens notáveis:

METASTASIO (1699-1782) que em 1724 publicou a tragédia lírica *Dido abandonada*, obtendo o favor de Carlos VI que lhe deu o título de *Poeta Cesáreo* e a pensão de 3 000 florins. Compôs 63 tragédias. [Em Portug.: CAETANO J. DA S. SOUTO-MAIOR, *Operas de ...*, Lisboa, 1740; FERNANDO L. ALVIM, *Semiramis reconhecida*, Lisboa, 1755; Id., *Temistocles*, ibid.; FRANCISCO L AMENO, *Achilles em Sciro*, Lisboa, 1755; Id., *Alexandre na India, Zenobia em Armenia, A clemencia de Tito, Demofoonte em Thracia* e *Antigono em Thessalonica*, todas de Lisboa e 1755; *Filinto, Antigono em Thessalonica*, 1768; JOSÉ DE M. FALCÃO, *A valerosa Judith...*, Lisboa, 1773; JOSÉ B. DA GAMA, *A liberdade do sr. Pedro... poeta cesareo, com a tr. fr. de Rousseau, de Genebra, e a portug. de Termindo, poeta arcade*, Lisboa, 1773; JOSÉ V. BARRETO FEIO, *Themistocles*, Lisboa, 1818; da *Opera Achilles em Sciro* ha outra tr. por Manoel P. da Costa, Lisboa, 1755].

GOLDONI (1707-1793), que mereceu o cognome de *Molière italiano*.

ALFIERI (1749-1803), que deixou nas suas 14 tragédias e em muitas obras em prosa e verso provas sobejas do seu talento e gôsto literário. [Em portug.: JOSÉ V. B. FEIO, *Orestes*, Lisboa, 1819; Id., *O tratado do Principe e das letras...*, Paris, 1832; Id., *O tratado da tyrannia, ibid.*, 1832; ANTONIO P. ZAGALO, *Conspiração dos Pazzis*, Porto, 1838].

Na história sobresaíu: VICO (1668-1744) creador da filosofia da história com a obra, que é o seu título á imortalidade — *Principi di una nova scienza intorno alla natura delle Nazione*, 1725, 2 vols., que mereceram a Michelet a honra duma tradução.

Inglaterra

E' de esplendor o século XVIII; bastará mencionar na poesia YOUNG (1681-1765) conhecido pelas suas *Noites* ou *Pensamentos nocturnos*. [Em portug.: JOSE M. R. PEREIRA, *Noites selectas*, Lisboa, 1781; VICENTE C. DE OLIVEIRA, *Noites... a que se ajuntam muitas notas importantes e varios opusculos de Young*, Lisboa, 1785, 2 vols.; *outra ed.*, 1804, 2 vols; Id., *Nova tragedia intitulada a « Vingança » do dr. ...*, Lisboa, 1788; Id., *Busiris* no vol. anterior]; POPE, (1688-1744), que desenvolveu o seu génio no poema cómico *Roubo d'uma madeixa*. [Em portug.: ANTONIO TEIXEIRA, *Ensaio sobre o Homem...*,

Lisboa, 1769; José N. de Massuelos Pinto, *Epistola de Heloisa a Abailard...*, Londres, 1801; Conde de Aguiar, D. Fernando J. de Portugal, *Ensaio sobre a critica...*, Rio de Janeiro, 1810; Id., *Ensaios moraes... com as notas de José Warton e do tr., ibid*, 1811; Francisco B. M. Targini, *Ensaio sobre o Homem, tr. verso por verso por... barão de São Lourenço... dado á luz por uma sociedade literaria da Grão-Bretanha*, Londres, 1819, 3 vols.; Henrique E. de Almeida Coutinho, *Epistola de Heloisa a Abailard...*, Porto, 1835; José M. Osorio Cabral, *O inverno ou Daphne*, in-*Jornal de Coimbra*, II, p. 2.ª, pg. 211; Antonio Luís Gentil, *O roubo do annel de cabellos...* in-*Ramalhete, jornal de instr. e recreio*, I, 1837, pg. 22 e seg.; Francisco J. P. Magalhães, *O roubo da Madeixa*, in-*Minerva Brasiliense*, I, 1843]; Thompson (1700-1748) imortalizado pelas *Estações*. [Em portug.: Marquesa de Alorna, *Estações*, in-*Obras*, III], poema descritivo. A eloquência parlamentar tem neste século alguns dos seus melhores representantes; Lord Chatam (1708-1778); Edmund Burk (1730-1797); Fox (1748-1806) e William Pitt (1759-1806).

Sam insignes na história David Hume (1711-1776), também filósofo célebre, Robertson (1721-1793) [Em portug.: João B. da S. Lopes, *Hist. de Carlos V*, tr. do 1.º vol.] e Gibbon (1737-1794), cuja obra *Historia da decadencia e queda do imperio romano* ficou clássica.

Na novela merecem registar-se os nomes de Daniel de Foé (1661-1731), Jonatham Swift (1667-1745) o conhecido autôr das *Viagens de Gulliver*; Richardson (1689-1761), [Em portug.: D. Felix Moreno de M. y Ros, *Pamella Andrews ou a virtude recompensada, novella...* Lisboa, 179.., 2 vols.], Goldsmith (1728-1774) [Em portug.: D. Maria B. G. Martins, *Hist. da Grecia...*, Lisboa, 1865 Anon., *Hist. secreta do Gabinete de Napoleão...*, Lisboa, 1811; Alex. Aragon. *Hist. de Ingl.*, Lisboa, 1842-44, 4 vols] e Radcliff (1764-1823).

Alemanha

O século XVIII é para a Alemanha a época áurea da sua literatura. Haller (1708-1777); Klopstock (1724-1803), Gessner (1730-1787) [Em portug.: *Obras*. Porto, 1791, 2 vols] e Wielland (1733-1813) [Em portug.: Filinto, *Oberon, in-Obras*, II; Marquesa de Alorna, *in-Obras*, III (os 1.ºs 6 cantos)] deixaram obras que tornaram imorredouros os seus nomes. Na história sobresairam Herder (1744-1803) e Müller (1752-1809); na crítica literária Lessing (1728-1781), [Em portug.: João F. Pereira, *Fabulas*, Lisboa, 1853], os irmãos Schlegel, Augusto Guilherme (1767-1845) e Carlos Guilherme Frederico (1772-1829); na filosofia Wolf (1679-1754), Kant (1724-1804) e Ficht (1762-1814). Mas a Alemanha é principalmente orgulhosa dos seus dois grandes poétas Goethe e Schiller.

Goethe (João Wolfgang) (1749-1832) escreveu numerosas obras, tendo-as iniciado com o drama *Goetz de Berlichingen.* Quando em 1774 publicou os *Sofrimentos do joven Werther,* o seu nome tornou-se conhecido em toda a Alemanha. As suas baladas e canções, como *Rei de Tule, Canto do Conde prisioneiro,* o seu idílio épico *Hermann e Dorothea,* as suas tragédias *Torquato Tasso* e sobretudo *Iphigenia em Taurida,* e *Conde d'Egmont,* que passa pela melhor, e tantas obras admiráveis, dão-lhe logar a ser considerado como um dos maiores poétas do mundo. Em 1790 apareciam as primeiras scenas da obra que foi a grande preocupação de toda a sua vida — o *Fausto,* que saíu completa em 1832. Goethe morreu em Weimar em 1835, cheio de amor e de glória, soltando, na agonia, aquelas célebres palavras que também um génio português repetiu : *Luz ! ainda mais luz !* [Em portug. : Lino Augusto de Macedo e Mello, *Herman e Dorothea* in-*Liz* e em separata, Leiria, 1856, 8.°, 79 pgs. ; outra tr. do dr. Fernandes Costa, 1889, in-*Bibl. univ. ant. e mod. ;* Agostinho de Ornellas, *Fausto*. . ., Lisboa, 1867, 276 pgs. (incompleta) ; Visconde de Castilho, *Fausto*. . ., Lisboa, 1872 ; Joaquim de Vasconcellos, *O Fausto de Goethe,* Porto, 1872 ; Eugenio de Castro, *Poesias de Goethe,* Lisboa, 1909, 1 vol.].

De trad. avulsas é mais conhecida a da lindissima *Canção do Rei de Tule,* que em português foi traduzida por Latino Coelho, Eça de Queiroz [incompleta], Gonçalves Crespo, Anthero do Quental, Castilho e Joaquim de Vasconcellos. Ultimamente ainda a *Canção* foi mais uma vez trad. pelo sr. Alexandre Fontes, in-*Occidente,* vol. xxx (1907), pg. 130 e com mais duas de Goethe e cinco de Schiller e outras in-*Lyra germânica,* Lisboa 1907.

Schiller (João Cristovão Frederico de) (1759-1805). Se Goethe é o homem de génio, como se diz na Alemanha, Schiller é o homem de coração.

Pode admirar-se a suavidade da poesia de Schiller nas baladas como as *Palavras de fé, Palavras de illusão, Artistas, O Sino, O Ideal e a vida ou o reino das sombras ;* nas odes como *Á alegria,* na elegia *Resignação, Deuses da Grecia,* etc. Em todas estas composições ha uma nobre pureza e um superior estilo. Nas tragédias *Maria Stuart* (1800), *Pucelle d'Orleans* (1801), *Desposada de Messines* (1803) e sobretudo no *Guilherme Tell* (1804), o génio de Schiller subiu a toda a elevação épica. A Alemanha chorou a sua morte como uma perda nacional. [Em portug. : João Felix Pereira, *O visionario,* romance. . . tr. do alemão, Lisboa, 1852, 8.°, 225 pgs. E poesias avulsas como essa dificil *Die Glock* que o sr. Fontes tr. no livro cit. na nota ant. ; em J. Gomes Monteiro, *Ecos da lyra teutonica*. . ., Porto, 1848, encontram-se também algumas poesias de Schiller, bem como de Goethe, Lessing, Uhland. . .].

CAPITULO V

Escola Francêsa ou Arcadica

(Século XVIII)

A POESIA

Sumário: 131. O século XVIII, caracteres gerais. — 132. Reacção literária. — 133. O verdadeiro método de Verney. — 134. Academias literárias: 1) Academia Real da História Portuguêsa; 2) Arcádia Ulissiponense; 3) Academia Real das Sciencias; 4) Nova Arcádia — 135. Géneros literários: principais representantes. 136. Pedro Antonio Correia Garção. — 137. Domingos dos Reis Quita. — 138. Antonio Dinis da Cruz e Silva. — 139. Manoel Maria Barbosa du Bocage. — 140. José Agostinho de Macedo. 141. Francisco Manoel do Nascimento. — 142. Nicolau Tolentino de Almeida. — 143. Duas poetisas. — 144. O *teatro* no século XVIII. 145. Antonio José da Silva. — 146. Nicolau Luís. — 147. Manoel de Figueiredo. — 148. A *poesia épica* no século XVIII. — 149. José Basilio da Gama. — 150. José de Santa Rita Durão. — 151. Os *Liricos*. — 152. Thomás Antonio Gonzaga. — 153. Antonio Pereira de Sousa Caldas.

131. O século XVIII, caracteres gerais. — A primeira metade do século XVIII pouca diferença tem do último período do precedente século. A afectação e o mau gôsto agraváram-se. Muitos escritores deixáram-se desvairar pelo grande engenho de Vieira copiando-lhe o máu e despresando o que nele havia de bom. Usavam aquelas excrecencias de estilo, escreve Rebello da Silva, como os sinais, os donaires e os riçados altos se trajavam nos atavios cortesãos, desfigurando a fisionomia e as mais esbeltas proporções. O que não tinha resaibos de artifício,

uma tinta violenta e afogueada, desprezava-se como inferior à fama do escritor; e por isso naquele século, propenso às agudezas e argúcias de teses e argumentos nubelosos, intrincados e sofistas, ninguem se eximiu inteiramente ao contágio [1].

Por outro lado « o povo arrastava-se no seio da miséria, do embrutecimento e do fanatismo, segundo escreve Pinheiro Chagas, uma côrte frívola, devassa e beata insultava a miséria popular com a sua sumptuosidade, a instrucção pública estava paralizada nas mãos dos jesuitas, os cristãos-novos, que constituiam a parte mais esclarecida talvêz da nação, fugiam para o estranjeiro com medo do santo ofício, no reino decadente e pobre havia uma grande sombra, cortada pela chamma dos autos de fé ».

132. **Reacção literária.** — Mas se a fisionomia da primeira metade do século é como a acabamos de tracejar, a última metade já apresenta todos os sintomas duma revolução, que viría a dar o florescente período da renascença romântica. Muitos escritores portuguêses haviam fugido à intolerancia política e religiosa do país, indo habitar a França, que desde Luís XIV alcançara em literatura um prestígio enorme. Ao calor dos ideaes de liberdade é que aqueceram os seus espíritos homens como Luís Antonio Verney, Alexandre de Gusmão, o Cavalheiro de Oliveira, Antonio Nunes Ribeiro Sanches, Corrêa da Serra, Brotero, Francisco Manoel do Nascimento e outros. Aos exforços dêstes grandes homens se deve a reacção em favor da lingoa, da poesia e da história; são verdadeiramente os « *Precursores da reforma* ». Verney com o seu *Método* afugentava a velha rotina literária e lingoística; Ribeiro Sanches apontava ao Marquês de Pombal as trans-

---

[1] *Annaes das Sc. e Letras*, I, 1858, Lisboa. O aspecto histórico-social desta época é bem desenhado na *Hist. de Portugal nos secs. XVII e XVIII*, Lisboa, 1860, 5 vols., de Rebelo da Silva.

formações a realizar no ensino para o erguer do abatimento em que jazia; todos pelas suas obras prepararam o romantismo. Neste movimento de reacção importa destacar, pela sua importância, alguns factores. Nomeemos especialmente o *Estabelecimento da Aula de Comércio* fundado em Lisboa em 1759 que, melhorado e desenvolvido, poderia de ha muito ter-nos dado uma escola superior de comércio; a instituição do *Real Colégio dos Nobres* creado em 1761 onde se estudavam as lingoas clássicas e as modernas, a história, a filosofia, etc. que era para o seu tempo um instituto de que só modernamente temos similar nas Faculdades de Letras de Coímbra e Lisboa, [1] e enfim e sobretudo, a refórma da *Universidade de Coimbra* estudada pela *Junta de « Providência Literária »* criada por carta régia de 23 de dezembro de 1770. Esta Junta composta de nove membros de que eram inspectores o Cardeal da Cunha e o próprio Marquês de Pombal, e de que faziam parte, entre outros, o Bispo de Beja, José Seabra da Silva e D. Francisco de Lemos, passados oito mêses apresentava o *Compêndio histórico do estado da Univ. de Coimbra,* donde talvêz a côres um pouco exageradas sobresaía nitidamente a decadência e esterilidade do ensino universitário da época. A mesma *Junta* elaborou um plano de estudos, modelar para aquele tempo, como consta dos *Estatutos Novos* que crearam as Faculdades de *Matemática* e *Filosofia,* com o *Observatório Astronómico,* o *Museu de História Natural,* o *Gabinete de Física,* o *Laboratório de Química* e o *Jardim Botânico,* perenes testemunhos a gloriosamente atestarem a orientação pedagógica e o largo e profundo saber de quem os redigiu [2].

---

[1] Criadas pelo Decr. com fôrça de lei de 19 de abril de 1911. Sobre o estudo das letras em Portugal vid. Dr. A. de Vasconcelos, *Fac. de Letras, lição inaugural do ano lectivo de 1912-1913 na sessão solene de abertura da Univ. de Coimbra a 15 de outubro.* Coimbra, 1912.

[2] Para a história da Univ. neste período deve ler-se a *Memoria...* de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, publicada pelo

133. O « Verdadeiro Metodo » de Verney. — A decadência literária e scientífica de Portugal foi apontada com muita justeza num livro que apareceu em 1746 sob fórma epistolar e assinado por um *Frade Barbadinho.* Tal era o pseudónimo dum indivíduo de rara ilustração, de vasta e segura cultura e de desassombrado critério « por ventura o maior sábio português do século XVIII » como àcêrca dele escreveu Fr. Fortunato de S. Boaventura — LUÍS ANTONIO VERNEY (1713-1792) [1]. Já atrás o citamos como um dos cooperadores da refórma das letras no sec. XVIII: merece o seu nome neste campo ser dentre todos singularizado. Verney fez a sua educação em Itália e de lá veio pôr ao serviço da sua causa uma erudição e tenacidade dificilmente superáveis.

Quando apareceu o seu *Verdadeiro Método de estudar* [2] travou-se uma renhida polémica em volta dele e do autôr. Verney não era, decerto, um escritor modelar; a frase saía-lhe incorrecta, a crítica desabrida e por vezes

---

sr. dr. Th. Braga, sob o titulo — *Dom Francisco de Lemos e a Reforma da Univ. de Coimbra,* etc., Lisboa, 1894. Também sobre estes e os Estatutos que precederam póde ler-se o art. do Sr. Dr. A. de Vasconcelos in-*Anuário da Univ.* de 1901-02 com o título — *Univ. de Lisboa-Coimbra, Súmula histórica* (1288-1900). O nome de D. Francisco de Lemos está estreitamente ligado à reforma do ensino público em Portugal. Em 1770 Reitor da Univ., em 1772 Reformador, em 1773 eleito coadjutor e futuro sucessor do bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, vindo a falecer em 1822, o bispo Lemos exerceu uma acção pedagógica larga e profunda, que sem a sua poderosa iniciativa seria inteiramente esteril. O governo universitário do bispo Lemos suscitou-lhe muitos inimigos. Cfr. Francisco A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria,* Coimbra, 1910, pg. 193.

[1] Vid. a biogr. do benemérito pedagogo nos *Retratos e elogios de varões e donas* pelo P. José de Figueiredo.

[2] Valença, 1746, 2 vol.; e *ibid.,* 1747, 2 vols. Innoc. na biogr. [*Dic.,* V, 221 e VII, 257] enumera as publicações pró e contra esta obra.

injusta. Mas isso mesmo constituiu uma das razões da salutar agitação operada em favor das boas letras. Os jesuitas eram os principalmente atingidos pela agudeza da crítica de Verney e por todas as formas procuraram inutilizar-lhe o exforço. Mas ao lado do implacavel demagogo do velho e sediço ritualismo literário estavam a apoiá-lo homens como Cenáculo e Francisco José Freire. Nem ao próprio Camões Verney poupou os seus reparos e à chusma dos poétas atirava dardos desta ordem: *entendem que o compor bem consiste em dizer subtilezas e inventar cousas que a ninguem ocorressem: com esta idéa produzem partos verdadeiramente monstruosos e que eles mesmos, quando os examinam sem calor, desaprovam.*

ACADEMIAS

134. Academias literárias. — Para operar a refórma literária fundaram-se no presente século várias Academias, à semelhança do que se havia feito no século anterior (cfr. n.º 102). Vamos mencionar as mais importantes e pelos traços, embora em escôrço desenhados, vêr-se ha o que valeram estas tentativas de revolução no campo das letras [1]. Se todo êsse esfôrço tivesse sido norteiado noutro sentido, que riqueza e abundância em obras literárias nós não contariamos! Mas assim, quase tudo são futilidades, bagatelas, pequenos nadas.

---

[1] Tivemos: *Academia dos Anonimos* ou dos *Ocultos*, a dos *Aplicados*, a *Problemática de Setubal*, a dos *Solitários de Santarem*, a *Problemática de Guimarães*, a dos *Ilustrados*, a dos *Insignes*, a dos *Laureados*, a dos *Obsequiosos*, a dos *Unidos*, a *Latina e Portuguêsa*, a *Mariana*; e no Brasil — a *Academia brasilica dos Esquecidos*, a dos *Felizes*, a dos *Selectos*, a dos *Renascidos* e a *Literária*. E mais. Vid. J. Silvestre Ribeiro, *Hist. dos estabelecimentos scientif.*, e tambem nos *Primeiros traços*, pg. 144-150.

1) **Academia Real da História Portuguêsa.** — Esta sociedade foi instituida por decreto de D. João V de 8 de dezembro de 1720 com o fim de — « purificar da menor sombra de falsidades a narração dos sucessos pertencentes a uma e outra História (Eclesiástica e Secular), e investigar aqueles que a negligência tem sepultado nos arquivos. » — Usava como sêlo o escudo das armas reais, por baixo a figura do Tempo preso com cadeias, e em volta o dístico: « *Sigillum Regiae Academiae Historiae Lusitanae* »; a emprêsa era a figura da Verdade com a letra — « *Restituet omnia* ».

Os académicos principais dentre os cincoenta com que abriu, fôram D. António Caetano de Sousa; Diogo Barbosa Machado; Francisco Leitão Ferreira; José Soares da Silva; D. Rafael Bluteau, etc.

Os trabalhos desta Academia estam reunidos na *Colecção dos Documentos e Memorias* [1]. Para se avaliar dos serviços por ela prestados às letras pátrias basta lêr a Memoria inserta na mesma Collecção feita em 1734 pelo 4.º Conde da Ericeira, *D. Francisco Xavier de Meneses* onde se encontra a resenha do conteúdo de toda a colecção da Academia, a saber: mais de 1500 *Notícias* do que se passou nas conferências; *Contas* dos estudos dos académicos; *Panegíricos; Orações; Elogios; Declarações* dos Directores; *Dissertações; Catálogos históricos; Extractos críticos* de livros raros manuscritos e impressos; *Documentos* extraídos dos melhores arquivos ou notícias deles; *Explicação de medalhas, inscrições e epitáfios*; àlêm de diplomas régios, estatutos, etc., relativos à Academia. Dentre as Memórias ha muitas de subido valor como: as *Mem. para a hist. de El-Rei D. João I* de J. Soares da Silva; as *Mem. de D. Sebas-*

[1] *Colecção dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia portuguesa* — 1721 a 1736 —, 15 vols. Vid. também Manoel Teles da Silva, Marquês de Alegrete, *Hist. da Acad. R. Portug.*, Lisboa, 1727; J. Silvestre Ribeiro, *Primeiros traços*... pg. 132 e seg.

tião de Barbosa Machado, as *Mem. de D. Duarte* de Martinho de Mendonça de Pina e Proença; as *Mem. Eclesiásticas de Braga* por D. Jerónimo Contador de Argote, as da *Guarda* por Manuel Pereira da Silva Leal, etc.

2) **Arcádia Ulissiponense** [1]. — Foi fundada esta academia em 1756 por Antonio Dinís da Cruz e Silva e Manoel Nicolau Esteves Negrão para « formar uma escola de bons ditames e de bons exemplos em matéria de eloquência e de poesia, que servisse de modelo aos mancebos e estudiosos e difundisse por toda a nação o ardor de restaurar a antiga beleza destas esquecidas Artes ».

Sem o conhecimento dos modelos antigos era impossivel, segundo julgavam, enriquecer as suas composições das infinitas belezas poéticas, que descobre a cada passo quem frequenta a lição dos gregos e latinos. Sófocles, Vergílio, Horácio, Terêncio, passáram a ser os ídolos dos seus estudos [2]. O nome *Arcádia* tomou-o duma das mais célebres provincias da antiga Grécia, que as lendas consideravam a séde da poesia e da música; o local, onde se reunia, era designado por *Monte Ménalo;* cada sócio, na qualidade de *Arcade,* era obrigado a adoptar o nome e o sobrenome dum dos muitos pastores celebrados pelas musas gregas e latinas; a emprêsa era « *meio braço pegando em um podão* » com esta epígrafe — « *inutilia truncat.* » A sociedade tinha uma sessão particular por

[1] Vid. nas *Mem. da Acad.*, VI, 2.ª p., 62 e 141 a *Mem. sobre a Arcádia,* (1840) de Francisco Manoel Trigoso de Aragão Morato, e os artigos de Rebelo da Silva sobre a *Arcádia Portuguesa* nos *Annaes das Sc. e Letras,* I, (1857) pg. 75, 147 e 109; J. Silvestre Ribeiro, *Primeiros traços*... cit., pg. 141 e *Hist. dos Estabelecimentos Scientificos*..., vol. I, pg. 266-272.

[2] Sam as próprias expressões de Garção no discurso recitado em 1758, 3.º ano da fundação da *Arcádia;* cfr. C. C. Branco, *Curso,* já cit., pg. 170.

mês e duas públicas por ano. Os sócios mais notáveis fôram:

Corrêa Garção *(Corydon Erymanteo)*; Reis Quita *(Alcino Micenio)*; Cruz e Silva *(Elpino Nonacriense)*; Manoel de Figueiredo *(Lycidas Cyntio)*; Francisco José Freire *(Candido Lusitano)*; Manoel Nicolau Esteves Negrão *(Almeno Sincero)*.

3) **Academia Real das Sciências.** — Deve a sua fundação a D. João de Bragança, 2.º duque de Lafões, tio da rainha D. Maria I, em 1780, quatro anos depois de ter terminado a antecedente. Foi poderosamente auxiliado no seu propósito por José Francisco Corrêa da Serra, o *Abade Corrêa da Serra* (1750-1750), como era e ficou conhecido, homem de vasta ilustração botânica, que estudou em Filadélfia [1], onde regeu um curso daquela sciência, e o melhor preparado para compreender a renovação scientífica que se propunha a Academia. Das obras empreendidas pelos membros da Academia Real das Sciências devemos mencionar em primeiro logar o *Diciondrio da lingoa portuguêsa,* devido aos incansáveis exforços de Pedro José da Fonseca (1737-1816), professor de retórica no Colégio dos Nobres e autôr do *Dicionário latino-português* e *português-latino,* e aos dos seus colaboradores Agostinho José da Costa de Macedo e Bartolomeu Inácio Jorge. O Dicionário que ficou na letra « A » tem abundante cópia de autoridades e exigiu tal somma de trabalho que Pedro da Fonseca se inutilizou de doença por toda a vida e os seus colaboradores cegáram.

---

[1] Natural de Serpa, educado em Roma, para onde foi com seus pais aos seis anos, e donde voltou aos vinte e sete. Em 1786 expatriou-se com receio do Santo-Oficio. Depois duma vida agitada regressou a Portugal, vivendo aqui pouco mais dum ano, falecendo em 1823. Vid. Innoc., *Dic. Bibl.*, IV, 339-241, Teixeira de Vasconcelos, *Glorias Portuguesas*, Lisboa; sr. José de Arriaga, *Hist. da revolução portug. de 1820*.

Deram também renome à Academia as suas *Memorias* em que operossissimos escritores trabalharam devotadamente concorrendo pelas investigações feitas nos arquivos dos conventos, das câmaras e das catedrais para que se juntassem preciosos elementos sobre a história de Portugal [1]. Estes trabalhos foram empreendidos entre 1788 e 1795 e neles sobresaíram:

Fr. Manoel do Cenaculo Villas Boas; D. Antonio Caetano do Amaral; João Pedro Ribeiro; Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo; D. Francisco Alexandre Lobo; Fr. Francisco de S. Luís; Fr. Fortunato de S. Boaventura e outros.

4) **Nova Arcadia.** — Esta sociedade é também conhecida pelo nome de *Academia das belas-letras de Lisboa* e foi instituida em 1790 pelo conde de Pombeiro, José de Vasconcelos e Sousa, e dela fizeram parte muitos poetas destintos, dentre os quais se tornaram mais notáveis:

Bocage *(Elmano Sadino)*;
José Agostinho de Macedo *(Elmiro Tagideu)*;
Curvo Semedo *(Belmiro Transtagano)*;
Pato Moniz *(Olino)*.

135. Géneros literários: principaes representantes. — Vejamos agora quais foram os escritores mais notáveis do nosso país durante o sec. XVIII. Bastantes poderiamos mencionar, mas muitos sam do domínio da história literária e não do da história da literatura, que esboçamos. Alguns dos citados e que até registamos sob rubrica especial sam da colónia brasileira. Dos da metrópole, sam da *Arcadia Ulissiponense:* Garção, Quita, e Cruz e Silva; sam da *Nova Arcadia,* **CURVO SEMEDO** [2] (1766-1838)

---

[1] As fontes para o estudo da história desta corporação scientifica vêem sumariamente indicadas em J. Silvestre Ribeiro, *Primeiros traços...*, já cit., pg. 139.

[2] Belchior Manoel Curvo Semedo Torres de Sequeira, de Montemór o Novo. As *Comp. poet.* sairam o I e II vols. em Lisboa, 1803; o III,

conhecido por *Belmiro Transtagano*, que escreveu *Composições poeticas* onde sobresaem os *apólogos* e os *ditirambos;* **PATO MONIZ** (1681-1772), *Olino* na Arcádia, autôr de talento que exgotou grande parte da sua veia literária numa luta sem trégoas contra José Agostinho de Macedo, a quem, para ridicularizar consagrou o poema *Agostinheida* [1]; **PIMENTEL MALDONADO** [2] (1773-1838) notável pelos *Apologos;* outros ainda que não chegam à craveira dos apontados, e o príncipe de todos Bocage, que abaixo mencionamos.

Sam dissidentes, isto é, não fizeram parte de nenhuma academia ou arcádia: **JOSÉ ANASTASIO DA CUNHA** (✝ 1787), lente de geometria na Universidade, vítima ilustre da inquisição, e poeta em quem aparecem vislumbres de romantismo [3]; Filinto e Tolentino, a quem mais especificadamente nos referimos adeante. Na história e na epistolografia, que não sómente na poesia, tivemos verdadeiras celebridades, como passamos a ver.

POESIA

136. — **PEDRO ANTONIO CORRÊA GARÇÃO** (1724-1772) de Lisboa, é o lírico mais influente da Arcádia, onde foi designado pelo nome de *Corydon Erymantheo.* As suas epistolas e odes revelam-no como verdadeiro cultor apaixonado e sincero da beleza clássica de que se

---

ibid., 1817 e o IV *ibid.*, 1835. Tem também *Trad. das melhores fabulas de Lafontaine*, Lisboa, 1820; 2.ª ed., *ibid.*, 1843.

[1] Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. A *Agostinheida, poema heroi-comico em nove cantos* saiu em Londres, 1817 e em Lisboa, 1834. Deve ler-se Innoc. *Dic.*, VI, 304.

[2] João Vicente Pimentel Maldonado, *Apologos*, Lisboa, 1820.

[3] Para a biogr. do ilustre perseguido ver Innoc., *Dic.*, VI, 221-231; Bruno, *O Porto culto, obra para servir de remate e conclusão à dos Portuenses ilustres*, I, Porto, 1912, pg. 145 e segs.

tinha impregnado sobretudo nas leituras de Horácio. Por motivos que se ignoram mandou o Marquês de Pombal encerrá-lo numa das cadêas da capital em 1771, onde a morte o foi libertar passados oito mêses de torturas físicas e morais. Nesse mesmo dia — 10 de novembro de 1772 — chegava a ordem para o pôrem em liberdade!

Houve quem atribuisse a prisão a ter o poéta recitado na Academia dos Ocultos um poemeto intitulado *Ao infante D. Pedro não consentindo que se levantasse uma estatua,* em que Pombal teria visto uma alusão epigramática por ter mandado colocar o seu medalhão no monumento de D. José I. Outros atribuiram-na a uma aventura amorosa com a filha dum tal Macbean, escossês ao serviço de Portugal. A primeira hipótese é desfeita totalmente por esta simples questão de datas: a prisão deu-se em 1771 e a estátua de D. José só foi erigida em 1775. Resta a segunda, porventura aínda sujeita a desaparecer ou, pelo menos, a ser modificada.

Garção escreveu duas comédias que aínda hoje se leem com agrado: *Theatro Novo* e *Assembléa ou Partida* [1] e muitas poësias em vários géneros, entre as quais avultam as suas Odes: a mais encomiada das suas produções é a *Cantata de Dido,* que faz parte da *Assembléa,* e que Garrett considerava « como uma das mais sublimes concepções do engenho humano, uma das mais perfeitas obras executadas da mão do homem » [2]. Como restaurador da poësia e do bom gosto Garção ocupa entre os seus contemporâneos logar muito destinto. Garção redigiu tambêm, desde julho de 1760 até que foi suspensa em junho de 1762, a *Gazeta de Lisboa.*

---

[1] *Obras Poeticas,* Lisboa, 1778, 1 vol.; outras ed. Rio de Janeiro, 1812, 2 vols.; Lisboa, 1825, 2 vols. A todas sobreleva pelos inéditos que publíca, riqueza e esmero com que foi elaborada a *Ed. Completa,* dirigida por J. A. de Azevedo Castro. Roma, 1888.

[2] *Bosquejo,* etc., já cit.

137. — DOMINGOS DOS REIS QUITA (1728-1770), o *Alcino Mycenio* da Arcádia, natural de Lisboa; é o nosso primeiro bucólico segundo Garrett, o legítimo continuador de Rodrigues Lobo, segundo o sr. Th. Braga. Como Garção, aprendeu na própria infelicidade toda a maviosidade dos seus versos. Quita era filho dum comerciante que, falindo, lhe deixou o pesado encargo da própria e da subsistência da mãe e de seus irmãos. Na arte de cabeleireiro que aprendeu e seguiu encontrou os recursos de que necessitava. Isto explica os vagos tons de sentimentalidade esparsos em toda a sua obra.

Os idílios, odes, sonetos, canções, epístolas, etc., o drama pastoril *Lícore* revelam uma leitura proveitosa dos que, como ele, fizeram soar a frauta pastoril. Das suas tragédias em verso *Astarte, Mégara, Hermione* e *Inês de Castro* reputam os críticos como melhores as duas últimas. A *Castro* foi imitada por João Baptista Gomes na *Nova Castro* [1].

138. — ANTONIO DINÍS DA CRUZ E SILVA (1731-1799) na Arcádia *Elpino Nonacriense*, natural de Lisboa, seguiu a magistratura sendo despachado pelo Marquês de Pombal para Desembargador da Relação do Rio de Janeiro, depois que o conheceu como autôr do *Hyssope* pela queixa que lhe fez o bispo de Elvas D. Lourenço de Lencastre ao ver-se ridicularizado pelo poéta na contenda com o Deão Carlos de Lara. António Dinis é muito inferior, como lírico, aos precedentes. As suas *Odes Pindaricas*, inspiradas em reminiscências clássicas, têem às vezes rasgos sublimes, mas no geral, sam monótonas e sem inspiração.

---

[1] A 2.ª ed. das suas *Obras Poeticas*... Lisboa, 1781, considera-a Innoc. (*Dic.*, II, 196) como a mais acurada e completa. A 1.ª edição é de 1766. A 3.ª é Rollandiana como a 2.ª, 1831. A *Nova Castro* de Gomes teve trad. alemã, Leipzig, 1841.

O poéma heroi-cómico *Hyssope*, inspirado no *Lutrin* de Boileau, é uma interessante sátira de costumes escrita com certa graça, posto que a frouxidão dos versos a torne de leitura fatigante. Das poesias meúdas podem apontar-se como dignas de menção as *Odes anacreonticas* [1].

139. — MANOEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE (1765-1805) de Setubal, na Arcádia conhecido pelo nome pastoril de *Elmano Sadino*, tam falsamente avaliado por aqueles que só de nome o conhecem, foi um esbanjador, um perdulário do seu grande talento. Tendo embarcado para a India como guarda-marinha, e sendo mandado servir em Damão, desertou, fugindo para Macau e daqui para Lisboa, onde chegou em 1790. A vida libertina, que durante sete anos levou na capital, foi coroada tristemente com a publicação do poemeto *Pavorosa ilusão da eternidade*, que o levou ao Limoeiro, onde esteve tres mêses, daí ao cárcere do Santo Ofício, onde permaneceu quatro, e daí ao mosteiro de S. Bento da Saude, e por último aínda á congregação de S. Felipe Néry. Neste asílo, ilustrado por espíritos superiores como Bernardes, Teodoro de Almeida, e outros, empreendeu a tradução do 1.º livro das *Metamorphoses* de Ovídio, de fragmentos de outros e da 5.ª *Bucólica* de Vergilio. Readquirida a liberdade, seguiu nesse empenho salutar, ganhando a subsistência para si e para uma sua irmã, com quem passou a viver. Durante dois anos Bocage verteu os

---

1 *Poesias*... em 6 tomos, ed. de 1807-1817. Do *Hyssope* sam várias as ed.; a mais estimada é de 1879, ilustrada e comentada pelo sr. Ramos Coelho. Pela crítica feita ao ensino nos princípios do século XIX é curioso de lêr-se outro poéma heroi-cómico, o *Reino da Estupidez* publicado anonimamente em 1819 de Francisco de Mello Franco (1757-1823). Ambos de dois, com algumas sátiras de Tolentino, foram publicados em esplendida ed. do Rio de Janeiro em 1910 com introd. crítica e anotações do ilustre filólogo Sr. Dr. João Ribeiro.

Jardins de Delille, as *Plantas* de Castel, o *Consórcio das Flores* de Lacroix, a *Galathea* de Florian, e muitas obras, algumas delas bem pouco dignas do exercício de tam grande talento.

Acusado por último, mas sem conseqüências, à Inquisição, o poéta veiu a falecer em edade que a experiência dolorosa da vida tornaria mais frutuosa, se fôsse prolongada.

Ha na vida de Bocage uma circunstância que muito concorreu para que o seu lirismo fôsse tam verdadeiro e tam sincero. Foi o amor puro e leal que consagrou a Maria Vicência, filha de Antonio Marçal Leite, de quem foi hóspede. Quando fôra preso no Limoeiro pela acusação de revolucionário e ateu não foi dificil convencer a mãe dessa senhora de que não devia permitir o casamento com o apaixonado poéta. À hora da morte a mãi fez jurar sua filha que nunca realisaria esse casamento. Este amor contrariado inspirou a lira do Bocage duma fórma superior. O poéta tambêm cantou a decadência do nosso domínio no Oriente. Este lado por que deve ser apreciado o poéta setubalense é, sem dúvida, bem superior ao que sobreviveu na tradição — o popular, que fez de Bocage um boémio incorrigivel, aventureiro e vagabundo. Pelo alto sentimento que traduz nos seus versos, pela onda revolta de protesto contra a decadência moral e politica do seu tempo, tomando ora a fórma do ridiculo, da sátira, do doesto, ora a da invectiva desassombrada e eloqüênte, Bocage brilha na galaria dos nossos poétas como estrela de primeira grandeza.

O talento de Bocage manifestou-se no dom da *improvização*, em que não conheceu rival, na *sátira*, que ele brandia vigorosamente retalhando a largos vergões os adversários, que se lhe atravessavam no caminho, como José Agostinho, contra quem escreveu essa soberba apóstrofe — *Pena de Talião*, e nos *sonetos*, duma perfeição e dum brilhantismo, que ombreiam com o melhor de Camões

nesse género [1]. Os discípulos e imitadores de Bocage sam designados pelo nome de *Elmanistas.*

140. — **JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO** (1761-1831) o inimigo roaz de Bocage está, apesar da sua inteligência fecunda e operosíssima e da sua vasta erudição, posto que superficial, muito abaixo do seu competidor. A relaxação dos seus costumes levou os frades Gracianos, em cuja agremiação entrou, a expulsá-lo solemnemente, fazendo-lhe largar o hábito na presença de toda a comunidade. Duma vaidade ridícula quis suplantar Camões e com esse propósito retomou o assunto dos *Lusíadas* e confeccionou sem paixão, sem vida, sem poësia, o *Gama* [2], que depois denominou *Oriente* [3] e que no intuito de tornar mais perfeito chegou a refundir quatro vezes. Vêem depois, no género didascálico, os poémas *Natureza* [4],

[1] Sam várias as ed. das obras de Bocage. Veja-se em Innoc. a enumeração. Da antiga ed. em 7 vols., Lisboa, 1791-1842 alguns vols. fôram várias vezes reimpressos. Os vols. 17 a 25 da « Livr. clássica Portug. » Lisboa, 1845-47 compreendem excertos da obra de Bocage por Castilhos (Antonio e José), que no Rio de Janeiro se reimprimiram em 3 vols. Vid. principalmente a ed. anotada por Innoc. e precedida dum estudo biográfico e literário por L. A. Rebelo da Silva, 6 vols., Lisboa, 1853; e a ed. *Obr. poeticas,* 8 vols., Porto, 1875-76; o último trás a biografia de Bocage pelo sr. Th. Braga. Dêste mesmo autôr — *Bocage, sua vida e epoca literaria;* Eloy do Amaral, *Bocage, fragmentos de um estudo auto-biographico,* Figueira da Foz, 1913. A cidade de Setubal festejou o primeiro centenário do grande poéta, que faleceu em Lisboa no dia 21 de dezembro de 1805, no dia correspondente de 1905. Vêr sobretudo *Diario de Noticias* de quinta feira, 21 de dezembro de 1904; *Illustração do Seculo,* n.° 111. Vid. também *Serões,* n.° de dez. de 1906, pg. 510, — *Bocage e a inquisição* (acompanhado de muitas gravuras).

[2] *Gama : poema narrativo,* Lisboa, 1811.

[3] Lisboa, 1814, 2 vols.; *ibid.,* 1827 e Porto, 1754. O Sr. J. Ramos Coelho no estudo *Camões e Macedo, analise do Discurso Preliminar com que este prefaciou o « Oriente »,* (Lisboa, 1911) demonstrou que o rancoroso inimigo do grande Epico foi « além de injusto, falsario ».

[4] *A Natureza, poema em 6 cantos,* Lisboa, 1846; Porto, 1854.

Newton [1], *Meditação* [2], *Viagem extactica ao templo da sabedoria* [3], reveladores da sua facilidade em amontoar versos sobre versos, e pouco mais.

Do seu génio atrabiliário e caracter virulento sam prova incontroversa os *Burros* [4] monstruosidade moral e literária contra os seus colegas na Arcádia, e os *jornaes* que o seu odio ferrenho de miguelista envenenava *A tripa virada, Tripa por uma vez, A besta esfolada,* etc. O procedimento que teve com Bocage nos últimos anos da vida do desditoso Elmano, e que Pato Moniz nos revelou, tornam tam odioso o seu caracter, como é superficial e secco o seu talento. E' talvez nas obras ligeiras, *cartas, sátiras, opúsculos de crítica,* etc. que melhor se evidencia a maleabilidade do seu talento. Ao muito que dele já se conhecia ha agora a juntar as obras póstumas publicadas por Theophilo Braga — as *Cartas e opusculos* [5] e as *Censuras a diversas obras, composições lyricas, didacticas e dramaticas* [6] que, com as *Memorias para a vida intima de José Agostinho de Macedo* [7] escritas por Innocencio Francisco da Silva, fornecem a completa documentação para o estudo bio-bibliográfico de tam fecundo e poderoso escritor [8].

---

[1] Lisboa, 1813 ; 2.ª ed., *ibid* , 1815 e Porto, 1854.

[2] *Meditação, poema philosophico em 4 cantos,* Lisboa, 1813 ; *ibid.,* 1818 ; Porto, 1854 ; Pernambuco, 1837.

[3] *Viagem... poema em 4 cantos,* Lisboa, 1830 ; Pernambuco 1836 ; Porto, 1854.

[4] *Os Burros ou o reinado da sandice, poema eroico-satyrico em 6 cantos,* Paris, 1827 ; *ibid.,* 1835, Lisboa, 1837.

[5] 1 vol , Lisboa, 1900.

[6] 1 vol., Lisboa, 1901.

[7] 1 vol., Lisboa, 1899.

[8] Vid. àlêm das ob. cit. no texto : *Curso,* de C. C. Branco, já cit., pg. 264-265. Sobre a biografia : R. Ortiz, *La Literatura Portuguesa en el siglo XIX,* Madrid, 1869 ; *Annaes das Sc. e Letras,* II, 1849, artigos de Lopes de Mendonça sob o titulo *J. Agostinho e a sua epoca* ; Carreira de Mello, *Macedo, biographia e catalogo de obras,* Porto, 1854 ; Innoc., *Dic. Bibl.,* IV, 183-215.

141. — FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO (1734-1819) é mais conhecido pelo nome poético *Niceno* e melhor pelo de *Filinto Elysio,* que lhe pôs a primeira Marquêsa de Alorna. Tendo escapado milagrosamente da perseguição do Santo Ofício, fugiu para Paris (1778), onde viveu a maior parte da sua vida — 41 anos — e onde morreu quase na miséria, em 25 de fev. de 1819, com 85 anos de idade, não lhe faltando, porém, na terra de « exilio, de pobreza, de amarguras e de saudades » nos dias de doença os socorros materiais e na hora estrema os espirituais, mercê da gentileza do embaixador portugues Marquês de Marialva [1]. Apesar de estar em contacto com uma sociedade, centro de cultura universal, as idéas novas não abriram brécha no seu amor exagerado a Horácio. Cantado por Lamartine em uma ode que ficou célebre, sequestrado da pátria e dos amigos, vivendo pobrissimamente rodeado de infortúnios, não pôde largar vôos amplos à fantasia e criar obras originaes. Trabalhou muito para viver; os seus livros têem acentuado cunho didáctico; talvêz por isso ha uma afectação exagerada em tudo o que saío da sua penna, que é muito, e que constitue um serviço enorme feito ao idioma pátrio. A versificação é pouco suave mas altamente variada e rica. Das suas obras [2] destacam-se as traduções do *De rebus Emmanuelis gestis* de Osório, da *Punica* de Sílio Itálico, dos *Mártires* de Chateaubriand, do *Oberon* de Wieland, das

---

[1] O funeral tambêm foi feito a expensas do nosso embaixador. Passados 23 anos, em 1842, foram os ossos trasladados para Lisboa, e em 19 de julho de 1856 colocados em túmulo especial no cimitério do Alto de S. João. Vid. o estudo do brasileiro Pereira da Silva — *Filinto Elysio e a sua epoca,* Rio de Janeiro, 1891. Pormenores inéditos interessantes na comunicação á Academia das Sc. de Lisboa de Sousa Monteiro. Cfr. *Bol. da Seg. Cl.*, I, (1903), 151-168.

[2] Ha duas ed. geralmente tidas como completas, a de Paris, 1817-1819, 11 vols., e a de Lisboa, 1836-1840, 22 vols.

Fábulas de La Fontaine. Dentre os trabalhos originaes, as *odes* e *epístolas* sam os melhor conceituados. Entre estas ha uma dirigida « *Ao amigo Brito* » sobre poësia e língoa portuguêsa, que é digna de lêr-se pela proveitosa lição que encerra.

142. — **NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA** (1741-1811), durante catorze ou quinze anos professor de retórica em Lisboa e mais tarde oficial da secretaria de estado dos negócios do reino, é, com o anterior, o mais notavel *dissidente* de qualquer tertúlia ou arcádia. O seu génio poético tomou a feição satírica e daí lhe derivou o maior título da sua glória. Mas como é que um poéta que se confessa dependente de toda a gente, em lástimas que não tinham fim, podia fazer vibrar nos seus versos a sentida e verdadeira indignação da sátira? E' por isso que a sua musa não tem a coragem da de Juvenal; é cortesã, respeitosa, engraçada, como disse Garrett. Sabe ter côres variadas e exactas para pintar os ridículos do seu tempo; distribue-as bem, com fluência e vernaculidade de frase. Essas qualidades revelam-se sobretudo nas sátiras seguintes, que sam tidas pelas melhores: *Bilhar, Passeio, Função* e *Guerra,* que sam bem portuguesas pela lingoagem castiça, pela elegância e pela côr [1].

143. — **Duas Poetisas.** Entre os cultores da poesia que brilharam neste século e ainda em parte do imediato figuram duas senhoras não menos insignes que muitos dos seus contemporâneos — a **VISCONDESSA DE BAL-**

---

[1] *Obras completas... com alguns ineditos e um ensaio biogr.-critico por José de Torres. Illustradas por Nogueira da Silva...* Lisboa, 1861. E' a ed. mais completa e estimada. A 1.ª biogr. do Poéta é de João Augusto do Amaral Frazão e saiu em Lisboa, 1843, com o título *Vida do Poeta Nicolau T. de Almeida,* 34 pgs.

SEMÃO[1] cuja obra está quase inteiramente inédita, mas que bem merecia a consagração da publicidade e a **MARQUESA DE ALORNA**[2], a decantada *Alcippe*, cujas *Obras Poeticas* revelam um finissimo espirito, de uma esmerada cultura, como a podiam ter as mais viris inteligências do Renascimento, tanto nas belas-letras, como nas sciências. Mais, porém, do que pelos seis volumes das suas poesias, o talento da Marquêsa de Alorna tornou-se destincto e influiu largamente no nosso meio pelos seus salões que reuniam todas quantas pessoas em Lisboa primavam pelo seu saber e pelo seu amor às letras e às sciências.

O TEATRO

144. — O teatro no sec. XVIII. Não tivemos teatro no século anterior, póde dizer-se. O *Fidalgo Aprendiz* é caso esporádico, tam singular ele é. A decadência continúa neste período. O teatro espanhol durou longo tempo entre nós. Em 1709 imprimia-se em Lisboa a *Musa jocosa de varios entremeses portugueses e castelhanos*, confessando o coleccionador que se resolvera a isso por ser a *Musa entretenida de varios entremeses*, publicada por Manoel Coelho Rebelo em 1658, obra rara, e que, por o ser, se lhe fizera segunda edição em 1695. D. João V quís transplantar para Portugal a ópera italiana; isso fez nascer um novo género — as *Operas Portuguêsas* representadas nos teatros públicos do Bairro Alto e da Mouraria desde 1733 a 1741. Não sam estimáveis estas

---

[1] D. Catarina Micaela de Sousa Cesar de Lencastre [1749-1824], cuja biogr. se pode lêr na *Illustração, jornal univ.*, I, 1845, pg. 127 e seg.

[2] Marquesa de Alorna, Condessa do Assumar e Oeynhausen — D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre [1750-1839]. Vid. *Panorama*, 1844, pag. 403; Teixeira de Vasconcelos, *Glorias Portuguesas*, Lisboa, 1869, pg. 115-159 e o vol. I das *Obras*.

peças, diz Aragão Morato, nem pela invenção, nem pelo enredo, nem pelo estilo e lingoagem, mas têem muita graça cómica e uma certa originalidade que debalde se procura em todos os nossos dramáticos do século antecedente [1].

A *Arcádia*, fundada em 1756, como vimos, tentou a restauração do teatro, mas não o conseguiu, pois foi arrancá-lo à influência castelhana para o lançar sob outra influência estranjeira — a francêsa e a italiana. Obras de Voltaire, Racine, Molière, e de Metastasio, Goldoni, Maffei, acomodadas com melhores intenções do que feliz efeito ao chamado gôsto português inundaram simultaneamente o nosso teatro. Entre esta sujeição ao jugo estranjeiro e a influência decisiva do gôsto clássico, querendo muitos sujeitar toda a literatura às leis traçadas por Aristóteles na sua *Arte Poetica,* que Francisco José Freire desde 1748 traduzira, se vai arrastando o teatro até esperar a hora em que o pulso de Garrett o arrancará ao seu torpor. Pondo de parte individuos de nome quase ignorado, como **ANTONIO XAVIER FERREIRA DE AZEVEDO** (1784-1814) autôr da farça *Manuel Mendes;* **JOSÉ CAETANO DE FIGUEIREDO** (+ 1818) da *Brites papagaia;* **MANOEL RODRIGUES DA MAIA** (+ 1804) do *Doutor Sovina* e *Gallego lorpa;* **ALEXANDRE ANTONIO DE LIMA** (1609-1760) dos *Novos encantos do amor,* etc., os melhores representantes do teatro português do sec. XVIII sam, àlém de Garção e Quita, já citados, os que em seguida apontamos.

145. — **ANTONIO JOSÉ DA SILVA** (1705-1739) é o representante legitimo desse teatro nacional e popular inaugurado por Gil Vicente, que as comédias espanholas haviam desterrado da scena e do gôsto popular. Embora nascido no Brasil, (8 de maio de 1705), António José, conhecido pela designação de *Judeu,* por ter nascido

[1] Aragão Morato, *Mem. sobre o theatro portuguès,* jà cit, pg. 74.

duma família de cristãos-novos — o pai, o advogado João Mendes da Silva e a mãi Lourença Coutinho foram remetidos para Lisboa, esta acusada de *cristã-nova* — é verdadeiramente um escritor nacional, que nas suas obras soube castigar os ridículos da sociedade, em que viveu desde os oito anos até aos trinta e quatro, em que expirou como vítima da inquisição, sendo degolado no auto-de-fé realizado a 18 de outubro de 1739. A *Vida de Esopo* era um bote jogado ás teses escolásticas; o *Labirintho de Creta* visava a mitologia considerada indispensavel na fabulação poética; as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* retratavam dois grupos de peralvilhos inúteis; o *Amphitrião* tinha scenas alusivas ao terrivel tribunal, que o não poupou. O público apreciava as « *Operas* » do *Judeu* como se via pela concorrencia ao teatro do Bairro Alto e pelas gargalhadas com que lhe sublinhava os dizeres.

As comédias de Antonio José sam: *Vida de D. Quixote de la Mancha; Esopaida; Encantos de Medea; Amphitrião; Labirintho de Creta; Guerras do Alecrim e da Mangerona; Variedades de Protheo; Precipicio de Phaetonte* [1].

146. — **NICOLAU LUÍS** era mestre-escola e foi ensaiador no teatro do Bairro Alto quando começou a traduzir comédias do espanhol, do francês e do italiano. Foi o criador dessas comédias que se chamáram « *de cordel* » e que alimentáram durante anos os teatros de Lisboa. Muitas delas tornaram-se popularíssimas aparecendo sem nome de autôr e sem a mínima pretensão literária. Atri-

---

[1] Consulte-se a *Illustração Luso-Brazileira* de 1856, I, 190; Varnhagen, *Florilegio da Poesia brazil.*; Pereira da Silva, *Varões ilustres do Brazil.* As oito comédias de António José apareceram em dous vols. — *Theatro comico português*, 1774. Na minha colecção *Subsidios para o estudo da historia da Literatura Portuguesa*, vols. V-VI, publiquei a *Vida de D. Quixote* e as *Guerras do Alecrim*, etc., com introdução bio-bibliográfica no 1.º dêsses volumes.

buem-se a Nicolau Luís os *Maridos perallas*, a tragédia *D. Inês de Castro*, o *Belisario*, *Amores e obrigação*, etc. [1].

147. — **MANOEL DE FIGUEIREDO** (1725-1801), o *Lycidas Cynthio*, pretendeu ser um reformador do nosso teatro, mas ele próprio confessava a inanidade dos seus exforços. Traduziu de Eurípedes a *Andromaca* e a *Ifigénia*, de Corneille o *Cid* e o *Cinna*, de Addison o *Catão*, etc., e compôs algumas comédias que Garrett julgava aproveitaveis com « um diálogo mais vivo, e um estilo mais animado ».

A falta de qualidades essenciaes a quem escreve para o teatro, a ruím metrificação, o estilo didático, a frieza da acção, a pouca graça, tudo isso tornou o teatro de Figueiredo velho aínda para os seus contemporâneos, que nem lhe compreenderam os intuitos louvaveis, nem o favoreceram e estimaram, deixando-o perecer no quase completo despreso da sua obra [2].

OS EPICOS

[COLÓNIA BRASILEIRA]

148. — **A poesia épica no século XVIII.** Dos numerosos poetas épicos do presente século, àparte José Agostinho de Macedo que já estudamos, os restantes pertencem á colónia brasileira. Pertencem aínda á metrópole os seguíntes de que bastará fazer menção: **D. FRANCISCO XAVIER DE MENESES** (1673-1743),

---

[1] Cfr. o *Dic. Bibl.* de Innoc., VI, 275 e seg.

[2] Vid. a ed. completa: *Theatro de* . . ., Lisboa, 14 tomos, 1804-15. Foi um irmão do autôr quem lhe publicou as Obras, bem como as que saíram com o título *Obras Posthumas*, Lisboa, 1804, 1 vol. No vol. 14 e último ha numerosas e interessantissimas referências a pessoas e factos do sec. XVIII feitas pelo referido irmão, muito dignas de ler-se.

4.º Conde da Ericeira, na opinião de C. C. Branco « o espirito mais esterilmente afadigado e o mais simbólico das academias de sua eleição » [1] tradutor da *Arte poetica* [2] de Boileau e que escreveu a *Henriqueida*, cujo herói é Henrique de Burgonha, movendo-se a acção em volta da expulsão dos Mouros, poéma sem inspiração e sem entusiasmo [3], **THEODORO DE ALMEIDA** (1722-1804) [4] que, àlêm da novela *Feliz independente do mundo e da fortuna* (1799, 3 vols.), da *Recreação filosofica* (10 vols., 1751-99) e das *Cartas Fisico-Matematicas* (1784-99, 3 vols.) escreveu em seis cantos e oitava rima o poéma *Lisboa destruida;* **PEDRO DE AZEVEDO TOJAL**, autôr do *Carlos Reduzido* [5], **MEDINA DE VASCONCELLOS**, que dei-

---

[1] *Curso*, II, 138. Cfr. atrás pg. 456.

[2] Lisboa, 1818, e antes na 2.ª p. do *Almanach dos Musas*. C. C. Branco (*Curso*, II, 138-143) narra as peripécias interessantes que se deram entre Boileau e o 4.º Conde da Ericeira a propósito desta trad., e que sam bem pouco honrosas para a memória daquele.

[3] Lisboa, 1741.

[4] Homem de vasto saber. Viveu em França durante dez anos ensinando fisica e matemática. A sua obra capital é evidentemente a *Recreação filosofica ou dialogo sobre a filosofia natural, para instrucção de pessoas curiosas que não frequentaram as aulas*, Lisboa, 10 vols. O *Lisboa destruida* tem valor histórico pelas minúcias com que se refere ao terramoto de 1755, como também acontece a dous poémas que tratam da edificação de Lisboa — *Lisboa restaurada*, por Vicente Carlos de Oliveira, Lisboa, 1784, e — *Lisboa reedificada*, por Miguel Manucio Ramalho, Lisboa, 1780. Th. de Almeida escreveu também sermões e varios opúsculos. O *Feliz Independente* é uma imitação do Telémaco, como o é também o romance *Aventuras de Diophanes ou maximas da virtude e formosura com que Diophanes, Clymenea e Hemirna, principes de Thebas venceram os mais apertados lances da desgraça*, por Dorothea Engracia Tavareda de Almira (1777) (anagrama de Theresa Margarida da Silva e Horta).

[5] *Carlos reduzido, Inglaterra illustrada* ..., Lisboa, 1716. Tojal como deixamos apontado no logar competente, é um dos trad. de Tasso. Tojal escreveu também um poéma heroi-cómico para ridicularizar o inventor dos balões — Lourenço de Gosmão — *Foguetario*,

xou o *Zarqueida* e o *Georgeida;* e **COSTA E SILVA** (✝ 1854), cuja obra o *Passeio* tem algumas belezas descritivas [1], etc. Da colonia brasileira temos:

149. — **JOSÉ BASILIO DA GAMA** (1740-1795) que nasceu a 22 de julho na vila de S. José do Rio das Mortes, em Minas, hoje cidade de *Tiradentes* [Minas Geraes], e foi educado no Rio de Janeiro nas escolas que os jesuitas sustentavam com lustre naquela capital. Concluído o curso de preparatórios quis seguir os estudos superiores em Portugal na Universidade de Coimbra, mas pouco se demorou nesta cidade, partindo para Roma e daí para Lisboa, e por último para o Rio. Recebido nesta cidade com desconfiança, perseguido e preso como partidário dos jesuitas, obteve a liberdade com as boas graças que captou ao Marquês de Pombal por ocasião do casamento da filha dêste, D. Maria Amália, escrevendo um epitalámio, que é uma bela produção. Pombal deu-lhe o logar de oficial da secretaria dos Negócios Estrangeiros; na mediania desta situação escreveu o *Uraguay*. Gama morreu a 31 de julho de 1795 em Lisboa, sendo sepultado na matriz da Boa Hora, em Belem. O *Uraguay* é um poéma épico, tendo por herói o chefe índio Cacambo e por acção a luta entre os portuguêses e os índios do Paraguay. O poéma é escrito em verso endecassílabo solto e tem episódios notáveis, como o da morte da heroïna Lindoya, o sonho do herói, o discurso do Cacambo

---

que eu reeditei na minha Colecção *Subsidios para o estudo da hist. da Lit. Port.* É o vol. IV, Coimbra, 1904.

[1] As *Poesias* abrangem 3 vols., e tem mais *Isabel ou a heroina de Aragão; Emilia e Leonida ou os amantes suevos; O Espectro ou a Baronesa de Gaya;* a trad. do poéma de Delile, *A Imaginação*, e a de Apolónio Ródio, *Os Argonautas.* Mas acima de todos estes poémas está a sua obra em prosa de investigação e análise crítica — *Ensaio biografico-critico sobre os melhores poetas portugueses*, Lisboa, 1850-59, 10 vols.

a Gomes Freire, etc. O *Uraguay* é, no dizer de Garrett, a melhor corôa da poésia brasileira [1].

150. — JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO (1737-1784) natural, como o antecedente, de Minas Geraes, tomou o hábito augustiniano e doutorou-se na Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra (1756), onde recitou uma oração de sapiencia em 1778. Perpetuou-lhe o nome o seu *Caramurú* (1781), impresso doze anos depois do *Uraguay*.

« A acção do poéma, segundo diz o próprio autor, é o descobrimento da Bahia, feito quasi no meio do seculo XVI por Diogo Alvares Correia, nobre viannês, comprehendendo em varios episodios a historia do Brasil, ritos, tradições, milicias dos seus indigenas, como tambem a natural e politica das colonias. Diogo Alvares... naufragou nos baixos de Boipebá, vizinhos da Bahia. Salvaram-se com elle seis dos seus companheiros, e foram devorados pelos gentios antropophagos, e ele esperado por vir enfermo para, melhor nutrido, servir-lhes de mais gostoso pasto. Encalhada a náo, deixaram-no tirar dela polvora, balas, armas, e outras especies de que ignoravam o uso. Com uma espingarda matou ele, caçando, certa ave; do que, espantados os barbaros, o aclamaram *Filho do Trovão* e *Caramurú*, isto é, Dragão do mar ». Dêste momento por diante Diogo Alvares torna-se um semi-deus. Casa com Paraguaçú que conduziu a França, onde foi baptizada, sendo madrinha Catarina de Medicis, regressando depois á Bahia, onde é recebido com o antigo respeito.

Sobresaem neste poéma as descrições dos costumes dos selvagens do Brasil, o episódio de Moëma, o da estátua da ilha do Pico, etc. Cultor desvelado dos clássicos conseguiu Durão ser mais correcto do que Basílio da Gama, que

[1] Ed. 1.ª, Lisboa, 1769. E 1811, 1822 e 1845. Ver a ed. feita em 1900 em Pelotas com anotações de J. Arthur Montenegro.

o excedia em delicadeza e gôsto. O *Caramurú* foi impresso em Lisboa sob as vistas do autor em 1781 [1]. Parece que Durão compôs muitas peças líricas, que inutilizou ou se perderam.

OS LIRICOS

[COLÓNIA BRASILEIRA]

151. — Os líricos. O lirismo chegou a grande altura nas composições dalguns dos poétas da nossa colónia do Brasil, muitos dos quais faziam parte da *Arcadia Ultramarina* e constituiram a afamada *Escola Mineira* como **CLAUDIO MANOEL DA COSTA** (1729-1789), cujos sonetos são petrarquistas e que na contextura têem o sainete arcádico da escola de Garção [2]; **IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO** [3] (1744-1793) e **MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA** [4] (1749-1814) o *Alcindo Palmireno* da *Arcádia Ultramarina* líricos apreciaveis mas de craveira inferior a Gonzaga, de quem, todavia, tentaram aproximar-se. Gonzaga e Sousa Caldas merecem registo especial.

152. — **THOMÁS ANTONIO GONZAGA** (1744-1807 ?), o *Dirceu* da Arcádia, nasceu no Porto, de pai brasileiro e mãi portuguesa-portuense, a 11 de agosto de 1744. For-

---

[1] 2.ª ed., Lisboa, 1836; 3.ª, Bahia, 1837; 4.ª, Lisboa, 1845. Reproduzido com o *Uraguay* nos *Epicos Brasileiros*, de Varnhagen.

[2] C. Castello Branco, *ob. cit.*, II, 249. As suas poesias líricas encontram-se reunidas in *Obras de Claudio Manoel da Casta, Arcade Ultramarino, chamado Glauceste Saturnio*..., Coimbra, 1768, 1 vol., raro, como tudo o que é dêste poéta. Claudio tem ed. na casa Garnier. O poema *Glaura* saiu na *Bibl. Univ.*, Lisboa.

[3] *Obras Poeticas*, Rio de Janeiro, 1865, ed. de J. Norberto de S. Silva.

[4] É o autôr do poéma heroi-cómico — *Desertor*, Coimbra, 1774. Ed. das líricas na mesma casa Garnier dirigida também por Norberto Silva.

mado em Direito na Universidade de Coimbra (1763) seguiu a carreira da magistratura, passando á Baía no cargo de desembargador. Aí, quando éstava para casar com aquela que depois cantou sob o nome de *Marilia* [1] salteou-o uma ordem de prisão motivada por o acusarem de fazer parte capital da chamada conjuração dos *Confidentes,* rebelião republicana de Minas. Com a confiscação de bens, foi-lhe imposta a pena de degredo perpétuo para um dos presídios de Angola, depois comutada em dez anos de degredo para Moçambique, com pena de morte se voltasse à América. E no meio das agruras do exilio, entre os tormentos da loucura morreu o mavioso Poeta por 1807.

Imortalizou-o a *Marilia de Dírceu,* obra repassada de sentimento e notavel pela doçura e suavidade da expressão. Mas não ha duvida de que os amores desgraçados de Gonzaga têem uma grande parte na exagerada popularidade da *Marilia* [2].

153. — **ANTONIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS** (1762-1814) é o poëta português que melhor desferiu vôos em assuntos religiosos. As suas *Poesias Sacras,* que abrem com a belíssima óde *Sobre a existencia de*

---

[1] Maria Joaquina Dorothea de Seixas era a *Marilia,* que o poëta esqueceu, anos depois, casando em 1793 em Africa com a opulenta senhora Juliana de Sousa Mascarenhas. No depoimento à autoridade eclesiástica declarou — *que nunca dera palavra de casamento a pessoa alguma!* (Fernandes Pinheiro, *ob. cit.,* II, 331). Mas se *Marilia* também casou!

[2] Biogr. em Bruno, *Portugueses illustres,* Porto, 1907, pg. 297.

Sam numerosas as ed. Apreciavel é a de Paris, 1862, 2 vols. — *Marilia de Dirceu. Lyras de Thomás Antonio Gonzaga, precedidas d'uma noticia bibliographica e do juizo critico dos auctores estrangeiros e nacionaes e das lyras escriptas em resposta ás suas e acompanhadas de documentos historicos,* por J. Norberto de Sousa S., Paris, 1862, 2 vols. Ha uma ed. de 1888, de Lisboa. Mas a todas sobreleva a revista e prefaciada pelo ilustre escritor José Verissimo, Rio de Janeiro, 1910. É a 33.ª edição! Gonzaga traduziu o *Pastor Fido* de Guarini.

Deus dam testemunho da vitalidade do seu estro. A óde *Sobre a virtude da religião cristã*, a cantata chamada *Creação*, a óde *Sobre a necessidade da revelação*, e muitas outras dão-lhe jus ao título de primeiro poëta sacro. Das composições profanas sobreleva em gôsto e arrojo a cantata *Pigmalião* [1].

PROSA

Sumário: 154. História, seus representantes. — 155. Sebastião da Rocha Pitta. — 156. Fr. Manoel dos Santos. — 157. D. António Caetano de Sousa. — 157. Diogo Barbosa Machado. — 158. Francisco Leitão Ferreira. — 160. José Soares da Silva. — 161. Fr. Manuel do Cenaculo Villas Boas — 162. Antònio Ribeiro dos Santos. — 163. D. António Caetano do Amaral. — 164. João Pedro Ribeiro. — 165. D. Francisco Alexandre Lobo. — 166. D Fr. Francisco de S. Luis. — 167. Fr. Fortunato de S. Boaventura. 168. Manuel António Coelho da Rocha. — 169. Eloquencia. 170. Epistolografia. — 171. António da Costa. — 172. António Nunes Ribeiro Sanches. — 173. Francisco Xavier de Oliveira. 174. Alexandre de Gusmão. — 175. Trabalhos filológicos do século XVIII. — 175. Francisco José Freire. — 177. António Pereira de Figueiredo. — 178. Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. 179. Francisco Dias Gomes. — 180. Jeronymo Soares Barbosa. 180. Obras diversas.

154. — História; seus representantes. Não chegaria um volume para falar dignamente de todos quantos neste século se empenharam em colher pelos arquivos do reino notícias que interessassem à nossa história quer eclesiástica, quer civil. Podemos dividí-los em dois grupos: os pertencentes à *Academia Real de História* e os da *Academia Real das Sciencias*. Os seus trabalhos sam, como é natu-

[1] *Obras poeticas*: I — *Psalmos de David vertidos em rhytmo português*... II — *Poesias sacras e profanas*..., 2 vols., 1820-21. Outra ed., Coimbra, 1836 [sem os psalmos]. Caldas julgava as suas composições imperfeitas e pensou em queimá-las, propósito de que amigos o demoveram a muito custo. Vid. L. D. Villela da Silva, *Observações criticas*... *a Balbi*, Lisboa, 1828, pg. 20.

ral, deseguaes, mas todos se exforçam por serem exactos e conscienciosos. Deve-se-lhes, em geral, muita investigação sábia e pacientemente feita. Oxalá o nosso século pudesse apresentar assim uma pléiada tam numerosa e tam destinta de trabalhadores nos árduos campos da história nacional, onde aínda tanto ha que arrotear e surribar!

a)

Academia Real da História

155. — SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1660-1738), em estilo eivado dos defeitos gongóricos, túmido e hiperbólico, deixou a *Historia da America Portuguesa desde o anno de 1500... até o de 1724*, util pelas informaçõis que sobre o assunto compendiou [1], mas sem cunho histórico propriamente dito, parecendo antes um romance histórico.

156. — FR. MANOEL DOS SANTOS (1672-1748), que já atrás mencionamos como um dos continuadores da *Monarchia Lusitana* de Brandão (Parte VIII, relativa a D. Fernando e D. João I), escreveu mais: *Alcobaça illustrada*, e sobre a vida e feitos de D. Sebastião deixou uma obra a que pôs o título de *Historia Sebastica* [2].

157. — D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA (1674-1759), um dos fundadores da Academia Real da História Portuguêsa, escreveu:

— *Historia Genealogica da Casa Real* (13 tomos) [3] á qual juntou, como documentos, as:

---

[1] Lisboa, 1730, 2.ª, *ibid.*, 1880, anotada por J. J. Goes, outra na Baía, 1878.

[2] Lisboa, 1735.

[3] *Hist. Geneal. da Casa Real port. desde a sua origem até o presentes com as familias illustres que procedem dos Reis e dos Serenissimos Duque, de Bragança, justificada com instrumentos e escriptores de inviolavel fé*; Lisboa, 1735-48, 13 tomos em 4.º.

— *Provas da Historia Genealogica* (6 tomos)[1] dando ainda um outro volume com o título — *Indice Geral*[2]. Esta obra, fruto de largas investigaçõis e denunciadora de aturado esfôrço, foi oferecida a D. João V. Não é um mero catálogo de famílias; mas uma história que se lê com interesse e com proveito. As *Provas* mereceram a J. P. Ribeiro graves censuras, que vê nelas « tantos erros e tão grosseiros que apenas se póde supôr que ele chegasse a ler alguns monumentos que ali produziu, tendo-se servido de pessoas inteiramente ineptas para lhe tirar copias »[3]. D. Antonio Caetano de Sousa acrescentou um 4.º tomo ao *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e escreveu *Memórias* dalguns bispados ultramarinos.

158. — DIOGO BARBOSA MACHADO (1682-1772), o ilustre abade da igreja de Santo Adrião de Sever, no bispado do Porto. Reuniu á custa de ímprobo trabalho uma rica biblioteca, que só de opúsculos raros concernentes à história de Portugal e Brasil formava 85 vols., àlêm de muitas outras preciosidades bibliográficas. Tendo-as legado à R. Bibl. da Ajuda fôram parar ao Rio de Janeiro quando em 1808 D. João VI para lá fugiu, vindo a constituir com outras o fundo da Biblioteca Nacional do Rio[4].

---

[1] *Provas da Hist. Geneal. da Casa Real port., tirada dos instrumentos do Arch. da Torre do Tombo, da Serenissima Casa de Bragança, de diversas Cathedraes, Mosteiros e outros particulares d'este reino*; Lisboa, 1739-48, 6 tomos em 4.º.

[2] *Indice geral dos appellidos, nomes proprios e causas notaveis que se comprehendem nos treze tomos da Hist. Geneal. e dos doc. comprehendidos nos seis vol. de Provas com que se acha auctorisada a mesma Hist.*; Lisboa, 1749, 1 vol. em 4.º.

[3] Vid. as *Observações Diplomaticas*.

[4] Cfr. *Annaes da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, 1876-77*, fasc. I. Segundo investigaçõis recentes parece que os livros foram mandados para o Brasil em tres sucessivas remessas, quando já lá estava D. João VI.

Barbosa deixou-nos uma obra valiosa como documento bibliográfico; é a sua

— *Bibliotheca Lusitana* [1]. Debalde se procurará nos grandes volumes da *Bibliotheca* a nota crítica estremando as belezas e os defeitos das obras, que entram na sua galaria; mas ha ali, que baste, um vasto reportório de informações, com improbo trabalho colhidas, e que de muito têem servido aos continuadores de estudos idênticos. E' de menor importância o vol. *Memorias para a hist. de Portugal que comprehendem o governo d'el-rei D. Sebastião desde 1554 a 1561* [2].

Diogo Barbosa teve dous irmãos: **IGNACIO BARBOSA MACHADO** autôr dos *Fastos politicos e militares da antiga e nova Lusitania* e **D. JOSÉ BARBOSA MACHADO** que deixou o *Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das rainhas de Portugal e seus filhos* (1727) [3], mas nenhum conseguiu sequer egualar a glória do irmão Diogo.

159. — **FRANCISCO LEITÃO FERREIRA** (1667-1735) escreveu as *Noticias chronologicas da Universidade de Coimbra* [4], que abrangem o período das transferências

---

[1] *Bibliotheca Lusitana, historica, critica e chronologica na qual se comprehende a noticia dos auctores portugueses e das obras que compuseram desde o tempo da promulgação da lei da Graça, até o tempo presente.* Off. á augusta magestade de D. João V, Nosso Senhor. Lisboa, 1741-59. 4 tomos *in-folio.* Bento José de Sousa Farinha resumiu este trabalho no *Summario da Bibl. Lusit.*, Lisboa, 4 vols.

[2] Lisboa, 4 vols.

[3] Lisboa, 2 vols. Outros trabalhos em Mattos, *Manual*, cit. e *Innoc.*, *Dic.* A obra de Fred. Francisco de la Figanière, *Memorias das Rainhas de Portugal*, (1859, 1 vol.), e a de Fr. da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal*, (1878, 2 vols.) fizeram esquecer inteiramente a obra de D. José Machado.

[4] *Noticias chronologicas... Primeira parte que comprehende os annos que discorrem desde o de 1288 até principios de 1537. Lisboa, 1729.* Existe manuscrita a 2.ª parte de que há uma cópia no Arquivo da Universidade de Coimbra.

No vol. IV da *Collecção dos Doc. e Mem. da Acad.* está publicado

da Universidade até à de 1537, e constitúem subsídio indispensável para quem quiser estudar a história do desenvolvimento literário do nosso país. A morte do autôr fez com que ficasse incompleta a obra que é tambêm um correctivo aos erros de Fr. António da Purificação (1601-1658) na sua *Chronica da antiguissima Provincia de Portugal* [1].

160. — JOSÉ SOARES DA SILVA (1672-1739). As suas *Memorias para a historia de Portugal que comprehendem o governo d'el rei D. João I, do anno de 1883 até o de 1433,* estam escritas num estilo túrgido e afectado, que muito prejudica a beleza histórica dêsse periodo, um dos mais cavalheirescos de Portugal [2], e que com tanta grandeza épica ficou exarado por Fernão Lopes (Vid. atrás, pg. 95).

b)

Academia Real das Sciencias

161. — FR. MANOEL DO CENACULO VILLAS-BOAS (1744-1814), doutor e lente da Faculdade de Teologia da Univerdade de Coimbra, bispo de Beja e depois arcebispo de Évora, foi um espírito ilustradíssimo, a quem as letras portuguêsas devem serviços incalculáveis. O critério superiormente acertado com que durante vinte e cinco anos governou a diocese de Beja revelou-se numa

---

o *Catalogo chronologico critico dos Bispos de Coimbra* do mesmo autôr. A propósito do trabalho sobre a Universidade lembremos as *Memorias da Univ. de Coimbra* de Francisco Carneiro de Figueiroa, de que Ferreira se serviu [Sr. Dr. José Maria Rodrigues, *A Univ. de Lisboa—Coimbra, Capitulo de uma obra allemã*, Coimbra, 1892, pg. 17] e se acham publicadas in *Annuario da Univ.*, 1871-72 e 1773-74 a 1881-1882 quase integralmente.

[1] Em duas partes: 1.ª, Lisboa, 1642; 2.ª, *ibid.*, 1656.

[2] Ed. de Lisboa, 1730-1732, 3 vols. Em 1734 publicou o mêsmo autôr o vol. — *Colleçam de Documentos com que se authorizam as Memorias...*

multidão de actos qual deles mais merecedor de aplauso. No seu próprio paço criou um curso de humanidades e de teologia, instituiu conferências eclesiásticas, abriu escolas para o sexo feminino, formou um Museu de antiguidades, reuniu uma colecção notavel de pinturas e, àlêm de oferecer também muitos volumes à Real Bibl. Pública da Côrte, deixou milhares de livros impressos, dezenas de manuscritos, muitos de subido valor, e tres mil moedas ou medalhas não duplicadas, compreendendo moedas gregas e romanas e outras raras e de apreço [1].

Escrevendo, aconselhando, dirigindo, o douto prelado ligou o seu nome às reformas, que tanto renome deram ao Marquês de Pombal, que o chamava « *pôço sem fundo e sem lôdo* ». Das suas numerosas obras destacam-se, como principais, as — *Memorias historicas do Ministerio do pulpito* [2] e os — *Cuidados litterarios de Prelado de Beja* [3], dois livros de vasto saber em história eclesiástica, de boníssimos preceitos da vida sacerdotal, de regras oratórias para toda a eloquência [4].

162. — **ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS** (1745-1818), lente de cânones, e bibliotecário da Universidade, e depois da Bibl. Pública de Lisboa, polígrafo ilustre, devem-se-lhe trabalhos de subido valor, sendo principal-

---

[1] Cfr. *Boletim das Bibl. e Arch. Nacionaes*, 1909, pg. 196.

[2] *Memorias por um religioso da Ordem Terceira de S. Francisco*; Lisboa, 1776.

[3] *Cuidados... em graça do seu bispado*, Lisboa, 1791.

[4] C. C. Branco, *ob. cit.*, pg. 240. Fr. Vicente Salgado, *Origem e progresso das lingoas orientais na Congregação da Terceira Ordem de Portugal*, Lisboa, 1790; id., *Compendio historico da Congregação da Terceira Ordem de Portugal*, Lisboa, 1793, e o *Elogio historico* por Trigoso recitado na sessão da Academia Real das Sciencias de Lisboa de 24 de junho de 1814. O *Conimbricense* de 1868 publicou *Memorias intimas* onde o Prelado registava o que lhe parecia digno de nota como educador do Príncipe do Brasil, D. José, primogénito de D. Maria I e prematuramente falecido.

mente estimaveis àlêm doutras, as *Memorias acêrca da litteratura sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da monarchia até aos fins do seculo XV* [1], e sobre as *Origens da typographia portuguêsa no seculo XVI* [2]. Dá o autôr nestes trabalhos prova de laboriosíssimas investigações e acendrado critério bibliográfico. Ribeiro dos Santos escreveu também sob o nome arcádico de *Elpino Duriense* numerosas poesias ao sabor clássico [3]. Mas é nas excavações históricas, mais que nos vôos da fantasia, que a suá glória se estriba.

163. — **ANTONIO CAETANO DO AMARAL** (1747-1819) reüniu subsídios de muito alcance para a história civil e económica do nossso país nas cinco *Memorias,* cujo só titulo revela a importância delas, sobre matérias de mais a mais ainda não desbravadas por nenhum paciente investigador. Sam:

Mem. 1.ª — *Estado da Lusitania até ao tempo em que foi reduzida a provincia romana* [4];

Mem. 2.ª — *Estado Civil da Lusitania no tempo em que esteve sujeita aos romanos* [5];

Mem. 3.ª — *Estado Civil da Lusitania desde a entrada dos povos do Norte até á dos Arabes* [6];

---

[1] Joaquim José Ferreira Gordo (1758-1838) juntou para a história dos judeus em Portugal algumas achegas na *Memoria* que lhe consagrou e anda publicada no vol. VIII da *Historia e Memorias da Academia* (1823).

[2] As primeiras publicadas nos vols. III e IV das *Mem. da Litt.* e as outras duas no vol. VIII das mesmas *Memorias.* Cfr. Innoc., *Dic. Bibl*, VI, 203-210.

[3] *Poesias,* vols. I, II, III, Lisboa, 1812-1817. Ribeiro dos Santos também trad. a *Poética de Aristóteles* (Lisboa, 1779, anónima) e a *Lirica de Horácio* (Lisboa, 1807, 2 vols.).

[4] Publicada nas *Mem. da Litt. Port. da Acad. R. das Sc.*, I, 16-30.

[5] *Ibid.*, II, 313-353.

[6] *Ibid.*, VI, 127-437.

Mem. 4.ª — *Estado do terreno que hoje occupa Portugal, desde a invasão dos Arabes até á fundação da Monarchia Portuguesa* [1];

Mem. 5.ª — *Primeira epoca da Monarchia Portuguesa, desde o conde D. Henrique até o fim do reinado d'el-rei D. Fernando* [2].

À grande figura de apóstolo que foi D. Fr. Caetano Brandão consagrou 2 vols. de *Memorias* e desenterrou do esquecimento a *Vida* de S. Martinho Bracarense, que ilustrou e completou com a *Colecção* de Cânones, obras todas que representam valioso auxilio aos esquadrinhadores da história eclesiástica portuguesa.

164. — JOÃO PEDRO RIBEIRO (1759-1839), do Porto, abalizado lente da cadeira de diplomática da Universidade, foi um dos investigadores da história de Portugal mais pacientes, mais eruditos e mais conscienciosos que temos tido, sobresaindo aos seus contemporâneos na crítica dos documentos e na interpretação e estudo das fontes.

Elucidou muitos pontos obscuros, corrigiu bastantes, que andavam adulterados em cronistas de menos escrúpulos, refez em bases novas a cronologia dos factos importantes. Dos seus livros merecem menção principal as:

— *Observações historicas e criticas para servirem de Memorias ao systema da Diplomatica portuguesa* [3].

— *Dissertações chronologicas e criticas sobre a Historia e Jurisprudencia ecclesiastica e civil de Portugal* [4].

J. Pedro Ribeiro legou á Biblioteca da Universidade os seus livros e todos os seus manuscritos, entre os quaes alguns há de subido merecimento.

---

[1] *Ibid.*, VII, 60-236.

[2] *Ibid.*, VI, p. II das referidas *Mem.*, em fólio, e continuado no tomo VII.

[3] Public. pela Acad. Real das Sc.; Lisboa, 1798.

[4] *Ibid.*, 5 tomos, 1810-1836.

165. — D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO (1763-1844), de Beja, lente da Faculdade de Teologia da Universidade e bispo de Viseu, é considerado como um escritor clássico, dotado de grande erudição literária, como se vê dos seus trabalhos, modêlos de lingoagem pura e muito correcta. Os que se consideraram mais completos e perfeitos foram reunidos em vols. que se publicaram póstumamente [1]. Salientemos dentre eles as *Memórias* sobre Camões (vol. 1.º), Fr. Luís de Sousa e António Vieira (vol. 2.º), que sam modelos no género e às quaes terá necessáriamente de recorrer quem queira escrever sobre aqueles mestres da lingoa. É também notavel pela sobriedade do estilo o seu *Resumo da História do Antigo Testamento.* Foi em 1828 nomeado Reformador Geral dos Estudos, logar em que prestou ao ensino relevantes serviços [2].

166. — D. FR. FRANCISCO DE S. LUÍS (1766-1845), mais conhecido pela designação de *Cardeal Saraiva,* doutorou-se em Teologia, foi reitor da Universidade e bispo de Coimbra, ministro de Estado e Cardeal-Patriarca de Lisboa. As memórias sobre história antiga e moderna, navegação e conquistas dos portuguêses bem como sobre factos da história eclesiástica nacional, os seus estudos de lingoistica, etc. publicados nas *Obras completas* [3] atestam

[1] *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo, Bispo de Viseu. Impressas á custa do Seminario da sua Diocese.* Lisboa, 1848-53, 3 vols. Onde pararão as obras inéditas do Bispo Lobo, que se guardavam no Seminário de Viseu até ha poucos anos?

[2] Vid. F. E. de Faria e Mello, *Memoria sobre a vida de D. Fr. A. Lobo.* Lisboa, 1844.

[3] *Obras completas do Cardeal Saraiva, precedidas de uma introducção pelo Marquês de Rezende, publicadas por Antonio Correia Caldeira,* Lisboa, 1872-1876.

o alto merecimento deste ilustre prelado e o seu amor infatigavel ao trabalho [1].

167. — D. FR. FORTUNATO DE S. BOAVENTURA (1778-1844), outro prelado ilustre, doutor em Teologia e arcebispo de Evora, a quem as letras portuguêsas mereceram belos estudos históricos e literários. Citam-se, entre outros, os referentes aos cronistas Fr. Bernardo de Brito, Fr. António Brandão, Fr. Francisco Brandão e um sobre os estudos das lingoas grega e hebraica em Portugal [2].

168. — MANOEL ANTONIO COELHO DA ROCHA (1803-1850), insigne professor da Faculdade de Direito da Universidade, a quem se devem os valiosos trabalhos *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação de Portugal* e as *Instituições de Direito patrio.* Guiado por lúcido critério Coelho da Rocha conseguiu elaborar uma obra de conjunto que muito honra a sua memória, e que é, até agora, na latitude que lhe deu, a única que possuimos [3].

---

[1] Cfr. Marquês de Rezende, *Memória histórica...*, Lisboa, 1864.

[2] Alguns dos seus livros, como as *Memorias para a vida da beata Mafalda* (Coimbra, 1814), e o *Summario da vida de D. Fernando* (Modena, 1836), são bastantes raros.

[3] Para a história do direito civil são também subsídios do valor as memórias de JOSÉ ANASTACIO DE FIGUEIREDO (1766-1805) publicadas nos dous 1.ºs vols. das *Mem. de Lit. da Acad.*, bem como a sua *Sinopse Cronolog.* Sam também muito interessantes os trabalhos de D. ANTONIO DA VISITAÇÃO FREIRE DE CARVALHO publicados no *Investigador Port. em Ingl.*, VIII-IX, n.ºs 30 36, como aquele em que analisa os motivos que teve D. João 2.º para regeitar os projectos de Cristovão Colombo; aquele em que estuda o deus Endovélico (na 2.ª série, t. 1.º, p. 1.ª dos *Mem. da Acad. R. das Sc.*) e outro sobre Fr. Bernardo de Brito (na Ed. da *Mon. Lus.*, publicada pela Academia).

ELOQUENCIA

169. — FR. ALEXANDRE DO ESPIRITO SANTO PALHARES (1748-1811) é o orador mais notavel dêste século. Os seus discursos (36) andam reunidos em dois vols., que fôram publicados depois da sua morte com o título: *Sermões do P. Mestre Fr. ... copiados de manuscriptos originaes* [1]. A colecção não é completa pois lhe falta o sermão prégado na presença da Rainha D. Maria I e da côrte, em que Fr. Alexandre desassombradamente invectivou os vícios das altas classes que o escutavam. Esse discurso valeu-lhe, diz-se, a deportação para fóra da capital.

Os sermões acusam no seu autôr muita leitura dos de Vieira.

Citam-se ainda como oradores apreciaveis: **RAPHAEL BLUTEAU** que como filólogo tem outros e novos títulos à lembrança do seu nome [2]; **FR. JOAQUIM DE SANTA CLARA BRANDÃO**, de quem se aponta, sobretudo, a oração fúnebre nas exéquias do Marquês de Pombal; **FR. PATRICIO DA SILVA** (1756-1850), bispo de Castelo Branco, depois arcebispo de Evora e por último patriarca de Lisboa, cujas orações e pastoraes lhe deram grande nomeiada; enfim **ANTONIO JOSÉ DA ROCHA** (1767-1831), lente de Teologia na Universidade e muito admirado pelos seus contemporâneos pela sua eloquência particular e inconfundivel de quem ha publicados apenas dois sermões, um prégado nas exéquias do bispo-conde D. Francisco de

[1] Ed. de Lisboa, 1.º, 1855; e de Coimbra o 2.º, 1856.

[2] Como orador deixou : *Primicias evangelicas, ou sermoens e panegyricos*, Lisboa, 1676. Parte 2.ª *ibid.*, 1685; parte 3.ª, Paris, 1698. Outra ed. só da p. 1.ª, Lisboa, 1701. — *Sermões panegyricos e doutrinaes que a diversas festividades e assumptos prégou o P. D. Raphael Bluteau*, part. 1.ª e 2.ª, Lisboa, 1732-33, 2 vols.

Lemos (Coimbra, 1822), e outro em acção de graças pela restauração da monarquia independente, recitado na capela da Universidade em 26 de fevereiro de 1824.

Pelos seus trabalhos apostolicos, virtudes exemplaríssimas e profunda erudição não calaremos o nome de **D. FR. CAETANO BRANDÃO** (✝ 1805), bispo do Pará e depois Arcebispo de Braga, cujo centenário esta cidade celebrou em 15 de dezembro de 1905 e de quem ha publicados, póstumamente, dois vols. de *Pastoraes e outras obras*... (Lisboa, 1824).

170. — **Epistolografia.** No género epistolar podem apontar-se neste século alguns trabalhos, mais valiosos como documentos auxiliares da história e subsídios para o conhecimento do século, do que propriamente como peças literárias. Tais são as cartas de Antonio da Costa, Ribeiro Sanches, Alexandre de Gusmão e do Cavalheiro de Oliveira.

171. — **ANTONIO DA COSTA** (1754-1780), designado vulgarmente por *abade Costa* deixou nas suas *Cartas*, publicadas um século depois de sua morte [1], e que foram escritas de Roma e Viena de Austria, para onde fugira da intolerância movida na patria aos espiritos superiores, um interessante documento para avaliarmos da nossa situação política, moral e religiosa no século XVIII.

172. — **ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES** (1699-1783) homem insigne que viveu quase toda a sua vida no estranjeiro, já na Russia, onde foi médico de Catarina II, já em Paris, trabalhando sempre activa-

---

[1] *Cartas curiosas do abbade Antonio da Costa, annotadas e precedidas de um ensaio biographico,* por J. de Vasconcelos, Porto, 1879, 1 vol. Vid. sobre estas Cartas, Th. Braga, *Questões de Litteratura,* pg. 295 e seg.

mente. Àlêm de outras obras temos de Ribeiro Sanches as *Cartas sobre a educação da mocidade*, pela primeira vez publicadas em Colónia em 1760 [1]. A creação do *Colégio dos Nobres* levada a efeito pelo Marquês de Pombal em 1761 fôi aconselhada ao poderoso menistro por carta dele, de Paris, de 19 de dezembro de 1759 [2].

173. — **FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA**, de Lisboa, (1702-1783) mais conhecido por *Cavalheiro de Oliveira*, àlêm das *Memórias históricas, políticas e literárias* escritas em francês e publicadas em Haia em 1743 (2 vols.) e doutras obras, escreveu numerosas cartas que saíram pela primeira vez em 1741; em 1855 foram reeditadas em tres vols. com o título *Cartas familiares, históricas, políticas e críticas.* São interessantíssimas algumas dessas cartas pelas alusões aos costumes do tempo. Nem sempre a dição é correcta nem o estilo apurado; mas que viveza em todas aquelas páginas! Que bom humor num expatriado e perseguido, a quem a Inquisição, formando-lhe o processo em 1756, chegou a queimar em estátua em 1761! [3]

---

[1] Reproduzidas em 1882 na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto.*

[2] Cfr. para a biografia de Sanches as *Obras de Filinto Elysio*, vol. IX, onde se encontra a tradução feita pelo poéta do estudo que o sábio Vicq-d'Azir escreveu a respeito dele. O Sr. Prof. Ricardo Jorge publicou no opúsculo *Cartas de Ribeiro Sanches* (Lisboa, 1907) duas cartas inéditas dirigidas pelo famoso médico ao P. Teodoro de Almeida acompanhando essa publicação de um estudo crítico-biográfico. O historiador da medicina portuguesa, Sr. Prof. Maximiano Lemos estudou com toda a profundidade a vida de Sanches — no vol. *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra*, Porto, 1911. Cfr. tambem do mesmo Prof *Notícia de alguns Mss. de R. S. existentes na Bibl. Nac. de Madrid*, Porto, 1913.

[3] O processo guarda-se na Bibl. de Évora, códice CXXXI. O que lhe deu origem foi o *Discours pathétique au sujet des calamités présentes arrivées en Portugal*... que também foi traduzido em português, onde, diziam os seus acusadores, ele sustentava que a causa do terramoto

174. — ALEXANDRE DE GUSMÃO (1695-1753) de Santos, província de S. Paulo, secretário particular de D. João V, individualidade superior pela lucidez política, caracter probo e íntegro, deixou nas suas *Cartas* menos do que modelos de lingoagem, belos documentos de crítica e análise aos costumes da época. Para quem antepõe estudos sociológicos a preluxidades lingoísticas, diz Camilo, o secretário de D. João V excede António Vieira e D. Francisco Manoel de Melo [1].

175. — Trabalhos filológicos do século XVIII. O estudo da lingoa adquire notavel desenvolvimento neste período. O Marquês de Pombal, a cuja previdente atenção nada escapava, a 30 de setembro de 1770 fez publicar um decreto em que afirmava « que a correcção das lingoas

---

do 1.º de nov. de 1755 fôra o dar-se culto às imagens, negava os sufragios prestados às almas dos mortos, etc. [Veja-se uma súmula do processo no *Archivo Hist. Port.*, I, n.º 11, pg. 381-382, e completo na mesma revista, vol. II, n.ºs 8 e 9, pg. 281-320]. Do *Discurso patético* ha ed. *fac-simile* de Joaquim de Araujo, Porto, 1893, 8.º, 94-v pg. Dêste panfleto eram conhecidos *tres* exemplares e a reprodução foi de 36, ficando assim da mesma maneira, quase, rara. Com o anagrama de *Felyx Vieyra Corvino de Arcos,* Oliveira publicou em Londres *Reflexoens... sobre a tentativa teologica do P. Antonio Pereira,* opúsculo de 95 pgs. rarissimo. Vid. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria,* pg. 74.

[1] *Curso,* II, 162. De Alexandre de Gusmão ha várias *Cartas* publicadas no *Investigador P. em Inglaterra, Colecção de vários escriptos ineditos e literarios,* Porto, 1841, e *Complemento de ineditos,* ibid., 1844. Irmão dele foi o celebrado Lourenço de Gusmão, o inventor dos balões (1685) o *Voador* ou *Passarola,* como o ridicularizaram os poetastros do tempo, como A. Pinto Brandão e Azevedo Tojal. Quando em 8 de agosto de 1912 psssou o 200.º aniversário do invento de Gusmão o facto foi comemorado por uma lápide que se colocou em Lisboa no Castelo de S. Jorge e pelo projecto duma estátua a erguer em Santos, no Brasil. Estes factos originaram umas brilhantes *Cartas* do douto Prof. Ricardo Jorge que foram publicadas no *Diario de Noticias,* de Lisboa, durante o citado mês de agosto de 1912.

nacionaes é dos objectos mais atendiveis para a cultura dos povos civilizados, sendo pelo contrário a barbaridade das lingoas a que manifesta a ignorancia das nações. Bastaria lembrar para honra deste século e periodo literario a emprêsa a que se abalançou a Academia Real das Sciencias relativamente à elaboração do grande « *Diccionario da lingoa* », a que já nos referimos (Pg. 458).

Passando agora a enumorar os nossos autores mais destinctos em trabalhos filológicos notaremos: **RAPHAEL BLUTEAU** (1638-1734), de Londres, mas filho de pais franceses, de quem possuimos o *Vocabulario Português* que o imortalizou, porque nêste livro registaram-se numerosos vocábulos da lingoa, bastantes exemplos do seu uso e muitas notas, que hoje ainda não sam inteiramente inúteis.

Deve notar-se que o celebrado teatino entrou em Portugal, enviado pelo Geral da sua Ordem, aos trinta anos, A sua vida inteira de estudo, — 6 anos em Inglaterra, 5 em Italia, 28 em França e 56 em Portugal — nos últimos tempos passada em reclusão no mosteiro de Alcobaça, de muita dedicação e tenacidade, é que só podia tornar possivel a elaboração do *Vocabulario*, defeituoso, mas ainda assim de util merecimento a quem quiser estudar profundamente a lingoa para lhe fixar a linha evolutiva das suas diversas fases [1].

176. — **FRANCISCO JOSÉ FREIRE** (1719-1773), na Arcádia — *Cândido Lusitano,* conseguindo emancipar-se dos gongorismos da sua época, batalhou pela pureza da

---

[1] *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, comico, critico, chimico, dogmatico*... *Auctorisado com exemplos dos melhores escriptores portugueses e latinos*... Coimbra, 1712 21, 8 vols. *Supplemento ao Vocabulario*... Lisboa, 1727-28, 2 vols. No *Archivo Pittoresco,* vol. III (1860), pg. 201 vem a biogr. (com retrato) do ilustre lexicógrafo.

lingoa nem sempre com inteiro discernimento, mas o seu exemplo foi, em geral, util. Nas *Reflexões sobre a lingoa portuguesa* [1], na *Arte poetica ou regras da verdadeira poesia em geral e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico* [2], no *Diccionario poetico para uso dos que principiam a exercitar-se na poesia portuguêsa* [3] na *Arte Poetica de Horacio traduzida e illustrada* [4], na *Vida de Bartholomeu de Quental* [5], e na *Athalia* [6], egualmente traduzidas, bem como na *Vida do Infante D. Henrique* [7] — e temos nomeado as suas principais obras —, Candido Lusitano, é acima de tudo, um guia seguro, vernáculo e autorizado da lingoa.

177. — ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO (1725-1797), afamado latinista e teólogo não menos afamado que, para servir a política religiosa do Marquês de Pombal, escreveu a *Tentativa Teológica* e a *Demonstração Teologíca,* obras em que procura demonstrar que, no impedimento de recurso à Santa Sé, podem os Bispos prover nos casos reservados ao Papa e podem os metropolitas confirmar os Bispos, seus sufragâneos, nomeados pelo Rei. Como trabalhos de filologia podem citar-se os *Exercicios da lingoa latina e portuguesa acerca de diversas cousas* (1751) e o *Espirito da lingoa e eloquencia portuguesa*

---

[1] Lisboa, 1842, 3 vols.

[2] *Ibid.*, 1748; 2.ª ed., 1759, 2 vols.

[3] *Ibid.*, 1765; 2.ª ed., 1794; 3.ª, 1820.

[4] *Ibid.*, 1758; 2.ª ed. (aumentada com as regras da versificação poetica), *ibid.*, 1778; 3.ª, 1784.

[5] Lisboa, 1741. Biografia naturalmente inspirada na simpatia da obra do benemérito Oratoriano e na da Ordem a que ambos haviam pertencido e que foi das mais benéficas ao ensino e à educação, que jámais houve em Portugal. Cfr. F. Deusdado, *Educadores Portugueses*, cit., 322 e seg.

[6] *Athalia, trag. de Racine...* Lisboa, 1762; 2.ª ed. 1783.

[7] Lisboa, 1758.

extrahido das Decadas de João de Barros e reduzido a um Diccionario critico das suas palavras e phrases mais especiaes, trabalho publicado nas *Mem. de Litt. da Acad. das Sciencias* [III, 111-226].

Apesar de tais estudos sobre o génio da lingoa, Pereira de Figueiredo foi, entre os seus confrades da Academia, quem menos puramente a escreveu [1]. A tradução da *Biblia* (1791) deu tambem a êste autôr insigne nomeada, e com justificada razão.

178. — FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO (1744-1822) é o paciente investigador e compilador do *Elucidario das palavras, termos e phrases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*, que o próprio autôr resumiu no *Dicionário portatil*, obra de muito valôr pela série de vocábulos arcaicos e documentos que cita ou extracta, hoje em parte perdidos e ainda porque « não se contentou com reùnir a propósito de cada palavra arcaica os textos em que ela aparece, mas tentou esboçar a história do facto que ela representa: assim, geralmente, cada artigo do *Elucidario* fórma como que uma pequena monografia, com interesse filológico e histórico » [2].

179. — FRANCISCO DIAS GOMES (1745-1795) é um esmerilador da pureza e correcção da lingoa e critico e consumado filólogo.

---

[1] C. C. Branco, *ob. cit.*, II, 230. Fôram numerosos os trabalhos do celebrado oratoriano tanto de gramática, retórica e história, como de teologia e assuntos eclesiásticos, muitos dos quais fôram impressos, ficando muitos outros manuscritos e ainda inéditos. Cfr. Innoc. *Dic. Bibl.*, I, 223-230.

[2] Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, *Noticia de alguns Mss. de Fr. J. de Santa Rosa de Viterbo* in-*Rev. Lusit.*, IV (1895-96), 1-4. O *Elucidario* saiu em Lisboa, 2 vols., 1798; tem 2.ª ed.

A *Analyse e combinações philosophicas sobre a elocução e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões* [1] é trabalho de proficiente análise e largo estudo. Mas onde a erudição filológica de Dias Gomes se revela com exuberancia é nas « *Notas* » às suas *Obras Poeticas* [2], que justificam o título que alguns lhe têem dado do melhor crítico do século XVIII.

180. — **JERÓNIMO SOARES BARBOSA** (1737-1816) é o representante do movimento filosófico sensualista aplicado com discernimento à gramática portuguesa. A sua *Gramatica filosófica* marcou-lhe um logar notavel na história da lingoa [3].

Ha ainda **ANTONIO JOSÉ DOS REIS LOBATO** (✝ 1804?), **ANTONIO DAS NEVES PEREIRA** (✝ 1818) e outros [4] que deixaram estudos gramaticais aproveitaveis como especialmente deste último o *Exame critico sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores dos seculos XV e XVI* [5].

---

[1] In-vol. IV das *Mem. de Litt. da Acad.*, pg. 26-305. Uma análise à poesia bucólica dos poétas portugueses foi feita por outro académico Joaquim de Foyos (1733-1811), o judicioso prefaciador da 2.ª ed. da *Lusitania Transformada* de F. Alvares do Oriente.

[2] *Obras Poeticas... mandadas publicar pela Acad. R. das Sciencias, a beneficio da viuva e orfãos do auctor.* Lisboa, 1793, XXVII-425 pg. As XXVII pgs. contêem a biogr. do poeta Stockler. As notas tornam este livro, diz Innoc. [*Dic. Bibl.*, II, 370], um verdadeiro breviário dos homens de gôsto.

[3] Vid. Innoc., *Dic. Bibl.*, III, 276 e X, 135.

[4] A *Arte da Gram. da Lingoa Portug.* de Lobato parece ter saido pela 1.ª vez em 1771; de Neves Pereira ha nas *Mem. de Litt. da Acad.* os seus trabalhos de maior valor.

[5] Vid. o opúsculo do Sr. J. Leite de Vasconcelos, *A Philologia Portuguesa*, Lisboa, 1888.

OBRAS DIVERSAS

181. — **Jurisprudencia.** Pelo vasto saber de que deram provas nos trabalhos que deixaram, pela influência que exerceram no seu tempo e renome que alcançaram merecem ser lembrados os nomes dos jurisconsultos **PASCOAL JOSÉ DE MELLO FREIRE DOS REIS** (1738-1798), lente na Universidade, e fundador da história do nosso direito civil; **MANOEL FERNANDES THOMÁS** (1771-1822), figura proeminente do moderno Portugal, modelo de abnegação patriótica, que morreu pobrissimo [1] e que aqui merece figurar como autôr do *Repertorio Geral ou Indice... das Leis extravagantes de Portugal;* **MANOEL DE ALMEIDA E SOUSA** [1745-1817] mais conhecido por *Lobão,* nome da aldeia da Beira Alta onde exerceu a advocacia, jurisconsulto famosissimo, autor de numerosos trabalhos de que só aqui citaremos um sobre a *Emfiteuse* e outro sobre os *Morgados;* **MANOEL BORGES CARNEIRO** [✝ 1833] patriota exímio para sempre memorado tanto pelo seu amor à liberdade, cuja vítima foi, como pelo saber vasto e profundo do direito, de que sam provas, entre outros, os vols. sobre o *Direito Civil de Portugal* (4 vols.) e os *Extractos das leis...;* e enfim **JOSÉ FERREIRA BORGES** [✝ 1838] o autôr do *Código Comercial Português,* e um dos implantadores do regimen liberal em Portugal.

182. — **Filósofos e Scientistas.** Aristóteles foi sempre o filósofo mais comentado e explicado em Portugal. Toda a erudição dos nossos pensadores se exgota em subtis

[1] Vid. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria,* já cit., pag. 167-172; Ferreira-Deusdado, *Educadores Portuguezes,* Coímbra, 1910, 354.

exforços de o analisar, de o decompor, de o modernizar. Esse trabalho colossal, mas esteril, encerra-se em centenas de volumes, todos inéditos, uns irremediavelmente perdidos, outros guardados nos arquivos e bibliotecas do país, à espera da ... consumção natural dos tempos. Mas pelos fins do século XVIII aparece uma pleiada de homens que intransigentemente combate essas idéas, procurando dar nova orientação ao ensino filosófico. São — **VERNEY** e **THEODORO DE ALMEIDA**, que já nomeamos; **JACOB DE CASTRO SARMENTO**, de Bragança (1691-1762) defensor e apologista de Bacon, cujas obras pensou em traduzir não chegando, parece, a realizar o seu intento, médico famoso, a quem se atribue grande acção na orientação do ensino em Portugal; **JOÃO DE CASTRO**, autôr da *Filosofia aristotélica restituta e ilustrada,* livro em que se empenhou por « adornar a antiga Filosofia de Aristóteles com novos raciocínios e experiências »; **ANTONIO SOARES BARBOSA** (1734-1801), lente de Filosofia na Universidade, de quem apenas aqui mencionaremos o seu — *Tratado elementar de Filosofia Moral,* em tres vols.; e **SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA** (1769-1846), polígrafo emérito, autôr de numerosos trabalhos de direito político e internacional, alguns deles escritos em francês e inglês. As suas *Prelecções philosophicas* sam um dos seus trabalhos mais lúcidos, mais metódicos e mais bem organizados. Perseguido por Napoleão, destingue-se na primeira metade do sec. XIX como uma das figuras mais brilhantes do Portugal intelectual [1].

Figura primacial é também **FELIX DE AVELAR BROTERO** (1744-1828), o amigo de Filinto Elisio, como ele condenado a cárcere pelo tribunal da Inquisição, o que conseguiu

[1] Vid. Teixeira de Vasconcellos, *Glorias Portuguesas,* pg. 1-60; Ferreira Deusdado, *Educadores Portugueses,* cit., pg. 411. A enumeração das suas obras atinge em Innoc., *Dic.* VII, 259-273, nada menos que 293 números!

evitar expatriando-se, e que na *Flora Lusitana* (1804) classificou e descreveu 1.885 espécies. **BENTO DE MOURA PORTUGAL** é outro génio a quem os *Inventos e varios Planos de melhoramento... escritos nas prisões da Junqueira,..* (Coimbra, 1821) deram nomeiada universal. **JOÃO JACINTHO DE MAGALHÃES** singularizou-se pela profundidade de saber e talento inventivo nas sciencias experimentais.

183. — Politicos. Não é descabido citar aqui os nomes daquelas personalidades que ou dentro do país ou em missõis dificeis no estranjeiro, quer pelo seu porte irrepreensivel, seriedade da sua conduta, sagacidade, prudência e penetração no trato dos negócios, quer pela sua cultura, souberam honrar e engrandecer o nome de Portugal. Além de Alexandre de Gusmão, que já lembramos, temos aínda **D. LUÍS DA CUNHA** (✝ 1709), do conselho dos monarcas D. Pedro II e D. João V, e seu embaixador nas côrtes de Viena, Haia e París, de quem só possuimos impresso o *Testamento politico* dirigido a D. José, quando aínda Príncipe do Brasil, e algumas *Cartas*, o que tudo apareceu no *Investigador português em Inglaterra*.

JOSÉ DA CUNHA BROCHADO (1651-1733) secretário da embaixada em París com o Marquês de Cascaes, D. Luís Alvares de Castro, e depois Enviado em Londres e Madrid, autôr de numerosos escritos na maior parte inéditos, nos quais se revela observador perspicaz e curioso anotador dos factos que podiam convir ás suas delicadas funçõis [1].

[1] O seu *Elogio* anda na *Collecção dos Docum. e Mem. da Acad. R. das Sciencias de Lisboa*, vol. XIII. Impresso em separado não ha de Brochado senão o *Auto da Vida de Adão...*, 1727, e aí mesmo se assina com o criptónimo Felix Joseph da Soledade. Vid. o vol. XII da minha colecção SUBSIDIOS PARA O ESTUDO DA HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA: *Memorias de José da Cunha Brochado*, Coimbra, 1909.

MARQUÊS DE POMBAL, Sebastião José de Carvalho e Melo, (1699-1782), Ministro, Enviado às Côrtes de Londres e Viena de Austria, Primeiro Ministro e Secretário de Estado de el-rei D. José, colaborador, senão autôr, da *Deducção chronologica e analytica*, cooperador do *Compendio historico da Universidade de Coimbra* e o pulso de ferro que inspirou, sustentou e executou os *Novos Estatutos* da Universidade, figura colossal em volta da qual o fanatismo duns e o radicalismo doutros aínda não deixou exercer a serena e clarividente luz da crítica histórica [1].

[1] Innoc. *Dic. Bibl.*, VII, 209-216 fornece subsídios bibliográficos para o estudo do grande menistro de D. José. Apenas aqui indicaremos entre os mais recentes trabalhos dignos de nota: D. Miguel Sotto-Mayor — *O Marquês de Pombal, exame e historia critica da sua administração*, Porto, 1905, 1 vol.; Zepherino Brandão, *O Marquês de Pombal (Documentos ineditos)*, Lisboa, 1905, 1 vol.

ANTOLOGIA

SÉCULO XVIII

POESIA

I

Cantata.

Já no rôxo Oriente branqueando
As prenhes vélas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sôbre as asas dos ventos se escondião.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cupolas suberbas
Pião nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichêo com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa! Elisa!
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara,
Mas vio esmorecida
Em tôrno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças:
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.

Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Ja com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostrárão
As iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descubriam
O lustroso pavez, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sôbre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro cristalino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Trez vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sôbre o leito
O corpo revolvendo, ao ceo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Éstas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvirão:
Doces despojos
Tam bem logrados
Dos olhos meus,
Emquanto os fados,
Emquanto Deus
O consentião;
Da triste Dido
A alma acceitae,
D'estes cuidados
Me libertae. »

« Dido infelice
Assás viveu;
D'alta Carthago
O muro ergueu:
Agora nua,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte,
A negra veia
Sulcando vai.

Corrêa Garção, *Assemblea ou Partida*, Sc. XVI, 381.

II

A Assembléa ou Partida.

Scena I

BRAZ CARRIL E GIL FUSTOTE

Braz. Entendes, Gil Fustote, o que te digo?
Gil. Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em casa terás ou assembléa;
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas são o fructo
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que perneias:
Compaixão, grande compaixão me deves.
Partidas! Assembléa! que mania!
Braz. E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver como vive a gente séria
Hoje em Lisboa? grandes e pequenos
Todos querem gozar das sãs delicias,
Do suave prazer da companhia.
Gil. Sem esses bons prazeres e delicias
Nossos avós, e nossos paes viveram
Fartos, alegres, ricos e contentes.
Braz. Ora já que traziam retorcidos
Os grizalhos bigodes; estirada
A esqualida guedella; no pescoço
Crespas golilhas; gorra na cabeça;
As calças retalhadas e pantufos;
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivelas os sapatos.
Mudam-se os tempos, mudam-se os costumes.
Não vês no frio inverno ao tronco annoso
Cair-lhe as murchas cãs, e quando torna
A fresca primavera verdejarem
Cobertos de mil folhas, novos ramos?
Assim as modas são, assim os usos:
E devemo-nos todos sujeitar-nos
A tão perpetuas leis da natureza.
Gil. Amigo, amigo, estás perdido... doudo...
Braz. Com os olhos abertos.
Gil. Não t'o invejo,
Nem quero governar a casa alheia:
Fica-te em paz com tuas assembléas,
Pódes sem mim fazer a synagoga.
Braz. Caro Fustote, espera que não posso...
Gil. Eu não canto, nem sou árreburrinho:
Pouco gosto de chá, menos de jogo:
Falta cá não farei: adeus, amigo.
Braz. Espera, espera, podes divertir-te
Ouvindo duas arias, temos doce,

E doce delicado, se quiseres,
Gil. Não caio nesse anzol.
Braz. Meu Gil Fustote.
Espera, escuta...
Gil. Dize, que mais queres?
Braz. Eu queria pedir-te algum dinheiro
Porque estou sem real: olha em que dia!
Gil. Pois a perpetua lei da natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto?
Braz. Amigo Gil Fustote, eu pouco peço;
Dá-me, sequer, seis mil e quatrocentos;
Acode-me; e conforme o nosso ajuste,
Sete e duzentos lançarás na conta.
Gil. Seis mil e quatrocentos! Quem m'os dera!
Não me pagam tão bem os teus foreiros:
E a divida vae já de foz em fóra.
Braz. Oito mil réis porás.
Gil. Isso é perder-te.
Braz. Qual perder-me!
Gil. Amigo, eu não podia;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta:
Eu chamo a Deus dos Ceus por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas que accrescente
A' nossa conta, é dado, e não por força,
Sim de livre vontade. Adeus, amigo,
Que vou vestir-me, e logo torno.
(Vae-se)

Scena II

BRAZ SOMENTE

Tenho
Para sequilhos, chá, café e cartas,
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da senhora,
Que é fonte limpa. D. Urraca... Urraca.

(Cantando)

Scena III

BRAZ E URRACA

Urraca. Assim se chama, Braz, uma fidalga?
Braz. Perdôa, filha, que hoje não me lembro
Nem de excellencias, nem de senhorias;
Mandando á via estou a nau ronceira
Com vento escasso, e com estofas aguas.
Urraca. O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingoa.
Braz. Que vens a dizer nisso? que me esqueço
De etiquetas, mesuras, ceremonias,
E mais ritos e leis da fidalguia,

Com que queres, Urraca, ser tractada ?
Ou entendes que meus progenitores
Descendem de outro Adão, e que não foram
Por seus honrados feitos estimados,
Bons vassallos fieis e servidores ?
Urraca. Tem bem qne ver Carris com Azevias,
Por linha masculina descendentes
De Principes, de Reis, Imperadores,
E que até nos colchetes dos costados
Tem mitras e roquetes !
Braz. Basta, basta !

(Fazendo-lhe muitas cortezias)

Senhora, excellentissima senhora,
D. Urraca Azevia ! mas menina,
Vamos ao caso : falta para a noite
Dois arrateis de velas... Eu não posso...
Urraca. Queres, já sei, pregar-me esse callote.
Braz. Não é callote, que pagar prometto.
Urraca. Quando tiverem dentes as gallinhas ;
Mas para que conheças que não falto
Quando é preciso, mandarei buscá-los.
Braz. Onde mesas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiçaes, pratos, bandejas,
Querer dar assembléas, e partidas,
E' nadar sem bexigas.
Urraca. Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue ;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade :
E, como galgo em trela, cubiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luzimento
Em ricas mesas, em custosas galas.
Braz. Ah ! vossa senhoria, ou excellencia,
E' perdida entre nós : que sã doutrina,
Que politicas maximas de estado,
Caindo não lhe estão por entre os dedos.
Que florente não fôra o vasto imperio
Dos fulas Amazonas, se o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre !
Urraca. Só me julga capaz de mandar gente
Tão çáfara e boçal ? Negros, Tapuias ?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito,
Que tu fazes de mim : bem me conheces,
Se fosse outra qualquer dessas que campam
Por lettradas, que gostam de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem (se lh'os fazem)
Dessas...

Scena IV

UM GALLEGO COM UMA TEIGA, E OS MESMOS

Gallego. Aqui, senhor, manda meu amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede;
Vem oito castiçaes : diz que tesoura
E' traste que não tem, menos de prata :
Que virá a seus pés, como lhe ordena ;
Que sempre estimará poder servi-lo.
Braz. Vae-te, dize ao Senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi : que fica entregue.
(Vae-se o Gallego)

Scena V

BRAZ E URRACA

Braz. Vejamos que taes são. Oh lá ! soberbos !
Que secia, minha Urraca ! Estás contente ?
Urraca. Nunca vi castiçaes ? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalaram ?
Que nasci num curral ?
Braz. Não digo tanto ;
Mas olha, são magnificos e novos.
Urraca. Na verdade são bons, mal empregados
Em casa, onde bastava uma candeia ;
E talvez que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia aos Romulares
Na fétida baiuca... Mas o tempo...

Corrêa Garção, *ibid.*, Sc. I a V, 339-350.

III

Idílio.

Ja la sinto rugir das aveleiras
As boliçosas folhas ; ja escuto
Um rumor leve de subtis pizadas ;
Entre as confusas ramas já diviso
Mover-se um vulto ; se vira Tircea ?
Por mais que affirmo a vista não distingo.
Ora la se encobriu agora a lua.
Mas, oh quanto o desejo vão me engana !
Uma ovelha é perdida da manada ;
La vai balando pelo valle abaixo.
Mas eu deliro, ou sonho ? Que pondero ?
Oh quanto da saudade o golpe fero
Os sentidos me opprime, e me confunde !
Eu não julgava agora, que este valle
Era aquelle feliz e deleitoso,
Onde a minha Pastora sempre espero ?
Que ésta sonora fonte, que murmura
Entre cheirosas flôres e verdura,
Cubérta de sombrios arvoredos,
Era aquelle logar, aonde a calma

Custumamos passar da ardente sésta ?
Quem viu ja fantasia mais confusa !
Oh poderoso amor, quanto me enleias !
Oh quem pizara agora os venturosos
Campos, que os resplendores luminosos
Dos olhos de Tircea estão gozando !
Quem vira agora o seu formoso rosto !
Oh quem sequer ao menos escutara
Os conhecidos ladros, os balidos
De suas ovelhinhas e rafeiro !
Oh duras penhas, oh sombrios valles,
Que meus saudosos ais estais ouvindo !
Se agora aquelles bellos olhos visseis,
Por quem meu coração tanto suspira,
Verieis de repente a roxa aurora
Verter o fresco orvalho sôbre as flôres ;
Raiar o louro sol nos horizontes ;
E enriquecer de luz os altos montes.
Parece-me, Tircea, que te vejo
Deixar na fonte o cantaro vasio.
E na mais alta penha dessa praia
Subida estar os olhos estendendo,
Cheios de pranto para as altas serras,
Onde tam larga ausencia estou chorando.
Que saudosa d'alli estás chamando :
« Alcino, Alcino, quem de mim te aparta ? »
Parece-me que te ouço a voz magoada
Ja de ingrato accusar-me, de esquecido :
Que vas depois ao valle suspirando,
E que alli muitas vezes estás lendo
Os amorosos versos, que nos troncos
Eu escrevi na amarga despedida.
Oh Pastora mais firme do que os montes !
Mais amante, mais terna do que as rôlas !
Mais perfeita, mais candida e formosa,
Que a pura neve, que a vermelha rosa !
So por ti, eu juro a éstas penhas,
So por ti hade amor dentro em meu peito
Cravar as settas, accender as chammas.
So por ti meus suspiros serão dados ;
So por ti chorarão de amor meus olhos :
Meus olhos, que por esses tam formosos
Agora estão chorando tam saudosos.

Reis Quita, *Obras Poeticas*, I, ed. 1766, 95.

IV

Uma scena do Lícore.

PALEMO.

Eis aqui, soberano sacerdote
A donzella infeliz, cujo destino
Nas grutas chorarão as brandas Ninfas,

E soltarão gemidos os outeiros,
De inconsolavel dor internecidos.

SILVANO.

Oh deuses, soccorrei um pae afflicto!

SACERDOTE.

Vem, oh virgem ditosa, a quem os deuses
Dos ceos a clara entrada estão abrindo,
Vem receber no templo as religiosas
Sagradas libações.

LYCORE.

Ah triste velho!
Deixa, fiel ministro, que primeiro,
Em tanta dor console um pai magoado.
Amado pae, debaixo de que estrella
Me déstes a fragil desgraçada vida?...
Mas ai de mim! que digo? onde me lanção
As acerbas extremas amarguras?
Quer a Deusa o meu sangue; e tu juraste
De observar seu oraculo terrivel.
Sim, meu pai, é feliz a minha morte,
Pois te allivia do funesto pêso
Das horriveis, fataes imprecações,
Com que o solemne voto confirmaste.
Oh ceos! a voz me falta... pai afflicto,
Deste logar odioso te separa,
Não accrescentes minhas agonias...
Ah! não vejão meus olhos lacrimosos
Ao levantar do ferro, a ferir prompto,
Teu rosto desmaiar, e sôlto em pranto,
Gemidos exhalar de angústias cheio.
Foge, velho infeliz, eu to supplico
Por aquelle suave amor paterno,
Que o desolado coração te abrasa,
A Deus, meu pae, a Deus, em paz te fica,
Pela última vez os braços abre
A ésta amada, moribunda filha.

SILVANO.

Emfim chegastes, misero Silvano,
Ao doloroso, funebre momento,
De ver sacrificar a filha amada,
Qual paciente corça ou mansa ovelha,
Seu innocente peito traspassado,
As aras tingirá de vivo sangue?
Ah! que ja do cruento ferro sinto,
Nésta alma afflicta o golpe... Immortal deusa
O duro sacrificio em mim começa...
Ai de mim, chara filha, digno objecto
De meus ternos cuidados... Sim, recebe

Em meus braços os ultimos affagos...
A Deus, querida filha, unico abrigo
De minha triste e languida velhice...
Ah! queira o ceo clemente em recompensa
Da nossa submissão cubrir-nos ambos
Co'a fria terra neste mesmo dia...
A Deus, em paz espira, filha amada,
Eu resoluto parto, e tu humilde
Sôbre o sagrado altar o colo estende.

Reis Quita, *Ob. Poet.*, II, Sc. IV, 170 e seg.

V

O Hyssope.

....

E o Deão, caminhando pàra a cêrca,
Com outro Reverendo acaso topa,
De gran' barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta, e acompanha.
Quis então a fortuna, que este fôsse
Um dos Padres mais graves da *Provincia*,
Ex-guardião, Ex-leitor, e Jubilado,
De todos o mais douto, excepto o *Arronches*,
Pregador de gran' fama na cidade.
O bom *Lara*, que havia longo tempo,
Que n'esta santa casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, juntos se lhe offrecem
As areadas ruas, as estátuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flôres cobertas, e que, em tôrno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na státua, que primeira alli se encontra,
Pergunta ao *Jubilado*: — « Quem é este
Monsieur Paris? segundo diz a lettra
Que per baixo, na base, tem aberta:
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estam que este bilhostre
Foi *Francez*, e talvez cabelleireiro,
Inventor do topete, que o enfeita. »
— « *Páris*, e não *París* diz o letreiro,
(Circunspecto lhe volve o *Padre-Mestre*)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nasceu d'estirpe régia. »
— « Pois, se Francez não foi (replica o Lara)
Como *Monsieur* lhe chamam? »
— C'um sorriso
Lhe torna o Padre-Mestre: « Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo:

Ao pe de cada canto, hoje sem pejo,
Se tratam de *Monsieurs* ou *Portuguezes*.
Isto, Senhor, é moda; e como é moda,
A quisemos seguir; e sobretudo
Mostrar ao mundo, que francez sabemos. »
— « De tanto pêso pois (lhe volve o Lara)
E', Padre-Jubilado, por ventura,
O saber o francez; que d'isso alarde
Fazer quisessem vossas Reverencias?
Per acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sabios?
Pois aqui, em segredo, lhe descubro,
Que o francez, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos selvagens Boticudos. »
— « Não diga, Senhor, tal; que n'este tempo,
O' tempos! ó costumes! (diz o Padre)
O saber francez é saber tudo
E' pasmar ver, Senhor, como um pascacio
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doctos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a santa Theologia;
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoto,
Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio.
D'esta audacia, Senhor, d'este descocó,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
E' a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases gallicanas!
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Saíssem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antiguos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou com a espada, e lança, a Patria ornaram;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos Auctores;
(Como se a bella e fertil lingua nossa,
Primogenita filha da latina,
Precisasse de estranhos atavios!)
Subito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam da Caconda,
Quilimane, Sofála, ou Moçambique;
Até que, ja por fim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Per tam estranhos modos, affrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.
Mas elles teem desculpa; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga:

Sem saber o que escrevem, escrevendo
Buscam d'ella o remédio, e como logram
Os fins de seus intentos; o que escrevem,
Seja ou não portuguez, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
E' quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda:
Mas por ora deixemos estas cousas,
Que o mundo corrigir a nós não tóca.
Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos, que o phrygio Xantho corta,
Guardando, em dôce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno, e Pallas, entre si, com Venus,
Sôbre a belleza, um tempo, sustentaram:
No qual, não sei porêm se com justiça,
Deu a favor de Venus a sentença,
Entregando-lhe o rico pomo de ouro,
Que a Discordia lançara n'um banquete. »

— « Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar (lhe volve o Lara)
Mas o tal *Monsieur Pàris* foi um asno
(Perdoe a sua ausencia). Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria, mal ou bem, minha sentença,
Conforme o meu bestunto me ajudasse,
Sem em nada gravar a consciencia;
Mas a maçã, havia d'eu papá-la,
Pelas custas, por certo: e quando muito,
Daria á Vencedora d'ella as cascas.
Mas, diga-me, meu Padre-Jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa, e penteado? »

— « Essa é boa! (replica o Reverendo)
Pois parece-lhe, a vossa Senhoria
Que lhe bastava o sêcco tratamento
De *Monsieur,* que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra? »

— « Essa razão me quadra (diz o Lara).
E esta *Madama Helena* (continúa)
Que d'elle está defronte, por ventura
E' Troiana tambem, ou é Franceza,
Como do penteado mostra o gôsto? »

— « Não foi, Senhor, Franceza, nem Troiana;
(Responde o Padre-Mestre) d'alto sangue,
Em a Grecia nasceu; e no seu throno
Esparta um tempo a viu: mas sceptro, espôso,
A patria, a fama, a gloria d'alta estirpe,
Tudo deixou por *Páris* ».
— « Pois que! o espôso,
A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,

Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
Valente marafona foi por certo,
A tal *Madama Helena!* E quem foi esta?
Diz a lettra, *Madame Pena-Lopes*,
(Proseguia o Deão) talvez seria
Tam boa, como ess'outra? »
— « Essa (responde
O douto Jubilado) é d'outra laia :
A famosa Penélope foi esta,
Do conjugal amor, da fe jurada,
Do sagrado Hymeneu nas castas aras,
Um perfeito exemplar; grande matrona;
Boa mãe-de-familias; e estremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
N'uma têa gastou mais de déz annos... »

— « Que me diz, Padre-Mestre? está zombando!
(O Deão aturdido lhe replica)
Em urdir, e tramar uma so têa
Dez annos consumia a tal *Madama!*
E diz-me que foi grande tecedeira?
....

Cruz e Silva, *Hyssope*, ed. 1821, pg. 51 e seg.

VI

Soneto.

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava :
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana!

De que innumeros sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Ésta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh Deus!... quando a morte a luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Bocage, *Obras*, ed. 1853, I, 217.

VII

Soneto ditado na agonia.

Já Bocage não sou!... A' cova escura
Meu estro vae parar desfeito em vento...
Eu aos Ceus ultrajei! O meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura :

Conheço agora já quão van figura
Em prosa e verso fez meu louco intento :
Musa ! . . . Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura.

Eu me arrependo ; a lingoa quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria :

Outro Aretino fui . . . A sanctidade
Manchei ! . . . Oh ! Se me creste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade !

Bocage, *ibid.*

VIII

Inês de Castro.

Da triste bella Ignez inda os clamores
Andas, Echo chorosa, repetindo ;
Inda aos piedosos ceos andas pedindo
Justiça contra os impios matadores :

Ouvem-se inda na fonte dos amores
De quando em quando as nayades carpindo ;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe, irado, a barreira, alaga as flores :

Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulcro vôa.

Milagre da belleza, e da ternura !
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'rôa
A malfadada Ignez na sepultura !

Bocage, *Ibid.*

IX

Adamastor.

Adamastor cruel ! de teus furores
Quantas vezes me lembro horrorisado !
O' monstro ! quantas vezes tens tragado
Do soberbo Oriente os domadores !

Parece-me, que entregue a vis traidores,
Estou vendo Sepulveda afamado
Co' a sposa, c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores :

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole e a bella dama,
Ás garras dos leões correr furioso.

Bem te vingaste em nós do afoito Gama;
Pelos nossos desastres es famoso:
Maldito Adamastor! maldita fama!

Bocage, *ibid.*

X

Epigramas.

O PAE ENFERMO E O DOUTOR

Um velho caiu na cama;
Tinha um filho esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho, suspirando:
« Repara que sou teu pai. »

A MOLÉSTIA E A RECEITA

Para curar febres podres
Um doctor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada pennada sua
O enfermo arrancava um ai!
— « Não se assuste, (diz Galeno)
Que inda d'ésta se não vai. »
— « Ah senhor! (torna o coitado,
Como quem seu fado espreita)
Da molestia não me assusto,
Assusto-me da receita. »

CONSELHO A UM IMPACIENTE

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dor infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno, ou um punhal.
« Não ha (lhe disse um vizinho
Velho que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno;
Mas o médico ahi vem.

A PARCA E O MÉDICO

— « Morte ! (clamava um doente)
Este misero soccorre. »
Surge a Parca de repente,
E diz de longe : — « Recorre
Ao teu medico assistente. »

VINGANÇA DE MÉDICO

Um medico resentido
De certo seu offensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor :
— « Para punir este indigno,
Este vil, tomara um raio. »
Acode o outro : — « Ha um meio
Muito mais facil ; curai-o. »

O RÉCIPE

Pos-se medico eminente
Em voz alta a receitar.
— « Recipe, (diz)... derepente
Grita da cama o doente :
— « Basta, que mais é matar. »

O ADEUS DO DOUTOR

Um medico receitou :
Subito o recipe veio,
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutio copo e meio.
— « Adeus até á manhan »
(Diz o fofo professor)
Responde o doente : — « Adeus
Para sempre, meu doctor. »

O LETRADO

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou :
— « Em Cujacios, em Monochios,
Em Pegas e Ordenação,
Em Reinicolas e Estranhos
Tem carradas de razão. »
— « Sim, sim, per toda essa estante
Tem razão, razão de mais.
— « Ah senhor ! (o homem replica)
Tê-la-hei nos tribunaes ? »

TITULO PARA UNS AFORISMOS

Certo Averroes quis no prelo
Ver seus aphorismos junctos.
Pos-lhes o editor singelo :
— *Arte de fazer defunctos.* —

A CURA

Lavrou chibante receita
Um doctor com todo o esmêro,
Era para certa môça.
Que ficou san como um pêro
— Tam cedo! é milagre — (assenta
A mãe, que de gôsto chora —)
— « Minha mãe, não é milagre :
Deitei o remedio fora. »

ALIANÇA DE DUAS ALTAS POTENCIAS

Arrumado ás duas portas
Pingue boticario estava,
E brandamente acenou
A um doctor, que passava.
Mal que chega o bom Galeno,
Diz o outro em ar jucundo :
« Unamo-nos, meu doctor,
E demos cabo do mundo. »

Id. *Obras*, III, onde vêem compendiadas os *Epigr.*, de I a CIX, pg. 215 a 256.

XI

O homem no estado insocial.

Estado insocial, embora acclame
Teus falsos bens, quimerica igualdade,
O sabio hypocondriaco eloquente
Que a sciencia combate, e a vida emprega
Das artes todas no profundo estudo,
Que os homens aborrece, e os homens busca,
Que adora a solidão, martyr da glória,
E Timão so quer ser, sendo Aristippo.
Se elle comigo pela marge' immensa
Do Amazonas medonho os homens vira
Humanos na figura, em tracto feras,
Nus sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere e que os ferros,
E so menos cruel que o jugo injusto,
Que esses, que elle illustrou, cobardes soffrem.
Pelos vastos sertões sem lares gyrão,
Qual onça insocial, so pasto buscam,
Nos lacerados membros palpitantes

De seus mesmos iguaes (e, de assustada
Doce mãe natureza os olhos tapa)
A crua fome, e a gula ávida cevam.
N'elles é morta a luz do intendimento;
Contra a injúria do ar lhe ensina apenas,
Qual frada ás feras machinal instincto,
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes que matão
Gente errante, infeliz, não sente apêgo
A' terra em que nasceu; repousa e dorme;
Onde a seus olhos lhe fenece o dia,
Lança-se em terra, a languida cabeça
A um tronco, quasi um tronco, encosta e dorme.
Se o sol surgindo as palpebras lhe toca,
Frouxo, indolente o barbaro desperta.
Ora um tigre veloz o despedaça,
Ora co'a hervada frecha vara um tigre;
Co'a mosqueda pelle os membros cobre,
Se o frio agudo os membros lhe retalha.
Sente o calor? indifferente a deixa;
Não se ouve um pranto, lagrimas não correm,
(Feudo que á morte a natureza paga)
Se no bocejo extremo a vida foge.
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha Hyena;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma boca os ultimos suspiros
Lhe toma, e lhe conserva: assim nos bosques
Viveu per muitos seculos o homem;
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos sertões da America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda,
Para o perfeito, progressão dos Entes;
Tem limites no bruto o instincto, e nunca
Dos homens a razão pára n'um ponto!

J. A. de Macedo, *Meditação*, ed. 1818, C. I, pg. 24.

XII

A creação.

Quam longe estou da terra! Eis se esvaece
Engolphada no ar... Enthusiasmo,
Pára, detem-te aqui... admira um pouco
Ceo que outro ceo circunda, e todos cheios
De immensa luz, revérbero brilhante,
Que outros sóes fulgentissimos derramão.
Inda me alongo mais; rapido vôo
Mais que a fuga do rapido cometa.
Me levo pelos ceos onde não chega,
Nem fugindo per seculos, um raio
Do fulgurante sol. Do espaço eu toco
A extremidade incognita aos humanos,

Onde a luz desfallece, onde se perde
De orgulhosos philosophos o estudo.
A congerie dos ceos, dos sóes, do todo,
Um ponto se me antolha e brilha apenas ;
Qual aeronauta ve d'além das nuvens
Assomar no horizonte a argentea lua
Toda involta no eclipse, em veo sombrio.
O que espaço não é, nem é materia
Além do immenso circulo dos mundos,
E' throno, onde se assenta eterna causa.
Eis o Deus que a Moysés inspira, ensina,
Auctor da natureza, auctor de tudo ;
Aos degraus de seu throno a fe se eleva,
Vai da razão seguida humilde e muda ;
Philosophia é so docil escrava
Da luz que revelada illustra os homens.
Sôbre um throno immortal preside, existe
O que existe per si : seu nome soa ;
Ergue-se Newton, curva-se a seu nome.
Sem Deus em quem repouse o homem se perde.
A creação mysterio impenetravel
Ficará para sempre á mente humana.
São confusas hypotheses, problemas
Tudo o que Roma disse, e ouvira Athenas.
Sôbre as ruinas das sciencias todas
Alça a voz um propheta, e explica tudo :
(Oraculo immortal minh'alma abastas !)
« Creou Deus no principio os ceos e a terra. »
Mortaes, eis a verdade : o mais... delirio.

J A. de Macedo, *ibidem*.

XIII

Ode.

Irritado da dôr, de vêr zombada
    Por insultos pichótes,
A lingoa de Camões sonora e pura,
    Que nos deu tanto nome ;
A phrase nobre e tersa com que a Castro
    Derramava seu pranto ;
Chorando o fado dos alados cysnes,
    Que do Parnaso as sendas
Nos calcárão com tam gentil despejo,
    E com tanta opulencia
De eloquente riqueza nos fizérão
    Herdeiros sumptuosos,
Fui sentar-me cuidoso, magoado
    Nas ribeiras do Tejo :
E, a mão na face, descahida a frente,
    Lançava ao longe a vista
Pelas aguas do rio caudaloso,
    Outrora tam cantadas,

Tam famosas na Europa, e no Oriente.
    — Quem nos viu n'outras eras
Tagides nobres, celebres nos hymnos,
    Levantar triumphantes
Nas claras ondas o soberbo rosto,
    Entre as do Alpeu, do Mincio,
Na Italia e Grecia tam gabadas nymphas?
    Hoje, de deslembradas,
Não atreveis erguer-vos, pôr os olhos
    Nos cantores de Elysia... —
N'isto... sinto um rumor .. turbão-se as ondas;
    Borbúlhão, formão cercos,
Que vão, uns após outros, estendendo-se;
    E entre miuda espuma,
Que alveja pelas lisas verdes tranças,
    Diviso o lindo côro
Das graciosas nymphas, escoltadas
    De tritões escamosos
Com a forcada cauda o mar varrendo.
    No meio um soberano
Ancião de branca barba ondeada e longa,
    Que branda lhe descia
Pela cerulea toga auri-brilhante.
    De Nerea em Nerea
Os verde-mares olhos perpassando,
    Curva real aceno
A' mais bella das nymphas, que responda
    A meus vivos queixumes.
Callou-se o vento, e as ondas alizárão-se,
    Como em luzente espelho
Tritões espadaúdos retratárão,
    E o Tejo e suas nymphas.
Então em mim fitando a clara dea
    O angelico semblante:
« Filinto, com razão, mui justas queixas
    Apaixonado espalhas
Pelas nossas ribeiras saúdosas,
    Depois que a morte crua
Segou, com fouce avara, aquelles grandes
    Esp'ritos excellentes
Camões sublime, altiloquo Ferreira,
    E quantos a era augusta
Criou com leite são, clara doutrina,
    Que a patria acreditárão:
E nume tutelar, benigo Phebo,
    De accender não cessava
Divino fogo nos ingenhos Lusos,
    Mostrando-lhes c'roado
De illustres ramas o desejo de honra
    Ganhada por bons versos.
Este ar, troando ainda c'os furores.
    Da bellicosa turba
Que immortal aquecia o Vate ousado,
    Quando lançava o brado

Que per esse Universo se estendia,
  Mostrando os máres da Asia
Trilhados das afoutas proas Lusas,
  E os feitos memorandos
Que inda echo fazem nos auritos montes,
  Despértão insoffridos
Ardentes peitos de renome eterno
  A treparem com ancia
Pela scabrosa encosta do alto Pindo,
  E n'elle cortar louros.
Inda ha pouco Garção, Elpino, Alfeno
  Per Apollo animados,
E nos nossos regaços instruídos,
  As lyras recebêrão
Dos cantores mais altos do Parnaso,
  E sôbre as doutas cordas
Ja renovárão as canções Dirceas;
  E as musas, que corridas
Da rançosa academica cohorte,
  Fugírão enojadas;
Que, de mil semi-vates aprosados,
  Escuros e espinhosos,
Desdenhárão influir os anagramas,
  Acrosticos e enigmas,
Ou gothicos, freiraticos conceitos;
  Ja canoras do Pindo
Vinhão descendo a bafejar os hymnos
  Dos viçosos alumnos.
Nos gregos prados, nas latinas veigas
  Medrados co'a cultura
Do apurado saber, ferrenho estudo...
  Eis que de negros corvos
Um bando iniquo em tôrno delles grasna
  Invejoso, molesto,
Moteja a lingua de aspera, e de antiga;
  De sentido enleiado;
Acha bronco o Camões, charro o Ferreira;
  Camões! a nossa gloria!
Por quem somos so lidas e estudadas
  Nas terras mais remotas!
Erguem no povo rudo alto ruído
  Contra os novos Orpheus.
E assim como as Bistónides raivosas
  O canto lhe afogárão
Quando no Hebro a dulcisona cabeça
  Arrojárão dementes:
Taes contra os meus alumnos, essas gralhas
  Os gritos desentoão:
Dellas te queixa, nellas ceva as íras;
  Que as flexas do ridiculo
Horacio e Juvenal te afião promptas:
  Que não temos as nymphas
Mais armas que as do verso acicalado
  Que rasga o amago d'alma.

Não somos Jove atirador-de-raios.
    Nem Phebo arci-tenente,
Que contra esses, que a pura veia turvão
    Da Pegasea Aganippe,
E ás estradas do Pindo o passo impedem
    Aos mimosos das musas,
Disparemos bombardas. Mas tu pódes,
    Novo Boileau severo,
Cortar per Scuderis, Cotins, La Serres,
    Descoser seus escriptos;
Ou novo Lobo, de engraçado pico,
    Pô-los tam despreziveis,
Que nem os olhos levantar se atrevão
    Para que os sons melifluos
Anciosos bebem na agua de Parnaso
    Alta esperança Lusa. »

Francisco Manoel do Nascimento, *Obras*, ed. 1817, I, 340.

XIV

Galicismos.

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga sã linguagem,
Rompam-se as minas gregas e latinas;
(Não cesso de o dizer, porque é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente e culto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phraze estrangeira, e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afeia
O gesto airoso do idioma luso.
Quero dar que em frances hajam formosas
Expressões curtas, phrazes elegantes;
Mas indoles diff'rentes tem as linguas;
Nem toda a phraze a toda a lingua ajusta.
Ponde um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras há, que ás louras se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.
....
....
Se por força de fado, ou por penuria
Forçados somos a espremer dos livros
Franceses o alimento das sciencias;
Se como na paléstra empoeirada
Vamos luctar contra a ignorancia bruta
No gymnasio frances, tomemos o uso
Dos antigos athletas, que ao sahirem
Do pugilato ou férvida carreira,

A poeira dos fatos sacudiam,
E banhando-se em liquidas correntes
Do Illisso (que, alli perto, com sereno
Passeio, alegra a margens estudiosas)
Os corpos asseiavam diligentes.
Assim vi sempre o litterato Erilo,
Depois de revolver frances volume,
Desempoar-se da estrangeira phraze
C'o espanador de Barros ou Vieira.

F. Manoel do Nascimento, *ibid.*

XV

A Funçâo.

SÁTIRA

Musa, basta de rimar;
Ja fazes esforços vãos,
Vai a Lyra pendurar;
Não sabem trémulas mãos
Com as cordas acertar;

Já a velhice pesada
Te encheu de rugas a testa;
Ja co'a dura mão gelada
Te pos a marca funesta
Na madeixa branqueada;

Teu Estro, falto de meios,
Ja furta mais do que imita;
Vas dando airosos passeios,
E todo o Povo te grita:
« *Larga os vestidos alheios;* »

Tua vaidade faz dó;
Cinges cascos enrugados,
Cheios de caruncho e pó,
Com velhos lucros furtados
Do sepulchro de Boileau:

Lêste por teu mal um dia
Este livro endiabrado;
Tal se pos a phantasia,
Que o corpo velho e cansado
Inda te pede folia:

Depois que vistosa Quinta
Te deu brilhante função,
Tu de discordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel e tinta;

Bem me lembra o sitio ameno;
Quanto vi tenho presente;
Mas a ti é que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vas sempre deitar veneno:

Com felpudos chapelinhos,
Que estofada pluma ornava,
Per apraziveis caminhos,
Formoso Esquadrão montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a mesma estrada trilhas,
Mostra-me em todo esse dia
Cousas, que não fossem filhas
Da innocencia, e da alegria?

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com postiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adellas,

E que em quanto em taes desman-
A Irmã, com titulos falsos, [chos
Faz a glória d'estes ranchos;
Corre o Irmão, co'os pés descalços,
Vendendo em Lisboa ganchos:

Dizes que um, o qual eu calo,
Assentando que as Senhoras
Querem todas namorá-lo,
Cravando a furto as esporas,
Mettia em obra o cavallo:

Que outro, falto de expressão,
Traficar de longe quis;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração:

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhes mudes,
Por mais que a teu geito o rimes
Creio que não são virtudes,
Porém tambem não são crimes:

No largo pateo apeados,
Que alva cal em tôrno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos passear na Quinta,
Uns dos outros separados:

Faiscando os olhos lumes,
Perdido o siso, e o conselho,
Gritos em vivos queixumes:
— Onde estão, Portugal Velho,
Onde estão os teus costumes?

....

N. Tolentino, *Obras Completas*, ed. 1861 pg. 243.

XVI

Carta oferecendo um perú em casa onde todos os domingos davam ao autor este prato.

Senhora tambem um dia
Entrarei co'a frente erguida;
Não serei na vossa mesa
Dependente toda a vida.
Nem sempre abatido pejo
Dirá nesta cara feia,
Quanto doe a um peito altivo
Matar fome em casa alheia.
Airoso, gordo perú
É meu soberbo presente;
Traz inda as pennas molhadas
C'o pranto da minha gente;
No santo dia esperavam,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
N'este primeiro perúm;
A russa magra Josefa,
Ergueu queixume sentido;
Custou-lhe mais esta ausencia,
Que a do defuncto marido.
O louro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos seu trapo;
Tinha vistas sôbre a carne,
E muitas mais sobre o papo.
Seu almoço requerendo,
Em luzindo a madrugada,
Na esquerda, grossa fatia
D'ambas as partes barrada:
Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro seu,
Pedindo-me coxos meses,
Me disse « que o trouxesse eu. »
Eu o trago: a offerta é pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz escondida uma usura,
Maior, que a da *meia sena*.
Com um sorriso acceitai
O atraiçoado convite;
Vem a morrer uma vez,
Porque muitas resuscite.
Curae todos os domingos
A minha doença eterna:
Sôbre a mesa milagrosa
Seja esta ave, uma ave eterna;
De outra, que finge a poesia,
Trocae em verdade a peta;
E seja um negro perú
A phenix d'este poeta;
Na ondada, pia toalha,
C'oa benção da vossa mão,
Seus frios, despidos ossos,
De carne se cobrirão.
Consenti, que este oco peito
Ao prodigio se consagre;
E que dentro em si colloque
A mór parte do milagre.

Na dextra, com branda cana
O seu pupilo guiava:
Em tenras, publicas malvas,
Para si o apascentava:

N. Tolentino, *ibid.*, pg. 188.

Quanto ao padre prégador.
Meu voto é não convidá-lo;
Porque ha de comer o assumpto,
Muito melhor que prèga-lo.

XVII

Soneto.

CAVALO Á MARGEM

Vai, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto t'o consente
De magros cães faminto ajunctamento;

Ésta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dor vehemente,
De torto prego ficará pendente,
Despojo inutil do inconstante vento:

Morre em paz; que em havendo algum dinheiro
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra este letreiro:

— *Aqui piedoso entulhó os ossos come*
Do mais fiel, mais rapido sendeiro,
Que fóra eterno a não morrer de fome. —

N. Tolentino, *ibid.*

XVIII

Lindoya.

....................Não faltava
Para se dar princípio á estranha festa
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas de brancas pennas revestidas,
Festões de flores as gentis donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscá-la.
Estes da crespa Tanajura aprendem
Que entrára no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irmã per entre as sombras do arvoredo
Busca co'a vista, e treme de encontrá-la.
Entram emfim na mais remota e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa

Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
La reclinada como que dormia
Na branda relva e nas mimosas flores;
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cypreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto,
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge
Pescoço e braços; e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevêm de chamá-la e temem
Que desperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte,
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quis tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Emfim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa; e a boca e os dentes
Deixou cravados no vizinho tronco.
Açouta o campo co'a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cypreste e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.

Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertá-la
Conhece — com que dor! — no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte, e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
Contou a larga historia de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,
Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trémula gravado
O alheio crime e a voluntaria morte...
Inda conserva o pallido semblante
Um não sei quê de magoado e triste
Que os corações mais duros enternece:
Tanto era bella no seu rosto a morte!

J. Basilio da Gama, *Uraguay*, ed. 1845, c. III, pg. 51.

XIX

Moêma.

E' fama então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pertendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam;
Entre as ondas com ância furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua, que fluctua vaga,
O ardor que o peito tem banhado, apaga.

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espectaculo assombrada,
E ignorando a occasião da estranha empreza
Pasma da turba feminil que nada:
Uma que ás mais precede em gentileza
Não vinha menos bella do que irada;
Era Moêma que de inveja geme
E ja vizinha a nau, se apega ao leme.

« Barbaro (a bella diz) tigre e não homem!...
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrças, amor, que emfim o domem,
So a ti não domou por mais que eu te ame.
Furias, raios, coriscos que o ar consomem
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor como tedio e asco...
Ah que o corisco es tu... raio... penhasco!

Bem puderas cruel ter sido esquivo
Quando eu a fe rendia ao teu engano,
Não me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me traidor, e d'ésta sorte
Paga meu fino amor tam crua morte?

Tam dura ingratidão menos sentira
E esse fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumphar não vira
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçú que, sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia.

Emfim tens coração de ver-me afflicta
Fluctuar moribunda entre éstas ondas,
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente com que aos meus respondas
Barbaro, se ésta fe teu peito irrita
(Disse vendo-o fugir) ah, não te escondas,
Dispara sôbre mim teu cruel raio !.... »
E indo a dizer o mais, cai num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo,
Com mais ja sem vigor soltando o leme,
Entre as salsas escumas desce ao fundo.
Mas na onda do mar que irado freme
Tornando a apparecer, desde o profundo :
« Ah Diogo cruel ! » disse com mágoa,
E sem mais vista ser sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que nadando a Moêma acompanhavam,
E vendo que sem dor, navegam, d'ellas,
A' branca praia com furor tornavam :
Nem pode o claro heroe sem pena ve-las
Com tantas próvas que de amor lhe davam :
Nem mais lhe lembra o nome de Moêma
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

J. de Santa Rita Durão, *Caramurú*, ed. 1787.

XX

Lira XXVIII.

Alexandre, Marilia, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
    Na frente das cohortes
    Cerca, vence, abraza
    As cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro ;
Morreu na flôr dos annos, e já tinha
    Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata.
    Foi, Marilia, sómente,
    Um ditoso pirata,
    Um salteador valente.

Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vôa,
A' sua mesma patria a fé quebranta;
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma.
Consegue ser heroe por um delicto;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios: move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o mau tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo:
E tanto pode ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada:
Ganhei, ganhei um throno,
Ah! Não manchei a espada,
Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito e nos teus braços:
E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos palacios cercados
De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto:
Quando estou acordado
Contemplo no teu rosto
De graças adornado:
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! Nem desperto, nem dormindo, sôbe
A mais o meu desejo.

Th. A. Gonzaga, *Marilia*, ed. 1840, pg. 73.

XXI

Pygmalião.

Ja da lucida aurora scintillava
O trémulo fulgor, e a noite fria
Nas mais remotas praias do Occidente,
Entre abysmos gelados se escondia.
    Amor impaciente
Dos filhos de Morpheu se acompanhava,
E de Pygmalião a altiva mente,
Com lisonjeiros sonhos, affagava.
    Ora de Galatea,
    A estátua airosa e bella,
Obra de seu cinzel, obra divina,
Se lhe avivava na amorosa idea,
    Ora cuidava vê-la
    Pouco a pouco animar-se
E a marmorea dureza transformar-se
Em suave vital brandura, dina
    D'aquella que em Cythera,
Sobre os Amores, e o prazer domina.
    Sobresaltado freme;
    E entre illusões espera
Galatea apertar nos ternos braços:
    Mas subito desperta
Procura-a, não a ve; suspira e geme.
Então com rosto triste e carregado,
    O corpo ergue cansado,
    E mal firmando os passos
    Girando a vista incerta
Pela vasta officina, o busto encara
    Da magestosa Juno,
    Que junto collocara
Ao do implacabil fero deus Neptuno:
Lança mão do cinzel; ergue o martello;
    Repoli-los intenta
E o extremo ideal tocar do bello;
Mas o cinzel da mão se lhe extravia;
    Frôxo o martelo assenta,
E na vivaz ardente phantasia
Se Galatea com prazer revia.
    Acceso, arrebatado
De insolito furor, quebra, esmigalha
    O marmore inculpado
    Dos bustos, que polia;
Arremeça por terra e á toa espalha
O martello, e o cinzel com que trabalha;
    Volve os olhos, repara
    De Galatea amada
    Na formosura rara;
E ferido do amor curva tremendo
Os joelhos, e ja não lhe cabendo
    Dentro d'alma encantada

O transporte que o agita, ardido brada :
    « O' tu que os deuses do Olimpo
Feres de inveja, e de espanto,
    Porque nunca pôde tanto
    Todo o seu alto poder ;
    E' possibil que reúnas
    Tanta graça, tal belleza
    E te negue a natureza
    Respirar, sentir, viver ?
Eis do genio o prodigio soberano :
Nem poderá jamais o sprito humano,
Depois de rematar ésta obra-prima,
    Conter fôrça sobeja
    Que poderosa seja
Para novos inventos, sem que o opprima
    Tam grande esforço d'arte,
E esmorecido desfalleça e caia.
Amor, ó deus ! sem quem tudo desmaia ;
    Amor que me guiaste
O sublime cinzel n'esta ardua empreza,
    Ah ! desce, vem ; reparte
    Da minha vida parte
Com aquella que tu avantajaste
    A' deusa da belleza :
Supre assim o langor da natureza :
    Influe doce alento
Na minha Galatea tam formosa :
Influe-lhe razão e sentimento.
O' Amor ! ó deidade grandiosa !
Anima-a do calor em que abrasado
Meu coração a teu podêr se rende.
Rouba a Jove esse facho sublimado
    Do qual a vida pende :
    Sacode, vibra a chamma
Que os mortaes aviventa, anima, inflamma.
O' Amor ! ó deus grande ! per quem vive
    Quanto nos vastos mares
Se volve, e quanto talha os leves ares ;
    Per quem tudo revive,
E cuja mão potente desencerra
A vital fôrça que fecunda a terra !
Escuta a voz que o teu soccorro implora,
    E a minha Galatea
    Possa eu ver sem demora
Sentir o fogo que em meu peito ondeia.
Deuses, se isto impedis, de novo digo
    Que inveja negra e fea
Em vossos corações achou abrigo.
    Mas que vejo ! ó justos ceus !
    Treme o marmore e respira,
    E parece se retira
    Ao toque de minha mão !
    Rubro sangue as veias gira,
    Ja seu braço me rodea,

E da linda Galatea
Ja palpita o coração!
Nos olhos lhe circula, eu não me engano,
O teu fogo, ó Amor! hoje cessaste
De ser um deus tyrano:
Hoje sôbre os mais deuses te elevaste.
Que te direi Amor?... Olha... repara,
Nas faces delicadas
As graças animadas
Ateiando desejos, e compara
Tuas acções com ésta que fizeste:
Ve bem com' a ti mesmo te excedeste:
Prazeres fervorosos,
Suspiros incendidos,
Transportes anciosos,
Mil ais interrompidos,
Affagos e deleites, como em bando,
Pela voluptuosa
Cintura mais que airosa,
Qual a hera se enrolam, misturando
As engraçadas frentes;
E de mimos ardentes,
De delicias minha alma repassando.
O' Galatea! ó minha doce vida!
Tu me faltavas so para endeusar-me,
E de immortaes prazeres inundar-me.
Agora brame irada
A natureza contra mim erguida!
Não a receio, e nada
Já me póde assustar, porque te vejo
Responder a meu férvido desejo;
Dar vida a novos seres,
Crear o sentimento
De mil novos prazeres:
Eis, ó deuses! sem dúvidas a ambrosia,
O divinal sustento,
A suave celeste melodia,
Que embebe de alegria,
E torna glorioso o firmamento!»
Com este pensamento
Transportado contempla a Galatea
(Que, ou mova a mêdo os passos,
Ou revolva o semblante,
Emtôrno ao seu amante,
Ou ja recurve os braços
A cada movimento,
A cada novo instante,
Sente uma nova idea,
Sente um novo prazer que a senhorea.)
Então outro prodigio amor obrando,
A linguagem dos sons vai-lhe inspirando,
E de repente usando
D'este dote sublime
A feliz Galatea assim se exprime:

« Este marmore que toco,
Ésta flor tam graciosa,
Nem ésta árvore frondosa,
Nada d'isto, nada é *eu*:
Mas, ó *tu!* que ante mim vejo,
Que todo o meu peito aballas,
Que tam doce de amor fallas,
Ah! tu sim, tambem es *eu*.
Vem a mim, querido objecto,
Aperta-me nos teus braços;
Convence-me em ternos laços,
Que eu e tu somos *so eu*. »

A. P. Sousa Caldas, *Pigmalião, Obras*, 1820.

PROSA

XXII

Vieira julgado por D. Francisco Alexandre Lobo

Composto raro de imperfeições e de prendas insignes, serviu Antonio Vieira muito á religião, e não serviu menos á patria; mas poderia servir a ambas ainda melhor. A patria, se o louvou em seu tempo com demasia, tambem o tratou em alguns casos com desmerecidas esquivanças. O seu zelo politico foi recompensado com injustos desterros; os carceres da Inquisição de Coimbra foram pena sobejamente severa das suas singularidades; as suas prendas e serviços poderam ser mais attendidos e mais bem satisfeitos por el-rei D. Pedro II. A posteridade, mais cega ainda por odio, doestou as suas egregias qualidades, vilipendiou os seus talentos, calumniou as suas intenções, escureceu as suas obras, imputou-lhe aleivosamente culpas, perturbou, por ultimo, e affrontou com furor barbaro as suas cinzas. Para que vejam os homens (quero dizê-lo, como Vieira o disse em substancia por varias vezes), para que vejam os homens, que o unico motivo certo, mas por si só superabundante, para se encaminharem ao bem, e o pôrem em prática, está nas approvações deliciosas da propria consciencia, e nas esperanças da justiça invariavel d'Aquelle, que na estimação do merecimento não póde ter erro, nem póde em o remunerar padecer defeito.

A. Lobo, *Discurso... ácerca do P. A. Vieira*, ed. 1899, pg. 133.

XXIII

O Amazonas

... Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas que tem rece-

bido d'outros muitos rios, sempre insaciavel, não se demora jámais, mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espraiar emfim no Oceano, e, confundido com elle, não ter mais nome nem gloria differente da sua. Que differentes e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens d'este grande rio!... Eis-ahi logo á primeira vista essas duas alamedas sempre frescas e viçosas, que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua extensão. Ah! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredo frondoso e cerrado, convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra; lá abrindo-se um pouco, e dando logar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horizonte: para uma parte, cedros elevadissimos d'uma grossura espantosa, o tronco meio desarreigado pela fôrça da corrente, e ameaçando ruina com a sua quéda imminente; para outra, differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das suas côres. Repara para a multidão de aves, que já parecem toldar o céu, já matizam os campos com o engraçado da sua pintura, já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria que sentem nestes logares amenos. Não vês como brilham lá ao longe as alvas areias de que está semeada aquella praia? Eis-ahi voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver, por seus redobrados gritos, que lá têm o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza apparecem tambem, volteando sob as aguas que banham aquella situação encantadora. Mais adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que, pelas diversas côres da materia de que se compõem, servem de balisa ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e intrincada cadeia de montanhas altissimas, correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece querem desafiar as nuvens, e vão esconder nellas a sua mais alta superficie! Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundir-se com as aguas do grande rio! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vae formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superficie da agua; dirias que d'ella tiram toda a sua substancia: outras já profundamente arreigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flôres engraçadissimas. Todo aquelle fresco terreno como está alcatifado d'uma relva verde e mimosa, que encanta o espirito!!

D. Fr. Caetano Brandão.

XXIV

Elogio funebre de D. Francisco de Lemos.

(PERORAÇÃO)

Elle foi tão grande na morte, como na vida. Havendo atéli governado os outros, governa-se então a si proprio. Vê impavido e tranquillo a mais pavorosa das scenas, a vida, que foge, o tumulo, que se abre, a eternidade, que apparece. Mune-se dos Sacramentos, medita

as cousas eternas, afervora o seu espirito, une-se á Cruz do Senhor, e cheio tanto de paz, como de annos e meritos, deixa o mundo, cáe no seio da Divindade. Já não existe: apagou-se a luz dos seus dias; mas nunca se ha de apagar nem a magoa do nosso peito, nem o esplendor do seu nome. Oitenta e sete annos heroicamente vividos dão-lhe justa celebridade. Foi a honra do Sacerdocio, o lustre do Imperio, columna de ambos. Foi entre nós o Abrahão das Sciencias, o venerando Pai das Letras. Em quanto ellas acharem no mundo estima, em quanto se virem erguidas as paredes do nosso Atheneu, a sua memoria terá bençãos. Cada pedra daquelle edificio será um padrão á sua fama. Cada Academico uma estatua ao seu nome. Embora se calem todos os outros seus trofeos, a Academia bradará sempre. O grande Affonso de Albuquerque quasi moribundo escrevia ao seu Monarcha: *Senhor, quanto ás cousas da India, nada digo; a India fallará por si e por mim.* Em igual fórma póde dizer do meio daquelle feretro o Pai das Letras: *Essa Universidade fallará por si e por mim.* E se o grande Rei D. Manoel dizia ter segura a India com os ossos do mesmo Albuquerque, tambem nós podemos dizer, que longo tempo a sombra e restos veneraveis desse Varão eximio hão de ser o amparo e o incentivo das Letras.

Dr. A. José da Rocha, *Oração funebre das exequias de D. Francisco de Lemos*, pg. 13, ed. cit. no texto.

XXV

Carta ao Snr. Manuel Gomes Costa.

(Vienna d'Austria, 29 de julho de 1780.)

Estimo muito, e estimarei sempre as suas cartas, pelas duas cousas que n'ellas resplandecem, a que o mundo chama tolice, isto é, a naturalidade e sinceridade com que V. M. falla, requisitos de que gosto sobre modo na communicação; e especialmente agora, porque ainda os não achei por cá, senão na gente verdadeiramente tola e simploria. Admirou-me muito o desejar V. M. tanto lêr livros francezes e inglezes; e communicar pessoas que o pudessem *instruir* e dissolver as suas duvidas com sinceridade, porque eu tinha por certo que V. M. seria como os outros reinicolas brazileiros que não estudaram antes de irem para a America; que, quando tornam, cuidam sómente em comer o que trouxeram, ou, quando muito, em conservarem um pouco de negocio. Quanto a parecer-lhe a V. M. que eu lhe podia ser bom aos seus intentos, engana-se de remate; porque eu nunca fiz peculio na memoria do que li, ouvi e vi; creio que por me mostrar a experiencia que isso não me servia de nada mais, que de conhecer uma pequenissima parte das fraquezas do nosso natural; assim V. M. por este motivo não tenha pena de eu lhe estar longe; antes se assegure que, se fallassemos muitos meses e annos, todo o fructo que V. M. poderia tirar de me ouvir, pelo que respeita a livros, era o persuadir-se de que em lugar de lhe aproveitar o tê-los, o prejudicaria fóra de modo, se o fizesse como o commum da gente, que, sem nem vir-lhe ao pensamento o julgar d'elles por si mesma, julga quasi sempre das cousas por elles sómente, e quasi nunca nem das cousas,

nem d'elles, pelo modo que deveria fazê-lo, isto é, valendo-se unicamente da sua pura experiencia, e ditames da razão. V. M. não terá nenhuma duvida em que o juizo, entre os outros dons que recebemos da natureza, é, sem nenhuma comparação, o mais estimavel de todos; mas eu não cuido, como os que leem muito que os livros no-lo augmentam; porque me parece que a sua actividade natural não póde crescer, nem ainda diminuir, senão por propria indisposição de si mesmo, nascida de doença, idade, paixões, etc., e que, se os livros nos tiram d'elle alguns erros dos infinitos de que no-lo vae enchendo desde a meninice, o que vemos e ouvimos no mundo, lhe impingem muitos mais. Não digo nada d'isto para o desconselhar a V. M. de lêr absolutamente, mas para vir a concluir que leia quanto quiser, com a advertencia, porém, de não se descuidar nunca de julgar com toda a liberdade das cousas que lê, e do juizo dos autores que as escrevem; e se V. M. me disser que não se acha capaz de julgar com acerto da ruindade do juizo de autores famosos, responder-lhe-hei que tambem não se deve achar capaz de julgar com acerto da sua bondade; e por conseguinte, não lê-los de nenhum modo. Leia, torno a dizer, quantos livros quiser, portugueses, castelhanos, franceses e ingleses, traduzidos, mas leia-os pondo de parte inteiramente o que tem ouvido d'elles, e o grande conceito que os autores, ainda dos livros mais ordinarios, mostram nas suas palavras fazer do seu talento, especialmente os franceses, que neste ponto são insoffriveis; e até fazem insoffriveis os seus leitores pela maldita presumpção e vangloria de saber, e pelo desprezo com que fallam da ignorancia, isto é, da falta de lição dos livros franceses. Ainda outra vez, V. M. leia todos os livros que puder, mas como a gente olha para a fazenda de grande valor, quando a quer comprar, que a volta bem do aveço e do direito e repara bem nella de alto a baixo por todas as partes, para lhe descubrir os defeitos e avarias, e espero que a comparação não lhe pareça demasiadamente encarecida; porque bem conhecerá que a perda de juizo e boas inclinações, que nos póde vir da leitura cega de um só livro, é de maior consideração que todas as perdas que tivermos em quantas compras fizermos na nossa vida; e já que fallamos de livros, lhe direi logo que o tal Francisco Xavier de Oliveira não se acha em Vienna, nem eu acho nenhum rasto de elle ter estado aqui nunca; e por isso já V. M. vê que esta gente não o tem em nenhuma conta, nem boa nem má. Eu porém da minha parte, pelas informações que tive d'elle em Paris, lhe posso dizer, (em duvida, se entende) que faço mau conceito do seu juizo, porque me disseram, louvando o muito, que elle escrevêra um bello livro frances, em que corta muito os portugueses e as suas cousas, e me offereceram para eu o vêr; o que eu agradeci, mas não acceitei; porque já ha muitos annos que me deu uma grande fastieira de livros franceses, especialmente dos que cortam das outras nações; não porque cortam tambem da nossa, mas porque quasi em tudo a cortam sem pinta de juizo. Ora V. M. considere se eu me acharia com animo para lêr um livro em que um portugues corta a sua nação á francesa; e sómente porque os franceses a cortam, a parecer d'elle, com grande juizo; agora sim, V. M., que leu as suas cartas, é que me poderá dizer com certeza o conceito que faz do seu juizo, e natural. O mesmo que tenho dito a V. M. a respeito de livros lhe digo tambem a respeito de vêr mundo; nem eu lhe posso instruir o juizo, ou *destruir-lh'o*, contando-lhe o que vi, e vejo por cá; nem V. M. se poderia instruir a si mesmo, se desse uma e muitas voltas

por estas terras em que tenho estado; porque não veria senão a nossa mesma fé christã, as mesmas leis com pouca differença, e os mesmos costumes, entre elles o mais louco de todos, chamando matrimonio (chamo-lhe louco, da parte dos homens, pelo gosto com que abraçam, e fazem gloria da vil escravidão em que os poem as mulheres); as mesmas fraquezas de juizo, e desordens do coração; e emfim os mesmos vicios e virtudes, & E' verdade que os movimentos do nosso espirito da cabeça, e do peito, que reluzem nos nossos costumes, palavras, acções, etc., assim como não são os mesmos em numero, e qualidade, em todos os homens, não no são tambem no mesmo grau em todas as terras. Ora que se tira d'aqui?? Por ventura que se V. M. andasse pela Europa oito ou dez annos, tomando bem sentido no modo de pensar e obrar, das suas nações, se recolheria com maior conhecimento do mundo que o com que se acharia n'aquelle tempo em Portugal, se estivesse estado sempre lá parado? Eu entendo que não certamente; antes quanto a minha pessoa, creio com toda a segurança que, se eu nunca sahisse d'esse reino, conheceria mais do mundo de que conheço hoje em todas as minhas giravoltas; porque os vicios e a virtude do nosso juizo e do nosso coração, são lá e ca, da mesma qualidade; e lá, ambas as cousas em maior grau conhecidamente; que não saiba o que eu digo quem se préza de ter girado.

Antonio da Costa, *Cartas*, ed. cit. no texto, XI, pg. 69-77.

XXVI

Carta sobre a educação da mocidade.

Illustrissimo Senhor. — Quando V. Illustrissima foi servido communicar-me o Alvará sobre a reforma dos Estudos, que S. Magestade Fidelissima foi servido decretar no mes de Julho passado, e juntamente as Instruçoens para os professores da Grammatica Latina, logo determinei manifestar a V. Illustrissima, o grande alvoroço que me causou a real disposiçaõ sobre a educaçaõ da Mocidade Portuguesa; mas embaraçado com algũa dependencia que entaõ me inquietava, e com a saude mui quebrantada ao mesmo tempo, naõ pude satisfazer logo o meu desejo; naõ só applaudindo o util d'esta lei, mas taõbem, renovando os mais ardentes votos pela vida e conservação de S. Magestade que Deos guarde, que com o seu paternal amor cuida taõ efficazmente no augmento, como taõbem na gloria dos seus amantes e fieis Subditos.

Esta lei, Illustrissimo Senhor, incitou o meu animo, ainda que pelos achaques abatido, a revolver no pensamento o que tinha ajuntado da minha leitura sobre a Educaçaõ civil e politica da Mocidade, destinada a servir á sua patria tanto no tempo da paz como no da guerra. Ninguem conhece milhor a importancia desta materia, que V. Illustrissima, e nesta consideraçaõ he que determino patentear-lhe naõ só hũa succinta historia da Educaçaõ civil e politica que tiveram os Christaõs Catholicos Romanos até os nossos tempos, mas taõbem hũa noticia das Universidades, com a utilidade ou inconvenientes, que dellas resultaraõ ao Estado civil e Politico, e á Religiaõ. Espero que será do agrado de V. Illustrissima que me ocupe nesta indagaçaõ

por algum tempo, e que admirará, depois de ser servido lê-la, a admiravel providencia de S. M. Fidelissima, expressada neste Alvará que venho de lêr novamente. Verá V. Illustrisrima que naõ temos inveja aos imperadores Theodosio, Antonio Pio, ou a Carlos Magno; porque ainda que todas as monarchias, e Republicas decretaram leis para regerse a Educaçaõ da mocidade, naõ li ategora que Soberano algum destruisse os abusos da errada, e que em seu logar decretasse a mais recommendavel. Mostrarei pelo discurso deste papel, que toda a Educaçaõ, que teve a Mocidade Portuguesa, desde que no Reyno se fundáraõ Escolas e Universidades, foi meramente Ecclesiastica, ou conforme os dictames dos Ecclesiasticos; e que todo o seu fim foi, ou para conservar o estado Ecclesiastico, ou para augmentalo.

Somente S. Magestade Fidelissima foi o primeiro entre os seus Augustos Predecessores, que tomou a si aquelle *Jus* da Magestade de ordenar que os seus Subditos aprendam de tal modo, que o ensino publico possa utilizar os seus dilatados Dominios. Só este grande Rey conheceo que como a alma governa os movimentos de todo o corpo para conserva-lo; assim elle, como alma e intelligencia superior do seu Estado, era obrigado promover a sua conservação, e o seu augmento por aquelles meyos que concebeo mais adequados. Aquelle benegnissimo Alvará nos dá a conhecer que só a Educaçaõ da Mocidade, como deve ser, he o mais effectivo e o mais necessario. Porque S. Magestade, que Deos guarde com alta providencia, considera que lhe saõ necessarios Capitaens para a defensa; Conselheyros doutos e experimentados; como taõbem Juizes, Justiças, e Administradores das rendas Reais; e mais que tudo na situaçaõ em que está hoje a Europa, Embayxadores, e Ministros publicos, que conservem a harmonia de que necessitaõ os seus Estados: esta Educaçaõ naõ seria completa se ficasse somente dedicada á Mocidade Nobre; sua Magestade tendo ordenado as Escolas publicas, nas Cabeças das Comarcas, quer que nellas se instruaõ aquelles que haõ de ser Mercadores, Directores das Fabricas, Architectos de Mar e Terra, e que se introduzaõ as Artes e Sciencias.

A' vista do referido permitta-me V. Illustrissima que satisfaça aquelle ardente desejo, que conservei sempre, ainda taõ distante e por tantos annos longe de Portugal, de servi-lo do modo que posso, ou que penso lhe servirá de algũa utilidade. Nem a ambiçaõ de sair do meu estado, nem a cobiça de faze-lo mais commodo, me obriga a occupar aquelle pouco tempo, que me deyxaõ os achaques, em ajunctar neste papel tudo aquillo que tem connexaõ com o Alvará que V. Illustrissima foi servido ultimamente communicar-me. He somente aquelle ardente zelo, é somente aquelle amor da patria, que V. Illustrissima acendeo de novo em mim pelo seu claro e penetrante entendimento taõ judiciosamente cultivado, pela sua clemencia, pela sua piedade, e por aquelle ardor de promover tudo para maior felicidade da nossa patria, que satisfaçaõ que tenho neste instante! que louvo estas virtudes, taõ raras nos nossos dias, sem a minima adulaçaõ, e sem o minimo interesse servi-lo. Aquelles Portuguezes que vivem pela piedade de V. Illustrissima, e todos, naõ só confirmariaõ o pouco que digo, mas augmentariaõ de tal modo o que agora callo, que temeriamos ficasse offendida aquella modestia e aquella inimitavel affabilidade, com que V. Illustrissima sabe render os nossos coraçoens.

A. N. Ribeiro Sanches, *Cartas, in — Rev da sociedade de instrucção do Porto*, vol. II, pg. 283.

XXVII

Carta ao Principe Rodolpho Cantacuzeno de Valaquia, Duque de Bessaraba &c. sobre a pronuncia da Lingua Latina.

Concedo que V. A. não entenda o que eu digo em Latim, porque o não sei fallar, porem nego que a pronuncia que lhe dou por ser Portugues, seja mais barbara que a que V. A. lhe dá sendo Valaco. Tendo pelo meu País o devido amor, e pelo de V. A. o devido respeito, posso entender que se na Valaquia se pronuncia o Latim de outra fórma, que isso não serve de prova a que se pronuncia melhor em Portugal, e melhor do que em outros muitos Paises, em que ha muitas differenças que se não conformão ao uso, nem á pronuncia de V. A.

He verdade que digo *Imaginatio, Longitudo, Gigas &c.* pronunciando *gi,* e não *gui,* e observando as Leis do uso nacional da Lingaa Portuguesa que diz *Imaginação, Longitude, Gigante,* e não *Guigante, Longuitud,* nem *Imaguinação* como pronunciam os Hespanhoes ainda sem escreverem o *u* nas ditas palavras, ou nas suas semelhantes, e que eu introduzo nas tres referidas para fazer a differença do *gui* ao *gi.* Tambem he verdade que digo *uniusque, serpitque, fulgentiaque &c.* como se no *e* de *que* se achasse hum assento *é,* ao mesmo tempo que quasi todas as mais Naçoens pronuncião como se o acento se achasse em outras letras das diçoens, dizendo-as na fórma seguinte *uniúsque, serpítque, fulgentiáque &c.* Tenho a minha pronuncia por erro, e não sabendo dizer a V. A. a razão porque uso della, parece-me que trouxe esse máo costume de Portugal, onde creio que se pratica, e onde comecei a aprender o pouco e o máo Latim que sei. Finalmente estas, e semelhantes pronuncias fazem com que V. A. me não entenda, supondo que lhe falo Portugues quando lhe fallo Latim. Quando V. A. se explica nesta Lingua, tambem eu podia ter a liberdade de lhe dizer que não entendo Valaco, porem sabendo hum pouco da Lingua Castelhana, e tendo costumado os ouvidos á pronuncia do *gui,* em logar do *gi* seguro a V. A. que o entendo, porem seguro-lhe ao mesmo tempo que outros muitos o não entenderão, e que homens muito grandes lhe diriam que pronunciava muito mal o Latim se o não pronunciasse como elles. Alem disso observe V. A. bem algumas pronuncias de todas as mais Naçoens que não he a Portuguesa, nem a Valaca; e achará diversidades que o obrigarão a confessar que todas se sepárão, ou que todas errão no uso da Latina, se he que o privilegio de acertar nessa materia não foi somente concedido á Veneravel Lingoa de V. A. em que nenhum homem discreto até o presente falou huma só palavra.

Lembro a V. A. que Scioppio, Fidalgo de Franconia, que tomava o titulo de Conde de Claravalle, muito amado de pessoas poderosas, e recommendado a Luiz XIII de França, por hum Breve Pontificio, pretendeo mostrar naquelle Reino que o Latim se devia pronunciar na fórma seguinte. *In Lathio decuus pronunkiationis & eloquenthiæ est Kikero,* em lugar de *In Latio decus pronunciationis & eloquentiæ est Cicero.*

Gerarde Vossio na sua *Grammatica Latina* pag. 2 falando da pronuncia das letras, diz que he agora muito differente do que foi em outro tempo, que os Romanos faziam destincção do *I* breve ao *I* longo,

que não pronunciavão o *C* nas palavras *dicit & dices* differentemente do que o pronunciavão nas palavras *dico & dicam*, que faziam soar o *T* na palavra *artium* da mesma fórma que na palavra *arti*, e que o *V* Romano tinha o mesmo som que o *W* dobrado dos Flamengos, e dos Alemaens. Desta fórma pronunciando V. A. em Latim. *Utinam Ciceronem audivissemus Romani, ut pronunciaremus voces vestras ut decet*, nenhum Romano o entenderia sendo certo que elles dirião pela regra de Vossio. *Outinam Kikeronem audiouissemous, Romani, out pronunkiaremous wokes westras out deket.*

Contarei agora huma historia a V. A. Houve na minha terra hum Duque que falando Latim como qualquer, se sepunha homem douto em todas as materias. Fazendo-se em sua casa huma junta de Medicos, Parcas visiveis da vida, e do Latim, para votarem na cura de hum seu filho que estava enfermo, fez o Duque a exposição, e deu a informação da enfermidade, tomando o logar do Medico assistente a quem pertencia a acção. Depois de empregar no discurso todos os termos semelhantes a syntomas, accessos, principios, augmentos, e declinaçoens, sem se esquecer de syncopes, efimeras, e febrifuges perguntou mui vaidoso ao dito Medico assistente, se tinha elle satisfeito á sua obrigação? Respondeu o Medico. *Sim Senhor, V. Ex. para Duque sabe muito de Medicina, porem para Medico he certo que não sabe V. Ex o que diz.* He sem duvida que o medico tinha razão, porque nenhum dos outros Doutores da junta tinha entendido o Duque. Eu não sou tão atrevido que aplique o caso, porem quem he que diz a V. A. que se fosse falar o seu Latim aos Romanos, Povos que tiverão mui pouco respeito aos de Valaquia, e aos de Bessaraba que não haveria algum tão ousado que dissesse a V. A. *Meu Principe, para vós Valaco falais bastante Latim, mas para Romano nem pronunciar o sabeis.*

Digo a V. A. sinceramente o que me parece verdade. Cada um dá hoje ao Latim a pronuncia que he natural á sua lingoa. Isso deu occasião a Joseph Scaliger, para dizer por galantaria a hum Fidalgo de Escocia que lhe falava em Latim com a pronuncia do seu País, *Meu Senhor, perdoai-me se vos não respondo, porque não sei falar Escoces* Observe V. A. os Bávaros, e achará que dizem claramente *Poter & ponem*, pro *Panem & Pater*. Os ingleses dizem *kenis* pro *canis*, examine-os V. A. e verá facilmente que qualquer delles para dizer, *canis intravit meam cameram* lhe dirá, *kenis intrevit meem kemerem.* Aqui ha muitos Polacos, a quem V. A. ouvirá dizer *quanfam* pro *quamquam*, e *agfa* pro *aqua*.

Sei que he loucura escrever de huma fórma, e pronunciar de outra. Papiriano, Autor muito antigo pois que se acha citado antes de Prisciano, já notou isso mesmo. *Aliter scribere, aliter pronunciare vecordis est*, porem parece-me ainda maior loucura querermos que as pronuncias de todos os idiomas se unão na do Latino. Continue V. A. com o seu *Gue* a brilhante *Gemmans* da sua pronuncia Bessaraba, e permita que eu fique com o meu *ge, Gelaius* no deffeito da minha pronuncia Portuguesa. Deos me livre de dizer que he a melhor das que se dá ao Latim, porem Deos me livre tambem de sacrificar á autoridade dos outros a dos primeiros Priores da minha terra, em cousas em que todos tiverão igual razão. No que se não póde dar outra que a de *sicut voluerunt Priores* cada hum está obrigado a seguir, e a defender os da sua Nação, e esta lei fez-se tanto para todos que até chega a este.

F. Xavier de Oliveira, *Cartas*, vol. I, pg. 455.

XXVIII

Carta a Diogo Barbosa Machado.

Sinto que Vmce. tomasse o incommodo de buscar-me, e que o naõ achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversaçaõ, da qual procurarei aproveitar me sem molestia sua.

Muito tenho que agradecer a Vmce. occorrer-lhe o meu nome ao firmar hum catalogo dos Portuguezes eruditos, sendo tanto maior o agradecimento, quanto menos razaõ havia para que eu devesse lembrar-lhe; e supposto que naõ desconheça, ou deixe de apreçar a honra que Vmce. me faz, he justo taõbem, que me naõ induza o amor proprio a abuzar della. Alguns amigos me fazem a merce de espalhar no publico hum conceito vantajozo dos meos estudos; porem como estes, em quanto se naõ daõ a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fè para se acreditarem; naõ devo attribuir o estabelecimento daquella fama senaõ á benevolencia dos que me favorecem; pois até o prezente naõ tenho mostrado composiçaõ por onde podesse adquiri-la; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que a perderia de todo se sahisse á luz com algum volume. Supposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, ainda que me cause confusaõ: discorro que taõbem Vmce. se tem deixado enganar com aquella naõ merecida opiniaõ, e que seria extranhada a exacçaõ, e boa critica de Vmce. contar na Bibliotheca Luzitana entre os Authores individuo que o naõ he: assim naõ tenho que responder ao interrogatorio principal das obras que compus. Julguei superfluo dar satisfaçaõ aos mais quesitos, que contem a carta de Vmce. No seu livro terei que envejar aos varoens, que pelos seos trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de taõ discreto, e intelligente Juiz; e sempre conservarei huma viva lembrança do lugar, que a bondade de Vmce. me queria dar nelle, e que sera hum novo motivo para dezejar repetidas occazioens em que possa servir a Vmce. e mostrar o meu reconhecimento. Deos Guarde a Vmce. muitos annos.

Alexandre de Gusmão, *Cartas, in — Investigador Portuguez*, vol. v, pg. 566.

XXIX

Carta a Fr. Gaspar da Encarnação.

Rmo. Senhor. — Eu já tive a honra de dizer a V. Rma. o que me parecia justo a respeito da empreza, que V. Rma. intentava; e se não me achasse molesto iria pessoalmente dizer-lhe que naõ se persuadisse do que lhe dizem, e aconselhaõ inadvertidamente esses doutores, por que naõ pezaõ a importancia, e gravidade da materia.

Senhor, a collecçaõ das ordenaçoens do Reino, que deve formar o corpo do Direito da Naçaõ Portuguesa naõ he obra, que se possa fazer com tanta sem cerimonia, e facilidade, como elles incautamente imaginaõ.

Se V. Rma. tem empenho em querer emprehende-la, o que será muito bastante, sirva-se fazer convocar os Dezembargadores Joaõ

Alves da Costa, Ignacio da Costa Quintella, Doutores Joze Pereira Barreto, Joze Gomes da Cruz, e João Thomaz de Negreiros, ou Francisco Xavier Teixeira de Mendonça, com os quaes fará algumas conferencias antes de principiar-se a obra, e encarregando-lhes, que forme cada hum a sua idea sobre a organizaçaõ do corpo das nossas Leis; e eu formarei tambem as minhas, as quaes todas juntas vistas, e examinadas pelos ditos juristas na prezença de V. Rma., e ouvida a razaõ de cada hum delles a respeito do seu plano, e methodo, com que pretende arruma-las, se podera V. Rma. rezolver ao que for mais acertado, que será sempre o em que convierem os mais votos destes homens. Isto he o que me parece, e não espere V. Rma. que eu me exponha a acompanhar o bom homem Jeronimo da Silva, se elle cahir na fatuidade de proseguir no que tinha ententado; porque eu o conheço a elle, e sei que ignora a materia, que sem forças, nem conhecimento pertende tratar.

Tambem naõ promettem coiza de ponderaçaõ os auxilios dos Dezembargadores Manoel d'Almeida, e Fr. Sebastiaõ, nem dos Dezembargadores Veiga, e Brito. He o que posso dizer a V. Rma., ficando sempre á sua obediencia como o mais affectivo Criado.

Id., *ibid.*, vol. VI, pg. 516.

III

ÉPOCA ROMANTICA

(XIX)

Quadro sinótico do movimento político, social e literário correspondente à escola Romântica

I

Monarcas portuguêses

D. Pedro IV	1826-1828
D. Maria II	1828-1853
D. Pedro V	1853-1861
D. Luís I	1861-1889
D. Carlos	1889-1908
D. Manoel II	1908-1910

II

Sincronismo politico e social

1820 — Revoluções na Europa meridional.
1827 — Batalha de Navarino.
1830 — Independência da Bélgica.
1854 — Guerra da Criméa.
1860 — Revoluções italianas.
1870 — Guerras da França com a Alemanha.
1837-1901 — Governo da rainha Vitória de Inglaterra.
1903 — Morre Leão XIII no dia 20 de julho dêste ano, sendo a 4 de agosto eleito seu sucessor o pontífice Pio X.
1905 — Rendição de Port-Artur a 2 de janeiro. A 5 de setembro paz de Portsmuth entre a Rússia e o Japão.
1908 — A 1 de fevereiro é assassinado em Lisboa o monarca D. Carlos e o Principe Real D. Luis Felipe. A 3 foi aclamado rei o até então Infante D. Manoel.
1910 — 5 de outubro. Estabelecimento em Portugal do regime republicano.

III

Sincronismo literário

Espanha

E' um exame muito sintético e necessariamente muito imperfeito o que passamos a fazer relativamente à história da literatura das diferentes nações, que mais ou menos estão ou têem estado em contacto com a nossa.

A corrente romântica acabou na Europa por avassalar todos os espiritos superiores. Em Espanha sobresaíram nesta evolução:

Manoel José Quintana (1772-1857), célebre pelas suas poesias patrióticas, sobretudo pelas *Odes á Espanha livre* (1808) em que animava os seus compatriotas à luta contra os Francêses; Francisco Martinez de la Rosa (1789-1862), politico, orador e escritor afamado, a quem se deve, entre outras obras, o drama *Conjuração de Veneza*, o estudo sobre a revolução francêsa *Espirito do seculo*, muitas poesias líricas, sátiras, etc.; José d'Esproceda (1810-1842), romancista e poéta destinto, como o demonstram naquele género o *Estudante de Salamanca* e *Sancho de Saldaña* e neste o *Diabo-Mundo;* Hartzenbusch (1806-1880) conquistou a celebridade pelo seu drama *Los Amantes de Teruel;* José Zorrilla (1817-1894) tornado célebre desde a publicação dos *Cantos del Trobador* em 1840, adquirindo desde então a glória, que depois perdurou engrandecida, com vários dramas como *D. Juan Tenorio, Diabo em Valladolid*, os *Dois Viso-Reis*, etc.; Ramon de Campoamor (1817-1901) nas *Doloras, Drama Universal* e nos *Pequeños Poemas* mostrou-se um grande e glorioso poéta, umas vezes filósofo, outras humorista, a mais lídima gloria da literatura poética espanhola contemporânea; Nuñez de Arce é o ilustre poéta, célebre, sobretudo, depois da publicação dos *Gritos del combate.*

Destinguiram-se ainda neste século na história o Conde de Terreno (1786-1843), autôr da *Historia do levantamento, guerras e revoluções de Espanha;* José Amador de los Rios (1818-1878), que escreveu os *Estudos politicos e literarios sobre os judeus de Espanha* e a *Historia critica da literatura espanhola;* Modesto Lafuente (1806-1866), a quem se deve a *Historia geral de Espanha*, 28 voll.

A filosofia orgulha-se com os nomes de Balmes (1810-1848) e Cefirin González. A eloquencia peninsular perdeu em Emilio Castellar (1832-1899) o seu mais genuino representante.

No romance, entre muitos outros, são sobretudo conhecidos Antonio de Trueba (1821-1889) e Fernan Caballero, pseudónimo de Cecilia Böhl de Faber (1797-1877). Fernández e González (1830-1888)

e Enrique Pérez Escrich (1827) perdem o seu talento em numerosas obras de imaginação.

Pertencem à escola moderna Pedro Antonio de Alarcon (1832-1891) escritor fecundo e elegante, autôr de viajens, contos e romances como *El sombrero de tres picos*, *El escándalo*, etc.; Juan Valera (1827-1905), cuja obra prima é *Pepita Jiménez* e José Echegaray (1832-1899), um dos nomes mais discutidos da moderna literatura vezinha, grande critico e dramaturgo, homem de sciencia, etc. Entre os escritores espanhois recentemente falecidos devemos nomear Fernandez Duro († 1908) pelo trabalho que deixou e tem largo interesse para a nossa história, *La conquista de los Azores em 1583*; Canovas del Castillo, que nos *Estudios del reinado de Filippe IV* forneceu preciosos subsidios para a história da dominação espanhola em Portugal nos séculos XVI e XVII; Joaquim Costa, grande pensador e parlamentar, etc. A todos sobreleva a figura eminente, assombro de erudição e de saber de M. Menendez y Pelayo, autôr da *Hist. de los Heterodoxos* e muitas outras. Atualmente são notabilíssimos José Maria de Pereda (1834) com os seus livros *Escenas montañesas*, *El buey suelto*, *Peñas arriba*, Benito Pérez Galdoz (1845) com a *Glória*, *Doña Perfecta*, *Misericordia* e com vários dramas sobretudo o conhecido *Electra*, que tam viva agitação levantou em Espanha, e D. Emilia Pardo Bazan (1852).

França

Este pais é representado na história da literatura do século XIX por uma série numerosa e destinta de autôres, em que refulgem como astros de primeira grandeza nomes como os de Madame de Stael (1766-1817), a quem cabe a honra de implantar em França o romantismo com o seu livro *Da Alemanha* e autora do notavel romance *Corinna*. [Em portug.: D. Francisco de Paula Possollo da Costa, *Corinna ou a Italia*, Lisboa, 1835, 4 vols.; José Antonio Morão, *Agar no deserto, drama sacro em uma só scena...* Porto, 1846, 8.º de 30 pag.]; Chateaubriand (1768-1848), autôr dos romances *Atala*, *René*, *Natchez*, *Aventuras do ultimo Abencerragem*; do poéma épico em prosa *Os Mártires*, do *Genio do Cristianismo*, das *Memorias d'além da campa*, [Em portug.: Henrique Ernesto de Almeida Coutinho, *O enterro de Atala*, in-*Algumas poesias*, Porto, 1836; Manoel Cypriano da Costa, *Atala ou os amores de dois selvagens no deserto. Brevissimo resumo (em quadras lyricas)...*, Lisboa, 1827; Felippe F. de A. e Castro, *Atala ou os amantes do deserto*, Lisboa, 18..; Th Braga, *Obras primas... Atala, Renato, Aventuras do derradeiro Abencerrage com um estudo do tr...* Coimbra, 1867; Guilherme Braga, *Atala*, Porto, 1878, 4.º gr. 1 vol. com grav.; outra ed., Porto, 1884; José A. C. de Mello, *Aventuras do ultimo Abencerrage*, Angra do Heroismo, 1844; Marquesa

d'Alorna, *De Bonaparte e dos Bourbons...*, Londres, 1814; Bento Luis Viana, *Renato, episodio do Genio do Cristianismo...*, Paris, 1818, 1 vol.; Manuel Nunes da Fonseca, *Os Martires ou a religião christã em triumpho*, Lisboa, 1816, 6 vols.; D. Benevenuto A. C. de Campos, *Os Martires ou o triumpho da Religião christã;* Lisboa, 1816-17, 6 vols.; outra tr. por Filinto, *Obras*, VII e VIII; Caetano Lopes de Moura, *Os Natches, historia americana*, Paris, 1837, 4 vols.; Adrião Forjaz de Sampaio, *Pensamentos, memorias e sentimentos fructo de minhas leituras: e Roma e seus arrabaldes...*, Paris, 1838; editado por José J. N. Arsejas (Cfr. Innoc., *Dicc.*, XIII pg. 35). *Deus o quer*, Lisboa, 1849; C. C. Branco, *O Genio do Cristianismo...*, trad. rev. por A. Soromenho; outra tr. de Castilho e Mendes Leal, Lisboa, 1854, 1 vol.; José A. N. Vieira, *Mem. d'Além da Campa]*, etc.; BÉRANGER (1780-1857), o celebre autor das canções populares, que ele elevou muitas vezes a toda a altura da poésia lirica; LAMARTINE (1790-1869), orador parlamentar notavel, historiador, romancista e poéta, de quem se citam como melhores as *Meditações* e as *Harmonias poeticas e religiosas.* [Em portug.: Marquesa d'Alorna, *Ode a Filinto Elysio*, in-*Obras*, IV; José M. d'A. Ferreira, *Hist. da revol. francesa de 1848*, Lisboa, 1849-50, 4 vol.; Francisco D. de A. e Araujo, *Hist. dos Gerondinos*, Lisboa, 1854; Id., *O passado, o presente e o futuro da Republica*, Porto, 1850; id., *A politica racional*, Coimbra, 1859; José A. Dias, *Biogr. de João Guttemberg*, Lisboa, 1863, 4.º, de 10 pag.; Manoel R. da S. Abreu, *O Homem, meditação*, in-*Operario* (semanário de Braga, 1871-72), n.os 8-11; Pinheiro Chagas, *Regina, episodio das « Confidencias »*, 1873, 1 vol.; id., *O pedreiro de Saint-Point, narrativa popular*, 1 vol.; id., *Genoveva*, Porto, 1851, 2 vol.; Maria A. V. de Carvalho, *Raphael*, Lisboa, 1889; outra tr. de D. Eugenia Smith, 1890, 2 vols. da « *Bibl. univ. ant. e mod.* »; Alfredo Campos, *Flor d'Alisa*, Porto, 1882, 1 vol.; Maria José da Silva Canuto, *Jocelyn*, tr. prosa; Bulhão Pato, *Graziella*, 1888, na « *Bibl. univ. ant. e mod.* »]; ALFREDO DE VIGNY (1799-1863), autór do romance histórico *Cinq-Mars*, do drama *Chatterton* e da colecção de líricas *Poemas antigos e modernos.* [Em portug.: Joaquim M. da Silva, *Chatterton, drama em tres actos*, Santarem, 1857]; DELAVIGNE (1793-1843), autór das tragédias *Vesperas Sicilianas, Pátria, Marino Faliero*, das comédias *Escola dos Velhos, Comediantes* e de belíssimas elegias patrióticas intituladas *Messenienses*; VICTOR HUGO (1802-1885) que expôs a nova direcção dos espiritos no prefácio do drama *Cromwel*, e que ele brilhantemente exemplificou nos dramas *Hernani, Le roi s'amuse, Lucrecia Borgia, Ruy Blas* e *Burgraves*, nos romances *Nossa-Senhora de Paris, Miseraveis, Homens do mar, Homem que ri, Noventa e tres*, e nas colecções poéticas *Vozes interiores, Folhas d'outono, Contemplações, Orientaes* e *Lenda dos seculos*, produções estas que

lhe deram jus a ser considerado como um dos primeiros poétas que a França e o mundo têem admirado. [Em portug.: Miguel A. da Silva, *Han d'Islandia,* Lisboa, 1841, 3 vols.; Francisco J. P. Guimarães, *Hernani,* drama, Rio de Janeiro, 1848: Jose M. de S. Lobo, *Os Burgraves, trilogia,* Aveiro, 1853; Francisco F. da S. Vieira, *Os operarios do mar,* Lisboa, 1866; Id., *Os miseraveis,* 10 vols., ibid.; Id., *O homem que ri,* 2 vols., ibid.; Eduardo de Faria, *Ruy Braz,* drama hist. imitado em prosa, Lisboa, 1840, Id., *Nossa Senhora de Paris,* Lisboa, 1841; João Pinheiro Chagas, *Nossa Senhora de Paris.* Porto, 1887, 1 vol. com grav.; Anonymo, *Historia de um crime,* Lisboa, 1901, 3 vols.; *Nossa Senhora de Paris,* Lisboa, 1853, (s. n. de tr.); João Huss, *Claudio Gueux,* Porto, 1889; Antonio R. de S. e Silva, *Os Miseraveis,* tr. rev. por Gualdino de Campos, Porto, (s. a.) in-fol., com grav., 5 vols.; Alexandre A. Barreira, *Bug-Jargal,* Porto, 1885, 1 vol.; Augusto Machado, *Meus Filhos,* Porto, 1884, 1 vol.; Maximiano de Lemos, *Noventa e tres,* Porto, 1886, 2 vols.; Bulhão Pato, *Ruy Blas,* Lisboa, 1881; *Hist. de um crime,* 2 vols., com grav. (s. n. de tr.); *Napoleão o Pequeno,* 1 vol. com grav. (s. n. de tr.); Fernando Leal. Entre os trad. do verso de Hugo merece especial menção este autor. Vid. *Livro da Fé,* Nova Goa, 1906, pg. 65-113]. Outras tr. indicadas em Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo,* II, 285. THEOPHILE GAUTIER, (1811-1872), [Em port.: D. Maria Pia S. d'Almeida, *Fortunio,* Lisboa, 1889, in-« *Bibl. univ. ant. e mod.* »], THEODORE DE BANVILLE, CHARLES DE BAUDELAIRE, LECONTE DE LISLE, (1820-1894), A. DE MUSSET, (1810-1857), e JOSÉ MARIA DE HEREDIA, tiveram uma acção determinante no movimento poético contemporáneo. VERLAINE, STÉPHANE MALLARMÉ renovaram modernamente o estilo, o ritmo e a beleza plástica do verso francês. Com SULLY-PRUDHOMME (†-1907) a literatura francesa perdeu o seu melhor poéta contemporâneo.

Alcançaram no romance e no drama fama imorredoura: SCRIBE (1791-1861) [Em portug.: Joaquim M. Baptista, *Giralda ou a nova Psiché, opera comica, palavras de...,* Lisboa, 1850, 8.º gr., 144 pg.], os dois ALEXANDRE DUMAS, pae (1803-1870) [Em portug.: (citaremos sómente os mais sensacionaes) *O Conde de Monte Christo,* Lisboa, 1847, 6 vols. (E' a 1.ª tr. em portug. — Innoc., *Dicc.,* XIII, 35). Ha outras tr. de José M. de S. Ribeiro e de Eduardo de Faria; Miguel A. da Silva, *O capitão Paulo,* Lisboa, 1841, 2 vols.; Id., *Acté, ibid.,* 1847, 2 vols.; Id., *Sylvandire, ibid.,* 1848, 2 vols.; Id., *Eduardo III, ibid.,* 1850, 2 vols.; José M. de S. Ribeiro, *Hist. dos Stuarts,* Lisboa, 1841, 2 vols.; Id., *A Condessa de Salisbury, ou a instituição da Ordem da Liga,* Lisboa, 1848, 2 vols.; José M. de S. Lobo, *Kean, ou á desordem e o genio,* Aveiro, 1853; Francisco L. C. de Miranda, *Memorias d'uma favorita,* Lisboa, 1860-63; João L. R. Trigueiros, *As gemeas*

Machicoul, 1862, 4 vols.; Id., *Os Mohicanos de Paris*, 1863-64, 12 vols.; Id., *A furna do Inferno*, 1866, 1 vol.; Id., *Deos dispõe*, 1866, 2 vols.; Augusto J. H. Gonzaga, *Os tres Mosqueteiros*, Lisboa, 1855, 4 vols.; Augusto C. de Lacerda, *O chale de cachemira, comedia*, Lisboa, 1861; João B. Ferreira, *O sr. de Dumbiki, comedia, ibid.*, 1745; Eduardo de Faria, *Memorias dum medico*, Lisboa, 1848-49, 20 vols.; Francisco A. de A. P. e Sousa, *As duas Dianas*, Lisboa, 1847-48, 9 vols.; P. Chagas, *A San Felice*, 1864, 3 vols.; Id., *O filho de Marat*, 1872-73, 4 vols.; Id., *O Capitão Paulo*, 1878, 1 vol.; Manoel A. de S. M. Pinheiro, *Hist. d'um morto contada por elle mesmo*, Lisboa, 1867; Id; *Os dous estudantes, ibid.*, 1857 in-*Um palacio sem nome*... de P. Chevalier, tr. do mesmo; Francisco F. da S. Vieira, *Romance d'uma Senhora*, Lisboa, 2 vols.] e filho (1824-1895), [Em portug.: P. Chagas, *A dama das camelias*, 1 vol. (s. a.); outra tr. (s. n. do tr.) — *A dama das camelias... com prefacio de Julio Janin;* Antonio M. P. Carrilho, *A vida aos vinte annos;* Id., *Diana de Lys*], Eugéne Sue (1804-1859) [Em portug.: José P. Reis, *Mysterios de Paris*, Porto, 1843, 8 vols.; Id., *Os sete peccados mortaes;* Francisco C. de M. e Mello, *Mathilde...*, Lisboa, 1844-46, 8 vols.; José F. de C. B. e Noronha, *O Judeu errante*, Lisboa, 1845, 10 vols.; Eduardo de Faria, *Mysterio do povo*, Lisboa, 1850, 7 vols; Francisco A. de A. P. e Sousa, *O aventureiro ou o Barba Azul*, Lisboa, 1844, 3 vols.; Id., *O judeu errante*, 1850, 5 vols.; João L. R. Trigueiros, *Arthur*, 1850, 2 vols.; Id., *A familia de Jouffroy*, 1854, 6 vols.; Id., *João Cavalleiro*, 1854, 2 vols.; Id., *Os segredos do travesseiro*, 1858, 4 vols.; Id., *Os filhos familias*, 1866, 3 vols.], e os iniciadores da escola realista Balzac (1799-1850) [Em portug.: Th. Braga, *Obras primas...*, Porto, 1869; Bulhão Pato, *Vendetta*, Porto, 1874: *Tio Goriot*, 2 vols.; *Os comediantes sem o saberem*, (s. n. de tr.); Pedro dos Reis, *O lyrio do valle*, 1890, 3 vols.; Assis de Carvalho, *A casa de Nucingen*, 1891, *A molher de trinta anos*, tr. de Luiz Cardoso, Lisboa, 1909, 1 vol.; e outros na *Bibl. univ. ant. e mod.*], Flaubert (1812-1880), [Em portug.: Francisco F. da Silva Vieira, *Salambó*, Lisboa, 1863, 2 vol.; João Barreira, *Madame Bovary, scenas da provincia*, 1 vol.; Id., *Salambó*, 1 vol.; Id., *A tentação de Santo Antão*, 1 vol.; ? — *Educação sentimental*, 1 vol.] e Zola († 1902) levou o realismo às últimas conseqüências. De género inteiramente diferente é Julio Verne (1828-1905), o criador dos romances geograficos e de sciências naturais. Dezenas de obras firmaram nêste género a sua reputação verdadeiramente universal.

Na oratória do pulpito, é, sobretudo, notavel Lacordaire (1802-1861) [Em portug.: Hermenegildo A. Pinto, *Conferencias de Nossa Senhora de Paris*, Rio de Janeiro, 2 vols.] e Moñsabré [Em portug.: As suas Conferências em Notre-Dame que deram brado foram trad.

pelo dr. Silva Ramos, decano da Faculdade de Teologia da Universidade], e na parlamentar BENJAMIN CONSTANT (1767-1830) e GAMBETA (1832-1883).

Destinguem-se na história: GUIZOT (1787-1874), [Em portug.: Marianno J. Cabral, *Da democracia em França,* Lisboa, 1849?; Marquês de Sousa Holstein, *Hist. da civilização na Europa,* 2 vols.; Maximiano de Lemos, *Hist. de Inglaterra contada aos meus netos...,* *illustr.,* 4 vols.] THIERRY (1788-1856), MICHELET (1798-1874) [Em portug.: José M. d'A. Ferreira, *O padre, a mulher e a familia,* Lisboa, 1861, 1 vol.; Reis Damasco, *Joanna d'Arc,* 1890, 1 vol. na *Bibl. univ. ant. e mod.*], THIERS (1797-1877) [Em portug.: Miguel J M. Torres, *Hist. da revolução francésa,* Lisboa, 1843, 6 vols.; Id., *Hist. do consulado e do imperio, ibid.,* 1845 e seg.; outra tr. de Francisco Duarte de A. e Araujo] e RENAN com as suas obras das *Origens do Christianismo* [Em portug.: Francisco F. da S. Vieira, *Vida de Jesus.* Lisboa, 1864; Id., *Os Apostolos, ibid.,* 1866. Ha outras trad. da 1.ª obra].

Entre os filósofos dêste século sobresaem AUGUSTO COMTE (1795-1857) e EMILE LITTRÉ (1801-1884). Na filosofia também RENAN e TAINE actuaram poderosamente na direcção das idéas contemporâneas.

Nestes últimos anos a França tem perdido grande número de escritores notaveis como FRANÇOIS COPPÉE, VICTORIEN SARDOU, LUDOVIC HALEVY, EMILE GEBHART... (Sobre o movimento poético moderno, especialmente simbolista pode consultar-se ANDRÉ BARRE, *Le symbolisme, essai historique sur le mouvement symboliste en France de 1885 a 1900 suivi d'une bibliogr.;* Paris, 1912, 1 vol.).

Itália

Os mais ilustres cultores da Itália literária do século XIX são:

CARLO BOTTA (1776-1837), notável pelas obras históricas — *Hist. da Italia desde 1789 até 1814* e a *Hist. da Italia continuada desde o fim da historia de Guichardin* até 1789.

CESAR CANTU (1807-1895), escritor católico e liberal cuja *Hist. Universal* o tornou conhecido em todo o mundo [Em portug.: Luís Francisco Risso, *O bom menino, contos moraes...,* Lisboa, 1850; José Caldas, *Margarida Pintazla,* Vianna, 1869; Manoel B. Branco, *Hist. Universal* (parte da tr. feita por Rebello Trindade), Lisboa, 1875-76; Antonio Ennes, *Hist. univ. reformada, accrescentada e ampliada na parte relativa a Portugal e Brasil...,* Lisboa, 20 vols.; Julio de Castilho, *Os ultimos trinta annos,* Lisboa, 1880, 1 vol.].

Cultivam a filosofia e a teologia :

Rosmini (1797-1885), Gioberti (1801-1852) e Ventura (1792-1861).

Alexandre Manzoni (1784-1873), um dos arautos do romantismo com os seus *Himnos Sagrados*, a célebre ode *Cinco de Maio* sobre a morte de Napoleão e considerada uma das mais belas da nossa época, as tragédias *Conde de Carmagnol* e *Adelchi* e a sua novella tam espalhada *I promissi sposi* (Os Desposados).

Ugo Foscolo (1776-1827), poéta, dramaturgo e romancista, cuja obra capital sam os *Sepulcros*.

Silvio Pellico (1789-1854) a quem a tragédia *Francesca de Rimini*, os *Canticos* e *Poesias ineditas* em verso, e as obras em prosa *Deveres dos homens* e as *Minhas prisões* conferiram títulos de destinto e clássico escritor [Em portug. : Francisco C. de M. e Mello, *Tratados dos deveres do homem dirigido a um joven*, Lisboa, 1843 ; Id., *As minhas prisões*, Coimbra, 1848].

Giacomo Leopardi (1798-1837), talvêz o primeiro poéta lírico da Itália moderna, autôr das notabilíssimas composições *Canzoni, Versi*, da canção *O amor e a morte* e da obra em prosa *Opusculos moraes*, Pertencem á Itália comtemporânea José Carducci (1836-1905), cujas *Odes barbaras* o consagraram como o primeiro poéta do seu país ; Edmundo de Amicis, (1846) cujas obras *Constantinopola, Marrocos, Sobre o Oceano* foram trad. por Pinheiro Chagas ; Antonio Fogazarro (1842), brilhante representante do idealismo na poesia e no romance ; Edmund de Amicis (1846), contista e prosador fulgurante e Garriel d'Annunzio (1863), cuja celebridade se propagou rapidamente em todos os paises graças sobretudo aos seus dramas. (Vid. sôbre esta fase contemporânea do romance — Jean Dornis, *Le roman italien contemporain*, Paris, 1907).

Inglaterra

Eis os nomes dos corifeos do romantismo no presente período em Inglaterra :

Wordsworth (1770-1850), autôr de sonetos e baladas, nas quais, bem como no *Preludio* e na *Excursão* traduz em formas simples os sentimentos mais elevados, é o chefe da escola dos *Lakistas*, assim chamada por os poétas cantarem repetidas vezes os lagos do Westmoreland e do Cumberland.

Thomás Moore (1779-1852), autôr das *Melodias irlandesas* e do romance *Lalla Roockh*, onde vêem intercalados quatro dos seus mais conhecidos pequenos poemas.

Byron (1788-1824), o mais afamado poéta inglês depois de Shakespeare. Deixou o poema *Peregrinação de Child Harold*, os contos em

verso *Cerco de Corintho, Prisioneiro de Chilon, Parisina* e *Maseppa*; os dramas *Manfredo, Marino Faliero,* e *Dois Foscaris,* e o assombroso poema *D. João.* Byron é uma das figuras mais notáveis e mais curiosas da Inglaterra literária dos tempos modernos [Em portug. : Fernando L. M. d'Albuquerque, *O preso de Chillon,* Lisboa, 1833; Tiburcio Antonio Craveiro, *Lara,* Rio de Janeiro, 1837; Henrique E. de A. Coutinho, *O cerco de Corintho,* Porto, 1839; Manoel R. da S. Abreu, *O Corsario* (só o C. I) in-*Operario* (seminario de Braga), 1871-72, n.os 1-7; Alberto Telles, *Peregrinação de Child Harold,* 1883, 1 vol.; Augusto C. Xavier, *Manfredo*; Id., *O Giaour,* Coimbra, 1893, 1 vol.; João Vieira, *Os amores de D. Juan,* 1 vol.].

SHELLEY (1792-1822), poéta mais revolucionário ainda que Byron, cuja fama não egualou porêm.

TENNYSON (1809-1892), é especialmente conhecido pelas elegias que deixou com o titulo *In memoriam.*

SWINBURNE (1839-1909) era considerado o maior poéta contemporâneo de Inglaterra. A sua inspiração revelou-se brilhantemente na poesia épica, lírica e dramática.

A novela histórica encontra o seu fundador em WALTER SCOTT (1771-1833), de Edimburgo, que lançou as bases desse novo género literário no *Waverley, Antiquario, Puritanos da Escocia, Rob-Roy, Noiva de Lammermoor, Ivanhoe* e em muitos outros romances que lhe crearam uma reputação universal. O nosso A. Herculano inspirou-se para os romances históricos neste célebre autôr [Em portug.: Caetano Lopes de Moura, *Os puritanos da Escocia,* Paris, 1837, 4 vols.; Id., *A prisão d'Edinburgo, ibid.,* 1838; Id., *O talisman ou Ricardo na Palestina, ibid.,* 1837; Id., *O misantropo ou o anão das Pedras Negras,* Paris, 1838; Id., *Quintino Darward ou o Escocés na côrte de Luis XI,* Paris, 184...; outra tr. Antonio J. Ramalho e Sousa, Lisboa, 1838, 4 vols.; outra de Julio Cesar G. de Magalhães, 3 vols.; Caetano L. de Moura, *Waverley ou ha sessenta annos,* Paris, 1884, 4 vols.; Outra tr. de André J. Ramalho e Sousa, Lisboa, 18..., 4 vols.; A. J. Ramalho e Sousa, *Os desposados...,* Lisboa, 1837, 3 vols.; Id., *Ivanhoé ou a cruzada britanica,* Lisboa, 1838, 4 vols.; Id., *Kenilworth, ibid.,* 1842, 4 vols.; Id., *Anna de Geirstein ou a donzella do nevoeiro, ibid.,* 1843-43, 4 vols.; José M. de Salles Ribeiro, *Mosteiro,* Lisboa, 1842, 3 vols.; Id., *Abbade..., ibid.,* 1844, 3 vols.; Miguel A. da Silva, *Uma lenda de Montrose,* Lisboa, 1842, 3 vols.; Id., *Guy Mannering ou o astrologo, ibid.,* 1842, 5 vols.; Id., *Woodstock ou o cavalleiro, ibid.,* 6 vols.].

CHARLES DICKENS (1812-1870), adquiriu uma grande reputação com o seu primeiro romance *Club Pickwick.* Dickens destingue-se pela finura de observação e pela exquisita sensibilidade que se revelam na *Vida e aventuras de Nicolau Nickleby, Barnaby Rudge, Contos do*

Natal, etc. Tem-se comparado a Dickens o nosso Júlio Denís [Em portug.: A. C., xxx, *Scenas da vida inglesa e uma Loa do Natal em prosa...*; Pedro dos Reis, *O homem e o espectro* in-*Bibl. univ. ant. e mod.* (outros contos na mesma Colecção); J. J. Teixeira Botelho, *Contos do Natal*, s. a. (1906), 1 vol., Lisboa].

Outros escritores notáveis poderíamos ainda mencionar, como Lytton (1085-1872); Thackeray (1811-1863); Thomás Carlyle (1795-1881) a quem se devem varios trabalhos de história sobre a *Revolução francésa*, (1837), *Frederico II da Prussia* (1860-64), etc.; Macaulay (1800-1859), autór da *Historia de Inglaterra desde a subida ao throno de Jacques II*; Stuart Mill (1806-1862) que deixou obras de filosofia como o *Systema de Logica e de Sciencia social*, de política como os *Principios de Economia politica, Governo representativo*, etc.; Herbert Spencer (1820-1905) é o maior psicólogo da Inglaterra contemporânea; Alexandre Bain (1818) fez, como ele, da biologia a base da psicologia. Um e outro influiram immenso na mentalidade do nosso tempo.

O melhor romancista do período contemporâneo é, pode dizer-se, George Eliot (1819-1880). Os seus romances *Scenes of Clerical Life, Middlemarch, Daniel Deronda*, e outros, manifestam um espirito subtil e penetrante.

Ruskin (1817-1899) é o grande Mestre da Arte. Livros como *The seven Lamps of architecture, The stones of Venice, The Crown of wild olive*, etc., sam outros tantos exemplares de profunda crítica e belissimo gosto.

Esta resenha ficaria incompletissima se não mencionassemos as figuras primaciais da literatura anglo-americana, em Emerson (1803-1882) poéta delicado e psicólogo penetrante como o demonstrou nos *Ensaios sobre os homens representativos*.

Longfellow (1807-1882) que se destinguiu pela colecção lírica *Vozes da noute* e pelo poéma *Evangelina*. Viajou muito e da sua estada em Espanha resultou o traduzir as *Coplas de Jorge Manrique* com um estudo sobre a poésia espanhola [Em portug.: Miguel Street de Arriaga, *Evangelina*, Lisboa, 1879].

Edgar Poë (1809-1849) natavel pelos seus contos fantásticos (Ha varios Contos, 1889, 1 vol. in-*Bibl. univ. ant. mod.*).

Brown (1711-1809), Irving (1783-1859) e sobretudo Fenimore Cooper (1789-1851) são admiraveis prosadores, sendo universalmente conhecidos os seus romances [Em portug.: Caetano Lopes de Moura, *O Derradeiro Mechicano...*, Paris, 1838, 4 vols.; Id., *O Piloto*, ibid., 4 vols.].

Fecha brilhantemente esta série Beecher-Stowe (1812-1891) de quem só citaremos uma das suas perolas — *A casa do Tio Tom*.

Alemanha

A literatura alemã conta no sec. XIX grandes poetas e grandes prosadores. Goethe implantara com a sua incontestavel autoridade a harmonia, a *medida*, o rítmo, caracteristicas da literatura grega. Mas um grupo de escritores surgiu que despresou e combateu esse helenismo, voltando-se de preferência para a Idade-Média, para os *romances* de cavalaria. Logo os baptizaram de *Romanticos* quando mais propriamente os deveriam chamar *Germanicos*. Certo é que a nova escola depressa se impunha com todas as suas vantagens mas também, e depressa, com todos seus abusos e extravagâncias. Citemos os corifeos principais: os irmãos SCHLEGEL (Augusto-Frederico) (1767-1845) (Frederico) (1772-1829) poétas e eruditos fôram os primeiros theóricos da escola. Seguiram-se NOVALIS (1772-1801) TIECK (1773-1853) que foi com os irmãos Schlegel um dos fundadores do *Athenoeum* o orgão da nova escola, CHAMISSO (1781-1838), cujo conto *Peter Schlemihl*, àlêm de baladas e canções, tornou célebre, PLATÉN (1796-1837) independente de escolas; KOERNER (1791-1813) morto aos 22 anos, mas já imortalizado pelos seus cantos guerreiros; ARNDT (1769-1860) egualmente imortalizado pelos seus cânticos patrióticos; e enfim RUCKERT (1788-1856).

Um grupo dissidente do romantismo é o que forma a *Escola suabia* com UHLAND (1787-1862) escritor cheio de serenidade, doce e simpático e KERNER (1786-1862), poéta e filósofo, á frente. HEBEL (1760-1826) pertence também a este grupo.

A' *Escola austriaca* pertencem ZEDLIDTZ (1790-1862) LENAU (1802-1850) e GRUN (1806-1876), tres poetas que cantam a natureza e a pátria, em formas ora simples, ora brilhantes.

JOVEN ALEMANHA. Revoltando-se contra a escola clássica e contra a romàntica, surgiu um outro grupo de escritores capitaneados por HENRI HEINE (1799-1856) que se propôs realizar um programa político, social e literário. Poéta lírico, crítico, satírico, e humanista, Heine é uma das figuras mais notáveis da Alemanha literária contemporânea. O *Livro dos Cantos*, os *Novos Poemas*, o *Romancero*, no género lírico, *Atta-Troll* e *A Allemanha* no satírico, *Almansor* e *Ratcliff* no dramático, assim como em prosa, a sua melhor obra *Reisebilder*, colocaram-no na vanguarda dos escritores mais eminentes. [Em port.: uma ou outra poesia dispersa, e Joaquim de Araujo, *O intermezzo lyrico*].

Prosa. Não são menos ilustres que os poétas aqueles escritores que no sec. XIX cultivaram a filosofia, a história, o teatro, o romance... Nomeando FICHTE (1762-1814), SCHELLING (1775-1854), HEGEL (1770-1831) SCHOPENHAUER (1788-1860) e ultimamente NIETZSCHE

(1844-1900), que produziu com as suas obras *Origem da tragedia*, *Assim falou Zarathustra*, e muitas outras, uma influência consideravel na direcção dos espíritos da sua pátria, temos indicado os principaes escritores que se distinguiram por trabalhos filosóficos.

Na *Critica* são Wolf (1759-1824), os irmãos Grimm (Jocob e Guilherme) Guilherme Humboldt (1767-1835) e seu irmão Alexandre (1769-1859) naturalista e viajante exímio ; na *História* Niebuhr (1776-1831), Gervinus (1805-1871), Leopold Ranke (1795-1886), Sybel (1817-1895) Curtius (1814-1896) e Mommsen (1817-1903) que são profundos investigadores ; no *romance* Richter (1763-1825), Hoffman (1776-1822) cujos fantásticos contos toda a gente culta conhece, Auerbach (1812-1882), Keller (1819-1890) e Raabe (1830) encontraram um público entusiasta ; no *Teatro* o nome que naturalmente primeiro ocorre é o de Wagner (1813-1833) poéta e músico destintissìmo, o criador genial do « drama musical », do *Navio phantasma, Tanhäuser, Lohengrin, Mestres Cantores, Parsifal*, etc.

Vêem depois os contemporâneos — Sudermann (Herman) nascido em 1857 que àlêm de romances escreveu *Die Ehre (A Honra)* bem conhecida em todos os grandes teatros europeus. *Heimat, Gluck in Winkel, Morituri* e outras sam egualmente peças dramáticas de nome. Hauptmann mais novo que o seu competidor, pois nasceu em 1862 é, como ele, um cultor do género naturalista, embora não absoluto. *Antes da aurora* é um estudo sobre o alcoolismo que impressionou profundamente, *Os tecelões* repousa sobre um facto histórico e produziu egualmente emoção. A *Festa da paz, Almas solitarias, Florian Geiger*, etc. tratam também a questão social, onde positivamente Hauptmann alcançou os mais assinalados triunfos.

Não deixaremos de mencionar aqui o nome dum lusófilo notabilissimo, que muito concorreu para o conhecimento da literatura do nosso País entre os estrangeiros — *Wilhelm Storck* (1829-1905), a quem o Sr. Leite de Vasconcellos devidamente comemorou no vol. *O Doutor Storck e a Lit. Port., estudo hist.-bibliogr.*, Lisboa, 1910.

Literatura Russa

Esta resenha das literaturas estranjeiras que precede cada período da nossa própria ficar-nos hia incompleta se nós não dessemos aqui uma notícia, embora sumaríssima, daquelas individualidades que, fóra dos povos até aqui estudados, adquiriram uma fama merecida e universal. Sam particularmente russos e escandinavos que importa estudar no seu período contemporâneo e atual, visto que só modernamente se pode dizer que entraram no convivio intelectual e artistico dos velhos povos europeus. Isolados por condições geográficas,

políticas, lingoísticas, uma sêde de desconhecido, de imprevisto e de novidade levou os espíritos ocidentaes a retemperar-se em fontes novas de inspiração. Uma aluvião de traduções apareceram em todos os países com o intuito de darem a conhecer os homens superiores que ilustram a literatura do século XIX e o corrente. Lembremos da Russia :

POUCHKINE (1799-1837) representante do romantismo do seu país, poeta e prosador vigoroso. Conhecedor do espanhol, do italiano e do inglês, foram as obras de Byron as que mais influiram no seu espírito. Os seus *Prisioneiros do Caucaso* deram-lhe jus ao título de grande poéta. A sua *Historia de Pedro o grande* e o seu romance histórico a *Filha do Capitão* são as suas melhores obras. Foi morto em 1837 num duelo por Dantès, oficial de origem francesa.

GOGOL (1809-1852) professor na Univ. de Saint-Petersburgo, autor da *Hist. dos Arabes* e da *Hist. da Idade-Media* e das novelas *Arabescos* e *Narrações de Mirgorod* e do grande romance *Almas mortas*. « Ninguem melhor do que ele, escreve Louis Léger, soube contar o esplendor das noutes de Ukrania, a majestade dos grandes rios, o encanto melancólico da estepe. As suas novelas são verdadeiros pequenos poemas e a sua prosa cadenciada tem a harmonia e o numero dos mais belos versos ».

TOURGENEFF (1818-1883) um dos escritores que mais se destingue pelo cuidado, perfeição e delicadeza da fórma. Os *Paes e Filhos, Terras virgens* sam grandes romances de telas sociaes. Algumas das suas novelas impressionam pela vida e realismo das personagens e do movimento scênico.

DOSTOIEWSKI (1822-1881), escritor popularíssimo na Rússia. Filiado numa sociedade secreta, foi condemnado á morte, mas a pena foi-lhe comutada em exílio para a Sibéria. A este facto devemos uma das suas mais impressionantes obras — *Lembrança da casa dos mortos*. Outro romance de celebridade mundial é o *Crime e Castigo*. Na *Carteira d'um escriptor* deixou muitos dados auto-biográficos.

TOLSTOI. O conde Leão Nicolaievitch nasceu em 28 de agosto de 1828 em Iassnaia Poliana, no governo de Tula. E' de todos os seus compatriotas o que maior glória literária conquistou. As suas teorias religiosas, políticas, sociaes, que não só literárias e estéticas têem sido e continuarão sendo miudamente analisadas, discutidas e críticadas. Ateu e nihilista na sua primeira modalidade, aparece-nos depois mistico e sonhador de uma nova fórma religiosa. Para que citar os seus livros aqui nesta resenha esteril e deficientissima ? Para que lembrar o seu famoso romance *Guerra e Paz* onde a vida russa é tam belamente descrita ? Ou o *Resurreição*, onde desenha o ideal de uma vida social diversa da que temos ? Ou o *Anna Karenina*

pungente drama de um adultério? Ou o seu drama realista *Poder das trevas?* etc. etc.?

Sienkiewicz não poderia ser esquecido. Polaco, cultiva a lingoa nacional com entranhado amor e com não menos entranhado amor canta nos seus romances a pátria esmagada e oprimida. De todos os seus romances foi o *Quo vadis* o que mais conhecido tornou o seu nome. O seu estilo é cheio de clareza, de eloqüência e de imaginação. E todavia sabe Deus por que traduções nós adivinhamos a magia de esse estilo!

Sobre o período atual cfr. Serge Persky, *Les maîtres du roman russe contemporain,* Paris, 1912, 1 vol.

Literatura Escandinava

Por interessante que seja o período inicial da literatura escandinava com a sua série de lendas e de mitos, que no sec. XI tomaram a fórma escrita sob o nome de *Eddas* e que sam o elemento primordial dos *Niebelungenlied,* a que é preciso recorrer no estudo das origens das tradições poeticas e religiosas da Alemanha, nada mais aqui podemos fazer do que assinalar pouco mais que a personalidade extraordinaria de Ibsen.

No sec. XVIII o nome de Andersen (1805-1875) avulta já gloriosamente. Nas *Aventuras da minha vida* deixou expostos os tópicos da sua carreira acidentada. Sam principalmente os seus *Contos,* ricos de fantasia, e bem dramatizados que o tornaram conhecido e estimado entre nós, os ocidentaes.

Tegner (1872-1846) é um poéta de talento. *Frithjof* é um poéma épico que pinta admiravelmente os costumes dos países setentrionaes.

Runeberg (1804-1877), Kielmann (1811-1869) destinguiram-se na poesia e no romance. A maior glória porêm da literatura escandinava está em Ibsen (1828-1906) dramaturgo vigoroso, dotado de um poder de evocação maravilhoso, ventilando com grande espírito de sobriedade e de clareza os mais empolgantes problemas religiosos e sociaes, fazendo-nos sonhar algumas vezes, obrigando-nos a pensar sempre. Todos ou quasi todas as suas obras estão traduzidas para francês, sendo representadas em todos os grandes palcos do mundo. *Canard sauvage, Peer Gynt, Revenants, Hedda Gabler...* contam-se entre as mais belas creações dramáticas dos nossos tempos.

Outro noruegués notavel, ainda vivo, é Biörnson Biörnstierne, nascido em 1832. *Hulda la boiteuse,* o *Roi Sverre,* a *Trilogie de Sigurd,* os *Nouveaus mariés,* fôram dramas representados com extraordinarias ovações no teatro de Christiania, de que ele era Director.

Jonas Lie, que nasceu em 1833, é outro escritor contemporâneo destintissimo. O *Visionario,* novela romântica, conquistou-lhe de

princípio grande reputação. Foi em Paris que escreveu os melhores romances — *Condamné à vie* e as *Filles du Commandant*. Em 1894 publicou um estudo sobre Balzac, justamente apreciado — *Honoré de Balzac, l'homme et l'artiste.* Citaremos ainda George Brandès, nascido em 1842 em Copenhague, crítico de arte e escritor de grande erudição. A sua obra mais importante é a intitulada *Principaux courants dans la littérature du XIXe siècle.*

Brasil

Deveriamos consagrar neste logar um § á literatura dos nossos irmãos dalêm mar, àquela que nos deve com a lingoa, a religião, o direito, a arte, a poesia, a literatura e todas as manifestações espirituais que tornam os brasileiros co-partícipes da moderna cultura ocidental, como escreve Silvio Romero.

Mas entendemos melhor remeter o leitor a quem o assunto interesse para o *Compendio de Historia da Literatura Brasileira* daquele autôr e de João Ribeiro. (Rio, 1909, 2.ª ed.). Lucidez, concisão, juizos e apreciações criticas bastantes a nortear quem segue a leitura, informações bio-bibliográficas comedidas dão ao livro desses dous vigorosos escritores um logar de distinção insubstituivel.

A concisão que guardei para as outras literaturas tem explicação facil que aqui não colheria, nem para mim, nem para o leitor.

CAPITULO VI

Escola Romântica

(1825)

Sumário: 184. Romantismo: suas caracteristicas. — 185. O Romantismo na Europa. — 186. O Romantismo em Portugal. — 187. Garrett. — 188. Herculano. — 189. Castilho.

184. — **Romantismo: suas caracteristicas.** Nos princípios do século XIX iniciou-se na Alemanha um movimento literário, que em breve se comunicou a toda a Europa, e que é conhecido, à falta de melhor palavra, dizia Garrett, pelo nome de *Romantismo* [1]. Este movimento procurou desterrar os moldes rotineiros e estéreis, que desde o século XVI dominavam soberanamente em todos os ramos das obras literárias, e, em vez dêsses moldes clássicos já cansados, impôr novos ideais, fazendo consistir « a essência da arte e da poésia no maravilhoso e no fantástico, nas lembranças da idade-média e até do Oriente e nas tradições populares ».

---

[1] Garrett dizia bem. Nem etimologicamente, nem de facto esse romantico termo *romantismo* caracterizava a nova corrente literária. *Romantismo* derivou de *romantico*, como este derivou de *romance* e este, como muitos outros, de Roma (Cfr. Sr. G. Viana, *Apostilas aos Dicionarios*, II, 376). *Romance, romanica, romantica*, dizia-se na idade-média da lingoa usual em contraposição à lingoa das escolas, da igreja dos doutos. Lingoas e literaturas romanticas deveriam ser, pois, na origem, as que se constituiram independentes do latim. Mas o termo foi *usurpado* para denominar a nova Escola e não ha senão que aceitar os factos.

Estudando a obra do Romantismo vê-se que as suas características sam efectivamente:

1.º — A reacção contra a escola clássica. « Lancemos o martelo ás teorias, ás poéticas, aos sistemas, trovejava Victor Hugo no célebre prefácio do *Cromwel*, esse prefácio que desde 1827, ano em que apareceu, se considerou o grande manifesto da Escola Romântica. Abaixo o velho estuque que mascara a fachada da Arte! Não ha regras nem modelos àlêm das leis geraes da natureza, que planam sobre toda a arte, e àlêm das leis especiaes que, para cada composição, derivam das condições próprias a cada assunto ».

2.º — Condenado o que fazia o objecto da arte, era preciso oferecer alguma cousa que o substituisse. Esse substituto foi a arte, a poesia, a lenda da idade-média e das tradições pátrias. Escrevia Garrett: o que é preciso estudar é as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fabulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas... Por tudo isso é que a poésia nacional hade resuscitar verdadeira e legitima [1] ». Este regresso ás fontes nacionaes é a segunda característica da Escola.

3.º — Tres séculos de classicismo haviam secado a veia popular. Desaparecera a expontaneidade. Na Itália, na Alemanha, em Inglaterra [2] como em Portugal, a influência da literatura francesa fizera-se sentir despoticamente e era por toda a parte a mesma imitação esteril, servil e monótona. O Romantismo proclamou o *individualismo* na arte,

---

[1] Na *Introdução* ao vol. 1.º do *Romanceiro*, ed. 1904, pg. 6.

[2] Na Inglaterra e Alemanha a sujeição ao classicismo é passageira e devida à influência predominante do grande século clássico francês. Tomando consciencia de si o espírito patriótico de ingleses e alemãis sacode o jugo francês, torna-se independente, « individualista ». « O romantismo inglês não começou pelo medievalismo, este foi um sentimento derivado ». Cfr. Sr. Carlos de Mesquita, *O Romantismo inglês*, Coimbra, 1911, *Introd.*

a liberdade contra o regime absoluto. Que cada um estude o que tem na própria casa, antes de ir vêr o que ha na casa alheia, dizia-se. « Que o poéta se guarde, escrevia Hugo, de copiar quem quer que seja — nem Shakespeare, nem Molière, nem Schiller, nem Corneille ». E em Portugal Garrett: « vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

Gregos, romãos e toda a outra gente...

E que se hade fazer para isto? Substituir Goethe a Horácio, Schiller a Petrarcha, Shakespeare a Racine, Byron a Vergilio, Walter-Scott a Dellile? Não sei que se ganhe nisso senão dizer mais sensaborias com menos regra [1] ».

Tal a terceira caracteristica, que não póde dizer-se, todavia, absoluta, como se prova com os próprios fundadores do Romantismo em Portugal. « Escreveria Almeida Garrett, diz com muita razão Lopes de Mendonça, o seu precioso *Camões* como o escreveu, se não tivesse lido o *Corsário* e o *Child-Harold* de Byron? Teria Alexandre Herculano concebido o seu *Monge de Cister* com aquela majestosa e imponente fábrica se Walter Scott não nos houvesse dado o modelo do romance histórico [2]? » Prégando, pois, o *individualismo*, a revolta era contra a tutela despótica até então exercida pela escola clássica.

185. — O Romantismo na Europa. Quem primeiro levantou o grito de revolta foi a Alemanha, pelo que muitos autôres dizem que melhor se chamaria à Escola « *Germanismo* ». Esse grito soltou-o uma pleiada de jovens poétas e criticos dos quaes uns seguiram tendências filosóficas e estéticas como Schlegel, Novalis, Tieck, Schelling,

---

[1] *Ibid.*, pg. 6.

[2] *Memorias de Litt. Contemporanea*, Lisboa, 1855, pg. 4.

e outros tendências mais nacionaes e históricas como os irmãos Grimm e Uhland. Mas o movimento impôs-se com Goethe e Schiller, tendo encontrado cooperadores em críticos da fôrça de Lessing e Wieland e tendo um representante superior no lirismo irónico de Henri Heine.

De Alemanha a corrente romântica comunicou-se rapidamente a Inglaterra, onde teve como arautos lord Byron e Walter Scott, « o primeiro com a sua poésia apaixonada, profundamente pessoal, amarga e duma ironia desesperada; o segundo resuscitando a idade-média escondida sob o pó dos séculos ». Vem depois a Itália e a seguir a própria França que entrou no movimento com Mme de Staël e Chateaubriand, aquela dando a conhecer a Alemanha e a nova geração no livro que intitulou *De l'Allemagne* (1802), este traduzindo e comentando os melhores poétas inglêses, como Milton e o seu *Paraiso Perdido*. Victor Hugo, Lamartine, Vigny, Dumas, Balzac, George Sand, Musset, e muitos outros deram um brilho extraordinário à nova escola, que a Espanha acolheu com alvorôço por intermédio do Duque de Rivas e de Espronceda.

186. — **O Romantismo em Portugal.** A reacção literária efectuada em Portugal nos princípios do século XIX tomou, como no resto da Europa, o nome de *Romantismo*. A corrente clássica, desvirtuada pelas imitações espanhola e francêsa, acabara entre nós por avassalar todos os géneros literários. O respeito pelas regras da arte poética fôra levado até ao absurdo. O mecanismo substituira a inspiração; o preciosismo desterrara o natural. A onda da erudição afogara os domínios da poésia. « Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os ultimos vestigios originaes da nossa poésia, quando no fim do primeiro quartel deste século [XIX] a influência da renascença alemã e inglesa se começou a fazer sentir », escreveu Garrett. Os sectários das novas formas apareceram, pois, como insubmissos e inimigos declarados dos

dogmas da velha igreja clássica. E' a Garrett que se deve a glória da inovação; dele partiu, como ele próprio o acentuou, a primeira aclamação da nossa independência literária. Desde 1825-26 que fôra publicada a *Dona Branca* e o *Camões* onde estão as primeiras tentativas da revolta. Em 1823 com a *Adozinda* e o *Bernal-Francês* firmou-se o estandarte da restauração. Falando do seu *Camões* dizia o autôr: « *Conheço que está fóra das regras e que, se pelos principios classicos o quiserem julgar, não encontrarão senão irregularidades e defeitos. Porém declaro desde já que não olhei a regras, nem a principios, que não consultei a Horacio nem Aristoteles, mas fui insensivelmente após o coração e os sentimentos da natureza, que não pelos calculos da arte e operações combinadas do espirito* ». É a este rasgado critério, igualmente seguido por Herculano e Castilho, que nós devemos a introdução da escola romântica em Portugal.

Castilho que foi a princípio um romântico acabou por se converter ás novas idéas. Em 1844 escrevia o primoroso estilista «... bem sei eu que a Poesia portuguesa, como a do restante da Europa, e a nossa mesma linguagem, se andam, ha annos, revolvendo para um futuro que ainda se não enxerga bem distinto; e que tudo que nós fazemos neste género, mormente os que ainda, como eu, retiveram (máo grado seo) alguma coisa, e muito, de certos habitos tradicionaes e viciosos em literatura, têem e temos de ficar esquecidos diante da brilhante escola que já por ventura vem raiando; *terra da promissão,* em que temos fé, para onde caminhamos, guiados, ora por nuvem, ora por columna de luz, mas onde a nós outros nos não será dado penetrar » [1]. Castilho era arrastado para o classicismo pela sua educação e pela sua própria índole [2]. Mas a sugestão do exemplo chamou-o para a órbita do

[1] Do *Prologo* das *Excavações poeticas,* vol. I, ed. 1904.
[2] Cfr. *Excavações poeticas,* ed. 1904, pg. 88.

romantismo. « Nascido, creado, ajuramentado na escola clássica, escreve, devendo só a ella o primeiro favor que achei no publico, fanatizado pelos bellos genios da antiguidade, não cheguei senão tarde a fazer justiça a este livre e creador movimento da nossa era. Rendi-me, fascinado pelos seus prestigios, arrastado pelo caudaloso do exemplo, inspirado pelos dictames da propria razão » [1].

Vejamos, agora, como esses grandes escritores — Garrett, Herculano e Castilho — concorreram para a obra do rejuvenescimento literário, que proclamaram.

187. — **João Baptista da Silva Leitão de ALMEIDA GARRETT** (Visconde de Almeida Garrett), (1799-1854) [2] natural do Porto, começou os seus estudos na ilha da Madeira sob a direcção de seu tio o bispo de Angra D. Frei Alexandre da Sagrada Familia. Os seus primeiros trabalhos literários resentem-se da influência desta primeira educação, que foi sobretudo humanista, como se vê dos dramas *Mérope* e *Catão* [3]. As lutas políticas entre absolutistas e liberaes obrigáram-no, como fervoroso apóstolo destas últimas, a emigrar. O convívio com o estranjeiro, onde viveu tres anos (1823-1826), primeiramente em Inglaterra e depois em França, operou uma revolução completa no seu espirito. Abandonando os assuntos clássicos voltou a sua atenção para sucessos e caracteres exclusivamente nacionaes, e deles soube o seu brilhante

---

[1] Cfr. *Amor e Melancolia*, ed. 1903.

[2] Sobre a vida política e literária de Garrett possuimos o estudo largamente documentado de Fr. G. de Amorim — *Garrett, memorias biographicas*, 3 voll., Lisboa, 1881-1888; vid. também D. Romero Ortiz — *La Literatura Portuguesa en el siglo XIX*, Madrid, 1869; Lopes de Mendonça, *Memorias de Lit. Contemporanea*, Lisboa, 1855; Th. Braga, *As modernas ideias na Literatura Portuguesa*, 1.º vol., pg. 25 e seg.

[3] No vol. *Os primeiros versos de Garrett* (Porto, 1902) estão da pg. 112 a 122 as *odes anacreonticas*, que o poéta escreveu nos seus primeiros anos.

talento arrancar os melhores entrechos para as suas obras — *Um Auto de Gil Vicente* (1838), relativo à época de D. Manoel e ao fundador do teatro nacional; *D. Filippa de Vilhena* (1840) sobre a revolução de 1640; *O Alfageme de Santarem* (1841) sobre D. Nunalvares Pereira; a *Sobrinha do Marquês* (1848) alusiva à época do notavel ministro de D. José e, enfim, a primeira entre todas o drama *Frei Luís de Sousa* (1844) que, pela pungente simplicidade em que se desenrola, verdade e beleza das situações, e aticismo da lingoagem, é um padrão imorredouro na história do nosso teatro. Não ficaram aqui as obras de Garrett inspiradas em factos da vida nacional. A biografia tam dramática do nosso primeiro épico deu-lhe o assunto do seu formosíssimo poéma, em versos brancos, *Camões* (1825); uma lenda do tempo de D. Afonso III, o conquistador do Algarve, inspirou-lhe *D. Branca* (1829) e o desejo de dizer alguma cousa sobre a pintura lusitana levou-o a escrever o *Retrato de Venus* (1821). Estes estudos foram coroados com o *Romanceiro,* colecção de poésias populares, verdadeiro tesouro que encontrou em Garrett o mais cuidadoso defensor e guarda [1].

As poésias líricas existem reùnidas na *Lyrica de João Minimo,* nas *Flores sem fructo,* e nas *Folhas cahidas,* a primeira destas obras escrita até aos vinte anos, a segunda compreendendo as poésias escritas desde aquela edade até aos quarenta e três anos, e a última onde se encontram as suas derradeiras composições.

Das obras em prosa temos como principais as *Viagens da minha terra,* miscelânea de história e novelística; o *Arco de Sant'Anna,* novela histórica do tempo de D. Pedro I; *Portugal na balança da Europa; Tratado da*

[1] Com certas restrições, é claro, pois Garrett teve a infeliz idéa de retocar e aperfeiçoar o que lhe chegava da tradição oral. Mas isso, se empana, não invalida o grande serviço por ele prestado.

Educação, etc. [1]. Garrett foi tambem um orador eloquente e vigoroso, sendo algumas das suas orações parlamentares verdadeiros modelos do género.

Como poéta é cheio de viveza e de colorido. Com uma acentuada predilecção por tudo o que era inglês daí sem dúvida lhe provinha a graça e o espírito, que vivificam as suas obras. Garrett tem aínda o mérito e a glória de ter começado a reacção romântica [2]. Os seus restos mortaes fôram solemnemente transportados para a igreja de Santa Maria de Belem (Jerónimos) no dia 3 de maio de 1903 — justa glorificação em honra do patriota, do escritor, do poéta, do dramaturgo e do estadista que foi o Visconde de Almeida Garrett.

188. — **ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho e Araujo** (1810-1877) [3], de Lisboa, é, diz Romero Ortiz,

---

[1] A ed. completa das *Obras de J. B. de A. Garrett*, compreende 24 tomos, Lisboa, (1854-1877) ou 28 na ed. última de 1904-1905, Lisboa.

[2] Garrett deixou alguns inéditos, ao que parece de somenos valor. No *Archivo Historico Portuguez* (vol. I, n.º 5, Maio de 1903) foi publicada uma carta a Herculano a acusar a recepção da *Harpa do Crente*. A carta é naturalmente de 1838 e não obstante ter então Garrett publicado já obras como *Camões* e *D. Branca* dizia nela: « Se eu tivesse saude havia de refundir quasi tudo que publiquei e de que pela maior parte não gosto hoje ». O Sr. Julio Brandão no opúsculo *Garrett e as Cartas de amor*, Porto, 1913, revelou a existencia de 22 cartas que Garrett escreveu à inspiradora das *Folhas Caídas*.

[3] Vid. A. de Serpa Pimentel, *Alexandre Herculano e o seu tempo*, Lisboa, 1881; Th. Braga, *Historia do Romantismo em Portugal*, Lisboa, 1880; id., *As modernas ideias na Litt. Port.*, I, pg. 45 e seg.: Bulhão Pato, *Sob os ciprestes, vida intima de homens illustres*, Lisboa, 1877; Id., *Memorias, scenas de infancia e Homens de letras*, Lisboa, 1894, vol. 1.º; Sr. Alberto Pimentel, *Vinte annos de vida litteraria*, pg 21 onde estuda Herculano sob o aspecto politico. Sr. Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo*, II, 7-110. R. Ortiz, *ob., cit.*, pg. 298; D. Antonio de Sánchez Moguel, *Alexandre Herculano de Carvalho*, Madrid, 1896, reproduzido no *Instituto*, vol. XLIII (1896), pg. 415

o poéta mais filosófico, o novelista mais erudito, o historiador mais consciencioso, o pensador mais profundo que teve a nação portuguesa no presente século [1]. Soldado, como Garrett, do exército liberal, como êle exilado da pátria, não foi como o seu cooperador na obra do romantismo, um espírito vivo seduzido pelas glórias do mundo e que por elas se deixasse arrastar. Educado primeiramente no Colégio do Espírito Santo, dirigido pelos padres de S. Felipe Néri, encontrou logo a animar-lhe o talento incipiente a Marquêsa de Alorna [2], ilustre senhora dotada de raras prendas de educação e alto espírito ilustrado « que fazia voltar a atenção da mocidade, escreve ele próprio, para a arte da Alemanha, a qual veiu dar nova seiva á arte meridional que vegetava na imitação servil das chamadas letras classicas, e ainda estas estudadas no transunto infiel da literatura francesa da época de Luís XIV » [3]. A emigração afervorou-o nas suas crenças politicas e literárias. A *Harpa do Crente* (1838) e a *Voz do propheta* (1836) sam os protestos da sua razão indignada contra a violação das liberdades politicas e de consciência. A direcção do *Panorama* (1839) [4] deu-lhe

e seg.; Silva Cordeiro, *A crise em seus aspectos moraes*, Coimbra, 1896, pg. 18 e seg.; *Novo Alm. de Lembranças de 1879* biogr. por A. X. Rodrigues Cordeiro; *Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa*, VI, p. II (1892) elogio por M. Pinheiro Chagas; Agostinho Fortes, *A. Herculano. Breve esboço da sua vida e obras*, Lisboa, 1910; Gomes de Brito, *1.º centenario de A. H. 28 de março de 1810 a 28 de março de 1910. Paginas intimas*, ibid., 1910; Balthazar Osorio, *Panegirico*, ibid., 1910; Teixeira de Queiroz, *Centenario do nascimento de A. H*, ibid., 1910. Estes ultimos são os melhores trabalhos que apareceram por ocasião do centenario do nascimento do grande historiador. Veja-se ainda *Bol. da Seg. Cl. de Acad. das Sc. de Lisboa*, III (1910), n.º de homenagem, e J. Agostinho, *A. Herculano*, Porto, 1910.

[1] *Ob. cit.*, pg. 297.

[2] Vid. atrás, n.º 143.

[3] *Panorama*, VIII (1844), pg. 404.

[4] Compreende cinco series: I, voll. 1-5 (1837-41); II, voll. 6-8 (1842-46); III, voll. 9 (1846 52), e voll. 10-13 (1853-56); IV,

ensejo a publicar as suas interessantes novelas históricas, que reùnidas formáram os dois vols. das *Lendas e Narrativas* (1851), dos quais o primeiro compreende: *O alcaide de Santarem; Arrhas por fôro de Hespanha; O Castello de Faria; Abobada;* e o segundo: *A dama pé de cabra; O bispo negro; A morte do lidador; O parocho de aldeia; De Jersey a Granville.* Neste género de romance histórico Herculano publicou, discutindo ao mesmo tempo uma tese filosófica, o *Monasticon*, em duas partes: *Eurico o presbytero* (1844) e *O Monge de Cister* (1848) aquele relativo à época da invasão sarracena, este à de D. João I. Profundas e demoradas investigações nos principais cartórios do país habilitaram-no a escrever o mais vigoroso dos seus estudos — a *Historia de Portugal* [1], abraçando o mais dificil período, o das origens, em que, todavia, alguma cousa encontrou já feito no paciente e consciencioso estudo de António Brandão e nos trabalhos de Schäfer sobre a história do nosso país (1836). A celeuma que a *Historia de Portugal* levantou, pelo facto da omissão do milagre de Ourique, originou os opúsculos de combate — *Eu e o Clero, Considerações pacificas, Solemnia verba,* e o trabalho de mais largo fôlego *Historia da origem e do estabelecimento da Inquisição em Portugal* (1854-59, 3 voll.). Como sócio da Academia real das sciências de Lisboa dirigiu a publicação *Partugaliae Monumenta Historica* [2], e

---

voll. 14-15 (1857-58); V, voll. 16-18 (1866-68). Herculano obrigara se com os editores a escrever em todos os n.[os] duas a duas páginas e meia, pelo que recebia 40$000 rs. mensais. Inoc. *Dic.*, xvii, 136.

[1] 4 voll., i, 1846, até D. Afonso I; ii, 1847, até D. Sancho II; iii, 1849, até D. Afonso III; iv, 1853. Para elucidação de certos pontos vêr o esplendido trabalho de David Lopes, *Os arabes nas obras de A. H., notas marginaes de lingoa e historia portuguesa,* Lisboa, 1911.

[2] Depois da morte de A. Herculano passou a direcção desta publicação para o seu testamenteiro e amigo, o paleógrafo João Basto que tantos serviços prestou aos eruditos portugueses na Torre do Tombo,

quando ainda a pátria muito havia a esperar dele, desalentado, só ambicionando a obscuridade e nada mais, abandonou o convívio da sociedade e das letras, e enclaustrou-se na quinta de Valle de Lobos, em Santarem, onde faleceu a 13 de Setembro de 1877. Com ele perdeu a península ibérica o seu primeiro, o seu grande, o seu único historiador, de quem pode dizer-se, sem lisonja, que reùnia a elegância de Xenofonte á energia de Salústio, e a concisão de Táci o à imparcialidade de Polibio [1]. Se o principal título de glória de Herculano é a história, não devemos esquecer que é também um poéta eminente, como o provou com os pequenos poémas que ele intitulou *Deus, Semana Santa, Arrabida, Cruz mutilada, Victoria e Piedade* e muitos outros.

Os seus artigos mais importantes publicados no *Panorama* ou em folheto foram recolhidos acertadamente nos *Opusculos*, de que ha publicados dez vols. e de que, para se fazer uma idéa, respigamos alguns dos assuntos neles tratados. Assim temos:

I — *A voz do Propheta* (1-118); os *Egressos* (135 154); as *Freiras de Lorvão* (193-206).

II — *Monumentos patrios* (3-54); *Mousinho da Silveira* (171-223).

III — *Eu e o Clero* (1-34); *Solemnia verba* (62-184); *Classes servas na Peninsula* (237-332).

IV — *Os vinculos* (3-104); *Emigração* (107-292).

V — *Historiadores* (3-24); *Feudalismo* (193-300).

VI — *Bens da Coróa e forais* (183-301).

VII — *Forais* (277-286).

VIII — *Instrução publica* (105-163).

IX — *Origem do teatro moderno.*

X — *Reacção ultramontana em Portugal, a Concordata.*

---

onde era empregado superior. A sua morte (1898) foi uma perda muito sensivel. Sobre a indole dos *P. M. H.* vid. *Bol. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa*, II, (1910) 77 e seg.

[1] Ortiz, *ob. cit.*, pg. 334.

Juntemos ainda um vol. de *Composições varias* e um 1.º vol. de *Cartas* recentemente publicados.

Herculano foi um exemplar perfeito de honestidade, tinha a « rigidez de caracter de tempera antiga » e conquistou o respeito e simpatia de todos os homens de bem do seu tempo, a principiar no monarca D. Pedro V [1] que com a sua amizade « honrava o grande escritor do seu reinado como no mesmo tempo Frederico, rei da Prussia, honrava o grande escritor Humboldt » [2].

189. — **ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO** (1800-1875) natural de Lisboa, foi um cooperador operoso do romantismo ao lado de Herculano e de Garrett. Nenhum deles lhe levou a palma na graça, na harmonia, na pureza e no gosto com que escreveu o nosso idioma. Cego, em virtude da enfermidade do sarampo, desde a edade dos seis anos, a vivacidade das suas faculdades estéticas supriu a vista que a doença lhe roubou. Com seu irmão Augusto, mais novo quatro anos, e que foi para ele amigo e companheiro desvelado, assim como a luz dos seus olhos, estudou o curso de humanidades, concluido o qual, em 1817 se matriculou na Universidade, na Faculdade de Cânones.

A sua tendência romântica manifestou-se logo nas nove *Cartas de Echo e Narciso,* cujo assunto era tirado da mitologia grega e que apareceram em 1821, na *Primavera* que é de 1822, no *Amor e Melancolia* de 1828, e

---

[1] *D. Pedro V* (1837-1861) era digno da amizade do grande historiador, que não podia ser mais profunda, nem mais sincera. Desenhei o perfil do saudoso monarca no vol. *Cartas inéditas de D. Pedro V,* Coimbra, 1903.

[2] As palavras entre aspas são do douto Prof. de Direito da Univ de Coimbra, *Vicente Ferrer de Neto Paiva* (1800-1886), que aos 80 anos veio da sua aldeiazinha natal — Freixo, contigua a Lousã, — lêr o elogio do seu velho amigo na sessão solene que lhe consagrou o Instituto. Vid. *O Instituto,* vol. de 1878.

acentuou-se poderosamente em *A noite do Castello* (1836) e nos *Ciumes do bardo* (1838).

Quando a Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis iniciou em Lisboa a publicação dos *Quadros historicos de Portugal* Castilho encarregou-se da parte literária, mas a breve trecho tão útil como interessante publicação interrompia-se, ao mesmo tempo que o mavioso poéta partia para a Madeira a acompanhar seu irmão Augusto que lhe era dedicadíssimo, mas que se achava já condenado pela terrivel doença a que sucumbiu em breve. Castilho voltou com o coração alanceado, mas brevemente se retemperou na luta sem trégoas das letras. Herculano fundára em 1837 o *Panorama*, Castilho fez pelo seu lado aparecer a *Revista Universal Lisbonense*, que durou quatro anos. Em 1845, de colaboração com seu irmão José, publicava a *Livraria classica portuguesa* destinada a dar conhecimento por largos extractos, dos melhores escritores portuguêses, mas logo dois anos depois o vamos encontrar na ilha de S. Miguel lançando os fundamentos da *Sociedade dos amigos das letras e artes* e dando ao prélo o seu livro *A felicidade pela agricultura.* Vêem a seguir, entre outros trabalhos, o *Tratado de metrificação*, o *Estudo historico-poetico de Camões* e o método primeiramente conhecido pelo nome de *Leitura repentina* e depois por *Methodo de Castilho*, que ele mesmo dedicadamente ensinava, como apóstolo fervoroso da instrucção popular que sempre foi, e que lhe marca um logar indisputado entre os pedagogistas mais distintos do nosso país. Para o defender publicou os folhetos *Ou eu ou elles* (1853), *Tosquia dum camelo* (1853) e *Ajuste de contas* (1854). No Brasil, para onde partiu em 1854, escreveu Castilho a sua célebre *Epistola á imperatriz.* Não obstante serem todos os trabalhos, que deixamos enumerados, suficientes para firmar uma reputação não constituem eles aínda o maior titulo de glória de Castilho. Efectivamente Castilho é sobretudo e antes de tudo um mestre da fórma,

um purista, um clássico da lingoagem e como tal se revelou principalmente nas traduções que empreendeu dalgumas obras primas das literaturas estranjeiras, como as *Metamorfoses* (1841) e os *Amores* (1858) de Ovídio, a *Lírica* de Anacreonte (1866) e as *Georgicas* de Vergílio (1867).

De Molière apareceram quase sucessivamente as belíssimas traduções do *Medico á força, Tartufo, Avarento, Doente de scisma, Sabichonas* e *Misantropo;* de Shakspeare, o *Sonho duma noite de S. João;* de Goethe enfim, o *Fausto.* Esta última deu origem a uma polémica violenta [1].

Tal o esboço, a largos traços, da vida dêste mestre da língoa, que se extinguiu pelas duas horas e meia da tarde do dia 18 de junho de 1875, depois duma dedicação completa ao trabalho, cujo cantor foi, dedicação tanto mais para admirar quanto a fatalidade que o assinalou desde a infância lhe serviria por ventura de desculpa depois da morte [2].

---

[1] Gomes Monteiro, *Os Criticos do Fausto do Sr. Visconde de Castilho;* F. Adolpho Coelho, *Sciencia e Probidade, a proposito das pasquinadas do Sr. J. Gomes Monteiro & Companhia,* Porto 1873; J. A. Graça Barreto, *Lição a um literato. A proposito do Fausto. Resposta ao Sr. J. Gomes Monteiro;* J. de Vasconcellos, *O consummado germanista (vulgo o Sr. J. Gomes Monteiro) e o Mercado das letras portuguesas.*

[2] Muitas obras de Castilho haviam-se tornado raras no mercado. Felizmente possuímos hoje as suas *Obras completas revistas, annotadas e prefaciadas por um dos seus filhos,* Lisboa, 1903-1910, 80 vols. Espalhados por esse monumento, o mais glorioso que podia ser levantado ao imoredouro escritor, encontra, quem quiser pesquisar-lhe a fecunda actividade, materiaes de sobejo e dos de mais pura agua.

ROMANTICOS E ULTRA-ROMANTICOS

Sumário: 190. Sequazes da Escola. Caracteres. F. Xavier de Novaes e J. P. de Morais Sarmento. — 191. João de Lemos. O « *Trovador* ». — 192. Os Poetas do « Trovador ». — 193. A. A. Soares de Passos. — 194. J. da S. Mendes Leal. — 195. Fr. Gomes de Amorim. — 196. A. P. da Cunha e Castro. — 197. Thomás Ribeiro. 198. Bulhão Pato.

190. — Sequazes da Escola. Caracteres. A Escola romântica estava definitivamente implantada pela poderosa influência dos seus iniciadores. Mais ou menos fieis ás fórmas românticas apareceram numerosos discipulos entusiastas, seguindo o caminho por eles traçado. O abuso e exagero das normas adoptadas devia produzir mais tarde uma reacção salutar e criar a escola dos *Díssidentes de Coimbra,* que fez enveredar por novo trilho a literatura portuguêsa. Como românticos mais notaveis podemos citar João de Lemos e os poetas do *Trovador,* e vários outros que abaixo designamos. Claro é que a escola romântica tem feições diferentes em todos os seus sequazes alguns dos quais acentuaram mesmo a sua individualidade. Mas a influência dos processos e método da escola é neles, mesmo quando reagem, nitidamente acentuada. É satírica e mordaz em **FAUSTINO XAVIER DE NOVAES** (1820-1869) que escreveu um volume de *Poesias* (Porto, 1855) ao gosto de Tolentino a quem excedeu « na largueza dos quadros, na variedade do feitio e do assumto, na expontaneidade da inspiração, na ausencia de artificios arcadianos, e até, e muito no reflexo da sua pessoa, como homem altivo e de brios, a contrastar com a nojenta pedincharia do professor de retorica » [1];

---

[1] Novaes morreu no Brasil com 49 anos de idade aos 16 de agosto de 1869. O Sr. Visconde de Sanches de Frias na obra inédita em verso que do Poeta ha pouco publicou (*Ignez d'Horta,* comédia semi-trágica

simples e popular em **IGNACIO PIZARRO DE MORAES SARMENTO** (1807-1870) que ilustrou o seu nome com o *Romanceiro ou collecção de romances da Hist. Portug.* (Porto, 1841 e 1845) e os dramas *Lopo de Figueiredo ou a côrte de D. João II* (Porto, 1839), *Diogo Tinoco* (Porto, 1839), *Proscripto* (ibid., 1839), e a *Filha do sapateiro* (farça). Mas a escola romântica adquire cambiantes várias desde os poétas do *Trovador* e Soares de Passos até Thomás Ribeiro e Simões Dias.

191. — João de Lemos. O « Trovador ». **JOÃO DE LEMOS SEIXAS CASTELLO BRANCO** (1819-1889) foi conhecido desde o tempo de Coimbra, onde se formou em direito, pela publicação da revista *O Trovador*, interessantíssimo repositório das produções poéticas dum grupo de moços estudantes [1]. Àlém dele, alma e director dessa publicação, faziam parte do *Trovador* Luís da Costa Pereira, António Xavier Rodrigues Cordeiro, José Freire de Serpa, Augusto José Gonçalves Lima e António Maria do Couto Monteiro, os autores da sextina

Sobre as asas da poesia
Aqui nos trouxe a amizade
Cantámos nas lyras d'oiro
Esp'ranças da mocidade,
E aos bardos da *Primavera*
Mandamos uma saudade.

em que coube a cada poéta seu verso e que foi deixada pelos autores na *Quinta das Varandas*, quase em frente da *Lapa dos Esteios*, num dia de ágapes poéticos lá reali-

em 5 actos, Lisboa, 1907) traça com larga abundância de informações o perfil do desditoso escritor, bem digno de melhor sorte. Aí se póde ver o retrato do Poéta, também reproduzido no *Occidente*, vol. XXX (1907), pg. 156.

[1] Sobre o grupo galhardamente capitaneado por João de Lemos ler-se ham com muito proveito as páginas que lhe consagrou Lopes de Mendonça nas *Memorias*, já cit.

zado. Nesta pleiada de moços saudava Castilho uma nova geração destinada a receber-lhe a herança. « Àlêm do mérito pessoal dos seus redactores, escrevia ele, àlêm do mui elevado conceito que a todos merece a Universidade de Coimbra, existe uma idéa grandiosa que hade comunicar ao *Trovador* a imortalidade. Os sons maviosos com que a sua lira louva a religião de nossos maiores, as canções em que a honra e o valor português brilham cercados pela glória sam o pensamento da nova geração. O *Trovador* irá até à posteridade coroado com os loiros que o adornam, porque traz no peito como devisa a cruz, e traja as côres nacionais » [1].

O grupo pagava esta saudação do famoso autôr da *Primavera* elegendo-o seu Mestre e guia. « Ao desembarcarmos, diz João de Lemos na descrição do passeio a que nos referimos acima, luziu na alma de todos um sentimento e, de cabeças descobertas, voou dos labios de todos um nome: o sentimento era a admiração, o nome era *Castilho* [2]*!* »

Dentre este grupo sobresaía notavelmente João de Lemos.

No seu *Cancioneiro* (1858-1867) — tres vols. com os titulos: I, *Flores e Amores;* II, *Religião e Patria* e III, *Impressões e Recordações,* no vol. *Canções da tarde,* ha muita produção de verdadeira beleza. Algumas das suas poesias, por exemplo, a *Lua de Londres,* adquiriram uma popularidade merecida. Arrojo, inspiração, expontaneidade e colorido tais sam as qualidades que brilhantemente afirmou nas melhores das suas produçõis. João de Lemos escreveu mais: *O tio Damião,* poemeto lírico; *O monge pintor,* poéma em 4 cantos, pequeno vol. in-8.º, que foi o seu canto de cisne. Em prosa deixou os *Serões d'Aldeia,*

---

[1] *Rev. univ. lisbonense* de 20 de janeiro de 1848.

[2] *Trovador,* pg. 198.

1 vol., e muitos artigos jornalisticos depois coleccionados com os titulos *Os Frades*, 1 vol.; *Elle e Ella*, 1 vol.; e a *Inquisição de 1850*, 1 vol.[1].

192. — Os Poetas do « Trovador ». — Do grupo do *Trovador*, ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO (1819-1900) deixou *Esparsas, Serões de Historia*, numerosos artigos no *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* e vários trabalhos inéditos; algumas das suas poesias como a *Doida de Albano, Tasso, Outomno*, tornaram-se populares pelo encanto e toada rítmica; JOSÉ FREIRE DE SERPA PIMENTEL (1808) foi autôr de vários dramas como *D. Sisnando, O Almansor Aben-Afan, D. Sancho II*, várias poésias, soláos, etc.; AUGUSTO JOSÉ GONÇALVES LIMA (1823-1867) reuniu os seus versos no vol. *Murmurios*; ANTONIO MARIA DO COUTO MONTEIRO (1921-1896) deixou numerosas composições no *Trovador* citado. Quando estudante em Coimbra compôs a *Cabulogia*[2] encerrando inimitáveis paródias do *Camões* de Garrett. Nas poesias de J. de Deus andava incluida uma *Melopeia da Dorotheia*, que lhe pertencia. Esta fórma humorística sumiu-se no espírito do antigo trovador, para dar logar ás fórmulas e locubrações jurídicas, pois Couto Monteiro foi um magistrado muito destinto.

193. — ANTONIO AUGUSTO SOARES DE PASSOS (1826-1860) é um poéta ultra-romântico, melancólico,

[1] Vid. o o seu esboço biográfico por A. X. Rodrigues Cordeiro no *Novo Alm. de Lembranças para o anno de 1891*.

[2] Ao lado da *Cabulogia* convem citar como elementos para o estudo da vida académica da Coimbra doutros tempos o trabalho de Guilherme Centazzi, *O Estudante de Coimbra*, pgs. 97-220 de *As literarias distracções*, Lisboa, 1861, e melhor a *Vida e Feitos de Francisco M. G. da Silveira Malhão escrita por elle mesmo*, Lisboa, 1824, 4 vols., em que sob a sua fórma despreocupada ha realmente muito chiste.

dum lírismo vago e doentio. Muito conhecido pela balada *O noivado do Sepulcro*, o ilustre escritor portuense firmou com o seu nome uma série de poesias repassadas de sentimento, dentre as quaes avulta a que intitulou *O Firmamento*, que só por si faria a reputação dum homem de letras [1].

194. — **JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL** (1818-1886) de Lisboa, dramaturgo, jornalista, poéta, orador académico e parlamentar, crítico, romancista, tendo àlêm disso uma vida agitada no seio da política portuguêsa e em cargos e missões diplomáticas. Aos 25 anos tinha escrito, com aplauso do público, os *Dois Renegados, Homem da mascara negra, O pagem de Aljubarrota, D. Ausenda,* e *D. Maria de Lencastre.* Vieram depois numerosos dramas e comédias, dentre os quaes obtiveram maior aplauso a *Herança do Chanceller*, os *Homens de marmore, O somno d'oiro, Egas Moniz* e *Primeiros amores de Bocage*, os últimos que escreveu. Mendes Leal cultivou todos os géneros de poesia, mas foi inegualavel no género heroico, onde se contam como verdadeiras pérolas no arrojo e sublimidade a *Indiana* consagrada a Vasco da Gama, *Gloria e Martyrio* no aniversário da morte de D. Pedro IV, *Ave Caesar* á morte de Carlos Alberto, *Ante o solio e o tumulo* na morte da raínha D. Maria II, *Napoleão no Kremlin* em que descreve o herói francês em toda a sua glória no Kremlin, inexpugnavel cidadela de Moscow, e enfim o *Pavilhão Negro* sobre a afronta que nos fez a França na questão

---

[1] *Poesias por...*, 1 vol. Porto, 1856. A última ed. rev. e aumentada com ined. e precedida dum escorço biogr. por Th. Braga é de 1909, Porto, 1 vol. Um contemporâneo do poéta acusou-o de plagiário e precisamente das composições que maior celebridade lhe deram. Foi o Sr. Lourenço de Almeida e Medeiros, que a si atribue a paternidade do *Noivado do Sepulcro* e do *Firmamento*, mas o Sr. Dr. Th. Braga demonstrou peremptoriamente a impertinência da acusação. Vid. *Rev. litt., scientifica e artistica do Seculo* de 1904, n.º de 19 de dezembro.

Charles et Georges, uma das invectivas mais veementes e mais vigorosas que têem saido da penna de poetas [1].

195. — **FRANCISCO GOMES DE AMORIM**, o devotado amigo e companheiro de Garrett, foi um poéta de merecimento e um dramaturgo digno de que se lhe registe o nome. Àlêm dos dous vols. de versos *Cantos Matutinos* (1858) e *Ephemeros* (1866), é muito conhecida a formosa poesia intitulada *Flôr de Marmore*. Entre os dramas tiveram imensa popularidade *Ghigi, Abnegação, Cedro vermelho, Herdeiros de viuva*, e mais que todos o *Odio de raça*; dos romances e narrativas são dignos de lembrança *Selvagens, Remorso vivo, Duas fiandeiras, Muita parra e pouca uva*, etc.

Amorim publicou tambêm uma ed. anotada dos *Lusiadas* em que se nota a sua falta de educação filológica, e as *Memorias de Garrett*, cheias de importantes pormenores sobre a vida do seu melhor amigo.

196. — **ANTONIO PEREIRA DA CUNHA E CASTRO**, de Viana do Castelo, um dos mais ilustres partidários da causa de D. Miguel, tendo por isso colaborado, em diversas épocas, no jornal a *Nação* e publicado em 1869 o opúsculo de propaganda *D. Miguel 2.º*, que obteve no seu tempo larga vulgarização. Escreveu vários dramas, sendo os mais notáveis *As duas filhas, Brazia Parda* e *Herança do Barbadão* e um vol. de versos a que pôs o título de *Selecta* (1879). A musa de Pereira da Cunha é patriótica e religiosa. No amor da pátria e na fé cristã se inspiram as suas melhores composições, as quais lhe dão

[1] Vid. *Mem. polit., litt., e bibliogr.* coligidas pelo sr. Brito Aranha e que saíram como *Brinde do Diario de Noticias de 1887*; o *Almanack de Lembranças Luso-Brasileiro de 1888*, biogr. por A. X. Rodrigues Cordeiro; artigo de Rebello da Silva na *Rev. Peninsular*, II; Ortiz, *ob. cit.*, pg. 223 e seg.; Lopes de mendonça, *Mem. de Litt. Contemp.*, já cit., pg. 159, etc.

incontestavel direito a que o seu nome seja recordado com justiça. É impossível esquecer que algumas das poesias da *Selecta*, por exemplo, o *Voto d'El-Rei*, podem colocar-se ao lado do melhor que em lingoa portuguêsa se tem escrito.

197. — **THOMÁS ANTONIO RIBEIRO FERREIRA** (1831-1901) de Parada de Gonta (Beira Alta) é um dos mais festejados e aplaudidos escritores dos últimos tempos; poéta e prosador dos mais elegantes; orador inspirado, historiador e jurisconsulto distinto, dedicou grande parte da sua vida ao jornalismo e á carreira diplomática e política, mas foi como poéta que a sua individualidade mais se acentuou no nosso meio contemporâneo. As suas magníficas poésias *A Judia*, *Festa e Caridade*, o poéma *Delfina do Mal*, as líricas conglobadas nos *Sons que passam*, nas *Vesperas*, e nas *Dissonancias*, apaixonaram a alma popular a tal ponto, que dificilmente se encontraria no país logar onde alguns dêsses maviosos cantos não fossem conhecidos e até de cór recitados. Duma viajem que em 1870 fez á India como Secretário Geral derivaram os seus vols. de prosa *Do Tejo ao Mandovy*, *Entre Palmeiras*, bem como o poemeto *Indiana* [1].

No domínio da investigação histórico-política deixou: *Historia da legislação liberal*, 2 voll.; *D. Miguel e a sua realeza*.

Propositadamente deixamos para o fim desta imperfeita resenha o primeiro e o mais amoravel dos seus trabalhos *D. Jayme*, o poéma em que vibra, em cada uma das suas estrofes, o amor acendrado à pátria, o seu entusiasmo pela nossa história e pela nossa vida autónoma [2].

---

[1] *Entre Primores*, que se anunciou, nunca chegou a publicar-se.

[2] Esta nota patriótica vibra tambêm nos versos doutro romântico — *Luiz Augusto Palmeirim* (1825) autôr da *Vivandeira*, *Guerrilheiro*, *Veterano*, etc. poesias inspiradas no alto sentimento da grandesa da Pátria.

Tomás Ribeiro encanta pela melopêa dos seus versos, pela candura e simplicidade da sua lingoagem. Conhecia todos os segredos do rítmo e da eurítmia e sabia traduzir a suprema perfeição da idéa numa lingoagem melodiosa e pura.

O seu último canto foi o *Mensageiro de Fez,* onde a inspiração, já enfraquecida e quebrada, se alteia por vezes, como águia, às alturas que, em melhores tempos, foram sua natural atmosféra.

198. — BULHÃO PATO (Raimundo de...) [1829-1912], n. em Bilbau de pais portugueses, é o último representante da escola típica do Romantismo, cujos fundadores conheceu e tratou. O seu nome ficará eternamente vinculado na história da poesia lírica, em que deixou um padrão imorredouro — a *Paquita* (1866) e as *Canções da tarde,* as *Flores agrestes, Satiras, canções e idilios,* etc. A sua prosa era viva, nervosa, colorida, como o atesta sobretudo o vol. *Sob os ciprestes.* Chamaram-lhe o último abencerragem duma geração de poétas que passou, e com razão [1].

[1] *Occidente,* n.º de 30 de agosto de 1912 biogr. e retrato. A *Acad. das Sc. de Lisboa* pela voz do Sr. Julio Dantas prestou-lhe a devida homenagem em sessão solene de dez. de 1913. Bulhão Pato dirigiu enquanto pôde com afanoso cuidado a publicação das *Cartas de Af. de Albuquerque,* mencionadas atrás, pg. 189.

A REACÇÃO CONTRA O ROMANTISMO

Sumário: 199. Como surgiu esta reacção. Elogio-mútuo. — 200. Novas tendências poéticas. — 201. J. Simões Dias. — 202. João de Deus. — 203. Antero do Quental. — 204. Cesário Verde. — 205. António Nobre. — 206. G. de Azevedo. — 207. G. Crespo. — 208. Alex. da Conceição. — 209. Conde de Monsaraz. — 210. Outros Poetas.

199. — **Como surgiu esta reacção. Elogio-mútuo.** A morte de Garrett trouxe as mais funestas consequências para o romantismo. Desaparecia com êle o Mestre que todos estimavam e cuja obra mais profundamente impressionara o país. Herculano vivia aínda, mas morto inteiramente para a luta pelo isolamento a que êle próprio se submetera na sua Quinta de Vale de Lobos, em Santarem. Restava, pois, Castilho, sendo à sua sombra que se iam acolher muitos dos que enfileiravam pelo caminho das letras e que se julgavam felizes desde que os acolhia, benévolo, o juizo do Mestre. Desta sujeição incondicional à teocracia literária de Castilho nasceu a *escola do Elogio-mutuo,* acusada de elemento pernicioso e deletério que consagrava as mediocridades, ao passo que se mostrava intolerante e cruel para com aqueles que aspiravam a novas formas tanto na arte, como na política, tanto no romance, como na filosofia. Em 1865 apareceu o *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas e incluida nêle (pag. 183-423), sob o título *Critica literaria,* uma carta ao editor António Maria Pereira, firmada por Castilho. Foi esta carta o ponto de partida da célebre polémica designada por *Questão coimbrã* iniciada pelo folheto de Antero do Quental *Bom senso e bom gosto,* designação por que também é conhecida a irritante questão, a respeito da

qual se publicaram dezenas e dezenas de panfletos [1] e que provocou até um duelo entre Antero e o sr. Ramalho Ortigão, que na *Litteratura d'hoje* magoara Antero e a pleiada de Coimbra.

Castilho estava evidentemente divorciado da geração que se preparava para substituir as formas ultra-romanticas, « que aspirava a uma nova direcção, a orientar-se, nas correntes do espirito da época », e ao escrever a sua *Critica litteraria* alvejava sobretudo o sr. Th. Braga que um ano antes, em 1864, havia publicado a *Visão dos tempos* e as *Tempestades sonoras*. Antero do Quental logo no ano imediato publicou as *Odes modernas* e a respeito dum e doutro escrevia Castilho « pelas alturas em que vôam confesso humilde e envergonhado que muito pouco enxergo nem atino por onde vão, nem assento o que será deles afinal ».

Eram rebeldes e inoclastas, « falavam de Goethe e Hegel, como os velhos falavam de Chateaubriand e de Cousin, de Michelet e de Proudhon, como os outros de Guizot e Bastiat, citavam nomes barbaros e sciências desconhecidas, Glottica, Philologia », etc. [2].

200. — Novas tendências poéticas. Mas a tempestade desfez-se e alguma cousa ficou. Das figuras que nesse movimento entraram eleva-se sobranceiramente pela acção decisiva sobre a geração contemporânea — Antero do Quental, um poéta que qualquer nação invejaria. A escola de Coimbra teve o mérito de dar o rebate e acordar toda a geração que se lhe seguiu. Desta revolta contra o velho Castilho, o « árcade póstumo » como então se dizia, ou melhor contra o século e a escola que

---

[1] Vid. a enumeração no *Dic. Bibl.*, VIII, 404-408; e no sr. Th. Braga, *As mod. ideias na litt. portug.*, II, 179 e seg.

[2] Antero do Quental, *Carta auto-biographica ao Dr. W. Storck de 24 de maio de 1887.*

ele simbolizava, derivou toda a renovação contemporânea: o naturalismo na poesia de Cesario Verde, no romance de Eça de Queiroz, na história de Oliveira Martins.

A poesia liberta-se de fórmulas, é independente, insubmissa, « individual ». Popular com Simões Dias, patriótica com Tomás Ribeiro, filosófica com Antero do Quental, simples e amorável com João de Deus, revestindo em cada qual sua feição própria — no que está o seu valôr — aspira a ser cada vez mais perfeita.

Esse cuidado da fórma fez enveredar a poesia para o *Parnasianismo* que havia de, por sua vez, vir a produzir, como sucedeu em França, o *simbolismo.*

Ao lado da impecabilidade da fórma, que em França tivera o seu primeiro cultor em Leconte de Lisle (1820-1894) feria-se a nota *pessimista* com A. de Vigny (1797-1863) e com Musset (1810-1857). Essas correntes encontraram éco em Portugal como passamos a vêr.

201. — JOSÉ SIMÕES DIAS (1844-1899) da aldeia Benfeita, no concelho de Arganil, começou muito cedo a manifestar o seu talento poético, tendo fundado em Coímbra com Emidio Navarro e o dr. Lopes Praça o jornal *Academia,* com Theophilo Braga a *Crisalida* e colaborando com João Penha no jornal dêste — a *Folha,* e em outras revistas e publicaçõis académicas. Concluida a formatura em 1868 consagrou-se ao ensino secundário em Elvas, Viseu e Lisboa tendo escrito com esse destino alguns trabalhos didascálicos. Os seus versos sairam coleccionados com o título *Peninsulares,* abrangendo quatro partes: *Elegias, Canções, Odes* e *Poemas* [1]. Simões Dias caracterizou-se a si próprio com inteira verdade escrevendo que quís fugir ás peias do convencionalismo

[1] 5.ª ed., com um estudo crítico-biográfico pelo visconde de Sanches de Frias, Lisboa, 1899, 1 vol.. Este mesmo escritor dedicou ao saudoso poéta a maior parte do seu livro *Memorias litterarias, apreciações e criticas,* Lisboa, 1907.

romântico e retemperar-se nas agoas lustraes da inspiração pupular, a unica verdadeiramente humana e sincera, e que as suas obras poeticas sam na sua maior parte versos amorosos e elegiacos, de caracter subjectivo, como aliás os faziam os menestreis do tempo e hão de fazê-los sempre os poetas meridionaes, enquanto durar o bom sol da Peninsula, que tam generosamente os ilumina e aquece [1]. De facto, a sua musa foi genuinamente popular, simples e espontanea, andando alguns dos seus versos na tradição, como se fôssem nascidos da mesma alma do povo. A 3 de março de 1899, com 55 anos Simões Dias exalava, pobremente, entre um pequeno circulo de amigos, o último suspiro.

202. — JOÃO DE DEUS [2] (1830-1896) é um lirico inimitável e o mais espontaneo e genial burilador da poesia portuguêsa. Nunca ninguem teve a arte de dizer cousas mais belas em frases tam simples. Esta beleza e esta simplicidade casavam-se numa harmonia tam intima, que tudo que saia da sua penna trazia o cunho do génio. E' percorrer as páginas do *Campo de Flores* e ver que tesouro se não encerra nessa colecção completa das suas poesias! João de Deus nasceu em S. Bartolomeu de Messines a 8 de março de 1830. Terminou o curso de direito na Universidade de Coimbra em 1859, mas só em 1862 abandonou a cidade, deixando já um nome glorioso aureolado pelas composições que logo revelaram o poeta lírico simples e espontaneo que havia de ser toda a sua vida. São dêsse tempo a elegia *Rachel*, a *Noite de Amores*, o *Adeus* e o poemeto *A Vida*, que principia com o extraordinário soneto:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava
. . . .

[1] Na Advertência da 4.ª ed.
[2] *Echo sc. e litt.*, n.os 2 e 3 de 1902, art. de Th. Braga.

Das suas poesias foram muitas publicadas em periódicos, hoje recordados apenas por terem o grande nome de João de Deus nalguns dos seus números; outras apareceram avulsas, várias andavam por mãos de amigos num descuido completo do grande joalheiro, que lapidava tam belas e raras preciosidades. Deve-se a Theophilo Braga a ed. dos versos e das prosas de João de Deus, aquela com o título *Campo de Flores* [1] (1896), esta com o de *Prosas* [2] (1898). Mas a alma que concebeu tam belos cânticos imaginou também o mais simples e intuitivo método de leitura de que uma nação se póde orgulhar. A *Cartilha Maternal*, declarada nas côrtes de 1898 método de leitura nacional, continha esse mavioso *himno do amor* que as crianças na sua melopêa infantil cantam:

Andava um dia
Em pequenino
Nos arredores
De Nazareth
Em companhia
De São José
O bom Jesus
O Deus-Menino.
....

A mocidade das escolas festejou-o numa grande apoteose a 8 de março de 1895, que muito comoveu a alma do grande e ilustre poéta [3]. Menos dum ano depois, a 11 de janeiro de 1896, falecia ele em Lisboa, deixando as letras pátrias em luto pela sua perda irreparavel.

---

[1] *Campo de Flores, poesias lyricas completas coordenadas sob as vistas do auctor*, por Th. Braga, 2.ª ed. *ne varietur*. Lisboa, 1896.

[2] *Prosas, narrativas singelas, cartas, prologos, criticas, cartas sobre o methodo de leitura, cartas intimas, atravez da imprensa, traducções*, coordenadas por Th. Braga. Lisboa, 1898.

[3] Vid. *O Festival de João de Deus. 8-III-1895... com um escorço biographico por Th. Braga.* Lisboa, 1906, 1 vol.

Donde vem a grandeza de João de Deus? Da sua naturalidade: nada de esotérico, nem de artificial, nem de patológico em nenhuma das suas composições.

Alma simples, ingénua e bondosa, deu-nos sómente reflexos dela: versos simples, duma limpidez de cristal, fazendo-se amar pela sua mesma candura e espontaneidade.

Chamou-se-lhe o poéta do amor; o asserto é justo, que o fogo que aqueceu e inspirou a alma de Camões, Bernardim Ribeiro, Cristovam Falcão e outros é o mesmo que aquece e ilumina os versos do autôr do *Campo de Flores* — « Campo de estrelas, jardim sideral, lírio de luz inocente, a que mil milhões de anos não roubarão uma pétala », escreveu Guerra Junqueiro.

203. — ANTHERO TARQUINIO DO QUENTAL (1842-1891) é outro poderoso génio da nossa literatura, mas de feição diversa da de João de Deus. É preciso conhecer-se a psicologia mórbida de Anthero, as suas preocupações filosóficas, os seus estados de alma atormentados de dúvidas, de desesperos e de apatia, que o conduziram à noite fatal de 11 de setembro de 1891, para bem compreender as suas poesias, onde o pensamento filosófico mais abstracto soube, pelo dom do talento, encontrar uma fórma sublime e inspirada.

Anthero publicou diferentes opúsculos como a *Defeza da Carta evangelica de SS. Pio IX contra a chamada opinião liberal* (1864), que era um protesto violento contra as folhas que atacavam o *Syllabus* em nome da liberdade, pretendendo ao mesmo tempo permanecer fieis católicas; a *Carta ao Marquez de Avila e Bolama sobre a portaria que mandou fechar as Conferencias do Casino Lisbonense* (1871) [1], violenta sátira que fez baquear o

[1] « As conferencias democraticas que evidentemente excitaram as iras publicas e officiaes foram as duas do sr. Anthero do Quental,

ministério Avila-Bolama. A seguir publicou as *Causas de decadencia dos povos peninsulares nos seculos XVII e XVIII* e as *Considerações sobre a philosophia da historia Litteraria Portuguêsa*, que ele próprio dizia ser o seu melhor trabalho em prosa, « prosa não de convenção, arremedando o estilo dos séculos XVI e XVII, mas duma prosa que tem o tipo na lingoa viva e falada hoje, analítica já nos movimentos da frase, e na lingoagem aínda e sempre portuguesa. »

Anthero entrou na *Questão coimbrã* com os opusculos *Bom senso e bom gosto, carta ao ex.mo sr. A. F. de Castilho*, e *Dignidade das lettras e litteraturas officiaes*.

Mas as suas obras principais sam as *Odes modernas* (1865) e os *Sonetos* (1890).

Espírito eminentemente filosófico se tivesse nascido, escreveo Bulhão Pato, duzentos ou trezentos anos atrás seria um cenobita, talvêz retirado nas agruras da montanha, elevando os seus himnos a Deus, em éxtasis misticos! (*Memórias*, I, 297). O que apressou a hora trágica do suicídio foi, muito mais que as dôres físicas, a dôr moral, o desconforto que dos homens e dos factos se infiltrou na sua forte alma de crente. Tinha a fé dum romântico, o entusiasmo pelos ideaes que haviam sentido os poétas e os políticos de 1830. Tenho passado a vida, escrevia ele próprio, a professar teoricamente uma imparcialidade estoica e a desmenti-la constantemente nos meus sentimentos. E assim era. Foi porque muito soube *sentir* que ele muito sofreu. Anthero como escri-

---

escreve o sr. A. Coelho, a minha sobre o ensino e a anunciada do sr. Salomão Saraga sobre os *Historiadores criticos de Jesus* ... » *A Portaria de 26 de junho prohibindo as Conferencias democraticas, carta publica ao Marquez d'Avila e Bolama, ministro do Reino por F. Adolpho Coelho*, Lisboa, 1871, 1 folh, pg. 10. Os docs. desta interessante questão foram publicados no *Diario do Governo* de 14 de agosto de 1871. Entre eles figura o parecer do Procurador da Coroa, que era Martens Ferrão, homem de grande saber e de grande honradez.

tor é simplesmente admiravel. Pensamento e fórma, elevação, grandeza, sublimidade de idéas sam vasadas numa lingoagem de que ele conhecia os segredos, e que é duma concisão e beleza verdadeiramente esculturaes [1].

204. — CESARIO VERDE (1855-1886) malogrado poéta, sincero, verdadeiro e original, perfeitissimo na sua arte de apanhar em flagrante a realidade, de descrever do *natural*, sem resaibos doentios nem formas contorcidas, os pequenos quadros da sociedade, que passavam pelo prisma do seu espirito delicadissimo de artista.

« Evocar o seu nome, escreveu Silva Pinto, é um tributo a algumas sinceridades que nos dominios da nossa poesia vêem nele o inspirador e o guia na interpretação poética da Natureza universal e da Dôr humana ». [2] As composições poéticas, que nos deixou a sua forte inspiração, destinguem-se por um grande espirito de verdade e de naturalidade e foram coleccionadas e publicadas por Silva Pinto no *Livro de Cesario Verde* (1873-1883, 1 vol., 1901). Essas cem paginas do *Livro* valem muitos volumes e representam uma obra genial.

205. — ANTONIO NOBRE (1867-1900). Dentre os poétas da geração nova, alguns dos quaes tam brilhante-

[1] Sobre Anthero vid. os curiosissimos estudos reunidos na publicação *Anthero do Quental — In memoriam*, Porto, 1896; e a ed. dos *Sonetos* por Oliveira Martins, 1890; Bulhão Pato, *Memorias, scenas da infancia e homens de lettras*, já cit., vol. 1.º, pg. 295. N'*A Revista, mensario de sciencias e lettras*, do Porto (2.º anno, 1904) foram publicadas muitas cartas suas interessantes como docs. literários e bibliográficos. É também indispensavel ler *Archivo dos Açores*, vol. XII, pg. 160 e segs., e a *Carta Autobiographica* inserta entre outros logares, a pg. 267-276 do vol. de Leite de Vasconcelos, *O Doutor Storck*, já cit., A. Sergio, *Notas sobre os sonetos e as tendencias gerais da philosophia de A. do Q.*, Lisboa, 1909; F. de Figueiredo, *A. do Q., a sua psycologia, a sua filosofia, a sua arte*, Lisboa, 1909.

[2] *Noites de Vigilia*, n.º 2, pg. 53.

mente se têem afirmado, déstaca pela sua poderosa e exquisita originalidade outro malogrado poéta que a tuberculose roubou, aos 33 anos, no dia 18 de março de 1900, quando ainda ele próprio, numa fementida esperança, se preparava para nos dar mais ampla e robusta obra. A morte, porêm, não o poupou, infelizmente para nós, mas não para a sua memória, que tem a perpetuá-la esse volume de preciosos versos denominado *Só*. A vida de Antonio Nobre passou-se numa boémia despreocupada, fóra do lar a que ele aspirava voltar mais do que para morrer — para trabalhar, para viver a sua vida de espírito, no meio da paz, com os amigos e com os versos. Tendo principiado por se matricular na Faculdade de Direito, breve abandonou este curso para seguir em Paris o de sciencias políticas que completou em 1895.

A comoção produzida pelo seu livro foi enorme. O *Só* impôs-se, desde que foi publicado, pela sua alta inspiração, doçura e maviosidade rítmica e um não sei quê de bondade, que era um reflexo da alma do poéta. E nada mais deixou de completo e acabado. Postumamente foi publicado o volume *Despedidas* (1 vol., 1902), de que faz parte o poéma *Desejado*, infelizmente incompleto. Anunciou-se tambêm outro volume com o titulo *Primeiros versos* [1].

206. — **GUILHERME DE AZEVEDO** (1846- + 6 de abril 1882) deixou tres vols. de poësias a conquistar-lhe a admiração e estima de todos os cultores das belas letras *Apparições*, *Radiações da noite* e sobretudo, *Alma Nova*. Espírito scintilante fundou com Raphael Bordalo Pinheiro o *Antonio Maria* (1873) e foi o cronista do *Occidente* (1878), cargos que só abandonou para ir para Paris como correspondente da *Gazeta de Noticias* do Rio de

[1] Vide o seu retrato, o autógrafo e muitos docs. in *A Aguia*, I (1911) n.º 10, Porto.

Janeiro. Escreveu para o teatro, onde não foi feliz, *Rosalino* e *Viagem á roda da Parvonia* em que entrou a colaboração de Guerra Junqueiro e que lançou a público com o pseudónimo de « Comendador Gil Vaz ».

207. — GONÇALVES CRESPO (1846- ✝ 11 de junho 1883), de familia portuguesa, nascido no Brasil, poêta de requintada sensibilidade e do mais delicado espírito, enriqueceu a literatura portuguêsa com dous padrões de incontestavel mérito: as *Miniaturas* (1870) e os *Nocturnos* (1882) [1]. De colaboração com sua esposa, a distinta escritora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho escreveu os *Contos para nossos filhos*. G. Crespo formou-se em direito na Univ. de Coimbra e foi redactor do *Jornal do Comercio*.

208. — ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO (1842-1889), poéta, crítico e polemista insigne, que terçou armas com Camilo Castelo Branco por causa do romance *Euzebio Macario*. Primeiramente romântico como o provam os mais belos versos do vol. *Alvoradas* (1865), evolutiu para o realismo e nessa fase atacou Camilo que ele acusou de querer *lançar o ridiculo sobre a escola realista* [2]. Na pleiada dos poétas do seu tempo... tinha merecidamente logar de honra pela largueza dos traços, pelo colorido das tintas, pela feição muitas vezes irónica e discretamente naturalista com que floreava o pincel sobre telas que ainda hoje sam formosas [3].

---

[1] *Obras Completas* precedidas duma advertencia por J. de Sousa Monteiro e *Prefacios* do sr. Teixeira de Queiroz e de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol., Lisboa, 1897; vid. também Candido de Figueiredo, *Figuras literarias*, Lisboa. 1906, pag. 55.

[2] *Combates e Criticas*, 2.ª ed., 1907; Sr. Alberto Pimentel, *Vinte annos de vida literaria*, já cit., 175.

[3] Sr. Candido de Figueiredo, *Figuras literarias*, Lisboa, 1907, pg. 152.

209. — **CONDE DE MONSARAZ,** (Antonio de Macedo Papança) (1852-1913) — poéta lírico consagrado pela opinião pública desde que em 1880, por ocasião das festas comemorativas do tricentenário de Camões recitou na *Sala dos Capelos* da Univ. de Coimbra as formosas estrofes do seu poemeto *Catarina de Ataíde.* Quente ainda a sua memória não podem estas linhas ser mais do que um simplissimo registo do delicado artista, que punha tam grande cuidado e uma arte tam requintada em burilar os seus versos, sempre harmoniosos e inspirados. No vol. *Obras* (Lisboa, 1895) andam reunidos o poemeto aludido e mais *O Grande Marquês* e *A lenda do jesuitismo,* que antes formavam o vol. *Telas Históricas* e haviam sido escritas por ocasião do centenário do Marquês de Pombal em 1882. O vol. último que publicou tem o título de *Musa Alemtejana* (Lisboa, 1908) e é todo sugerido pela região a que ele se orgulhava de pertencer. Alguns quadros como *As Mondadeiras,* que roproduzimos na *Antologia,* sonetos, como a *Calma,* os *Bois,* etc. só podiam saír da penna dum verdadeiro artista.

210. — **OUTROS POETAS.** Ao lado dos que citamos avultam os nomes dalguns Poetas, a quem uma prematura morte não deixou que a sua memória se vinculasse a uma larga e profunda demonstração do seu talento como era justo esperar. Estão neste caso **GUILHERME BRAGA** (1845-1874) imortalizado pelo seu vol. de deliciosas líricas *Heras e violetas;* **ANTONIO FOGAÇA** (✝ 1888) falecido no seu 3.º ano jurídico e que publicou um ano antes de morrer os *Versos da Mocidade,* reeditado em 1903. **EDUARDO COIMBRA** (1867-1884) autôr dos *Dispersos,* livro de líricas de fina composição e de inspiração sentida e apaixonada. **HAMILTON DE ARAUJO** (1868-1888) cujas *Canções dum Bohémio* invocam em nimbo de profunda saudade o seu nome de inspirado poéta. **ALFREDO SER-**

RANO (✝ 1904) que, àlêm do vol. em prosa *Horas de prosa*, publicou um de poesias *Manhã dourada*, ambos os quais a crítica acolheu benevolamente. E' mais vasta a obra de **EDUARDO AUGUSTO VIDAL**, de quem temos *Folhas soltas*, *Canto do estro*, *Crepúsculos* e a de **AUGUSTO LUSO DA SILVA** (✝ 1902) [1] autôr do vol. *Odes*, da *Colecção de poesias*, mas nem um nem outro iguala qualquer dos que antes deles citamos.

O nome de **FERNANDO LEAL** (1846-1910) em quem a India, donde era natural (Margão) perdeu um dos seus filhos mais ilustres não pode ficar esquecido. Ha traduções que ele fez da lingoa francesa para a nossa que só por si bastam para fundamentar a sua reputação. Notável de espontaneidade e de colorido é também o seu *Livro da Fé*, (Nova Gôa, 1906).

POESIA DRAMÁTICA

Embora não escrevessem todas as suas obras em verso e embora também cultivassem outros géneros podemos aqui mencionar aqueles dos nossos autôres que nos últimos tempos se tornaram insignes na fórma dramática. Os principaes sam:

211. — **FRANCISCO PALHA** (1826-1890) poéta de feição humorística e satírica como se revelou na *Fabia, tragedia heroi-comica em tres actos* e mais tarde se acentuou no *Andador das almas* e em *A morte do Catimbáo*. Palha foi durante 24 anos empresário do teatro da Trindade e comissário do governo junto do Normal e nestes cargos prestou ótimos serviços à arte dramática e seus

---

[1] Retrato e notas biogr. no *Occid*, 1902, pg. 112.

cultores, já pela nacionalização de muitas novidades estrangeiras, já pela sua influência e acção dentro do nosso próprio meio nacional.

212. — FERNANDO CALDEIRA (1841-1894) é um delicádo dramaturgo de fórma requintadamente artistica. A sua primeira comédia *O sapatinho de setim* valeu-lhe, desde que foi conhecida, verdadeira consagração. Veio depois a *Mantilha de renda* e as *Nadadoras*, ambas em verso, em dois actos, finissimas de contextura e de perfumada graça. O mesmo filigranista se revela no seu vol. de versos *Madrugada* [1].

213. — JOAQUIM ALVES CRESPO (✝ 1907) foi um escritor destinto, apaixonado cultor da fórma, que o vol. de versos *Escola* bastaria para consagrar. Enriqueceu a literatura dramática com a comédia *Jogo de Cartas,* com a trad. do drama de André Theuriet *João Maria* e a comédia de F. Copée *Le passant.* Ha tambêm dele o elogio do Prof. Manoel Bento de Sousa.

214. — D. JOÃO DA CAMARA (1852-1908). O nome dêste escritor ficará perduravelmente ligado á sua obra dramática notabilissima.

Os dramas históricos *Afonso VI, Alcacer Qebir,* os dramas de psicologia social *O pantano, A toutinegra real, Rosa Engeitada, Amor de perdição,* as comédias *Os velhos, A triste viuvinha, Meia noute* demonstram o seu grande talento previlegiado, essencialmente artistico. Numerosas outras peças teatrais, originais e traduzidas, algumas tambêm escritas de colaboração com outros autores, dam a medida do que valia este primoroso escritor, um dos

---

[1] O n.º de 29 de dez. 1907 de a *Soberania do Povo,* jornal de Agueda, traz o retrato do Poéta e é-lhe inteiramente consagrado.

que melhor soube honrar a nossa literatura teatral [1]. Era uma alma *crente* e cheia de bondade.

215. — SOUSA MONTEIRO (José Maria) [1846-1909] natural da cidade da Praia, da ilha de Santiago, arquipélago de Cabo Verde, intransigente purista e admirador dos clássicos, poéta, jornalista e dramaturgo. Um dos seus últimos trabalhos para o teatro foi o *Auto dos Esquecidos* escrito para as festas do Centenário da Índia.

Para o teatro adaptou o *Falstaf*, e traduziu o *Pato bravo* de Ibsen. Como sócio da Academia das Sciencias tomou parte em numerosos trabalhos dessa corporação, elaborando relatórios, pareceres, etc. e pronunciando discursos, dos quais se tornou célebre o recitado na sessão solene comemorativa do Centenário de Cervantes em 1905.

O romance histórico *Os amores de Julia* é uma reconstituição da vida romana no tempo de Tibério, onde a cultura documental se casa harmonicamente com as esigencias da arte e da imaginação [2].

Postumamente saiu o drama lírico em verso *D. Pedro* [3] com prefácio de António Candido.

216. — MIXIMILIANO EUGENIO DE AZEVEDO (1850-1911) foi distinto autôr dramático, sendo numerosos os seus trabalhos, quer originais, quer traduçõis, sobresaíndo como dos de maior valor o drama *Inés de Castro* representado pela primeira vez em 1894. Escreveu

---

1 Enumeração bibl. em *Occid.*, onde ele escreveu durante doze anos a *Chronica Occidental*, no n.º de 10 jan. 1908.

Escritor fecundo no género dramático foi *José Ignácio de Araujo* (1827-1907) autor de *A princesa de Arrentela*, trag. burlesca; no mesmo gôsto *O Principe Escarlate*. A maior parte da sua obra ficou ou inédita ou dispersa pelos jornais e revistas. Era essencialmente um poéta popular.

2 Biogr. e retrato no *Occidente*, n.º de 20 de outubro de 1909.

3 Lisboa, 1913.

também um livro de contos *Em campanha e no quartel* de narrativas militares.

217. — **RANGEL DE LIMA** (Francisco) (1839-1909) jornalista, cuja obra ficou, como a de tantos outros dispersa e esquecida em breve, e dramaturgo, género em que deixou algumas produções como a *Pedra de escandalo, Condessa de Freixial, Visão redentora*, etc., representados nos melhores palcos portugueses com agrado e até com entusiasmo.

Era apaixonado por assuntos de arte, sendo o fundador da *Sociedade promotora de Belas-Artes de Portugal* e das revistas *Artes e Letras* e depois da *Arte,* em que deixou numerosos artigos.

218. — **ANTONIO DE SOUSA BASTOS** (1844-1911) autor de comédias, dramas, mágicas, revistas do ano, quer originais, quer traduzidas, que aspiravam a ser não obras de gôsto literário, mas trabalhos de ocasião. Sousa Bastos foi empresário teatral, conhecendo, portanto, perfeitamente a vida dos palcos, a que consagrou a *Carteira do Artista,* o *Dicionario do Teatro* e numerosos artigos no *Diario de Noticias.*

PROSA

Sumário: 219. A História e sciencias auxiliares. Causas do desenvolvimento. — **220.** Cunha Rivara. — **221.** Visconde de Santarem. **222.** Rebelo da Silva. — **223.** Latino Coelho. — **224.** Pinheiro Chagas. — **225.** Oliveira Martins. — **226.** Judice Bicker. — **227.** Soriano. — **228.** Martins de Carvalho. — **229.** Luciano Cordeiro. **230.** Lino de Assunção. — **231.** Chaby. — **232.** Viterbo. — **233.** Loureiro.

219. — **História e Sciencias auxiliares.** A literatura histórica no séc. XIX foi honrada por homens de

insigne valor. O movimento iniciado no séc. XVII por Fr. António Brandão e no imediato continuado por Caetano do Amaral, Santa Rosa Viterbo, Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro, veio ter a sua corôa em Herculano, mestre e modelo que os historiadores do futuro muito ganharão em lêr e meditar. Investigações seguras, apreciações rigorosas e bem deduzidas, estilo grave, majestoso e severo sam qualidades que o exornam e fornecem boa lição aos estudiosos. As *sciencias auxiliares da historia* como a arqueologia, a história literária, etc. tiveram também cultores no presente século continuando um movimento, que vai juntando incansavelmente e sem desânimo muitos materiais colhidos nos arquivos e bibliotecas do País, e que agora tem, vivos felizmente, muitos e apaixonados representantes.

220. — CUNHA RIVARA (Joaquim Heliodoro da) (1809-1879) o notavel bibliotecário da Biblioteca de Évora, que ele organizou e dirigiu [1] proficientemente, organizando igualmente o rico Arquivo municipal [2], no meio dum trabalho indefeso, pacientissimo, de longos anos, (1838-1853), o insigne secretário do Governo geral da India Portuguesa, que com tanto denodo e brilho defendeu o glorioso padroado da India, hoje perdido [3], foi um erudito investigador, um pesquizador de factos e sucessos a que deu sempre relevo pela sua sinceridade e pelo amor da verdade, como se vê nos documentos publicados no *Archivo Portugues Oriental* (1853-1866) e no *Chronista de Tissuary* (1866-1869). Bons 20 anos de paciencia inesgotavel nos arquivos da India lembraram-no a Sá da Bandeira quando ministro da marinha em 1858 para continuador

[1] *Catalogo dos Mss*... I, 1850 (Innoc., IV, 83), continuado por Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos (Id., XII, 13).

[2] *5 vols. dos Mss.* existentes no Arquivo da Camara Municipal de Évora.

[3] Relação desses trabalhos em Inoc., XII, 60.

das *Decadas* de Barros e Couto, tarefa de que não chegou a desempenhar-se.

Em 1877 regressou à patria, fixando residencia em Évora, onde faleceu quando se ocupava de dous interessantes assuntos — *Bocage na India* e *Camões na India,* que nunca chegaram a imprimir-se. Saber, consciencia, sinceridade, trabalho; tais os caracteristicos de Rivara [1].

221. — O VISCONDE DE SANTAREM [2] (1791-1856) foi um investigador notavel como o provou com diferentes trabalhos, entre os quais avultam: o *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo...* (vols. 1 a 8 e 14 e 15), a *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguêses na costa de Africa occidental...* (1 vol.) e muitos outros, alguns em francês, todos reveladores da sua vasta erudição e do seu constante e aturado estudo. Nos dous vols. *Opusculos e Esparsos* (Lisboa, 1910) reeditaram-se vários trabalhos seus espalhados por Boletins e Revistas scientificas, hoje de dificil consulta. Conquanto sejam pequena parcela, diz o erudito prefaciador dêsses vols., do muito que produziu aquele assombroso espirito de investigador e critico... constituem um padrão glorioso das prodigiosas faculdades do afanoso labor, da criteriosa

---

[1] Innoc., *Dicc.,* IV, mas sobretudo XII, onde vem bibliografia extensa.

[2] Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita Leitão e Carvalhosa. Cfr. Innoc., *Dicc. Bibl.,* V, 435 e XVI, 217; P. Chagas, *Dicc. Pop.,* XI, 150; *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa,* 21.ª serie, 357 e seg., e *Id.,* 23.ª serie, 1 e seg., onde começaram a ser publicadas muitas cartas suas, que abrangem o periodo de maior actividade scientifica do seu autor. Ed. aparte: *Algumas Cartas ineditas do V. de S. com uma introd. e notas por Vicente Almeida d'Eça,* Lisboa, 1906, 1 vol.; A Baião, Visconde de Santarem como guarda Môr da Torre do Tombo, Coimbra, 1909, 1 folha; Sr. Jordão de Freitas, *Onde nasceu o 2.º Visconde de Santarem?* Lisboa, 1913; Ferreira da Fonseca, *Visconde de Santarem, apontamentos para a sua biografia,* Lisboa, 1907.

inteligencia, da inexgotável erudição, do saber profundo, do atilado discernimento e do alto patriotismo daquele que as escreveu e lhes deu publicidade [1].

222. — **LUÍS AUGUSTO REBELLO DA SILVA** (1822-1871), um dos discípulos mais notaveis do romantismo. Os primeiros trabalhos dignos de menção, que escreveu foi o *Ráusso por Homizio*, romance histórico do reinado de D. Sancho 2.º [2], e o *Odio velho não cansa*, fundado numa tradição do século XIII. Seguem-se o delicioso conto, que descreve um episódio do reinado de D. José I, *Ultima corrida de touros em Salvaterra*, e a *Mocidade de D. João V*, que é de 1852. No ano imediato saiu *Lagrimas e Thesouros* referente ao reinado de D. Maria I, em que as qualidades históricas sobrelevam as novelisticas, e o seu trabalho capital como historiador — a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, 5 vols., escritos entre 1860 a 1871. A sua lingoagem era correctissima e as qualidades do estilo brilhantissimas como se póde vêr, àlêm dos livros citados, nos *Fastos da Igreja*, onde descreve o primeiro século do cristianismo. Nos *Varões illustres das tres epocas constitucionaes* a concisão e a elegância casam-se numa perfeita harmonia com os dados históricos dos seus biografados. Continuou o *Quadro Elementar* do Visconde de Santarem [3].

---

[1] Sr. Jordão de Freitas, no *Prologo*, ao 1.º dos vols., p. VIII.

[2] Saiu na *Rev. Universal*, de 1842-43.

[3] Consultar para a sua biogr.: Andrade Ferreira, *Litt., Musica, etc.*, já cit., pg. 43 e segs.; Teixeira de Vasconcelos, *Cartas de Paris*, vol. 2.º, pg. 568; A. X. Rodrigues Cordeiro, *Almanach de Lembranças para 1874*; Bulhão Pato, *Sob os cyprestes*; *Serões*, n.º de abril de 1907, sobre a parte iconografica; o 1.º vol. das *Obras completas* insere o excurso biogr. do brilhante escritor. Foi um grande serviço essa edição dirigida modestamente pelo grande admirador de Rebelo da Silva, que já havia dirigido as igualmente edições completas de Castilho (e com que amor!) e de Garrett.

223. — **JOSÉ MARIA LATINO COELHO** (1825-1891), foi um político doutrinário, escritor de grande erudição, exímio professor, historiador primoroso e clássico duma vernaculidade impecavel. As brilhantes qualidades da sua lingoagem revelam-se nos numerosos trabalhos a que vinculou o seu nome. Entre eles selectaremos: — *A historia politica e militar de Portugal desde os fins do seculo XVIII até 1814* [1]; e os estudos considerados como modelos:

— *Luís de Camões,* 1 vol., 1880 e *Vasco da Gama,* 2 vols., 1884.

Latino Coelho traduziu do grego a belíssima *Oração da Coróa,* de Demóstenes [2] e do alemão o *Gladiador de Ravenna.* Como sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa compôs e publicou diversos estudos biográficos sobre o Cardeal Saraiva, Rodrigo da Fonseca Magalhães e outros portuguêses ilustres [3], andando dispersa por jornais e revistas grande parte da sua actividade literária. Dispersa e quase ignorada!

224. — **MANUEL PINHEIRO CHAGAS** (1842-1895), escritor de notáveis e fecundas aptidões literárias, deixou biografias, romances, folhetins, dramas, poesias, história, etc. Político notabilissimo, orador insigne, jornalista, a sua prodigiosa actividade parecia não ter limites. As suas obras mais estimadas sam em verso o *Poema da mocidade* [4] (1864); no género dramático: *A Judia, A morga-*

---

[1] 3 vols. 1874.

[2] *A Oração..., versão do original grego precedida dum estudo sobre a civilisação da Grecia,* 1879, 1 vol.

[3] Vid. Inoc., *Dic. Bibl.,* v, 37 e XIII, 97. Elogio académico por Sousa Monteiro, na *Hist. e Mem. da Acad. das Sc. de Lisboa,* VIII, pag. I, (1900) pag. 1-21.

[4] A pg. 183 e seg. insere a carta de Castilho — *Critica Litteraria* — dirigida ao editor da obra A. M. Pereira, e que deu origem à *Questão de Coimbra,* como já dissemos.

dinha de Val-flôr, O drama do povo, a *Rôca de Hercules;* no género histórico a *Historia de Portugal* [1], *Historia alegre de Portugal* [2], *Portuguêses illustres;* no romance *A flôr secca, O juramento da Duqueza, As duas flores de sangue, A mantilha de Beatriz, Tristezas á beira mar*, etc. Pinheiro Chagas colaborou em inumeráveis jornais, dirigiu o *Dicionário Popular* em 16 volumes [3] e fez numerosas traduções. A *Morgadinha de Valflôr* representada em 1869 no meio de vibrantes aplausos consagrou-o como um dominador das plateias. Entre as flores dum canteiro na Avenida da Liberdade, em Lisboa, foi erigido em 1908 um busto dêste escritor, que foi um protótipo de honestidade, trabalho e bondade. Mas ha outra homenagem a erguer-lhe e é a publicação integral das suas obras, que serão sempre uma lição para todos os que amam a lingoa portuguesa que, poucos, como ele, escreveram com tanto brilho, talento e maleabilidade.

225. — JOAQUIM PEDRO DE OLIVEIRA MARTINS (1845-1894), publicista ilustre, natural de Lisboa, onde nasceu aos 30 de abril de 1845 e prematuramente falecido na maior pujança do talento em 1894. Começou aos 14 anos a carreira comercial, indo aos 24 administrar as minas de Santa Eufêmia em Espanha e conservando-se aí até 1874. Neste ano veio para Portugal, onde permaneceu até à morte, que foi uma verdadeira

---

[1] Teve na 1.ª ed. 8 tomos e saíu na 2.ª com 12. Saio ha pouco uma 3.ª ed.

[2] 3.ª ed. 1891.

[3] Vid. sobre a bio-bibliografia de Pinheiro Chagas — Inoc., *Dicc. Bibl.*, XVI, 288; *Occidente*, vol. XVIII, n.º de 15-abril-1895.

O seu elogio hist. na Acad. R. das Sc. de Lisboa foi feito pelo sr. H. Lopes de Mendonça no dia 8 de maio de 1904. Vid. ainda sr. Brito Aranha, *Factos e Homens do meu tempo*, III, 109 e seg.

perda nacional, tanto havia ainda a esperar das suas fecundas qualidades intelectuaes.

Oliveira Martins iniciou a sua carreira literária aos 19 anos com a publicação do romance histórico *Phebus Moniz,* que obteve êxito medíocre para quem, como ele, se havia de revelar um dos mais lúcidos escritores na história, na literatura e em diversos trabalhos de ordem económica e filosófico-religiosa. Dentre os trabalhos históricos mencionaremos a *Historia da Civilisação Iberica* (3.ª ed. 1886, 1 vol.), *Historia de Portugal* (4.ª ed., 1888, 1 vol.) e *Portugal Contemporaneo* (2.ª ed., 1893, 1 vol.). Neste género os seus últimos trabalhos foram *A vida de Nun'Alvares* (1894, 1 vol.), os *Filhos de D. João I* (1891, 1 vol.) e o *Principe Perfeito* (1896, 1 vol.) que deixou incompleto. Todas estas obras se prendem, como os títulos indicam, à história do país, mas Oliveira Martins escreveu trabalhos de história geral, sendo primacial aquele que ele mesmo designava como o « coração das suas obras » — a *Historia da Republica Romana* (2 voll., 1885), deixando mais *As raças humanas e a civilisação primitiva* (2 voll., 2.ª ed., 1893), *O Hellenismo e a civilisação christã* (1878, 1 vol.), *Quadro das instituições primitivas* (2.ª ed., 1893, 1 vol.) etc. Sam de caracter económico: *O Regimen das riquezas* (2.ª ed., 1894, 1 vol.), o opúsculo *Reorganisação do Banco Commercial, Politica e Economia nacional* (1 vol.) e a memória apresentada à Acad. Real das Sciencias de Lisboa, *A circulação fiduciaria,* etc.

Oliveira Martins tinha um poder de análise e de descrição verdadeiramente assombrosos. A sua lingoagem é encantadora, adquirindo o estilo das suas obras, principalmente as históricas e as quase puramente literárias, como *A Inglaterra de hoje* (2.ª ed., 1894, 1 vol.) escrita sob a forma epistolar, e as *Cartas Peninsulares* (1895, 1 vol.) todos os tons e todas as intensidades. Mas considerado rigorosamente sob o aspecto scientifico é indubitavel que

nele o artista sobreleva o investigador, e o estilista excede e chega a fazer esquecer o frio dissecador e analista dos factos historicos [1].

226. — JULIO FIRMINO JUDICE BIKER (✝ 1899), laborioso escritor que tendo sido encarregado de continuar a *Collecção de tratados, convenções, etc.*, do visconde de Borges de Castro deixou o *Supplemento á collecção de tratados, convenções, contractos e actos publicos celebrados entre a coroa de Portugal e as mais potencias desde 1640* (I a XXII do *Supplemento* ou IX a XXX da *Collecção*); *Collecção de tratados e concertos de pazes que o Estado da India Portugueza fez com os reis e senhores com quem teve relações nas partes da Asia e Africa Oriental desde o principio da conquista até ao fim do seculo XVIII* (14 voll.), trabalhos estes de penosas e curiosíssimas investigações. Deixou mais: *Documentos ineditos para subsidio á historia ecclesiastica de Portugal*, catorze documentos relativos aos reinados de D. João V, D. José I, D. João VI e regência de D. Pedro, e a *Collecção dos negocios de Roma no reinado de D. José I*, etc.

227. — SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO (1802-1891) deixou várias obras históricas, podendo citar-se como melhor a que intitulou *Historia do cerco do Porto* (2 voll.). No vol. *Revelações da minha vida e memorias de alguns factos e homens meus contemporaneos* (1 vol., 1860) ha notícias interessantes que se prendem mais ou menos com a história geral do país, como as notas sobre Coimbra e a Universidade (pg. 68 a 297), a descrição

---

[1] Vid. Anthero de Quental — *Oliveira Martins, o critico litterario, o economista, o historiador, o publicista, o politico*, Lisboa, 1894, 1 folh.; *Serões*, n.º 27, setembro de 1907, art. do sr. J. L. d'Avila acompanhado de 7 ilustrações, 1 vinheta e 1 autógrafo, pg. 167; Leite de Vasconcelos, *O doutor Storck*, pg. 248.

geográfica dos Açores (470 a 508), etc. Publicou mais a *Historia da guerra civil* (19 voll.), e a *Vida do Marquez de Sá da Bandeira*. Soriano foi um benemérito, deixando um rasto luminoso da sua memória, entre outros factos, no legado de 12:000$000 réis à Misericordia de Coimbra para subsídio de tres alunos pobres nas aulas desta cidade.

228. — **JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO** (1822-1898) benemérito filho de Coimbra, cujos interesses intemeratamente advogou durante toda a sua operosa vida jornalística principiada com o *Observador* (1847) e continuada no *Conimbricense* (1854) até à sua morte, sucedida a 18 de outubro de 1898. Nas páginas do seu jornal ficou dispersa uma numerosa aluvião de notícias de alto interesse para a história geral e particular do nosso país. O mesmo interesse se liga aos seus volumes *Apontamentos para a historia contemporanea* e *Os assassinos da Beira* [1].

229. — **LUCIANO CORDEIRO** (1844-1900) jornalista, crítico e autôr de numerosos trabalhos sobre viajens, questões economicas, coloniaes, históricas, etc. Fundador da Sociedade de Geografia, ao engrandecimento e prosperidade da qual consagrou todos os seus alentos, pela sua rasgada iniciativa, pela sua actividade incansavel, pela honestidade do seu viver, postos desinteressadamente ao serviço da causa pública, impôs-se como um modelo de sacrifício e de corajosa abnegação, em que ha muito a louvar e imitar.

Dentre as suas numerosas obras mencionaremos como principaes: *Livro de Critica, Arte e Litteratura Portuguêsa de hoje, 1868-1869; Segundo livro de Critica; Viagens: Hespanha e França; Viagens: França, Baviera, Austria-Italia; Soror Mariana, a freira portuguêsa, etc.*

---

[1] Vid. F. A. Martins de Carvalho, *Algumas horas na minha Livraria*, Coimbra, 1910, pg. 1-12.

Luciano Cordeiro morreu a 24 de dezembro de 1900 com 55 anos de edade [1].

230. — LINO DE ASSUMPÇÃO (+ 1902) escritor infatigavel, cuja actividade ficou assinalada em bastantes voll. de investigação histórica. Falecido a 1 de nov. de 1902, deixou: *Frades e Freiras* (croniquetas monásticas), *As Freiras de Lorvão*, as *Monjas de Semide*, *As ultimas freiras*, *Historias de frades*, apreciáveis como elementos da vida conventual em Portugal e que ele pôde conhecer muito bem como Director, que foi, das Bibliotecas e Arquivos do reino, obrigado por isso a folhear todos os documentos dos conventos, à medida que estes iam sendo extintos. Tem mais: *Narrativas do Brazil* (1876-1880); *Mil e seiscentas legoas pelo Atlantico; O Catholicismo (Da costa ao sertão); Fim de seculo (historias do meu tempo); As festas d'outr'ora, Matheus de Magalhães; Em Hespanha (Arte e paysagem); Miscellanea; Diccionario dos termos de architectura; Historia dos jesuitas,* e *Martyres (paraphrase d'uma lenda christã)*, que é o seu último livro. Para o teatro escreveu: *Eva*, drama em 4 actos: *Os Lazaros*, drama em 5 actos; *A Patria na officina*, comédia em 1 acto; a *Gramatica*, id. em 1 acto; *Maldita campanha*, id., id., *Dormir acordado*, id., id., *Monsenhor*, que é o seu último drama. Escrevia ainda no *Dia* e na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro.

231. — CLAUDIO BERNARDO PEREIRA DE CHABY (1818-1905) — notavel escritor militar, cuja vida de austeridade e de trabalho foi um exemplo e um alto ensinamento. Dentre os seus trabalhos literários e scientíficos destacaremos: *Excerptos historicos e collecção de documentos relativos á guerra denominada da Peninsula* (1863);

[1] Veja-se a sua biogr. muito documentada no *Novo Almanack de Lembranças* para 1904.

Apontamentos para a historia da legião portuguesa ao serviço de Napoleão I (1863); *Apontamentos biographicos de sua majestade imperial o senhor D. Pedro IV* (1864); *Maguas e flores* (poesias, 1855); *Só Deus,* poem·to (1856); *Do Porto a Lisboa,* versão do espanhol anotada pelo tradutor (1856).

232. — SOUSA VITERBO (Francisco Marques de) (1846-1910) é um dos mais honestos, mais incansaveis e mais valiosos trabalhadores da moderna literatura histórica portuguesa.

As numerosas monografias por ele publicadas versando os mais variados assuntos têem todas o cunho da consciencia e da probidade. Iniciando a sua carreira literária pelo livro de versos *O anjo do pudor* (1869) breve se orientou para os trabalhos históricos, o último dos quais foi *D. Leonor de Portugal, Imperatriz da Alemanha* (1910).

As dezenas e dezenas dêsses trabalhos eram sempre acompanhados da parte documental parecendo impossivel que um só homem, de mais no último período da vida cego, podesse ter reunido tam vasta documentação para dela tirar as devidas conclusõis. Deixemos arquivados aqui os nomes dalgumas das suas principais obras — *Diccionario hist. e documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores portugueses...; Noticia sobre pintores portugueses ou que exerceram a sua arte em Portugal; Trabalhos nauticos dos Portugueses nos secs. XVI e XVII; A armaria em Portugal;* estudos sobre *Sá de Miranda, Caminha, Damião de Goes, Fr. Luis de Sousa, Duarte Galvão;* numerosas memórias sobre *Artes* e *Artistas em Portugal,* etc., etc.

A lista das suas obras pode ver-se quase completa na *Enciclopedia Portuguesa,* vol. XI. Por ocasião da sua morte todos os jornais e revistas publicaram artigos encomiásticos da vida e obras do prestimoso cidadão, devendo citar-se entre todos o *Diario de Noticias,* de que

ele fôra constante e devotado colaborador. Parte dessa obra jornalistica foi postumamente reunida no vol. *Cem artigos de jornal.*

233. — **ADOLFO FERREIRA LOUREIRO** (1836-1911) engenheiro distintissimo, de que são prova os trabalhos técnicos que deixou e aqui não é logar de nomeiar, pelos seus estudos e investigações históricas é uma figura importante da vida literária contemporânea. Àlêm do livro de poesias *Espinhos e Amores* (1889) escreveu para o centenário da Índia os dois volumes *No Oriente* e *De Napoles à China.*

Adolfo Loureiro foi dos bibliófilos mais apaixonados que temos tido, deixando uma livraria riquissima de assuntos militares, e em determinados pontos inegualável, como em tudo que se referia à Guerra Peninsular, etc.

SCIENCIAS AUXILIARES DA HISTORIA

Sumário: 234. A Arqueologia, etc. — 235. Pinho Leal. — 236. Felipe Simões. — 237. Vilhena Barbosa. — 238. J. A. Vieira. 239. Estacio da Veiga. — 240. Martins Sarmento. — 241. Aragão. 242. Zeferino Brandão. — 243. Consiglieri Pedroso. — 244. Gabriel Pereira. — 245. Outros autores...

234. — **Arqueologia, Numismática, Heráldica, etc.** Durante o séc. XIX foram muitos os escritores, que dedicaram pacientes e aturadas investigações a estes interes-

[1] O elogio histórico de Sousa Viterbo foi lido na *Ass. dos Arqueologos Portug* pelo Dr. Alfredo da Cunha em sessão solene de 31 de dez. de 1911, e novamente pelo mesmo distinto poéta e escritor na sessão solene do Ateneu Comercial do Porto em 29 de dezembro de 1913.

Vid. também o *Instituto,* vol. de 1911; *Occid.* n.º de 20 de janeiro de 1911, e o discurso do Dr. Pedro de Azevedo na sessão da Academia de 9 de fev. 1911, in *Bol. de Seg. Cl.,* IV, (1911), pg. 244-251.

santes estudos, que em tam alto apreço sam tidos hoje em todos os países.

235. — AUGUSTO SOARES DE AZEVEDO BARBOSA DE PINHO LEAL (1816-1884), é o autôr do *Portugal Antigo e Moderno*, vasto repositório de informações topográficas e históricas àcêrca das povoações e monumentos do nosso país. Trabalhou nessa obra quarenta anos, deixando-a aínda incompleta. Copiosos fôram os dados recolhidos quer da tradição oral, quer da leitura de velhos livros e códices espalhados pelas bibliotecas públicas e particulares do reino. Nêsse monumento erguido à custa de tantos sacrifícios nem tudo, sem dúvida, está a coberto da crítica, mas nem por isso ele fica menos como um padrão a conferir ao seu autôr o título dum verdadeiro benemérito.

236. — DR. AUGUSTO FELIPPE SIMÕES (1835-1884) professor da Faculdade de Medicina na Univ., deixou importantes trabalhos sobre sciências médicas, sendo o mais importante o vol. *Educação Physica* [1]. A *Introducção á archeologia da peninsula iberica* [2]; as *Reliquias da Architectura romano-bysantina em Portugal* [3], a *Exposição retrospectiva da arte ornamental portug. e espanh. em Lisboa* [4], sam seguramente os seus estudos mais completos e perfeitos no campo da arqueologia e das belas-letras [5].

237. — IGNACIO DE VILHENA BARBOSA (1811-1890) foi o fundador e principal redactor do *Universo Pittoresco*, revista em que durante seis anos aparecêram trabalhos seus sobre arqueologia pátria, reveladores da sua larga

---

[1] 1.ª ed., Coimbra, 1872; 2.ª e 3.ª, *ibid.*, 1874 e 1879.
[2] Lisboa, 1878.
[3] *Ibid.*, 1870.
[4] *Ibid.*, 1882.
[5] Cfr. para a sua biogr. A. F. Barata e G. Pereira, *Estemma de perpetuas na campa do dr. A. F. Simões*, Lisboa, 1884.

orientação, que depois se afirmou brilhantemente na colaboração em diferentes revistas como o *Panorama* (segunda série), *Archivo Pittoresco, Artes e Lettras, Occidente,* etc., e sobretudo nos tres vols. *As cidades e villas da monarchia portuguêsa que têem brazão d'armas.*

238. — JOSÉ AUGUSTO VIEIRA (1856-1890), de Valença do Minho, médico pela escola do Porto, vitimado aos 34 anos por uma tísica galopante, escritor que será sempre dignamente lembrado pelo delicioso livro *Minho Pittoresco,* fotografia da ridente província do norte, onde numa magia de estilo encantadora se desenrolam a paisagem, os monumentos, as tradições, a lenda, numa palavra, a vida da natureza e a da história apanhada em flagrante pelo inteligente e perspicaz observador que ele era. Ao lado do *Minho Pittoresco* figuram do mesmo autôr o livro de contos *Phototypias do Minho* e o romance *A Divorciada.*

239. — SEBASTIÃO FILIPPE MARTINS ESTACIO DA VEIGA, de Tavira (6 maio 1828-✝ 7 dezembro 1891) depois dalguns ensaios em poesia e drama especializou-se nos trabalhos arqueólogicos alcançando grande celebridade. Aqui mencionaremos como interessando mais os trabalhos literários sómente o seu *Romanceiro do Algarve* (Lisboa, 1870), devidido em duas partes: *romances* e *lendas christãs,* e acompanhado de eruditas explicações [1].

240. — F. MARTINS SARMENTO (1833-1899) arqueólogo destintíssimo, cujos trabalhos o colocam na primeira plana dos sábios da especialidade. Nas excavações da Citânia de Briteiros (1874) e nas de Sabroso (1877) feitas com um método e rigor verdadeiramente scientíficos empregou grande parte da sua actividade fecunda.

[1] Vid. *Rev. Lusit.,* II, 353-355 onde vem uma notícia succinta escrita por Gabriel Pereira.

À *Sociedade Martins Sarmento* criada em Guimarães, sua terra natal (1882), deixou toda a sua Biblioteca e todos os seus manuscritos [1].

241. — AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA DE ARAGÃO (1823-1903) — numismata ilustre, autôr da *Descrição historica das moedas romanas existentes no museu numismatico de... D. Luiz I* (8.°, 640 pgs., Lisboa, 1870). A sua obra capital — *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal,* em tres grandes vols. publicados em 1874, 1877 e 1880 é clássica no assunto. Sam de somenos valor a monografia *D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira* (8.°, 46 pgs., Lisboa, 1871) e *Diabruras, santidades e prophecias* (8.°, 150 pgs., Lisboa, 1894 [2]).

242. — ZEFERINO BRANDÃO (1842-1910) ligou o seu nome a alguns escritos que merecem citar-se.

Àparte o seu vol. de versos *Paginas intimas* deixou ficar os *Monumentos e lendas de Santarem,* sem dúvida o seu trabalho de maior fôlego, e ainda o *Batizado de D. Afonso VI, Pero da Covilhã,* escrito por ocasião do *Centenario da India* e constituindo um episódio romântico do sec. XV, e a obra de investigação histórica *Belgica,* sobre as relações dêsse país com Portugal.

243. — ZÓFIMO CONSIGLIERI PEDROSO (+ 1910), o ilustre director e professor do antigo Curso Superior de Letras, e presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, a que imprimiu grande desenvolvimento, conferencista terso e erudito, é autor de várias obras como *As grandes epocas da Historia, Tradições populares portuguesas, Contribuições para um Cancioneiro e romanceiro popular*

---

1 *Portugalia,* I, 421, biogr., bibliogr. e retrato.
2 *Portugalia,* I, 863, notícia com retrato.

portugues; e outros estudos de mitologia e folquelóre, Trabalhador infatigavel, caracter grave e independente. Consiglieri Pedroso que era muito conhecido, entre outras qualidades de cultura geral, pela perfeição com que escrevia e falava várias lingoas, fica na nossa história literária como exemplo e guia digno de ser imitado.

244. — **GABRIEL VICTOR DO MONTE PEREIRA** (1847-1911), profundo conhecedor de tudo quanto se relacionava com a história e a arqueologia do país, como quem se acostumara a lidar nas bibliotecas e arquivos com os documentos autênticos e originais, que são a verdadeira base de toda a elaboração histórica.

Onde estivesse um ponto obscuro, delicado, ás vezes indecifravel, acudia Gabriel Pereira com a sua lucidez e deixava o problema aclarado numa monografia curta, rápida, sem aparato, como ele, modesta e simples. Os seus *Estudos Eborenses* são uma prova do que afirmamos. Foram incalculáveis os serviços que prestou á Bibl. Nacionál, de que foi nomeado Inspector-mór [1].

245. — **Outros cultores da Arqueologia e estudos afins.** — Por não podermos dar maior desenvolvimento não queremos comtudo deixar de citar aqui os nomes de muitos e indefesos trabalhadores a quem a história deve uteis e importantíssimos subsídios. Citemos: **BORGES DE FIGUEIREDO** († 1890) o fundador e director da *Revista Archeologica;* **JOAQUIM MARIA PEREIRA BOTTO** (1851-1907) o fundador do *Museu Archeologico Lapidar Infante D. Henrique,* de Faro, a que inteiramente se consagrou descrevendo-lhe os principais exemplares no seu vol. *Glossario...;* **ALBANO BELLINO** († 1907) que deixou tres vols. sobre *Inscripções e letreiros de Braga* e um outro

[1] Vid. Sr. Brito Aranha, *Gabriel Pereira, notas biogr.* (separ. do Bol. da 2.ª Cl. da Acad. das Sc. de Lisboa) 1913.

de *Archeologia christã*. Muitas são as achegas reunidas pelo pesquizador de antigualhas **ANTÓNIO FRANCISCO BARATA** (1836-1910), autôr de numerosos estudos de bibliografia, história, arqueologia, àlêm de poesias e romances, constituindo tudo uma longa lista, que dá bem a medida da sua energia de trabalho e da sua luta contra a adversidade e pobresa. *Um duelo nas sombras*, *O ultimo Cartucho*, *A Monja de Cister*, etc. sam romances históricos. A *Memoria sobre a fundação da Sé*, o *Catalogo do Museu Arqueologico*, *Evora antiga*, fornecem elementos apreciaveis para o conhecimento da cidade onde Barata viveu por largos anos e prestou bons serviços, como Director que foi por muito tempo da sua Bibl. Publica.

Aos estudos de folque-lore, lendas, usos e costumes populares prestaram bons serviços **MANOEL DIAS NUNES** (✝ 1907) o fundador da *Tradição* (5 vols. e parte do 6.º) e **ANTONIO THOMÁS PIRES** (✝ 1913). **SANCHES DE BAENA** (Visconde de) [1822-1909] primou nos trabalhos genealógicos, sendo o *Arquivo Heraldico* a sua obra capital.

HISTÓRIA LITERÁRIA

Sumário: 246. Os historiógrafos da Literatura. — 247. Innocencio da Silva. — 248. II. P. Lopes de Mendonça. — 249. Juromenha. 250. António J. Viale. — 251. Santos Valente. — 252. Vasconcelos Abreu. — 253. J. Silvestre Ribeiro. — 254. J. Gomes Monteiro. — 255. Silva Pinto. — 256. Diferentes géneros. — 257. Outros autôres. — 258. Autôres contemporâneos.

246. — **Os historiógrafos da Literatura.** Aos progressos da história e dos géneros afins, que já mencionamos, ligam-se intimamente os de história literária, de crítica, filologia e em certo modo até os romances históricos e outros trabalhos de exposição geral e bastante difusa para se poderem concretizar em fórmulas sintéticas

e concisas. Mencionaremos neste logar aqueles dos nossos autôres que deixaram maior sulco da sua passagem.

247. — INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA (1810-1876), o infatigavel e pacientissimo bibliógrafo português, que escreveu o *Diccionario bibliographico*, agora tam brilhantemente continuado pelo Sr. Brito Aranha [1], e as *Memorias para a vida intima de José Agostinho do Macedo* (1 vol., 1901) publicadas, com ampliações e correcções, pelo diligente cuidado de Theophilo Braga. Aquele trabalho de Inocêncio é hoje um auxiliar absolutamente indispensavel na província de estudos a que é consagrado, e isto basta para fazer o seu elogio.

248. — ANTONIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA (1826-1865), autôr da monografia *Damião de Goes e a Inquisição* e de apreciações literárias sobre Bocage, Garrett, etc., espalhadas nas *Memorias de Literatura Contemporanea*. O primeiro destes trabalhos teve o mérito de chamar a atenção sobre o grande cronista de D. Manoel e, não obstante o assunto ter sido posteriormente e por mais duma vez tratado e discutido, a memória de Lopes de Mendonça não é para ser posta de parte.

249. — VISCONDE DE JUROMENHA, João António de Lemos Pereira de Lacerda, (1807-1887), autôr da *Cintra pinturesca*, que saiu a 1.ª vez anónima em 1838. O seu principal trabalho está ligado à clássica ed. das *Obras de Luis de Camões* em 6 vols. Auxiliou muito o conde de Rackzinski no livro *Les Arts en Portugal* e no *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, fornecendo elementos e indagações que corrigiram e ampliaram os

[1] Desde 1878 em que foi encarregado de dirigir esta publicação o sr. Brito Aranha já imprimio muitos vols. com grande número de estampas, fac-similes e documentos.

estudos sobre o assunto feitos por Cirilo Volckmar Machado e João da Cunha Taborda [1].

250. — ANTONIO JOSÉ VIALE (1806) um dos professores mais destintos das lingoas grega e latina que temos tido. A sua *Miscelanea hellenico-literaria* é prova cabal da sua educação clássica. As *Tentativas dantescas,* enriquecidas com uma carta notavel de D. Pedro V, de quem Viale fôra mestre, sam um modêlo de tradução. Numerosos opúsculos mostram o erúdito sempre ponderado, consciencioso e seguro que foi esta nobre figura do Portugal intelectual [2].

251. — ANTONIO LOPES DOS SANTOS VALENTE (1896) foi poéta e humanista, filólogo e crítico. Ao mesmo tempo que se entregava à elaboração fadigosa do *Diccionario Contemporaneo da lingua portuguesa,* que Caldas Aulete deixara apenas em esboço, ia vertendo para latim e grego belissimas composições portuguesas. Os seus versos latinos sairam no vol. *Carmina.* Quando estudante na Universidade, publicou o poema *Ermelinda,* e em 1861, tambêm em Coimbra, foi publicado o vol. *Primicias,* encerrando poesias líricas latinas e portuguesas. Santos Valente redigiu a *Revista popular de conhecimentos uteis* e dirigiu a edição dos *Lusiadas* manuscritos.

252. — GUILHERME AUGUSTO DE VASCONCELLOS ABREU (1842-1906), de Coimbra, foi, àlêm dum sábio orientalista, professor emérito de lingoa e literatura sânscrita, sobre que deixou trabalhos importantíssimos,

[1] Vid. Sr. Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo, memorias de um jornalista.* I, Lisboa, 1907, pg. 23 e seg.; Leite de Vasconcelos, *O doutor Storck,* pg. 246.

[2] Inoc., *Dic.,* I, 181-182 e VIII, 219-220; A. A. da Fonseca Pinto, *Parnazo Mariano,* 215.

um cultôr da lingoa portuguesa, notavel pela sobriedade, vigor e propriedade com que a escreveu, aliando grandes predicados de imaginação e de gôsto literário a uma formosa erudição. Citaremos aqui apenas os *Fragmentos de uma tentativa de estudo scoliastico da Epopeia portugueza* e os *Passos dos Lusiadas esboçados á luz da mythologia e do orientalismo,* dedicados à obra imortal de Camões, e *Os contos, apologos e fabulas da Índia, influência indirecta no Auto da Mofina Mendes de Gil Vicente,* curioso estudo sobre o fundador do nosso teatro. Vasconcelos Abreu faleceu em Lisboa no dia 1 de fevereiro de 1906 consagrando-lhe a maioria dos jornais, com bastante superficialidade, palavras de elogio e de louvor.

253. — JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO (1807-1891), individualidade política e literária de grandes méritos e serviços feitos ao país. Entre os seus trabalhos literários destaca-se como o de maior importância a sua *Historia dos estabelecimentos scientificos, literarios e artisticos de Portugal, nos successivos reinados da monarchia,* de preciosas informações laboriosamente colhidas e agrupadas nos 16 volumes de que consta a obra. A esta há a acrescentar: *Resoluções do Conselho de Estado* (18 vols.), *O que ha sido feito e o que ha a fazer em materia de beneficencia; Estudos sobre os Lusiadas,* etc. José Silvestre Ribeiro foi o fundador em Lisboa da benéfica, humanitária e civilizadora *Sociedade Protectora dos Animais* [1].

254. — JOSÉ GOMES MONTEIRO (1807-1879), do Porto, tendo encontrado numa excursão pela Alemanha, na biblioteca da Universidade de Götingen, a 1.ª edição dos autos de Gil Vicente, deu, com o auxílio de Barreto

[1] Tem estátua na vila da Praia da Vitória, em comemoração dos serviços ali prestados. Para a sua biogr. vêr *Occid.*, vol. XIV, pgs. 66, 76, 87 e 110 e vol. XXX, pg. 284.

Feio, a conhecida edição das *Obras* do famoso comediógrafo em dous volumes. Para defender Castilho acusado de ter adulterado o *Fausto* de Goethe, de que Monteiro fôra o editor, escreveu *Os criticos do Fausto,* modêlo de erudição e serenidade crítica. Na célebre edição dos *Lusiadas* empreendida pela casa Biel, do Porto, há uma introdução da sua penna que é egualmente um modêlo de saber e estudo. Gomes Monteiro deixou muitas obras inéditas que é para sentir venham com o tempo a perder-se. Ele concorreu imensamente para o triunfo das idéas românticas em Portugal com a sua edição de Gil Vicente [1].

255. — SILVA PINTO (Manuel José da) (1848-1911) jornalista, crítico de temperamento insubmisso e independente, dotado de singular vigor de estilo, de espírito cáustico e mordaz, que lhe criaram fama nas numerosas polémicas que sustentou, duma linguagem vernácula, pura, camiliana, inconfundível. Desde 1870 por diante publicou numerosos e vários trabalhos, como *Do realismo na arte, Combates e criticas, Novos combates e criticas, Terceiro livro de combates e criticas, Filosofia de João Braz, A queimar cartuchos, De Palanque, Noites de vigilia, Em ferias, Frente a frente, Para o fim, Na procela,* etc., etc. Apezar da fecundidade de trabalho, Silva Pinto, que disposera na sua mocidade de largos meios, veio a falecer quase na penúria, chegando ainda alguns jornais a abrir uma subscrição poucos dias antes da sua morte!

256. — Diferentes gêneros literários. HENRIQUE O'NEILL (Visconde de Santa Mónica) (+ 1889) descendente duma família nobre de Irlanda, por muitos anos chefe da segunda repartição da direcção central (estatística) da secretaria de justiça e preceptor do monarca

[1] Sr. Alberto Pimentel, *Vinte annos de vida literaria,* cit. pg. 35.

D. Carlos e de seu irmão D. Afonso, espírito dotado duma grande ilustração e dum espírito muito brilhante. O *Fabulario* (2.ª ed., 1888) composto em parte de fábulas originais, em parte de traduções ou imitações de fábulas antigas e modernas, « não é uma série de contos pueris e frívolos... mas um todo harmónico e útil... com a maior cópia de idéas sãs e práticas, destinadas a concorrer para a educação da mocidade e a servir de memento às outras edades mais avançadas ». Os grandes modelos de O'Neill no seu *Fabulário* foram La Fontaine e Lessing [1]. **ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO** (1830-1893) revisor literário da Imprensa da Universidade, sócio efectivo do Instituto de Coimbra a cujo jornal *O Instituto* prestou relevantes serviços, encontrando-se disseminados por ele muitos artigos seus de bastante valor. O estilo de Fonseca Pinto era duma grande pureza, muito escolhido e clássico, como se convencerá quem percorrer a *Flôr de Marmore, Carta Familiar,* as *Cartas selectas* e as curiosas notas bio-bibliográficas publicadas (pg. 203 a 394) no vol. *Parnaso Mariano.* Por ocasião do tricentenário de Camões escreveu àcêrca do episódio de *Inês de Castro, sob o ponto literário, nas suas variadas manifestações,* algumas páginas que constituem um formosíssimo trecho de literatura hodierna. **D. ANTONIO DA COSTA DE SOUSA DE MACEDO** (1824) foi entre nós o indefesso propagador da instrução popular, sendo ministro de instrução pública quando esse ministério foi decretado em 22 de junho de 1870. Durante os sessenta e nove dias que durou esse ministério, D. António da Costa promulgou o decreto da liberdade do ensino superior, o da reforma da instrução primária, o das bibliotecas populares, o das escolas normaes, o da reorganização do teatro normal, etc.

---

[1] Tem também um vol. de versos — *In memoriam* — que saiu sem nome de autór. Vid. Sr. Candido Figueiredo, *Figuras literarias,* pg. 301.

Deixou livros muito apreciados pela correcção e elegância da lingoagem como os *Tres mundos, Historia da instrucção popular em Portugal, O christianismo e o Progresso*, etc. **TEIXEIRA BASTOS**, trabalhador ilustre e honesto falecido em Lisboa a 24 de maio de 1901, com quarenta e cinco anos, quando portanto muito havia ainda a esperar da sua infatigavel actividade. Entre outras obras Teixeira Bastos escreveu *Sciencia e Philosophia* (1 vol.); *Comte e o positivismo* (1 vol.); *Principios de philosophia positiva*, (1 vol.); *Theophilo Braga e a sua Obra* (2 vols.); *A Crise*, estudo económico (1 vol.). Em verso escreveu os *Rumomores vulcanicos* e deixou o interessante vol. sobre literatura contemporânea brasileira, *Estudos criticos sobre os poetas do Brasil*. **VISCONDE DE BENALCANFOR** (✝ 1889) mais conhecido pelo título, do que pelo seu nome — Ricardo Augusto Pereira Guimarães, prosador elegante e correctíssimo de quem mencionaremos como notáveis pelo brilho e colorido das descrições os vols. *Impressões de viagem: Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres* (Porto, 1869, 1 vol.); *De Lisboa ao Cairo, scenas de viagens; Leituras de verão*, etc. Traduziu o *D. Quixote de Cervantes* (2 vols., Lisboa). **VISCONDE DE SEABRA** (Antonio Luís de Seabra) (1798-1895) foi ao mesmo tempo que um grande jurisconsulto, e nisto está o seu principal título de glória, pois a êle, e em grande parte, se deve a redacção do *Codigo Civil* e os trabalhos que o implantaram e fizeram vingar em Portugal, um culto escritôr de esmerada fórma. Soldado das idéas liberais, emigrado em 1828, ao serviço delas pôs a sua espada, a sua penna e a sua palavra. No parlamento combateu ao lado de José Estevão, Garrett, Passos Manuel, etc.; na Academia colaborou com A. Herculano, com quem travou polémica a propósito do *Casamento Civil*, com Castilho, Mendes Leal e outros; e no silêncio e tranquili-

[1] Biogr. e retrato no *Occid.*, de 1 de dezembro de 1889.

dade do seu gabinete de estudo entreteve-se em traduzir para castiça e apurada lingoagem os melodiosos versos de Ovidio [1]. DR. JOAQUIM AUGUSTO SIMÕES DE CARVALHO (1822-1902) espirito ilustradíssimo, homem de sciência, cultor das belas-artes, professor exímio, orador sóbrio e culto, taes as qualidades que assinalam á imortalidade esta nobre e simpática figura de magistério universitário do século XIX. As suas *Lições de Philosophia Chimica* que sam o seu primeiro livro aparecido em 1855 revelam ao lado do sábio o mesmo apaixonado literato que redigiu para comemorar o centenário da Universidade a *Memoria hist. da Faculdade de Philosophia* [2]. CONDE DE FICALHO (1837-1903) [3], de Lisboa, foi durante muitos anos professor de botânica na Escola Politécnica da capital, tendo sucedido a Andrade Corvo na regência dessa cadeira, que muito enobreceu pela sua sólida e profunda erudição. Os seus comentários a Garcia da Orta nos *Coloquios dos Simples e Drogas da India* (Lisboa, 1891, 2 vols.), se não sam impecáveis sob o ponto de vista filológico, dão idéa do seu vasto saber e da sua culta e variada instrução. O mesmo atesta a sua monografia *Flora dos Lusiadas* (Lisboa, 1 vol.) publicada por ocasião do tricentenário de Luís de Camões, bem como o trabalho histórico *Viagens de Pero da Covilhan* (Lisboa, 1 vol.). Na *Tradição*, jornal que se publicou em Serpa, deixou os seus últimos escritos com êste título: *Serpa sob o dominio dos Sarracenos* e *Influencias mosarabes na lingoagem dos pastores alentejanos*. A Sociedade de Geografia de Lisboa, dedicou ao ilustre extinto, alta figura por igual aristocrática na fidalguia e nas letras, uma sessão solene em que foi encarregado do panegírico o Conde de Arnoso,

---

[1] Vid. o *Elogio historico do Visconde de Seabra na Associação dos Advogados de Lisboa aos 4 de dezembro de 1895* pelo socio José Dias Ferreira. Imprensa Nacional, 1896, 8.º gr. de 47 pg.

[2] *Occid.*, 1902, pg. 138, retrato e biog.

[3] Francisco Manuel de Melo.

grande amigo do finado [1]. **MANOEL BENTO DE SOUSA** (✝ 1899) médico e operador eminente, mas simultaneamente espírito muito culto e inclinado ás belas-artes. Deixou várias poesias inéditas [2] e dous vols. em prosa, um de crítica de costumes *A Parvonia, recordações de viagem,* publicado com o pseudónimo de **Marcos Pinto**, e outro de crítica ao ensino da história em Portugal *Doutor Minerva,* cheios de fino humorismo e escritos em uma lingoagem castiça e amena. Ha aínda de Manoel Bento o seu *Discurso em homenagem ao Dr. A. Maria Barbosa* [3]. **IGNACIO FRANCISCO SILVEIRA DA MOTTA** — prosador dos mais destintos e da maior vernaculidade, como se prova pelas formosas páginas das *Horas de Repouso, Quadros da história portuguesa* e *Viagens na Galiza.* Era natural de Lisboa onde nascera a 26 de agosto de 1835 e onde tambêm faleceu a 15 de abril de 1907. A sua lingoagem era sóbria, clara e elegante, o seu estilo despretencioso e correctissimo. Nos poucos livros que deixou Silveira da Motta firmou a sua reputação literária mais e melhor que muitos que deixaram numerosos volumes [4].

257. — Outros Autores. Não deixaremos em completo esquecimento os nomes de **CANAES DE FIGUEIREDO** (✝ 1857) cujos *Estudos Biographicos,* apesar das digressões políticas e religiosas por vezes bem alheias ao fim

---

[1] *Elogio...,* Lisboa, 1903; *Occidente,* de 10 de maio de 1903; *Bol. da Segunda Cl. da Acad. R. das Sc. de Lisboa,* II, 1910, pg. 56-59.

[2] Veja a *Rev. Litt., scientif. e artist.* do *Seculo,* n.º de 9 de março de 1903, artigo de Bulhão Pato.

[3] O seu *Elogio historico* foi recitado na sessão soléne celebrada pela Associação dos Médicos Portugueses, na noite de 23 de nov. de 1899 pelo poéta e médico Alves Crespo.

[4] Vid. Sr. Candido de Figueiredo, *Figuras literarias,* Lisboa, 1906, pg. 99-102. Biogr. e retrato no *Occidente,* de 20 de abril de 1907; elogio por Sousa Monteiro *Bol. da Seg. Classe da Acad. Real das Ac. de Lisboa,* II, (1910), 325.

que se propunha, prestam bons auxilios; **FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO** (1799-1854) autor do *Primeiro Ensaio sobre a hist. lit. em Portugal* onde, no meio de lendas, ha muito que aproveitar; **JOSÉ MARIA DE ANDRADE FERREIRA** (1823-1875) que retomou o assunto de Freire de Carvalho com outro discernimento no *Curso de Lit. Portug.*, que Camilo continuou, e escreveu várias criticas literárias no vol. *Litteratura, Musica e Bellas Artes;* **ANTONIO DA SILVA TULLIO** (1817-1884) erudito literato que na *Revista Universal, Archivo Pittoresco, Semana* (com o criptónimo de *Visconde de ***)* e *Epoca (Barão de Alfenim)* usou sempre duma lingoagem pura e escolhida constituindo todos os seus escritos espalhados por aquelas revistas outras tantas lições de estilo e boa crítica; **JULIO MOREIRA** (✝ 1911) filólogo de opiniões sempre maduramente pensadas, de que sam bom testemunho os dous vols. *Estudos da lingoa portug.* (1.º 1907; 2.º póstumo, com prefácio do Dr. Leite de Vasconcelos, 1913) e ainda **ANIBAL FERNANDES TOMÁS** (1840-1912), um dos mais destintos bibliófilos e bibliógrafos que temos tido. Possuia uma riquissima livraria de espécies raras e valiosas, vendida em leilão após a sua morte! As suas *Cartas bibliographicas* (1.ª série 1876, 2.ª 1877) revelaram a sua mestria nos assuntos que versam. Que pena que tam grande competência não fôsse posta ao serviço do país, na cooperação do *Dicc. bibliográfico* ou na publicação dum trabalho como o de Brunet ou Gallardo! Modesto, simples e bom Anibal Fernandes Tomás se deixou pequena bagagem literária, viverá na memória de todos os que a ele recorriam a pedir um esclarecimento, uma nota, um documento, e que nunca saíam de junto dele sem serem largamente beneficiados [1].

---

[1] A lista das suas produções, muito raras, pois eram sempre de tiragem deminuta, está cuidadosamente registada no *Occid.*, n.ºs de 20 e 30 de abril de 1912.

258. — Autores contemporaneos. Longa é a lista dos autôres que em nossos dias firmaram trabalhos que não serão esquecidos como **ANTONIO SERPA PIMENTEL** [1], poéta e homem político autôr do interessantíssimo estudo *A. Herculano e o seu tempo;* **JOSÉ FREDERICO LARANJO** (1846-1906) incansável trabalhador, que deixou na cátedra de Direito, no parlamento e no jornalismo, provas do seu fecundo talento.

E' longa a lista dos seus livros, que póde vêr-se no « Dicc. Portugal ». Ficaram no « Instituto » arquivados vários artigos seus notáveis pelos seus primores literários. **MANOEL FERNANDES SANT'ANNA** (1864-1910) sacerdote católico de vasta e segura ilustração como se deduz dos vols.: *Materialismo em face da Sciencia,* jornalista e orador notável, morto em plena pujança de talento. Outro sacerdote, de vasta e segura erudição, mas dotado duma cultura literária mais aprimorada, foi **SENNA FREITAS** (1840-1913) cujos livros *No presbiterio e no templo, Por agoa e terra,* para não citar senão estes, ficarão como modelos da mais tersa, da mais perfeita, da mais lidima e bela lingoagem. Polemista foi-o tambêm e como o soube ser! [2]

São críticos de arte

RIBEIRO ARTUR (**Bartolomeu Sezinando**) (1851-1910) autoridade de provada competência como o demonstram os três vols. *Artes e Artistas contemporâneos,* indispensáveis a quem, de futuro, quiser elaborar a história da evolução da arte e dos artistas dos nossos dias, muitos dos quais o autôr conheceu e tratou.

---

[1] O seu elogio na *Hist. e Mem. da Acad. R. das Sc. de Lisboa,* XI, pg. II (1909).

[2] Algumas pgs. vivas como sabe escrevê-las o Visconde de Vila-Moura, em *A vida mental portuguesa.* Coimbra, 1909, pg. 99, e *Vida litt. politica,* Porto, 1911, pg. 67.

ZACHARIAS DE AÇA (Francisco... de Araujo da Costa...) (1840-1908) critico de arte dos mais conhecedores que temos tido, cuja obra neste sentido ficou dispersa por jornais e revistas. Apaixonado pelo desporto da caça escreveu o vol. de interessantes narrativas *Caçadas Portuguesas*, onde incluiu *Paisagens e figuras de campo*, a sua melhor obra pelo cuidado da fórma, que é irrepreensível. O seu último vol. é *A Lisboa moderna* (1907), onde recopilou muitas das suas criticas de contestura bastante original [1].

JORNALISMO

Sumário: 259. Desenvolvimento do jornalismo no sec. XIX. Alguns cultores — 260. A. Ennes — 261. Mariano de Carvalho. — 262. Emygdio Navarro.

259. — O jornalismo no sec. XIX. O jornal tomou no século XIX um desenvolvimento assombroso. Política, sciência, arte, questões sociaes, tudo ele invadiu, tornando-se um dos veículos mais poderosos do progresso mundial. A ele se deve a popularização da literatura pelas suas condições de modicidade de preço e de atualidade. Se nem sempre literariamente e como fôrça moral é impecavel, se inteligências que se lhe consagram dariam mais e melhor com trabalho menos rápido, menos febril, não se póde contestar a sua acção profunda e estensa no movimento de difusão das idéas literárias. Depois da implantação do regimen liberal em Portugal a imprensa jornalistica assinalou-se por grandes progressos. Por lá passou a grande maioria dos nossos escritores — desde Herculano, Castilho e Garrett até Mendes Leal, Pinheiro Chagas e tantos outros, uns aproveitando-o como arma

[1] Biogr. e retrato no *Occid.*, 1909, n.º de 20 de janeiro.

politica, outros como instrumento literário, alguns como meio de vida, outros simplesmente como mero passatempo. Mas ha a destinguir, dentre a magna caterva que pelo jornalismo passou, aqueles que a ele se consagraram tornando-se verdadeiros profissionais atingindo o seu trabalho fóros de reputação merecidíssima.

Tres ou quatro nomes registaremos. **ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO** (1806-1882) é um dos fundadores do jornalismo moderno em Portugal. Na *Revolução de Setembro,* ao lado do tribuno José Estevão e doutros, depois no *Espectro,* entregou-se a uma laboriosa vida pugnando sempre denodadamente pelas idéas de liberdade e de progresso [1]. **TEIXEIRA DE VASCONCELLOS** (1816-1878) é outro jornalista insigne, fundador da *Gazeta de Portugal* e do *Jornal da Noite.* As suas obras literárias mostram a pujança e a grande maleabilidade do seu talento [2]. **CARLOS LOBO DE AVILA** (✝ 1895), parlamentar vivo e brilhante, e fino argumentador, cujas qualidades literárias começou a revelar aínda quando estudante na *Revista de Coimbra* e melhor n'*A carteira d'um viajante.* Assinalou-se como jornalista na direcção de *O Tempo.* **URBANO DE CASTRO** (1850-1902) deixou uma obra vastissima difundida pelas páginas do *Jornal da Noite,* onde ganhou as suas esporas de oiro e pelo *Diario da Manhã, Correio da Noite* e *Tarde.* Mas em quem o jornalismo do Portugal contemporâneo encontrou os seus melhores paladinos foi

---

[1] Sr. Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo,* Lisboa, 1907. Traz o retrato e largos elementos biogr., alguns inéditos e íntimos. Os habitantes de Esposende, donde o grande jornalista era natural, levantaram-lhe em 1906 uma estátua no melhor largo da vila. Vid. *Occidente,* n.º de 10 dez. 1907. Vid. tambêm sr. Alberto Pimentel, *Vinte annos de vida literaria,* já cit., pg. 61.

[2] Elogio hist. por Teixeira de Queiroz in *Hist. e Mem. da A. R. das Sc. de Lisboa,* nova serie, 2.ª ed. xi, parte 2.ª (1909). A obra jornalistica foi em parte reunida nos 2 vols. *Cartas de Paris,* Porto, 1908, de que só se tiraram 60 exs. !

em Antonio Ennes, Emídio Navarro e Mariano de Carvalho.

260. — ANTONIO ENNES (1848-1901), de Lisboa, tem também de encarar-se como dramaturgo. Muito moço aínda obteve um êxito triunfal com as peças dramáticas *Saltimbanco* e sobretudo com os *Lazaristas,* peça de combate e de propaganda liberal, que fez voar o seu nome em sobresaltos de entusiasmo por todo o Portugal e Brasil. Vieram depois *Os Engeitados,* o *Luxo,* o *Divorcio,* a *Extrangeira* (tradução). Tendo entrado na política envolveu-se na vida jornalística, tornando-se, pela correcção dos seus artigos, sobretudo no último jornal que dirigiu o *Dia* um dos nossos primeiros jornalistas contemporâneos. Era também um polemista vigoroso e incisivo. Deve-se-lhe uma versão anotada e ampliada da *Historia Universal* de Cesar Cantu. Na revista literária que aparece em Lisboa com o titulo *Serões* foram publicadas interessantíssimas notas de viajem — *De Lisboa a Moçambique.*

261. — MARIANNO DE CARVALHO (1836-1905) professor da Escola Politécnica de Lisboa, político e financeiro de grandes recursos intelectuais. Foi no *Diario Popular* que durante quarenta anos Marianno de Carvalho ditou as suas opiniões económicas e financeiras, que abrangiam um largo plano depois metodicamente exposto no livro *Questões d'hoje* (1893), que saiu com um prefácio do jornalista Marianno Pina. Nas horas vagas, momentaneamente alheiado das pugnas quer da imprensa, quer do parlamento, traduziu algumas obras de Julio Verne. O seu estilo, apesar de irregular, era brilhante e repleto de *humorismo* e de fina graça.

262. — Com Marianno competia, sobrepujando-o literariamente EMYGDIO NAVARRO (1864-1905) estadista

e político, que deixou um profundo vinco da sua personalidade, sobretudo no *Novidades*, que fundou em 1885 e redigiu até à sua morte. A sua prosa sonora e vigorosa, era formidavel na polémica, ficando célebres alguns dos seus artigos sobre personalidades políticas ou acontecimentos de ocasião. Nos *Quatro dias na Serra da Estrella* (1884) ha páginas de descritivo, que sam modelares [1].

ELOQUÊNCIA

Sumário: 263. A eloquência sagrada: seu caracter. — 264. Malhão. 265. Motta Veiga e Rodrigues de Azevedo. — 266. Alves Matheus. 267. Alves Mendes. — 268. Francisco Patricio.

263. — A eloquência sagrada. Separemos nesta exposição as duas fórmas tam diferentes por natureza, fins e recursos que respectivamente as inspiram e de que cada qual lança mão: a eloquência sagrada e a profana na sua fórma mais literária e brilhante, a fórma parlamentar. « O orador sagrado do século XIX não deve apresentar-se no campo armado de escudo e morrião para bater adversários, que zombam desta armadura antiga, mas valer-se para defender a religião das armas, que os inimigos dela empregaram para a arruinar ». Assim pensava e escrevia Malhão, o mais notavel orador do século que findou; essas mesmas idéas tratou ele de efectivar na prática, bem como os oradores Motta Veiga e Rodrigues de Azevedo, que mencionamos a seguir. Mais modernos, Alves Matheus, Alves Mendes e Patricio sam também doutro feitio literário que muito os distancia daqueles, sobretudo Alves Mendes que, pôsto que bri-

[1] Vid. *Vinte e cinco anos nos bastidores da politica — Emygdio Navarro e as « Novidades »* por E. de Noronha, Lisboa, 1913.

lhante, está longe de poder servir de modelo no género da oratória sacra.

264. — FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO (1794-1860) notavel orador sagrado e insigne poéta, natural de Obidos, a quem os seus contemporâneos exalçáram chamando-lhe, como D. Antonio da Costa, o Lacordaire português. Conta-se que outro grande orador, José Estevão, ouvindo-o uma vez prégar, irrompera, em plena igreja, em bravos e palmas, arrebatado pela palavra dominadora de Malhão. Dos seus numerosos sermões destaca-se o que recitou nas exéquias do Conde de Barbacena (Francisco Furtado de Castro do Rio Mendonça e Faro) na igreja de S. Vicente de Fóra, em Lisboa, no dia 25 de agosto de 1854. Malhão cultivou a poesia sacra com muita felicidade, encontrando-se no escrínio que as encerra (não todas), a que pôs o título de *Lyra Christã*, muitas notáveis pela sua incontestavel beleza [1].

265. — MANUEL EDUARDO DA MOTTA VEIGA (1831-1879), doutor e lente da Faculdade de Teologia, foi um orador fluente e vigoroso. As suas *Conferencias religiosas* [2] sam conceituosas e ornadas de frase elegante e erudita. Motta Veiga escreveu, àlêm doutras obras, um *Esboço da Faculdade de Theologia* [3], que encerra preciosos materiais para a história da Universidade, em geral, e muito particularmente para a da doutissima corporação, de que foi preclaro ornamento; FRANCISCO ANTONIO RODRIGUES DE AZEVEDO (1811-1897), outro

[1] Vid. a notícia necrológica por J. M. de Andrade Ferreira, *Litteratura, Musica e Bellas-Lettras*, 1 vol., 1871, pg. 149.

[2] *Conferencias recitadas na Sé de Coimbra em os domingos de Quaresma*, Lisboa, 1874, 1 vol.

[3] *Esboço historico-litterario da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra em commemoração do centenario da reforma... 1772.* Coimbra, 1872, 1 vol.

doutor e lente da Faculdade de Teologia, professor insigne, e não menos insigne orador. A oração fúnebre recitada nas exéquias de *Filinto Elysio* merece particular referência, pois que nela, segundo as expressões de Malhão « o elogio do rei dos líricos foi feito pelo rei dos oradores portugueses »[1].

266. — JOAQUIM ALVES MATHEUS (1835-1903) natural de Santa Comba Dão, bacharelou-se em teologia na Universidade de Coimbra, onde foi estudante destinto, e notabilizou-se na tribuna sagrada deixando publicados numerosos discursos, que sam uma afirmação incontestavel dó seu grande valor literário. A lingoagem deles é vernácula e muito castiça, podendo apontar-se como verdadeiros modelos do género. Citaremos tam sómente a *Oração Congratulatoria no consorcio de SS. MM. El-Rei D. Luís e D. Maria Pia,* prégada na Sé do Porto em 1862; as oracões fúnebres de D. Pedro IV, D. Pedro V, Sá da Bandeira e de D. Luís, etc. A última vez que subiu ao púlpito foi em Braga por ocasião do Congresso Católico realizado nesta cidade em 1892, e ainda então a sua palavra fluente e insinuante, a sua argumentação brilhante e erudita, a sua dição correctissima, a sua presença levantada e augusta, fôram, não obstante a decadência que já começava de miná-lo, o ponto mais saliente e mais destinto daquela celebração religiosa.

Alves Matheus morreu no dia 29 de agosto de 1903, na sua terra natal, vitimado por uma bronquite, deixando profundas saudades a todos que ouviram a sua palavra eloquente.

---

[1] Os sermões do Doutor Rodrigues foram reunidos numa ed. de 1897: *Tributo de saudade que á Memoria do seu dedicado amigo Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, do conselho de sua Magestade..., paga o Visconde de Taveiro.*

Vid. o *Elogio historico* pelo sr. dr. L. M. da Silva Ramos in-*Annuario da Universidade de Coimbra* para o ano de 1897, pg. xxxv e seg.

267. — FRANCISCO JOSÉ PATRICIO (1850-1911). Dêste orador sam notáveis as orações por ele pronunciadas nos Jerónimos quando ali deram entrada os restos mortais de Garrett, e nas exéquias de D. Luís I, na das vitimas do incêndio do Baquet, do africanista Silva Porto, etc. Os seus primeiros ensaios literários colecionou-os ele no vol. *Telas Romanticas.* Foi tambêm colaborador de diferentes jornais do Porto, terra da sua naturalidade, especialmente do *Comercio do Porto.*

268. — ANTONIO ALVES MENDES DA SILVA RIBEIRO, nasceu em Penacova e morreu em 4 de julho de 1904. Foi bacharel formado em teologia, cónego da Sé do Porto e professor no Seminário désta cidade. A sua fama como orador sagrado firmou-se principalmente desde que em Lisboa pronunciou a oração fúnebre de A. Herculano por ocasião da trasladação dos restos mortais do ínclito historiador para os Jerónimos. Prégou depois em idênticas solenidades, comemorando o passamento de vultos insignes como Fontes Pereira de Melo e Barros Gomes. Uma das suas orações mais notáveis foi pronunciada no mosteiro da Batalha, quando ali se fez a trasladação dos ossos dos príncipes de Aviz.

Àlêm de discursos Alves Mendes publicou um livro de viajens *Italia,* que originou azeda polémica tendo sido acusado pelos seus detratores de plagiário de E. Castelar, citando-se em especial os *Recuerdos de Italia* dêste grande orador espanhol. Para se defender escreveu *Os meus plagios,* e em discussão com Mgr. Almeida Silvano sobre questões de filosofia tomista escreveu *Um quadrupedante á desfilada* e *Thomista ou tolista?,* panfletos que no género sam verdadeiramente notáveis pelo vigor do sarcasmo e da lingoagem.

Como orador sagrado Alves Mendes não o foi no rigoroso sentido do termo. Foi antes um burilador de frases e um joalheiro de lingoagem.

A ELOQUÊNCIA PARLAMENTAR

Sumário: 269. A eloquência politica e parlamentar. Vários oradores. — 270. J. Estevão. — 271. Vieira de Castro.

269. — A eloquência parlamentar. Com a conquista das idéas liberaes e a implantação do regime representativo abre-se uma época gloriosa para a eloquência parlamentar portuguêsa. A convicção ardente, que impeliu para o campo de batalha os defensores da liberdade, levou-os egualmente à tribuna onde poseram a sua palavra na defêsa dos mesmos ideais: taes fôram **MANOEL FERNANDES THOMÁS** (1771-1822) antonomasticamente designado por o « patriarca da liberdade » a quem foi erguida uma estátua pelos habitantes da Figueira da Foz, seus patrícios; **MANOEL BORGES CARNEIRO** (1774-1833) que no período anterior mencionamos como jurisconsulto; **AGOSTINHO JOSÉ FREIRE** (1780-1836), como os anteriores, patriota exímio, **FRANCISCO MANOEL TRIGOSO DE ARAGÃO MORATO** [1] e mais tarde, numa fase de combate e antagonismo dos partidos políticos, **RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES** (1789-1858) político habil, cínico e astuto, a quem os contemporâneos chamaram a « Raposa » [2]; **GARRETT** [3], **MANOEL DA SILVA PASSOS** (1801-1862), outro grande liberal, como os mencionados, verdadeiro democrata a quem devemos um

---

[1] Aragão Morato (1777-1838) é autôr de duas memórias muito estimadas — *Sobre o theatro português*, e *Sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa.*

[2] Bulhão Pato, *Memorias, homens politicos,* vol. 2.º, Lisboa, 1894, pg. 11-22.

[3] O discurso mais notavel de Garrett é o do *Porto Pireu,* proferido na Câmara dos Deputados na sessão de 1840, discutindo a resposta ao discurso da corôa. Cfr. *Obras Completas,* cit., tom. 21, pg. 67.

grande passo na refórma do ensino, todos honraram de modo notavel a tribuna do parlamento. Mas a todos sobresaiu José Estevão.

270. — JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES (1809-1862), de Aveiro, o príncipe incontestado da eloquência parlamentar portuguêsa. Nem antes nem depois dele a liberdade teve mais enérgico e devotado apóstolo. A sua palavra tinha o poder de dominar todos os auditórios. Arrojo nas imagens, grandeza nas concepções, uma fórma ampla e vasta, postas ao serviço da mais completa vocação oratória, fizeram de José Estevão um tribuno insigne, cujo nome será sempre recordado com admiração [1]. Os seus discursos principais sam sobre a questão *Charles et George* [2], pronunciado a 14 de dezembro de 1857; sobre as *Irmãs de caridade* de 9 e 10 de junho de 1861; sobre a *suspensão de garantias* de 12 de agosto de 1840; e a *resposta ao discurso da corôa* (Porto Pireu) de 6 e 13 de fevereiro de 1840 em que tomou parte Almeida Garrett.

271. — JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO (1838-1872) foi um orador de palavra quente, apaixonada e

---

[1] Vid. *Discursos Parlamentares*, colec. por J. Simões Franco, 1 vol.

[2] A *Charles et George* era uma barca francêsa apresada como negreira nas ágoas de Moçambique. O govêrno de Napoleão III mandou-a restituir dentro de 48 horas ou, dada a recusa, que o ministro se recolhesse à esquadra surta no Tejo e que as hostilidades principiassem. Não foi preciso tanto. No dia 25 de outubro de 1858 a *Charles et George* era entregue ao capitão Turville e com ela uma indemnização de 120 contos! E era ministro da marinha Sá da Bandeira! O discurso sobre a *Charles et George* vem no *Diario da Camara dos Deputados*, 1858-59, pg. 348.

Em 1909 celebrou-se o centenário natalício do grande tribuno, cumprindo destacar dos trabalhos então publicados o do Sr. Jaime de Magalhães Lima, *José Estevão*, Coimbra, 1 vol., estudo sereno, sincero e consciencioso.

vibrante. Conhecido desde os bancos da Universidade pelo seu temperamento irrequieto notavelmente desde o dia em que, em plena Sala dos Capelos, violentamente apostrofou a decisão dum júri, Vieira de Castro, conseguida a sua formatura, entrou no parlamento como deputado e alí a sua eloquência alcançou enormes triunfos. Em 1866 partiu para o Brasil, mas jogou amargamente a ambição que para lá o arrastou. O seu casamento com uma senhora brasileira deu origem ao seu enorme infortúnio. Em 1870 Vieira de Castro foi condenado a 10 anos de degredo, vindo a falecer dois anos depois em 7 de outubro de 1872. Deixou entre outras obras: *Uma pagina da Universidade*, Porto, 1858; *C. C. Branco. Noticia da sua vida e obras*, Lisboa, 1861; *Discursos parlamentares*, 1865-1866, Lisboa, 1896.

Como documento biográfico e literário tem muito valor a correspondência que Vieira de Castro trocou com C. Castello-Branco publicada sob o título de *Correspondencia entre Camillo... e Vieira de Castro* (2 voll.).

O trágico desenlace da vida de tam prometedor espírito, abruptamente acontecido aos 32 anos, chama ainda sôbre êle a piedade da história, não obstante o tempo volvido.

Vieira de Castro exerceu grande, embora efêmera, influência nos escritores seus contemporâneos. A obra sôbre Camillo foi acolhida com alvoroço e constituíu a fonte principal do gongorismo moderno, que foi depois a feição mais característica da chamada *Escola de Coimbra* [1]. Tinha a envergadura dum grande orador e sê-lo hia certamente se tivesse tempo de moderar o arrebatamento da sua palavra. Dos seus discursos os mais célebres foram aquele em que defendeu as leis de desamortização e um outro sôbre liberdade de imprensa.

---

[1] Pinheiro Chagas, *Dicc. Popular*, vol. XIII, pg. 389.

ROMANCE

Sumário: 272. O *romance* no sec. XIX : sua grande extensão. Vários autores. — 273. Julio Denís. — 274. Camillo. — 275. Eça de Queiroz. — 276. O *conto*. — 277. Paganino. — 278. J. Cesar Machado. — 279. Barros Lobo. — 280. Alberto Braga. — 281. Trindade Coelho. — 282. Conde de Arnoso. — 283. Fialho de Almeida.

272. — O Romance. Sua grande extensão. Vários autores. Esta fórma literária ocupa na história da história da literatura do sec. XIX um logar proeminente. Umas vezes aproveitando a história para base de narração e creando assim com W. Scott o género que se divulgou por toda a Europa, conservando-se outras vezes exclusivamente dentro dos âmbitos do idealismo, tomando às vezes a fórma do romance própriamente dito, outros a fórma mais rápida, ligeira, mas não menos artística do *conto*, êle atingiu entre nós, como nas literaturas estranjeiras grande extensão e desenvolvimento. Algumas das mais belas páginas da moderna literatura sam devidas a Julio Denís, Camilo, Eça, Fialho, etc. Mas pouco mais podemos aqui fazer do que apresentar uma nota rápida, sumária e simplicíssima de muitos dos nossos escritores que primaram neste género literário.

Assim RODRIGUES BASTOS (1777-1862), o autôr da *Virgem da Polonia* e dos *Dois artistas;* ARNALDO GAMA, romancista histórico (1828-1869), cujas obras mais estimadas sam o *Sargento-mór de Villar, Um motim ha cem anos, O segredo do Abbade* e a *Ultima Dona de S. Nicolau;* ANTONIO DE OLIVEIRA SILVA GAYO (1830-1870) que, àlêm do drama *D. Frei Caetano Brandão* (Coimbra, 1869) nos deu a reconstituição da agitada época liberal do nosso país de 20 a 34 no romance tam popularizado *Mario*,

(Lisboa, 1868); [1] OLIVEIRA MARRECA (1815-1889) figura de alto relêvo social, autôr do que melhor chamaríamos ensaios de romance histórico, *Manoel de Sousa Sepulveda* (*in-Panorama* de 1843) e *O Conde Soberano de Castela* (*Ibid.*, 1844 e 1853); JOÃO DE ANDRADE CORVO (1824-1890), escritor de vasta erudição patenteada em numerosos trabalhos de história, economia, sciências, etc. [2]. Mas àlêm de erúdito foi tambêm artista da lingoa dotado de belas faculdades de imaginação como o demonstra, entre outros, o romance *Um anno na côrte*, Lisboa, 1850-51, 4 vols., e os dramas *O Alliciador* (in-*Archivo Univ.*, I, 1859), *O astrologo* (*Ibid.*, voll. I e II) e várias poesias avulsamente impressas (in-*Mosaico*, III) [3]. GUILHERMINO DE BARROS (1835-1900), àlêm de poéta, tambêm prosador correcto, do que deixou assinalado testemunho no *Castelo de Monsanto*, romance-crónica que lhe rendeu os encómios dos melhores criticos da época e o vol. de versos *Cantos do fim do seculo*, que obteve o prémio D. Luís; GERVASIO LOBATO (1850-1895) jornalista e comediógrafo destinto. A sua primeira peça, *Debaixo da mascara*, foi representada no Ginásio em 1873. Desde então não deixou mais de seguir o que nele era vocação e tendência natural. Enumeramos dentre as suas muitas peças os *Grotescos*, *Medicina de Balzac*, *Sua Excellencia*, *O commissario de policia*, *As noivas de Eneias*, e de colaboração com D. João da Camara — *O burro do sr. Alcaide; Cócó Reineta e Facada*, *O testamento da Velha* e o *Valete de copas*. A facilidade dos diálogos, a graça e o humorismo saltando, como faíscas, de todos eles, o *apropósito* alegre e galhofeiro tornaram as obras de Gervasio essencialmente populares. Os seus romances originais sam *A comedia de*

[1] Alguns traços intimos da vida dêste simpático escritor em Bulhão Pato, *Sob os cyprestes*, já cit., pg. 269.

[2] Innoc., *Dicc.*, III, e X, 148 e 399.

[3] A. Corvo editou o *Roteiro de Lisboa a Góa por D. João de Castro*, Lisboa, 1882.

Lisboa, *A primeira confessada*, *Lisboa em camisa*, *Os invisiveis de Lisboa*, e *Os dramas de Africa*. Deixou numerosas traduções teatrais e colaboração muito assídua em diferentes jornais do país. JULIO LOURENÇO PINTO (1842-1907), do Porto, onde nasceu a 24 de maio de 1842 e faleceu a 6 do mesmo mês de 1907. Escritor vernáculo e primoroso escreveu *Margarida, scenas da vida contemporanea*, Porto, 1879; *Vida attribulada*, idem, 1880; *O senhor Deputado*, id., 1882; *O homem indispensavel*, id., 1884 e *Esthetica naturalista, estudos criticos sobre arte*, id., 1885. Colaborou àlêm disso em diferentes publicações periódicas sendo sempre tudo o que escrevia de aprimorado estilo revelador de muita leitura e saber.

273. — JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO, mais conhecido pelo pseudónimo de Julio Dinis. Nasceu no Pôrto a 14 de novembro de 1839 e morreu a 19 de setembro de 1871. Era médico pela escola do Pôrto e ainda quando estudante publicou algumas poesias (1.ª ed., 1867; ... 14.ª, 1909) e pequenos romances que depois formaram o volume *Serões da Provincia*. O romance que de repente o consagrou na opinião pública foi as *Pupillas do Snr. Reitor*, primeiro publicado em folhetins no *Jornal do Porto*, a seguir em volume em 1867, seguindo-se depois numerosas edições e que foi traduzido em francês, inglês, italiano e alemão, o qual mereceo a Herculano a classificação de primeiro romance português do século XIX. Veio depois a *Morgadinha dos Canaviaes* que teve até 1884 quatro edições em Portugal. Os *Fidalgos da Casa Mourisca* e *Uma familia inglêsa* não fizeram senão confirmar o alto valor dêste finissimo psicólogo e interessantissimo escritor. Morreu aos 32 anos vítima da tuberculose, para debelar a qual fôra sem resultado até à Madeira, numa edade em que a glória lhe começava a nimbar a fronte. É o creador do romance naturalista em

Portugal. As scenas dos seus livros acusam um observador perspicaz, delicado e exacto da alma portuguesa. Em Grijó, Ovar, Famalicão e Fanzêres onde tinha alguns parentes e amigos e onde viveu em procura de alívios para a sua saúde abalada, foi observando os tipos com que enriqueceu a galaria notabilíssima dos seus romances — o *Mestre Bento Pertunhas*, o *Herbanário Vicente*, o *Dr. João Semana*, o *Snr. Reitor*, aquelas belas e dôces figuras de *Madalena*, de *Cristina*, etc. Sem esfôrço, o enredo desenvolve-se prendendo a atenção do leitor, que não se cansa de admirar os quadros e as personagens que os enchem e que não mais se lhe apagam da memória numa lembrança suavíssima e deliciosa [1]. Recentemente publicou-se o vol. *Ineditos e Esparsos* [2] importantíssimo para o estudo psicológico e crítico do autor.

274. — CAMILLO CASTELLO-BRANCO (1826-✝ 1 de junho 1890), poéta, dramaturgo, romancista, crítico, é um dos mais fecundos e operosos escritores que conta a história da nossa literatura. Natural de Lisboa, orfão de páis desde verdes anos seguiu os seus estudos com muita irregularidade no Porto e em Coimbra. A sua actividade literária é verdadeiramente febricitante desde os primeiros passos no domínio das letras. As suas obras elevam-se a 262 compreendendo poesia, romance, conto, drama, opúsculos de crítica, traduçõis, biografias, etc. [3]. E não fôsse a doença que o torturava nos últimos anos, o desconsolo produzido por muitas dores morais, a cegueira

---

[1] Vid. a biografia do destinto romancista escrita pelo sr. Alberto Pimentel nos *Fidalgos da Casa Mourisca*, 3.ª ed., 1877. Cfr. também o artigo de A. X. Rodrigues Cordeiro no *Almanach de Lembranças* para 1876, o *Museu Illustrado*, II (1879), n.º 1, e muitas cartas suas inéditas até então e publicadas no *Portugal Artistico*, Porto, 1905.

[2] Lisboa, 1910, 1 vol. A obra traz um largo estudo biográfico-crítico pelo falecido escritor Sousa Viterbo.

[3] M. Henrique Marques, *Esboço duma Camilliana*.

que o atacou irremediavelmente, e por fim a morte que a si próprio se deu no dia primeiro de junho de 1890, e certamente a herança legada ao país seria melhormente acrescida como de quem possuia a penna mais bem dotada, mais rica e mais fecunda que por ventura póde apontar a nossa galaria literária. Como Herculano, Garrett, Rebelo da Silva, Arnaldo Gama, Silva Gaio, explorou Camillo o domínio da história aliado ao da fantasia escrevendo dezenas de novelas e romances históricos, em que o interesse pela narrativa se desenrola através de páginas duma lídima lingoagem bem portuguêsa e bem clássica, sempre rica e variada, maleavel ao sabôr do artista genial que a emprega, umas vezes provocando a gargalhada, outras o patético, mas sempre ductil, apropriada e bela. Os seus tipos — o brasileiro, os velhos fidalgos do norte, os abades do Minho, o boticário, o escrevente, o namorador apaixonado e romântico, o *brasileiro,* o politico e quantos outros !, vivem nas páginas dos seus livros imorredouramente.

Ha, como era natural, na sua vasta obra desegualdades, incoerências, fraquêsas. Mas quem as não tem !

Desde a *Agulha em palheiro*, *O olho de vidro,* o *Retrato de Ricardina,* ao *Eusebio Macario, Brasileira de Prazins,* sem dúvida, o espaço percorrido é enorme, mas em todos se póde admirar o estílo amplo e a *maneira* viva e colorida que prende e encanta. Citemos das suas obras tam sómente:

Teatro: *Abençoadas lagrimas, Agostinho de Ceuta, Condemnado, Justiça, O morgado de Fafe em Lisboa, Morgado de Fafe amoroso, Marquês de Torres Novas, Purgatorio e Paraizo,* etc.

Romances: *Amor de perdição, Amor de salvação, Os brilhantes do Brazileiro, Sereia, A bruxa do monte Cordova, A Corja, Mysterios de Lisboa, Livro Negro, Neta do Arcediago, Eusebio Macario, Volcões de Lama,* etc.

Poesia: *Ao anoitecer da vida, Duas epocas da vida, Inspirações, Um livro, Nas trevas.*

Traducções: *Amores do diabo*, de Carotte, a *Fanny*, de Feydeau, o *Genio do Christianismo*, de Chateaubriand, o *Inferno*, de Calet, *Romance d'um rapaz pobre*, de Octave Feuillet, o *Diccionario de Educação e Ensino*, de Campagne, *Historia de Gabriel Malagrida*, de Mony, *A immortalidade, a morte e a vida*, de Puchesse, etc.

Repetimos: é impossivel citar a obra de Camillo, tam vasta, tam complexa se oferece a quem tenta fixá-la. Que brilhantes páginas ainda nos *Criticos do Cancioneiro Alegre*, nos *Serões de S. Miguel de Seide*, na *Bohemia do Espirito!* A luminosa trajectória percorrida por este belo espírito póde seguir-se com minúcias aqui descabidas, por exemplo, no *Romance do Romancista* do seu discípulo e amigo sr. Alberto Pimentel, nas *Idéas Modernas na litt. portuguesa* do sr. Th. Braga (I, pg. 240-285) e em outros livros da especialidade [1].

275. — J. M. EÇA DE QUEIROZ (1846-1900) natural da Póvoa de Varzim, consul de Portugal em Cuba, em Bristol e por último em Paris, onde faleceu. No dia 9 de novembro de 1903, inaugurou-se no Largo do Quintela, em Lisboa, a sua estátua e na sua terra natal no dia 14 de outubro de 1906 colocaram os seus admiradores uma lápide na casa onde nasceu.

Na história do romance nacional o seu nome, independentemente do juízo que venha a fixar-se a respeito da sua obra, ficará para sempre perduravel pelo caminho novo que rasgou no campo do naturalismo e pela influência decisiva que a sua *maneira* creou e exerceu. Temos dele *O Mistério da Estrada de Cintra*, escrito de colaboração

[1] Veja-se Silva Pinto, *C. C. Branco, notas e documentos: desagravos*. Lisboa, s. a. (1910), 1 vol.; J. J. Tavares Proença, *Auto-biographia de Camillo*, Coimbra, 1906, 1 vol.; A. Pimentel, *Memorias do tempo de Camillo*, Porto, 1913, 1 vol.; Paulo Osorio, *Camilo, a sua vida o seu genio, a sua obra*, Porto, 1908, 1 vol.; Visconde de Vila-Moura, *Camillo inédito*, Porto, 1913.

com Ramalho Ortigão, primeiramente publicado em folhetins no *Diário de Noticias* e mais tarde em volume (3.ª ed., 1894).

— *O crime do Padre Amaro*, 2 vol. (3.ª ed., 1899).

— *O Primo Basilio*, episódio doméstico (3.ª ed., 1887).

— *O Mandarim* (4.ª ed., 1900).

— *A Reliquia, scenas da vida romantica* (2.ª ed., 1891).

— *Os Maias, episodios da vida romantica* (2 voll., 1888).

— *A Illustre Casa de Ramires*, publicada em vol. em 1900.

— *A Correspondencia de Fradique Mendes* (1 vol., 1900).

— *A Cidade e as Serras* (1 vol.).

— *Contos*, Porto, 1902.

— *Prosas barbaras com uma introducção de Jayme Batalha Reis*, ibid., 1903.

— *Cartas d'Inglaterra*, ibid., 1905.

— *Echos de Paris*, ibid., 1905.

— *Notas Contemporâneas*, Porto, 1909 e *Ultimas paginas* (mss. inéditos) Porto, 1912.

Em todos os seus trabalhos não é só o entrecho que prende e seduz o leitor, mas principalmente a magia do estilo, vivo, novo, de riquíssima policromia. Devemos colocar à parte o *Misterio da Estrada de Cintra*, que os seus autores publicaram já com o propósito de aproveitar todas as velhas mólas do *deus ex machina* dos romances sensacionaes. Eça foi acusado de plagiario no *Crime do Padre Amaro* que derivaria de *La faute de l'abbé Mouret*, de Emilio Zola, mas basta registar que o *Crime* é de 1871, foi lido a um grupo de amigos em 1872 e foi desde fevereiro de 1875 publicado na *Revista Occidental*. Ora *La faute*... foi escrito e publicado em 1875.

Da obra de Eça fôram postumamente coligidos alguns trabalhos dispersos [1], mas a melhoria dela, qualquer que

[1] Sobre Eça deve lêr-se um artigo de Caiel na *Rev. critica de Historia y Literatura españolas, portuguesas e hispano-americanas*, 1901, reproduzido no *Diário de Noticias*, n.ºs de 24 e 25 de maio do mesmo

seja o logar definitivo a dar ao *Crime do Padre Amaro,* ao *Primo Basilio,* aos *Maias,* foi publicada e amorosamente revista por ele e é essa que firma a inconfundivel personalidade do seu autôr. No entretanto o livro já postumamente publicado — *A Cidade e as Serras* — tem tantos encantos de estilo, tanta riqueza e variedade de descrições, diálogos tam bem tracejados e com tal arte, tam simples e tam naturaes, um sabor tam exquisito e tam fino que, parece-nos, não se hesitará em lhe dar a primasia sobre todos os demais livros de tam finissimo talento.

CONTO

276. — Não ha destinção essencial entre o romance e o conto. A extensão é um elemento todo exterior e superficial. Em todo o conto ha naturalmente uma base, um fundo, que alargado a outras proporçõis, entremeiado com outras intrigas, daria um romance; como este, apertado em moldes mais concisos teria de classificar-se no primeiro género. No conto brilham, porém, talvêz com mais destaque, as qualidades que personalizam um autôr — fantasia, arte, estilo próprio e inconfundivel. Como nas fórmas poéticas o *soneto,* nas fórmas em prosa o *conto* define rapidamente o que é e o que vale um escritor. Não admira por isso que esse género tenha tambêm os seus cultores especiais, embora a maior parte não limitasse exclusivamente a sua actividade a essa fórma literária, como passamos a vêr.

---

ano, notavel sobretudo pelo aspecto bibliográfico; o estudo tam *íntimo* e tam belo de Batalha Reis na introdução ao vol. *Prosas barbaras,* cit., e as páginas quentes de Silva Bastos no prefácio ao *Dicc. de Milagres* rebatendo um paradoxo tam frequente, de resto, na penna inconfundivelmente brilhante de Fialho de Almeida; J. Agostinho, *Queiroz (Eça de),* Porto, 1909, 1 vol.

277. — **RODRIGO PAGANINO** (1835-1863) àlêm de colaborar em diversos jornais e revistas literárias, deixou um livro de contos, que tiveram longa aceitação do público *Os contos do tio Joaquim*, e justamente a mereciam pela simplicidade e naturalidade aliadas à beleza do estilo [1].

278. — A lingoagem é quase sempre humoristica em **JULIO CESAR MACHADO** (1835-1890) autôr de *Apontamentos dum folhetinista* (1878); *A vida em Lisboa* (1858); *Contos ao luar* (1861); *Recordações de Paris e Londres* (1862); *Em Espanha* (1865); *Do Chiado a Veneza* (1867); *Á lareira* (1872); *A vida alegre* (1880). Traduziu em ed. monumental a *Historia de Gil Braz de Santilhana*, de Lesage. Os seus livros ligeiros, recreativos, simples e bons sam documentos interessantes para o conhecimento das letras e para o da vida das diferentes classes no período de 1849 a 1880.

279. — **BARROS LOBO** (Eduardo de) (1857-1893) mais conhecido pelo pseudónimo de *Beldemónio*, autôr de pequenos contos, artigos de jornalismo e de crítica, em que se revelou sempre estilista primoroso e desassombrado. *A musa loira, Viagens no Chiado, Contos immorais* sam uma amostra, aliás incompleta, do seu brilho como artista, que se manifestou ainda em algumas traduções primorosas de Zola e Balzac. Os seus artigos de polémica suscitaram-lhe muitos inimigos.

280. — **ALBERTO BRAGA** (1851-1911) um dos mais finos contistas dos nossos dias, como se vê desde o primeiro vol. *Contos da minha lavra* (1879) até aos *Contos de aldeia, Novos contos, Contos escolhidos*, todos,

---

[1] Cfr. J. J. de Sousa Teles, *Annuario portug., sc., litt. e artistico*, 127-131. Paganino era de Lisboa, médico e faleceu em Carnide em 22 de set. de 1863. Vid. B. Pato, *Sob os cyprestes*, cit., pg. 195.

póde dizer-se, primorosos. Para o teatro, onde não foi feliz, escreveu *A estrada de Damasco*, a *Irmã* e *O Estatuario*. Deixou também uma longa colaboração em vários jornais. Minado pela tuberculose, Alberto Braga finou-se no Porto, (Foz) sua terra natal, no meio dum esquecimento bem injusto e bem cruel.

281. — TRINDADE COELHO (José Francisco...) [1861-1908] é o fino burilador do formoso livro que só pelo seu título nos revela o conceito em que o tinha quem o idealizara e lhe dera aquela perfeição de estilo, aquela finura de sentimento, aquela graça, aquela gentileza, aquela arte, tudo envôlto numa simplicidade de alma casta e boa e pura, que dá a esse livro um logar primacial na história da novela portuguesa — *Os meus amores*. E como é que o autôr dêsse livro, que traduz em todas as suas páginas tanta saude moral, pôde ser arrastado à tremenda crise que teve o seu desfecho doloroso em 19 de agosto de 1908?

Trindade Coelho deixou páginas explendidas em várias revistas e jornais. Magistrado lúcido e íntegro publicou obras da especialidade; como educador do povo a esse larguissimo ideal consagrou dinheiro, fôrças e actividade incansavel.

A sua *auto-biografia* e as *Cartas* editadas recentemente por seu filho, o ilustre poéta sr. Henrique Trindade Coelho, sam a fonte principal para o estudo desta complexa individualidade.

282. — CONDE DE ARNOSO, (Bernardo Pinheiro Correia de Mello) (1856-1911) — prosador que criou um logar de destaque no nosso meio literário desde a publicação do seu primeiro livro *Azulejos*. O volume de viagens *Jornadas pelo mundo* acentuou as qualidades de elegância,

[1] *Occid.*, n.º de 30 de ag. 1911.

de vivacidade, de gôsto, que predominam, de resto, em todos os trabalhos, como nos contos, artigos de jornal, e ainda nas peças teatrais *A primeira nuvem* e no *Suave milagre*, pequenos episódios de fina elegância literária. Todos sabem o abalo moral que lhe acarretou a morte trágica do rei D. Carlos de quem fôra grande amigo. O Conde de Arnoso ficou desde esse acontecimento morto para a vida, senão apenas para erguer no Parlamento a sua voz vingadora e justiceira contra quem tinha causado a morte do seu grande amigo, atitude de grandeza moral que se impôs ao nosso respeito, e de que ficou o eco, embora longinquo, nos dois voluminhos *Justiça*.

283. — **FIALHO DE ALMEIDA** (1857-1912) é incontestavelmente um dos escritores mais originais, mais vivos e que melhor e mais vigorosamente soube conhecer, amar e imprimir um cunho de invidualidade á nossa lingoa. Os combates dos seus primeiros anos contra os azares da vida, a que ele alude no *Á Esquina* [1] (1903) ajudam a compreender como nele surgiu e com o tempo se avigorou esta maneira, talvêz cruel, talvêz mordaz e cáustica em excesso, como ele apreciava as cousas e os homens do seu e nosso tempo. Vindo do seu pequeno recanto de Vila de Frades *fez-se*, pela vontade, pela energia e pela decisão, qualidades que, por singular contraste, se fôram apagando e diluíndo até o tornarem, nos últimos anos, uma creatura singularmente indiferente a tudo. Este poderoso mestre da língoa, que vibrou como ninguem o látego da crítica, como o revelam os *Gatos* [2], as *Pas-*

---

[1] Aí figura a sua autobiografia « Eu ». Entre outras cousas diz: « tenho escrito... cerca de 1.300 paginas por ano... nem lógro aferir da penna o sustento necessário ganhando menos que um carpinteiro ou um pedreiro ».

[2] 1.ª série, 54 n.os agosto de 89 a junho de 93; 2.ª-3 n.os; último, de 25 de janeiro 94, recentemente reeditados.

quinadas (1890) a *Vida ironica* (1892) e o *Barbear, penteiar,* póstumo acabou como uma creança ou um velho abúlico, na paz da sua aldeia, entre os cuidados da sua modesta lavoura e os seus livros, postos por fim os olhos na contemplação da morte, com verdadeira resignação cristã.

O observador e psicólogo, a quem não escapavam as mais insignificantes minúcias, revelam-se nessas obras de análise, de colorido e de sentimento, algumas das quais constituem verdadeiras obras primas e que se chamam *A cidade do vicio* (1882), o *País das uvas* (1893), *Lisboa galante* (1899), *Contos* (1881).

As belezas que estes livros encerram dificilmente se poderiam destacar. Conhecedor profundo da lingoa, *arcaico* pelo contato dos mestres que melhor a escreveram, *modernissimo* pela originalidade que tanto se afastava dos seus contemporâneos, atravéz de todas as páginas que escreveu foi sempre um artista superior, amoroso do colorido, dos tons fortes e quentes que definem num traço, num escorço, numa atitude, uma completa figura, viva, sentimental, apaixonada. Que orquestração de ricos sons no *Sempre amigos,* no *Funambulo de marmore,* na *Ruiva* do seu primeiro livro de contos! Havia nesse admiravel artista vigor e doçura, raiva e perdão, o dardo envenenado e vertiginoso e o gesto brando e de piedade.

Pintando como Rembrant, cinzelando como Benevenuto Cellini, não é por isso de admirar que a sua obra tenha produzido tam forte impressão nos escritores novos, alguns dos quais tal mal decerto o compreenderam. Mas é que os seus quadros fixam-se na retina, e de lá não é facil expulsá-los. E como tantas vezes sucede, como sucedeu com Eça de Queiroz, sam as estravagâncias dêstes grandes artistas, a eles facilmente desculpaveis, as que se imitam e repetem e propagam com maior facilidade. No juizo de Guerra Junqueiro, Fialho e a mais rica natureza artistica que Portugal tem ha duas duzias de anos, ruti-

lando em genio por instantes ... natureza de sensibilidade vibratil, agudissima, quasi mórbida. Depois portugues idolatrando o seu Alentejo, adorando a sua patria, instintivamente, organicamente, como a raiz adora a terra [1].

---

[1] *Patria*, Porto, 1896, « *Annotações* », 206. Flexa Ribeiro, *Fialho de Almeida, visão estetica da sua obra*, Lisboa, 1912 ; *Occid.*, n.º de 20 de março de 1907 ; *Novo Alm. de Lemb. Luso Bras. para 1912.*

ANTOLOGIA

SÉCULO XIX

POESIA

I

As minhas asas.

Eu tinha umas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.
— Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu.
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Veio a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Por seus montes de thesouros
Minhas asas não quis dar.
— Veio a ambição, co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me podêr e glória;
Por nenhum preço as quis dar.

Porque as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrêllas,
E ja suspenso da terra
Ia voar para ellas,
— Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estrêllas...
Vi, entre a névoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Ja não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
— Tudo perdi nessa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas asas brancas,
Asas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram...
Nunca mais voei ao ceu.

Almeida Garrett, *Flores sem fructo*, ed. de 1858, pg. 184-186.

II

Ignoto Deo.

Creio em ti, Deus : a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És : — o que és não sei. Deriva
Meu ser do teu : luz... e treva,
Em que — indistinctas ! se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve.
O Nada, a que foi roubado
Pelo sopro creador
Tudo o mais, o ha de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veio.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio
Senão em ti ; o ôlho nú
Do homem não vê na terra
Mais que a duvida, a incerteza,
A fórma que engana e erra.
Essencia ! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta...
Só por ti os póde ver
O que inspirado se affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas : despidos
Das cousas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida tem. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro, e combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti voou e em ti só espera.

A. Garrett, *Folhas caidas*, 1859, pg. 123.

III

Deus.

Nas horas do silencio, á meia-noite,
Eu louvarei o Eterno !
Ouçam-me a terra, e os mares rugidores,
E os abysmos do inferno.

Pela amplidão dos céos meus cantos sôem,
E a lua resplendente
Pare em seu gyro, ao resoar nest'harpa
O hymno do Omnipotente.

Antes de tempo haver, quando o infinito
Media a eternidade,
E só do vacuo as solidões enchia
De Deus a immensidade,
Elle existia, em sua essencia envolto,
E fóra delle o nada :
No seio do Creador a vida do homem
Estava ainda guardada :
Ainda então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
De Jehovah, e os astros fulgurantes
Nos céus não se volviam.

Eis o tempo, o Universo, o Movimento
Das mãos sólta o Senhor :
Surge o sol, banha a terra, e desabrocha
N'esta a primeira flor :
Sobre o invisivel eixo range o globo :
O vento bosque ondeia :
Retumba ao longe o mar : da vida a força
A natureza anceia !

Quem, dignamente, oh Deus, ha-de louvar-te,
Ou cantar teu poder ?
Quem dirá do Teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da creação ; quando os thésouros
De neve amontoaste ;
Quando da terra nos mais fundos valles
As aguas encerraste ? !
E eu onde estava, quando o Eterno os mundos
Com dextra poderosa,
Fez, por lei immutavel, se librassem
Na mole ponderosa ?
Onde existia então ? No typo immenso
Das gerações futuras ;
Na mente do meu Deus. Louvor a Elle
Na terras e nas alturas !

Oh, quanto é grande o Rei das tempestades,
Do raio, e do trovão !
Quão grande o Deus, que manda, em secco estio,
Da tarde a viração !
Por sua Providencia nunca, embalde,
Zumbiu minimo insecto ;
Nem volveu o elephante, em campo esteril,
O olhos inquieto.

Não deu Elle á avesinha o grão da espiga,
Que ao ceifador esquece;
Do norte ao urso o sol da primavera,
Que o reanima e aquece?
Não deu elle á gazella amplos desertos,
Ao cervo a amena selva,

Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,
No prado ao touro a relva?
Não mandou Elle ao mundo, em lucto e trévas,
Consolação e luz?
Acaso em vão algum desventurado
Curvou-se aos pés da cruz?
A quem não ouve Deus? Sómente ao impio
No dia da afflição,
Quando pésa sobre elle, por seus crimes,
Do crime a punição.

Homem, ente immortal, que és tu perante
A face do Senhor?
És a junça do bréjo, harpa quebrada
Nas mãos do trovador!
Olha o velho pinheiro, campeando
Entre as neves alpinas:
Quem irá derribar o rei dos bosques
Do throno das collinas?
Ninguem! Mas ai do abeto, se o seu dia
Extremo Deus mandou!
Lá correu o aquillão; fundas raizes
Aos ares lhe assoprou.
Suberbo, sem temor, sahiu na margem
Do caudaloso Nilo,
O corpo monstruoso ao sol voltando,
Medonho crocodilo.
De seus dentes em roda o susto habita;
Vê-se a morte assentada
Dentro em sua garganta, se descerra
A bocca afogueada:
Qual duro arnez de intrepido guerreiro
E' seu dorso escamoso;
Como os ultimos ais de um moribundo
Seu grito lamentoso:
Fumo e fogo respira quando irado;
Porém, se Deus mandou,
Qual do norte impellida a nuvem passa,
Assim elle passou!

Teu nome ousei cantar! — Perdoa oh, Nume;
Perdoa ao teu cantor!
Dignos de ti não são meus frouxos hymnos,
Mas são hymnos de amor.
Embora vis hypocritas te pintem
Qual barbaro tyrano:

Mentem, por dominar com ferreo sceptro
        O vulgo cego e insano.
Quem os crê é um impio! Recear-te
        E' maldizer-te, oh Deus;
E' o throno dos despotas da terra
        Ir collocar nos céos.
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
        Dos males da existencia
Tranquillo, e sem temor, á sombra posto
        Da tua Providencia.

Alexandre Herculano, *Poesias*, Liv. I, *A Harpa do Crente*, pg. 58-90.

IV

A Cruz mutilada.

Amo-te, oh! cruz, no vertice firmada
        De esplendidas igrejas:
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
        Junto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
        As preces te rodeiam:
Amo-te quando em prestito festivo
        As multidões te hasteiam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
        No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no athaude,
        Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh! cruz, até, quando no valle
        Negrejas triste e só,
Nuncia do crime, a que deveu a terra
        Do assassinado o pó:

Porém, quando mais te amo,
Oh! cruz do meu Senhor,
E' se te encontro á tarde,
Antes do Sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

Eu te encontrei, n'um alcantil agreste,
Meia quebrada, oh ! cruz ! Sosinha estavas
Ao pôr do Sol, e ao elevar-se a Lua
Detrás do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh ! mutilada cruz, fallam de um crime
Sacrilego, brutal e ao impio inutil !
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave-Maria*; da oração singela,
Mas solemne, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,
Que a natureza envia ao Ceu no extremo
Raio de Sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o desprezo, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento !

A. Herculano, *A Harpa do Crente*, pg. 121.

V

Cantico da noite.

Sumiu-se o Sol esplendido
Nas vagas rumorosas !
Em trevas o crepusculo
Foi desfolhando as rosas !
Pela ampla terra alarga-se
Calada solidão !
Parece o mundo um tumulo
Sob estrellado manto !
Alabastrina lampada,
Lá sobe a lua ! Emtanto
Gemidos de aves lugubres
Soando a espaços vão !

Hora dos melancolicos
Saudosos devaneios !
Hora, que aos gostos intimos
Abres os castos seios !
Infunde em nossos animos
Inspirações da Fé !

De noite, se um revérbero
De Deus nos alumia,
Distillam-se de lagrimas
A prece, e a prophecia !
Alma enlevada em extase
Terrena já não é !

Antes que o somno tacito
Olhos nos cerre, e os sonhos
Nos tomem no seu vortice,
Já rindo, e já medonhos,
Hora dos Ceus, conversa-me
No extincto e no porvir.
Onde os que amei ? sumiram-se.
Onde o que eu fui ? deixou-me.
Delles, só vans memorias ;
De mim, só resta um nome.
No abysmo do preterito
Desfez-se choro e rir.

Desfez-se ! e quantas lagrimas
Brotaram de alegrias !
Desfez-se ! e quantos jubilos
Nasceram de agonias !
Teu curso, ó Providencia,
Quem o sondou jámais ?
Que horas d'est'hora tacita
Me irão desabrochando ?
Quantos não fez cadaveres
Num leito o somno brando !
Vir-me-hão co'a aurora proxima...
As saudações ? os ais ?

Se o penso, tremo, aterro-me.
Porém, se ao Pae Supremo
Remonto o meu espirito,
Exulto : já não tremo,
A alma lhe dou ; reclino-me
No somno sem pavor.
Chama-me ? ascendo á patria ;
Poupa-me ? aspiro a ella.
Servir-te ou ver-te, e amarmo-nos !
Que sorte, ó Deus, tão bella !
Vem ! cerra as minhas palpebras,
Virgem do casto amor !

Antonio Feliciano de Castilho, *Estrêas poeticas-musicaes*, ed. de 1907, pg. 75.

VI

A lua de Londres.

É noite ; o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céu,
Tolda-lhe o rosto formoso
Alvacento, humido véu,
Traz perdida a côr de prata,
Nas agoas não se retrata,
Não beija no campo a flôr,
Não traz cortejo de estrellas,
Não falla d'amor ás bellas,
Não falla aos homens d'amor.

Meiga lua ! os teus segredos
Onde os deixaste ficar ?
Deixaste-os nos arvoredos
Das praias d'além do mar ?
Foi na terra tua amada,
Nessa terra tão banhada
Por teu limpido clarão ?
Foi na terra dos verdores,
Na patria dos meus amores,
Patria do meu coração !

Oh ! que foi : deixaste o brilho
Nos montes de Portugal,
Lá onde nasce o tumilho,
Onde ha fontes de cristal ;
Lá onde veceja a rosa,
Onde a leve mariposa
Se espaneja á luz do sol ;
Lá onde Deus concedera
Que em noites de primavera.
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas
Talvez ha pouco o paiz
Onde do bosque as madeixas
Já tem um floreo matiz,
Amaste do ar a doçura,
Do azul céu a formosura
Das agoas o suspirar,
Como has de agora entre gelos
Dardejar teus raios bellos
Fumo e nevoa aqui amar ?

Quem viu as margens do Lima,
Do Mondego os salgueiraes,
Quem andou por Tejo a cima
Por cima dos seus cristaes.
Quem foi ao meu patrio Doiro
Sobre fina arêa d'oiro
Raios de prata esparzir,
Não póde amar outra terra
Nem sob o céu d'Inglaterra
Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princeza
Tens aqui, mas Deus egual
Não quis dar-lhe essa lindeza
Do teu e meu Portugal ;
Aqui a industria e as artes,
Além de todas as partes
A natureza sem véu ;
Aqui oiro e pedrarias,
Ruas mil, mil arcarias,
Além... a terra e o céu.

Vastas serras de tijolo,
Estatuas, praças sem fim
Retalham, cobrem o solo
Mas não me encantam a mim;
Na minha patria uma aldêa
Por noites de lua cheia
É tão bella, e tão feliz!...
Amo as casinhas da serra
C'o a lua da minha terra
Nas terras do meu pais.

Eu e tu, casta deidade,
Padecemos egual dôr,
Temos a mesma saudade,
Sentimos o mesmo amor;
Em Portugal o teu rosto
De riso e luz é composto,
Aqui triste e sem clarão,
Eu lá sinto-me contente,
E aqui lembrança pungente
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,
Voltemos aos puros céus,
Leva-me, ó lua, comtigo
Preso n'um raio dos teus,
Voltemos ambos, voltemos
Que nem eu, nem tu podemos
Aqui ser quaes Deus nos fez,
Terás brilho, eu terei vida,
Eu já livre e tu despida
Das nuvens do céu inglês.

J. de Lemos, *O Trovador*, 1848, pg. 362-365.

VII

O sino da minha terra.

Tange, tange, augusto bronze
Teu som alegre e festivo,
Despertando echos do peito,
Faz-me ficar pensativo!

Era assim que tu cantavas
Quando nasceu minha mãe.
Quando a viste ser esposa.
E após ter filhos tambem.

Choraste-a quando ao sepulchro...
Longe idêa tão funesta!
Era assim que te alegravas
Todos os dias de festa.

Era assim que tu folgaste
Quando fui, debil menino,
Mergulhar nas santas aguas
O meu corpo pequenino.

Era assim que ao Ceo dizias.
Acompanhando a oração.
— Mais um roubo a Satanaz,
Para Deos, mais um Christão —

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som alegre e festivo
A cada nova pancada,
Me torna mais pensativo.

Quantas vezes me chamaste
Em meio de meus folguedos,
A louvar c'o povo todo
Da Igreja lindos segredos!

Ora á missa convidando,
Ora ao solemne sermão,
Ora a invejar os anjinhos
Que levava a Procissão.

Eu era doido no templo
C'os sons do orgam sagrado,
Canto, insenso, ramalhetes,
E c'o trono illuminado.

Minhas preces mal sabidas
Eram todas d'innocencia,
Inda os labios recusavam
As preces da penitencia.

Oh ! como tu me recordas
N'essa voz enternecida,
Doce viver d'essas horas
Da aurora doce da vida !

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som, casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Ás vezes nas horas quentes
Quando eu brincava e sorria,
Vinhas tu bradar-me — reza
Que é chegàdo o meio dia !

Ás vezes n'hora da sesta
Acordava ao teu clamor,
Era um christão que pedia
A vizita do Senhor.

Ás vezes junto da noite
Tristinho amando um retiro,
Tu me afagaste enlaçando
Teu suspiro ao meu suspiro.

Ás vezes tambem vieste
Dizer-me com voz de ferro,
— Caminha p'ra aqui agora
Do teu amigo o enterro ! —

Eu chorava... eras forçado,
Era a mão do atroz sineiro,
Não eras tu, que buscava
Ser da morte o pregueiro.

Tange, tange, augusto bronze,
Teu som casado commigo,
A cada nova pancada
Me torna mais teu amigo.

Com que esp'ranças vi saudar-te
Lavrador, que a lida insana
Deixava, para c'os filhos
Ir demandar a cabana !

Com que ledice t'esp'ravam
Ternos amantes d'aldeia !
Tu lhes dizias a hora
Em que inda é morta a candeia.

Em que a voz tem mais doçura,
Tem o peito mais desejos,
São os risos mais mimosos,
São mais suaves os beijos.

Nada disso eu conhecia,
Mas tua voz feiticeira,
Não me era nunca indiff'rente,
Nunca me foi estranjeira.

Hei vivido de ti longe,
Desde a infancia não te ouvi
De novo agora te escuto,
De novo a infancia senti.

Vou partir... talvez p'ra sempre
Levem-me os echos da serra
Estes sons, que heide amar sempre,
O sino da minha terra !

Se inda aqui vier morrer,
Chora no meu funeral,
E se for em terra alheia,
Repete o alheio signal.

Tange, tange, augusto bronze
Teu som, casado commigo,
Inda na morte me agrada,
Inda alli sou teu amigo.

J. de Lemos, *ibid.*, pg. 24-25.

VIII

O Firmamento.

Gloria a Deus ! eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis de seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véu mysterioso :
Desprende as asas remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gôso !

Estrellas que brilhaes nessas moradas,
    Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
    De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas do seu carro ardente
Ao rolar atravez da imensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
    Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
    Que formam seu cortejo.
Ninguem pode contar-vos : quem podéra
Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida?

Mas vós brilhaes, no fundo accesas
    Do throno soberano :
Quem vos ha de seguir nas profundezas
    Desse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos nessas plagas
Que os ceus ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sustem as vagas
Dos sóes que um dia romperão na altura?

E tudo outr'ora na mudez jazia,
    Nos véus do frio nada :
Reinava a noite escura ; a luz do dia
    Era em Deus concentrada.
Elle fallou? e as sombras num momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véu de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gira
    Immerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonorosa lyra
    Cantando os seus louvores.
Cantae, ó mundos, que seu braço impelle,
Harpas da creação, faxos do dia,
Cantae louvor universal Áquelle,
Que vos sustenta, e nos espaços guia!

Terra, globo que gera nas entranhas
    Meu ser, o ser humano,
Que és tu com teus vulcões, tuas montanhas,
    E com teu vasto oceano?
Tu és um grão d'areia arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
Em volta de seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, enté mesquinho
Que suberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas ?
Que és tu com teus imperios e colossos ?
Um átomo subtil, um fróxo alento :
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas, ah ! tu pensas, e o girar das orbes
A' razão encadeias ;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
Na chamma das ideias :
Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas dum jazigo escasso !
Gloria a Deus, que num átomo resume
O pensamento que transcende o espaço !

Caminha, ó rei da terra ! se inda és pobre,
Conquista aureo destino,
E de seculo em seculo mais nobre
Eleva a Deus teu hymno !
E tu, ó terra, nos floridos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reune aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'espheras !

Dizem que já sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente;
Oh ! não, de tanto Sol que te circumda
Teu sol inda é fulgente.
Tu és joven ainda : a cada passo
Tu assistes dum mundo ás agonias,
E rolas entrando nesse espaço
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai ! tu findarás ! alem scintilla
Hoje um astro brilhante ;
Amanhã ei-lo treme, ei-lo vacilla,
E fenece arquejante ;
Que foi ? quem o apagou ? foi seu alento
Que extinguiu essa luz já fatigada ?
Foram seculos mil, foi um momento
Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe ? um dia, ao pêso
Dos annos e ruinas,
Tu cahirás nesse vulcão accêso
Que teu Sol denominas ;

E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos enfim, quaes borboletas,
Cahirão como tu na mesma chamma.

Então, ó Sol, então nesse aureo throno
Que farás tu aínda,
Monarcha solitario, e em abandono,
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem, e fria morte
Alcançará teu carro chammejante:
Elle te segue, e prophetiza a sorte
Nessas manchas que toldam seu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que inda referve em borbotões sombrios
No teu seio profundo.
Talvez, envólta pouco a pouco a frente
Nas cinzas sepulchraes de cada filho,
Debaixo delles todos de repente
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras pousarão no vasto imperio
Que teu faxo alumia;
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?
Outro Sol como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando aos sitios onde imperas
Do Sol dos soes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro Céu mais perfeito,
O Céu d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
Do fóco soberano,
Parará concentrando-se no meio
Desse infinito oceano:
E, acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade —
O silencio aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

Soares de Passos, *Poesias*, ed. 1858, pg. 145.

IX

Ave, Cæsar!

(Á MORTE DE CARLOS ALBERTO, REI DO PIEMONTE)

I

Ei-lo, o teu defensor, ó liberdade;
Ei-lo no extremo leito! A' humanidade
O tributo pagou!
Da nobre espada á lamina abraçado,
Viveu soldado-rei, e, rei-soldado,
Sobre a espada expirou!

Rasgou-lha ovante as margens do destino,
Foi-lhe rota bordão de peregrino
Essa espada leal!
Hoje é cruz! Do aço puro a cruz só resta.
Sentinella da campa, ao mundo attesta
Que o heroe era mortal!

Os Œdipos de um drama incerto e vario
Talharam-te na purpura o sudario
Deixaram-te ermo e só!
Salve, ó rei! Rei no solio e no abandono:
Mais rei no exilio, do que os reis no throno:
Rei até sobre o pó!

II

Salvé, ó martyr, coroado
Dos espinhos da paixão;
N'uma nova cruz pregado
D'uma nova redempção!
O teu Gólgotha foi este.
Aqui te cobre um cypreste
Muita gloria e muita dôr;
Aqui teu marco plantaste;
Vencido, aqui triumphaste
De ti mesmo vencedor!

O calix já trasbordava:
Bebeste-o. Foi Deus que o quis!...
Deu a vida á Italia escrava,
E a sua alma ao seu país.
Não dobra a fronte suprema:
Impondo o pé no diadema
Dos estranhos foge á lei,
E, holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei!

Foi longa aquella agonia!
Foi curta aquella affiicção!
Desceu rapida n'um dia

Da cabeça ao coração.
Entre as balas despedidas,
Entre as phalanges caidas,
Ficou, tranquillo e de pé,
Como o cedro da montanha,
Que, da tormenta na sanha,
As selvas prostradas vê!

Pela Italia, Hespanha e França
Depois, calado, galgou;
E por momentos descansa
Onde o mundo lhe faltou!
Chega, observa, scisma e pára,
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Este berço de muralhas
Que fez livre Portugal.

Onde a nossa liberdade
Martyr, heroica nasceu,
Pela sua a majestade
Heroica e martyr morreu.
Das glorias tuas, ó Douro,
Accrescentaste o thesouro.
O que é ligando ao que foi,
Cingiu teu braço robusto
D'um heroe ao resto augusto
A memoria d'outro heroe!

Ambos firmes combateram
Para a patria libertar;
Ambos do throno desceram
Para a vida á patria dar;
Ambos reis, ambos soldados,
Ambos fieis a seus fados,
Mostraram que no porvir
Podem ambos muitas vezes,
No triumpho ou nos revezes,
Eguaes da historia surgir.

III

Ferve o sangue, troveja a batalha!
Tine o ferro, rebomba o canhão!
Povorosa sibila a metralha,
Varre as filas, dispersa-as no chão,

Lá galopam, se imbebem, se enlaçam
Uns nos outros rivaes esquadrões;
Corpo a corpo ferventes se abraçam
Em sangrentos, crueis turbilhões.

No lampejo do gladio vermelho
Fulge o raio que a morte vibrou!...
Sem seu filho a gemer deixa um velho,
Sem esposo uma esposa deixou!

D'essa immensa procella de guerra,
D'esse ardente e confuso stridor,
Que ficou? Uma c'rôa por terra,
Uma bella captiva, um senhor!

Pobre Italia, tão bella e tão triste
No teu vasto, florido jardim!
Foi-te ingrata a fortuna, caiste;
Mas a queda d'um povo tem fim!

Infelizes! Da turba guerreira
Fica um resto, que, prompto a morrer,
Cobre a face c'o a rota bandeira,
Para ao menos a affronta não ver!

Mudos prantos os rostos consomem
Dos valentes de Goito... Que adeus!...
Era a sombra d'um rei e d'um homem,
Que passava em silencio entre os seus!

E passava. Expirar não lograra
Sob o golpe que em vão procurou;
Mas a vida que o ceo lhe deixara
Entre os braços da patria a deixou.

IV

Salve, salve, ó magestade
Moribunda a succumbir!
Como o espinho da saudade
Te havia fundo pungir!
Como o homem soffreria
Do monarcha na agonia!
Longe do que era tão seu,
Da esposa e filhos briosos,
E dos campos seus formosos,
E do seu formoso ceo!

— « Patria, adeus! Italia minha,
« Oh! terra que tanto amei!
« Se não te fiz ser rainha
« Não quís mais tambem ser rei!
« Adeus, margens do Tessino,
« Sentença do meu destino!
« Adeus, povo que escolhi;
« Sê tu justo, e livre e forte,
« Possa dar-te a minha morte
« O que em vida não venci!

Assim diria; e, lançando
Os olhos em de-redor,
E vendo afflicto e chorando
Outro povo aquella dôr,
Resoluto accrescentara:
— « O Soldado de Novara
« Morre contente afinal,
« Morre ao ecco das batalhas
« N'este berço de muralhas
« Que fez livre Portugal! »

José da Silva Mendes Leal Junior, *Canticos*, ed. 1858, pg. 327-132.

X

O marinheiro.

Para adormecer n'um rio,
Junto aos pés duma cidade,
Não foi feito o meu navio
Que zomba da tempestade.
Leva as ancoras! desferra!
Larga, larga, deixa a terra;
Iça longo e sem parar!
Fóra sobres e cutelos!
Uma talha aos enderbelos!
Ancora toda a beijar!

Larga essas velas de prôa!
Gavia grande, todo o pano!
Meu navio é uma c'rôa
Sobre a fronte do oceano.
Eu sou rei, aqui domino!
A estrella do meu destino
Só no mar brilha feliz.
Quando sopra o vento forte,
Seguindo sempre meu norte,
Que me importa o meu paiz?

Onde nasci?... não o digo,
Porque não o sei ao certo;
Quando busquei um amigo
Achei o mundo deserto...
Só tive contentamento,
Quando ouvi a voz do vento
Nas gavias a sibilar;
Quando, sem medo ao perigo,
Tive as nuvens por abrigo,
Achei consolo em chorar...

E chorei ouvindo as pragas
Dos meus rudes companheiros;
Mas tomei amor ás vagas
Na furia dos aguaceiros.
Se á rouca voz da tormenta,
Vinha a onda turbulenta
Quebrar dentro do convez,
Eu pasmando a contemplava;
A vista me fascinava
O abysmo que tinha aos pés.

Cada vez que o mar bramia,
Solto o cabello na fronte,
Os meus braços estendia
Para a curva do horisonte.
Sempre de pé na coberta,
Sobre a abobada deserta
Adivinhava o tufão;
D'olhos no tope dos mastros,
Aprendi a ler nos astros
A vinda do furacão.

Assim fui homem, primeiro
Que de homem tivera a idade!
A escola do marinheiro,
E' a voz da tempestade.
Oh! do leme, encontra! arriba! —
Folga a bujarrona, e giba
Olha as bolinas de ré!
Caça a draiwa e o traquete!
Ala velacho, e joanete,
Vá de longo! bate o pé.

Temos vento Les-Nord-Este,
Já vai o cabo dobrado.
Faz prôa de sudoeste;
Aguenta o leme! cuidado. —
Passa talha na retranca.
Olha a escota! volta franca!

Arria mais... de vagar...
Volta! volta! — sete e meia:
O vento não escaceia;
Corre assim, que é bom andar.

Meu paiz é nestes mares.
Meus campos estes banzeiros,
Este navio meus lares,
Minha familia os pampeiros!
Diz-me a voz do cataclismo,
Que dormirei neste abysmo
Aos eccos do temporal;
Envolvido nestas vellas,
Como o anjo das procellas,
Ou como o genio do mal!

Com furia o mar se alevanta
E ás nuvens cuspindo a vaga,
Pela tremenda garganta,
O laes das vergas alaga!
O espaço todo se abala,
Se o trovão rugindo estala
E o raio lança dos ceus:
Mas o navio não treme,
Que a minha mão vai no leme,
E sobre ella a mão de Deus.

Corre, meu fino velleiro,
Até que no ceu se apague
A estrella do marinheiro,
Depois que a onda te esmague;
Que venha, atravez do espaço,
Do senhor o occulto braço
Tuas pranchas deslocar:
Tu és da terra inimigo,
Por isso virás comigo
Dormir no fundo do mar.

Francisco Gomes d'Amorim, *Cantos matutinos*, ed. 1858, pg. 46-51.

XI

O voto d'el-rei.

O' milagre clarissimo e evidente!
CAMÕES.

Em que pensas? que tens? que fixa ideia,
Em quanto um mundo annexas, te sopêa?
Onde, inquieto assim, vaes?
Sêres quem és, e ver que mais te agrade,
Que o aspecto do fausto, o dos sarçaes,
E o silencio de um êrmo, que a cidade!

Deixas tudo o que, em torno, te sorri,
Tudo o que do esplendor, que espalhas, vive,
E sóbes, só do pincaro o declive,
E lá, triste e esquecido até de ti,
Ficas horas!... O que ha que tal motive?

Dize, porque antepões,
Aos coxins de brocado, a rocha brava,
Em que do raio o gume, em chammas, grava
O Nome, que ahi no ambito, os trovões
Proclamam com voz cava?

Porque á c'rôa, que, em brilho, egual não tem,
E que, ennastrada em louros, já domina
Do Estreito áquem e álem,
Preferes os aljofres da neblina,
Que a fronte, em febre, rociar-te vem?

Que fazes onde, só, bem vês que habita,
Entre as urzes e o ar,
Seu ninho, a aguia, e a cella, o cenobita?
Em que é que, inteira, essa attenção se fita?
O que buscas, ó rei, a olhar... a olhar?...

....

E é lá... não onde a vaga, em flor, espuma
Nos eternos vae-vens,
Mas onde da agua o anil se esváe na bruma,
Que tu póstos, ó rei, teus olhos tens!

Que te falta? o que esperas
De climas, que talvez são só chimeras?
Quem te ha-de vir de lá?
Que planos concebeste? em que é que scismas?
Através de que prismas,
Teu espirito o futuro ahi vendo está?

Oh! e agora que o sol d'aureas scentelhas
Já franja ao ar o véo, e em seus clarões
Banha o penhasco e os valles, te ajoelhas
No chão humido, e as mãos, orando, pões!
E que fervor! que mystica doçura!
Ver em ti se afigura,
Em extasi, o propheta, no Synai!
Que devoção é essa,
Em que a alma, inteira, aos labios se arremessa,
E toda n'um pedido se contráe?

O' Virgem do Restêllo,
Dizia humilde o rei,
Se eu chego a merecê-lo,
Ouvi o meu appêllo,
E os olhos nos volvei,
A mim, e á minha grei.
« D'alto mysterio um sêllo
Toda esta empresa tem.
Toda! e poder rompê-lo,
O' Virgem do Restêllo,
Só vós, e mais ninguem.

« Parece-me ainda vê-lo!
Sáe, dobra o cabedêlo,
Ao largo mar se fez;
E passa o dia, o mes,
Dous annos... e, a escondê-lo,
Sempre esta névoa... vês,
O' Virgem do Restêllo?

« Ha tanto tempo já!
Onde é que elle estará,
O' Virgem do Restêllo?

Quem poderá detê-lo ?
O que o detem por lá !
A guerra ? os sóes ? o gélo ?
Ai ! quando é que virá !

« E, ó Virgem do Restêllo,
Cá dentro podeis lê-lo...
Se o plano herança é
De um rei, de reis modêlo,
Moveu-se a commettê-lo,
Não a ambição, a fé.

« Só este ardente zelo
De cultos dar á cruz...
Vós bem deveis sabê-lo,
O' Virgem do Restêllo,
Ao feito audaz me induz.

« Não heis-de protegê-lo ?
Não me direis que sim,
O' virgem do Restêllo ?
Pedir-vol'o, hoje, vim ;
Viria, se fazê-lo
Preciso fosse assim,
De rastos e em cabello.

« Que q'reis ? que vos convem,
Que exprima o meu desvêlo ?
Com claustro um templo ?... Bem.
Se a frota agora ahi vem...
D'aqui prometto erguê-lo,
Do orago de Bethlem,
Qual vossa ermida o tem,
O' Virgem do Restêllo. »
....
....

Pereira da Cunha, *Selecta*, ed. 1879, pg. 84-93.

XII

Saudades do céu.

— O' mãe, quem semeou tantas estrellas
N'esse abysmo que estás a contemplar ?
Quem deu ás ondas, que me inspiram medo,
As perolas que tens no teu collar ?

Seria aquelle Deus cujos decretos
Nos roubaram meu pae e meus irmãos,
E para quem, de joelhos sobre o leito,
Ergo ao deitar-me as pequeninas mãos ? —

« Foi esse, foi! Vê tu como elle é grande,
Que tantos astros espalhou nos céus!
Que tantas joias escondeu nos mares!
Vê tu como elle é grande, aquelle Deus! »

— O' mãe, que linda noite! Em noites d'estas
Eu sinto os anjos sobre mim passar:
Quem me dera tambem as asas puras
Que os vôos lhe sustentam pelo ar! —

Estremeceu a mãe. Depois, convulsa,
Ao palpitante seio o filho uniu;
Rebentaram-lhe as lagrimas dos olhos,
E o menino a scismar nem mesmo as viu.

N'essa noite, ao deitar-se, o bello infante
Ergueu de novo as pequeninas mãos,
Mas quando o sol lhe penetrou no quarto
Tinha partido em busca dos irmãos!

Guilherme Braga, *Heras e Violetas*, p. I, pg. 225.

XIII

Ás mães.

O' santas que emballaes o berço das creanças,
E assim lh'o revestis de flóreas esperanças!
Que andaes sempre a cuidar das almas por abrir,
E a verter-lhes no seio o germen do porvir!
Sois vós que, pela mão, da gloria á vida inquieta,
Levaes um vosso filho, um pallido propheta,
Que é Newton ou Petrarcha, Angelo ou Raphael,
Com o pincel e a penna, o compasso e o cinzel,
Fazendo ennobrecer quem lhe seguir o exemplo...
Sois vós que o conduzis aos porticos do templo
Onde o porvir coroa os genios immortaes,
E, mal chegadas lá, de todo o abandonaes,
Sem aguardar sequer nas sombras d'uma arcada
A grande acclamação que lhe festeja a entrada!
E — modestas que sois! — voltaes a vosso lar
E só vos contentaes em vê-lo atravessar
— C'roada de laureis a fronte scismadora —
Um arco triumphal que o cerca d'uma aurora...
Mas nós, cabeças vãs, escravos pelo amor,
Andamos a dizer: « Beatriz! Leonor! »
E o nome vosso, ó mães, não lembra um só instante!
Quem sabe o nome vosso, ó mães de Tasso e Dante?

O' santas, perdoae! Lá tendes o Senhor
A cobrir-vos de luz, de bençãos e d'amor,
Fazendo abrir ao sol as vossas esperanças.

O' santas, emballae o berço das creanças!

G. Braga, *Heras e Violetas*, p. I, pg. 249.

XIV

Velha Farça.

Rufa ao longe um tambor. Dir-se-ia ser o arranco
D'um mundo que desaba; ahi vae tudo em tropel!
Vão vêr passar na rua um velho saltimbanco
E uma féra que dança atada a um cordel.

O' funambulos vis, comediantes rotos,
O vosso riso alvar agrada á multidão!
E quando vós passaes o archanjo dos esgostos
Atira-vos a flôr que mais encontra á mão!

Lá vae tudo a correr: são as grotescas dansas
D'uns velhos animaes que já foram crueis
E agora vão soffrendo os risos das creanças
E os apupos da turba a troco de dez réis.

Conta um velho histrião, descabellado e pallido,
Da féra sanguinaria o instincto vil e mau,
E vae chicoteando um urso meio invalido
Que lambe as mãos ao povo e faz jogo de páu.

Depois inclina a face e obriga a que lh'a beije
A fera legendaria olhada com pavor:
E uma deosa gentil, vestida de bareje,
Annuncia o prodigio a rufo de tambor!

E as mães erguem ao collo uns filhos enfezados
Que nunca tinham visto a luz dos ouropeis:
E accresce á multidão a turba dos soldados,
— Ao ilota da cidade o escravo dos quarteis.

E o funambulo grita; impõe qual evangelho
A' turba extasiada a grande narração.
E sobre um cão enfermo um ourangotango velho
Passeia nobremente os gestos de truão.

Correi de toda a parte, aligeirae o passo,
Deixae a grande lida e vinde á rua vêr
As prendas d'uma fera, as gallas d'um palhaço,
E um archanjo que sua e pede de beber!

A tua imagem tens ó povo legendario
No comico festim que mal podes pagar,
Pois tu ainda és no mundo o velho dromedario
Que a vara do histrião nas praças faz dansar.

Guilherme de Azevedo, *A Alma Nova*, pag. 17.

XV

O teu lenço.

O lenço que tu me déste
Trago-o sempre no meu seio,
Com medo que desconfiem
D'onde este lenço me veio.

As letras que lá bordaste
São feitas do teu cabello;
Por mais que o veja e reveja,
Nunca me farto de vê-lo.

De noite dorme comigo,
De dia trago-o no seio,
Com medo que os outros saibam
D'onde este lenço me veio.

Alvo, da côr da açucena,
Tem um ramo em cada canto;
Os ramos dizem saudade,
Por isso lhe quero tanto.

O lenço que tu me déste
Tem dois corações no meio;
Só tu no mundo é que sabes
D'onde este lenço me veio.

Todo elle é de cambraia,
O lenço que me offertaste;
Parece que inda estou vendo
A agulha com que o bordaste.

Para o ver até me fecho
No meu quarto com receio,
Não venha alguem perguntar-me
D'onde este lenço me veio.

A scismar neste bordado
Não sei até no que penso;
Os olhos trago-os já gastos
De tanto olhar para o lenço.

Com receio de perdê-lo
Guardo-o sempre no meu seio,
De modo que ninguem saiba
D'onde este lenço me veio.

Nas letras entrelaçadas
Vem o meu nome e o teu;
Bemdito seja o teu nome
Que se enlaçou com o meu!

Por isso o trago escondido,
Bem guardado no meu seio,
Com medo que me perguntem
D'onde este lenço me veio.

Quanto mais me ponho a vê-lo,
Mais este amor se renova;
No dia do meu enterro
Quero levá-lo p'ra cova.

Vem pô-lo sobre o meu peito,
Que eu hei de te-lo no seio;
Mas nunca digas ao mundo
D'onde este lenço me veio.

José Simões Dias, *Peninsulares*, ed. 1899, pg. 195-197.

XVI

Alguem.

Para alguem sou o lyrio entre os abrolhos,
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos,
E se na terra existe, é porque existo.

Esse alguem, que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino o deito
Melancholico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as asas no meu leito,
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! esse alguem
É de meus dias a esplendente aurora,
És tu, doce velhinha, oh minha Mãe!

Gonçalves Crespo, *Obras comleptas*, pg. 105.

XVII

Mater-Dolorosa.

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrimosa estatua da amargura.

Dos céos a curva era tranquilla e pura.
Dos gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulo, voando
Dos mares sobre a cérula planura.

Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedera, astro mavioso,
De alvôr banhando os alcantis das fragas...

E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.

Gonçalves Crespo, *Ibid.*

XVIII

A Judia.

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
a riba, silenciosa; a viração subtil;
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno;
no ceu, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo
bordava aureo listão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

O' noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias d'aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flor! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo, o ceu e o mar...

Se a triste da judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu :
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu!...

....

Corria branda a noite ; immersa em funda magua
fui assentar-me triste e só no meu jardim ;
ouvi um canto ameno ! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente. A voz dizia assim :

— « Dormes ? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi ;
dorme — Impossivel — que encontrei na vida !
dorme, querida, que eu descanto aqui !

Dorme ! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vem dos ceus :
dorme ; e não vejas o martyrio, as maguas,
que eu digo ás aguas e não conto a Deus !

Anjo sem patria, branca fada errante,
perto ou distante que de mim tu vás,
ha de seguir-te uma saudade infinda,
hebreia linda, que dormindo estás.

Onde nasceste ? onde brincaste, ó bella,
rosa singela que não tens jardim ?
Em Jafa ? em Malta ? em Nazareth ? no Egypto ?...
mundo infinito, e tu sem berço ?! oh ! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbelle que um tufão roubou !
flor que n'um vaso se alimenta, cresce,
ri, desparece e nunca mais voltou !

Filha d'um povo perseguido e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê :
sempre Ashevero a percorrer a esphera !
desgraça austera ! inabalavel fé !

porque ha de o lume de teus olhos bellos,
mostrar-me anhelos d'infinito ardor ?
porque esta chamma a consumir-me o seio ?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito ! meu peito, porque anceias tanto ?
pranto ! meu pranto, basta já, não mais !
é sina, é sina ! remador, voltemos ;
não n'a acordemos... para quê, meus ais ?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não volto aqui! » —

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus labios tomei...
ergui-me cheia d'affecto;
vi scintillar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse ás auras: — « Correi!

trazei-m'o! quero contar-lhe
o fundo tormento enorme
da judia que não dorme
a penar d'ignoto amor!
voae! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto...
que venha! o meu trovador!...

Ai, não! que ha na minha historia
que lhe suavise a tristeza?
Nasci na triste Veneza,
onde perdi minha mãe;
acalentaram-me lagrimas
que derramava a saudade,
na desgraçada cidade
que não tem patria tambem.

Cresci; meu pae uma noite
disse-me: — « E' já tempo agora;
ergue-te ao romper da aurora,
vamos partir amanhã;
vamos vêr as terras santas,
sepulchros de teus monarchas;
a patria dos patriarchas,
desde o Egypto ao Chanaan.

Fui, corri o mappa immenso
das montanhas da Judeia;
ai, patria da raça hebreia!
ai, desditosa Sião!
que extensos montes sem relva!
que paragens sem conforto,
onde se estende o Mar-Morto
e onde serpeia o Jordão!...

Aqui, de Hemor os vertigios;
de Ziphe, além o deserto;
longe, o Sinay encoberto;
d'Horeb o morro, inda além;

d'este lado, o Mar-Vermelho;
d'aquelle... nada! uns destroços:
ruinas, campas sem ossos,
e, ao fundo, Jerusalem.

Meu pae chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestigio,
terra de tanto prodigio,
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, esteril,
tudo vastos camiterios
onde ruinas d'imperios
ficaram por mausoleus!

— « Meu pae — disse eu — tenho sede. »
— « Vê filha, a aridez do monte:
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael. »
— « Pae, cansei; mostra-me a patria,
quero dormir sem receio... »
— « Filha, encosta-te ao meio seio
que não tem patria Israel. »

....

Em todo o mundo estranjeira,
toda a vida peregrina!
Vêde se ha mais triste sina:
ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino,
como Aragão á pobre Agar!

Que póde valer á hebreia
sentir n'alma chamma infinda,
como a linda Esther ser linda
e amada como Rachael?
Se o coração da Judia
se entre-abre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
não voltes! tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
não, blasphemastes; Deus, não.
Pôs o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor chama-lhe — loucura,
e o preconceito razão.

Deus é Deus, e um só existe;
cégo é o mundo, e vária a crença;
mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós:
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão de ser de nossos filhos,
foram de nossos avós.

Mas se a crença nos separa
e o mundo exige o supplicio,
dê-se o amor em sacrificio,
deixando-se o pranto á dôr;
eu, cerro o peito á ventura;
tu, esmaga o teu desejo;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador!

Thomás Ribeiro, *Sons que passam*, ed. 1898, pg. 173-181.

XIX

A vida.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.

Em se ella annuveando, em a não vendo,
Já se me a luz de tudo annuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do ceo (se o não sonharam...)
Quis mostrar-me que o bem bem pouco dura!

Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram...

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos (que era vê-los,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escripta em letra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alvéola, delicada
E linda como a flor que haja mais linda,
Passava como o cysne, ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Quando em balsamo de alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo de amor que as almas prende,
Me dizia... o que ás mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalha
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume de um riso a dissipava:

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Já de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel da bocca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de agua,
Em beijos á saudade abrindo a magua,
Mil rosas pela face me esparzia;

Tinha o céo da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraiso,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés brotavam flores!

Deus era inda meu pae; e em quanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia arida e triste,
No céo, no mar, na terra e... na virtude!

Virtude! Que é mais que um nome
Essa voz que em ar se esvae,
Se um riso que ao labio assome
Numa lagrima nos cae!

Que és, virtude, se de luto
Nos vestes o coração?
És a blasphemia de Bruto:
Não és mais que um nome vão

Abre a flor á luz, que a enleva,
Seu calix cheio de amor,
E o sol nasce, passa e leva
Comsigo perfume e flor!

Que é d'esses cabellos de oiro
Do mais subido quilate,
D'esses labios escarlate,
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito que ainda
O coração me perfuma!
Que é d'esse collo de espuma,
Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda
Dos teus doirados cabellos!
D'esses olhos, quero vê-los,
Esmeralda;

Que é d'essa franja comprida
D'aquelle chaile mais leve
Do que a nuvem côr de neve,
Margarida!

Que é d'essa alma que me deste,
D'um sorriso, um só que fosse,
Da tua bocca tão doce,
Flor celeste!

Tua cabeça que é d'ella,
A tua cabeça de oiro,
Minha pomba! meu thesoiro!
Minha estrella!

De dia a estrella de alva empallidece;
E a luz do dia eterno te ha ferido!
Em teu languido olhar adormecido
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

Foste a concha da praia! A flor parece
Mais ditosa que tu! Quem te ha partido,
Meu calix de cristal onde hei bebido
Os nectares do céo... se um céo houvesse!

Fonte pura das lagrimas que choro,
Quem tão menina e moça desmanchado
Te ha pelas nuvens os cabellos de oiro!

Some-te, vela de baixel quebrado!
Some-te, vôa, apaga-te, meteoro!
E' só mais neste mundo um desgraçado!

E as desgraças podia prevê-las
Quem a terra sustenta no ar,
Quem sustenta no ar as estrellas,
Quem levanta ás estrellas o mar.

Deus podia prever a desgraça,
Deus podia prever e não quis!
E não quis, não... se a nuvem que passa
Tambem póde chamar-se infeliz!

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae;
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!
A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôa mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma apos outra lançou,
A vida — penna cahida
Da asa de ave ferida —
De valle em valle impellida
A vida o vento a levou!

Como em sonhos o anjo que me afaga
Leva na trança os lirios que lhe pus,
E a luz quando se apaga
Leva aos olhos a luz!

Levou sim, como a folha que desprende
De uma flor delicada o vento sul,
E a estrella que se estende
Nessa abobada azul;

Como os avidos olhos de um amante
Levam consigo a luz de um terno olhar,
E o vento do levante
Leva a onda do mar!

Como o tenro filhinho quando expira
Leva o beijo dos labios maternaes,
E á alma que suspira
O vento leva os ais!

Ou como leva ao collo a mãe seu filho,
E as asas leva a pomba que voou,
E o sol leva o seu brilho...
O vento m'a levou!

E Deus, tu és piedoso,
Senhor! és Deus e pae!
E ao filho desditoso
Não ouves pois um ai!
Estrellas déste aos ares,
Dás perolas aos mares,
Ao campo dás a flor,
Frescura dás ás fontes,
O lirio dás aos montes,
E roubas-m'a, Senhor!

Ah! quando numa vista o mundo abranjo,
Estendo os braços e, palpando o mundo,
O céo, a terra e o mar vejo a meus pés,
Buscando em vão a imagem do meu anjo,
Soletro á froixa luz de um moribundo
Em tudo só: Talvez!...

Talvez! — é hoje a Biblia, o livro aberto
Que eu só ponho ante mim nas rochas quando
Vou pelo mundo ver se a posso ver;
E onde, como a palmeira do deserto,
Apenas vejo aos pés inquieta ondeando
A sombra do meu sêr!

Meu sêr... voou na asa da aguia negra
Que, levando-a, só não levou comsigo
D'esta alma aquelle amor!
E quando a luz do sol o mundo alegra,
Chrysallida nocturna a sós commigo
Abraço a minha dor!

Dor inutil! Se a flor que ao céo envia
Seus balsamos se esfolha, e tu no espaço
Achas depois seus atomos subtis,
Inda has-de ouvir a voz que ouviste um dia...
Como a sua Leonor inda ouve o Tasso...
Dante, a sua Beatriz!

— Nunca! responde a folha que o outono,
Da haste que a sustinha a mão abrindo,
Ao vento confiou;
— Nunca! responde a campa onde do somno
E quem talvez sonhava um sonho lindo,
Um dia despertou!

— Nunca ! responde o ai que o labio vibra ;
— Nunca ! responde a rosa que na face
Um dia emmurcheceu :
E a onda que um momento se equilibra
Emquanto diz ás mais : Deixae que eu passe !
E passou e... morreu !

João de Deus, *Campo de Flores*, ed. de 1896, pg. 205-214.

XX

Rachel.

Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, lirio esquecido
Do orvalho do céo !
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher ! irmã dos que hão soffrido,
Mulher ! sou irmão teu.

Consolos não te dou, que não existe
Quem de lagrimas suas nunca enxuto
Possa as de outro enxugar :
Não póde allivios dar quem vive triste,
Mas é-me doce a mim chorar se escuto
Alguem tambem chorar.

Botão de rosa murcho á luz da aurora !
Que peccado equilibra o teu martyrio
Na balança de Deus ?
Se é como justo e bom que elle se adora,
Quem te ha mudado a ti, ó rosa, em lirio,
E em lirio os labios teus ?

Não enche elle de balsamos o calix
Da flor a mais humilde, a esses espaços
Não enche elle de luz ?
Não veiu o Filho seu, lirio dos valles !
Só por amor de nós pregar os braços
N'os braços de uma cruz :

Mulher, mulher ! quando eu num cemiterio
Levanto o pó dos tumulos sósinho :
Eis, digo, eis o que eu sou !
Mas, quando penso bem n'esse mysterio
Da virtude infeliz : Vae teu caminho ;
Dois mundos Deos creou !...

Deus não dispara a setta envenenada
Á pombinha, que aos ares despedira,
Com mão traidora e vil ;

Imagem sua, Deus não volve ao nada,
Não anniquilla a flor que ao chão cahira
Lá d'esse eterno abril !

Has-de, cysne, expirando alçar teu canto ;
Hás-de lá quando a lua da montanha
Te acene o extremo adeus,
Voar, Candida, ao céo, e ebria de encanto
No oceano de amor que as almas banha,
Unir teu canto aos seus.

Seus d'ellas, mãe e irmã... cinzas cobertas
D'um só lanço de terra... Oh desventura !
Oh destino cruel !
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma á outra á sepultura,
E a mãe : « Rachel ! Rachel ! »

Desde então, á janella do occidente
Te hão de ver como a bussola em seu norte
Fita pensando.... em que ?
Oh ! não n'os vôes tambem, pomba innocente !
E' grande a eternidade e é certa a morte :
Espera, vive e crê !

J. de Deus, *ibid.*, pg. 215-217.

XXI

A Victoria Colonna.

Ha não sei quê divino, força é crê-lo
N'esses teus olhos de uma luz tão pura
Que ao vê-los, tive logo por segura
A eterna paz que é meu constante anhelo.

Filha de Deus, nossa alma aspira a vê-lo ;
Desprezando caduca formosura
Ella em seu giro eterno só procura
A fórma, o typo universal do bello.

Não póde amar, não deve, uma alma casta
Fugaz belleza, graça transitoria,
Coisa que o tempo leva, o tempo gasta.

Nem tambem alma digna de memoria
Póde amar o prazer que o bruto arrasta,
Em vez do puro amor — sombra da gloria.

J. de Deus, *ibid.*, pg. 623.

XXII

A' Virgem Santissima.

Num sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra luz, era outra suavidade
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

Ó visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Anthero do Quental, *Os sonetos completos*, ed. de 1890, pg. 88.

XXIII

Na mão de Deus.

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depus do Ideal e da Paixão
A forma transitoria imperfeita.

Como criança, em lobrega jornada,
Que a mãe leva no colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

A. do Quental, *ibid.*, pg. 121.

XXIV

Anima mea.

Estava a Morte ali, em pé, deante,
Sim, deante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a funebre bacchante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo mundo errante? »

— Não temas, respondeu (e uma ironia
Sinistramente extranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um trophéo
Glorioso de mais... Busco a tua alma. » —
Respondi-lhe: « A minha alma já morreu! »

A. do Quental, *ibid.*, pg. 82.

XXV

Aparição.

Pelas espadas que tu tens no peito,
Pelos teus olhos rôxos de chorar,
Pelo manto que trazes de astros feito,
Por esse modo tão lindo de andar;

Por essa graça e esse suave geito,
Pelo sorriso (que é de sol e luar)
Por te ouvir assim sobre o meu leito,
Por essa voz, baixinho: « Ha-de sarar... »

Por tantas bençãos que eu sinto n'alma,
Quando chegando vens, assim tão calma,
Pela cinta que trazes, côr dos ceus:

Adivinhei teu nome, Apparição!
Pois consultando manso o coração
Senti dizer em mim « A mãe de Deus! »

Antonio Nobre, *Despedidas*, 1902, pg. 8.

XXVI

Ao caír das folhas.

A minha irmã Maria da Gloria.

Podessem suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fôr viajar para o Sol-posto.

De modo que me faça bom encosto
O travesseiro comporá com geito.
E eu tam feliz! — Por não estar affeito,
Hei-de sorrir, Senhor, quasi com gosto.

Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas que não tive?

Assim irei dormir com as crianças,
Quasi como ellas, quasi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

Antonio Nobre, *Ibid.*

XXVII

A Vida.

....

Olha em redor, poiza os teus olhos! O que ves?
O mar a uivar! A espuma verde das marés!
Escarros! A traição, o odio, a agonia, a inveja!
Toda uma cathedral de lutas, uma igreja
A arder entre clarões de coleras! O orgulho
Insupportavel tal o meu, e o sol de Julho!
Jesus! Jesus! quantos doentinhos sem botica!
Quantos lares sem lume e quanta gente rica!
Quantos reis em palacio e quanta alma sem ferias!
Quantas torturas! Quantas Londres de miserias!
Quanta injustiça! quanta dor! quantas desgraças!
Quantos suores sem proveito! quantas taças
A trasbordar veneno em espumantes boccas!
Quantos martyrios, ai! quantas cabeças loucas,
N'este macomio do Planeta! E as orfandades!
E os vapores no mar, doidos ás tempestades!
E os defuntos, meu Deus! que o vento traz á praia!
E aquella que não sae por ter uzada a saia!
E os que sossobram entre a vaidade e o dever!
E os que têm, amanhã, uma lettra a vencer!
Olha essa procissão que passa: um torturado

De Infinito ! Um rapaz que ama sem ser amado,
E para ser feliz fez todos os esforços...
Olha as insomnias d'uma noite de remorsos,
Como dez annos de prizão maior-cellular !
Olha esse tysico a tossir, á beira-mar...
Olha o bébé que teve Torre de coral
De lindas illuzões, mas que uma aguia, afinal,
Devorou, pois, ao vê-la ao longe, avermelhada,
Cuidou, ingenua ! que era carne ensanguentada !
Quantos são, hoje ? Horror ! A lembrança das datas...
Olha essas rugas que têm certos diplomatas !
Olha esse olhar que têm os homens da politica !
Olha um artista a ler, soluçando, uma critica...
Olha esse que não tem talento e o julga ter
E aquelle outro que o tem... mas não sabe escrever !
Olha, acolá, a Estupidez ! Olha a Vaidade !
Olha os Afflictos ! A mentira na Verdade !
Olha um filho a espancar o pae que tem cem annos !
Olha um moço a chorar seus crueis desenganos !
Olha o nome de Deus, cuspido num jornal !
Olha aquelle que habita uma Torre de sal,
Muros e andaimes feitos, não de ondas coalhadas,
Mas de outras que chorou, de lagrimas salgadas !
Olha um velhinho a carregar com a farinha
E o filho no arraial, jogando a vermelhinha !
Olha a sair a barra a galera *Gentil*
E a Anna a chorar p'lo João que parte p'ro Brazil !
Olha, acolá, no caes uma outra como chora :
E' o marido, um ladrão, que vae « p'la barra fóra !
Olha esta noiva amortalhada, n'um caixão...

Jesus ! Jesus ! Jesus ! o que ahi vae de afflicção !
O' meu amor ! é para ver tantos abrolhos,
O' flor sem elles ! que tu tens tão lindos olhos !
Ah ! foi para isto que te deu leite a tua ama,
Foi para ver, coita-la ! essa bola de lama
Que pelo espaço vae, leve como a andorinha,
A Terra ?
O' meu amor !... antes fosses ceguinha...

A. Nobre, *Só*, ed. de 1892, pg. 111-113.

XXVIII

Ave Marias.

Nas nossas ruas, ao anoitecer,
Ha tal soturnidade, ha tal melancholia,
Que as sombras, o bulicio, o Tejo, a maresia
Despertam-me um desejo absurdo de soffrer.

O ceu parece baixo e de neblina,
O gaz extravasado enjôa-me, perturba;
E os edificios, com as chaminés, e a turba
Toldam-se d'uma côr monotona e londrina.

Batem os carros d'aluguer, ao fundo,
Levando á via ferrea os que se vão. Felizes!
Occorrem-me em revista exposições, países:
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Semelham-se a gaiolas, com viveiros,
As edificações, sómente emmadeiradas:
Como morcegos, ao cair das badaladas,
Saltam de viga em viga os mestres carpinteiros.

Voltam os calafates, aos magotes,
De jaquetão ao hombro, enfarruscados, seccos;
Embrenho-me, a scismar, por boqueirões, por beccos,
Ou erro pelos caes a que se atracam botes.

E evoco, então, as chronicas navaes:
Mouros, baixeis, heroes, tudo resuscitado!
Lucta Camões além salvando um livro a nado!
Singram soberbas naus que eu não verei jámais!

E o fim da tarde inspira-me; e incommoda!
De um couraçado inglês vogam os escaleres;
E em terra num tinir de louças e talheres
Flammejam, ao jantar, alguns hoteis da moda.

Num trem de praça arengam dois dentistas;
Um tropego arlequim braceja numas andas;
Os cherubins do lar fluctuam nas varandas;
Ás portas, em cabello, enfadam-se os logistas!

Vasam-se os arsenaes e as officinas;
Reluz, viscoso, o rio, apressam-se as obreiras;
E num cardume negro, herculeas, galhofeiras,
Correndo com firmeza, assomam as varinas.

Vem sacudindo as ancas opulentas!
Seus troncos varonis recordam-me pilastras;
E algumas, á cabeça, embalam nas canastras
Os filhos que depois naufragam nas tormentas.

Descalças! Nas descargas de carvão,
Desde manhã á noite, a bordo das fragatas;
E apinham-se num bairro aonde miam gatas,
E o peixe pôdre géra os focos de infecção!

Cesario Verde, *O Livro de Cesario Verde*, 1901, pg. 60.

XXIX

De tarde.

N'aquelle « pic-nic » de burguezas,
Houve uma coisa simplesmente bella,
E que, sem ter historia nem grandezas,
Em todo o caso dava uma aguarella.

Foi quando tu, descendo do burrico,
Foste colher, sem imposturas tolas,
A um granzoal azul de grão de bico
Um ramalhete rubro de papoulas.

Pouco depois, em cima d'uns penhascos
Nós acampámos, inda o sol se via;
E houve talhadas de melão, damascos,
E pão de ló molhado em malvasia.

Mas, todo purpuro, a sahir da renda
Dos teus dois seios como duas rolas,
Era o supremo encanto da merenda
O ramalhete rubro das papoulas!

C. Verde, *ibid.*, pg. 69.

XXX

A mãe e o filho morto.

A pobre da mãe cuidava
Que o filhinho inda vivia,
E nos braços o apertava!
O coração que batia
Era o d'ella, e não do filho
Que já do somno da morte
Havia instantes dormia.

Olhei, e fiquei absorto
Na dôr d'aquella mulher
Que tinha, sem o saber,
Nos braços o filho morto!

Resava, e do fundo d'alma!
Em quanto a infeliz resava
O pobre infante esfriava!

Quando gelado o sentira,
O grito que ella soltou,
Meu Deus! — que dôr expressou!

Pensei então : — A mulher,
Para alcançar o perdão
De quantos crimes tiver,
Na fervorosa oração
Basta que possa dizer :
« Tive um filhinho, Senhor,
E o filho do meu amor
Nos braços o vi morrer ! ! »

Bulhão Pato, *Cantos e Satyras,* 1873, pag. 29.

XXXI

No serão.

(FRAGMENTO)

AO VISCONDE DE BENALCANFOR

São os teus olhos, menina
dois gominhos de maçã...
Quem me dera a mim trincal-os
em jejum, pela manhã.
Cant. popul.

E o serão começou. Tudo é festejo...
Rompe a banza de Paulo alegre harpejo...

— E agora, ó da fiada, haja quem toque —
diz Theresita. Diz e o seu galante
áquella voz, que o intima,
ergue o chapéo,
encara o céo,
prepara a voz, mais a rima,
desce o bordão, sobe a prima,
e canta.

A viola está bem alta,
mas por alta nada perde,
a voz a mim não me falta ;
vou cantar a canna verde.

Ó Canninha, ó verde canna,
ó filha do cannavial,
eu namoro uma tricana
mas em bem, que nem-ja em mal.

Não tem o sol ondas de oiro
ao descair no sol posto
como as do cabello loiro,
que lhe inunda todo o rosto.

Os olhos — duas estrellas
e da côr da noite o olhar,
mal desunidos sobre ellas
dois arcos negros a par.

A fronte da côr da lua,
as faces côr da manhã...
Madurece côr da sua
a pelle de uma maçã.

A boquita, conjecturo
que lh'a fizeram as fadas
das metades orvalhadas
de um morango bem maduro.

Por isso, quando succede
respirar-lhe a gente a fala,
morre-se a gente de sede
e, o que appetece, é trincál'a.

— Tão pequena, tão pequena,
que a gente ás vezes nem sabe,
quando suspira de pena,
se um ai! por ella lhe cabe!

— Não vem no rio pedrinhas
a rebolar nas correntes
tão lustrosas, tão branquinhas,
como o esmalte dos seus dentes.

Nem ha no raiar do dia,
quando a estrella empallidece,
não ha d'aquella alegria,
que ao seu sorrir amanhece!

O pescoço côr de neve
dá nas vistas pela alteza.
Rosas de tal gentileza
querem hastil, que as eleve.

De descahidos, coitados!
os hombros dá pena vêl'os,
talvez de tão carregados
com o pezo dos cabellos.

D'uma vez enamorado
o amor pousou-lhe no seio,
e, áquelle doce embalado,
adormeceu-lhe no meio.

— Tem umas mãos tão pequenas,
que não se me dava um dia
de lhes dar um beijo apenas,
a ver se o beijo cabia.

— Os pésinhos tomam banho
em duas gotas d'orvalho!
vejam, d'aquelle tamanho,
quando a levam, que trabalho!

Quando canta na ribeira
de saias arregaçadas,
ficam as aguas paradas
a adorar a lavadeira.

E d'alli até aos mares
tudo são conversas ternas
sobre miragens de olhares,
sobre esculpturas de pernas,

— Mas retrato seu perfeito
não tem ella um, senão
aqui dentro do meu peito
gravado no coração.

Fernando Caldeira, *Mocidades*, 188?, pg. 84.

XXXII

Missa das almas.

Altas horas. Ao vicio a febre, sem descanço,
Povôa de visões a treva abafadiça.
Então na muito velha egreja, muito manso,
Um sino velho-relho acorda e toca á missa.

Em tempos bons tangeu repiques ás centenas,
Baptismos festejando e deslumbrados noivos;
Rachado agora, o som que vibra alcança apenas
O termo a que attingir um balsamo de goivos.

Rangem portas. Fieis velhinhas pelas ruas
Vão tossindo e gemendo, arfando, ennoveladas;
Sombras, com vivo amor pelas alminhas suas,
São nuncias sem falhar das frescas madrugadas.

Na ermida a noite escura acolhe-se affectiva;
Sós, duas vélas põem, de lume ao ceu direito,
Na Senhora do altar tres pontos de luz viva,
Nos olhos e na espada a atravessar-lhe o peito.

Um padre e um sachristão, dos dois qual mais velhinho
Dobrados como anzoes, de frontes como neve,
D'alva e sobrepelliz d'alvinitente linho,
Um vago alvor no escuro abriram muito leve.

Velhas, da noite irmãs, na sombra, velha amiga,
Quanta visão lhes surge, ai, quanto sonho idéam!
O padre resa o introito e o sacristão mastiga
Um latim acabando em *juventutem meam*.

E logo, por milagre, em cada peito arrulha
Uma saudade azul. que estende as azas, corre,
Que da aurora ideal nos altos céos mergulha,
Sabendo que lá vive o que na terra morre.

Pelos olhos sem brilho e alguns talvez sem vista,
Todos postos em alvo, o antigo amor perpassa,
De tempos mortos lume, estrellas em revista,
Purissima visão cheia de luz e graça.

A missa continúa, e cada olhar devoto
Rasga a treva buscando um mundo em que se interna,
Buscando n'esse mundo outro que foi, remoto,
E uns olhos em que vive a claridade eterna.

Tem canticos de arroio o ciciar da prece,
As alminhas têm sede, a missa é de defunctos;
Então sob a vetusta abobada parece
Ouvir-se o revoar de muitos pombos juntos.

Ao levantar a Deus, correm pelo ar livores;
Ao som da campainha, a luz ajuda a festa;
Já, como n'um bafejo, os pallidos vapores
Esfumam, ao de leve, um traço em cada aresta.

Um tenuissimo véo de seda luminosa
Tendeu-se pela cal do tecto e das columnas;
Nas vélas muda a chamma a cór em cór de rosa;
Albergam toda a sombra as concavas tribunas.

A missa vai no fim. O padre deita a bençam.
Radiante surge o dia embalsamado e loiro.
As velhas a benzer-se, olhando os muros, pensam
Que uma frota do céo navega em rios d'oiro.

E cuidam que é, decerto, a aurora que as encanta
E as aquece e as perfuma, o resplendor sómente
Das almas, que as reveste, além, na terra santa,
D'onde ao mundo as evoca uma oração fervente.

E sonham inda mais que, um dia muito perto,
Hão de ir tambem buscando, ao despontar da aurora,
N'um barco de topasio o porto em céos aberto,
Puxando a cada remo uma alma que se adora.

Dia claro. Fechou-se a porta. As velhas descem.
O sol no azul palpita esplendido e risonho.
E ellas vão, sem dar fé das coisas que florescem,
As vidas entretendo a prolongar o sonho.

D. João da Camara, *A Cidade*, 1908, pg. 67.

XXXIII

As Mondadeiras.

Por entre os trigos as mondadeiras
Enchem as várzeas de cantorias.
Herva damninha, que bem que cheiras
Nasces e afrontas as sementeiras
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rego em rego, sempre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas,
— O' mocidade, tu nunca mentes! —
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas,
Que rico assumpto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras:
Saias, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella
Faina constante pelos trigaes;
O' mondadeiras, tende cautella,
Que o parasita que se debella,
Se escapa cresce cada vez mais!

É necessario que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia,
E, quando caia na mó da azenha,
Não seja o caso que ás vezes tenha
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera,
Fecundos dias para a lavoira!
A natureza se retempera
Na farta seiva que as plantas gera,
No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,
Em torno ao freixo que as inebria:
Nos tendaes leves, rectangulares,
Nédios carneiros, aos centenares,
São desnudados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando,
Porque o trabalho não as enerva,
Põem-se a prumo de quando em quando,
Erguendo os braços e carregando
Sobre as cabeças molhadas de herva.

A tarde morre tranquillamente:
Na freguezia sôam trindades:
Penetra as coisas e invade a gente
Como uma benção de paz clemente,
Que vai cahindo sobre as herdades.

É já sol posto. Ao longe as nóras
Gemem na rega dos laranjaes.
O' agua clara, penso que choras
E te lamentas, horas e horas,
Porque alto sobes e d'alto cáes!

E as mondadeiras voltam das mondas,
Sachola ao hombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito ás ondas
Que não se quebram como as do mar!

Conde de Monsaraz, *Musa Alemtejana*, pg. 15.

PROSA

XXXIV

Fr. Luís de Sousa.

MANUEL DE SOUSA, *sentado num tamborete ao pé da mesa, o rosto inclinado sobre o peito, os braços cahidos e em completa prostração d'espirito e de corpo; num tamborete do outro lado* JORGE *meio encostado para a mesa com as mãos postas, e os olhos pregados no irmão.*

MANUEL

Oh minha filha, minha filha! *(Silencio longo)* Desgraçada filha, que ficas orphan!... orphan de pae e de mãe... *(Pausa)*... e de familia e de nome, que tudo perdeste hoje... *(Levanta-se com violenta afflicção)* A desgraçada nunca os teve! — Oh Jorge, que esta lembrança é que me mata, que me desespera! *(Apertando a mão do irmão que se levantou após d'elle e o está consolando do gesto)* E' o castigo terrivel do meu erro... se foi erro... crime sei que não foi. E sabe-o Deus, Jorge, e castigou-me assim, meu irmão!

JORGE

Paciencia, paciencia: os seus juizos são imprescrutaveis *(Acalma e faz sentar o irmão: tornam a ficar ambos como estavam).*

MANUEL

Mas eu em que mereci ser feito o homem mais infeliz da terra, posto de alvo á irrisão e ao discursar do vulgo?... Manuel de Sousa Coutinho, o filho de Lopo de Sousa Coutinho, o filho de nosso pae, Jorge!

JORGE

Tu chamas-te o homem mais infeliz da terra... Já te esqueceste que ainda está vivo aquelle...

MANUEL, cahindo em si.

E' verdade. *(Pausa; e depois, como quem se desdiz)* Mas não é, nem tanto: padeceu mais, padeceu mais longamente, e bebeu até ás fezes o calix das amarguras humanas... *(Levantando a voz)* Mas fui eu, eu que lh'o preparei, eu que lh'o dei a beber, pelas mãos... innocentes mãos!... d'essa infeliz que arrastei na minha quéda, que lancei n'esse abysmo de vergonha, a quem cobri as faces — as faces puras, e que não tinham córado d'outro pejo senão do da virtude e do recato... cobri-lh'as de um veo d'infamia que nem a morte ha de levantar, porque lhe fica perpétuo e para sempre, lançado sobre o tumulo a cobrir-lhe a memoria de sombras... de manchas que se não lavam! — Fui eu o auctor de tudo isto, o auctor da minha desgraça e da sua deshonra d'elles... Sei-o, conheço-o; e não sou mais infeliz que nenhum?

JORGE

Vê a palavra que disseste: « deshonra: » lembra-te d'ella e de ti, e considera, se podes pleitear miserias com esse homem a quem Deus não quis accudir com a morte antes de conhecer ess'outra agonia maior. — Elle não tem...

MANUEL

Elle não tem uma filha como eu, desgraçado... *(Pausa)* — uma filha bella, pura, adorada, sobre cuja cabeça — oh, porque não é na minha! — vai cahir toda essa deshonra, toda a ignominia, todo o opprobrio que a injustiça do mundo, não sei porquê, me não quer lançar no rosto a mim, para pôr tudo na testa branca e pura de um anjo que não tem outra culpa senão a da origem que eu lhe dei.

JORGE

Não é assim, meu irmão, não te ceges com a dor, não te faças mais infeliz do que és. Já não és pouco, meu pobre Manuel, meu querido irmão! e Deus ha de levar em conta essas amarguras. Já que te não póde apartar o calix dos beiços, o que tu padeces, ha de ser descontado n'ella, ha de resgatar a culpa...

MANUEL

Resgate! sim, para o ceu: n'esse confio eu, mas o mundo?...

JORGE

Deixa o mundo e as suas vaidades.

MANUEL

Estão deixadas todas. Mas este coração é de carne.

JORGE

Deus, Deus será o pae de tua filha.

MANUEL

Olha, Jorge: queres que te diga o que eu sei decerto, e que devia ser consolação... mas não é, que eu sou homem, não sou anjo, meu irmão — devia ser consolação, e é desespero, é a coroa d'espinhos de toda esta paixão que estou passando... é que a minha filha... Maria... a filha do meu amor — a filha do meu peccado, se Deus quer que seja peccado — não vive, não resiste, não sobrevive a esta affronta. *(Desata a soluçar, cai com os cotovelos fixos na mesa e as mãos apertadas no rosto; fica n'esta posição por longo tempo. Ouve-se de quando em quando um soluço comprimido. Frei Jorge está em pé detraz d'elle, amparando-o com seu corpo, e os olhos postos no ceu.)*

JORGE, chamando timidamente.

Manuel!

MANUEL

Que me queres irmão?

JORGE, animando-o.

Ella não está tão mal: já lá estive hoje...

MANUEL

Estiveste?... oh! conta-me, conta-me; eu não tenho... não tive ainda animo de a ir ver.

JORGE

Haverá duas horas que entrei na sua camara, e estive ao pé do leito. Dormia, e mais socegada da respiração. O accesso de febre, que a tomou quando chegámos de Lisboa e que viu a mãe n'aquelle estado, — parecia declinar... quebrar-se mais alguma coisa. Dorothea, e Telmo... pobre velho coitado!... estavam ao pé d'ella, cada um de seu lado... disseram-me que não tinha tornado a... a...

MANUEL

A lançar sangue?... Se ella deitou-o do coração!... não tem mais. N'aquelle corpo tão franzino, tão delgado, que mais sangue ha de haver? — Quando hontem a arranquei de ao pé da mãe e a levava nos braços, não m'o lançou todo ás golphadas aqui no peito? *(Mostra um lenço branco todo manchado de sangue.)* Não o tenho aqui .. o sangue... o sangue da minha victima?... que é o sangue das minhas veias... que é sangue da minha alma — é o sangue da minha querida filha! *(Beija o lenço muitas vezes)* Oh meu Deus! meu Deus, eu queria pedir-te que a levasses já... e não tenho animo. Eu devia acceitar por mercê de tuas misericordias que chamasses aquelle anjo para junto dos teus, antes que o mundo, este mundo infame e sem commiseração, lhe cuspisse na cara com a desgraça do seu nascimento. — Devia, devia... e não posso, não quero, não sei, não tenho animo, não tenho coração. Peço-te vida meu Deus *(Ajoelha e põe as mãos)* peço-te vida, vida, vida... para ella, vida para minha filha!... saude, vida para a minha querida filha!... e morra eu de vergonha, se é preciso; cubra-me o escarneo do mundo, deshonre-me o opprobio dos homens, tape-me a sepultura uma loisa de ignominia, um epitaphio que fique a bradar por essas eras deshonra e infamia sobre mim!... Oh meu Deus, meu Deus! *(Cahe de bruços no chão... Passado algum tempo, Frei Jorge se chega para elle, levanta-o quasi em peso, e o torna a assentar.)*

JORGE

Manuel, meu bom Manuel. Deus sabe melhor o que nos convém a todos: põe nas suas mãos esse pobre coração, põe-n'o resignado e contricto, meu irmão, e Elle fará o que em sua misericordia sabe que é melhor.

MANUEL, com vehemencia e medo.

Então desinganas-me... desinganas-me já?... é isso que queres dizer? Falla, homem: não ha que esperar d'alli, não é assim? dize: morre, morre?... *(Desanimado)* Tambem fico sem filha!

JORGE

Não disse tal. Por caridade comtigo, meu irmão, não imagines tal. Eu disse-te a verdade: Maria pareceu-me menos opprimida; dormia...

MANUEL, variando.

Se Deus quisera que não acordasse!

JORGE

Valha-me Deus!

MANUEL

Para mim aqui está esta mortalha: *(Tocando no habito)* morri hoje... vou amortalhar-me logo; e adeus tudo o que era mundo para mim! Mas a minha filha não era do mundo... não era Jorge; tu bem sabes que não era: foi um anjo que veiu do ceu para me acompanhar na peregrinação da terra, e que me apontava sempre, a cada passo da vida para a eterna pousada d'onde viera e onde me conduzia... Separou-nos o archanjo das desgraças, o ministro das iras do Senhor que derramou sobre mim o vaso cheio das lagrimas, e a taça rasa das amarguras ardentes de sua cholera... *(Cahindo de tom)* Vou com esta mortalha para a sepultura... e, viva ou morta, cá deixo a minha filha no meio dos homens que a não conheceram, que a não hão de conhecer nunca, porque ella não era d'este mundo nem para elle... *(Pausa)* — Torna lá, Jorge, vai vê-la outra vez, vai e vem-me dizer; que eu ainda não posso... mas hei de ir, oh! hei de ir vê-la e beijá-la antes de descer á cova... Tu não queres, não podes querer...

JORGE

Havemos de ir... quando estiveres mais socegado... havemos de ir ambos: descansa, has de vê-la. — Mas isto inda é cedo.

MANUEL

Que horas são?

JORGE

Quatro, quatro e meia. *(Vae á porta da esquerda e volta)* São cinco horas, pelo alvor da manhan que já dá nos vidros da igreja. D'aqui a pouco iremos; mas socega.

MANUEL

E a outra... a outra desgraçada, meu irmão?

JORGE

Está — imagina por ti — está como não podia deixar de estar: mas a confiança em Deus póde muito: vai-se conformando. O Senhor fará o resto. — Eu tenho fé n'este escapulario *(Tocando no habito em cima da mesa)* para ti e para ella. Foi uma resolução digna de vós, foi uma

inspiração divina que os alumiou a ambos. Deixa estar; ainda póde haver dias felizes para quem soube consagrar a Deus as suas desgraças.

MANUEL

E isso está tudo prompto? Eu não soffro n'estes habitos, eu não aturo, com estes vestidos de vivo, a luz d'esse dia que vem a nascer.

JORGE

Está tudo concluido. O arcebispo mostrou-se bom e piedoso prelado n'esta occasião; e é um santo homem, é. O arcebispo já expediu todas as licenças e mais papeis necessarios. Coitado! O pobre velho velou quasi toda a noite com o seu vigario para que não faltasse nada desde o romper do dia. Mandou-se ao provincial, e pela sua parte e pela nossa tudo está corrente. Frei João de Portugal, que é o prior de Bemfica, e tambem vigario do Sacramento, sabes, chegou haverá duas horas, noite fechada ainda, e cá está; é quem te ha de lançar o habito, a ti e a Dona... a minha irman. — Depois ireis, segundo vosso desejo, um para Bemfica, outro para o Sacramento.

MANUEL

Tu és um bom irmão, Jorge: *(Aperta-lhe a mão)* Deus t'o ha de pagar. *(Pausa)* Eu não me atrevo... tenho repugnancia... mas é forçoso perguntarte por alguem mais. Onde está *elle*... e o que fará!...

JORGE

Bem sei, não digas mais: o romeiro. Está na minha cella, e de lá não ha de sair — que foi ajustado entre nós — senão quando... quando eu lh'o disser. Descansa: não verá ninguem, nem será visto de nenhum d'aquelles que o não devem ver. Demais, o segredo do seu nome verdadeiro está entre mim e ti — além do arcebispo, a quem foi indispensavel communicá-lo para evitar todas as formalidades e delongas que aliás havia de haver n'uma separação d'esta ordem. — Ainda ha outra pessoa com quem lhe prometti — não pude deixar de prometter, porque sem isso não queria elle entrar em accordo algum — com quem lhe prometti que havia de fallar hoje e antes de mais nada.

MANUEL

Quem? será possivel? Pois esse homem quer ter a crueldade de rasgar, fevra a fevra, os pedaços d'aquelle coração já partido? — Não tem intranhas esse homem: sempre assim foi, duro, desapiedado como a sua espada. — E' D. Magdalena que elle quer vêr?...

JORGE

Não, homem; é o seu aio velho, é Telmo Paes. Como lh'o havia de eu recusar?

MANUEL

De nenhum modo: fizeste bem; eu é que sou injusto. Mas o que eu padeço é tanto e tal!... Vamos; eu ainda me não intendo bem claro com esta desgraça: dize-me, falla-me a verdade: minha mulher... — minha mulher! com que bocca pronuncio eu ainda estas palavras! D. Magdalena o que sabe?

JORGE

O que lhe disse o romeiro n'aquella fatal sala dos retratos... o que já te contei. Sabe que D. João está vivo, mas não sabe aonde: suppõe-no na Palestina talvez; é onde o deve suppor pelas palavras que ouviu.

MANUEL

Então não conhece, como eu, toda a extensão, toda a indubitavel verdade da nossa desgraça. Ainda bem! talvez possa duvidar, consolar-se com alguma esperança de incerteza.

JORGE

Hontem de tarde não: mas esta noite começava a raiar-lhe no espirito alguma falsa luz d'essa van esperança. Deus lh'a deixe se é para bem seu.

MANUEL

Porque não ha de deixar? Não é já desgraçada bastante? — E Maria, a pobre Maria!... Essa confio no Senhor que não saiba, ao menos por ora...

JORGE

Não sabe. E ninguem lh'o disse, nem dirá. Não sabe senão o que viu: a mãe quasi nas agonias da morte. Mas o motivo, só se ella o adivinhar. — Tenho medo que o faça...

MANUEL

Tambem eu.

JORGE

Deus será comnosco e com ella! — Mas não: Telmo não lhe diz nada por certo; eu já lhe asseverei — e acreditou-me — que a mãe estava melhor, que tu ias logo vê-la... E assim espero que, até lá por meio dia, a possamos conservar em completa ignorancia de tudo. Depois ir-se-lhe-ha dizendo, pouco a pouco, até onde for inevitavel. E Deus... Deus acudirá.

MANUEL

Minha pobre filha, minha querida filha!

A. Garrett, *Frei Luis de Sousa,* acto 3.°, scena II.

XXXV

Discurso do Porto Pireu.

(PERORAÇÃO)

Os individuos morrem; depois da morte vem a justiça e começa a immortalidade das famas honradas. Eu não sou materialista religioso nem politico, espero salvar a minha alma em Jesu-Christo, e o meu credito na lembrança dos Portugueses: nessa esperança certa de resurreição adormeço tranquillo ao som dos huivos infernaes com que presumiam fazer-me desesperar nesta hora que cuidaram da morte.

Mas não é assim das crenças e opiniões politicas; essas não morrem, essas precisam desaggravadas em vida dos que as professam, e por isso as vim hoje defender, e aos seus irmãos em doutrina, dos traiçoeiros ataques de seus inimigos. Por mim, ladrem todas as tres gargantas do cão infernal, que nem me importa açaimá-lo de fôrça, nem uma *sopa* lhe heide deitar para lhe callar um latido.

Como cidadão nunca renunciei um direito, nem que me custasse a fazenda, a vida, a patria: tenho-o provado nos cárceres, no exilio, na miseria...

Como subdito nunca faltei a uma obrigação: e não menos duramente asselei a minha lealdade...

Como portugues, nem um pensamento leve, momentaneo, — chegou a cruzar-me ainda no cerebro, de que não possa vangloriar-me á face do mundo...

Como funccionario publico, quis minha boa estrella que ainda não estivesse em logar a que podessem chegar nem as suspeitas da inveja...

Fraco homem de letras sou, não presumo d'ellas; mas nunca prostitui a minha prosa numa mentira, os meus versos numa lisonja... Fallem esses opusculos que a Nação portuguesa ainda tem a indulgencia de ler.

Fraco soldado fui, o último, o derradeiro d'essa phalange em que tantos morreram para nos immortalizar a todos. Mas nem fiquei nos *bailes de Paris* ou nos *pasmatorios de Londres,* em quanto os meus compatriotas vinham incerrar-se nos debeis muros do Porto; nem a minha mão, apezar de imbelle e doente, recusou pegar na espingarda de soldado, para ficar nas reservas de França e de Inglaterra, manejando a penna censoria que tudo achava mau quanto se fazia pelos que expunham a sua vida por elles. Cubri-me do vestido grosseiro, nutri-me do pão grosseiro do soldado razo, nunca tive outra paga ou outra etapa, fiz como os outros sem ser valentão; e a debil pégada que o meu obscuro pé imprimiu nas praias do Mindello, hade ficar gravada na historia, como a dos bravos cujos heroicos feitos rodeam de uma aureola de glória os fracos serviços de seus honrados companheiros que, para o commum empenho, não deram pouco no que deram porque era quanto tinham.

....

Não fomos nós os unicos que estivemos no porto Pyreu. La estavam sem dúvida os que vendo estar esses bojudos galleões carregados de urnas e de votos, de actas e de escrutinios, calculando mal a aura popular que lhes infunava as velas, imaginaram que toda aquella carga era sua, correram á alfandega, fizeram os gastos do despacho, e so conheceram a pequena parte que tinham na sociedade quando viram chegar os donos a tomar posse da maior porção da carga.

No porto Pyreu estavam os que suppunham que nenhum podêr era possivel senão o seu nesta terra; e que a Nação se havia de levantar *em massa virtuosa,* cada vez que o Chefe do Estado ousasse quebrar o que, em sua modestia, como privilegio exclusivo se arrogavam, chamando fosse quem fosse aos conselhos da Coroa, sem ordem ou, pelo menos, sem consentimento de suas altas potencias.

No porto Pyreu estavam, mas com má e perigosa doudice, os que não duvidaram transtornar a ordem pública, fazer correr o sangue pelas ruas para que não entrasse no ministerio um homem fortemente suspeito de Ordeiro a quem declaravam inimigo do Povo e assassino da liberdade — e que d'ahi a pouco chamaram inimigos do Povo e assassinos da liberdade aos que tiveram a menor dúvida sôbre a conveniencia d'esse mesmo ministerio.

No porto Pyreu estavam os que, sem virtudes... ou com ellas, de toda a parte importavam calumnias e injúrias que vendiam a retalho, mercadejando da reputação dos homens de bem; e que, na momentanea crença que suas falsidades encontravam no vulgo, imaginavam ter estabelecido perpétua fé que para sempre os fizesse odiosos ao Povo, e so para si ficasse a boa opinião e credito de honrados exclusivos.

No porto Pyreu estavam os que sem serviços... ou com elles imaginaram podêr offuscar os de todos os que não fossem de sua parcialidade, e condemnar a perpétuo ostracismo quantos fizessem sombra a suas pretensões vaidosas.

....

No porto Pyreu estavam os que imaginaram que este honrado Povo portugues se tinha esquecido de que pela Legitimidade lhe viera a Liberdade, que na fidelidade dos seus Reis tinha a melhor garantia d'ella, e a *unica* de sua independencia; que na religião de Jesu-Christo — a so crença que professa a egualdade do homem — tinha o mais seguro amparo e fortaleza de seus direitos. Que assentaram que bastava dizer insultos ao Throno para que o Throno ficasse impopular; que bastava mofar da religião, para que o Povo abjurasse a religião de seus paes!... O Povo zombou d'elles!! O Povo curou-os de sua loucura, desinganando-os, amando a religião, respeitando o Throno e querendo a liberdade com ambos. O povo foi o seu medico, queixem-se d'elle se podem, mas as receitas ahi estão — e as visitas do medico, ao menos não as pagaram

A. Garrett, *Obras*, t. XXI, pg. 112-121.

XXXVI

O Mosteiro.

....

Grossos e altos cancellos de roble separam do resto do templo um extenso recinto sem sepulchros, immediato ao altar principal: ergue-se no topo cruz agigantada: por um e outro lado daquelle espaço além das grades negrejam duas fileiras de monjas: muitas estão de joelhos e debruçadas sobre o primeiro degrau do altar: em pé, entre as duas fileiras, uma dellas, cujos olhos devairados reluzem á claridade das tochas e cujo aspecto severo infunde uma especie de terror, tem na mão um punhal, cujo ferro sem brilho parece tincto em sangue. Juncto da monja um vulto de mulher vestida de branco sobresáe no meio das virgens cubertas de lucto: unido ás grades que defendem a entrada daquelle recinto, um velho, cujas melenas e longa barba lhe alvejam sobre os hombros e peito, está de joelhos com os braços estendidos através da balaustrada: agita-o uma convulsão horrivel de pavor, que lh'embarga na garganta os sons articulados e só lhe consente murmurar um ruído confuso, semelhante ao respiro ancioso, do agonisante. Um dos dous córos de freiras começa a entoar de novo os psalmos: a monja do punhal estende a mão, ordenando silencio. Vai falar. Suintila, a ponto de arremessar-se para aquelle lado, pára e escuta as suas palavras. São lentas e lugubres, como as de espectro que se alevantasse d'alguma das campas derramadas ao longo da crypta. Dirige-se ao vulto branco que está ao seu lado:

« Ainda uma vez, nobre dama, attendei as supplicas do velho bucellario que tenta salvar-vos. Para vós ha esperança na terra: a nossa mora no céu. Quando os infiéis souberem que ainda existe na Hespanha quem possa quebrar com ouro o vosso captiveiro ou vingar com ferro a vossa affronta, respeitarão a pureza de nobre virgem. A nós, que não temos ninguem no mundo, restava-nos unicamente o

tremendo arbitrio que o Senhor nos inspirou. O martyrio não tardará a cingir-nos a fronte duma aureola de gloria: os anjos de Deus nos esperam ».

« A minha ultima resolução, veneravel Chrimhilde, é acabar juncto de vós e de nossas irmans. O meu animo sairá, como o dellas, illeso da ultima prova que Christo nos pede na vida. Como ellas, darei sem hesitar testemunho da cruz. O velho bucellario de meu pae mente á propria consciencia quando afirma que os infiéis respeitarão a pureza de uma donzella goda: a infamia tem sido escripta por elles na fronte das familias mais illustres da Hespanha: o cutello ou a prostituição é o que os arabes offerecem á innocencia. Eu escolho o cutello: a morte vale mais que a deshonra. Porventura, para a evitar me guiou o Senhor ao mosteiro da Virgem Dolorosa. »

« Seja feita a vontade do Altissimo » — respondeu a abbadessa alevantando ao céu as mãos, entre as quaes apertava o punhal.

Depois de um momento de silencio, Chrimhilde disse, voltando-se para o lado esquerdo: « Hermentruda, approximae-vos! »

Uma das monjas saíu d'entre as outras e veio ajoelhar aos pés da abbadessa: as suas companheiras ajoelharam tambem voltadas para o altar; e o hymno que Suintila ouvira ao descer para a crypta murmurou de novo naquellas curvas abobadas.

Como lá no horizonte o sol tremulo e sereno se reclina ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicio de orações submissas. Apenas cessou de todo, um gemido de agonia agudo e rapido soou juncto da abbadessa. Aos olhos de Suintila afigurou-se que o punhal de Chrimhilde descera duas vezes sobre a monja que estava a seus pés. Um brado de colera e horror, saíndo involuntariamente da boca do godo, restrugiu pelo templo. Crera o renegado que Hermentruda havia sido assassinada. Pareceu-lhe então claro o sentido das palavras mysteriosas que ouvira. As monjas fugiam ao captiveiro do harem pelo ádito do sepulchro. Elle assistia a uma scena horrenda de suicidio, e o braço mais robusto de Chrimhilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades, conformes para morrer.

« Mulher ou demonio, detem-te! » — bradou Suintila, correndo com os cheiks e o centenario para o recinto fechado e procurando abrir os fortes cancellos que lh'embargavam os passos.

Embebidas no seu drama cruel, nem as monjas nem Chrimhilde volvem sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas reluzem ao fulgor das tochas. Hermentruda não está morta. Ergueu-se. Tem a cabeça descuberta, os louros cabellos esparzidos, o collo nú. Bem como o aspecto do formoso archanjo de luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condemnação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pallidos, estão sulcados por betas escuras, que serpeiam por aquelle gesto, como as viboras estiradas ao sol sobre um busto grego tombado entre as ruinas de antigo templo pagão. E' que, semelhantes ao nordeste frio e agudo, que, passando pela bonina viçosa, lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Chrimhilde correram por lá violentos e rapidos, e num momento anniquilaram a formosura da virgem.

As grades fechadas interiormente balouçam aos empuxões de Suintila: mas não cedem. « Okba — diz o godo a um dos cheiks — correi! Chamae os mais robustos zenetas e os negros de Takrur

armados dessas achas a cujo primeiro golpe nunca resistiu elmo de bronze. Prestes! chamae-os aqui. Abdulaziz deve ter chegado. Que venha! Mulher infernal lhe vae destruindo peça a peça os despojos mais ricos, os que elle destinava para si e para o khalifa. Que venha salvá-los! Que venha! Prestes, cheik de Hoara! »

E, emquanto o cheik galga a extensa escadaria, os tres tentam muitas vezes fazer estourar os grossos ferrolhos, que resistem ás suas diligencias. Arquejando, Suintila abandona a tentativa inutil. Ameaça Chrimhilde: as injurias acompanham as ameaças; seguem-nas as supplicas, as promessas, e logo, de novo, as pragas e as affrontas. Baldado é tudo. Chrimhilde lançou ao renegado um olhar de compaixão e conservou-se em silencio.

Mas os canticos cessaram de todo; as monjas saem successivamente de ambos os lados e vem ajoelhar aos pés da abbadessa; vem despir as galas da formosura e comprar á custa dellas a pureza da virgindade e a palma do martyrio. Cada vez mais rapido range o punhal nos collos purissimos das virgens do mosteiro. O gemido, que expira comprimido pela constancia, já se prende com o que a dôr e a fraqueza mulheril arrancam do seio das victimas ao descer do primeiro golpe, e a fileira das que se vão debruçar sobre os degráus do altar cresce d'instante a instante, ao passo que rareiam as outras duas.

A terrivel sacerdotisa parou. Está o seu braço cansado de tão largo sacrificio? Não! Braço e animo são robustos, porque os fortalece o espirito do Senhor. E' que o momento supremo da morte se approxima. A mourisma jorra subitamente pelo portal estreito, como o rio caudal na caverna que lhe estendia debaixo do leito e cuja abobada fendeu tremor de terra. Os guerreiros negros das tribus de Takrur, á voz de Abdulariz que os precede, precipitam-se contra os solidos cancellos do logar vedado: vinte machados ferem a um tempo nas grades, que gemem sob a furia dos golpes e mal resistem ás pancadas violentas dos negros possantes, aos quaes redobra os brios a presença do amir, cuja colera resfólega em maldições e blasphemias.

Entre as monjas e os arabes bem curta distancia medeia: e todavia, lá no mais pequeno recinto, onde soam gemidos de dores atrozes, onde só ri uma esperança, a da morte, ha paz intima, ha o céu; aqui, na vasta crypta, onde a ebridade de facil triumpho, a riqueza dos despojos, o futuro de uma larga existencia de gloria e deleites sorriem na mente dos infiéis, está o furor insensato, está o inferno. O evangelho e o koran estão frente a frente no resultado das suas doutrinas. E' sublime a victoria do livro do Nazareno!

Os golpes de machado redobram: os troncos affeiçoados do roble começam a estourar nas suas juncturas. A ultima freira fora já curvar-se juncto aos degráus do altar; a donzella vestida de branco vai ajoelhar aos pés de Chrimhilde, exclamando:

« Para mim tambem o martyrio! Salvae-me do opprobio!

« A tua constancia, filha, na dura prova de agonia por que tens passado te purificou. Sê uma das monjas da Virgem Dolorosa e vae com tuas irmans receber a coroa de martyr. »

O ferro, porém que descia sobre o collo da donzella foi cair com a mão de Chrimhilde aos pés da cruz gigante do altar. Um revês do alfange de Abdulaziz lh'a cerceara: as solidas grades estavam despedaçadas.

A abbadessa vacillou e, ao cair, só póde murmurar: « Jesus, recebe a minha alma! »

Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe atalhou na garganta o derradeiro suspiro.

As freiras ergueram-se e encaminharam-se para o logar em que jazia o cadaver destroncado da abbadessa. Ajoelharam juncto della com a face voltada para a turba dos infiéis. Os seus rostos inchados, e manando sangue, eram disformes e horriveis.

« Ao menos tu, serás minha! — exclamou o amir, lançando a mão ao braço da donzella vestida de branco, a quem o terror desta scena rapidissima tornara immovel, como uma dessas estatuas que parecem orar sobre os sepulchros nas cathedraes da idade-média. Filhos valentes do Sudan, conduzi-a á minha tenda. As outras, que as asas do anjo Azrael se estendam sobre os seus cadaveres. »

D'ahi a poucas horas a crypta estava em silencio. As monjas da Virgem Dolorosa jaziam degoladas em volta da veneravel Chrimhilde, e as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus.

A. Herculano, *Eurico o Presbytero*, cap. XII, pg. 149-156.

XXXVII

Um poeta cego.

Encetava eu apenas a carreira do estudo, tão menino, que a ouvirem-me já ler, e verem-me formar caracteres, era (nunca a minha vaidade o esqueceu) um thema de admirações e de felizes prognosticos para os parentes e amigos da familia.

De repente uma doença não paga com martyrisar-me, não contente de balançar-me por um fio largos meses entre a vida e a morte, me atira vivo para um sepulchro! Eu respirava; mas os bellos olhos, idolatras das flores e de Amalia, e vangloria de minha mãi, não sabiam se havia ainda no ceo o sol de Deus! E' impossivel recordar-me desse prazo, prazo de não sei quantas eternidades, sem que ainda agora o coração se me confranja.

Imaginai um homem á hora em que se fosse embarcar num bergantim doirado, por um mar de prata, com virações balsamicas dos vergeis da terra, cuidando já velejar horisonte em fóra para um mundo de delicias... e lançado de improviso no mais fundo subterraneo de uma torre! Esse homem tão desafortunado, e desafortunado tão sem culpa, que nem ainda era homem, fui-o eu; e tanto mais sem ventura, quanto ninguem então, nem eu por conseguinte me julgava possivel a resurreição, e a soltura. Convalesci. Tinha as forças e a edade para folgar, tinha o desejo e a precisão do movimento, da convivencia, da fraternisação, geral, da conquista, enfim, do que pelos olhos de opéra de continuo nos inexauriveis dominios da natureza e da sociedade; não podia permanecer immovel; mas o meu carcere, sem lanterna, me seguia por toda a parte. A ave da poesia, que me pipilava dentro, debatia-se contra as grades quando ouvia lá de fóra estrondear a vida festival, e pelo ecco deshumano das suas vozes se lhe revelava o sem numero de bellas coisas, que até os insectos e vermes senhoreavam pela vista.

A. F. de Castilho, *Amor e melancolia*, pg. 204.

XXXVIII

Coimbra á morte de Afonso Henriques.

... Funda magoa apertava com mão robusta os corações dos christãos de Coimbra, e de todos os que começavam a povoar de novo esta terra portuguesa, assolada por guerras d'anniquilação, mas remida do dominio dos Mosselemanos com sangue de muitos milhares de martyres soldados. Vestidos com sobrevestes de burel pardo, viam-se os cavalleiros subirem para a alcaçova, ou descerem de lá em silencio pelas ruas escuras e tortuosas da cidade, e os sobrejuizes e officiaes paladinos com vestiduras d'almafega encaminharem-se para a *córte*, ou tribunal supremo, onde se distribuia a justiça. Similhante á paz de um cemiterio, a paz que reinava em Coimbra era lobrega e pesada.

No campanario do cenobio de Sancta Cruz um sino batia de quando em quando uma pancada soturna, e lá em cima nos paços do alcacer os prantos das carpideiras, discordes e agudos, reboavam pelas salas, e iam expirar pelas corredouras e arcarias, misturando-se e confundindo-se com o gemido do vento.

D. Affonso Henriques fôra depositar perante o throno de Deus uma larga vida consumida em grande parte nas batalhas pelejadas em nome do christianismo e da patria. A voz de bronze do mosteiro era o gemido da igreja; o murmurio profundo e sentido, que transverberava pelas ventanas e frestas da alcaçova, resumia e representava o pranto doloroso, que soava por todos os angulos da boa terra lusitana, ao verem seus filhos que o braço d'aquelle homem de ferro, cuja passagem na terra fôra uma incessante peleja, e a cujo nome, maldicto d'infieis, estavam ligadas as glorias portuguesas de meio seculo, largara a espada para nunca mais a empunhar quando por entre os eccos dos anafiles mouriscos retumbasse o grito de Allah, — o grito do accommetter.

As portas do templo monastico estavam cerradas havia tambem tres dias: os monges psalmeavam as orações dos finados ao redor de uma tumba vazia, e na capella fronteira uma campa, ahi posta de fresco, cubria o cadaver agigantado do fundador da monarchia, que de tantos senhorios herdados a seu filho, reservara apenas para si nove palmos de terra e uma lousa, que lhe servissem de derradeira morada, e dos avultados thesouros, accumulados por elle, só guardára para seu monumento uma espada embotada, e um escudo assignado de golpes das lanças e alfanges dos arabes.

Tal era o aspecto grave e melancholico de Coimbra durante os dois dias primeiros depois, que se finára o vencedor d'Ourique: tal era o seu aspecto pelo alvor da manhã de nove de Dezembro do anno de 1185.

A. F. de Castilho, *Quadros Historicos*, f. 53.

XXXIX

Decadencia dos povos Peninsulares no principio do século XVII

....

A producção decresce, a agricultura recua, estagna-se o commercio, deperecem uma por uma as industrias nacionaes; a riqueza, uma

riquesa faustosa e esteril, concentra-se em alguns pontos excepcionaes, em quanto a miseria se alarga pelo resto do país : a população, decimada pela guerra, pela emigração, pela miseria, diminue d'uma maneira assustadora. Nunca povo algum absorveu tantos thesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre ! No meio d'essa pobreza e d'essa atonia, o espirito nacional desanimado e sem estimulos, devia cair naturalmente n'um estado de torpor e de indifferença. É o que nos mostra claramente esse salto mortal dado pela intelligencia dos povos peninsulares passando da Renascença para os seculos 17.° e 18.° A uma geração de philosophos, de sabios e artistas criadores, succede a tribu vulgar dos eruditos sem critica, dos academicos, dos imitadores. Saimos d'uma sociedade de homens vivos, movendo-se ao ar livre : entramos n'um recinto acanhado e quasi sepulcral, com uma atmosphera turva pelo pó dos livros velhos, e habitado por espectros de doutores. A poesia, depois da exaltação esteril, falsa, e artificialmente provocada do Gongorismo, depois da affectação dos conceitos (que ainda mais revelava a nullidade do pensamento), cae na imitação servil e inintelligente da poesia latina, n'aquella escola classica, pesada e fradesca, que é a antithese de toda a inspiração e de todo o sentimento. Um poema compõe-se doutoralmente, como uma dissertação theologica. Traduzir é o ideal : inventar, considera-se um perigo e uma inferioridade : uma obra poetica é tanto mais perfeita quanto maior numero de versos contiver traduzidos de Horacio, de Ovidio. Florescem a tragedia, a ode pindarica e o poema heroi-comico, isto é, a affectação e a degradação da poesia. Quanto á verdade humana, ao sentimento popular e nacional, ninguem se preocupava com isso. A invenção e originalidade, n'essa epoca deploravel, concentra-se toda na discripção cynicamente galhofeira das miserias, das intrigas, dos expedientes da vida ordinaria. Os *Romances picarescos*, hespanhoes, e as *Comedias populares* portuguesas, são os irrefutaveis actos de accusação, que, contra si mesma, nos deixou essa sociedade, cuja profunda desmoralisação tocava os limites da ingenuidade e da inocencia no vicio. Fóra d'esta realidade pungente, a litteratura official e palaciana, expraiava-se pelas regiões insipidas do discurso academico, da oração funebre, do panegirico encommendado — generos artificiaes, pueris, e mais que tudo soporificos. Com um tal estado dos espiritos, o que se podia esperar da Arte ? Basta erguer os olhos para essas lugubres moles de pedra, que se chamam o Escurial e Mafra, para vermos que a mesma ausencia de sentimento e invenção, que produzio o gosto pesado e insipido do Classicismo, ergueu tambem as massas compactas, e friamente correctas na sua falta de expressão, da architectura jesuitica. Que triste contraste entre essas montanhas de marmore, com que se julgou attingir o grande, simplesmente por que se fez o monstruoso, e a construcção delicada, aérea, proporcional e, por assim dizer, espiritual dos Jeronymos, da Batalha, da cathedral de Burgos ! O espirito sombrio e depravado da sociedade reflectio-o a Arte, com uma fidelidade desesperadora, que será sempre perante a historia uma incorruptivel testemunha de accusação contra aquella epoca de verdadeira morte moral. Essa morte moral não invadira só o sentimento, a imaginação, o gosto : invadira tambem, invadira sobre tudo a intelligencia. Nos ultimos dois seculos não produzio a Peninsula um unico homem superior, que se possa pôr ao lado dos grandes criadores da sciencia moderna : não saiu da Peninsula uma só das grandes descobertas intellectuaes, que são a maior obra e a maior honra do espirito

moderno. Durante 200 annos de fecunda elaboração, reforma a Europa culta as sciencias antigas, cria seis ou sete sciencias novas, a anatomia, a phisiologia, a chimica, a mechanica celeste, o calculo differencial, a critica historica, a geologia : apparecem os Newton, os Descartes, os Bacon, os Leibniz, os Harvey, os Bufon, os Ducange, os Lavoisier, os Vico — onde está, entre os nomes d'estes e dos outros verdadeiros heroes da epopea do pensamento, um nome espanhol ou portugues? que nome hespanhol ou portugues se liga á descoberta d'uma grande lei scientifica, d'um systema, d'um facto capital? A Europa culta engrandeceu-se, nobilitou-se, subiu sobre tudo pela sciencia : foi sobre tudo pela falta de sciencia que nós descemos, que nos degradámos, que nos annullámos. A alma moderna morrera dentro em nós completamente.

....

A. do Quental, *Causas da decadencia dos Povos Peninsulares...*, Porto, 1871, pgs. 13-17.

XL

Universidade de Coimbra

A Universidade de Coimbra, que antigamente era quasi que o nosso unico estabelecimento scientifico, conserva ainda hoje o primeiro logar entre os outros que a revolução liberal creou e engrandeceu. Entre os seus antigos alumnos ou professores contou ella sempre homens illustres, taes como Luis de Camões, Gabriel Pereira de Castro, Sá de Miranda, Antonio Ferreira; depois os dois Elpinos, Durão, Mello Freire, Brotero, José Anastasio, S. Luis, Sacra-Familia, Garrett, Castilhos, Coelho da Rocha, e outros muitos. Os partidos politicos deveram-lhe e devem-lhe ainda hoje alguns dos seus principaes caudilhos e ornamentos; J. A. d'Aguiar e F. A. Lobo, Antonio Ribeiro Saraiva, Bruschy, Gomes d'Abreu, José Estevão e os dois Passos honram este alcaçar das letras. A litteratura contemporanea recebeu d'aqui muitos dos seus melhores florões; João de Lemos, Soares de Passos, João de Deus, João Penha, e outros que continuam as tradições gloriosas da nossa historia litteraria, receberam das auras do Mondego as inspirações das suas musas.

Bem conhecido é o que de Coimbra e de sua Universidade escreveu o distincto humanista e infeliz patriota Frei Heitor Pinto. Diz elle na sua obra dos *Dialogos* : « E assim como quem edifica em terra alheia, por mais que faça, sempre fica devendo o foro ao senhorio de cuja mão tem a terra, assim por mais que os moradores de Lisboa, Evora, Santarem e d'outras cidades e villas nobres d'este reino edifiquem, sempre ficam devendo o foro a esta tão antiga como excellente cidade de Coimbra... E assim como do centro da esphera sahem as linhas para a circumferencia, assim d'aqui sairam as armas com que se conquistou o reino, e d'aqui sahem as virtudes e as letras, assim divinas como humanas, com que elle é ornado e ennobrecido. E finalmente é esta cidade como alma d'este reino, coroada e sempre leal, e uma formosa imagem em que todas devem pôr os olhos. »

Tinha razão o douto monge jeronymo, elle que foi tambem uma das joias mais preciosas da Universidade de Coimbra. E o que elle escreveu no seculo XVI ainda hoje se verifica em grande parte.

O antigo estabelecimento de D. Dinis, disse alguem ha bem poucos annos, é como a cidade da sua séde — nunca envelhece. Remoça constante numa juventude perpetua; impregna-se d'aquella florescente mocidade de seus filhos, que são os filhos de todo o Portugal, que para aqui faz convergir de todos os pontos o mimo das suas povoações. Por isso esta terra é como espelho de todas as outras, centro de muitas attenções, alvo de innumeras esperanças, onde os paes concentram futuros auspiciosos, e as mães as suas longas saudades.

A. A. da Fonseca Pinto, *Panorama photographico de Portugal*, pag. 105.

XLI

Retrato de Tibério.

....

No seio do mar de Napoles, e defronte das costas da Campania, erguia-se Capréa, prizão por fora e asylo de delicias por dentro. Na corôa do seu alcantilado rochedo descobriam-se os tectos e eirados das doze casas de recreio construidas por Tiberio em memoria dos doze deuses superiores do Olympo. Bellos edificios thermaes, aqueductos e arcarias ligavam os valles com a montanha.

N'este recanto aprazivel, resguardados pelo mar dos tumultos do continente, e cobertos dos rigores das estações pela grande muralha do monte Solaro, buscaram silencio e tranquilidade alguns dos senhores do mundo. Augusto habitou-o quatro annos. O filho de Livia escolheu-o para a cidadella das suas crueldades. Nero não se esquecia de o visitar frequentes vezes.

A sensualidade romana era habil em acommodar as formosuras da natureza aos seus deleites. Nero cavou os seus banhos na famosa gruta, que os viajantes admiram em Capréa, fazendo entrar as aguas salgadas por conductos subterraneos.

No tempo de Tiberio escarpadas rochas fechavam o acesso da ilha por toda a parte; e no unico sitio, aonde se desembarcava, sentinellas vigilantes tomavam o passo, não deixando que ninguem se aproximasse da residencia do principe, sem licença.

....

Aquelle velho disforme, com o rôsto meio comido de ulceras, meio remendado de emplastros, calvo, curvado, de olhos ferinos, e halito fetido; repugnante, taciturno, e altivo — aquelle homem gasto e cansado de devassidões monstruosas e occultas, que está recostado á mesa, e questiona, sordido de embriaguez, no meio dos grammaticos sobre a côr dos cabellos de Phebo, ou ácerca da idade dos cavallos de Achilles — aquella figura sinistra, que a hediondez e os vicios assignalam pela sua expressão sinistra — é Tiberio!

Ao seu lado acha-se Thrasyllo, poderoso no animo do imperador pelo medo que lhe infunde em nome dos astros.

Desprezador das leis divinas e humanas, e alardeando impiedade e escarneo em pontos de crença religiosa, o enteado de Augusto, como todas as almas fracas, unia a superstição ao atheismo. Quando o trovão estalava e os raios fuzilavam cobria a cabeça de louros para

afugentar a tempestade; e desafiando o poder de Deus, cedia como uma creança aos signaes imaginarios das estrellas, permittindo tudo ao astucioso grego, que fingia ler nos céus — no livro sublime, que a Sabedoria eterna cerrou aos homens!

Os deleites asquerosos, e as torpezas mais abjectas acabaram de lhe esgotar as forças, e a decrepidez apressou-se antes da idade. Quanto a devassidão requintada, e a obscenidade podiam inventar, tinha-o elle realisado nos seus harens secretos. Para se formar idéa da depravação a que Roma tinha chegado é preciso lutar com o pejo, e seguir em algumas paginas de Tacito e de Suetonio as descripções espantosas, que ultrajam o pudor, e pareceriam traçadas pela calumnia se o testemunho de tantas victimas e de tantos depoimentos as não confirmasse!

Igual em todas as cousas, Tiberio até se excedeu a si nos vicios sensuaes! Levantando-se dos prazeres do banquete, cambaleando, e perdido de vinho; ou saindo das infamias monstruosas dos serralhos, o passatempo de Cesar era assistir aos supplicios e á agonia dos que o seu capricho, a sua cubiça, ou as suspeitas haviam sentenciado Os mais barbaros tratos precediam ali a morte, que debalde imploravam as dores e supplicas dos condemnados.

Espojando-se no lodo das devassidões, e no sangue derramado pelos algozes, Tiberio cessou de matar quando a vida lhe fugiu. De vinte conselheiros, chamados no começo do reinado, dous ou tres escaparam apenas á sua ferocidade. Elle proprio conhecia o horror que inspirava exclamando: — « Detestem-me; mas obedeçam! »

Luís Augusto Rebello da Silva, *Fastos da Igreja*, t. I, 1854, pg. 253-258.

XLII

Vasco da Gama.

....

Quem era Vasco da Gama? De que tronco procedia? Onde nascêra? Que feitos lhe tinham assellado o merecimento, quando el-rei D Manuel o escolheu por seu primeiro descobridor? E' quasi indifferente a prosapia e genealogia para os que nascem, não para se comprazerem ociosos no passado, senão para rasgarem por si mesmos o caminho até á mais remota posteridade. Ha homens que derivam dos seus antepassados todo o merito. São como vermes, que vivem de ossadas sepulchraes. Estes são os que só valem pelo sangue dos avós, sangue já sem hematina e sem globulos vermelhos, sangue obscuro, inerte, incapaz de grandes feitos, sangue de mendigos illustres ou de chatins agaloados. Outros homens ha, que á similhança do Nilo para os antigos, não se acerta dizer d'onde procedem, e principiando em berço escuro e nevoento, a pouco trecho já assombram com o seu nome e dominam com a sua irresistivel superioridade uma inteira civilização, assim como o rio caudaloso do Egypto, inundando os campos com a sua corrente impetuosa, derrama o seu nateiro fecundissimo na região, por onde corre já distante das nascentes ignoradas. Estes homens não carecem de herdar no sangue o esforço, o genio, a majestade. Elles são ao mesmo tempo o tronco e o rebento, a estirpe e a

descendencia. Nasceram para dar nome ás ociosas gerações, de que são progenitores. Uns para valerem, é mister que digam : « Eu descendo de um heroe ». Os outros com o nobre orgulho dos que a si mesmos se coroaram, basta que digam : « Da luz, que diffundi na minha epocha, no mundo, em toda a humanidade, ainda uns clarões irão dourar a fronte obscura da familia, que eu fundar ». Uns são os que encontraram no berço a purpura, cosida dos retalhos, que ainda restam do manto dos avós. Os outros são os que a souberam talhar com o engenho ou com a espada no estofo humilde e sem valor. Uns são os reis *fainéants*, os magnates de cerebro vasio e de escudo divisado de heraldicas pinturas. Os outros são os Gamas, os Bonapartes, os Newtons, os Laplaces, os Hugos, os Shakspeares, cuja gloria é tão grande e pessoal, que ao mundo absorto e deslumbrado na contemplação de tão intensa luz, não é dado o distinguir em suas stirpes quem antes ou depois d'elles existiu.

....

Foi Vasco da Gama de estatura mean, porém de vigorosa corporatura. A' forte compleição respondia cabalmente a impavida fortaleza do seu animo, a constancia inabalavel nas emprezas, o desprezo dos perigos mais instantes, o vigor inflexivel no governo, a severa justiça, em que foi exemplar. Em verdade, no seu trato com os inimigos, á força de ser duro e inexoravel, raiava muitas vezes em cruel. Mas se hoje pomos de um lado na balança algumas de suas mais inclementes represalias contra mouros e gentios, e se estamos a ponto de o condemnar sem remissão em nome da humanidade, ponhâmos na outra concha as circumstancias extraordinarias, em que passaram os seus feitos no Oriente, e venhamos a concluir que a necessidade, as idéas e os costumes do seu tempo em certa maneira o escusaram das cruezas e sevicias, que exerceu. Como navegador foi talvez o primeiro, não sómente do seu seculo, senão de todas as edades e nações desde o primeiro que ás ondas se aventurou. Com elle podem unicamente entrar em parallelo Christovão Colombo, e principalmente Fernão de Magalhães. De navegante foi sem duvida a sua gloria principal. Como soldado e capitão aprazíam-lhe mais as pelejas no Oceano do que em terra os mais galhardos feitos de armas. Nunca o vemos como um Almeida, um Albuquerque, ou um Pacheco, desembarcar de suas naus e reptar longe d'ellas o inimigo. O mar era a scena predilecta dos seus brios, a terra, como que um passageiro diversorio, onde apenas repousar das maritimas refregas, ou tratar com os reis orientaes, mais como negociador do que soldado. Quando urgia castigar uma traição ou uma affronta, não saia na praia com os seus bellicosos companheiros, antes recolhido em seus navios, d'ali senhoreava o mar e a terra com as bombardas, ora arrasando as povoações, ora afundindo no Oceano as fustas e os paráos do inimigo.

Acima de todos os homens eminentes, que levaram os baixeis e as armas portuguesas até os mais remotos confins do nosso globo, levanta-se Vasco da Gama, á similhança do mais alteroso cimo do Himalaya, que vê abaixo de si as mais erguidas cumiadas, que sem elle seriam assombrosas serranias colossaes. Toda a acção de Portugal na historia da civilisação está personificada no seu grande soldado navegador, o espirito da patria no Camões, tambem guerreiro e navegante, que ao nome do argonauta enlaçou no seu poema todas as glorias de Portugal.

Latino Coelho, *Galeria de Varões Illustres de Portugal, Vasco da Gama*, 2.ª parte, ed. de 1882, pg. 10-19 e 369-371.

XLIII

Origens de Portugal.

(PRIMEIRO SERÃO)

O que era Portugal. — Os carthagineses. — Os romanos. — Viriato. Sertorio.

— Meus amigos, começou o João da Agualva, é de saber que esta terra em que nós vivemos nem sempre foi Portugal, e se alguem se lembrasse de fallar, aqui ha cousa de uns tres ou quatros mil annos ou mesmo só de mil annos, em Portugal e em portugueses, havia de ver como todos ficavam embasbacados sem perceber patavina. Isto lá para os antigos era tudo Hespanha, desde os cocurutos dos Pyrinéus, que são uns montes que separam a Hespanha da França, até essas aguas do mar que cercam por todos os lados a nossa terra, mais a dos hespanhoes, e até por estar este pedação de terra cercado de agua por toda a parte, menos pela banda dos Pyrinéus, é que se chama a isto *peninsula*, que quer dizer uma cousa que é quasi uma ilha, mas que o não vem a ser de todo.

....

Estavam os carthagineses senhores da Hespanha, e, como tinham posto fóra os phenicios, queriam tambem pôr fóra os gregos, quando estes se lembraram de pedir o soccorro dos romanos, que andavam ha muito tempo de rixa velha com os carthagineses, e que eram dos povos mais pimpões d'aquelle tempo.

— Vieram então os romanos? perguntou o Francisco Artilheiro que estava seguindo com interesse a narrativa.

— Não tiveram tempo de vir, porque um tal Annibal, rapasote dos seus vinte e cinco annos, e que dizem até que era filho de uma lusitana, succedendo no commando dos carthagineses a seu pae Amilcar, não esperou que elles viessem, correu a Sagunto, uma das taes colonias gregas, tomou-a e queimou-a, e depois sae da Hespanha, atravessa os montes Pyrenéus e mais os montes Alpes, que parecia que tinha mesmo o diabo no corpo, bate os romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha-os mais alem, e ás duas por tres, se continua assim de vento em pôpa, era uma vez Roma. Porém, os romanos, que eram tambem levadinhos da breca, nunca desanimaram, e, apesar de estarem de corda na garganta, tiveram artes de mandar para cá um exercito, de fórmá que, emquanto Annibal saía por uma porta, entravam os romanos por outra. O atrevimento ia-lhes saindo caro, isso é verdade, mas a fortuna virou, e o que é certo é que d'aqui a pouco tempo não havia nem um carthaginez na peninsula, e estavam os romanos senhores de tudo isto.

— Então os povos de cá estavam a olhar ao signal? perguntou Bartholomeu.

— Ora ahi é que bate o ponto. Effectivamente, os povos cá das Hespanhas acharam assim exquisito que os cartaginezes e os romanos andassem a dispor d'elles, sem ao menos lhes perguntar a sua opinião, de fórma que, quando os romanos, julgando-se senhores da Hespanha, começaram a espreguiçar-se, os differentes povos da peninsula disseram-lhes d'esta maneira: « Ora esperem lá, senhores romanos, que nós somos duros para colchões!

— Ah ! boa rapasiada ! observou, esfregando as mãos, o Francisco Artilheiro.

— Começou a pancadaria, e o povo que andou sempre na frente foram cá os nossos lusitanos, principalmente os serranos do Herminio (que era assim que se chamava d'antes a serra da Estrella). Não eram os romanos capazes de metter dente cá para este lado, até que uma vez um dos seus generaes, chamado Sergio Galba, apanhou os lusitanos á traição, e fez n'elles uma mortandade de que poucos escaparam.

— Ah ! grande patife ! exclamou o Manuel da Idanha.

— Isso era, mas alem de patife era tolo, porque isto de excitar muito dá maus resultados. Os lusitanos, que escaparam, ficaram como uma bicha. Ora um d'elles era um pastor chamado Viriato, homem decidido e esperto, que disse para os seus patricios : Façam vocês o que eu mandar, e deixem os romanos commigo. Assim foi, juntaram-se á roda de Viriato, e, quando appareceu um exercito romano commandado pelo consul Vetilio, o nosso homem, que era das bandas de Vizeu, esconde n'uma emboscada uma parte da sua gente, e com o resto põe-se a fazer fosquinhas aos romanos, parecendo a modo medroso. O consul percebe que elle está com seu susto, e diz lá de si para si : « Vaes apanhar uma surra mestra ». Corre sobre elle, Viriato faz tres meia volta, e, pernas para que te quero, elle ahi vae. O consul Vetilio desata a correr atraz de Viriato, e vae-se mesmo metter na bôca do lobo. Era uma vez um exercito romano. Depois de Vetilio vem outro e outro, e elle sempre zás, pásada de crear bicho. Em Roma havia terror, diziam que o luzitano lhes dava mais que fazer que o proprio Annibal. Em Hespanha não era um enthusiasmo por ahi alem. Se Viriato já nem se contentava em estar nas montanhas, entrava pelos povoados, romanos, levantava contribuições, revolucionava os povos, era um vivo demonio, e cada novo exercito, que por cá apparecia, não lhes digo nada, sumia-se n'um abrir e fechar de olhos, até que emfim o consul Scipião apanha lá dois patifes que Viriato mandára para tratar de um negocio e tantas endrominas lhes metteu na cabeça e tantas promessas lhes fez que elles, quando voltaram para onde estava o seu chefe apanharam-n'o a dormir e mataram-n'o.

— Oh ! que grandes malvados ! exclamou Bartholomeu.

— E assim acabou esse homem que foi o que se póde chamar um homemzarrão : Ó senhores, eu sou um pateta, que não percebo nada d'estas cousas, mas, quando me ponho a pensar n'este Viriato, quando me lembro que era apenas um pobre pastor de cabras, um selvagem que não entendia nada de guerras, nem de manobras, nem de legiões para aqui, nem de centuriões para ahi, e que, apezar d'isso, em defesa da sua terra, fez andar os romanos em papos de aranha, e atarantou aquella poderosa Roma que mettia medo a todos, quando me lembro que elle era filho d'esta boa terra, que hoje se chama Portugal, ah ! c'o a breca, sinto assim uns arripios pela espinha, e parece que é até uma vergonha para o paiz não se lhe ter levantado uma estatua de um tamanho por áhi alem no alto da Serra da Estrella, que aquillo é que se podia chamar a sentinella da nossa independencia.

E o bom do João da Agualva, no impeto do seu enthusiasmo, cerrava os punhos; faiscavam-lhe os olhos e dava mostras de querer elle mesmo ir pôr nos fraguedos da serra da Estrella a estatua do seu heroe.

— Tem razão, tem, observou o Bartholomeu, lá que o tal Viriato foi um homem de truz, isso foi.

— A morte de Viriato, como podem imaginar, continuou o João da Agualva, deixou ficar os lusitanos um pouco atrapalhados. Mas continuaram a defender-se, e os romanos viram uma bruxa com elles. Póde-se dizer que Roma só foi senhora da Lusitania quando não ficaram nas nossas montanhas senão as mulheres e as creanças. Mas as creanças fizeram-se homens, e os homens estavam mortos por jogar as cristas com os romanos. Não tardou a apparecer-lhes uma boa occasião.

— Vamos lá a ver isso! exclamou o Bartholomeu, com um orgulho patriotico.

— É de saber que em Roma havia umas guerras civis; tal qual como nós tivemos cá por muito tempo em Portugal, assim umas cousas á moda da *Maria da Fonte* ou da guerra dos dois irmãos. Um fulano Sylla e um sicrano Mario andaram á pancadaria um com o outro, até que venceu um d'elles que foi Sylla. Era homem de cabellinho na venta este Sylla, e, apenas se viu no poleiro, começou a chacinar nos que eram do partido contrario, de fórma que parecia que não queria deixar vivo nem um só. Os amigos de Mario trataram de se escapulir, e um d'elles, homem desembaraçado, chamado Sertorio, safou se cá para Hespanha, para os lados do Oriente. Ahi, n'um instante, revolucionou tudo, arranjou um exercito, mas os generaes de Sylla espatifaram-lh'o, e o amigo Sertorio tingou-se para a Africa. Souberam os lusitanos do caso, e disseram comsigo: « Este maganão é que nos faz conta ». Mettem-se uns poucos n'um barco, vão ali a Marrocos, por onde o Sertorio andava aos paus, offerecem-lhe o vir commandá-los. Sertorio saltou logo para dentro do barco, e d'ahi a pouco estavam os lusitanos em campo com Sertorio á frente.

Este, porem, não era, como Viriato, um pastor de cabras, era homem civilisado, sabendo tudo o que se sabia no seu tempo, e que tratou de arranjar cá nas nossas terras uma especie de Roma. Pareceu-lhe que Evora servia para o caso, estabeleceu-se ali, e, como o tinham acompanhado muitos romanos, conseguiu perfeitamente o seu fim.

Que o Sertorio era uma grande cabeça, isso é que não tem duvida! Não só pos o sal na moleirinha dos seus patricios que se quiseram metter com elle, mas costumou os lusitanos a ser gente civilisada, e a imitar os romanos em tudo, de fórma que Viriato se resuscitasse, não os conhecia. E a final de contas, vejam como as cousas são! Este Sertorio deu lambada nos romanos por um sarilho! pois ninguem fez mais serviços a Roma do que elle! Introduziu aqui as artes, os usos e os costumes de Roma! de fórma que, depois, os nossos começaram a ter menos repugnancia aos estranjeiros, a confundir-se com elles. Isto de fallar a mesma lingua, de ter os mesmos habitos, sempre é uma grande cousa! Sertorio foi assassinado, assassinado tambem por um traidor, um patricio d'elle, um tal Perpenna! Pois senhores, quando morreu, já isto por cá era tão romano como a propria Roma! de fórma que nunca mais houve revoltas, e os lusitanos como o resto dos habitantes de Hespanha, á excepção dos vasconsos que sempre foram mettidos comsigo, e nunca se deram com os vizinhos, os lusitanos ficaram fazendo parte do grande imperio que vinha do Mar Negro ao Oceano Atlantico, e da bôca do Rheno até á foz do Guadalquivir e ainda mais para baixo, do outro lado do estreito.

E com isto os não enfado mais, meus amigos, a Margarida já acabou a sua estriga, a luz do candieiro está assim a modo ás upas como quem se quer ir embora, e então domingo á noite continuaremos com esta conversa, visto que vocês parece que vão gostando.

— Ora se gostamos, sr. João da Agualva! bradaram todos em côro. Venha depressa o domingo para ouvirmos o resto.

E despedindo-se de Margarida, e de João, retiraram-se para as suas casas.

Pinheiro Chagas, *Historia alegre de Portugal*, ed. de 1885, pg. 1-14.

XLIV

A batalha de Valverde.

....

... A hoste portuguesa arremeteu logo contra os inimigos da vanguarda, fustigada ao mesmo tempo pelos que a seguiam na marcha. Então o combate ganhou o seu momento culminante. As settas, os dardos, as pedras, as lanças, formavam sobre o monte coroado pelos combatentes como que uma couraça de escamas scintillantes em perpetua agitação, e de sob ella reboava pelos ares o trovão medonho das juras e imprecações de guerra, com o tenir das armas, o estalar dos golpes, o gemer dos feridos, o soluçar dos agonisantes: tudo revolvido numa onda que descia sobre a campinha, alastrando-a de horror.

Uma setta, sibilando, veiu cravar-se num pé a Nun'alvares. Ferido, assim mesmo correu á retaguarda d'onde vinham gritos de perdição: as fileiras vergavam sob o ataque sempre renovado, batendo-as como catapulta contra muralhas de pedra. Reforçou os animos, avivou a coragem, partiu: da vanguarda chamavam-no... Mas desapparecera... Já a hoste portuguesa não avançava: fixara-se no chão como petrificada, obedecendo ao impulso contrario dos inimigos, que de ambos os lados a assaltavam. Começava a surgir o terror vago da derrota. Nuns empallideciam as faces, noutros redobrava a furia; mas quando chamavam por Nun'alvares, e não o viam, gelava-se-lhes o sangue, sentindo-se orfãos. Para onde fora? Morrera? Fugira? Não; não podia ser... Um milagre talvez: Deus tê-lo-hia arrebatado ao ceu, livrando-o á morte e á deshonra que viam imminentes no crescer cada vez mais temivel dos inimigos contra os muros hesitantes do quadrado português... Sumira-se! Buscavam-no por toda a parte, numa angustia summa, com o medo cruel de perderem um pae. No recinto do quadrado, dentro da hoste, não estava. Sairam para fóra, lateralmente, a procurá-lo na charneca, por entre os dentes empinados da rocha que afflorava. Entretanto o combate feria-se cada vez mais rijo. Ruy Gonçalves, de subito, deparou com elle.

Ao lado estava a mula e o pagem que a tinha á mão, segurando a lança e o braçal do condestavel. Nun'alvares, de joelhos, entre dois penedos, com as mãos postas e os olhos no ceu resava. Pendia-lhe ao peito o relicario da rei de Castella, tomando em Aljubarrota, e que D. João I lhe dera. Pertencera a Burgos, d'onde o castelhano o trouxera como talisman. Continha um espinho da corôa do Redemptor, uns ossos de martyres, e um dos trinta dinheiros de ouro por que Judas vendera o seu Mestre. Era uma joia preciosa de prata cinzelada a buril, suspensa por cadeias, para se deitar ao pescoço: era o talisman de Nun'alvares que entrará com elle na batalha. Agora, na angustia de a vér arriscada, transportava se em extase para Deus, orando. O seu rosto, banhado por uma illuminação intima, com os olhos cravados no ceu e os labios entreabertos, dizia a Ruy Gonçalves, parado a contemplá-lo, n'aquelle instante o condestavel fallava com Deus, trans-

portado em alma ao ceu. O extase, e este silencio do escudeiro, contrastavam com o fragor medonho da batalha que se feria ao lado... Erguido nas asas da poesia, Nun'alvares transformára as phantasias cavalheirescas da sua educação num realismo piedoso e prático, d'onde provinha, ao mesmo tempo, a sua arte de guerreiro e a sua allucinação de santo... Deus assegura-lhe nesse instante que venceria a batalha, rematando por um verdadeiro milagre a sua doida aventura; elle em paga promettia á Virgem levantar-lhe em Lisboa um templo magnifico. O realismo mystico transportava, assim, para a piedade transcendente, as normas da vida mundana, transfigurada. Entre o ceu e a terra, negociavam-se ajustes.

Passado o primeiro espanto, Ruy Gonçalves, afflicto e accordado pelo trovão constante da batalha, arrancou num grito:

— Estamos perdidos!

Nun'alvares, fitando-o distrahidamente, com uma voz pousada, tornou-lhe:

— Ruy Gonçalves, amigo... ainda não é tempo. Aguardae um pouco, e acabarei de orar.

Mas, nisto, já outros tinham descoberto o condestavel, e, açodado, offegante, Gonçalo Annes que vinha adeante, gritava, atropellando as palavras brutalmente:

— Nada de rezas... que morremos todos!

Elle, voltando a face e emmudecendo-o com a fascinação do olhar, tornou:

— Ainda não é tempo amigo...

Caiu no extase. Em volta, os seus caiam num desespero mudo, misturado de espanto. Que homem singular, mas seductor!

De repente, Nun'alvares, como que accordando, ergueu-se. O accesso de hypnose passara. Ergueu-se, firmou-se nos pés, distendeu os braços, fixou a vista, armou o ouvido: a batalha rugia medonha! Em frente, na crista do monte, recortando-se no azul do ceu, destacava-se mais alta a bandeira do mestre de Santiago. Pondo a mão esquerda no hombro do seu alferes Diogo Gil, apontando com a direita, disse-lhe:

— Vês as bandeiras que estão no cómoro d'aquelle monte?... a mais alta deve ser a do mestre de Santiago... vês?

— Senhor, vejo.

— Pois andae lá com essa minha e vamos junto d'ella... Amigos, avante! Cada um seja para quatro!

Largaram, guiados pela bandeira sagrada do condestavel, partida por quatro campos em que se confundiam aereamente, batidos pelo vento, as imagens da alma mystica, os brazões do sangue fidalgo, perfumes de santidade, reptos de heroismo, concatenados pelos braços vermelhos da cruz floreteada dos Pereiras, fundindo assim, phantasmagoricamente, o ceu e a terra, involvendo tudo n'uma atmosphera de milagre e allucinação. Uma rajada de fe passava pelos cerebros rude, dando aos nervos de cada braço rigeza cataleptica e força mais que humana. A ondulação magnetica passara do condestavel para o grupo dos que o cercavam, e, correndo todos loucamente, a encorporar-se na hoste, passava ao corpo inteiro do exercito, que arremeteu com furia, levando perante si, de roldão, toda a gente inimiga, num arranco de violencia hysterica. A batalha estava ganha, o campo ficava livre, o milagre consummara-se.

....

Oliveira Martins, *A vida de Nun'alvares*, 1893, pg. 306-309.

XLV

O solitário de Val-de-Lobos.

A cova do cemiterio de Azoia onde baixou o cadaver de Herculano no verão de 77 é, no seu isolamento, o symbolo da insensibilidade com que Portugal o sepultou. Os camponezes arrancavam das oliveiras de Val-de-Lobos tristes ramos d'essas pardas arvores melancolicas, em memoria do que vivera entre elles: sejam tambem estas palavras, esboçadas pouco depois da morte de Herculano e agora de novo escriptas: sejam tambem como um ramo de saudades deposto por mão fielmente amiga sobre a pedra do sepulchro.

Os camponezes celebraram, poetica, ruralmente, um saímento que deixava indifferentes os grandes homens de Lisboa; e assim devia ser, porque o morto fôra em vida um açoite para os poderosos, e um pae, um protector, um amigo, para esses humildes em cuja sociedade vivia. Como um Voltaire no seu retiro, Herculano era uma especie de patrono dos camponezes, defendendo-os contra os casos arbitrarios de uma justiça, de uma politica, muitas vezes cruel. O mesmo que já reclamara uma esmola para as pobres freiras de Lorvão, era o que salvava do degredo um condemnado da Azoia, victima de um erro judiciario, sem poder evitar que a cadeia o matasse com as doenças alli ganhas. Herculano, procurador do infeliz, vinha a Lisboa, pedia, batia de porta em porta, subia ás casas dos conselheiros — e com que ironia contava a sorte a que se via reduzido! — para alcançar o perdão da victima injustamente condemnada em todas as instancias. Sob uma descrença convicta nos homens, elle, afinal, tinha no coração uma ingenuidade feminina, e sob o aspecto rude de uma quasi affectada dureza, uma verdadeira meiguice, uma caridade doce, uma candura diaphana.

O seu genio produzia o seu pensamento. Era uma intelligencia lucida enkystada em fórmulas duras, e um coração bondoso e meigo, encoberto pela educação, sob um exterior rigido e apparentemente hostil. Quem o ouvia, depois de o ter lido, irritava-se muitas vezes; quem o tratava não podia deixar de o amar. Ingenuo como uma creança, mais de uma vez foi visto dando o braço, nas suas palestras peripateticas do Chiado, a algum janota a quem expunha a theoria de Savigny sobre os municipios da Edade-media: o janota ouvia, orgulhoso, mostrando-se, — porque então era moda, como alguem disse, « trazer o Herculano ao peito ». Se o advertiam, elle, sem se offender, ao contrario, respondia com uma fala arrastada e séria: oh, di.a.bo!

Era a candura propria dos bons; mas o singular no genio de Herculano estava na força de uma convicção que, em vez de religiosa, era civica, e que, portanto, em lugar de se affirmar condemnando abstractamente o mundo como um mystico, affirmava-se condemnando individualmente os homens, pelos seus nomes, como um Juvenal ou um Suetonio. Ninguem lhe falasse no Saldanha, no Rodrigo! E esta direcção que o seu estoicismo tomára levado pela vida de Portugal, fazia, com que, para muita gente, Herculano passasse por um ser duro, aspero, intractavel, construido apenas com orgulhos e odios.

Mas, se no fundo do seu coração havia notas doces de meiguice e uma candidez ingenua, não foi sem duvida este o traço dominante do seu caracter. Ao lado da humanidade tinha Herculano a dureza e a força lusitana; e por cima da espontaneidade, abafando muitas vezes o coração, dando sempre uma fórma intelligivel á força, viera a educação

racionalista dar uma unidade, mais ou menos consistente aos seus, pensamentos e aos seus sentimentos. Assim, a palavra que o retrata é o Caracter, porque n'elle a vida moral e intellectual eram uma e unica : o contrario do sceptico, não raro santo, o proprio do estoico, não raro obtuso.

. . . .

Se na mocidade, pois, ao vêr terminada a iniciação dolorosa que as suas poesias nos contam, Herculano, ainda impellido por illusões generosas, ainda incerto do destino fatal do seu genio, entrou na batalha da vida como soldado, esperando chegar a vêr realisadas as normas esboçadas em seu espirito, esse enthusiasmo caiu depressa ; e já no ardor com que escreveu a *Voz do Propheta*, para condemnar a democracia, anti-liberal em seu conceito, se vê esboçada fugitivamente a condemnação futura dos partidos todos sob a fórma artificial de um estylo prophetico, á Lammenais. O momento de se convencer das razões de uma tal sentença chegou em 1851, quando fugiu corrido de vergonha e tédio perante uma corrupção que se lhe figurava excepcional e unica. Passou á condição de caturra para os homens praticos, de orgulhoso para os simples, e de protesto symbolico contra a decadencia portuguesa, e contra o abatimento universal da Europa, utilitaria e *imperialista*, para os que, de fóra do mundo, como criticos, observam e classificam os phenomenos. Tornou-se o remorso vivo de uma nação degenerada. E' n'este momento que as cousas levam o genio de Herculano a definir-se na sua pureza ; e é por isso que ao extinguirem-se lhe as illusões politicas, principia a tornar-se um typo caracteristico da nossa vida contemporanea. Póde dizer-se que, ao morrer para o mundo, nasce para a historia. O lugar que lhe compete, na galeria dos nossos homens modernos, é este. Embora já antes o seu nome tivesse andado nos programmas e polemicas, a sua individualidade não se destacava ainda senão pelo valor addicional da reputação litteraria conquistada.

. . . .

O. Martins, *Portugal Contemporaneo*, ed. de 1895, tomo 2.°, pg. 302-308.

XLVI

Excerptos do sermão prégado nas exequias do conde de Barbacena.

« Só Deus é grande *(eminentissimo e reverendissimo senhor) !* só Deus é grande » ! — Foi assim que um grande orador francês principiou a oração funebre de um grande monarcha d'aquelle país. Depois de Deus só é grande a virtude — : é assim que eu, o mais humilde prégador da nossa terra, começo o elogio, tambem funebre, e d'uma distincta gloria d'ella.

Grandezas ha que, não obstante fazerem o timbre de uma familia, o orgulho de um povo, e até a admiração do mundo não passam muitas vezes, por falta de solido fundamento, de estatuas de uma belleza apparente, firmadas, como a do rei de Babylonia, sobre os pés de barro.

Que importa que por algum tempo deslumbrem os olhos, fascinem os espiritos, e recebam a indevida homenagem do respeito? Lá teem na base a razão de sua ruina.

Se por ventura se conservam de pé, em quanto dura a illusão que as levantou, baqueam, logo que a analyse do bom senso póde vir examiná-las de perto, e descobrir a fraqueza dos seus alicerces.

Eis aqui a historia dos homens de todos os seculos, que usurpam um logar que não lhes pertence na jerarchia do sangue, do poder, ou do talento. Eis aqui o destino de todas as grandezas que devem a existencia, não ao merito e á virtude, mas ás lisonjas do genio prostituido, ás inspirações da poesia degradada, aos enredos da intriga, a tudo quanto póde ser posto em acção pelo peior dos dois homens que ha em cada homem.

Só ha um meio de edificar solidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude. Só ella é grande depois de Deus, e só as obras em que ella mette a mão são obras immortaes. A morte passa por ellas desarmada, o tempo inclina-lhe, reverente, a frente encanecida pelo gelo dos seculos, e a posteridade recebe-as como unica herança que lhe pertence, porque só acceita o que escapa á lima do tempo e á foice da morte.

. . . .

Quando a adversidade entrou em casa do conde e a fortuna saiu, a virtude não se retirou. Companheira fiel nos dias da gloria, não o desamparou nos dias do infortunio. Depois de fazer que não se deslumbrasse com os risos da prosperidade, fez que não succumbisse com os revezes da desgraça. Ajudou-o a ser feliz com sabedoria, ajudou-o a ser desgraçado com valor.

Este campo, confesso-o, para o illustre finado está matizado de flores, mas para o orador está coberto de espinhos. Apresenta flores de alto preço, mas difficeis de colher, e de um aroma que só póde ser justamente apreciado por um sentido delicado. E deverei eu deixá-las morrer na obscuridade, onde foram tão deligentemente cultivadas? Não: irei com cautella por causa dos espinhos, mas hei de colhê-las, e até espero fazê-las amar. Só peço duas coisas: bom uso do espirito e do coração.

Cada um de vós sabe o que são convicções (não tractemos agora de apreciar o valor d'ellas); as boas louvam se; as ruins lamentam-se; insulto não se faz a nenhuma. Mas, se antes quereis, desçamos da esphera intellectual para a moral, da região do espirito para a do coração. Cada um de vós sabe o que é o amor de uma idéa, de um principio, de um systema, de uma causa; e, sabendo isto, sabe egualmente o que será amar uma, jogar as armas, expôr a vida por ella e perdê la! Junctae ainda ás sympathias do amor a firmeza de um character nobre de um character portuguez. Agora, como falo a pessoas de espirito subido e coração delicado, peço a todos que decidam (fazendo bom uso de um e outro); que deverá fazer um homem que perde uma causa que ama? Julgo que decidireis comigo, que só lhe restam tres recursos: ou morrer, ou abandonar a causa, ou retirar-se das scenas do mundo. Morrer succumbindo, não pertence ás almas energicas: morrer attentando contra a vida, não pertence ás christãs: abandonar a causa, pede um triplice sacrificio que o mundo todo condemna: o das convicções, o das sympathias, o da firmeza de character. Que restava ao conde, não podendo morrer, nem abandonar a causa? Retirar-se das scenas do mundo. É o que fez; resistindo,

ainda nos ultimos annos da sua vida, ao convite que lhe fizeram para acceitar o cargo de ministro e de conselheiro d'estado.

Retirado, pois, das scenas do mundo, e reduzido a uma vida de obscuridade, aquelle que luzira num theatro esplendido, que assistira aos conselhos dos reis, e que exercera os mais honrosos cargos da republica; devia, porque era homem, sentir as luctas que occasionam similhantes sinistros; mas era nestas luctas, neste fogo lento, neste crysol, que a Providencia tinha resolvido acabar de purificar a sua virtude. A adversidade, que abate os espiritos fracos e eleva os fortes, não abateu o seu, elevou-o. O conde adorava os decretos de Deus, vivia resignado, purificava-se, ia sacudindo o pó da sua passagem pelo mundo, occupava-se do infinito e do eterno, dava ao céo um espectaculo digno d'elle. Tal foi o caminho recto por onde ultimamente o conduziu o Senhor, o caminho recto da resignação.

....

Francisco Raphael da Silveira Malhão, *Sermão* cit.

XLVII

Um trecho do discurso sobre a « Charles et George ».

....

Os heroes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa especie exceder as condições ordinarias da nossa existencia, mas essa vaidosa satisfação custa sempre cara. Os heroes são uns filhos prodigos da natureza e da sociedade, que dispõem, em proveito das suas paixões, do oiro, do sangue e da honra do mundo; que sacrificam aos seus caprichos quanto ha n'elle de mais santo, de mais nobre e de mais sympatico, *(Apoiados.)* e a Providencia, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que se esquecem da humildade do berço commum, ou lhes esconde a lousa da sepultura para que os deslembrem, ou lh'a deixa apontada a indignação publica para que os aborreçam. *(Vozes:* — Muito bem.)

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. N'esta lide atropellam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que galgam á altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cáem no mar de onde sairam, no mar de onde eram, no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornam. *(Vozes:* — Muito bem). Os heroes são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como ella largo, vasto, immenso, como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos principios da harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela luta que sobre elles se travára? Pedras de irregular conformação sem

bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.

Sr. presidente, esse mesmo homem que foi reputado o salvador da França, o domador da anarchia, este grande capitão que venceu tantos povos, mas que não póde vencer as idéas, esse guerreiro estadista, a quem attribuem a gloria de ter segurado a regeneração europea de 1793, esta mesma entidade historica parece-me que se poderia ter dispensado e suprimido, e que a sorte da Europa seria a mesma que hoje é, ou ainda melhor, sem as suas batalhas, as suas victorias e as suas leis. O genio dos acontecimentos e da civilização é mais poderoso que o genio dos homens. *(Apoiados).*

Eu tenho asco á guilhotina e não tenho consideração pela espada, quando ella serve a violentar os povos, porque a guilhotina é sempre a ignominia das revoluções, e a espada muitas vezes o opprobrio dos governos. Mas se nós tirassemos da historia o grande vulto do verdadeiro Napoleão, pelos milhares de vidas que se perderam nos campos da batalha, teriamos a contar mais alguns milhares de cabeças decepadas nos cadafalsos politicos, e o curso dos acontecimentos teria sido o mesmo, afóra a differença moral d'estes martyrios, porque os destinos do mundo saltam por cima das baionetas e dos potros, e seguem a sua vereda sem haver nada que os detenha nem os desvie. *(Apoiad s.)* Por estas razões para mim, quanto menos heroes melhor, e se digo isto dos heroes que verdadeiramente o são, que será dos heroes que apenas pretendem arremedal-os?

....

N'um jantar dado em Paris em prol da liberdade dos negros, mr. Lamartine pronunciou um discurso inspirado pelos principios mais humanitarios e pelas idéas mais elevadas, e julgando necessario doutrinar o patriotismo francês que reluctava em ceder ao direito de visita, disse apoiando-se na auctoridade de Mirabeau pouco mais ou menos estas palavras: « *Consistirá a dignidade da bandeira francesa em tornar inviolaveis os navios empregados no trafico da escravatura, verdadeiros tumulos fluctuantes, ou em defender o santo princi da liberdade e humanidade conquistada em nome de Deus e em proveito de todos os homens?*

....

E é mr. Lamartine, esse poeta que carpiu todas as miserias da humanidade, que exaltou todas as suas glorias, que excitou todos os seus melhores extinctos, que levantou a coragem dos povos, que acalmou as suas demasias, que suspendeu com a sua palavra todas as paixões revolucionarias da França; esse homem cuja composição moral e intellectual, é no meu presentimento como o simulacro da futura politica e dos futuros governos na Europa; ess homem que depois de tantos serviços e de tantas lides, só pede que o deixem ter sepultura honrada na terra em que teve o berço! Onde estamos nós? Onde está a França que nós conheciamos? Choremos todos por ella, porque o nosso pranto é pela civilização *(Vozes:* — Muito bem).

A França não sabe honrar os seus melhores cidadãos, e manda, e presta os seus canhões para o serviço da escravatura! Comparemos a França no Zaire e em Moçambique, com a França a quem mr. Lamartine pede em vão que lhes resgatem da mão dos seus credores os bens paternos, onde está presa a sua alma de poeta e filho *(Apoiados).* Pagar as dividas de mr. de Lamartine é honrar a firma das suas virtudes, é de todas as homenagens que são devidas ao seu caracter,

talento e serviços, render-lhes apenas a mais grosseira. Oh! não permitta Deus que seja castigado o povo que ouve sem emoção as queixas de tão nobre infortunio e se mostra tão tardio e difficil em lhe dar allivio e consolo (*Apoiados, Vozes:* — Muito bem, muito bem).

José Estevão, *Diario da Camara dos Deputados*, Sessão legislativa de 1858-1859, vol. 1.º, pg. 334.

XLVIII

O sr. Ministro.

Tiburcio estreara-se nos tribunaes em causas crimes. A imprensa jornalistica publicou trechos dos seus discursos torrenciaes de eloquencia commovente; mas elle não se sentia bem; apertavam-se-lhe os horizontes que sonhára. Não queria salvar delinquentes que a sua propria consciencia accusava. Queria salvar a nação Anciava as glorias honradas do parlamento. Amalia, que lhe conhecia a repugnancia em ir á Relação combinar a defesa com os criminosos, pedia muito ao tio que empenhasse as suas relações para que Tiburcio fosse á camara. O bispo, as auctoridades, e a fama do orador aplanaram as difficuldades. O dr. Tiburcio foi eleito por Sinfães — acho que foi por Sinfães, devia ser por Sinfães — um alfôbre de deputados talentosos que vem sempre á luz politica por aquelle ventre laxo e fecundo de Sinfães.

« Debutou esplendidamente » disseram os jornaes do governo. A opposição achou-o metaphysico, nebuloso como um pantano de madrugada. Defendeu a eleição cruenta do circulo 79, como quem defendia um réo do parricidio, com as mesmas phrases plangentes dos tribunaes do crime. A opposição accusava o administrador do concelho como se elle fosse o Mattos Lobo ou o Luis Negro. O mesmo consumo de rhetorica, cheia de vitriolo, de parte a parte. No fim da legislatura o dr. Tiburcio confessava que, n'este diluvio de porcaria, as bestas eram tantas e a arca tão pequena que a final não se salvava ninguem, por causa das bestas.

— Eu queria ser ministro tres meses — dizia elle um dia a Amalia. — Este país grangrenado ainda podia salvar-se com uma grande amputação.

Ella começou a imaginar que o seu marido podia salvar o país com uma grande amputação, e o tio conego perguntava ao sobrinho, sorridente:

Mas que diabo tem o país?! Ninguem lá por fora me cheira a grangrena. Reinam os rheumatismos e os catarrhos; mas, quanto a podridão, não sei de nenhuma, fóra dos hospitaes. Eu, se fosse a ti, meu Tiburcio, não amputava nada, sendo ministro.

O doutor insistia em voltar ao parlamento. Queria dizer as derradeiras e solemnes palavras, cuspidas á face do cynismo publico, encarvoar com o estygma da infamia a estupida indifferença geral, inclinar-se sobre o leito de Portugal agonisante e psalmear-lhe threnos de destruição como Jeremias sobre o reino de Israel. E o conego:

— Parece-me que voltas aos sermões de casa das Botelhas. Esses sermões do parlamento, se ninguem os encommenda, sempre ha uma nação que os pague; — a pobre nação gangrenada, mas assim mesmo

a pagar aos medicos com rara pontualidade! Tiburcio, nada de amputações, que te não vá ficar a doente nas mãos por causa da hemorrhagia.

Não obstante, o conego trabalhava para a eleição do sobrinho por um circulo do Porto. Amalia pedia-lh'o com instancia, não só para abrir ao marido a vereda dos conselhos da corôa, mas porque tinha duas irmãs casadas em Lisboa, e queria muito estar perto d'ellaa. Padre João Evangelista dava-se com os influentes notaveis, grandes firmas commerciaes, potentados do suffragio que tinham os arsenaes da sua popularidade nas confrarias. Aconselhavam-lhe que orientasse o doutor dos mananciaes das irmandades, fontes limpas de votos — que o apresentasse ao Souza Basto, da Trindade, ao Folhadella, ao visconde de Alpendurada, ao Carneiro Giraldes, ao Custodio Pinheiro, ao Torquato, á aristocracia de Cedofeita, ao Figueiredo, ao Dourado, e outros membros da Ordem Terceira de S. Francisco — uns finorios que a sabiam toda.

O doutor não transigia com os maus habitos da mendicidade. Se elle queria jarretar excrecencias canceradas no organismo nacional, o mais pôdre dos membros era a corrupção do suffragio por meio de dinheiro aos pobres ou de abjecções aos ricos. De mais a mais, o insinuar-se nas irmandades parecia-lhe carolice estupida ou hypocrisia canalha. Apesar da esposa, elle teimava em não ir procurar os irmãos da Ordem Terceira, ao passo que o tio cenego mexia os pausinhos, desculpando o doutor com as suas muitas occupações juridicas. A Ordem Terceira de S. Francisco estava conquistada, desde que o conego fizera inscrever como irmão o doutor Tiburcio Pimenta.

Fallava-se muito em reforma ministerial. O ministro da fazenda, em consequencia de se lhe aggravar o golpe de um callo, recolhera-se á cama; o da marinha tinha-se constipado a bordo de uma fragata, onde fôra ver a bolacha se tinha o feitio que elle indicara n'um lindo desenho em que a poesia se dava as mãos com a geometria linear. Estavam cheios de gloria, mettidos na cama, um com emplastros emolientes, outro a mastigar pastilhas de Naphé, um repuxo de espirros.

— Se agora estivesses em Lisboa, Tiburcio, talvez entrasses para o ministerio — dizia-lhe Amalia.

— Não sejas creança. Homens da minha inflexivel independencia só podem ser ministros, se o povo e as armas os impõe ao Poder Moderador. A minha columna vertebral não se curva nem ao povo, nem aos argentarios, nem á camarilha. Nunca passarei de bacharel Tiburcio Pimenta, natural de Gandarella, e advogado nos auditorios de Porto.

— E irmão da Ordem Terceira de S. Francisco — accrescentou o conego. Lá te metti, e de lá sahirás deputado nas primeiras eleições. Eu conheço o Porto melhor do que tu. Isto aqui é Braga com mais alguns milheiros d'almas,

Um dia, ás sete da manhã, puxaram fortemente á campainha do doutor Tiburcio. Desceu a creada á cancella, e viu um homem de boa compostura seraphica perguntando se podia fallar ao snr. doutor. Era um sujeito calvo, de oculos verdes, sobre um nariz muito verrugoso, com uma venta obstruida.

— Que ainda estava recolhido.

Que vinha trazer-lhe um officio a dar parte a sua senhoria que fôra nomeado ministro. E entregou-lhe o officio.

— Faça favor de dar da minha parte os parabens ao snr. ministro; diga-lhe que é o Lavanha, o irmão Campainha.

— O irmão de quem?

O Campainha, o Lavanha; o snr. doutor bem me conhece, que eu tambem sou escrevente no escriptorio do Bandeira; e já cá tenho vindo com papeis ao snr. doutor. Não se esqueça de dar os meus parabens ao snr. ministro. Adeusinho, menina.

A creada subiu muito açodada, offegante, a chamar a ama:

— O' senhora, ó senhora, um officio a dar parte que o snr. doutor está ministro!

E Amalia, muito alvorotada, correu com o officio ao quarto, e abriu a janella, exclamando:

— Tiburcio, Tiburcio, parabens! estás ministro! Aqui está o officio!

E deslacrava o sobrescripto sem o lêr para dar o officio ao marido que se sentara estrouvinhado na cama, a esfregar os olhos.

O doutor leu:

Ill.mo Snr. Dr. Tiburcio Pimenta. — A Mesa da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta invicta e heroica cidade do Porto, tem a satisfação de participar-lhe que hontem, em reunião geral, foi V S.a unanimemente eleito Ministro da mesma Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Tiburcio machucou o papel, atirou-o ao tapete, e disse:

— Não valia a pena acordar-me para isto, Amalia!

E ella, com os olhos espantadamente espasmodicos na cara esquisita do marido, disse com um grande desalento:

— Ministro da ordem terceira de S. Francisco! Ora bolas!

O conego, que tinha ouvido fallar em *ministro*, entrou n'esta conjunctura, e perguntou o que era. Amalia explicou com muito desdem a nomeação de ministro da ordem terceira; e o tio com gravidade, e um pouco de miguelismo:

— Pois eu antes queria ser ministro da Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas, que ministro da primeira ordem da Senhora D. Maria da Gloria.

Camillo Castello Branco, *Narcoticos*, I, pg. 243-249.

XLIX

A morte do lobo.

Uma noite de novembro cahia neve, e os aspectos do céo profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar álgido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida d'uns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos sêrros. Uivos longinquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa

corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo alli perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contricção; provava quanto as religiões são importantes, urgentes, nas crises, nos conflictos sérios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horisonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço n'um aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôs-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: « Bóca! péga! cérca! Ahi vai lobo! » Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares ironicos, com a cauda de rojo e o dorço erriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldêa, e para aquelle lado latiam cães d'um faro que adivinha o lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rezes nos curraes. Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhára animo; bebera uns tragos de aguardente d'uma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creação segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emmaranhado de bravio espesso onde se embrenhára. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençóes; e, quando olhava para tras receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldêa. O padre agachou-se, coseu-se com o vallo de urzes e giestas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou parallelo com o lobo que o farejava de focinho anhelante e as orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da creação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria de quem havia já matado aguias com zagalotes. O lobo, varado pela espádoa até ao coração, decahiu sobre um dos quadris, escabujou em roncos frementes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado n'uma grande agonia, e morreu.

C. C. Branco, *Eusebio Macario*, ed. de 1687, pg. 35-37.

L

Suave milagre.

Entre Enganim e Cesarea, n'um casebre desgarrado, sumido na prega de um cerro, vivia a esse tempo uma viuva, mais desgraçada

mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filho unico, todo aleijado, passára do magro peito a que ella o creára, para os farrapos da enxerga apodrecida, onde jazêra, sete annos passados, mirrando e gemendo. Tambem a ella a doença a engelhára, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cepa arrancada.

E sobre ambos, espessamente a miseria cresceu, com o bolor sobre cacos perdidos n'um ermo. Até na lampada de barro vermelho seccára havia muito o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão de côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro seccára a figueira. Tão longe do povoado, nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só hervas apanhadas nas fendas das rochas, cosidas sem sal, nutriam aquellas creaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até ás aves maleficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada, e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou d'essa grande esperança dos tristes, esse Rabbi, que apparecera na Galiléa, e de um pão no mesmo cesto fazia sete, e amava todas as creancinhas, e enxugava todos os prantos, e promettia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundancia maior que a Côrte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E esse doce Rabbi, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! esse doce Rabbi! quantos o desejavam, que se desesperançavam! A sua fama andava por sobre toda a Judêa como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se gosa; mas, para enxergar a claridade do seu rosto, só aquelles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandára os seus servos por toda a Galiléa, para que procurassem Jesus, o chamassem com promessas a Enganim; Septimo, tão soberano, destacára os seus soldados até á costa do mar, para que buscassem Jesus, o conduzissem por seu mando a Cesarea. Errando, esmolando por tantas estradas, elle topára os servos de Obed, depois os legionarios do Septimo. E todos voltavam, como derrotados, com as sandalias rôtas, sem ter descoberto em que matta ou cidade, em que local ou palacio, se escondia Jesus.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãi reformou o seu canto, a mãi mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, n'um murmurio mais debil que o roçar d'uma asa, pediu á mãi que lhe trouxesse esse Rabbi, que amava as creancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãi apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh filho! e como queres que te deixe, e me metta aos caminhos, á procura do Rabbi da Galiléa? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesus, por areaes e colinas, desde Chorazin até ao país de Moab. Septimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesus, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesus anda por muito longe, e a nossa dôr mora comnosco dentro d'estas paredes, e dentro d'ellas nos prende. E mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabbi tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse atravez das cidades até este ermo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sobre enxerga tão rota?

A creança, com duas longas lagrimas na face magrinha, murmurou:

Oh mãi! Jesus ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno, e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estrádas da Galiléa, e curta a piedade dos homens. Tão rota, tão tropega, tão triste,

até os cães me ladrariam da porta dos casaes. Ninguem attenderia o meu recado, e me apontaria a morada do doce Rabbi. Oh filho! talvez Jesus morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com elle para sempre morreu a esperança dos tristes.

D'entre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a creança murmurou:

Mãi, eu queria vêr Jesus...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesus disse á creança:

— Aqui estou.

Eça de Queiroz, *Suave milagre.*

LI

A chegada a Tormes.

....

... O carregador lembrou que perto, no casal da Giesta, ainda pertencente a Tormes, o caseiro, seu compadre, tinha uma boa egua e um jumento... E o prestante homem enfiou n'uma carreira para a Giesta — emquanto o meu Principe e eu cahiamos para cima d'um banco, arquejantes e succumbidos, como naufragos. O vasto Pimentinha, com as mãos nas algibeiras, não cessava de nos contemplar, de murmurar: — « É de arrelia ». — O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de maio, abraçando, sem um sussurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda prega onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma villasinha clara. O espaço immenso repousava n'um immenso silencio. N'aquellas solidões de monte e penedia os pardaes, revoando no telhado, pareciam aves consideraveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a região.

— Está tudo arranjado, meu senhor! Vêm ahi os bichos!... Só o que não calhou foi um selimsinho para a jumenta!

Era o carregador digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na mão duas esporas desirmanadas e ferrugentas. E não tardaram a apparecer no corrego, para nos levarem a Tormes, uma egua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertamos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a egua ao senhor de Tormes. E começamos a trepar o caminho, que não se alisára nem se desbravára desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacinthos do seculo XIV! Logo depois de atravessarmos uma tremula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Principe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... — E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparavel belleza d'aquella serra bemdita.

Com que brilho e inspiração copiosa a composera o divino Artista que faz as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, n'este seu Portugal bem amado! A grandeza egualava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados e redondos, d'um verde tão môço que eram como um musgo

macio onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu toldo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacudia a fragancia. Atravez dos muros seculares, que sustem as terras liados pelas heras, rompiam grossas raizes colleantes a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flôres silvestraes. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras, vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas: e, dentre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgára, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeára nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, agua fecundante... Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, d'entre as patas da egua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e luzidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficamente, á espera dos homens e dos gados... Todo um cabeço por vezes era uma ceára, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjaes rescendentes. Caminhos de lages soltas circumdavam fartos prados com carneiros e vaccas retouçando: — ou mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma ruasinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha vã, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e n'alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos de guizos morria pelas quebradas...

Jacintho adiante, na sua egua ruça, murmurava:

— Que belleza!

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava:

— Que belleza!

Frescos ramos roçavam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por tras das sebes, carregadas d'amoras, as macieiras estendidas offereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros d'uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passamos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre comtigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bemdita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegamos áquella avenida de faias, que sempre me encantára pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e á egua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou: — « Aqui é que estêmos, meus amos! » E ao fundo das faias, com effeito, apparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brazão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com furor. E quando Jacintho, na sua suada egua, e eu atrás, no burro de Sancho, transposemos o limiar solarengo, desceu para nós, do alto do alpendre, pela escadaria de pedra gasta, um homem nedio, rapado como um padre, sem collete, sem jaleca, acalmando os cães que

se encarniçavam contra o meu Principe. Era o Melchior, o caseiro... Apenas me reconheceu, toda a bocca se lhe escancarou n'um riso hospitaleiro, a que faltavam dentes. Mas apenas eu lhe revelei, n'aquelle cavalheiro de bigodes louros que descia da egua esfregando os quadris, o Senhor de Tormes — o bom Melchior recuou, colhido de espanto e terror como diante d'uma avantesma.

— Ora essa!... Santissimo nome de Deus! Pois então...

E, entre o rosnar dos cães, n'um bracejar desolado, balbuciou uma historia que por seu turno apavorava Jacintho, como se o negro muro de casarão pendesse para desabar.

E. de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, pg. 198-204.

LII

Um telefono em Tormes!

E agora, entre roseiras que rebentam, e vinhas que se vindimam, já cinco annos passaram sobre Tormes e a Serra. O meu Principe já não é o ultimo Jacintho, Jacintho ponto final — porque n'aquelle solar que decahira, correm agora, com soberba vida, uma gorda e vermelha Theresinha, minha afilhada, e um Jacinthinho, senhor muito da minha amisade. E, pae de familia, principiára a fazer-se monotono, pela perfeição da belleza moral, aquelle homem tão pittoresco pela inquietação philosophica, e pelos variados tormentos da phantasia insaciada. Quando elle agora, bom sabedor das cousas da lavoura, percorria comigo a quinta, em solidas palestras agricolas, prudentes e sem chimeras — eu quasi lamentava esse outro Jacintho que colhia uma theoria em cada ramo d'arvore, e riscando o ar com a bengala, planeava queijeiras de cristal e porcellana, para fabricar queijinhos que custariam duzentos mil réis cada um!

Tambem a paternidade lhe despertára a responsabilidade. Jacintho possuia agora um caderno de contas, ainda pequeno, rabiscado a lapis, com falhas, e papeluchos soltos entremeados, mas onde as suas despesas, as suas rendas se alinhavam, como duas hostes disciplinadas. Visitára já as suas propriedades de Montemór, da Beira; e concertava, mobilava as velhas casas d'essas propriedades para que os seus filhos, mais tarde, crescidos, encontrassem « ninhos feitos ». Mas onde eu reconheci que definitivamente um perfeito e ditoso equilibrio se estabelecera na alma do meu Principe, foi quando elle, já sahido d'aquelle primeiro e ardente fanatismo da Simplicidade — entreabrio a porta de Tormes á Civilisação. Dous meses antes de nascer a Theresinha, uma tarde, entrou pela avenida de platanos uma chiante e longa fila de carros, requisitados por toda a freguesia, e acuculados de caixotes. Eram os famosos caixotes, por tanto tempo encalhados em Alba de Tormes, e que chegavam, para despejar a Cidade sobre a Serra. Eu pensei: — Mau! o meu pobre Jacintho teve uma recahida! Mas os confortos mais complicados, que continha aquella caixotaria temerosa, foram, com surpreza minha, desviados para os sotãos immensos, para o pó da inutilidade: e o velho solar apenas se regalou com alguns tapetes sobre os seus soalhos, cortinas pelas janellas desabrigadas, e fundas poltronas, fundos sofás, para que os repousos, por que elle suspirára, fossem mais lentos e suaves. Attribui esta moderação

a minha prima Joanninha, que amava Tormes na sua nudez rude. Ella jurou que assim o ordenára o seu Jacintho. Mas, decorridas semanas, tremi. Apparecera, vindo de Lisboa, um contra-mestre, com operarios, e mais caixotes, para installar um telephone!

— Um telephone, em Tormes, Jacintho?

O meu Principe explicou, com humildade:

— Para casa de meu sogro!... Bem vês.

— Era rasoavel e carinhoso. O telephone porém, subtilmente, mudamente, estendeu outro longo fio, para Valverde. E Jacintho, alargando os braços, quasi supplicante:

— Para casa do medico. Comprehendes...

Era prudente. Mas, certa manhã, em Guiães, accordei aos berros da tia Vicencia! Um homem chegára, mysterioso, com outros homens, trazendo arame, para installar na nossa casa o novo invento. Soceguei a tia Vicencia, jurando que essa machina nem fazia barulho, nem trazia doenças, nem attrahia as trovoadas. Mas corri a Tormes. Jacinto sorrio, encolhendo os hombros:

— Que queres? Em Guiães está o boticario, está o carniceiro... E, depois, estás tu!

Era fraternal. Todavia pensei: Estamos perdidos! Dentro d'um mes temos a pobre Joanna a apertar o vestido por meio d'uma machina! Pois não! o Progresso, que, á intimação de Jacintho, subira a Tormes a estabelecer aquella sua maravilha, pensando talvez que conquistára mais um reino para desfear, desceu, silenciosamente, desilludido, e não avistamos mais sobre a serra a sua hirta sombra côr de ferro e de fuligem. Então comprehendi que, verdadeiramente, na alma de Jacintho se estabelecera o equilibrio da vida, e com elle a Gran-Ventura, de que tanto tempo elle fôra o principe sem Principado. E uma tarde, no pomar, encontrando o nosso velho Grillo, agora reconciliado com a serra, desde que a serra lhe dera meninos para trazer ás cavalleiras, observei ao digno preto, que lia o seu *Figaro*, armado de immensos oculos redondos:

— Pois, Grillo, agora realmente bem podemos dizer que o Snr. D. Jacintho está firme.

O Grillo arredou os oculos para a testa, e levantando para o ar os cinco dedos em curva como petalas d'uma tulipa:

— S. ex.ª brotou!

Profundo sempre o digno preto! Sim! Aquelle resequido galho de Cidade, plantado na serra, pegára, chupára o humus do torrão herdado, creára seiva, afundára raizes, engrossára de tronco, atirára ramos, rebentára em flôres, forte, sereno, ditoso, benefico, nobre, dando fructos, derramando sombra. E abrigados pela grande arvore, e por ella nutridos, cem casaes em redor a bemdiziam.

E. de Queiroz, *A Cidade e as Serras*, pg. 351-355.

LIII

Ceifeiros.

... Em linha á borda do trigo, distanciando seis metros uns dos outros, começaram em silencio a terrivel faina de ceifar. Trazem as pernas apolainadas de trapos, atados estes por cordas que se lhes

entrecruzam, desde o sapato até ás coxas, por defesa aos abrolhos do restolho; trazem nos braços e mãos piugas velhas, de que fizeram miténes contra as escoriações da palha ardente; e a cara mal se lhes vê sob as abas do chapeirão de feltro ou de palmeira, e o mover dos seus rhins trahe o derreamento de miseraveis envilecidos pelas moedeiras da fome e do trabalho. Com a mão direita lançam a foice ao rez da terra; com a esquerda agarram nos caules e vão deixando atraz de si o trigo, em pequenos mólhos paralellos. Aqui, além, inda os mais novos cantam, mas nas respirações oppressas, cantiga e palestra entrecortam-se lhes de prágas, quando o suor, trespassando a saragoça das calças e o panno crú das camisas, começa de se lhes pegar á carne, salgado e chamuscando-lhes as sarnas como fogo. As primeiras horas té ao almoço, são suaves, porque os 38 gráos do sol pouco fazem nessas indoles de salamandra, affeitas a torrar. Apenas alguma sêde, um ou outro assopro aos moscardos que os perseguem, e olhadellas ao sol para indagar se a meia hora de descanço do almoço, estará longe. Esse placido interregno, porem, por pouco alcança, que a fornalha solar refila de brazidos, graduando o martyrio na proporção da mais atroz perversidade. A oriente o sol vem caminhando, sahindo da fumarada do horizonte, passando da côr de sangue, a bronze liquido; e os seus raios, á medida que se aprumam, trazem na escandencia, nauseas de veneno, e a angustia horrorosa do metal derretido sobre a carne: rareia o ar, a aragem matinal cessa de todo, os cães arquejam, de lingua cahida, as cavalgaduras cessam de rilhar; e calando-se os passaros, e os vôos mais lentos, os ares mais turvos, a sombra mais ephemera — a hora do tormento diabolico da sêde, não sêde do paladar, tendo por centro de refrigério a górja secca, mais sêde do sangue espessado nas arterias, extenuadora sêde dos tecidos, colossal, geral, que nada estanca, e sob cujo estertor o cerebro zumbe nos allucinantes delirios da insolação! Julgareis que a temperatura, marcada ao sol por 44 mortaes riscos do thermometro, tocado este acume, regresse lentamente ás virações mais frigidas da tarde.

Mas qual regressar! são nove horas apenas da manhã, e dahi ás tres, o thermometro não fará senão subir. Começa então o pavoroso espectaculo da natureza e do homem, torturados a fogo para expiar o crime duma ter dado fructo, e do outro insistir em viver delle. O almoço dos ceifeiros é parco e sem vontade: pão secco, azeitonas, algum queijo de cabra ou laranjasita mirrada, e agua! agua! agua! bebida pela bocca dos cantaros, a plena górja, ou de bruços nas poças cheias de limos, onde batracheos estagnam, côr de lama, d'olhos extaticos no sol como fakirs. Impaludismo, desynteria, typho, o que elles bebem? Deixal-o; a sêde não reflecte; cada gotta daquella podridão vale mil vidas; e são goladas e goladas, a cada instante o cantaro despeja-se, e o rapaz sae a mergulhal-o no charco proximo, que os cães turvaram banhando-se-lhe dentro, e donde bandos de passaredo fógem, regalados. Meia hora de repouso após o almoço. Mas repouso adonde? os arvoredos são raros, a terra escalda, e na rara sombra os insectos chacinam, furiosos. Ao mesmo tempo começa a fazer-se um inquietante silencio na charneca, um silencio opprimido, um silencio irrespiravel.

Cessaram os vôos, as cigarras começam, e o grasnar dos corvos, nos valles de milho, faz pelo matto como um echo de disputa rouca entre uma canalha malcreada. Lá para o longe, emquanto nos primeiros planos as folhas das arvores perto, ganham uma nitidez metalica de

contornos, vê-se a atmosphera por completo encinzeirada, a luz do sol sem brilho, como que vista atravez vidros de fumo; e horrivel coisa! em certos sitios a paizagem, atravez camadas d'ar aquecidas desigualmente, como que se refrange numa successão de laminas horizontaes, apparecendo á vista numa perpetua e irradiante oscilação [1]. Como é o tempo das roças, dos fumaréos d'esteva, ao longe, pelos montes, erguem-se columnas de fumo pardo, muito altas, completamente immoveis, redondas e direitas, avultando no deserto como troncos, e escabelleiradas lá cima, nalguma zona d'ar onde inda corra viração. Para fóra dos bordos de vaso das montanhas, não se ouve nada; o socego e a solidão dominam tudo. Dentro do vaso, na seara secca, mar de pavêas sem marés, crepitante lençol de mésses loiras, oppressos, congestionados, sorvendo o ar rarefeito com medonhos esforços de claviculas, haustos agonicos, e verdadeiros rios de suor no torso latejante, os condemnados ceifeiros lançam a foice, e a palha estála, os mólhos vão caïndo nos regos, em fitas regulares e parallelas, que o manageiro acama e junta, formando mólhos maiores, atando-os com a mesma palha num gesto violento de torsão, e atirando-os para outro, que os enfeixa afinal em roleiros de doze a dezaseis, d'espigas para o ar, como cornucopias d'abundancia. Elles não fallam, toda a energia animal consumida no tumulto d'abrir e fechar o thorax ao oxigenio atmospherico; — assopram! e alguma palavra a dizer, na bocca se lhes sécca, apenas solto num gemido, o monosyllabo primeiro.

Dez, onze horas... o thermometro subiu a 48 e a 50, e o zangarreio das cigarras, prenuncio do terrivel meio-dia, a principio disperso, agora multiplica-se num unisono de milhões e milhões de gritos roucos. Aquelles ruidos fazem um marulho agudo pelo campo, parecendo, não vóz d'insecto, mas uma supplica geral, da terra devorada, ao sol feróz. Elles vêm de todos o pontos do horizonte, e pelo caminho sommam-se aos que tópam, incham no ar, trepidam, centuplicam de furia e resonancia, vão, vêm, ondulam, generalisam-se, ensurdecedores, constantes, allucinantes, ora num chôro, ora em zumbaia, ora em chacóta; e de cada vêz que o suão abre a guela para extinguir a vida e encoxarrar as folhas das arvores, mais teimoso, intenso, aquelle marulho maldito desagrega a sua pulsação de loucura isochrona com o delirio do cerebro, a febre do pulso, e o arfar desesperado do peito, á cata d'ar. Desde esse instante a vida normal, physiologica, do ceifeiro, é impossivel, e entra-se numa flagelação, donde a poder de teimas a resistencia vital produz, no meio do trabalho, allucinações de sentidos e deliquios. Sob a direita e intoleravel flamma do sol, perdeu-se a sombra, mas o calor não é só do sol, senão concentrado, suffocante, em braza viva, radia de tudo, céga, deslumbra, exhala-se de tudo, como se dentro de cada coisa houvesse um fóco directo, incandescente. Tocar um ferro, uma pedra, uma raiz, um caule, é dar um grito de dôr pela queimadura horrivel do contacto. A luz é tanta, tão reenviada de tudo, que os olhos chamuscados perdem a noção das fórmas e dos planos; de sorte que a paizagem torna-se obscura, e os objectos deixam d'existir pela vista real, uniformisando-se as quatro cores da paizagem, em uma unica, a côr do vacuo, que é fulva,

[1] A este phenomeno optico, chama-se no Alemtejo, *carmelejo*, *caramelejo*, ou *eramelejo*. Os diccionarios não trazem a palavra.

ardente, deslumbrante, irradiante, feita de picadas, d'estalidos, d'asphyxias, de blasphemias! Tudo crepita, arvores, terra, ferros, rochas, animaes; faisca tudo, e a natureza toma um tom de martyrio, perante o qual, attonito, o proprio homem esquece as suas dôres. Meio-dia, a hora da sésta emfim! O manageiro faz o signal: *Louvado seja Nosso Senhor Jesú Christo!* quando já, automaticos, os desgraçados deixam a foice, em troposgalhopos, á procura d'um canto onde cahir. Sombras, aonde? O sol devora o ar; o thermometro ao sol fáz 50 graus completos, temperatura das primeiras vinte leguas d'areia do Sahara; nos bordos do horizonte o céo parece estupido, baço de pó, dum azul trepidante no zenith; e por mais que se contemple o quadro diabolico, feito de sol, de banalidade, de malevolencia e de grandeza, impossivel encarar sem pavor essa desmesurabilidade de linhas, esse vasio espaço, essa nudez da terra côr de cinza, extenuada num estupor sem outro egual. Mas o que elles querem é abandonar-se, cahir prá'li, seja onde fôr. Alguns tiram a roupa encharcada e fetida do suor, e entre as estevas, immundos, nús, tombam de bruços, deslumbrados, incapazes dum esforço, flacidos, com a inquietação sinistra da hora, um peso de cerebro que parece a cabeça rebentando do craneo, inchada de calor, e revolvendo sem appetite os alforges, com o paladar encortiçado, o pão sabendo a terra, a agua a caldo, a bocca a lodo — e uma ancia de dormir, atróz, complicada do terror de ficar ali na primeira lethargia.

Dormir! tortura nova, a mais maldita e a peior que os estortéga. Fecham os olhos, amadornam, mas os sentidos exasperados da luz continua, piaffam na allucinação como cavallos de ciganos bebedos d'aguardente. Ao ouvido, o zumbir das varejeiras e atabões dá-lhes a illusão do falazar de muita gente, e vêzes sem conta se erguem para apartar facticias guerreias. As mesmas desordens no olfacto, onde o simples travo do feno aquecido se lhes exaggera na pituitaria por modos de lh'a illudir co'as asphyxias dum incendio; e calcula-se o sobresalto, sabendo como os fogos sejam, naquella região sem agua, o ululante dragrão devastador! Mas allucinação torturante é a da vista. Ficou-lhes no cerebro uma claridade que se refracta atravez do somno, e faz das palpebras, stores escarlates; de sorte que, mesmo dormindo, os ceifeiros não cessam de sonhar intensos sóes, de vêr no campo dos olhos fechados, moscas de fogo, phophenas, reverberos e instantaneas auroras boreaes... Ao cabo d'algumas horas deste estado congestivo, o desejo das trevas toma um caracter d'ancia adusta, e é neste momento que a impaciencia faz pruridos na pelle, e prepara aos moscardos occasião de exhaustinarem melhor o paciente. As cegueiras periodicas são tambem, nestas occasiões de trabalho, frequentadissimas, e derivam da affluencia de sangue á base do cerebro, da acção persistente do levante, e da fadiga emfim dos nervos visuaes. Começam por vislumbres, vendo-se tudo subitamente amarello de fogo, ou azul, que se accentua com uma zoeira d'ouvidos, té que no fim de cinco minutos é abolida a discriminação das fórmas, e fica apenas uma noção de nevoa, onde se movem sombras indistinctas...

Fialho d'Almeida, *Á Esquina*, pg. 71 a 79.

GLOSSÁRIO DALGUMAS PALAVRAS EMPREGADAS NUM OU NOUTRO TRECHO DA "ANTOLOGIA"

Aquesto — pron. demonstr., *aqueste, aquesta,* este, esta. *Por aquesto* — por isso.

Aravia — *Pela aravia,* pg. 66, l. 2.ª, na lingoagem de mouro, empregada pelos mouros.

Adusese — impf. de *aduzer,* arc. significando trazer, guiar, conduzir.

Assunada — partc. de *assunar* ou *assũar,* i. é., junta, reunida.

Autre — assim traz o original textualmente, palavra desconhecida talvez em logar de *acetre,* que aparece noutra recensão, e que significa vaso de dar ágoa ás mãos.

Ca — porque, visto que. Ás vezes equivalente á conj. integrante *que* e tambem como comp. *do que.*

Caer — v. tr., cair; no prét. perf. *caeu,* pl. *caestes.* Canção XI, pg. 59.

Cajom — subs. masc., desgraça, infortúnio.

Coita — subs. fem., pena, dôr, queixa, donde *coitado,* cheio de *coita,* de angustia.

Comprida — completa, rica, perfeita. E adverbialmente, *compridamente.*

Cuita — o mesmo que *coita; cuitado* identico a *coitado.*

Delgada — subst. f., camisa, empregada na canção XII, pg. 60.

Ementar — o mesmo que *enmentar,* fazer menção.

En — pronome, = em, dele, dela, disso. Derivou de *ende,* de *índe.*

Eno — *em no,* i. é., *em lo,* donde a atual fórma *no,* por uma evolução bem conhecida. Vid. o folh. do Sr. Prof. Leite de Vasconcelos, *As lições de lingoagem,* 2.ª ed., pg. 55 e segs.

Errar — v. intrans., quase sempre, enganar, ser infiel.

Falido — partc. de *falir,* faltar, ser infiel, perjuro.

Filhar — tomar, alcançar, receber, apanhar.

Gracir — do latim popular *gratire,* agradecer, ser grato.

Grado — agradecimento, louvor. E adverbialmente *de grado, a seu grado,* i. é., de boa vontade.

Guisar — v. tr., dispôr, ordenar. De *guisa*, subst. fem., maneira, sorte. *Doutra guisa, sem guisa, em guisa*, etc. E *guisado*, disposto, resolvido.

I — aí, logo, depressa. Adv. *Por i* — por isso.

Jouve — Pret. perf. de *jazer*, de *jacere*. Pres. *jaço* e *jasco*; conj. *jaça* e *jasca*, etc. Cfr. *Chrest. Arch.* de J. J. Nunes, pg. CXXIX.

Leixar — deixar, consentir, permitir.

Malladamte — malandante = infeliz, sem ventura, por oposição a *benandante*, feliz, venturoso.

Medês — e não mêdes, como por lapso saiu na canção X, pag. 59. Pron. demons. mesmo, próprio.

Mentes — idéa, pensamento, *mente*. No coração. Na canção VI, pg. 57 — en min *mentes meter* = pôr o pensamento em mim, lembrar-se, recordar-se de mim.

Mesurada — de *mesura* = medida, e na acepção figurada, circunspecta, dotada de reflexão, de bondade, cortês, amavel.

Mi, mh — me. Outras vezes *mim*.

Nembrar — lembrar-se, recordar-se dalguem ou dalguma cousa. Empregado trans. e intransitivamente.

Padrão — padrom, — torre.

Pena — penha, rocha.

Pino — i, é, pinho, pinheiro.

Pran — *de...*, = adv., de boa vontade, de bom animo, sinceramente.

Prez — merecimento, estima, valor.

Prol — subst. f., proveito, tirar proveito, vantagem.

Ren — cousa, qualquer cousa, ás vezes *rem*. *Nulha ren*, frequente nos poetas provençais, cousa nenhuma, nada.

Salvando — excepto que...

Sanhuda — adj., irada, encolerizada, de *sanha*, subs. f., ira, colera.

Sazom — subst. f.; tempo; *com....* = a tempo, na ocasião devida.

Senho — pron. indef., a cada um, a cada qual seu.

Séve — assim se deve lêr no trecho *Uma aventura de D. Ramiro ou Lenda de Gaia*, a pg. 65, l. 3.ª e não « se vê », equivalente a *esteve*, *Séve* — de *seer*. Perf. *sevi, seve*, etc. Cfr. J. J. Nunes, *Chrest Arch.*, CXXXII.

Sia — impf. de *seer*, = estava. Conjugado em J. J. Nunes, *Chrest. Arch.*, pg. CXXXII.

Sol — adv. de uso frequente, só, sómente.

Suum — *suun, sun, de* — ... o mesmo que conjuntamente.

Talan — talante, subs. m., vontade.

Tostia — parece haver erro de leitura em vez de *Escocia*. Assim emendou a Sr.ª D. Carolina Michaëlis in *Rev. Lus.* VIII, 221.

Treide — *treide-vos*, do verbo *trager*, imp. 2 p., o mesmo que *vinde*, na canção XVI, pg. 62. Frequente em várias fórmas. Vid. *Canc. de D. Denis*, ed. H. Lang, pg. 169.
Veleto — subst. masc., mendigo, pedinte.
Velido — adj., belo, formoso, alegre.
Virgeu — s. m., vergel, jardim.

ALGUMAS NOTAS E CORRECÇÕIS

---

1. — O códice do Canc. da Vaticana (n.º 22, pg. 33) tem o n.º 4803 e não 4903. 2. — A pg. 51 sob a rubrica *Fabulas e Lendas* deve acrescentar-se *Cousas notaveis e milagres de Santo Antonio de Lisboa*, editado pelo ilustre Prof. J. J. Nunes, Porto, 1912. 3. — A pg. 57, o 2.º verso é « *por aver gran ben* », em vez de « por ver... ». 4. — A pg. 59, na canção x, 3.º verso, leia-se « e sigo medês... » e não « *sigo médes* ». *Medês* deriva de *metipse* e não podia ter por isso o acento na 1.ª silaba. 5. — Pg. 64, na *Lenda do rei Leir*, l. 10.ª deve emendar-se *Tostia* para *Escocia*, como propôs a Sr.ª D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lus.* VIII, 221. 6. — Pg. 65 na *Lenda de Gaia*, l. 3.ª emende-se « *se vé* » para *séve*, o mesmo que *esteve*, pret. p. de *seer-sedere*. Sr. J. J. Nunes, *Chrest. Arch.* CXXXII. 7. — Pg. 105, l. 42.ª o Sr. J. J. Nunes propôi a emenda do verso para *D'Eurudice foi marido* = *D'Euridice fui marido*. 8. — Pg. 176, nota 4. O distinto filólogo Sr. Epiphanio Dias publicou sobre esta ed. um artigo critico na *Rev. Lus.*, I. 9. — Pg. 153, nota 1.ª conviria mencionar a ed. da *Bibl. Portug.*, 1852, e a dos versos, 1886, sobre que na *Rev. Lus.*, II o mesmo escritor publicou uma interessante análise. 10. — Pg. 175. A ultima comédia mencionada de Chiado é *Pratica de Compadres* e não *Pratica de Compradores*. 11. — Pg. 192, emende-se Fr. Gaspar da *Cunha* para Fr. Gaspar da *Cruz*. 12. — Pg. 204. A propósito de Agostinho de Macedo esqueceu mencionar o estudo que lhe dedicou S. Viterbo no *Arch. Hist. Portug.*, VIII, 196-206. 13. — Pg. 374, 2.ª l. contando de baixo, está *tornam-no-lo* em vez de *torna-no-lo*. Outros erros, lacunas e inadvertencias escapariam, apesar dos cuidados empregados. Entre os Professores a quem devo benévolas indicaçõis, seja-me permitido destacar o Sr. J. J. Nunes, a quem aqui confesso mais uma vez a minha gratidão pelas amabilidades com que me tem destinguido na análise dos meus trabalhos em varios vols. dos *Romanischen Iahresberichtes*, de Karl Vollmöller.

INDICE DAS MATERIAS

I. — EPOCA MEDIEVAL

II. — EPOCA CLASSICA

III — ÉPOCA ROMANTICA

ROMANTICOS E ULTRA-ROMANTICOS

A REACÇÃO CONTRA O ROMANTISMO

PROSA

ANTOLOGIA DE PROSA E POESIA PORTUGUÊSA

DESDE O SÉCULO XII ATÉ Á ATUALIDADE

SÉCULOS XII A XV

Prosa

SÉCULO XVII

Poesia

Prosa

SÉCULO XVIII

Poesia

Prosa

SÉCULO XIX

Poesia

Prosa

INDICE DOS NOMES PRÓPRIOS E DAS COUSAS MAIS NOTAVEIS

QUE SE ENCONTRAM NESTE VOLUME



